GUSTAVE GELEY

ECTOPLASMIA E CLARIVIDÊNCIA

Ectoplasmia e Clarividência

Gustave Geley (1868 - 1924)

Lançamento original:
L'Ectoplasmie et Clairvoyance
108, Boulevard Saint Germain, 108
Libraire Félix Lacan
Paris — 1924

Tradução: Teresa da Espanha
Revisão da Tradução: Irmãos W. e Ery Lopes
Prefaciado por Antonio Cesar Perri de Carvalho
Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada
© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos

Dr. Gustave Geley

Diretor do Instituto Metapsíquico Internacional

Ectoplasmia

e

Clarividência

Observação e experiências pessoais

* * *

Com 51 gravuras de texto e 103 figuras

Paris

Libraire Félix Lacan

108, Boulevard Saint Germain, 108

1924

Sumário

Gustave Geley — pág. 8

Prefácio — pág. 12

Prólogo — pág. 16

Introdução ao estudo prático da mediunidade — pág. 20
- I. Natureza geral das experiências
- II. O médium
- III. As condições para o bom rendimento de um médium
- IV. Os experimentadores
- V. Vigilância e verificação
- VI. Vigilância e verificação
- VII. Fraudes

PRIMEIRA PARTE
CLARIVIDÊNCIA

Introdução — pág. 46

Capítulo I — A clarividência das coisas - Experiências com o engenheiro Stephan Ossowiecki — pág. 47
- I. Notas biográficas sobre Stephan Ossowiecki
- II. Primeira série de experiências (Abril-maio de 1921)
- III. Segunda série de experiências (Setembro de 1921)
- IV. Terceira série de experiências (Abril-maio de 1922)
- V. Quarta série de experiências (Paris, 1823)
- VI. As experiências de Stephan Ossowiecki no Congresso de Varsóvia. (Agosto-setembro de 1923)
- VII. Experiências do Sr. de Szmurlo

Capítulo II — A lucidez sobre objetivo humano. - Investigação experimental — pág. 128

Experiências com a Sra. B...
Caso do doutor Iscovesco
Biografia da Sra. B...
Resultados negativos
Relatório do Sr. Le Roy-Dupré
Relatório do médico Jean-Charles Roux
Relatório do senhor Etienne Coyne
Relatório da Sra. Gay
Relatório do doutor Moutier
Relatório do sr. Géo-Lange
Relatório de Jean Lefebvre
Relatório do sr. Lemerle
Relatório do conde de Gramont
Relatório de P. E. Cornillier
Relatório da marquesa de Montebello
Relatório do doutor Marage
Relatório da sra. R...
Relatório do sr. De Brath
Relatório do sr. Ch. Blech
Relatório da srta. Aimée Blech
Relatório da sra. Le Bert
Conclusões e ensinamentos

Capítulo III — Um caso notável de auto-premonição de morte — pág. 184

Capítulo IV — As experiências do Dr. Osty sobre a lucidez com objetivo humano — pág. 196

Capítulo V — A lucidez sobre objetivo geral — pág. 206
I. Caso do doutor Gallet — pág.
II. Caso da Sra. Przybylska — pág.

SEGUNDA PARTE

ECTOPLASMIA

Introdução — pág. 219

Capítulo I — Experiências com Eva C. — pág. 227
I. Notas preliminares
II. Relatório sintético redigido por mim

III. Atas por extenso de algumas das sessões realizadas em meu laboratório
Sessão de 11 de janeiro de 1918, às dezessete
Sessão de 15 de janeiro de 1918, às vinte e trinta
Sessão de 7 de fevereiro de 1918
Sessão de 12 de fevereiro de 1918, às dezessete
Sessão de 26 de fevereiro de 1918, às dezessete
Sessão de 1° de março de 1918
Sessão de 5 de março de 1918, às dezessete
Sessão de 8 de março, às dezessete
Sessão de 11 de março de 1918, às dezessete

Capítulo II — Minhas experiências de materializações com o Sr. Franek Kluski — pág. 254
I. Biografia. Generalidades
II. Organização das sessões
III. Substância primordial e fenômenos luminosos
IV. Materializações de membros humanos
V. Moldagens dos membros materializados. Experiências feitas no I. M. I.
VI. Novos moldes de membros materializados. Experiências de Varsóvia
VII. Nova série de moldes
VIII. As materializações defeituosas
IX. A autenticidade metapsíquica dos moldes
X. A imitação fraudulenta dos moldes
XI. Exame pericial dos moldes
XII. Resumo das provas da autenticidade dos moldes metapsíquicos
XIII. Materializações de rostos
XIV. Movimento de objetos sem contato e batidas
XV. Materializações de formas animais
XVI. Manifestações de ordem intelectual
XVII. As experiências da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos com Franek Kluski

Capítulo III - Experiências com Jean Guzik — pág. 359
I. O manifesto dos trinta e quatro.
II. Síntese das experiências com Jean Guzik
III. Fenômenos luminosos, materializações visíveis. Voz direta
IV. Telecinesia e sensação de tocamentos e contatos

Capítulo IV — Os fenômenos luminosos do médium Erto — pág. 435

Capítulo V — As luzes metapsíquicas — pág. 439

Capítulo VI — Analogia das experiências do Instituto Geral Psicológico com as do Instituto Metapsíquico Internacional — pág. 463

Capítulo VII — Experiências de demonstração do doutor Schrenck-Notzing — pág. 479

Capítulo VIII — O fracasso das experiências da Sorbonne (1922) — pág. 486

Capítulo IX — Pseudomaterializações e pseudomédiuns — pág. 498

Conclusão — pág. 505

Gustave Geley

(1868 - 1924)

No dia 14 de julho de 1924, desencarnava tragicamente, esmagado e carbonizado em desastre aviatório ocorrido perto de Varsóvia, na Polônia. O Dr. Gustave Geley, doutor do Instituto Metapsíquico de Paris e grande cientista de renome mundial. Desencarnou em seu posto de luta, quando se dispunha a regressar à França, após ter procedido a inúmeras experimentações mediúnicas e ter proferido uma série de conferências em Praga (antiga Tchecoslováquia).

Transportando-se para Varsóvia, ali levou a efeito vários trabalhos

com os médiuns Engenheiro Ossowieski e Franek Kluski e outros, obtendo grande número de moldes de mãos, braços e pernas em parafinas, os quais pretendia levar para a capital francesa.

O Dr. Gustave Geley encarnou em Montceau-les-Mines é uma comuna francesa na região administrativa de Borgonha-Franco-Condado, no departamento Saône-et-Loire, em 1868, tendo se formado em Medicina e sido interno de vários hospitais de Lyon. Laureado pela Faculdade de Medicina. Geley chegou a ser o facultativo mais solicitado de Annecy, na Alta Sabóia, e em toda a comarca.

Desde muito jovem demonstrou nítida tendência para a investigação dos fenômenos de premonição, sonambulismo e lucidez.

Posteriormente, integrou-se resolutamente nas experimentações de toda sorte no campo mediúnico, não ocultando as suas convicções espíritas e reencarnacionistas.

Com apenas 20 anos de idade publicou, sob o pseudônimo de Doutor Gyel, o livro "Ensaios de Revista Geral e Interpretação Sintética do Espiritismo". No ano seguinte publicou com seu nome real o Livro "Ser Consciente", em grosso Volume, publicou as conferências pronunciadas na Universidade de Annecy durante sua permanência naquela cidade, intitulando as "As provas do Transformismo e os Ensinamentos da doutrina evolucionista".

Em 1918 pronunciou conferência no Colégio da França, conseguindo atrair numerosos sábios, escritores e filósofos, alcançando com a mesma grande repercussão. No mesmo ano surgiu sua obra "Do Inconsciente no Consciente".

Durante a guerra de 1914-19 foi mobilizado como major da Armada Italiana, tendo por esta ocasião travado conhecimento com Roque Santoliquido, deputado, conselheiro de Estado, e Ministro da Higiene Pública da Itália, e grande oficial da Legião de Honra. Em companhia Santoliquido teve oportunidade de proceder a inúmeras investigações no campo da parapsicologia, as quais serviram de laço de união e de profunda amizade entre ambos.

Em 1920 fundou o Boletim do Instituto de Metapsíquica Internacional, transformado ulteriormente na célebre “Revista

Metapsíquica". Em 1921 e 1923 compareceu aos Congressos de Copenhague e Varsóvia, onde exerceu atuação preponderante.

Poucos meses antes do acidente, publicou o seu último livro "A Ectoplasmia e a Clarividência".

Por ocasião da fundação do Instituto Internacional de Metapsíquica de Paris, graças ao concurso financeiro de Jean Meyer, o Dr. Santoliquido foi eleito presidente e Gustave Geley foi designado diretor. Esse Instituto foi posteriormente declarado de utilidade pública pelo governo francês, aderindo ao mesmo o Prof. Charles Richet, o conde Gramont do Instituto de França, o Dr. Colmette, o celebre astrônomo Camille Flammarion, Júlio Roche ex-ministro de estado, o Dr. Treissier, do hospital de Lyon, Sir Oliver Lodge, o Prof. Ernesto Bozzano e o Professor Meclainche, membro do Instituto de França e Inspetor Geral dos Serviços Sanitário da Agricultura.

No seio do Instituto, Geley procedeu diversas investigações através dos médiuns Franek Kluski, Eva C., Guzik, Ossowieski e outros, obtendo resultados notáveis. Sobre Ideoplastia, Ectoplasmia, e o fenômenos luminosos tiveram um cunho de grande relevância, conseguindo o sábio, os importantes moldes para o museu do Instituto.

Em sua primeira obra, entre várias considerações, afirma Geley: "A Doutrina Espírita é muito grandiosa para não impor aos pensadores uma discussão profunda. Bom número deles concluirá seguramente que e uma doutrina baseada sobre fatos experimentais tão numerosos e tão precisos, de acordo com todos os conhecimentos nos vários ramos da atividade humana, dando solução muito clara e muito satisfatória aos grandes problemas psicológicos e metafísico e verossímil, e muito mais, é verdadeira; é muito provavelmente verdadeira. Isso corresponde a dizer que a ciência desde agora não poderá mais se divorciar dos estudos psicológicos" Há no ser vivente princípios dinâmicos e psíquicos de ordem superior, que independem do funcionamento orgânico, que preexistem e sobrevivem ao corpo. Esta certeza será a origem da maior revolução que eclodirá no domínio da existência intelectual e moram da humanidade.

Durante a gestão do Dr. Geley, o "Instituto de Metapsíquica" sofreu insidiosa e rude campanha de difamação, desencadeada simultaneamente

pelos jesuítas, salientando-se dentre eles o padre Lucien Roure, e os seus panfletários de confiança, entre os quais o sr. Heuzé, pela razão simples de que o Dr. Gustave Geley, embora apaixonado pela clarividência, concedia aos fenômenos de ectoplasmia (materializações totais e parciais), primordial importância, para os quais contava com a colaboração de grandes médiuns, dentre eles se destacam o polonês Kluski.

Gustave Geley publicou, graças ao concurso de Gabriel Gobron, algumas crônicas na revista quinzenal que se publicava em Strasburgo "La Pensée Française", (O Pensamento Francês) órgão de feição esquerdista, independente e intrépido. A publicação destes artigos, teve pouca duração devido aos protestos clericais contra os diretores da revista.

UNIFICAÇÃO - Órgão da
União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo – USE
Agosto de 1963.

Prefácio

A edição digital conjunta de ***Portal Luz Espírita*** e ***Autores Espíritas Clássicos*** da tradução para o português da relevante obra *L'ectoplasmie et la clayrvoyance*, de Gustave Geley, é um importante marco para a literatura espírita em português.

No contexto dos pesquisadores pioneiros do final do século XIX e início do século XX, o médico francês Gustave Geley (1868-1924), fundador do Instituto Internacional de Metapsíquica de Paris, legounos contribuições de grande valor. Ele atuou na fase em que se consolidou a metodologia de pesquisa que se tornou conhecida como Metapsíquica, com intercâmbios e ações conjuntas com experimentadores históricos de vários países, principalmente com Charles Richet.

O convite para prefaciarmos essa versão nos honra. As primeiras obras que publicamos pela Casa Editora O Clarim, há mais de 30 anos, focalizavam temas relacionados com os pioneiros nas perquirições sobre fenômenos espirituais e com as chamadas pesquisas psíquicas.[1]

Relacionado com o presente livro traduzido, há uma coincidência e fato marcante que passamos a relatar. Por ocasião do "Encontro de Dirigentes e Trabalhadores Espíritas dos Estados Unidos", em que atuamos em Nova York, em outubro de 2005, na mesma época o famoso The Metropolitan Museum of Art realizava uma exposição inédita sobre documentações de mediunidades de efeitos físicos: "The perfect médium. Photography and the occult" e que chegou a ser

[1] *Os sábios e a Sra. Piper. Provas da comunicabilidade dos espíritos* (1986) e *Entre a matéria e o espírito* (1990).

noticiada pela imprensa novaiorquina. Visitamos e admiramos o material exposto e adquirimos o livro de mesmo título, ricamente ilustrado[2]. Nessa obra há várias referências e ilustrações alusivas às pesquisas de Gustave Geley, principalmente com a médium Eva C. Inclusive há citação do livro de Geley *L'Ectoplasmie et la clayrvoyance*, de 1924, ora traduzido para o português, e artigos da *Revue métapsychique*.

No Prólogo de sua obra Geley declara seu profundo interesse pela clarividência e pelos fenômenos de ectoplasmia (materializações totais e parciais). Também registra a oposição sistemática e ferrenha que era alvo por oponentes dos estudos sobre fenômenos ligados a manifestações espirituais. Deixa claro que seus conhecimentos acerca da mediunidade "foram adquiridos por empirismo e após inúmeras tentativas".

De início esclarece que para se estudar a mediunidade "é essencial considerar por igual o médium e os experimentadores, visto que o médium e os experimentadores têm uma participação igual no sucesso e no fracasso". Assim, registra e orienta as condições para o bom rendimento de um médium e para a atuação adequada dos experimentadores.

Em seus registros, Geley sempre inclui os relatórios de vários experimentadores que atuaram juntamente com ele e também atas das reuniões com os médiuns. Pesquisou vários médiuns de clarividência e de efeitos físicos.

Destacamos a interessante observação do autor: "se os médiuns de efeitos físicos são raros na França e nos países latinos, em compensação os médiuns de ordem intelectual são bastante numerosos".

Surgem registros sobre vários casos de auto-premonição de morte, com precisão de detalhes; estudos sobre lucidez, a chamada faculdade lúcida; previsão de acontecimentos futuros.

---

[2] Chéroux, Clément et alii. The perfect médium. Photography and the occult. New Haven and London: Yale University Press. 2005. 288p.

Na 2ª parte do livro se dedica aos estudos sobre ectoplasmia, esclarecendo que Geley substitui a palavra "materialização" por "ectoplasmia". Ilustra com fotografias das formas materializadas, a impressão dessas formas em argila e molde de materialização de embros nos casos mais notáveis. Considera que comprovam a realidade objetiva da ectoplasmia.

Nessas pesquisas são destacadas as realizadas com a médium Eva C., geralmente junto com Charles Richet.

Gustave Geley também inclui estudos sobre os fenômenos luminosos, as manifestações visíveis, o fenômeno de voz direta, e os movimentos de objetos sem contato, os tocamentos, impressões e escrita direta.

Fato curioso é que Geley, atendendo a sugestões, convidou conhecido prestidigitador para acompanhar as sessões de experimentação com médiuns: “Robert Houdini, rei dos prestidigitadores, após ter participado de várias sessões há muito tempo, saiu delas maravilhado e certificou a autenticidade dos fenômenos: ‘Minha arte de prestidigitação é incapaz de reproduzilos’, conforme ele declarou."

As sessões realizadas no Instituto Metapsíquico Internacional foram memoráveis. Geley comenta que elas permitiram “convencer numerosas personalidades da elite parisiense e 30 sábios ou escritores ilustres, a maioria profundamente céticos”. Daí surge o “Manifesto dos trinta e quatro”, com assinaturas de importantes personalidades, sobre a série de experiências de demonstração feitas em 1922-1923, coordenadas por Geley no citado Instituto.

No final da obra Geley comenta que as experiências da Sorbonne (1922), que tanto barulho fizeram, fracassaram, e apresenta sua opinião sobre os fatos.

O pesquisador considera que “os resultados obtidos no Instituto Geral Psicológico concordam notavelmente com os do Instituto Metapsíquico Internacional. Sem dúvida existem diferenças e ainda muito importantes; mas são diferenças de detalhes e não essenciais”.

Destacamos alguns trechos das conclusões de Geley no presente

livro: “A ciência metapsíquica aparece para todo espírito alerta como a mais difícil e mais complicada de todas as ciências. Do ponto de vista prático, existe a necessidade de inúmeras tentativas: método de trabalho, instrumentos, hipóteses, tudo é novo em seu domínio. Do ponto de vista teórico, invade a Filosofia e tem pontos de contato com a Física, a Química, a Biologia, a Fisiologia, a Medicina e a História Natural... Todo mundo acredita que pode ‘experimentar’ e extrair deduções de suas ‘experiências’. [...] com a decisão que tomei ao reunir os documentos para este livro, abstive-me de qualquer tentativa de explicar os fatos, bem como de qualquer teoria. Quer isto dizer que tais fenômenos formidáveis ainda não têm interpretação científica possível, ou consequências metafísicas? A única conclusão que tirarei, por enquanto, da árida exposição dos fenômenos, é a certeza de sua autenticidade”.

E encerra o livro com o recado: “Aos adversários da Metapsíquica, aplica-se maravilhosamente a resposta que Pasteur dirigiu aos adversários de suas descobertas: ‘Não há religião, nem filosofia, nem ateísmo, nem materialismo, nem espiritualismo aqui. É questão de fatos’.”

Essa tradução de obra de Gustave Geley traz preciosa contribuição para a literatura espírita disponível em português. Recomendamos o estudo da mesma para todos os que se interessam pela efetiva compreensão dos fenômenos medianímicos.

São Paulo, maio de 2022.

Antonio Cesar Perri de Carvalho[3]

---

[33] Foi dirigente da Federação Espírita Brasileira: Diretor, março de 2004 a março de 2012; vice-presidente, de março de 2012 a março de 2013; presidente interino, de maio de 2012 a março de 2013; presidente efetivo, de março de 2013 a março de 2015 — Nota do Editor.

Prólogo

Quase não existe qualquer descoberta científica que, repentinamente revolucionando os conhecimentos adquiridos, não tenha encontrado uma oposição sistemática e ferrenha.

Como disse o Professor Delbet, em seu discurso nas homenagens a Pasteur: *Os retardados das disciplinas antigas mostram-se sempre encarniçados contra os conquistadores do futuro. Qualquer progresso aparece aos seus olhos como o mais formidável dos erros. Eles lutam contra as mais fecundas novidades com um coração sincero e com a dureza empregada para o cumprimento do dever.*

Mais energicamente ainda, dissera o professor Broca: "Uma nova verdade, erigida contra os preconceitos dos nossos professores, não tem como superar sua hostilidade. Não há raciocínio ou fatos que valham; só a morte pode triunfar sobre eles. Os inovadores devem resignar-se e saber esperar a chegada dessa aliada, como os russos esperaram a chegada do General Inverno".[4]

Da descoberta da circulação do sangue à Revolução de Pasteur, todas as grandes verdades recém-adquiridas foram combatidas encarniçadamente pelas Academias, pela maioria dos sábios e por todos os ignorantes.[5]

"Esta resistência em aceitar noções novas em oposição às teses clássicas tem como causa primeira o erro que se comete apresentando geralmente a ciência como dogma intocável, sendo que a sua evolução

---

[4] *Carta de Broca a Pouchet*, citada por Aug. Lumiére (*Avenir médical*, novembro de 1922).
[5] Aug. Lumiére sutilmente analisou os motivos do misoneísmo habitual dos sábios (*Avenir médical*, novembro de 1922).

constante é a razão essencial da sua própria existência.

"Outro motivo para essa resistência, talvez mais importante do que o precedente, reside na circunstância de que os sábios, considerados como juízes, só pela idade é que vão adquirindo sua situação preponderante; viveram, então, por longos anos, sob o regime de concepções das quais não podem libertar-se sem grandes dificuldades.

"Que penosa necessidade, de fato, abandonar os princípios em que apoiaram seu trabalho e raciocínio ao longo de toda sua vida! A todo poderosa rotina é a consequência inelutável desses fatos muitas vezes, o trabalho necessário para se libertar de antigos erros supera as forças de quem o teria de realizar e, por outro lado, a natureza humana é constituída de tal forma que tem a tendência de aceitar soluções que exigem apenas o mínimo esforço".

Quando essas verdades novas têm pontos de contato com a filosofia, a luta torna-se ainda mais feroz e todas as armas para combatê-las parecem-lhes boas.

Não há, portanto, nenhuma surpresa nas ardorosas campanhas dos últimos anos contra a metapsíquica.

A grande alavanca de hoje, a Imprensa, salvo honrosas exceções, erigiu-se contra ela, arrastando a opinião pública e movendo ainda mesmo a elite.

Nenhum dos precursores da nova ciência, nem mesmo os maiores: o Crookes, o Oliver Lodge, o Richet, o Morselli, foi poupado ao sarcasmo ou à injúria.

Qualquer polêmica para tornar a verdade conhecida e triunfadora seria inútil. Além da demonstração direta, sempre lenta e delicada, não resta aos metapsiquistas outro recurso senão: dar a conhecer seus trabalhos o mais possível e submetê-los integralmente aos homens de boa fé.

O principal objetivo deste livro é expor em conjunto as minhas observações e experiências e, assim, colocar o leitor em condições para apreciá-las sem ser influenciado por deformações, imprecisões ou críticas sistematicamente hostis.

Minhas investigações têm sido rejeitadas *com paixão e violência; elas nunca foram seriamente examinadas ou discutidas pelos adversários de nossos estudos.*

As experiências aqui expostas foram publicadas, em sua maior parte, na *Revue Métapsychique*. Mas, na atualidade, muitas edições desse jornal estão esgotadas.

Acredito, portanto, fazer um trabalho útil agrupando e completando essas publicações feitas de 1918 a 1924.

Meu trabalho também tem outro objetivo:

O principal reproche dirigido ao meu livro *Do lnconsciente ao Consciente* é a insuficiência de sua documentação metapsíquica.

"Não se pode permitir a você — disseram-me — construir uma filosofia científica, ao mesmo tempo revolucionária e complexa, sobre fatos insuficientemente estudados e estabelecidos."

Este argumento apoiava-se em um erro de interpretação: a filosofia exposta em *Do Inconsciente ao Consciente* não se baseia em fatos metapsíquicos. Esses fatos confirmam minha filosofia; eles dão-lhe apoio, a meu ver, decisivo. Mas eles não a condicionam de forma alguma. Se fossem falsos ou inexistentes, minha filosofia poderia subsistir inteiramente no que se refere à metapsíquica e até mesmo ao sistema científico.

Na verdade, ela inclui todas as ciências da vida, e é baseada, acima de tudo, em nossos conhecimentos relativos à evolução.

Enfim, eu não oculto de forma alguma que, despojada de seu apoio metapsíquico, minha filosofia perderia sua principal força de demonstração. É por isso que tenho o prazer de apresentar neste novo livro, para conhecimento dos nossos leitores do *Do Inconsciente ao Consciente,* o conjunto das minhas principais experiências.[6]

Meu trabalho ocupará dois volumes:

O primeiro volume, que apresento hoje, é uma simples exposição de fatos. Não contém teoria nem indução filosófica.

---

[6] Vou apenas expor minhas experiências pessoais. No que diz respeito à história e aos fatos clássicos da metapsíquica, remeto o leitor ao magistral *Tratado de Metapsíquica*, do professor Richet.

O segundo volume, que aparecerá em alguns meses[7], terá como objetivo completar as principais induções filosóficas contidas no *Do Inconsciente ao Consciente* e submetê-las a verificação face aos novos fatos.

Minhas experiências foram direcionadas por igual tanto para a metafísica subjetiva quanto para a objetiva.

De acordo com o método que expus em *Do Inconsciente ao Consciente*, tenho me esforçado em estudar e considerar apenas os fatos mais importantes, deixando de lado os fatos elementares.

Esses importantes fatos são, quanto à metapsíquica subjetiva, fatos de *clarividência*, e quanto à objetiva, fatos de *ectoplasmia.*

Vou apresentá-los sucessiva e metodicamente, como os tenho observado; mas, primeiramente, acho que será útil dar a conhecer, aos leitores que acabaram de chegar aos nossos estudos, os princípios elementares e as condições essenciais da experimentação mediúnica.

---

[7] *Genése et signification des phénoménes métapsychiques [Origem e significado dos fenômenos psíquicos]*.

Introdução ao estudo prático da mediunidade

A fase "heroica" da metapsíquica parece estar chegando ao fim. Sem dúvida, a realidade dos fenômenos mediúnicos ainda não é aceita sem discussão ou reservas, mas já não é mais negada sistematicamente.

As experiências de demonstração realizadas nos últimos anos, especialmente as de Schrenck-Notzing, na Alemanha, e as do Instituto Metapsíquico Internacional, na França, têm sido decisivas. As últimas resistências dissipam-se pouco a pouco, e a cada dia novos sábios vêm resolutamente às nossas investigações.

Devemos esperar em breve uma generalização dos estudos metapsíquicos, uma generalização que de agora em diante só pode ser atrasada pela escassez de bons médiuns.

Portanto, acredito que estou fazendo um trabalho útil, atraindo a atenção dos novos pesquisadores sobre as dificuldades particulares do trabalho que empreendem.

Saibam bem eles, que a *experimentação metapsíquica é coisa delicada e que não se improvisa.*

Para ser frutífera requer um conhecimento profundo das contingências da mediunidade e dos métodos inéditos que elas impõem.

O manejo de um instrumento humano, o médium, é bastante mais complicado e difícil do que o costumeiro manejo dos instrumentos da física ou das substâncias químicas. Além disso, ainda sabemos muito pouco destas coisas. Nossos conhecimentos acerca da mediunidade

foram adquiridos por empirismo e após inúmeras tentativas.

A partir de hoje, no entanto, algumas regras e noções precisas podem ser deduzidas. Essas regras e noções é o que vou me esforçar em expor claramente.

I — Natureza geral das experiências.

As experiências mediúnicas realizam o tipo de "experiências coletivas" porque os fenômenos são fruto de uma colaboração psicofisiológica inconsciente entre o médium e os experimentadores.

Se essa noção capital não estiver bem presente, quase nada poderá ser entendido sobre a teoria da mediunidade ou sua prática.

Sem dúvida, na colaboração dos experimentadores e do médium, este último é quem desempenha o papel principal; é o deus ex machina, sem o qual nada seria produzido. Mas, entregue a si mesmo, o médium é quase impotente. A sua mediunidade, geralmente latente, não se realiza de forma espontânea e isolada, salvo raras exceções, e sim através de manifestações irregulares, "catastróficas" e medíocres.

Para que as faculdades supranormais se manifestem ativamente, é necessária na mediunidade intelectual a colaboração de pelo menos duas psiques; e na mediunidade física, a associação das forças psicofisiológicas que o ambiente das sessões propicia.

Assim, em ambos os casos, o médium é o foco original das manifestações, mas não a causa única.

Na ectoplasmia, o aparecimento do fenômeno é necessariamente causado por uma externalização dinâmica e material de uma parte do organismo do médium.[8]

Mas se tudo se limita a essa exteriorização elementar, os fenômenos obtidos são muito medíocres, quase imperceptíveis, muitas vezes nulos.

---

[8] As páginas seguintes sobre a prática da mediunidade referem-se especialmente à mediunidade física.

Pelo contrário, se o ambiente favorável possibilitar uma espécie de chamada, por meio das forças emanadas do médium, às forças latentes dos experimentadores, tudo muda.

Imediatamente as faculdades do médium são reforçadas e multiplicadas por esta associação; sua própria externalização dinâmica e material torna-se incomparavelmente mais perceptível, e os fenômenos de telecinesia e materialização são imediatos.

Ochorowicz, com base em numerosos testes dinamométricos, calculou que, após cada sessão, os assistentes haviam perdido uma parte de suas forças.

"A soma das perdas individuais — dizia — corresponde à força média de um homem, como se se estivesse tentando criar um organismo dinâmico à parte, às custas dos assistentes, até mesmo do médium."

De tudo o que precede resulta que o primeiro termo do problema da experimentação mediúnica consiste na criação de um ambiente favorável. Se essa condição essencial não for realizada, não há, por assim dizer, possibilidade de sucesso.

Por isso, é absurdo e vão esperar qualquer resultado de "concursos", "desafios" ou "oferta de prêmios" aos médiuns. Mesmo sendo muito poderosos, os médiuns, isolados e, ainda por cima, contrariados pelos desejos divergentes ou hostis de um "júri", ficam reduzidos à impotência.

Por análoga razão, o "exame" de um médium por um "Comitê de Estudos", formado por sábios mal preparados para o trabalho que empreendem, é dos mais aleatórios. Se esse Comitê não estiver ativamente interessado naquele trabalho, se não experimentar em simpatia com o médium, só obterá resultados medíocres ou nulos. Outorgar exclusivamente ao médium o mérito de uma sessão feliz, ou a responsabilidade por um fracasso é um erro absoluto.

Mérito e responsabilidade são sempre coletivos, como o são as próprias experiências.

Ao empreender o estudo da mediunidade, é essencial considerar por igual o médium e os experimentadores, visto que (nunca

insistiremos nisso o suficiente) o médium e os experimentadores têm uma participação igual no sucesso e no fracasso.

II. — O médium.

O que é um médium? O médium é um ser *cujos elementos constitutivos, mentais, dinâmicos e materiais são suscetíveis de se descentralizarem momentaneamente.*

A tendência inata à descentralização nesses seres é reforçada pela prática da mediunidade, que tende a tornar mais fácil e normal um estado primitivamente excepcional e anormal.[9]

Tendência inata, eu disse. Com efeito, a mediunidade é hereditária. Em todos os grandes médiuns que estudei até agora, tanto os clarividentes quanto os de ectoplasmia, encontrei a hereditariedade. Às vezes, a herança é direta, outras vezes provém de antepassados ou colaterais. Mas sempre existe, tão precisa quanto inegável. A mediunidade também pode ser descrita como um “dom” hereditário, condicionado por uma tendência à descentralização dos princípios constitutivos do médium.

Esta noção da herança do "dom" mediúnico permite compreender, até certo ponto, por que a mediunidade é tão rara no Ocidente.

Essa é, pelo menos, a tese que ouvi sustentar na Polônia. Para os poloneses, na Europa Ocidental, a Inquisição e os processos contra a feitiçaria extinguiram em grande parte a raça dos médiuns.

Entre as centenas de milhares de pessoas condenadas à fogueira durante uma longa série de séculos, havia, além de uma maioria de histéricas, uma importante minoria de verdadeiros médiuns. A mediunidade subjetiva escapou, em parte, da destruição: mas a mediunidade objetiva, mais fácil de se revelar, mais chocante, deve ter

---

[9] Em relação às causas e consequências biológicas ou filosóficas desta capacidade de descentralização, remeto o leitor ao meu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, que será completado com o meu trabalho em preparação.

sido quase extirpada. Deste ponto de vista, a obra da Inquisição e os processos de feitiçaria, dirigidos com outro propósito, devem ter produzido um resultado importante, fatal para a ciência e para a verdade.

Na análise do "dom" mediúnico, encontramos duas verificações importantes, tanto do ponto de vista prático quanto do teórico:

a) A mediunidade tende a se revelar cedo e espontaneamente, bem como os dons artísticos.
b) a mediunidade, apesar da diversidade de suas manifestações, é de essência única.
c) *a mediunidade tende a se revelar cedo e espontaneamente, bem como os dons artísticos.*

A observação prova que isso é verdade. Todos os grandes médiuns nascem médiuns e morrem médiuns. Além dos grandes médiuns, existem também, em maior número, sujeitos menos dotados. A evolução do seu dom dependerá da prática e da preparação. A mesma coisa acontece, tanto com a criança médium quanto com a criança artista.

A mediunidade, apesar da diversidade de suas manifestações, é de essência única.

Aparentemente, não há nada em comum entre clarividência e ectoplasmia. No entanto, elas certamente são da mesma essência:

Primeiro, todos os médiuns, subjetivos ou objetivos, têm a mesma psicologia: sugestionabilidade, hipersensibilidade, instabilidade de humor, caráter caprichoso e colérico, etc., são encontrados neles.

Depois, e principalmente, a observação mostra que os dons da clarividência ou da materialização podem às vezes coexistir e, com frequência, se alternarem. Como exemplo de dons físicos e psíquicos coexistentes, citarei o de Franek Kluski. Sua clarividência, manifestada na escrita automática, é por vezes assustadora. Franek é verdadeiramente um médium universal, o rei dos médiuns contemporâneos.

Enfim, essa coexistência é rara. O mais frequente é existir uma

alternativa clara entre mediunidade intelectual e mediunidade física. Posso citar três exemplos típicos:

1°. A médium Eva. A médium Eva C ..., em certos períodos de sua vida, apresentava fenômenos de ordem intelectual muito notáveis. Já aconteceu de ela "ler" automaticamente, em uma tela imaginária como em uma tela de cinema, páginas de filosofia. Essas produções automáticas nada tinham a ver com suas capacidades e conhecimentos normais, aos quais excediam em muito. Era muito interessante; mas durante aquele período de sua mediunidade, as faculdades de ectoplasmia haviam desaparecido.

2°. O grande clarividente Stephan Ossowiecki produziu, sendo adolescente, fenômenos extraordinários de telecinesia. Mas sempre, nesses períodos, sua clarividência ficava eclipsada.[10]

3°. A Sra. Silbert, de Oraz, durante toda sua vida foi uma pura clarividente. Ele nunca manifestara faculdades físicas. Cinco ou seis anos atrás, por alguns meses ela frequentou sessões espíritas e tornou-se uma admirável médium de efeitos físicos; mas ao mesmo tempo perdeu sua clarividência.

Essas verificações são muito importantes:

Do ponto de vista teórico, provam que a mediunidade é primitivamente única. Um médium muito jovem é um médium universal, capaz de todas as potencialidades. Mais tarde ele se especializa.

Ele sente-se conduzido, por afinidades pessoais ou por tendência hereditária, a exercer apenas esta ou aquela faculdade, e virtualmente perde as outras. Mas essa especialização nunca é absoluta ou definitiva.

De qualquer forma, é excepcional a mediunidade física e as manifestações intelectuais manifestarem-se simultaneamente no mesmo indivíduo.

É preciso escolher entre uma ou outra, pois cada uma parece absorver todas as forças do sujeito.

---

10 Ver, mais à frente, a biografia do Sr. Ossowiecki.

Do ponto de vista prático, as verificações anteriores podem permitir encontrar e educar os médiuns de forma racional.

A mediunidade intelectual é, pelo menos no Ocidente, infinitamente mais frequente do que a mediunidade física. Ora, vimos que não é impossível transformar um médium clarividente em um médium de materializações. Essa tarefa é tanto mais fácil quanto mais jovem for o médium. Mas, mesmo em uma pessoa idosa, continua a ser praticável. É questão de tempo e paciência. A primeira condição, apenas, é a supressão do exercício da clarividência.

Não estou falando sobre a educação racional dos médiuns pela singela razão de ainda faltarem documentos sobre o assunto. O engenheiro de Varsóvia, Sr. Lebiedzinski, que examinou muitos sujeitos, atribui grande importância à preparação deles. Ele acredita que a maioria têm tendência a repetir os fenômenos que tiveram oportunidade de observar em outros sujeitos. As sugestões, especialmente as indiretas e inconscientes, representam, ao parecer, um grande papel.

O Sr. Lebiedzinski acredita que, de agora em diante, com os médiuns jovens e novatos, será possível se obterem fenômenos novos e cada vez mais variados e poderosos.

O futuro mostrará o que houver de exato nessa hipótese.

Haverá também espaço para estudar a influência do regime e do gênero de vida no desenvolvimento da mediunidade.

Os orientais, ao que parece, submetem os sujeitos a um regime vegetariano puro e impõem-lhes uma existência que lembra um pouco a das vestais da antiguidade. Eles também afirmam que os experimentadores devem observar certas condições de vida e certos procedimentos empíricos.

No Ocidente não temos experiência alguma desses métodos de preparação.

III. — As condições para o bom rendimento de um médium.

a) ***O médium deve estar com boa saúde*** — Qualquer

indisposição, mesmo leve, atenua ou suprime momentaneamente suas faculdades. Eu vi um médium tão poderoso como Kluski completamente paralisado por uma coriza ou por uma dor de dente.

A mesma ação inibitória é produzida por: fadiga muscular ou mental, esgotamento nervoso (abuso de sessões, excessos genitais, uso imoderado de álcool, uso de entorpecentes, insônia, etc.).

b) ***O médium deve estar de bom humor*** — O médium é um sensitivo. Ele sente as menores impressões morais com excessiva intensidade. Os experimentadores devem se esforçar para ganhar sua simpatia, testemunhar uma atenção cortês e tratá-lo como um amigo e colaborador.

Se os experimentadores o maltratam, desconfiam dele brutalmente, ou simplesmente o tratam com desdém, como a um instrumento de laboratório ou um animal para experiência, criam um ambiente deplorável, e se arriscam muito a não obter nenhum resultado.

Repito que a simpatia entre médiuns e experimentadores é condição indispensável, ou quase indispensável, para o sucesso.

A ironia e a zombaria prejudicam ainda mais do que a malevolência ou a falta de delicadeza.

Por outro lado, desgostos e preocupações materiais e morais também são prejudiciais.

c) ***O médium deve ter confiança nos experimentadores*** — Todos os meios imagináveis de verificação podem ser propostos ao médium; mas é prudente explicá-los com clareza e fazer com que ele compreenda bem seu objeto e suas modalidades.

O médium desconfia instintivamente. Tem a penosa impressão, angustiante e perfeitamente justificada, de que durante o transe ele fica abandonado e indefeso em mãos dos experimentadores. Se não os conhece bem, ele teme da parte deles uma medida inoportuna ou um constrangimento capaz de prejudicá-lo ou fazê-lo sofrer.

Se vê ao seu redor instrumentos de exame ou material de laboratório a que não está acostumado, ele teme uma experiência

penosa para ele, e sua desconfiança será maior quanto mais ignorante ele for.

Um exemplo simples mostrará como é legítima essa desconfiança:

Nada mais frequente em uma sessão de ectoplasmia do que o caso de um experimentador imprudente que puxa uma lâmpada elétrica do bolso abruptamente e projeta a luz sobre o médium.

O que acontece nesse caso? O médium acorda, saindo do transe brutalmente. Se havia ectoplasma, ocorre uma entrada abrupta, sem transição, da substância exteriorizada, no organismo do médium.

Esta reintegração brusca é sempre acompanhada por uma comoção nervosa muito acentuada, dolorosa e enervante. Um incidente dessa ordem cansa infinitamente o médium e frequentemente suprime suas faculdades por vários dias. Notemos de passagem que o choque doloroso ocorre em função, não da intensidade da luz projetada, mas de sua duração. Um relâmpago deslumbrante de magnésio, que dura uma fração de segundo, afeta o médium muito menos do que a projeção de uma simples lâmpada de bolso, que não poderia ser instantânea, pois seu objetivo é permitir que o sujeito seja observado. Mas é preciso ter conhecimento disso, e os experimentadores novatos o ignoram completamente.

Com mais razão, explorações brutais ou pegar as formas materializadas com a mão, repercutem no sistema nervoso do médium como golpes extremamente dolorosos.

Se o médium, com ou sem razão, teme que aconteçam essas manobras ou outras semelhantes, adormece mal ou não adormece. O transe é muito incompleto ou nulo e a sessão fracassa.

d) ***O médium deve estar confortável*** — A verificação, mesmo sendo efetiva e plenamente satisfatória, não deve causar desconforto ao médium, muito menos dor que o impeça de adormecer. O estado de “transe” ectoplásmico consiste em um estado hipnótico pouco profundo e muito instável, que qualquer manobra inoportuna ou desajeitada dos experimentadores pode aniquilar.

É sempre bom, tanto para a verificação quanto para o conforto do

médium (aqui as duas considerações vão unidas), que ele seja despido antes da sessão e vestido com uma roupa quente e ampla. A temperatura da sala deve ser elevada sem exagero.

As outras condições podem variar de acordo com os costumes do sujeito. Alguns dormem melhor com o estômago vazio e outros depois de comer. No que diz respeito às condições secundárias, é importante, sobretudo, ter em consideração os modos habituais de conduta do sujeito examinado.

IV. — Os experimentadores.

O número de experimentadores pode variar um pouco, dependendo dos médiuns. O número médio é de quatro a sete. Idade e saúde têm um valor importante.

É indispensável que a média de idade dos participantes não seja muito alta. Uma sessão composta apenas por idosos seria absolutamente defeituosa. Quanto mais jovem ela for, melhor será para a experiência.

Todos os experimentadores devem estar com boa saúde. Se um deles estiver doente, cansado ou preocupado com graves cuidados, ele agirá sensatamente abstendo-se. Os assistentes devem simpatizar uns com os outros e com o médium. A presença entre eles de elementos antagônicos e divergentes será causa de perturbação e fracasso.

Essa simpatia recíproca é útil para criar uma "harmonia" coletiva favorável. O mesmo pode ser aplicado à homogeneidade constante do grupo.

Os participantes devem permanecer passivos. – Pouco importa se são crentes ou céticos.[11]

Mas é prejudicial se eles forem hostis. Por outro lado, um desejo

[11] No entanto, não é favorável que todos os experimentadores, ou a maioria, estejam em guarda contra a autenticidade dos fenômenos. Nada é mais prejudicial à sua produção do que o ambiente de desconfiança sistemática.

veemente *demais também prejudica o desenvolvimento dos fenômenos.* O mesmo acontece com a concentração de pensamentos ou sua excessiva divergência.

O melhor é, quanto aos assistentes, que falem em voz baixa de coisas indiferentes, nunca em discussões ou controvérsias.

Com um pouco de hábito, a passividade necessária é alcançada, sem abdicar em nada do esforço de atenção e vigilância.

Os participantes devem ser pacientes — É preciso saber esperar; às vezes ver horas e sessões inteiras se passarem sem observar nada.

Quando um fenômeno começa, é necessário evitar qualquer exclamação e qualquer intervenção. Deixar o fenômeno se desenvolver livremente e adquirir toda a sua importância. É preciso saber que, justamente, a melhor, a mais segura prova, é trazida pelos próprios fenômenos em si mesmos.

Fenômenos elementares ou bosquejados podem ser obtidos facilmente mediante truques. Fenômenos complexos são geralmente inimitáveis. Alguns exemplos farão compreender melhor meu pensamento.

Se for telecinesia, o pequeno movimento de um objeto muito próximo do médium, ao alcance de seus membros, pode sempre dar suspeita de fraude, qualquer que seja a vigilância utilizada; mas um movimento amplo, o transporte de uma mesa a vários metros do médium, a transferência de uma cadeira, localizada fora do alcance do médium, sobre a mesa de experiências, por cima dos assistentes, serão impossíveis de reproduzir por qualquer truque, por pouca que seja a vigilância realizada.

Se é de ectoplasmia do que se trata, pode haver acusação de vômito do ingurgitado, ou qualquer outro procedimento fraudulento, desde que não seja mais do que ectoplasmia esboçada. No dia em que o ectoplasma assume a forma de uma mão viva, de um rosto com suas três dimensões e, mais ainda, de um fantasma completo, *a hipótese de fraude fica eliminada em bloco se o médium, bem sujeitado, estiver incapacitado para se fazer de fantasma e se nenhum conluio for possível.*

Os grandes fenômenos da ectoplasmia trazem consigo sua própria verificação; porque não poderiam ser simulados sem o uso de um cúmplice, e nada mais fácil do que se precaver dessa fraude.

Meu método é muito simples:

Eu desconsidero todos os fenômenos elementares; simplesmente não os levo em consideração. Não perco tempo em descobrir se esses fenômenos poderiam ou não ter sido fraudulentos, apesar da vigilância exercida. *Para mim, um fenômeno elementar suscetível da suspeita de ser fraudulento é um fenômeno que não existe.*

Eu só lido com fenômenos impossíveis de imitar, por qualquer truque que seja, nas condições de vigilância dadas.

Os experimentadores devem saber como exercer vigilância e verificação. — Não creiam que se aprende isso sozinho ou que se improvisa.

Por isso, os experimentadores inexperientes devem sempre se deixarem dirigir por um colaborador competente.

Agora, os sábios novatos em metapsíquica têm uma tendência deplorável de desconsiderar os trabalhos de seus predecessores.

As consequências desse erro de lógica são desastrosas.

Em nenhum ramo da ciência, é preciso dizê-lo, nunca se atuou assim.

Sempre e em qualquer lugar, quando se trata de fatos que ainda não conhece, o sábio começa por se documentar. Se deseja experimentar, submete-se a um verdadeiro aprendizado, guiado por seus antecessores.

Na metapsíquica, verdadeiro “mundo de ponta cabeça”, acontece de outra maneira. O sábio começa a experimentar, sem querer conhecimento algum. Não só ignoram, às vezes totalmente, o trabalho de seus predecessores, mas também começam por se manifestar contra eles!

Resultado fatal: fracassos ruidosos ou perda de tempo em tentativas sem fim.

Não há constrangimento que os novatos possam poupar a si

próprios. O mais frequente é que, felizmente, estas faltas não surtem outro efeito senão tornar estéreis as sessões. Mas, para mim não seria surpresa se, um dia qualquer, houvesse consequências mais graves para a saúde e até mesmo para a vida de um médium.

Chego agora a dois parágrafos particularmente importantes: *o dos procedimentos de vigilância e verificação e o das fraudes mediúnicas.*

V. — Vigilância e verificação.

a) – A iluminação nas sessões.

Uma das grandes dificuldades das experiências de ectoplasmia advém, como se sabe, da ação nefasta da luz sobre a produção dos fenômenos.

A luz parece prejudicar de duas maneiras: 1ª) Dificultando e perturbando o "transe" do médium. 2ª) Contrariando o próprio processo de materialização. Por essas duas razões, é tanto mais difícil produzir ectoplasmia quanto mais forte é a luz.

Principalmente nos estágios iniciais do fenômeno, essa ação prejudicial é mais acentuada. Quando a materialização é organicamente completa, "epidermizada", suporta a luz muito melhor do que nas primeiras fases: a de exteriorização da substância amorfa e a de transição do estado amorfo para o organizado.

Assim, os experimentadores lutam com um dilema dos mais embaraçosos:

Operarem no escuro ou com iluminação muito fraca para uma observação totalmente satisfatória, e então poderem obter manifestações poderosas, ou então exigirem luz forte, caso em que os fenômenos diminuem em importância, se é que não desaparecem completamente.

Sem dúvida chega-se, com muita paciência e uma prolongada preparação do médium, a experimentar com iluminação suficiente. Veio a obtê-lo, por exemplo, a Sra. Bisson com Eva. Mas em todas as

ocasiões existe uma relação inversa entre a intensidade da iluminação e a perfeição das materializações.

A ação prejudicial da luz nas formações ectoplásmicas não tem nada de surpreendente. Sabe-se que a luz é claramente abiótica para os microrganismos e até parece prejudicar a organização das formas de vida primordiais.

Os germes em evolução são, em geral, subtraídos de essa ação devido às condições naturais em que se desenvolvem. Os primeiros estágios da vida embrionária ocorrem em escuridão relativa ou completa. Uma das funções da clorofila nos vegetais parece ser justamente a proteção, contra a luz, dos tecidos delicados. Ainda mais: é observação vulgar que o crescimento dos vegetais ocorre, em grande parte, durante a noite.

Se a luz atrapalha os processos biológicos nas primeiras fases da formação orgânica, sendo assim que estes processos se realizam normalmente com grande lentidão, concebe-se sem esforço que deve paralisar positivamente esses mesmos processos quando se desenvolvem, nas sessões de materialização, com uma velocidade formidavelmente aumentada.

O embrião humano, por exemplo, leva semanas para se constituir, protegido da luz, no seio materno. Em uma sessão metapsíquica, um ser humanoide ou um órgão humano completo é formado em poucos segundos.

Para entender a ação prejudicial da luz nas sessões mediúnicas é preciso levar em conta essa rapidez dos processos de materialização. Se a luz é abiótica na fase normal da organização embrionária, deve sê-lo milhares de vezes mais quando a duração dessa fase, em vez de ser contada em dias, semanas ou meses, é contada em segundos.

Portanto, é absolutamente natural e lógico o fator nocivo da luz em experiências de ectoplasmia.

Como conciliar as justas exigências de uma boa observação, que exige o domínio simultâneo dos dois sentidos principais, visão e tato, com aquela necessidade primordial de experimentar longe da luz?

Todas as tentativas feitas até agora com este objeto têm fracassado.

Primeiro, pensou-se em usar luz vermelha, por analogia com as condições de manejo dos produtos fotográficos.

Mas essa suposta analogia não existe.

A luz vermelha tem se mostrado tão prejudicial para as materializações como a luz branca. Se parece ser menos, é simplesmente porque é menos forte.

Em igual intensidade, a luz vermelha não é preferível à luz branca e tem a grande desvantagem de distorcer ou alterar a visão. Sua única vantagem real é permitir que os dispositivos fotográficos fiquem abertos, prontos para receber a impressão do relâmpago artificial para registrar o fenômeno.

Foi tentado filtrar a luz através de vários cristais diversamente coloridos. Tudo em vão. Nos últimos anos, telas envernizadas com zinco ou sulfeto de cálcio têm sido amplamente utilizadas. Essas telas, que irradiam luz fria, são relativamente inofensivas. Mas iluminam apenas muito levemente, a menos que sejam muito grandes.

Além disso, a intensidade de sua fosforescência diminui rapidamente. Bastante viva quando acaba de ser irradiada pelo sol ou pelo magnésio, esmaece em menos de um quarto de hora e acaba se extinguindo aos poucos. Existe, é verdade, à venda, sulfeto de zinco com rádio, que mantém sua fosforescência intacta por longas horas; mas é infinitamente provável a priori que sua nocividade deva ser pelo menos tão acentuada quanto a da luz quente.

Então, o problema de iluminar as sessões é insolúvel? Não. Sem dúvida, um modo de iluminação racional deve ser encontrado.

A experiência mostra que a luz menos nociva para a ectoplasmia é a luz fria e desprovida de radiações químicas.

A claridade da lua realiza este ideal muito bem, e na verdade, é possível se obter, como observado por Crookes antes de qualquer outro, sessões magníficas à luz da lua.

A luz ultravioleta fabricada por certos animais, plantas e micróbios parece, geralmente, ser favorável, como já afirmei na *Revue*

Métapsychique de março-abril de 1922 e como verifiquei claramente depois. Infelizmente, é muito difícil realizar uma iluminação prática. Os caldos de cultivo de micróbios patogênicos são muito instáveis. O professor Raphael Dubois havia descoberto em 1900 um bacilo cujas culturas duravam um mês. Não foi capaz, apesar dos numerosos e recentes ensaios, de encontrar esse bacilo novamente.

Insetos luminosos podem ser testados com sucesso em certas regiões privilegiadas (Brasil). Por último, certos vegetais poderiam ser usados.

Até que o modo de iluminação ideal seja encontrado, grandes telas de sulfeto de zinco podem ser usadas ou, eventualmente, realizar as sessões à luz da lua.

Além disso, repito, saiba-se que é possível obter os fenômenos com uma luz comum suficiente para permitir uma boa observação.

Mas para isso é imprescindível uma preparação prévia do médium.

Quando um médium bem treinado não está disponível, pode ser experimentada uma iluminação fraca com luz vermelha regulada por um reostato. É necessário esperar que o transe seja bem completo para aumentar a luz muito lenta e progressivamente até se obter uma visibilidade suficiente.

De qualquer modo, não se deve direcionar a luz para o médium, o qual só deve ser iluminado por raios refletidos e cuja região dorsal deve ficar totalmente na sombra.

Quando for preciso operar no escuro, é preciso estar ciente de que uma excelente vigilância pode ser obtida, dando a mais completa segurança. Basta ao leitor ir à memória dos 34 sobre Juan Guzik para ter certeza disso.

VI. — Vigilância e verificação.

b) - Medidas de vigilância e verificação.

Estas tendem a colocar os experimentadores ao abrigo de

truques de prestidigitação.

Quais são, então, as condições necessárias para uma boa prestidigitação? Elas são três:

1. Liberdade de movimento do prestidigitador;
2. Sala ou objetos manipulados;
3. Cumplicidade.

As duas últimas condições são eliminadas pelo fato de o médium trabalhar com sábios em um laboratório ou em uma sala segura.

Um truque improvisado (fios amarrados, etc.) não é fácil de esconder e, mesmo conseguindo-o, nada poderia dar além de resultados muito medíocres.

Em qualquer caso, o médium não deve entrar na sala de experiências antes do início da sessão e sempre com os experimentadores.

A vigilância pessoal do médium é muito simples de realizar quando não há que temer o uso de dispositivos falsos ou a cumplicidade.

Em primeiro lugar, o médium deve ser despido e depois vestido com um traje dos experimentadores, previamente verificado por eles. Não é, de forma alguma, necessário, em minha opinião, que seja uma malha; um pijama sem bolsos, amplo e quentinho, parece-me suficiente.

Deve vestir-se na presença de pelo menos dois experimentadores.

Na sala onde são realizadas as sessões, a vigilância principal, ou melhor, essencial, do médium é feita segurando suas mãos. Digo as mãos, e não os pulsos, por dois motivos: primeiro, os dedos livres podem executar alguns movimentos fraudulentos; segundo, o famoso truque de substituição das mãos não é realizável quando os dedos do médium são segurados. Na verdade, é fácil para o médium fraudulento fazer passar seu pulso direito pelo esquerdo e vice-versa.

É impossível, por pouca que seja a atenção dos vigias, fazer passar uma mão direita por mão esquerda, nem o polegar pelo dedo mínimo.

Segurar as mãos do médium torna impossível qualquer fraude de

importância.

Com os pés ou com a cabeça, um sujeito um tanto preparado em acrobacia ou prestidigitação só pode produzir fenômenos elementares que, em caso de dúvida, devem ser ignorados.

No entanto, é sempre bom ficar de olho nas pernas e nos pés. Geralmente isso é conseguido sem dificuldades sérias.

Deve-se notar que não falo em medidas de vigilância instrumental: jaula, ligaduras, correntes, selos, lacres, bolsas e redes envolvendo o médium, fios elétricos, etc.

Em minha opinião, esses meios instrumentais devem ser rejeitados, exceto, é claro, em certas sessões de demonstração pura, como aquelas do I. M. I. com Guzik.

Eu rejeito na experimentação metapsíquica, como medida geral, todos esses procedimentos duros, por dois motivos:

a) Eles são para o médium uma causa muito séria de desconforto, suscetível de impedir ou limitar o transe. Do ponto de vista moral, são deprimentes e enervantes: a desconfiança brutalmente exposta arrisca a inibição das delicadas faculdades supranormais.

b) Nenhum desses meios, exceto as ligaduras seladas ou as redes precintadas, dá uma verdadeira segurança. (É sabido que certos prestidigitadores sabem como se libertar das ligaduras mais sutis.) Nenhum deles equivale a simplesmente segurar as mãos.[12]

VII. — Fraudes.

Chegamos à questão capital das fraudes mediúnicas.

É absolutamente imperativo que os experimentadores conheçam bem esta questão.

Os médiuns são suscetíveis de fraudar de duas maneiras:

[12] Acho inútil falar em exame retal ou vaginal, que são procedimentos excepcionais, aplicáveis aos casos especiais.

consciente e inconscientemente.

A vigilância, tal como a descrevemos, certamente impede a fraude consciente.

Como Ochorowicz escreveu, “a fraude consciente não pertence à ciência. É fácil de verificar geralmente, quando não se trata de uma exibição pública observada de longe. Um registro bem feito antes e depois da sessão, a eliminação de cúmplices e uma vigilância ativa dos movimentos do prestidigitador, com conhecimento dos truques profissionais, é suficiente. Em casos simples (sem aparelhos), podem, no entanto, serem confundidas como fraude inconsciente”.

Eu afirmo que em minhas experiências com Eva C..., com Kluski e com Guzik, a fraude consciente era impossível e nunca existiu.

A questão da fraude inconsciente é mais complexa porque o estudo desta fraude duplica-se com um estudo de psicologia.

Todos os metapsiquistas sabem o que é fraude inconsciente; mas para os leigos ou novatos que leem estas linhas, devo entrar em algumas explicações:

Em primeiro lugar, pode-se declarar que a fraude inconsciente não é fraude. É fruto do automatismo, que é a primeira fase e a própria condição da mediunidade.

Eis aqui alguns exemplos de fraude inconsciente — é preciso manter esta designação, na falta de outra melhor — confusa e elementar, o que imediatamente fará com que a questão seja entendida melhor do que qualquer explicação teórica:

Em uma sessão de Kluski, em Varsóvia, uma vez aconteceu o incidente seguinte: uma lâmpada elétrica vermelha estava acesa. Geralmente, o primeiro fenômeno obtido era a extinção da lâmpada por ação telecinética sobre o interruptor. Naquela noite, o fenômeno demorava a ocorrer. Um experimentador impaciente, dirigindo-se à força em jogo, ordenou: "Apague a lâmpada!" A lâmpada permaneceu acesa. Três vezes, com energia crescente, repetiu: "Apague a lâmpada." Em seguida, automaticamente, o médium em transe levantou-se, levando consigo os dois vigilantes, surpresos e interessados. Sem hesitar, foi até a lâmpada, girou o interruptor... e

voltou ao seu lugar com a satisfação do dever cumprido!

Esse é o tipo de "fraude" inconsciente que nenhuma pessoa de bom senso pode reprovar ao médium. Ele simplesmente tinha obedecido à sugestão. O fenômeno esperado não ocorria por meios normais. O médium seria igualmente inocente se, em condições análogas, ele tivesse movido, com suas mãos ou seus pés, um objeto, levantado a mesa, etc.

Eis outro fato elementar que Ochorowicz refere: Já vi alguns médiuns baterem na parede com os punhos, diante das testemunhas, pretendendo que era "o espírito" quem golpeava.

“Um estudante de Direito, médium de ordem inferior, aplicou em si mesmo, na presença de todos, uma bofetada da qual ele próprio se assustou muito. Ele não estava em transe constante e fazia questão de nos convencer de que era o espírito de Xantipa, a esposa de Sócrates, que lhe infligira esse castigo. São coisas engraçadas, certamente, mas são os fatos psicológicos que é preciso conhecer antes de abordar o estudo da mediunidade superior."

A fraude inconsciente é simplesmente consequência da aniquilação, devida ao transe, da vontade e da consciência do médium, assim como do automatismo que daí resulta.

É desnecessário fazermos notar que a fraude inconsciente pode ser complicada e habilidosa. Sabe-se, de fato, quanta é a perfeição frequente dos atos automáticos e sonambúlicos. Mas na imensa maioria ela é infantil.

A fraude inconsciente pode ter duas causas, que é preciso conhecer bem.

Ela precisa de uma condição que só aos experimentadores compete evitar.

As duas causas são as seguintes:

a) princípio do menor esforço no automatismo;

b) sugestões inoportunas, verbais ou mentais, dos assistentes.

a) A fraude pelo princípio do menor esforço no automatismo é logo compreendida. Como disse Ochorowicz, todo o processo de

desdobramento, de destacamento fisiológico entre o organismo e o dinamismo exteriorizado, é acompanhado de dor e exige um excesso de força nervosa.

Quando o médium está exausto, ou quando age com pouca atenção, ou seja, sem um esforço especial de sua vontade sonambúlica, ele libertará sua mão simplesmente para fraudar e executará a substituição com a maior habilidade possível, porque é muito menos cansativo e porque lhe é permitido…

"Essa é a lógica do inconsciente do médium, que, sem ser moral, é inteiramente fisiológica. Portanto, é preciso saber de uma vez para sempre que, sem uma excitação especial contrária, própria ou alheia, o médium sempre irá fraudar automaticamente." Sem dúvida, há um grande exagero nesse julgamento de Ochorowicz, mas contém também um fundo de verdade.[13]

b) A segunda causa da fraude inconsciente reside em uma sugestão, verbal ou mental, dos assistentes. Também citaremos uma frase de Ochorowicz:

“Depois de reconhecer que o médium é apenas um espelho que reflete e direciona as ideias e forças nervosas dos assistentes para um objeto ideoplástico, não será surpreendente ver a sugestão desempenhar nisso um papel importante... Com vigilantes imbuídos da ideia de fraude, o médium estará sempre sob o império de uma sugestão de fraude.”

Melhor ainda: o médium ficará tentado a fazer essa ou aquela fraude na qual este ou aquele experimentador está pensando.

Existem exemplos típicos disso.

Daí a seguinte conclusão: durante as sessões, desconfie-se das sugestões mentais de fraude.

É possível evitar fraudes inconscientes?

Sem dúvida, é possível e fácil. Na verdade, toda fraude

[13] Ochorowicz tinha em mente principalmente a médium Eusapia Paladino, em quem as fraudes inconscientes eram extremamente frequentes, muito mais do que em outros médiuns.

inconsciente requer uma condição sine qua non: a insuficiência de vigilância. Quando esta é boa, especialmente quando as duas mãos do médium estão bem seguradas, não somente não há fraude consciente, como também nunca há tentativa de fraude inconsciente.

Depende dos experimentadores, e somente deles, que o médium trapaceie ou não.

Deve-se acrescentar justamente que às vezes basta um dos vigilantes das mãos negligenciarem sua missão, voluntariamente ou não, para provocar uma fraude inconsciente.

Daí esta conclusão, evidente como um axioma para aqueles que conhecem bem a questão:

Quando um médium trapaceia, os experimentadores é que são os culpados.

Na verdade, é totalmente infantil pedir honestidade científica a um médium, que é geralmente estranho às preocupações científicas e que, por outro lado, está privado de sua responsabilidade durante o transe.

Do que foi dito segue-se um ensinamento muito preciso: os experimentadores devem ser muito cautelosos em suas suspeitas ou acusações de fraude voluntário contra os médiuns.

Agora, a leviandade com que este tipo de acusações são feitas excede os limites toleráveis.

Não quero citar exemplos bem conhecidos porque devo abster-me de qualquer questão de pessoas.

Em metapsíquica, para muitos observadores, fica invertida a grande regra da justiça: o ônus probandi não corresponde ao acusador, mas ao acusado.

Malevolência e inépcia também desempenham um papel: desonra-se inescrupulosamente um médium honesto, à menor suspeita.

Que digo? A suspeita tem o valor de uma prova: “O médium, a rigor, pôde cometer a fraude. Não está provado que não há fraude; portanto, ele cometeu fraude!”

Este é o sofisma costumeiro escondido em nove entre dez das acusações levantadas contra os médiuns, não só pelos inimigos de nossas pesquisas, mas até mesmo por alguns metapsiquistas. (Depois eles ficam surpresos com a grande dificuldade existente em se encontrar médiuns!)

Bem, repetimos que a fraude consciente é sempre fruto da negligência ou incompetência dos experimentadores, e fraude inconsciente não é fraude.

Por outro lado, os experimentadores devem saber que a aparência de fraude não é, de forma alguma, evidência de fraude.

O médium em transe frequentemente inicia movimentos reflexos ou associados, em sincronia com os movimentos de objetos sem contato.

Para os novatos, esses leves movimentos sincrônicos podem parecer suspeitos.

O mesmo acontece com todos os movimentos do corpo ou das pernas do médium, movimentos incoerentes ou sem objeto, que não têm mais importância do que os movimentos inconscientes de uma pessoa adormecida no sono natural.

Ressaltemos também, como capaz de dar a ilusão de fraude, um aspecto estranho na substância ectoplásmica. Podem ter a aparência de filamentos mais ou menos visíveis, que dão ao observador despreparado a impressão de fios destinados a mover objetos de maneira fraudulenta.

Outras vezes, como veremos, reveste a forma de um tecido leve, de uma musselina, e a fotografia permite distinguir o seu entramado.

Nessa aparência, às vezes acreditou-se encontrar prova de fraude, sendo no entanto um autêntico fenômeno metapsíquico.

De resto, e em princípio, *um documento fotográfico nunca poderia, por si só, provar a realidade ou a falsidade de um fenômeno.*

O documento fotográfico não possui força senão pelos testemunhos que o acompanham.

Citemos também, como dando erroneamente a ilusão de uma fraude, os defeitos dos órgãos ectoplásmicos, muitas vezes triviais,

irregulares, mal formados ou incompletamente formados.

Como explicarei mais à frente a propósito das materializações defeituosas, essas imperfeições não só não provam fraude, mas também falam em favor da veracidade do médium.

Consideração paradoxal, mais importante ainda, é que a perfeição dos órgãos materializados pode dar a observadores novatos ou mal-intencionados a mesma ilusão de fraude que sua imperfeição.

Esses observadores veem uma mão, perfeitamente formada e viva, mover um objeto, e sua primeira impressão geralmente são de que é a mão do médium.

Em suma, umas circunstâncias da quais os experimentadores devem estar cientes é que fenômenos autênticos e fenômenos fraudulentos inconscientemente podem coexistir na mesma sessão.

A verificação dos segundos não prova de forma alguma a inexistência dos primeiros.

Além disso, e pior: não é excepcional ver uma sessão começar por movimentos de "fraude" automática e inconsciente do sujeito, para terminar com fenômenos de boa lei.

Ochorowicz também aconselhou não forçar as medidas de vigilância no início de uma sessão.[14]

A razão para isso é fácil de entender:

A primeira fase da mediunidade é constituída pelo automatismo ativo (psicológico e muscular).

Consideremos, por exemplo, uma pessoa dotada de dons mediúnicos medíocres ou poucos desenvolvidos e que se prepara já na sessão: sempre, e em qualquer caso, as primeiras manifestações que obtém são *movimentos automáticos inconscientes.*

Por exemplo, suas mãos, colocadas sobre a mesa de experiências, impressionam na mesa movimentos que a médium afirma, categoricamente e de boa fé, não produzir. E, no entanto, pode-se ver, pela contração dos músculos e pela saliência dos tendões, que ela é

---

14 Com a médium Eusapia os primeiros fenômenos, chamados de preparação, não eram tidos em consideração.

certamente a autora indubitável dos movimentos.

Mais aos poucos, se essa pessoa continuar os exercícios, vai sendo desenvolvida a mediunidade e possibilitando a externalização. O automatismo muscular terá dado lugar à telecinesia.

Da mesma forma, em uma sessão com um bom médium essa regressão à primeira fase da mediunidade pode ser observada (e frequentemente é observada), principalmente no início da sessão. Nesse momento, *uma vigilância absoluta, imobilizando braços e pernas, como em uma cápsula, pode impedir o desenvolvimento normal dos fenômenos ao suprimir o automatismo inicial.*

Daí o erro tão comum em pessoas não familiarizadas com nossos estudos e também, ai! em muitos metapsiquistas. Esse erro consiste em negar a boa-fé do médium e em suspeitar da não realidade dos fenômenos, com base no efeito inibidor da vigilância, que em muitos casos é severa demais. Estas frases alarmantes costumam ser ouvidas:

Sem vigilância = lindos fenômenos;
Vigilância incompleta = fenômenos intermitentes;
Vigilância absoluta = ausência de fenômenos.

Pois bem, tudo isso é falso, radicalmente falso.

Todos os metapsiquistas obtiveram fenômenos magníficos com vigilância absoluta.

Mas a verdade, o que é preciso se saber bem, é que a vigilância não deve ser cega, idêntica em todos os casos e em todos os períodos. A vigilância deve ser inteligente, adaptada às circunstâncias, flexível, racional.

Uma vigilância rígida, que desconsidera as modalidades psicológicas e fisiológicas da mediunidade, muitas vezes é esterilizante, não por suprimir a fraude, mas por suprimir o automatismo inicial.

Quando certos observadores não obtêm fenômenos sob vigilância absoluta, não se deduz que isso seja devido a essa vigilância absoluta, mas simplesmente à sua má aplicação.

Assim como o primeiro termo do problema da experimentação,

como já dissemos, é constituído pela necessidade de criar um ambiente coletivo favorável ao desenvolvimento dos fenômenos, o segundo e o terceiro termos estão relacionados à fraude. Impedir, por um lado, os truques de prestidigitação, e por outro, saber, na justa medida, ter em conta o automatismo, principalmente inicial; se necessário, conceder-lhe a sua parte: eis a chave do sucesso. Mas isso requer muita prática e profundo conhecimento do manejo de médiuns.

Não há dúvida de que a coexistência possível, senão frequente, dos fenômenos de boa e má lei, dá armas aos adversários ignorantes de nossos estudos, e sua natureza não facilita o trabalho dos metapsiquistas. Mas se essa coexistência é de grande importância prática, não tem qualquer valor teórico.

O objetivo a ser perseguido pelos observadores não é colocar-se absolutamente a salvo de todas as fraudes concebíveis e possíveis (este desiderato é dificilmente alcançável). *É, repito, o de obter fenômenos tão poderosos e complexos que tragam em si mesmos, e nas condições de vigilância dadas, seu testemunho indiscutível.*

Se os experimentadores perderem tempo com pesquisas de fenômenos elementares ou medíocres, nada será tão difícil para eles como obter uma prova capaz de satisfazê-los por inteiro.

Se tiverem o bom senso de considerar como descartáveis os fenômenos elementares e as pequenas fraudes que puderem notar; se deixarem as manifestações se desenrolarem, em vez de paralisá-las desde o início com exigências intempestivas, então, certamente, obterão fatos de tal variedade, de tal importância e às vezes de tal beleza, que sua convicção será inabalável e definitiva.

PRIMEIRA PARTE

A CLARIVIDÊNCIA

Introdução

Clarividência ou lucidez (metagnomia de Boirac, criptestesia de Richet) é a capacidade de adquirir conhecimento sem o auxílio dos sentidos normais, fora de qualquer esforço de reflexão ou dedução e fora das contingências de tempo e espaço.

Assim entendida, a clarividência compreende a leitura de pensamento ou comunhão mento-mental.

Seria desejável que o domínio da clarividência permanecesse claramente diferenciado daquele da comunhão mento-mental.

Praticamente, esse desiderato parece irrealizável.

No estado atual da Ciência, é impossível eliminar de maneira segura a leitura de pensamento, consciente ou subconsciente, mesmo nos casos que parecem mais claros.

Apresentaremos, portanto, em bloco todos os fatos de "criptestesia", sem nos preocuparmos com tentativas de interpretação, que reservamos para a nossa próxima obra.

Vamos considerar sucessivamente:

1° A clarividência das coisas: experiências com o engenheiro Stephan Ossowiecki.
2° A clarividência do objetivo individual: experiências com a Sra. B… . Experiências com outros sujeitos.
3° A análise dos trabalhos do Dr. Osty.
4° A clarividência de objetivo geral.

Capítulo I

A clarividência das coisas: experiências com o engenheiro Stephan Ossowiecki

I. — Notas biográficas sobre Stephan Ossowiecki.

Em abril de 1921, em Varsóvia, o professor Richet e eu conhecemos o engenheiro Stephan Ossowiecki.

Um amigo de ambos, o conde Plater, nos reuniu depois de nos informar sobre as maravilhosas faculdades dele.

Imediatamente foram tentadas, com sucesso, algumas experiências muito simples.

Outros testes mais precisos nos dias seguintes, tiveram também sucesso total.

Desde então, inúmeras experiências realizadas, já em Varsóvia, já em Paris, permitiram-nos perceber os principais detalhes da faculdade, certamente maravilhosa, de Ossowiecki.

Vamos expor todos eles metodicamente.

Colocaremos primeiro algumas notas biográficas sobre o clarividente:

O Sr. Stephan Ossowiecki nasce em 1877, filho de pais poloneses. Sua avó paterna é famosa em seu bairro por seus dons de clarividência.

Sua mãe apresenta as mesmas faculdades, embora menos desenvolvidas (pressentimentos, premonições).

Um de seus irmãos possui também dons de lucidez, mas incomparavelmente menos marcados do que os de Stephan. Além disso ele é, também, médium de escrita.

Desde a mais tenra infância, Stephan Ossowiecki observou que possuía a faculdade de leitura de pensamento. Divertia-se brincando com seus coleguinhas, adivinhando cifras ou frases pensadas por eles.

Na idade de dezessete anos entrou para o Instituto de Engenheiros de Petrogrado, a grande escola técnica da Rússia, e lá ficou até os vinte anos.

Seus dons de clarividência manifestaram-se espontaneamente. Um dos procedimentos de exame mais utilizados na escola consistia em que os próprios alunos tiravam por sorteio as questões que deveriam responder, e que estavam colocadas em envelopes fechados.

Ossowiecki deliciava-se, para grande surpresa de seus professores, em responder sem rasgar o envelope. (Sempre a resposta era, fielmente, aquela que a pergunta encerrava!)

Ele tinha outro dom, mais misterioso para ele: enxergava as "auras" diversamente coloridas em torno das pessoas que se colocavam em sua presença.

Ignorante totalmente da metapsíquica, ele a princípio não estabelecia qualquer relação entre suas visões e seu dom de clarividência, e acreditava sofrer um estado mórbido.

Inquieto, ele foi consultar vários oftalmologistas, entre eles o famoso especialista de Moscou, Dr. Gilius.

O diagnóstico deste clínico foi desesperador: ele disse a Ossowiecki que seu caso era muito grave, (que corria grande risco de perder a visão). O oftalmologista impôs uma estadia de várias semanas em um quarto escuro, sujeito as instilações regulares de atropina.

Pouco depois (ele tinha então 21 anos), Ossowiecki foi delegado pelo Instituto de Engenheiros à fábrica de papel do conde Worondof-Dasykof, em Gomel-Dobroug.

Nesta famosa cidade morava um vidente, famoso na região: era um velho judeu chamado Worobey.

Ossowiecki foi vê-lo por curiosidade. Worobey pegou em sua mão, concentrou-se em si mesmo e disse: “Você não é um homem comum; você tem que cumprir em sua vida uma missão de ordem oculta! Você é vidente e enxerga as auras!”

Ossowiecki, ignorante do significado da palavra aura, que escutava pela primeira vez, ouviu do judeu a explicação sobre o que era.

Ossowiecki entendeu então que não tinha doença ocular alguma e que o diagnóstico assustador dos médicos estava errado.

Completamente tranquilizado, ele pediu a Worobey para continuar. O vidente então contou todo o seu passado, seu presente e expôs visões do futuro, totalmente inesperadas.

Ele o viu na prisão por longos meses, nas piores condições; depois, condenado à morte, sendo salvo no último minuto, mas arruinado.

Ele acrescentou que depois de alcançar uma boa posição novamente, seria feliz e se casaria com uma mulher chamada Ana.

Acrescentou esta predição extraordinária:

“Entre os quarenta e cinco e os quarenta e oito anos você será uma celebridade mundial. Falarão de você no mundo inteiro!”

Ossowiecki não deu crédito a essas várias previsões, que, felizes ou infelizes, todas pareceram-lhe igualmente absurdas.

De qualquer forma, as palavras de Worobey sobre seu dom de clarividência o impressionaram. Adquiriu confiança e entendeu que naquilo havia algo mais do que um passatempo.

Durante seus estudos, entre as idades de dezessete e vinte anos, Ossowiecki notou com espanto que possuía outro dom além da clarividência: o da telecinesia.

Batidas podiam ser ouvidas em seu ambiente; alguns objetos mudavam espontaneamente de lugar em sua presença. Mesmo em pleno dia ocorriam fenômenos que irritavam e amedrontavam seus colegas.

Ossowiecki então teve a ideia de tentar reproduzir à vontade os

fatos da telecinesia. O sucesso foi total.

Ele se fazia amarrar em um divã ou dentro de um saco.

Assim imobilizado, ele conseguia, em plena luz, concentrando fortemente seus pensamentos, atrair ou rejeitar objetos, jogá-los ao chão e transportá-los de um lado a outro da sala.

O fenômeno mais intenso que observou foi o seguinte: em uma experiência realizada na casa da Princesa Olga Wolkonska, em pleno dia, uma pesada estátua de mármore foi puxada para o seu lado, a uma distância de 2,50 metros. (Para poder movê-la, era necessária a força de três homens!)

Os movimentos voluntários de objetos sem contato exigiam um imenso esforço e deixavam Ossowiecki completamente esgotado. A faculdade de telecinesia durou até os trinta e cinco anos. Depois diminuiu progressivamente e acabou por desaparecer completamente.

Além disso, vendo o estado de fadiga que produziam nele, seu pai se opôs a tais experiências com todas as suas forças. Fez-lhe prometer, em seu leito de morte, deixá-las completamente.

Observação muito interessante:

Todas as vezes que Ossowiecki se dedicava à telecinesia, sua faculdade de clarividência diminuía e até mesmo desaparecia.

Havia uma evidente alternativa entre as capacidades metapsíquicas de ordem subjetiva e as de ordem objetiva.

O mesmo fato foi observado com muitos outros médiuns complexos.

Por outro lado, a reunião de dons tão diversos no mesmo sujeito prova bem que as faculdades da chamada ordem supranormal não estão a princípio especializadas e que sua natureza filosófica e biológica é única.

Ao deixar a Escola de Engenheiros, Ossowiecki estabelece sua residência em Frankfurt como engenheiro para uma grande fábrica de cores.

A sua faculdade de leitura em folhas lacradas, que já tinha como aluno, desenvolveu-se especialmente a partir dos trinta e cinco anos,

após o desaparecimento da faculdade de telecinesia.

Com a idade de quarenta anos foi preso em Moscou pelos bolcheviques.

Foi considerado suspeito por causa de suas relações com a missão militar francesa.

Ele oferecera alojamento generoso em sua casa para o capitão Jouan e o vice-cônsul fosse. Um dia, os bolcheviques fizeram uma busca, descobrindo no quarto do capitão algumas proclamações francesas aos checoslovacos. Eles acusaram Ossowiecki de conluio com os franceses e o detiveram.

Ele permaneceu preso por seis meses, em uma masmorra infecta, dando-lhe peixe salgado e um copo de água por dia!

Era retirado da masmorra durante o dia para cavar, no cemitério, os túmulos dos executados. Finalmente, foi condenado à morte e conduzido ao local do suplício com 60 companheiros de infortúnio.

No último momento ele foi salvo, junto com outros dois engenheiros, pela intervenção de um alto funcionário russo que fora seu colega na Escola de Engenheiros.

Os seis meses de tortura material e moral, durante os quais seus cabelos encaneceram, parecem ter desenvolvido nele o dom da clarividência.

Fig. 01 – O Engenheiro Stephan Ossowiecki

É curioso que durante aquele triste período, e até o momento designado para sua execução, Ossowiecki não teve clarividência concernente à sua pessoa. Ele realmente acreditava que sua última hora havia chegado.

Por outro lado, a previsão do judeu havia sido esquecida completamente.

Atualmente sua lucidez é ainda mais marcante no que diz respeito à penetração da personalidade humana do que no que se refere à leitura de uma folha lacrada.

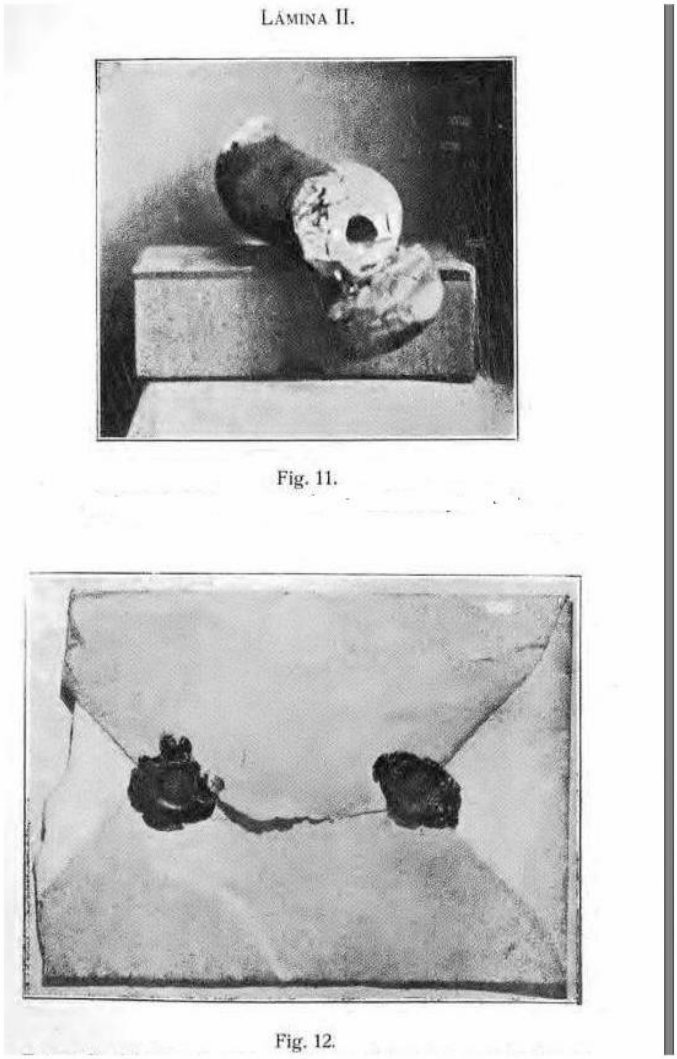


Fig. 11. O tubo de chumbo aberto após a experiência
Fig. 12. Fotografia do envelope lacrado com o selo o ministério da Guerra
Fig. 13. Desenho e frase submetidos à experiência.
Fig. 14. Desenho feito pelo Sr. Ossowiecki.
Fig. 15. O pacotinho e os dois selos. Como pode ser observado a simples vista, não é possível se suspeitar a existência de outro selo de uma moeda sob estes dois representando um selo cônico neo-babilônico.

LÂMINA IV.

Fig. 16.

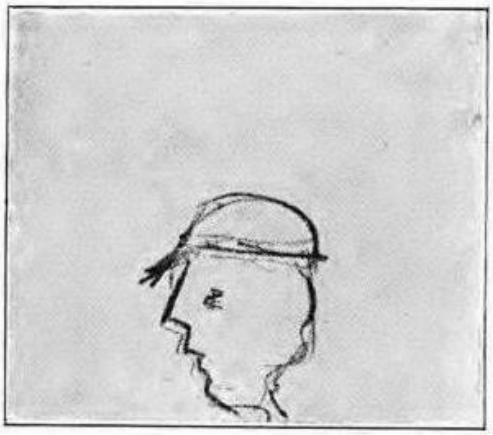


Fig. 17.

Fig. 16. Frase e desenho traçado pelo Sr. D'Anglars.
Fig. 17. O mesmo desenho, feito pelo Sr. Ossowiecki.

Observe-se que o desenho da figura 1 apresenta, além das dificuldades assinaladas neste artigo, aquelas que resultam da particularidade de que os traços são muito imprecisos e, além disso, pouco marcados, principalmente na área do rosto. Por último, a frase escrita fica, em parte, por cima do desenho.

Parece que, senão todas as maiorias das pessoas colocadas em sua presença não têm segredos para Ossowiecki. Às vezes penetra em seus pensamentos mais íntimos e lê como um livro aberto seu passado, seu presente e até mesmo seu futuro.

Quando está em contato com uma pessoa cuja morte está

próxima, ele vê em torno dessa pessoa uma espécie de aura sombria que não o engana, embora sua saúde seja aparentemente perfeita. Acontece então que muitas vezes ele consegue prever mortes inesperadas.

Por último, repetidas vezes, involuntariamente quase sempre, mas uma delas voluntariamente, aconteceu de ele se "desdobrar". Ele então se sente fora do corpo, preservando ao mesmo tempo a consciência e a memória. Nesse estado de desdobramento, é possível para ele se manifestar diante de amigos.

Eles experimentam, por instantes, a impressão de que Ossowiecki está diante deles em carne e osso.

De resto, esses dons não tiram de Ossowiecki nenhuma de suas qualidades e capacidades.

Ele é muito querido por seus amigos; sempre disposto a se sacrificar por eles, possui um encanto particular e inesquecível. Muito ativo, ele cuida de seus múltiplos negócios com grande sucesso.

A previsão do judeu foi cumprida:

Totalmente arruinado pelos bolcheviques, está novamente em uma situação próspera.

A Sra. Ossowiecki, com quem ele se casou recentemente, tem o nome de Ana.

Igualmente justa foi a previsão de uma celebridade mundial a partir dos quarenta e cinco anos. As publicações da *Revue Mètapsychique* realizaram isso plenamente.

II. — Primeira série de experiências. (Abril-maio de 1921)

Essas experiências foram feitas pelo professor Richet, o Sr. Geo-Lange e eu.

No final de uma refeição íntima na casa do conde Plater, onde tivemos o prazer de conhecer o Sr. O..., este nos ofereceu tentar uma prova.

Ele propôs ler uma carta fechada.

Eu estava sentado a cerca de dez metros de distância do médium, na outra extremidade da mesa.

Tirei, ao acaso, do meu bolso, uma carta que dobrei de forma que a assinatura ficasse no centro; coloquei-a em um envelope, fechei- a e entreguei-a ao Sr. O..., que a pegou, segurando-a em sua mão.

Com bastante trabalho, ele me contou o conteúdo aproximado da carta. Mas cometeu alguns erros, tomando, por exemplo, o autor da carta como "homem elegante, de caráter efeminado", sendo que era de uma mulher. Pelo contrário, ele leu exatamente as primeiras cinco letras da assinatura e disse que havia mais quatro letras restantes que ele não conseguia ler. Após a verificação, o total de letras era exato.

A experiência era para animar qualquer um. O Sr. Geo-Lange, colocado à minha frente, muito longe do médium, escreveu em um pedaço de papel, a seguinte frase em inglês:

"I consider you are wonderful"

Impossível é que por meios normais o médium tivesse conhecimento sobre aquele papel escrito, que foi imediatamente dobrado e fechado em um envelope.

O Sr. O..., esfregando o envelope com as mãos, deu alguns passos pela sala e disse: "Isto é inglês! Não posso lê-lo não sei inglês..."

O Sr. Lance exclamou: "É maravilhoso!"

O Sr. O... continuou: "Vejo uma letra isolada; a seguir, uma palavra de oito letras começando com C. O. N. S.; depois, duas palavras curtas; também uma palavra longa que é como sexta- feira; mas não pode ser sexta-feira, porque é em inglês."

Segunda sessão realizada somente pelo Professor Richet, em seu quarto de hotel, no dia seguinte.

O professor escreveu, tomando os cuidados necessários para não ser vista, a seguinte frase, que guardou num envelope e fechou: "O mar nunca aparece tão grande como quando está calmo. Sua cólera o torna pequeno".

Eis as anotações feitas pelo professor:

O... falou: "Vejo muita água". (Eu digo a ele: muito bem.) É uma coisa difícil; não é uma questão; é uma sua ideia o que você pegou. (Eu digo a ele: muito bem, muito bem.)

O mar nunca foi tão grande quanto... Não posso unir isto. (Eu digo: Perfeitamente; admirável.)

O mar é tão grande que ao lado de seus movimentos...

O professor então escreveu um número de quatro dígitos, que foi lido sem erro (também sob envelope fechado).

O professor colocara dentro de dois envelopes lacrados e iguais duas cartas que acabara de receber. Tirou uma delas do bolso, ao acaso, e deu-a para o Sr. O... Mas ele estava cansado, não disse nada específico e pediu ao professor para adiar a experiência.

O professor, que deveria partir dali no dia seguinte, entregou-me a carta sem me dizer o que ela continha.

Terceira sessão, feita por mim mesmo, na casa do Sr. O... no dia 1º de maio de 1921.

Primeira experiência: entrego ao médium a carta fechada que o professor Richet me deu. Eis as suas palavras, registradas do modo como saíram:

Imediatamente, e sem hesitar, disse: “Fala-se aqui de uma senhora Berger.” “É um senhor de cinquenta anos quem escreve esta carta, que é resposta a uma carta do professor Richet. Esta carta não vem de Paris; vem de um lugar que fica à beira-mar. Fala de assuntos diversos. É um convite. Há algo sobre uma Sra. Berger. Esta senhora tem trinta anos. É casada. Não posso ler. Foi escrita muito às pressas, sem ordem, tudo disperso. É um homem musical (sic) quem a escreveu.”

Em todo este longo monólogo há um único erro “que é a beira do mar”. A carta vem de Berlim. O resto é exato. É um convite para dar palestras em nome de uma série de Sociedades de títulos diferentes. Nela se diz: “O senhor será hóspede de honra da Sra. Berger.” A carta traz esta menção: "Muito urgente." Está muito mal escrita e é bastante incoerente. A idade e as características do Sr. e da Sra. Berger são exatas.

Segunda experiência:

Estou sentado na frente do médium. Entre os dois existe uma ampla mesa retangular. Não há espelho ou qualquer superfície de reflexão atrás de mim.

Escrevo em uma carta, embaixo da mesa, sem mover o braço (apoiado em um livro que tenho sobre os joelhos), o seguinte: "Nada mais comovente do que o chamado à oração pelos muezins." Coloco este escrito em um envelope forte e muito opaco (tudo isso embaixo da mesa). Fecho o envelope e o entrego ao médium, que o pega e o esfrega com a mão.

Eis as suas palavras:

“Não é uma pergunta. São suas próprias ideias. Há algo de... um sentimento de oração, algo muito profundo... um chamado... homens mortos, feridos... não, não é isso... algo delicado, de emoção.”

Então, de uma vez, o médium diz:

“Nada causa mais emoção do que o apelo à oração; não há nada mais tenro na vida, que mova a alma como uma prece... para... que... quem... é uma certa casta de homens niazzi... madz... uma casta. Eu não vejo mais nada.”

III. — Segunda série de experiências. (Setembro de 1921)

Esta série de experiências foi feita durante uma estada minha em Varsóvia, em setembro de 1921. Confirmou plenamente as experiências anteriores, realizadas em abril passado pelo professor Richet e por mim.

Entreguei sucessivamente ao Sr. Stephan Ossowiecki uma série de documentos, todos preparados com antecedência e sem a minha presença.

Esses documentos eram envelopes lacrados, cada um contendo um trecho de leitura. Este trecho estava dobrado e dentro de várias

folhas de papel opaco. Ou seja, por meios normais era impossível conhecê-los. Em um dos casos, o trecho de leitura foi colocado em um envelope, e além disso também fechado dentro de um tubo de chumbo de parede grossa.

Dentre os documentos citados, alguns eram meus, outros haviam- me sido dados por amigos meus, desconhecidos para o clarividente, e eu não conhecia o conteúdo.

Em cada caso, especificarei se eu conhecia ou não o trecho de leitura.

As experiências aconteceram nas mais variadas condições. O Sr. Ossowiecki, extremamente ocupado, não podia me conceder sessões regulares. Eu aproveitava um encontro com ele, na casa de amigos em comum, no restaurante, em sessão de materialização, para submeter à experiência um dos envelopes lacrados.

Durante a experiência, eu não perdia de vista o clarividente. Ele pegava o envelope, concentrava seus pensamentos, passeava de um lado para o outro da sala, e então, depois de cinco, dez ou quinze minutos, ele geralmente me dizia o conteúdo exato.

O que mais demorou foi saber o conteúdo do tubo de chumbo; Foram necessárias duas sessões e um esforço considerável.

Em dez experiências obtive:

Oito acertos completos;

Um sucesso incompleto;

Um fracasso.

Vou primeiro relatar as experiências em ordem cronológica, logo mais acrescentarei algumas considerações sumárias sobre o dom misterioso do Sr. Ossowiecki.

1ª EXPERIÊNCIA

12 de setembro de 1921, por volta das onze da noite.

Depois de uma refeição íntima na casa de amigos em comum, apresento ao Sr. Ossowiecki, diante dos convidados reunidos no salão, o pacote de cartas preparado com antecedência e que eu carregava

comigo.

São oito envelopes lacrados, dos quais dois são meus, e eu sei o que eles contêm; um é do Sr. Sudre, um é do Sr. Magnin e quatro são da Sra. Geley. Ignoro, absolutamente, o conteúdo desses seis últimos.

Entrego o pacote ao clarividente; ele tira, aparentemente sem escolher, um dos envelopes. Eu sei que é do Sr. Sudre ou do Sr. Magnin porque os dois envelopes são diferentes dos outros. Porém, não sei mais nada.

O Sr. O... tem o envelope na mão. Passeia a grandes passos pela sala de estar. Senta-se, levanta-se. Faz um esforço visível de pensamento. Acaba por dizer as seguintes palavras, que anota à medida que as pronuncia:

"É muito curto... algumas palavras."

(Alguns minutos de silêncio.)

“Um homem foi quem escreveu.”

(Curto silêncio.)

"É sobre a Polônia."

(Silêncio muito curto.)

"É uma felicitação."

(Silêncio muito curto.)

“Nada mais. Não está assinado.”

Eu rasgo o envelope e leio, em uma folha dobrada em quatro dobras, escrito no centro:

"Tenha um bom sucesso em Varsóvia."

Devo acrescentar que eu pensava em qualquer coisa menos naquela simples felicitação. O escrito era do Sr. Magnin.

2ª EXPERIÊNCIA
14 de setembro de 1931, na casa do príncipe Lubomirski, às seis horas da tarde.

Após uma sessão de materialização com Guzik, entrego ao Sr. Ossowiecki o pacote de cartas que trouxe comigo. Pega um envelope, que reconheço como sendo do Sr. Sudre. Ignoro absolutamente o

conteúdo.

Aqui está, cara a cara, o escrito contido no envelope, que é aberto após a experiência, e as palavras do Sr. Ossowiecki tomadas ao ouvido:

CARTA FECHADA

O homem é apenas uma cana, a mais débil da natureza, mas é uma cana que pensa. (Pascal.)

PALAVRAS DO SR. O...

É sobre a humanidade; melhor dito, sobre o homem.

É a criatura mais animal. É algo do homem. Eu tenho a intuição da animalidade. É um provérbio. São ideias de um dos homens mais importantes do passado... Acho que é Pascal... o homem é débil; uma débil cana, mas... debilidade... e também a cana mais pensativa (sic).

Essas duas primeiras experiências ofereceram um duplo ensinamento:

1º. Eu disse ser absolutamente ignorante do conteúdo dos escritos que me foram confiados pelos Srs. Magnin e Sudre.

O clarividente, portanto, não pôde conhecê-los lendo meu pensamento. Já que, por outro lado, meus colaboradores são desconhecidos do Sr. Ossowiecki, a hipótese da comunhão mento-mental como origem de sua lucidez fica consideravelmente complicada.

2º. Essas duas experiências também parecem demonstrar que no caso do Sr. Ossowiecki não se trata de leitura através de corpos opacos.

Na verdade, o clarividente tem a noção essencial do conteúdo dos envelopes; mas essa noção não é rigorosamente coincidente com o texto escrito. É uma interpretação notavelmente fiel, mas falta pouco para ter erros, ou os tem. Este duplo caráter da lucidez do Sr. Ossowiecki é afirmado nas seguintes experiências.

3ª EXPERIÊNCIA

Em 21 de setembro, na casa do príncipe Lubomirski, nas mesmas condições da experiência nº. 2

Eu reconhecera, pelo envelope, uma das duas cartas preparadas por mim. Mas não sabia qual delas era. Não a abri até o Sr. Ossowiecki terminar de falar.

TRECHO A DESCIFRAR
1.º Uma paisagem oriental; alguns camelos.

2.º (Fig. 2.)
3.º Som de sinos.
4.º O perfume da mimosa
5.º Viva a Polônia!

PALAVRAS DO SR. O...
Isso é longo...
Escrito por um homem.
É um caos! É algo tão caótico que não posso entendê-lo!
Existem quatro ou cinco ideias. É um discurso confuso de ideias!
Uma coisa grande...
Uma coisa que nada…
Eu vejo um trabalho sobre um peixe que lembra o 'corasin' (peixe polonês muito largo). Não é escritura; mas há um peixe.
Qual é a relação entre esse peixe e a Polônia? Não posso entender isso.
É uma exclamação: Viva a Polônia!
Eu também noto perfumes, perfumes deliciosos (O Sr. Ossowiecki parece aspirar esses perfumes.)
Há também uma coisa da natureza. Também há outra coisa, três coisas nessa bagunça. Eu vejo o peixe; vou desenhá-lo.(Faz o seguinte desenho):

(Fig. 3.)
Por que perfumes?
Por que a Polônia?
Existe uma numeração: 1 º, 2 º, 3º, 4º, 5º.
Depois do número. 2 não há nada escrito...
Algo da natureza...
Não vejo nada mais...

Acima de tudo, entre as cinco ideias diferentes contidas neste trecho, o Sr. Ossowiecki percebeu exatamente aquelas com os

números 2, 4 e 5.

Não percebeu nada da ideia n.º 3 e muito incompletamente a ideia nº 1.

Ele teve uma ideia clara, imperiosa, obsessiva, do peixe; mas, engraçado, o desenho dele não é parecido com o meu. Seu peixe é largo e olha para a esquerda. O meu era comprido e olhava para a direita. Do nº 3 percebeu perfumes deliciosos sem especificar que era a mimosa.

A ideia nº 5 foi totalmente exposta.

Ao longo da tarde que passamos juntos, o Sr. Ossowiecki ficou obcecado com o desenho do peixe.

4ª, 5ª e 6ª EXPERIÊNCIAS

Por ocasião do Congresso Internacional de Medicina de Varsóvia, vários membros do Congresso, que ouviram falar do dom de Ossowiecki, pediram para fazer um teste. Oito deles aceitaram o convite do Príncipe S. Lubomirski, e na sala de sua casa eles se reuniram (esqueci de anotar a data) por volta das sete da tarde.

O Sr. Ossowiecki, muito impressionável, como todos sensitivos, parecia conturbado por comparecer diante deste areópago de médicos. Ele estava, certamente, com medo. Daí, sem dúvida, o quase fracasso da 4ª experiência e o fracasso total da 5ª.

O Dr. Piery, de Lyon, deu ao Sr. Ossowiecki um papel dentro de um envelope lacrado, que ele mesmo preparara, sozinho, em uma sala imediata. O papel dizia, como vimos após a experiência:

A China é um país encantador.

O Sr. Ossowiecki passou um mau bocado. Demorou cerca de dez minutos para dizer:

"É muito curto..."

"Não é uma pergunta, mas a sua opinião."

"É sobre a Polônia..."

“A Polônia é um país encantador.”

O Sr. Ossowiecki, questionado sobre a causa desta confusão entre

a Polônia e a China, atribui-a à sua emoção perante o «Júri Médico», e também à intervenção da reflexão, em vez de se apoiar, como habitualmente, apenas na intuição.

Ele teve a impressão clara das palavras: "É um país encantador" e, refletindo, pensou que deveria ser atribuído à Polônia.

É de notar que os médicos franceses, durante a conversa que precedeu a experiência, não se cansaram de ponderar sobre a cordialidade com que foram recebidos na Polônia.

O Sr. Ossowiecki passou depois, com o Dr. Bergeret, de Paris, para uma sala próxima. O Dr. Bergeret entregou-lhe um envelope fechado. Ele não disse o que havia dentro; mas simplesmente declarou que Ossowiecki estava completamente errado.

Após este fracasso, o Dr. Gliksman de Varsóvia preparou, nas mesmas condições do Dr. Bergeret, um pedaço de papel dentro de um envelope lacrado. Quando ia entregá-la ao Sr. Ossowiecki, ele disse: "Fique com a carta e mantenha-a em suas mãos".

Ele colocou a mão direita na mão do Dr. Gliksman, onde estava o documento, e imediatamente disse: "É sobre amor... é sobre o filho... É coisa do amor mundial... assim como o filho da Boêmia... nada mais."

Agora, o papel dizia:

"O amor é filho da Boêmia."

7ª EXPERIÊNCIA
24 e 25 de setembro.

No restaurante, depois de almoçar, dou ao Sr. Ossowiecki uma das cartas preparadas pela Sra. Geley, cujo conteúdo eu ignorava. Ele disse: “É de uma senhora. É de sua mulher. É uma felicitação e um convite... Amanhã vou especificá-lo. Guarde esta carta.”

No dia seguinte, na casa do Príncipe Lubomirski, dou a ele de novo o documento.

Aqui estão, um ao lado da outra, o conteúdo e a cópia do que foi dito pelo Sr. Ossowiecki:

CARTA DA SRA. GELEY

Sr. Ossowiecki.

Senhor:

Eu o parabenizo por possuir tão maravilhosos dons e agradeço-lhe cordialmente dar ocasião ao médico para estudá-los.

Espero que tenha a bondade de vir visitar-nos em Paris.

Enquanto isso, receba, com os meus parabéns, a garantia da minha mais alta consideração.

G. Geley.

Paris, 22 de agosto de 1921.

PALAVRAS DO SR. OSSOWIECKI

Uma senhora da idade de... (aqui a idade exata da Sra. Geley) escreveu esta carta.

Esta carta é dirigida a mim... É uma coisa afetuosa. São ideias suas de admiração e parabéns.

Uma de suas filhas estava ao seu lado enquanto a escrevia. Foi escrita no segundo andar. A senhora está com aspecto cansado.

Ela a escreveu em um gabinete onde há cadeiras forradas com couro escuro.

A carta foi escrita em 22 de agosto. Esta senhora, em sua admiração por mim, fica feliz em me conhecer e mostra sua esperança de me ver muito em breve... A carta foi escrita em entre as quatro e as cinco horas da tarde.

Pois bem, tudo é correto, exceto as cadeiras revestidas de couro, que existem em uma sala imediata. Mas é de se notar que a Sra. Geley tinha passado naquela sala a maior parte do dia. A carta foi efetivamente escrita entre as quatro e as cinco, do dia 22 de agosto, no segundo andar, em presença de uma das minhas filhas. A Sra. Geley estava realmente muito cansada naquele dia.

8.ª EXPERIÊNCIA

25 de setembro de 1921, às vinte e três horas, na casa de amigos de

ambos.

O Sr. Sudre havia enviado para mim outra carta fechada, cujo conteúdo eu ignorava. Advertia-me apenas de que era uma experiência inédita.

Dou a carta ao Sr. Ossowiecki.

Ele, após dez minutos diz, tendo a carta apertada em sua mão: "Isso me interessa. É alguém que gostaria de me conhecer. – (Longo silêncio, enervado.)"

O Sr. O. realiza esforços intensos. Continua após dez ou quinze minutos: "Hoje está muito difícil... há algo muito... não consigo ver, porque tenho a sensação de que *está impresso.* Eu estava errado um momento atrás. Não era sobre mim; mas quem mandou a carta pensava em mim enquanto a preparava; daí o meu erro... Ele queria ver se eu ia conseguir ler isso sendo impresso. Eu não posso ler impressos..."

"Isto acontecia (a preparação da carta) às seis ou sete horas da tarde. Ele estava sentado a uma mesa. Ao lado dele havia uma mulher..."

"Isso está impresso em letras muito pequenas."

Rasguei o envelope e encontrei uma folha arrancada de um livro, no qual estavam impressos, em minúsculas, alguns versos.

Eu então disse ao Sr. O...: "Descreva-me o homem e a mulher que você viu."

O... disse:

"É um segundo andar à esquerda. Ele não tem barba, só um bigode pequeno. É um homem de trinta e oito a quarenta anos, bastante magro, fino. Ele não é careca (sic). Penteia-se com uma divisão.

Ela é gorda, não muito alta. Não é loira. Ela foi quem deu a ideia deste teste. Eles têm dois filhos, menino e menina."

Eu disse: "Tudo isso é exato[15]; mas há somente um filho nascido,

---

[15] De acordo com minhas informações posteriores, é inexato que fosse da Sra. Sudre a ideia e a iniciativa para este teste.

uma menina; a senhora está grávida e prestes a dar à luz."

O Sr. O... exclama vivamente: "É um menino, tenho certeza. Você pode escrever isso a ele."

Efetivamente, a Sra. Sudre, três dias depois, deu à luz um menino. Minha carta, colocada nos correios no dia 26, foi recebida por ela no dia seguinte do parto.

9ª EXPERIÊNCIA

27 de setembro, às dezoito horas, na casa do príncipe Lubomirski.

Entrego ao Sr. Ossowiecki a segunda das cartas preparadas por mim. Portanto, eu conhecia o conteúdo, que era este:

"Um elefante, que se banhava no Ganges, foi atacado por um crocodilo, que cortou sua tromba."

Para ver se meu pensamento consciente pode influenciar na clarividência do Sr. O..., facilitando-a, faço um esforço mental para me representar com intensidade a cena descrita. O resultado é completamente oposto. O Sr. O... nota uma dificuldade evidente; ele passeia para um lado e para o outro muito enervado e demora cerca de vinte minutos para dizer:

"Tenho a impressão de que estou num jardim zoológico... *É uma luta..."*

"Tenho a impressão de um jardim zoológico. Eu vejo um animal muito grande. É um elefante... Esse elefante não está na água? Eu o vejo nadando... Há uma história com sua tromba... Eu vejo sangue..."

Naquele momento o Sr. O..., muito cansado e enervado, pergunta-me: "Há alguma outra coisa?"

Eu respondo: "Está tudo bem, mas não completo."

O Sr. Ossowiecki exclama: "Espere! Ele não está ferido na tromba?"

Eu digo a ele: "Muito bem", e acrescento: "Você falou em uma luta, e isso é exato..." O senhor O... me interrompe e diz: "Sim, com um crocodilo...!

10ª EXPERIÊNCIA

Esta última é aquela feita com um tubo de chumbo. Pertence esta ideia e sua realização ao conde Guy du Bourg de Bozas.

Ele mandou fabricar um tubo de chumbo com paredes de três centímetros de espessura. Pediu a um dos nossos amigos, o Sr. Stanislas de Jelski, que inserisse no tubo uma carta, secreta para todos, por meio de uma terceira pessoa, que foi uma senhora que partia de Varsóvia naquele mesmo dia. Ele fez soldar a boca e me deu o tubo.

A primeira tentativa ocorreu em 28 de setembro, no restaurante, após um copioso almoço.

Eis aqui o que o Sr. OSSOWIECKI disse então:

"Uma mulher foi quem escreveu.

"É algo que diz respeito à natureza em relação com o homem e o sentimento. É em meio à Criação. Foi escrito em condições muito originais."

Perguntei ao clarividente: "Vamos cortar o tubo?" Respondeu: "Não; espere, eu não estou satisfeito. Desejo uma nova sessão."

Esta segunda sessão teve lugar na casa do príncipe Lubomirski, às dezoito horas do dia 30 de setembro, na presença do conde Tarnowski, da condessa Tarnowska, do Dr. Geley, do major Stabile, do médico idoso Camus e do Sr. Stanislas de Jelski.

Com muita dificuldade no início, depois com mais facilidade, o Sr. Ossowiecki disse:

"A Criação... a grande Criação... a natureza." (Longo silêncio.)

"É sobre um homem poderoso... Está no sentimento do povo que ele é um dos grandes homens deste século...

"Eu não posso compreender. Vejo duas coisas: algo escrito, escrito por uma mulher. E há um desenho.

"O desenho representa um homem que tem grandes bigodes e sobrancelhas grandes; não existe nariz…

"Veste uniforme militar.

"Parecido com Pildzuski.

"Está escrito em francês. Ali diz:

(Fig. 4.)

"Este homem não tem medo de nada, nem em política nem em nenhuma ordem de ideias... como um cavalheiro."

O tubo é cortado imediatamente com uma serra em presença dos assistentes. Tiro dele um papel, que desdobro.

Contém um desenho esquemático que representa o Marechal Pildzuski, com grandes bigodes, sobrancelhas grossas, sem nariz, desenhado em traje militar. (Ver lâmina II, Fig. 11.)

Abaixo do desenho está escrito:

O cavalheiro sem medo e sem tacha.

Que conclusões teóricas iremos deduzir desses fatos? [16]

Neste estudo sumário levaremos em consideração não apenas essas dez últimas experiências, mas também as primeiras, feitas pelo Professor Richet e por nós.

A primeira questão que aparece é a seguinte:

Nossas experiências demonstram a realidade do dom de clarividência do engenheiro Stephan Ossowiecki?

A resposta, sem equívoco possível, é: sim.

Não pode haver nos fatos, muito simples e muito convincentes, que expusemos, nem fraude nem ilusão.

As sessões foram realizadas em pleno dia. Todas as precauções

---

[16] Acho que devo dar minhas primeiras conclusões do modo como elas apareceram na *Revue Métapsychique*. Veremos, à medida que as experiências continuam, como elas foram mudando.

foram tomadas para que o conhecimento da peça documental seja impossível pelos meios e os sentidos normais.

Ao longo da experiência inteira, não se perdeu de vista o clarividente. Ele nunca olha para o envelope lacrado que segura em sua mão crispada. Quando a visão termina, os próprios experimentadores rasgam o envelope, tendo verificado que ele está intacto.

Além disso, em nossas últimas dez experiências, os documentos foram preparados sem a presença do Sr. Ossowiecki. Assim, não pode haver suspeita de leitura por uma espécie de hiperestesia da visão ou pela análise dos movimentos do escritor, de sua fisionomia, etc.

Por outro lado, a limpeza dos resultados obtidos nas múltiplas sessões, a variedade das experiências eliminam a hipótese de coincidências concordantes.

Portanto, o dom de clarividência do Sr. Ossowiecki é absolutamente verdadeiro.

Notemos também *que essas experiências podem ser repetidas à vontade e serão quase certamente bem sucedidas.* A objeção torpe, e incessantemente manejada, de que os fenômenos metapsíquicos não são científicos porque não podem ser reproduzidos à vontade, cai, então, completamente em defeito no que diz respeito ao dom do Sr. Ossowiecki.

Vamos agora tentar interpretar este dom na medida do possível.

A primeira ideia que vem à imaginação é a hipótese de uma leitura através de corpos opacos e sem o auxílio dos olhos.

Observando-se os detalhes de nossas experiências, no mesmo instante vemos que essa hipótese não é concordante com os fatos.

O Sr. Ossowiecki toma perfeitamente as ideias contidas no escrito; mas nunca lê literalmente, ou palavra por palavra.

Há, entre o texto dos documentos e suas palavras, divergências que demonstram que não é uma leitura por procedimentos supranormais.

Para citar um exemplo, vamos pegar a experiência número 3.

O Sr. Ossowiecki tem a noção de um peixe, de um desenho representando um peixe. Ele tem certeza disso, mas não vê o desenho do qual tem a noção. Tanto é verdade que ele não vê, que ele mesmo desenha o peixe, mas de modo diferente.

Vale notar, no entanto, que em uma das sessões de abril, o Sr. O... não conseguiu "ler" uma carta escrita em inglês. Curiosa contradição; pois se o clarividente tem a noção da ideia e não a visão da expressão gráfica da ideia, ele deveria ter tido conhecimento da carta escrita em inglês, tão facilmente quanto de uma carta escrita em francês.

Há um mistério nisso que ainda precisa ser esclarecido. Entretanto, creio que, do conjunto dos fatos observados, é possível tirar a conclusão geral de que, no caso do Sr. Ossowiecki, não se trata de uma simples leitura através de corpos opacos.

Seria leitura de pensamento ou comunhão mento-mental?

Evidentemente essa é a hipótese mais sedutora e aquela que irá encontrar mais adeptos. Mas vamos considerá-la de perto e veremos que não deixa de oferecer sérias dificuldades.

Em primeiro lugar, certamente não se trata de leitura de pensamento consciente.

O Sr. Ossowiecki também "leu" com igual facilidade as cartas desconhecidas por mim e as que eu conhecia. Mais ainda: a carta que ele "leu" com mais dificuldade foi justamente a da experiência número 9. Lembro que concentrei fortemente meus pensamentos durante a cena descrita[17]. Pois bem, esse esforço mental só conseguiu dificultar o dele.

Em se tratando de leitura de pensamento, é preciso admitirmos que as contingências de tempo, de espaço e a relação ou falta de relação com o escritor, não têm qualquer importância. A faculdade do Sr. Ossowiecki foi igualmente poderosa, fossem cartas escritas por mim, por uma pessoa que me toca de perto (a Sra. Geley), ou por dois amigos que na época estavam em Paris e eram totalmente desconhecidos do clarividente.

---

[17] Durante as sessões, o Sr. Ossowiecki repetia constantemente: "Falem! Não pensem".

Outra dificuldade:

Se é leitura de pensamento, por que o Sr. O... não pode conhecer o que diz uma carta escrita em um idioma que ele ignora?

E por que não pode "ler" o que está impresso? Na experiência número 8 ninguém conhecia o conteúdo da página impressa. O Sr. Sudre guardara no envelope, no escuro e sem saber o que continha, uma página arrancada ao acaso de um volume de poesia.

Pode-se pensar, portanto, que o Sr. O... não poderia "ler" porque o conteúdo do envelope não estava no pensamento do Sr. Sudre. Mas outros fatos desmentem essa opinião simplista.

Um dos nossos amigos, por exemplo, deu ao Sr. O... em minha presença, um envelope lacrado contendo uma carta que ele mesmo havia datilografado.

O experimentador, portanto, conhecia o conteúdo. Apesar disso o fracasso foi completo. O Sr. Ossowiecki disse simplesmente: “É uma carta datilografada. Só posso ler a escrita viva!”

Vê-se, então, que a hipótese da leitura do pensamento não é tão simples ou tão conclusiva quanto pode parecer à primeira vista.

Então, é pura clarividência? Essa pergunta é muito difícil de responder.

A clarividência parece ser uma faculdade acima de todas as contingências de tempo, espaço ou obstáculos materiais, ultrapassando todas as leis físicas e psíquicas, como uma sorte de onisciência; em uma palavra, um dom divino...

Desnecessário dizer que a clarividência do Sr. Ossowiecki não tem essa amplitude nem esse poder. Vimos que, apesar de sua habilidade maravilhosa, ele é limitado por condições às vezes sem importância, como as contingências da escrita em língua estrangeira ou da escrita impressa.

Na verdade, a clarividência do Sr. O... é sem dúvida uma variedade daquela clarividência restrita a que foi dado o nome de psicometria. O processo de suas visões pode ser dividido assim:

1º - Existe uma certa noção do que foi escrito. Não há leitura

propriamente dita; mas o Sr. O... parece saber em conjunto o que a escrita contém e ajuda-se com essa percepção.

Por exemplo, a partir do documento escrito em inglês, diz o Sr. Ossowiecki:

"É inglês. Eu não sei inglês; mas posso dizer que vejo uma letra isolada; logo após, uma palavra longa começando com C. O. N. S., depois duas palavras curtas, e depois uma palavra longa que é como vendredi."

O que estava escrito era, como lembraremos:

I consider you are wonderful.

O clarividente tem, portanto, algumas balizas que o guiam. Através dessa primeira e incompleta visão, ele estabelece uma "relação" entre ele e a pessoa que escreveu.

Então, ele pode descrever essa pessoa, suas características e ambiente. Ao mesmo tempo, refere-se ao tempo e ao lugar em que a carta foi escrita, e aí tem um conhecimento intuitivo mais ou menos completo do conteúdo da carta.

Em suma, o dom do Sr. Ossowiecki pertence, em primeiro lugar, e aparentemente, à psicometria.

Certamente, isso não é uma explicação.

Apesar dos belos trabalhos publicados sobre Psicometria, especialmente os do Sr. Bozzano e do Sr. Oesterreich, esta forma de clarividência permanece infinitamente obscura.

No momento, iremos abster-nos de qualquer tentativa de interpretação; mas temos motivos para esperar que os maravilhosos dons do Sr. Ossowiecki um dia nos permitirão elucidar um tanto o mistério.

IV. — Terceira série de experiências.

(Abril-maio de 1922)

Vou dar aqui, não ao pé da letra (relato dos fatos e conclusões provisórias), o artigo do Professor Richet publicado *na Revista Metapsíquica.*

EXPERIÊNCIAS DECISIVAS DE CRIPTESTESIA (LUCIDEZ)[18]

I

As experiências feitas, tanto por Geley quanto por mim, com Stephan Ossowiecki como sujeito, eram importantes demais para não serem repetidas.[19]

Assim, nós as repetimos recentemente em Varsóvia. Os resultados têm sido tão satisfatórios quanto possível. Agora está provado, portanto, absolutamente, que a lucidez Ossowiecki é um fenômeno constante que varia apenas em intensidade e facilidade de produção.

A análise metódica dessas novas experiências também nos permite deduzir algumas conclusões importantes a respeito do mecanismo dessa surpreendente e indiscutível criptestesia.

EXPERIÊNCIA I

Na quarta-feira, 19 de abril, em Varsóvia, estamos experimentando, no meu quarto de hotel na Europa, Geley, O... e eu.

O... está com os olhos vendados e Geley desenha um objeto. O... faz vãos esforços para reproduzi-lo. Mas não insistimos; porque declaramos a O... que esta experiência (uma venda nos olhos), que lhe aconselharam fazer para testar a lucidez, nada prova, mesmo que dê bons resultados, pois nunca existe a certeza de os olhos vendados ficarem totalmente obliterados. Melhor operar com envelopes lacrados.

Então, O… pede-me para fazer, longe dele, um desenho e fechá-lo em um envelope. Vai até o final da sala (seis metros de comprimento). Eu fico no outro extremo. Geley está entre os dois.

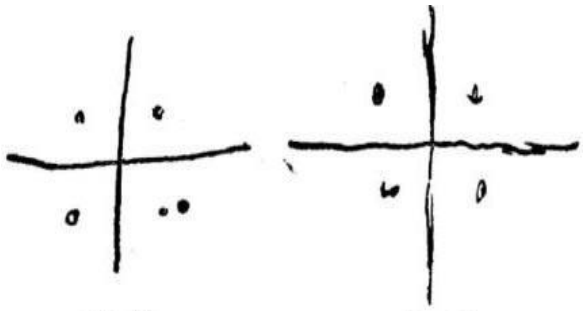
Estou de costas para O... e desenho num papel, com minha caneta-

---

18 Outras experiências foram feitas por Geley após minha partida de Varsóvia. Elas não são nem mais nem menos conclusivas do que as minhas. Há igual certeza nelas. Deixo para Geley o cuidado de publicá-las com todos os seus detalhes.

19 Ver *Revue Métapsychique*, 1921, números 5 e 8.

tinteiro, um desenho que me ocorre (ver fig. 5). Nada antes o havia evocado. No máximo, do lugar onde O... estava, é possível saber que demorei cerca de vinte e cinco segundos para escrevê-lo. Ainda de costas, dobro o papel em quatro dobras (o desenho ficava em um dos quatro quadrados desse papel, de modo que não ficava dobrado sobre si mesmo). Então, sempre longe de O... e separado de O... por Geley, pego o papel dobrado, coloco-o em um envelope, fecho-o cuidadosamente e entrego-o a O... Após cerca de um minuto, depois de esfregá-lo bem, diz que é uma cruz. Eu digo: "Muito bem." Ele acrescenta: “É uma cruz com pontos, estrelas; eu vou fazer o desenho." E desenha a figura aqui representada (fig. 6). Pego o envelope, que ainda está perfeitamente intacto, abro e verifico a identidade dos dois desenhos.



(Fig. 5.) (Fig. 6.)

É radicalmente impossível que O... pudesse ter visto o que eu desenhei; mesmo que tivesse a cumplicidade de Geley (!!) nada explicaria, porque Geley nada podia ter visto.

Assim, permanecem três hipóteses:

a) Transparência do papel. Mas não; o papel estava em quatro dobras e, além disso, há outro envelope. Por outro lado, não havia luz na sala além de uma fraca lâmpada de teto. Não havia espelho algum no lado da sala que eu estava ocupando. Por último, O... nem olhou o papel ou mal o fez; ele o segurou nas mãos, apalpou- o e esfregou-o, quase sempre por trás das costas.
b) O acaso. Sim; sempre é possível em todas as experiências, sem exceção, invocar o acaso. Mas isso conduz ao absurdo.
c) É preciso, por conseguinte, admitirmos uma criptestesia, uma

lucidez, uma clarividência, uma hiperestesia. Seja telepática ou não, esta experiência não o afirma, e a telepatia é obviamente bem possível. Mas as experiências posteriores definitivamente provarão que a telepatia não intervém nas experiências de O ...

EXPERIÊNCIA II

A experiência a seguir é muito notável e provoca comentários importantes.

A Sra. A. de Noailles enviara para minha casa em Paris, no dia da minha partida para Varsóvia, três envelopes (selados com a cola dos envelopes comuns) opacos, contendo algumas linhas de sua mão, e cujo conteúdo eu desconhecia totalmente. Número 1, Número 2 e Número. 3. Eu os apresento a O... em 19 de abril e ele escolhe o número 3, dizendo que naquela noite não poderia fazer nada. Guardo os três envelopes em minha carteira até o dia seguinte, 20 de abril, quando entrego a ele a carta nº. 3.

O... esfrega a carta febrilmente por algum tempo, sem Geley ou eu tirarmos os olhos do envelope. Ele sabe que é uma carta da Sra. de Noailles, mas não conhece em absoluto esta senhora.

Então ele da, sobre a Sra. de N... e as condições em que a carta foi escrita, vários detalhes, que são, em geral, exatos, mas que não ultrapassam em muito o discernimento de uma pessoa inteligente.

A experiência é realizada na presença da Sra. A., do Sr. e a Sra. Z... (a Sra. Z... e Sra. A... são irmãs, e a Srta. A... é a noiva de O...) em seu quarto no Hotel de Europa.

Depois de três quartos de hora esfregando a carta, ela ainda estava cuidadosamente fechada, sem Geley e eu perdermos de vista O... e a carta. Aqui estão as palavras de O..., coletadas exatamente:

"Não há nada para mim *(o que significa: Não é sobre mim esta carta).* É algo de um grande poeta francês; algo da Natureza. É uma inspiração de um grande poeta francês. Eu diria que é Rostand, algo de Chantecler. Quando fala sobre Chantecler, ele escreve algo sobre o galo. Existe uma ideia da luz durante a noite. Eu vejo uma grande luz

na noite... Depois Rostand com a bela poesia de Chantecler."

Ele disse isso muito rápido; a seguir, após longo silêncio e um esfregar prolongado da carta, diz O...:

O erro a meu respeito vem do fato de falarem de mim em outra das cartas. As cartas estavam juntas.

"Mas há algo mais".

Aqui, um longo silêncio e longo trabalho. Durante esta nova trituração, um pouco do envelope foi rasgado em uma extensão de cerca de um centímetro. Mas isso não tem importância, porque: l.) nada pode ser visto, através deste minúsculo orifício, do interior da carta; 2.) também é impossível tirar dela qualquer coisa; 3.) O... nunca olha a carta; parece atuar apenas esfregando; 4.) o essencial já foi dito antes desse rasgão mínimo do envelope.

Após cerca de meia hora, O... diz:

"As ideias de noite e luz estavam primeiro, antes de haver o nome Rostand".

"Há algo mais (nesta carta); existem algumas linhas, duas linhas, uma palavra com linhas embaixo."

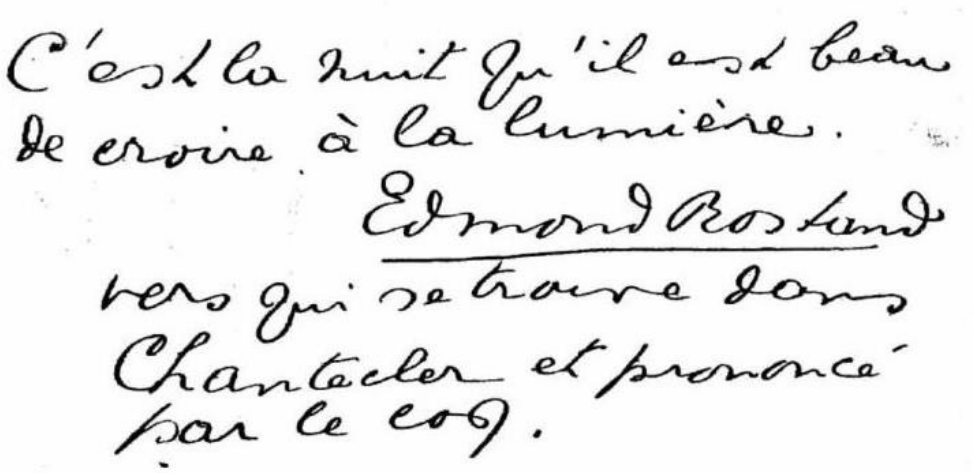
Então, O... entrega-nos a carta. Tudo está intacto exceto o minúsculo rasgão indicado. Eis aqui (fig. 7) o fac-símile desta carta.

Assim é esta bela experiência, escrupulosamente registrada em todos os seus detalhes, incomparável pela sua precisão.[20]

Assim, como mesmo poderia ser previsto sem essa inútil verificação, o acaso não pôde permitir que cinco pessoas dissessem algo análogo à carta escrita pela Sra. de Noailles. É provável que, se tivéssemos nos dirigido a dez mil pessoas, o resultado teria sido o mesmo.

---

[20] Por curiosidade, aqui estão as frases escritas, como em uma espécie de torneio com O... pelas cinco pessoas presentes: 1º A crítica é fácil e a arte é difícil; 2º Eu gostaria de voltar para Menton; 3° Não se deve estar muito feliz ou muito insatisfeito consigo mesmo; 4º Como é triste que os objetos durem mais do que os homens; 5º É uma verdadeira alegria ser amigo de Stephan Ossowiecki.



Durante a noite, como é lindo acreditar na luz! - Versos de chantecler declamados pelo galo.

É conveniente comentar sobre ela.

Imediatamente, uma primeira afirmação impõe-se com evidência formidável, e é: que não há conluio ou ilusão possível.

Ninguém sabia, nem podia saber, o que continha o envelope, exceto a Sra. de Noailles, que estava em Paris. Aquele envelope opaco, fechado, no verso do qual eu havia traçado uma linha a tinta, não saiu da carteira guardada no bolso do meu paletó até o preciso momento em que o entreguei a O... Enquanto O... manipulou este envelope, ele estava sentado ao nosso lado, em plena luz, sem que Geley ou eu tirássemos os olhos de O... ou do envelope. Portanto, teria sido impossível para ele descolá-lo, lê-lo e tornar a colá-lo, o que exigiria uma manobra longa, difícil e delicada. Caso o Sr. e a Sra. Z... ou a Sra. A... estivessem em conluio, eles não teriam como pegar o envelope mencionado, substituí-lo por um absolutamente igual (como alguém o teria fornecido a eles?) e devolver novamente a O... o envelope normal depois de descolado, lido e fechado de novo.

Todas essas suposições são inadmissíveis.

Para mim, como para Geley, *a certeza de que não houve fraude é tão forte quanto aquela que precisaríamos para condenar um homem à morte.*

E, bem entendido, deixo de lado a improbabilidade de uma fraude, de uma trama. Também peço desculpas ao meu amigo O... por

ter pensado em fraude. Mas ele sabe muito bem que, em tais casos, é conveniente refutá-la de uma maneira diferente da improbabilidade moral.

Também não faço valer outras belas experiências feitas anteriormente por O..., que levaram todas à mesma conclusão; a saber: uma clarividência criptestésica extraordinária.

Acrescento que os nossos sentidos estavam perfeitamente despertos, nossa atenção era irrepreensível, nossa vigilância estava superexcitada. A objeção de uma alucinação ou ilusão nossa é inadmissível.

Portanto, permanecem duas hipóteses: o acaso ou uma hiperestesia especial, inexplicável, que na terminologia atual chamamos de criptestesia, que é um fenômeno de ordem metapsíquica.

Para eliminar a hipótese de acaso, vamos analisar metodicamente a probabilidade.

1º. Primeiro, era pouco provável que a frase incluída na carta fosse uma citação de um verso.

Vamos admitir 1/2 de probabilidade.

Pode-se supor aproximadamente em 1/100 que fosse um verso de Rostand.

1/10 de probabilidade para o verso ser de Chantecler.

1/2000 de probabilidade para o verso ser la nuit et la lumière. 1/100 de probabilidade de haver o nome de Rostand abaixo da citação, seguido por duas linhas.

1/100 de probabilidade de que essas duas linhas falassem de Chantecler e do galo.

Assim, chegamos a uma probabilidade da décima primeira potência de 1/10, que é igual a certeza moral.

EXPERIÊNCIA III

A seguinte experiência não é menos decisiva e, além disso, contém muitos dados extremamente preciosos sobre as condições e

modalidades da criptestesia.

A meu pedido (por telégrafo), Sarah Bernhardt envia-me, a Varsóvia, uma carta para O... ler sem abri-la.

Esta carta é recebida por mim diretamente de mãos do carteiro, no saguão do Hotel de Europa. Eu não a abro; entrego-a a O..., dizendo a ele que é de Sarah Bernhardt.

Esta leitura foi muito difícil e durou cerca de duas horas e meia.

Ele primeiro dá alguns detalhes, que não são característicos e que não excedem a sagacidade comum, a respeito de Sarah Bernhardt e as condições em que a carta foi escrita.

Por outro lado, o que ele diz da carta é muito preciso: "A vida... a vida... a vida (repete essas palavras três vezes). Há quatro ou cinco linhas e, abaixo assina Sarah Bernhardt, uma assinatura que sobe." Exato; mas talvez ele tivesse visto em qualquer revista o fac-símile da assinatura de Sarah B.

"A vida parece humilde (repete duas ou três vezes a palavra humilde); existe aqui a vida e a humanidade, mas a palavra humanidade não está escrita. Existe uma ideia ligada à ideia de vida e de humanidade... porque existe muito ódio. Não, não há ódio; só existe... só... é uma palavra muito difícil, tão francesa que não consigo dizê-la; é uma palavra de oito letras. Ponto de exclamação."

Então, antes de abrir a carta, que continua completamente fechada, e cuja opacidade absoluta eu verifiquei na luz refletida, na luz direta e contra a luz, escrevo o seguinte, que dá fé como conclusão definitiva de O...;

"A vida parece humilde porque só existe ódio" (não é ódio, mas uma palavra de oito letras não compreendida); assinado Sarah Bernhardt.

As seguintes palavras, cujo fac-símile eu acompanho (fig. 8), são as contidas na carta:

(Fig. 8.)

"A vida parece-nos bela porque sabemos que é efêmera! - Sarah Bernhardt."

Vamos calcular as probabilidades:

Prosa e não verso, 1/2 Assinatura de S. B., 1/2.

Quatro a cinco linhas, 1/2.

Para começar com A VIDA, a probabilidade, difícil de definir, é pelo menos 1/5.000.

A palavra PARECE, que vem depois, representa uma probabilidade de 1/5.000; mas uma vez que não era precedido pela palavra 'nos', é preciso se contentar com 1/1.000.

Resta a palavra BELA, que foi mal interpretada: HUMILDE, por BELA; mas o parecido gráfico (HUMBLE e BELLE) é o suficientemente grande para não contar como um erro completo. É de tal aproximação que não pode ser avaliada como erro ou como acerto. Em seguida, vem a palavra PORQUE. Vamos avaliar sua probabilidade em 1/1.000.

A palavra *EFÊMERA (ÉPHÉMÉRE)* não era conhecida por O..., como ele nos disse depois de abrir a carta. Perguntamos a vários poloneses, mesmo aos que falam bem Francês, se eles entendiam essa palavra, e não a entendiam. Podemos admitir que a probabilidade de uma

palavra francesa desconhecida de O... é de apenas 1/100; que há um ponto de exclamação é 1/10; e, finalmente, que essa palavra francesa desconhecida tenha oito letras é apenas 1/10.

Finalmente, podemos admitir como uma estimativa das probabilidades a décima potência de 1/10.

Em nada mudaria nossa conclusão se houvesse alguns zeros mais ou menos. Não pode ser obra do acaso. O bom senso indica isto melhor do que estes cálculos muito aproximados.

EXPERIÊNCIA IV

Esta foi feita em condições um tanto diferentes.

Estavam presentes várias pessoas que, com um medíocre rigor cientista, divertiam-se em dar a O..., para adivinhar, palavras ou números. Em geral, ele respondia muito bem.

Então, bem longe de O..., eu escrevi em um pedaço de papel, tomando todos os cuidados necessários para que ninguém pudesse ver o que eu estava escrevendo, a palavra TOI. Depois amassei o papel em uma bolinha, que O... pegou na palma da sua mão, colocada sobre a minha. Depois de três ou quatro minutos, ele disse: É uma cifra. Eu fiquei impassível. É muito curto. A mesma impassibilidade. É uma palavra. Não fiz gesto algum nem disse nada. Então ele acrescentou: "Eu vejo um T." E especificou ainda mais: “Existem duas linhas no traço transversal do t”, o qual era rigorosamente exato, porque eu tinha adicionado duas linhas verticais ao traço horizontal do T para torná-lo mais legível. Eu disse: "Muito bem." Em seguida, acrescentou: "Existe uma cifra, um zero." Eu disse: "Muito bem." Ele adicionou: "Existe um 1" e, depois, baixinho: "Não é EU." Eu fingi não ter escutado. O... disse então: "Dê-me um pedaço de papel e eu escrevo." E escreveu: "T0I".

Até então não desdobrei o papel muito amassado que tinha ficado na mão de O...

Pode ser calculado, supondo que O... poderia ter dito uma palavra

de 2, 3, 4, 5, 6 letras, por exemplo, uma probabilidade de 1/5, e como ele não sabia se era uma letra ou um número, colocaremos 1/25 + 10. Admitindo que 0 e 1 poderiam passar por letras ou algarismos, 1/25 + 8, ou seja: 1/33 ou, em número redondo, 1/30, dado que existem letras pouco utilizadas: K, W, Z. A probabilidade de dizer T é, portanto, 1/30.

Para dizer O, uma vez que existe o dígito zero e a letra o, é 1/15 também. A probabilidade total é, portanto, 1/5 x 1/30 x 1/15 x 1/15, ou seja: 1/33750 que representa a certeza absoluta. Dito de outro modo: O... precisaria fazer 33.750 experiências antes de chegar a encontrar TOI.

Não é possível que ele pudesse ter lido normalmente aquele papel; também não é possível que meus gestos lhe tenham dado indicação alguma. Isso tudo é loucamente absurdo.

Portanto, isso é criptestesia. Porque nesta experiência não houve telepatia; ele não adivinhou a palavra TOI; ele leu O e tomou-o por um zero, e I, que tomou pela cifra 1.

Portanto, houve hiperestesia; mas não hiperestesia retiniana, visto o papel estar tão amassado que nenhuma leitura era possível. É, portanto, uma hiperestesia tátil.

Essas quatro experiências são muito instrutivas. Vamos estudá-las sumariamente.

Não vamos insistir em casualidade. É absurdo. A probabilidade desses quatro êxitos é menor do que elevado à potência vinte e cinco. Portanto, não vamos insistir.

Nenhum conluio é possível; ilusão também não. Eu não fui hipnotizado ou alucinado. Eu não tirei meus olhos, nessas quatro experiências, de O... nem das cartas que ele devia adivinhar.

A hiperestesia continua sendo a única hipótese; mas uma hiperestesia tão diferente da hiperacuidade de nossos sentidos normais que não é uma hiperestesia sensorial. É um fenômeno novo que anteriormente chamei de criptestesia; isto é, sensibilidade a excitações desconhecidas; um verdadeiro sexto sentido oculto, críptico.

Mas tentamos saber como é exercido, e as quatro experiências mencionadas nos dão indicações preciosas nesse sentido.

1º. É necessário eliminar resolutamente a telepatia, ou seja, vibração sincrônica de dois cérebros; com efeito, em dois dos casos, o conteúdo das cartas era absolutamente desconhecido para nós.

E supormos que a telepatia seja a transmissão de uma vibração cerebral (a de Mme de Noailles e a de Sarah Bernhardt) através de mais de dois mil quilômetros, é dar à telepatia uma extensão prodigiosa e inverossímil. Por outro lado, a telepatia é tão inexplicável quanto a clarividência não telepática. Exceto no caso em que a carta é de uma pessoa falecida, então haveria telepatia em todos os casos, pois sempre haverá alguém sobre o planeta terrestre que conhece o conteúdo de uma carta, e... que telepatia essa, que demora vários dias para transmitir! Além disso, a telepatia seria verificada em relação à forma gráfica, não ao sentido da carta. Isso é insensato.

2º. A hipótese de uma hiperacuidade retiniana é muito mais séria. No entanto, mal consigo pensar nela, porque ao longo de todo o seu experimento, O... apertou as cartas nas mãos, virou-as em todos os sentidos, espremeu-as com energia, como se tentasse perceber pelo toque, com as polpas dos dedos, alguma noção das cartas escritas. Além disso, como ele poderia ter lido a palavra TOI, que estava amassada e ilegível?

Nesse caso, a hiperestesia da visão seria tão intensa, tão anormal, que não pertenceria mais à psicofisiologia normal. É um fenômeno que pode ser corretamente chamado de metapsíquico, porque ultrapassa a psíquica comum.

3º. Tudo permite supor que o conhecimento das coisas vem a O... pelo toque. O... faz esforços repetidos para apalpar, triturar, amassar a carta. Por meio dos dedos e da pele, e não pelos olhos, ouvidos ou olfato, é como ele exerce sua sensibilidade adivinhadora.

É necessário, portanto, atribuir essa criptestesia ao toque; é hiperestesia tátil, mas uma hiperestesia prodigiosamente intensa que não entendemos.

Além disso, parece que as cartas escritas trazem consigo outros caracteres, que não são os caracteres exteriores que nossos sentidos normais podem perceber. Há algo mais (que é profundamente desconhecido) em uma linha de nossa escrita, do que as linhas escritas no papel.[21] É, se se quiser, uma emanação - o que chamei de emanação pragmática - que parece agir sobre nossa criptestesia e provocar um conhecimento. É algo assim como a emanação que vem das águas subterrâneas e causa movimentos da varinha. Admitindo-se essa hipótese, o envelope de forma alguma impediria a atuação dessa emanação, pois a emanação pragmática seria sutil o suficiente para atravessar papel, tubos de chumbo e paredes. Isso também seria hiperestesia (tátil ou visual), mas uma hiperestesia que se refere não a vibrações mecânicas ou luminosas, mas a vibrações de ordem desconhecida.

O que em qualquer caso parece verdadeiro é que não se trata de uma transmissão do pensamento incluído na carta, mas de um conhecimento do grafismo. A disposição das linhas, da assinatura, o ponto de exclamação, são mencionados. A palavra TOI foi lida como se contivesse um zero e o número um. Humilde (Humble) não tem analogia significativa com Bela (Belle): não há semelhança, exceto no grafismo. A palavra éphémère não foi entendida porque O... não conhece esta palavra francesa. Ele disse que tinha oito letras; por conseguinte, ele conheceu o grafismo, mas de forma alguma a ideia.

Em outras palavras: há conhecimento do grafismo e não da ideia por meio de uma emanação que vem do escrito graças ao sentido tátil desconhecido (criptestesia) de que é dotado Ossowiecki.

Mas essa explicação é provisória e, por outro lado, Ossowiecki não a admite. Novas experiências permitirão irmos mais longe.

Ch. Richet.

* * *

[21] Tanto mais que O... não consegue dizer nada (mesmo sem se ter estabelecido com certeza ainda) no caso de existirem caracteres impressos ou datilografados no envelope. Isso merece confirmação.

Eis agora o artigo que escrevi na *Revue Métapsychique*, e que expõe a continuação desta série de experiências, bem como as ideias que me sugeriu:

O professor Richet descreveu como decisivas as experiências de lucidez que fizemos em Varsóvia com nosso amigo Sr. Stephan Ossowiecki.

Elas são, com efeito, decisivas em tudo:

Por sua multiplicidade, nitidez e precisão;

Pela verificação segura e confortável, que não deixa espaço a qualquer hipótese possível de ilusão ou mistificação;

Em suma, pela possibilidade de serem renovadas à vontade. (O sucesso das experiências é quase constante.)

Após a partida do professor Richet em abril de 1922, continuei com o Sr. Ossowiecki algumas novas sessões, todas com sucesso.

Mas por um lado, o pouco tempo que eu tinha disponível, e por outro, o escrúpulo de pedir demais à abnegação do senhor Ossowiecki, sobrecarregado de trabalho e de preocupações diversas, não me permitiram tentar todas as provas que eu tinha pensado.

Vou me contentar, então, em referir aqui apenas uma das experiências que fiz após a partida do professor Richet, porque é consequência lógica daquelas que ele publicou no último número da *Revue Métapsychique.*

Meu professor tinha dado para mim uma das cartas fechadas que a Sra. de Noailles havia confiado a ele. Esta carta estava em duplo envelope. O envelope externo rasgou-se um pouco quando o professor tirou a carta do bolso para entregá-la a mim. Ele então me aconselhou a colocar o envelope interno, que estava intacto e continha o documento a ser lido, dentro de um segundo envelope e fechá-lo.

Eu segui essa recomendação ponto por ponto. A carta não saiu do bolso interno do meu sobretudo até o momento de entregá-la ao Sr. Ossowiecki.

Um primeiro ensaio aconteceu no meu quarto do hotel de Europa em 4 de maio de 1922, às dezesseis horas. Depois de ter concentrado

seu pensamento, segurando a carta na mão, O Sr. O... me disse, após um quarto de hora: “Eu vejo, eu sei. Esta noite vou lhe contar o que a carta contém”, e ele a devolveu para mim. Estava intacta e coloquei-a de volta em meu bolso.

No mesmo dia, às vinte e uma horas, teria lugar a reunião da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos, com a assistência de 80 a 100 pessoas.

De acordo com o Sr. Ossowiecki, propus que, antes de ser levantada a sessão, fosse realizada perante a Sociedade a experiência projetada. Foi aceito com entusiasmo e entreguei a carta ao Sr. O... Então, depois de cinco ou seis minutos, ele começou a falar. Descreveu para nós a Sra. de Noailles e seu quarto. Deu vários detalhes a respeito disso, detalhes que eu não verifiquei, e depois disse:

“Fala nesta carta de um grande gênio contemporâneo. É Richet. Ela sente muita simpatia por ele. Ela diz que o gênio de Richet é tão grande quanto seu coração. Assina com seu nome e sobrenome e rubrica a seguir. Isso acontece à tarde, das cinco às seis.”

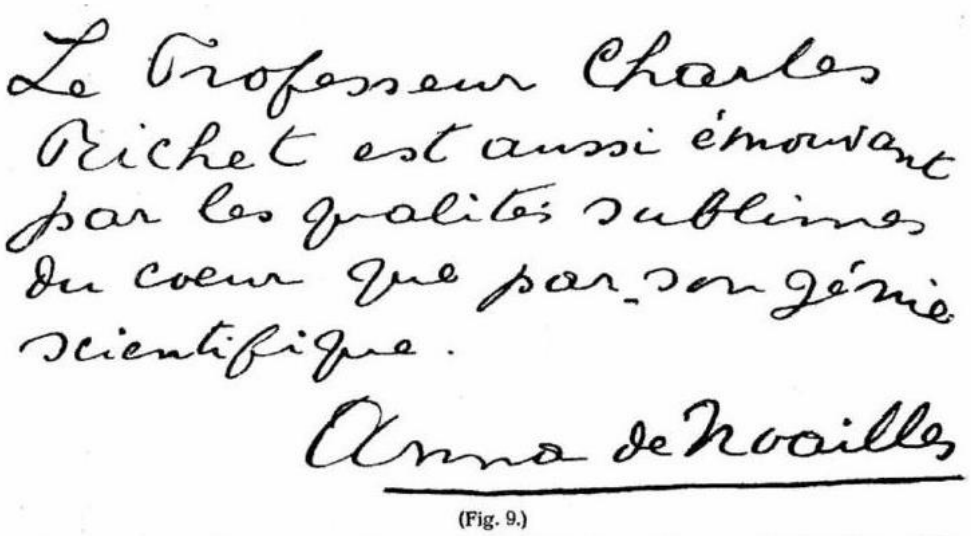
Em seguida, abri a carta para a assembleia (ver a fotografia do documento, fig. 9).

Como se vê, o sucesso é completo. Sendo minhas outras experiências inteiramente da mesma ordem, seria alongar inutilmente esta descrição fazer referência a elas. Para nossas provas futuras, temos pensado em outros procedimentos inéditos.

Eis aqui agora o relato de uma experiência sensacional, feita com o Sr. Ossowiecki pelo chefe de Estado polonês, marechal Pildzuski.

O marechal Pildzuski teve a bondade de nos informar sobre ela com autorização para publicá-la. Vamos expor o processo da experiência assim como nos foi entregue, com a fotografia do documento redigido pelo chefe de Estado e a do envelope opaco, lacrado com o selo do Ministério da Guerra, onde era guardado.[22]

[22] Ver fotografia do envelope, lâmina II, fig. 12.


Le Professeur Charles
Richet est aussi émouvant
par les qualités sublimes
du coeur que par son génie
scientifique.
Anna de Noailles

(Fig. 9.)

(Fig. 9.) O professor Carlos Richet é tão grande pelas qualidades sublimes de seu coração quanto por sua genialidade cientista.— Ana de Noailles.

"Pelo presente, certifico que o documento anexo, isto é, uma fórmula do jogo de xadrez escrita pelo chefe de Estado, o Sr. marechal Pildzuski, fórmula que só ele conhecia, fechada dentro de um envelope pelo próprio marechal em pessoa e lacrada com o selo dado pelo ministro da Guerra, general Sosukowski, foi lido no espaço de quinze a vinte minutos pelo Sr. Stephan Ossowiecki.

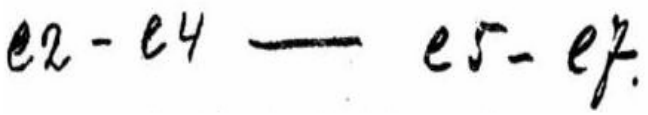

e2 - e4 — e5 - e7.

Fig. 10.— Fotografia do documento.

"Estavam presentes: a generala Jacyna, a irmã do Senhor S. Ossowiecki, a Sra. Neuman, a princesa Michel Wovoniecka, o ministro da Guerra, general Sosukowski, o general Jacyna, ajudante de campo do chefe de Estado; o tenente Saszkiewicz, ajudante de campo do General Jacyna e o signatário.

"Uma vez feita a leitura pelo Sr. Ossowiecki, liguei uma comunicação telefônica para o Belvedere, em presença dos assistentes mencionados. Recebi, por telefone, a confirmação do conteúdo da carta; confirmação dada pessoalmente pelo chefe de Estado, que estava muito interessado nesta experiência. O marechal disse-me que o Sr. Ossowiecki não tinha errado.

“No dia seguinte, a carta foi aberta pelo chefe de Estado no Belvedere.

“Deve-se acrescentar que quando o Sr. Ossowiecki segurou em sua mão o envelope lacrado, antes de dizer o que continha, e sem saber de quem era aquela carta, anunciou aos presentes que esta folha estava escrita pelo chefe do Estado.

“Ao mesmo tempo, o Sr. Ossowiecki traçou o plano da câmara do chefe do Estado, que ele nunca tinha visto; a seguir, fez uma descrição da mobília e de sua disposição, e também descreveu a mesa onde o marechal Pildzuski pegara o papel de referência.

“Esta experiência aconteceu na Avenida de Ujardow, número 39, na casa do general Jacyna.

“Varsóvia, dezembro de 1920.”

Assinado: Tenente C. Switski, ajudante de campo e secretário pessoal do chefe de Estado.

A clarividência do Sr. S. Ossowiecki não se manifesta unicamente pela possibilidade de conhecer o conteúdo de folhas fechadas ou documentos colocados em envelope ou caixa opaca.

Revela-se também, e principalmente, por uma faculdade de "psicometria", que excede em muito tudo quanto já foi registrado nos anais da metapsíquica.

Participei de algumas experiências desse tipo e fiquei maravilhado com o resultado.

(Minhas experiências de psicometria ainda estão muito incompletas para serem publicadas agora. Vou reservar esta publicação até ter condição para realizar uma nova série de estudos.)

Finalmente, várias vezes o Sr. Ossowiecki encontrou objetos perdidos ou roubados. Posto em contato com uma pessoa que perdeu um objeto, ele podia dizer, após alguns momentos de concentração mental, onde se encontrava esse objeto, em que condições ele foi perdido, descrever a pessoa que o encontrou ou roubou, etc. Eis aqui o registro de uma experiência desta ordem, plenamente satisfatória, que me foi enviada por testemunha direta:

Varsóvia, Wspolna 7, em 22 de julho de 1922.

Senhor:

Tenho a honra de comunicar-lhe um verdadeiro milagre que o Sr. Ossowiecki acaba de realizar em Varsóvia.

Na manhã da segunda-feira, 6 de junho, perdi um broche na rua. No mesmo dia, à tarde, visitei a generala Krieger, mãe do Sr. Ossowiecki, com meu irmão o Sr. de Bondy, engenheiro, que foi testemunha deste acontecimento.

Entra o Sr. Ossowiecki. Meu irmão, que é amigo seu, apresenta-o a mim e digo que estou encantada de conhecer uma pessoa dotada de poder oculto tão eminente. Toda Varsóvia não fala em outra coisa além dele. O Sr. O... conta-nos várias coisas muito interessantes; ele fica entusiasmado falando e eu escutando-o.

Então, em um momento de silêncio, eu digo: “Senhor, hoje eu perdi um broche. Pode me dizer algo sobre isso? Em qualquer caso, se o Sr. está cansado ou isso o incomoda, não se preocupe.” “Pelo contrário, senhora, vou dizer-lhe: o broche está em sua casa, numa caixa. É feito de metal, redondo, com uma pedra no meio. A Sra. usou-o há três dias; é precioso para a Sra.” “Não – disse eu, “não é isso.”

(Deve-se dizer que o Sr. O... deu uma excelente descrição de um broche que estava na mesma caixa, com aquele que eu tinha perdido.) “Então – replicou – “sinto muito não ter adivinhado; sinto-me cansado.”

“Tudo bem, senhor, não se fale mais nisso.” “Oh, não, senhora; Vou tentar me concentrar. Eu gostaria de ter algo material sobre o broche.” “Senhor, o broche estava preso aqui, neste traje.” O Sr. O... coloca os dedos no local indicado e depois de alguns segundos diz: “Sim, vejo-o bem. É oval, dourado, muito leve; é um broche antigo que a Sra. aprecia como lembrança de família; eu poderia desenhá-lo: tão claramente o vejo. Tem algo assim como umas orelhas, é composto por duas partes; uma entra na outra como se fossem dedos entrelaçados ...” “Mas o que o senhor diz é extraordinário, senhor! Não pode ser descrito melhor; é justamente como dedos entrelaçados! É milagroso!” Depois o Sr. O... diz:

“Eu estou vendo; a Sra. o perdeu muito longe daqui (estava, de fato, a quatro quilômetros de distância). Sim, na rua Mokotowska, na esquina da rua Koszykowa.” “Pois é, sim”, exclamei, “eu fui lá hoje.” “Além disso”,

respondeu ele, “um homem de bigode preto, vestido modestamente, inclina-se e pega-o. Vai ser muito difícil recuperá-lo. Experimente colocar anúncios nos jornais.”

Eu estava atordoada com essa descrição minuciosa, que não deixava dúvidas de que aquele homem estava vendo o broche diante dos seus olhos. Agradeci com entusiasmo pela rara alegria de ver um verdadeiro clarividente e fui embora.

No dia seguinte, à tarde, meu irmão vem à minha casa e exclama: “Milagre, milagre! O broche foi encontrado. O Sr. O... telefonou que você só precisa ir amanhã, às cinco horas, para a casa da generala Jacyna (irmã do Sr. O...), e o Sr. O... irá entregá-lo a você.”

No dia seguinte, 7 de junho, fui com meu irmão à casa da Sra. Jacyna, onde encontramos muita gente. Eu pergunto ao Sr. O...: “E o broche, está com o Sr.?” Eu estava extremamente transtornada. “Fique calma, senhora; vamos vê-lo.” E ele me entrega meu broche. Era um verdadeiro milagre. Fiquei pálida e por uns instantes perdi o uso da palavra!

“Diga-me, senhor, como o encontrou?” — perguntei emocionada. Todos, ouvindo isso, ficaram fortemente impressionados.

O Sr. O... contou o caso de forma muito simples:

“No dia seguinte ao nosso encontro, vou ao Banco de manhã. No saguão, observo um homem que me lembro de ter visto em algum lugar, e imediatamente lembro que este é precisamente o homem que eu vi, em minhas ideias, e que recolhia seu broche, senhora.

Eu gentilmente pego sua mão e digo a ele:” “Senhor, você encontrou um broche ontem na esquina das ruas Mokotowska e Koszykowa.” “Sim” - disse ele espantado. “Onde está?” “Em casa; mas como você sabe?” “Dei a ele a descrição do broche e contei o que havia acontecido. Ele ficou pálido e transtornado como aconteceu com a senhora. Ele me trouxe o broche, cujo achado ia anunciar nos jornais. Isso é tudo, senhora.”

Eu estava comovida. Agradeci ao Sr. O... com exaltação, não por ter encontrado o broche, mas por me dar ocasião de conhecer um vidente e, por assim dizer, por ter uma pequena participação em tal milagre.

Agora, este broche antigo e lindo eu o carrego sempre comigo e trato-o como meu talismã.

O incidente do broche espalhou-se pela Polônia inteira e o Sr. O... tornou-se ainda mais famoso. Ele vê-se completamente assediado por uma

nuvem de pessoas que desejam consultá-lo, pedir sua opinião sobre coisas perdidas, sobre homens perdidos na guerra, etc., etc. E este homem, tão modesto e tão extraordinário, investe seu tempo e se sobrecarrega de trabalho com tanto prazer e com tão completo desinteresse! Ele é um verdadeiro vidente, que faz muito bem com o seu talento, sem qualquer lucro pessoal. Peço- lhe desculpas, senhor, por este relato, talvez um pouco prolongado; no entanto, eu queria torná-lo o mais exato possível.

Não se zangue comigo por causa da minha linguagem defeituosa.

Receba, senhor, a garantia da minha mais alta estima.

Aline de Glass, nascida de Bondy.

(Esposa do Juiz do Supremo Tribunal da Polônia.)

Visto e aprovado: Arthur de Bondy.

Engenheiro.

O Sr. Ossowiecki escreveu-nos uma carta confirmando ponto por ponto o depoimento da Sra. de Glass e do Sr. Arthur de Bondy.

Ele declara que não conhecia o homem que tinha encontrado o broche, que nunca o tinha visto antes, e o identificou apenas por sua visão na sessão com a Sra. de Glass.

ALGUNS PONTOS DE APOIO À INTERPRETAÇÃO [23]

Para tentar entender o dom do Sr. O... é essencial termos em mente todas as variedades de sua clarividência e levarmos em consideração todos os fatos.

Do estudo que fizemos em nossas três séries de experiências, resultam as seguintes verificações:

Verificações positivas - 1º. O Sr. O... pode facilmente conhecer o conteúdo de uma carta fechada, inacessível às vias sensoriais normais. A lucidez parece a mesma, qualquer que seja o obstáculo oposto às vias sensoriais.

Ela é igualmente exercida através de uma espessa camada de

[23] Dou aqui, mais ou menos, minhas impressões sucessivas a continuação das experiências.

chumbo (três centímetros), através de várias dobras de papel opaco, como através de um simples envelope. A natureza do obstáculo, portanto, parece ter pouca importância. Se bem o Sr. O... precisou trabalhar duas vezes para revelar o documento guardado no tubo de chumbo, ele teve exatamente a mesma dificuldade em "ler" as cartas simples da Sra. de Noailles.

2°. O Sr. O... toma conhecimento com igual facilidade dos documentos preparados longe dele do que daqueles preparados na sua presença.

3°. Não tem importância para a lucidez do Sr. O... que as pessoas presentes conheçam ou ignorem o conteúdo dos documentos lacrados que lhes são apresentados.

4°. Em certos casos, como os referidos pelo Professor Richet, a lucidez do Sr. O... parece dar mais a ele a noção do grafismo, do que o conhecimento da ideia do documento. Em outros casos, parece especializado na ideia, fora do grafismo, como aconteceu na experiência do desenho de um peixe.

5°. A lucidez do Sr. O... funciona não só com um documento escrito e oculto, mas com qualquer objeto (psicometria). Às vezes, ela se manifesta sem intermediação material (descoberta de objetos perdidos).

Verificações negativas. - Em relação aos documentos lacrados, o Sr. O... é incapaz de conhecer aqueles que estão impressos ou datilografados. Essa restrição é muito curiosa e difícil de explicar, dada a força "psicométrica" acionada nos demais casos.

Talvez seja simplesmente algum tipo de hábito adquirido pelo Sr. O...

Seria possível sentarmos a hipótese de que todo impresso percebido por ele no sucessivo “inibe” suas faculdades de vidência pelo fato de que ele já teve em alguma ocasião um fracasso em alguma tentativa feita com um impresso?

A partir dessas verificações, o que podemos dizer em conclusão?

Em primeiro lugar, elas permitem descartar definitivamente na interpretação da lucidez do senhor O... as hipóteses de leitura do

pensamento e de telepatia. O professor Richet em seu último artigo, nós no nº. 8 da Revue Métapsychique de 1921, afirmamos que eram insustentáveis. Se o leitor quiser ler a descrição dessas experiências, certamente julgará que a questão está resolvida e bem resolvida.

Trata-se de um simples conhecimento do grafismo por uma hiperestesia sensorial formidável, provavelmente tátil, como o professor Richet é levado a acreditar?

De minha parte, eu não poderia aceitar essa hipótese. A experiência do tubo de chumbo, os fenômenos de psicometria, não podem ser explicados assim. Em qualquer caso, a hipótese seria aplicável apenas a algumas experiências. Agora, está claro que uma explicação que não é geral não é uma verdadeira explicação.

É melhor confessarmos a nossa atual impotência para entender o mecanismo da lucidez.

Nós, de nossa parte, queríamos conhecer a opinião e a impressões do próprio Sr. Ossowiecki.

Eis aqui a muito interessante auto-observação que ele nos enviou:

"...Vou tentar responder à pergunta que o Sr. me faz:

"Quais são as impressões que experimento durante a leitura das cartas fechadas?"

Parece-me que a suposição do Professor Richet não é absolutamente suficiente. É possível que, sem o perceber, eu seja influenciado por uma espécie de hiperestesia; mas certamente há algo mais. Eis o que acontece em mim:

"Começo por interromper o processo de raciocínio e lanço-me com toda a minha força interior no lado das sensações espirituais. Afirmo que esta condição é causada por minha fé inabalável na Unidade do espírito de toda a humanidade. Encontro-me então, em um estado novo, especial, no qual vejo e ouço inteiramente fora do tempo e do espaço.

"Já me aconteceu, como o Sr. sabe, encontrar por clarividência alguns objetos perdidos. Tal evento ocorreu há quinze dias. (O relato

disso será enviado ao Sr.).[24]

"Que eu leia uma carta fechada, que encontre um objeto perdido ou que faça «psicometria», as sensações são quase as mesmas; eu aparentemente perco uma certa energia; a temperatura torna-se febril e os batimentos cardíacos irregulares. O que confirma essa suposição é que, assim que paro de raciocinar, há fluidos elétricos que fluem por minhas extremidades por alguns momentos.

"Isso dura um instante; então uma verdadeira lucidez apodera-se de mim, surgem cenas, mais frequentemente do passado, vejo o homem que escreveu a carta e sei o que escreveu. Eu vejo o objeto no momento em que ele é perdido, com os detalhes de como isso ocorreu; ou percebo, sinto, a história de qualquer objeto que tenho nas mãos. A visão é nebulosa e exige uma grande tensão. Grandes esforços são necessários para perceber certas condições e detalhes das cenas.

"O estado de lucidez às vezes é evocado em alguns momentos, e, outras vezes, pode se fazer esperar por horas. Isso depende em grande parte do ambiente; descrença, ceticismo ou atenção muito focada na minha pessoa paralisam a rapidez do sucesso da leitura ou da sensação. Quando você assistia à minha sessão no Instituto Metapsíquico de Varsóvia, estou certo de que a facilidade e rapidez com que li as duas cartas deveram-se à harmonia geral e à disposição de ânimo simpático das pessoas presentes que me favoreciam.

"Eis aqui, caro doutor, tudo o que fui capaz de analisar, sobre o fenômeno, durante minhas experiências, sobre mim mesmo. Você tem observado que às vezes cometo erros. Portanto, ainda estou longe da perfeição; mas espero chegar lá um dia. Acredite: tudo o que digo aqui é o resultado de um raciocínio maduro em união do espírito e o coração.

"Possa isto, caro amigo, guiá-lo em sua obra. Ela abre a grande trilha do futuro. Receba a expressão da minha mais afetuosa amizade.

Stephan Ossowiecki."

---

[24] É o caso da Sra. de Glass, acima referido.

Esta auto-observação é preciosa. Ela nos confirma em nossa opinião de que a lucidez é totalmente independente de capacidades sensoriais, assim como escapa a todos os modos de raciocínio.

Acontece com a lucidez como com todas as faculdades metapsíquicas. *Não poderia ser agrupada entre os processos fisiológicos da inteligência consciente.* Está fora e por cima de todas as contingências orgânicas. Não tem nada a ver com o funcionamento dos neurônios cerebrais.

Por outro lado, por sua potência maravilhosa, que a coloca como diz o Sr. Ossowiecki, verdadeiramente fora do tempo e do espaço, a lucidez nos aparece como uma espécie de faculdade divina, como um reflexo ou selo da divindade incluído em todo ser vivo.

Sem dúvida, será objetado que esta faculdade divina, se faculdade divina há, é praticamente inútil, pois escapa, com raríssimas exceções, à nossa vontade consciente; que deveria, por outro lado, manifestar-se por uma atividade mais transcendente do que a adivinhação de cartas fechadas ou a descoberta de objetos perdidos.

Daremos uma resposta dupla a esta objeção:

1°. Pouco importa que a lucidez seja, no estado atual da evolução, exclusivamente subconsciente e manifestada apenas de maneira acidental.

Não é sua importância prática que devemos considerar; é sua importância filosófica. Pois bem, essa importância filosófica é, certamente, sem igual. A lucidez, como as demais faculdades metapsíquicas, dá-nos uma nova noção sobre a verdadeira natureza do ser vivo, *totalmente contrária ao que a psicofisiologia clássica nos ensinou.* Ela prova que o indivíduo é outra coisa, não apenas um organismo.

Também não podemos deduzir, do fato de que a lucidez é subconsciente no atual período de evolução, que sempre vai ser assim. Tudo parece indicar, ao contrário, que ela é chamada a se tornar consciente nas fases evolutivas superiores.

2º. Se a lucidez não se manifesta na vida normal, a não ser em

certos raros sujeitos particularmente dotados, ela deve, em realidade, pertencer em estado potencial a todos os seres.

Parece que as grandes descobertas, as grandes invenções, as grandes ideias nascem, principalmente, de um ato de intuição lúcida.

O raciocínio e a experiência entram em jogo apenas para utilizar, para verificar e comprovar ou, em certos casos, para iniciar o processo de clarividência.

Isso não é tudo: a lucidez não é privilégio do homem. Ela se encontra, talvez mais maravilhosa ainda, no instinto dos animais e até mesmo nos animais menos evoluídos intelectualmente, como os insetos.

Em suma, a lucidez desempenha um papel provável na gênese das principais espécies animais e dos principais instintos.

Parece que existe, na origem dessas espécies e esses instintos, algo assim como um ato primordial de lucidez.

Não insisto nessas várias proposições que me esforcei em demonstrar no *Do Inconsciente ao Consciente*.

Se essas proposições são verdadeiras, a lucidez não é mais uma simples curiosidade metapsíquica.

Pelo contrário, aparece como um dos fatores mais importantes da progressão humana e uma das rodas essenciais da Evolução.

O Professor Richet respondeu a este artigo da seguinte forma:

“A hipótese de hiperestesia tátil, contra a qual se têm pronunciado por um lado por Geley e por outro o próprio Ossowiecki, de forma alguma foi exposta por mim com convicção. Foi só por não ter outra melhor para propor. Como Geley e Ossowiecki, essa hipótese (de trabalho) parece-me terrivelmente insuficiente.

Mas, no entanto, para começar, uma de nossas sensibilidades normais deve ser comparada àquela sensibilidade especial e misteriosa que permite a Ossowiecki ler o grafismo e às vezes o significado de uma escrita fechada em um envelope. Com efeito, uma comoção da nossa inteligência que chega ao conhecimento da realidade, supõe necessariamente uma força externa e uma vibração

que atua sobre ela.

Não há efeito sem causa. Se nada viesse comover nossa sensibilidade, nossa sensibilidade não seria comovida. Isso é da maior obviedade. Eis, então, a minha primeira proposição, que é indiscutível. Existem vibrações externas, de natureza desconhecida, que entram em contato com a nossa inteligência. Como essa vibração externa atinge nossa inteligência? Isso é o difícil, ou melhor, o impossível de saber, no estado embrionário da ciência metapsíquica.

Pareceu-me provisoriamente mais prudente, não imaginar uma sensibilidade nova, cujos órgãos receptores e transmissores seriam totalmente desconhecidos, mas relacionar esta extraordinária sensibilidade a uma das sensibilidades de nosso organismo animal.

A psicofisiologia clássica, que seria insensato não ter em consideração, ensina que o conhecimento do mundo exterior chega até nós por cinco vias diferentes: o nervo óptico (para a visão), o nervo auditivo (para a audição), o nervo olfatório (para o olfato), os nervos do paladar (para o gosto), os nervos periféricos da pele e mesmo das vísceras (para o sentido tátil). Antes de inventar outras sensibilidades fantásticas, é preciso averiguar se aquelas dariam alguma indicação.

Pois bem, quando Ossowiecki trabalha, entende-se logo que não é pela vista, nem pela audição, nem pelo olfato, nem pelo paladar que ele tem alguma noção da carta que lhe é dada para decifrar.

Indica seu grafismo ao invés do significado; ou, para dizer melhor, ele tem em parte compreensão do significado e em parte conhecimento do grafismo.

Como se chega a isso? Não é ouvindo, olfateando ou olhando: é apalpando e amassando febrilmente o objeto que lhe foi dado.

Tudo acontece como se a noção do conteúdo da carta chegasse à sua consciência por meio de uma espécie de sensibilidade tátil. Acaso seja apenas uma aparência. Mas essa aparência não pode ser negada.

Por outro lado, vamos nos entender sobre esta expressão: sensibilidade tátil. É tão diferente da sensibilidade tátil conhecida, que é uma sensibilidade verdadeiramente nova.

A sensibilidade tátil realmente aumentou, não na proporção de 1 a 100, mas de 1 a 100.000 e até mais.

Em desespero é como eu fiz essa hipótese de uma hiperestesia tátil formidavelmente aumentada. No entanto, ela se apoia não apenas nos gestos, mas também nas palavras de Ossowiecki *(Revue Métapsychique, 1922, p. 251)*. Para descrever um broche que se perdeu, ele diz, com efeito: Eu gostaria de ter algo material a respeito do broche. E então ele coloca os dedos sobre o local do traje onde o broche esteve preso.

Por outro lado, a experiência de Geley, que consiste em colocar uma carta um em tubo de chumbo, o qual não impede de ser decifrada por Ossowiecki, não é de forma alguma incompatível com a hipótese de hiperestesia; porque se o toque já é prodigioso o suficiente para perceber o grafismo de uma carta através de um envelope, não há qualquer razão séria para supor que, se o envelope fosse mais grosso, feito de metal em vez de papel, a estesia seria suprimida.

Geley diz, um tanto temerariamente: "Esta faculdade não tem nada a ver com o funcionamento dos neurônios do cérebro." Mas eu não posso aceitar essa negação. Em vez de procurar uma faculdade divina (desta palavra, divina, não entendo em absoluto o sentido), prefiro ver nela uma faculdade de nosso organismo nervoso.

Pouco importa que suas modalidades sejam absolutamente desconhecidas para mim. Eu observo que parece chegar à consciência pelo sentido do tato.

Portanto, parece-me sensato, em vez de admitir uma função nova, conceder às funções conhecidas uma extensão prodigiosa.

Em qualquer caso, o tempo para a teoria ainda não está maduro. É preciso nos limitarmos aos fatos. Estes são bastante brilhantes e surpreendentes para nos consolar de não apresentar alguma teoria frágil e indefensível.

Ch. Richet”

V. — Quarta série de experiências. (Paris, 1823.)

Durante uma curta estadia do Sr. Ossowiecki em Paris, na primavera de 1923, meus colaboradores e eu queríamos tentar uma nova série de experiências.

O estado de cansaço do Sr. Ossowiecki, que estava na França para uma cura de repouso, não nos permitiu fazer experiências sistemáticas.

No entanto, algumas sessões improvisadas deram-nos resultados interessantes e preciosos para a interpretação.

Nosso amigo, o Dr. Stephan Chauvet, que liderou a parte principal dessas sessões, teve a gentileza de publicar, no *Revue Métapsychique*, a ata a seguir. Eu a reproduzo na íntegra.

Em Varsóvia, no mês de setembro, por ocasião do II Congresso de Investigações Psíquicas, o Sr. Ossowiecki produziu uma experiência sensacional, cuja história relatarei depois.

RELATÓRIO DO DR. STEPHAN CHAUVET
Clarividência. Leitura de pensamentos.

Não esperem encontrar aqui um relato de todas as experiências de Stephan Ossowiecki, ou um estudo sobre este homem desconcertante, nem, enfim, um trabalho de conjunto sobre clarividência.

Publiquei muito recentemente no *La Vie*[25] e no *Le Mercure de France*[26] algumas notas biográficas sobre este ilustre engenheiro polonês e uma exposição de alguns conceitos pessoais — certamente hipotéticos — sobre a clarividência.

Por outro lado, em uma série de números, a Revue Métapsychique deu a descrição das experiências feitas em Varsóvia pelo Professor Richet e o Dr. Geley, o marechal Pildzuski, chefe do

---

[25] *La Vie*, 1.º sep. 1923; « Les possibilités mystérieuses de l'étre humain ».
[26] *Le Mercure de France*, 1 out. 1923; « Le merveilleux humain ».

Estado polonês, a Sra. de Glass, etc.

Por último, o número atual da Revue publica os resultados notáveis obtidos no recente Congresso Internacional de Metapsíquica.

Vou, portanto, limitar-me a publicar, com a autorização de Stephan Ossowiecki[27], e a pedido do Dr. G. Geley, a narração pura e simples, sem qualquer interpretação, das experiências ocorridas no Instituto Metapsíquico Internacional, em junho passado, durante uma viagem de alguns dias do famoso médium polonês.

a) EXPERIÊNCIAS DE 12 DE JUNHO DE 1923

Recebi naquele dia, às cinco horas da tarde, uma carta do Dr. G. Geley, informando-me que Stephan Ossowiecki acabava de chegar inesperadamente e ia passar alguns instantes no Instituto, naquela mesma noite, e pedindo para que eu fosse lá, se pudesse. No momento em que a carta foi entregue a mim, estava em consulta, em meu gabinete, a esposa de um colega.[28] Contudo; como estava sofrendo muito naquela tarde (como tantas vezes, infelizmente!), por consequência de um ferimento de guerra, meu primeiro pensamento, ainda ao telefone, foi pedir que me desculpassem. Depois, refletindo que aquela era uma ocasião, para mim única, de ver aquele médium prodigioso e esperando que, com a ajuda de uma dose adicional de aspirina, talvez conseguisse alívio suficiente, mudei de ideia e decidi esperar. Um pouco mais tarde, pensando que no decorrer do encontro pudesse surgir uma ocasião de experiência, resolvi preparar um documento nesse sentido.

Então, após a consulta, pedi à cliente, a quem eu havia exposto a situação, que me fizesse o favor — fora da minha presença e sem me

---

[27] O Sr. S. Ossowiecki, até agora, não quis lançar a público a história de sua vida. Ele recentemente (e de modo espontâneo) decidiu mudar de ideia (exclusivamente para servir à causa da metapsíquica) e teve a bondade de reservar para mim a publicação de suas memórias, isso será feito em breve. (Nota do Dr. Chauvet.)

[28] Todos os detalhes que vou indicar são necessários para apreciar os acontecimentos ulteriores.

revelar nada depois — de escrever algumas linhas em uma folha de papel, embrulhando-a depois em uma folha de estanho, que fui buscar, depois colocar tudo isso em um envelope de cartões de visita e, por último, fechá-lo com lacre e um selo que coloquei ao seu alcance. Então, deixei meu gabinete e não voltei até que tudo estava acabado. Quando me deu o pacotinho, minha cliente me explicou que não viu a tempo, por inadvertência, o selo que eu havia preparado, e que teve a ideia de impressionar os dois lacres colocados por ela no envelope com o anverso de uma moeda francesa de um franco.

Agradeci e ela se retirou. Acrescentarei, com antecedência, que mais tarde soube, por ela mesma, que ela havia tentado encontrar, para escrevê-lo no papel, um pensamento de ordem geral, impessoal, e que finalmente decidiu escolher uma máxima em um livro de pensamentos, de Epiteto, que estava na minha mesa de escritório entre alguns livros de medicina, dois de pré-história e enfim, outros cinco sobre os povos Moi, a arte elamita, os hititas, os incas e, por último, as explorações do Lago Chade. Vendo a pequena embalagem feita pela minha cliente, fiquei aborrecido com a aparência um tanto vulgar daqueles selos de "ocasião".

Decidi, portanto, cobrir ambos com uma nova camada de lacre e impressionei-a com um selo neobabilônico que representava um sacerdote caldeu em adoração à lua (Sin) e as maças sagradas.

Insisto no fato de a nova camada de lacre cobrir totalmente os selos anteriores, a ponto de ser impossível verificar que havia duas aplicações sucessivas.

Feito isso, deitei-me por três horas para tentar obter algum alívio das minhas dores.

Por volta das oito horas da noite fui ao Instituto sofrendo ainda muito, mas não permitindo que isso se exteriorizasse, devido a uma antiga preparação... não consentida livremente.

Quando cheguei ao Instituto, já havia uma dúzia pessoas reunidas e aconteceu que eu não fui apresentado a Stephan Ossowiecki.

Esperando por outras pessoas, estávamos reunidos em torno de

uma grande mesa. O Sr. Ossowiecki estava sentado em um extremo, tendo à sua direita uma senhora que eu não conhecia. Eu estava sentado no extremo oposto. As conversas em pequenos grupos logo começaram. De minha parte, tendo a sorte de estar ao lado do professor Vallée, tive uma conversa bastante animada com ele. Alguns instantes depois, como vieram nos avisar que todos os convidados esperados estavam reunidos no andar de baixo, todos se levantaram e as pessoas presentes saíram pela porta situada junto à cabeceira da mesa onde Stephan Ossowiecki estava sentado.

Agora, em vez de passar pela porta antes de todo o mundo, como lhe havia sido pedido, ele ficou ao lado dela — apesar dos repetidos pedidos — parecendo querer encerrar a marcha.

Precisamente, devido à nossa situação, o professor Vallée e eu fomos os últimos em sair. Qual não foi o meu espanto, no momento de me aproximar da porta de saída, ao ver o Sr. Ossowiecki, muito agitado, aproximar-se vivamente de mim, pegar no meu braço e dizer-me: “Senhor, não o conheço e não sei qualquer coisa sobre você. Mas desde o início da recepção eu o vi e senti-me violentamente atraído por você. Não posso dizer o que senti. Várias vezes perguntei aos cavalheiros ao meu lado sobre você, mas eles não o conheciam. Então, de repente, li em seus pensamentos e percebi toda sua inteligência, toda sua alma, toda sua vida” (aqui algumas considerações sobre o valor intelectual e ético de minha personalidade que não têm interesse).

“Assim, tenho imensa simpatia intelectual e moral por você. Tudo lhe interessa, você trabalha de forma exagerada. Você está perseguindo um objeto há muitos anos; você o teria alcançado e teria chegado muito alto, mas sua vida foi quebrada do ponto de vista da saúde. Você sofre muito, sem cessar, há muito tempo, e luta com energia feroz.

Há pouco, enquanto você falava, percebi que você estava com fortes dores, embora isso não tenha aparecido ao exterior. Não há que se sobrecarregar de trabalho como você faz, porque isso desgasta sua saúde. Apesar de sua vida tão dolorosa, apesar do atraso causado por

sua saúde, você chegará a realizar seu destino; mas não deve se matar como você faz. Acho que sua saúde pode melhorar. Quero ajudá-lo com isso. Eu percebo o que você tem; deixe-me tocar sua cabeça; vou dizer-lhe o que lhe aconteceu e onde dói tanto." Com a minha aquiescência, o Sr. Ossowiecki tocou minha cabeça com as duas mãos e sentiu particularmente a região do pescoço e a occipital; isso diante de várias pessoas que haviam voltado e formado um círculo ao nosso redor. O Sr. Ossowiecki estava nervoso; suas mãos tremiam, seu olhar se perdia em uma remota imprecisão. Muito rapidamente pronunciou: "Aqui está, estou vendo o que você tem. Você foi ferido na guerra por um casco de granada; esteve às portas da morte, espere, espere; vou dizer-lhe onde você foi ferido; aqui, no pescoço, e você sofre muito aí; há muito congestionamento e espessura nesse local. É aí onde se deve operar, aí." E ele indicou a baixa região occipital.

Confesso que fiquei paralisado, deixando à parte, com efeito, as avaliações do Sr. S. Ossowiecki sobre a qualidade da minha psique e suas previsões: tudo o que ele acabara de me dizer era rigorosamente exato.

Agora, o Sr. Ossowiecki não me conhecia, nem tinha ouvido falar de mim; ele nem sabia que iria se encontrar comigo naquela noite; ninguém o documentou sobre mim (imediatamente fiz uma minuciosa investigação); em suma, não podia ser guiado por uma cicatriz visível, pois fui ferido por um casco de granada que penetrara muito pouco, atuando apenas por efeito do impacto, restando atualmente apenas uma cicatriz bem pequena, de resto escondida pela gola da camisa. Por outro lado, fiquei sabendo, ao interrogar sua companheira da direita alguns minutos depois, que o Sr. Ossowiecki havia perguntado a ela, assim como ao seu vizinho do outro lado, quem eu era e que ela não tinha podido informar ele; ela também me disse que a partir daquele momento o Sr. S. Ossowiecki não parava mais de me olhar[29], de falar com ela sobre mim, de dizer que eu sofria muito, que ele "conhecia

[29] Já disse que estando muito interessado no Professor Vallée, eu não olhava na direção do Sr. S. Ossowiecki. Então, eu não percebi que ele estava olhando para mim sem parar.

todo o meu cérebro", que ele queria me conhecer e etc. Por isso foi que ele parou na porta e esperou por mim.

Aconteceu que quando o Sr. Ossowiecki estava me expondo o que mencionei acima, o Dr. Geley veio dizer-lhe que todas as pessoas estavam reunidas no andar de baixo e que o esperavam impacientemente.

Mas o Sr. S. Ossowiecki, muito agitado, não quis prestar atenção e respondeu: “Não, não; deixe-me um momento. Tenho grande simpatia por este homem e quero primeiro ter uma experiência com ele.”

Outras pessoas, incluindo a gentil e muito distinta Sra. Ossowiecka, insistiram depois, sem melhor resultado. Bruscamente o Sr. S. Ossowiecki disse-me: "Dê-me o seu cartão." Eu dei-o a ele, ele o leu, depois o devolveu a mim dizendo: “Pegue-o, esfregue-o bastante com suas mãos; muito bem, agora vá para a sala imediata e faça um desenho neste cartão. Aí você vai colocá-lo em um envelope, vai fechá-lo e depois vai me chamar. Eu fico aqui.”

Eu, por conseguinte, fui para uma sala próxima, onde havia um serviçal, a quem pedi um envelope. Então fiquei sozinho e comecei a traçar um desenho rápido. Infelizmente, é fato verdadeiro que a gente nunca está tão vazia de ideias como quando precisa escrever instantaneamente qualquer dedicatória ou, mais simplesmente, encontrar uma frase para testar uma caneta-tinteiro, por exemplo. Além disso, eu ouvia do outro lado da porta que acabava de fechar, o Sr. Ossowiecki gritando para mim: “Ande logo, doutor, ande logo; eles vêm me buscar; pedem para eu descer; faça uma coisa qualquer, pois é uma experiência privada entre nós dois.” E dois segundos depois, ele voltou: “Termine; adicione uma frase pessoal ao desenho.” Com pressa, sem tempo para refletir, constantemente atormentado, eu estava atordoado; tanto que tudo aquilo que o Sr. Ossowiecki me falava, só conseguia me distrair a cada passo. Pensei primeiro em desenhar um barco, para ter um desenho simples, característico e fácil de reproduzir para o caso do Sr. Ossowiecki não ser muito hábil no manejo do lápis.

Com efeito, nada pior (do ponto de vista experimental) do que

traçar um desenho (uma casa, por exemplo) que não é característico senão em razão dos traços particularidades que lhe são colocados. Dadas as dificuldades que os artistas em geral, mesmo os profissionais, têm em captar o parecido de uma pessoa que, no entanto, têm a possibilidade de verem de perto e como desejarem, como querer que um médium clarividente, mesmo dotado de dons ricos e poderosos, possa perceber detalhes muito pequenos da fisionomia, depois reproduzi-los, principalmente se não se sabe desenhar? A dificuldade é tanto mais insuperável quanto que, em geral, pessoas que para uma experiência buscam um desenho difícil e colocam toda sua habilidade em um assunto mal escolhido (uma cabeça, por exemplo, ou um desenho de mecânica que só é inteligível para um engenheiro) etc.), sendo que elas próprias não sabem desenhar!

No instante em que eu ia desenhar um navio, o Sr. S. Ossowiecki gritou para mim: "Faça um desenho pessoal, algo que tenha a ver com você". Eu estava mais confuso ainda, buscando (tudo isso desenrolava-se em poucos segundos), quando minhas dores foram bruscamente acentuadas. Esse paroxismo provocou um abatimento temporário em minha energia latente e engendrou uma cadeia de ideias subconscientes que fez surgir o pensamento de traçar uma cruz. Sem dúvida, o meu subconsciente tinha raciocinado assim: “É verdadeiramente esmagador sofrer sempre e, principalmente, não poder fazer o que decidi fazer ou o que me interessa. São perpétuos desapontamentos e perpétuas dores; isso não é vida; isso é um calvário.” E a ideia da cruz apareceu na superfície da minha consciência. Comecei a desenhá-la; mas em vez de fazer uma cruz de braços plenos, fiz uma com o montante vertical e os braços perfurados. Terminei o desenho pelos braços horizontais. Além disso, em vez de desenhar os dois braços um de cada lado do montante vertical, fiz com que este fosse atravessado pelas duas linhas, superior e inferior, dos dois braços (ver grav. III, fig. 13). Como desenho, era uma heresia: decidi-me, no entanto, para acrescentar um pouco mais

de dificuldade à experiência. Eu estava terminando este desenho, traçado às pressas, quando o Sr. Ossowiecki gritou para mim: “Acrescente uma frase pessoal, depressa, acabe; qualquer coisa, termine logo.” As mesmas associações de ideias expressas anteriormente sugeriram-me a seguinte frase, que podia servir de título para meu desenho: Minha vida.

Eu gostaria de ter encontrado outra; mas as urgências para com o Sr. Ossowiecki continuaram; devia ser feito bem depressa (tão depressa que escrevi aquele pensamento de forma ilegível), e então disse a mim mesmo que afinal isso não era importante, pois era apenas uma experiência estritamente pessoal e ficaria entre o Sr. Ossowiecki e eu. Coloquei meu cartão em um envelope cuja opacidade perfeita, verifiquei e fechei-o.

Naquele momento, o Sr. Ossowiecki, avisado por mim, entrou no quarto e pediu linha e uma agulha. Quando trouxeram, enfiou a linha na agulha, deu um nó na linha e, sem dizer o que ia fazer, atravessou o envelope de um lado a outro com a agulha até cinco ou seis vezes.

Ora, qual foi o meu espanto acompanhando os seus movimentos e as idas e vindas do fio, e vendo que o fio preto repetia no envelope (e vazada, como no meu desenho) a haste vertical da cruz, depois o braço direito, depois a linha superior do braço esquerdo. Então eu me perguntava se o Sr. Ossowiecki já tinha visto o desenho e queria reproduzi-lo com a linha preta. Mas quando chegou ao final do braço esquerdo da cruz, o fio, em vez de atingir o montante vertical horizontalmente (terminando assim a cruz), foi encontrar a extremidade inferior do montante vertical. Nada opino sobre estas primeiras verificações, já um tanto desconcertantes, porque é bastante curioso em si mesmo que, involuntariamente e quando ainda não se preparava para ler, o Sr. Ossowiecki quase completamente e sem se dar conta, fez o desenho da experiência como se seu inconsciente já soubesse de alguma coisa e tivesse guiado sua mão. Naquele momento, o Sr. Ossowiecki pegou o envelope na mão direita, levou-a às costas e começou a andar de um lado para o outro na sala numa espécie de agitação, as feições contraídas e o olhar distante.

Muito rápido ele me disse: “Começo a ver; isso vai dar certo; rápido rápido.” Mas quando pronunciava essas palavras, vieram novamente suplicar-lhe que descesse onde os convidados estavam. Ele respondeu primeiro: “Mas, se eu estou fazendo uma experiência com o doutor; é apenas um instante; deixe-me.” Em seguida, concordou em descer, entregando-me primeiro o envelope, em vista de que era objetado: “Venha, estão à sua espera; mais tarde poderá acabar essa experiência com o doutor. Venha só um instante.”

No salão do Instituto ele foi apresentado a inúmeras pessoas, e respondeu muito amavelmente a todo o mundo. Mas, na realidade, e isso era visível, estava "ausente". Momentos depois, o Dr. Geley apresentou-o a Marcel Prévost, que segurava na mão uma sacolinha misteriosa, e pediu-lhe que fizesse o favor de tentar um experimento com um dos documentos contidos na sacolinha, mas o Sr. S. Ossowiecki recusou-se naquela hora e também depois, de sorte que a sacolinha guardou sempre o seu segredo.

De passagem, é de se notar um aspecto bastante curioso deste mutável médium. Quando ele se sente cansado, ou simplesmente quando não está de bom humor (nesse sentido, ele é influenciado, ao extremo, pela impressão que certas pessoas lhe causam), ou, por último, quando quer fazer uma experiência com alguma pessoa presente, e mais ainda, quando já começou a obter resultados positivos com essa pessoa e sente que não esgotou tudo o que ela pode produzir-lhe, não é possível se tentar nada com este homem extremamente gentil (e que trata, no entanto, de fazer um favor ou agradar a todo o mundo) para fazê-lo mudar de ideia e decidi-lo a tentar uma experiência com outra pessoa. Foi assim como no decorrer de outra reunião que contarei mais tarde, ele "aderiu" durante toda a sessão a um único convidado, o Sr. d'Anglars, e não quis experimentar com mais ninguém.

Assim, aos amáveis pedidos do Dr. G. Geley o Sr. Ossowiecki respondeu que primeiro queria fazer a experiência comigo. Com efeito, ele de repente se eclipsou após acenar para mim e foi para

outra sala. Temendo que essa experiência fosse a única da noite, o Dr. G. Geley me pediu para permitir que várias pessoas assistissem. Isso me incomodou um pouco, porque meu desenho e minha escrita eram feitos para um ensaio estritamente pessoal, e não para uma experiência oficial. Não obstante, o Sr. Ossowiecki estava impaciente por chegar a um resultado e não queria que eu perdesse tempo em mudar o documento. Por outro lado, refleti que não tinha o direito de privar daquela experiência a causa científica que nos interessava, se resultasse positiva, sob o pretexto de que se tratava de fatos pessoais que eu não desejava divulgar. Portanto, resignei-me e aceitei a exigência do Dr. Geley. De resto, confesso que tinha uma esperança.

Estava eu, de fato, persuadido, ou quase persuadido, de que o Sr. Ossowiecki não poderia ver o que eu havia traçado! Uma vez de acordo nisso, o Sr. S. Ossowiecki não queria um público numeroso; no início, ele aceitou apenas o professor Vallée; depois, o Dr. Osty. Ele ficara muito intimidado quando chegou ao salão pela afluência de convidados, afluência que não esperava.

Ainda sob os efeitos dessa emoção, ele não se sentia confortável e queria poucas pessoas com ele. Portanto, foi preciso insistir para que o Sr. Prévost pudesse ser um de nós, enquanto ele próprio reclamava a presença do Dr. G. Geley.

Quando essas idas e vindas, que deprimiam o médium, terminaram, ele me pediu o envelope e imediatamente o colocou às costas; depois caminhou para cá e para lá na sala. Seu rosto estava em congestão, com sinais de ansiedade; as veias temporais se projetavam fortemente; os olhos assumiram uma expressão singular; as mãos tremiam um pouco. Como estávamos em silêncio, ele suspendeu sua concentração cerebral por um instante para dizer: “Falem vocês, e em voz alta; não me incomoda; fico irritado quando estão em silêncio e ainda mais quando me olham nos olhos. Isso me intimida e me impede de abstrair para "ver em mim mesmo", para "ver idealmente".

A partir de então, sem deixar de acompanhar seus movimentos, continuamos conversando.

A seguir, o Sr. Ossowiecki nos disse: “Aqui está; eu vejo sim, eu

vejo. Você queria fazer outro desenho. Não o fez (era exato) mas fez outro. É um desenho curioso. Uma cruz que não é como uma cruz normal. Dê-me um lápis, vou desenhá-la. Já de posse de papel branco e lápis Sr. S. Ossowiecki, sem hesitar, desenhou toda a parte vertical da cruz, depois os dois braços horizontais. Nesse momento, teve uma hesitação e disse: “Nem tudo está; não é como de costume; parece-me que isto atravessa; sim, atravessa assim”, e juntou a linha superior dos dois braços com outra que atravessava o madeiro vertical; a seguir, ele começou a fazer a mesma coisa com a linha inferior. Feito isso, pegou o envelope de novo, virou-o na mão e disse: “Debaixo da cruz há uma frase de duas palavras; não, de três palavras; não são palavras; dir-se-ia que são letras; está mal escrito; parece que existe uma palavra composta por uma única letra; não, não é isso; não posso vê-lo; não está suficientemente claro.”

Terminada a experiência, arrebentei o fio e abri a carta. No meu cartão havia, absolutamente semelhante à desenhada pelo Sr. Ossowiecki (e de igual tamanho), uma cruz perfurada.

Basta olhar a fotografia dos documentos que colei, um ao lado do outro, e que são representados em tamanho natural (sem nenhum retoque), para verificar essa semelhança (Foto 111, fig. 13 e 14). Observar-se-á também que o Sr. S. Ossowiecki indicou a linha inferior, sem terminá-la, não por não ter certeza (pois acabava de traçar, sem hesitação, a linha superior), mas por uma espécie de preguiça, como é habitual em muitos pintores que, bosquejando rapidamente um croqui, contentam-se em indicar sumariamente um movimento ou uma linha. Referindo-se, por outro lado, à linha superior que acabava de traçar, o Sr. Ossowiecki disse, após iniciar a linha inferior: "... e aqui também ..." no sentido de: aqui também atravessa.

Quanto à frase que eu escrevera com pressa, nas condições citadas acima, devo dizer que várias pessoas que presenciavam a experiência não conseguiram decifrá-la. Portanto, não é de surpreender que o Sr. Ossowiecki não conseguisse lê-la. Por outro lado, no decorrer das experiências ulteriores, com textos melhor

escritos, ele foi capaz de enunciá-los completamente. É de se notar, para terminar com este ponto, que o Sr. Ossowiecki tinha, no entanto, percebido um pouco o aspecto da minha curta frase, porque olhando de perto percebe-se que: ma, v, ie, (minha vida) forma três peças, o que explica porque o Sr. Ossowiecki viu às vezes duas, às vezes três palavras, sem poder especificar; por outro lado, pelo aspecto dos três fragmentos, são certamente «palavras que não o são», «assim como letras». A leitura desta frase era tanto mais impossível quanto que o Sr. Ossowiecki, mesmo falando francês com bastante facilidade, não teve a oportunidade, na Polônia, de decifrar textos mal escritos da manhã à noite, como teria feito se vivesse na França.

Após esta primeira experiência, que contou com a presença dos doutores G. Geley e Osty, Marcel Prévost, o professor Vallée, e eu, fomos para a outra câmara, onde as outras pessoas estavam, para contar o que havia acontecido.

Depois de alguns momentos, o Sr. Ossowiecki sentiu-se indisposto e, sem chamar a atenção, retirou-se para uma sala próxima. Ele me explicou que era apenas um desconforto devido ao cansaço causado pela grande tensão de espírito que suportara na preocupação de ter sucesso em sua primeira experiência em Paris. Rapidamente sentiu-se recuperado e conversamos sobre várias coisas da ordem de ideias que nos interessavam. Por isso vim a dizer-lhe que, antecipando uma possível experiência, tinha preparado um documento. Bruscamente, o Sr. Ossowiecki falou: "Dê-me".

Entreguei-lhe o papelzinho de tal modo que ele não o viu; ele o encerrou em sua mão e o colocou atrás das costas. Logo imediatamente ele me disse:

— "Vejo duas moedas; são moedas de um franco; moedas francesas; sim, francesas; essas moedas incomodam para eu ver; vejo, no entanto, um papel e uma frase escrita; foi escrito por uma mulher de trinta a trinta e cinco anos, alta, morena, distinta, inteligente; foi divorciada; é a esposa de um médico; ela procura na escrivaninha, entre coisas muito diferentes e de países estrangeiros; coisas antigas; ela procura o que vai colocar, escolheu um pensamento; é algo

impessoal, algo elevado, ideal.

Estávamos nisso quando vieram nos interromper. O Sr. Ossowiecki devolveu-me o pacote, dizendo: "Terminaremos mais tarde". Pois bem; aconteceu que, ocupado naquela noite com outra experiência, e na segunda reunião, com uma série de experiências com a mesma pessoa (o Sr. d'Anglars), o Sr. Ossowiecki viu-se na impossibilidade material de terminar aquela notável clarividência.

É por isso que decidi abrir o pacotinho e ficar sabendo sobre o pensamento de Epiteto que continha.

Farei observar que tudo o que foi dito pelo Sr. S. Ossowiecki é rigorosamente preciso, exceto por um ponto insignificante: a idade da minha cliente (trinta e oito anos em vez de trinta e cinco). À parte esta pequena retificação, tudo foi visto: o divórcio, o estado ulterior, o físico, as grandes características psíquicas; o fato de ter manejado e vagamente olhado vários livros de ciência e arte (referentes a diversos países e a tempos antigos); a escolha de um pensamento elevado, e mesmo a obliteração primitiva dos lacres com uma moeda francesa de um franco. Basta ler o que contei no início deste artigo para verificar a exatidão absoluta de toda a clarividência do Sr. Ossowiecki. Por outro lado, é fácil perceber na fotografia dos dois selos de lacre (lâmina III, fig. 15), não ser possível duvidar que estão cobrindo outros selos.

Além disso, insisto no seguinte: o Sr. Ossowiecki não pousou o olhar no pacotinho que lhe dei. Finalmente, deve-se notar que, quem quer que visse os selos com a efígie do sacerdote caldeu adorando Sin, não poderia supor que a pessoa que gosta dessas coisas pudesse usar uma moeda vulgar como outro selo. Também deve ser notado que o Sr. Ossowiecki viu o selo usado pela pessoa que escreveu a frase, e não o segundo selo aplicado por mim.

Tudo isso, deve-se concordar em que é particularmente perturbador.

Eu disse acima que alguém veio nos interromper durante esta segunda experiência. Acontece que poucos momentos depois o Sr.

Ossowiecki foi apresentado à marquesa B...[30], com quem produziu uma experiência igualmente perfeita.

O que afirmei acima sobre as condições de trabalho do Sr. Ossowiecki permite-me relatar brevemente essa nova experiência.

O Sr. Ossowiecki pediu à Sra. X... para escrever um frase em uma folha de papel. Retirada para uma sala do Instituto, a Sra. X... procurou uma frase. Mais tarde, após ter realizado com sucesso essa experiência, ela me confidenciou o seguinte:

“Não dá para se imaginar a pobreza de ideias em que ficamos, quando de repente precisamos encontrar uma frase em condições como essas. Confesso que ia escrever uma que não significava grande coisa: "Qual é o nome da sua mulher...", quando o Sr. Ossowiecki, que estava do outro lado da porta, exclamou: “Não, isso não — ponha algo pessoal, algo seu. Eu, que não acreditava em clarividência, fiquei alguns instantes parada, vendo que o Sr. Ossowiecki havia percebido instantaneamente meu pensamento. Então escrevi outra frase: "Farei neste inverno a longa viagem que tanto desejo fazer?" Mas vamos voltar à experiência. Quando o Sr. Ossowiecki tomou posse do envelope, declarou: — Sim, senhora; você fará a viagem.”

E como a Sra. X... olhava para ele interrogativamente, ele completou:

— Eis a frase que você escreveu: Será que vou fazer nesse inverno a longa viagem que tanto quero fazer?

Além de uma pequena variante de expressão no início da frase, a experiência teve um resultado perfeito, e a Sra. X..., encantada e estupefata, estava agradecendo ao Sr. Ossowiecki, quando este declarou que também poderia dizer-lhe várias coisas interessantes. Expôs então que ela “queria ir para o Egito; que já havia estado lá três anos atrás e guardava inesquecíveis recordações; que ela quis voltar várias vezes, mas não pôde fazê-lo por causa de sucessivas doenças de um de seus filhos; que ela queria partir desta vez em dezembro, mas que uma nova e grave doença de seu filho a impediria de fazê-lo; no

[30] Vamos colocar Sra. X..., para comodidade no relato.

entanto, afirmou, ele estaria curado e poderia realizar o seu projeto".

À parte deste último ponto, que pertence ao futuro, tudo aquilo que o Sr. Ossowiecki acabara de dizer era estritamente correto. Pois bem; ele não conhecia a Sra. X..., e não sabia nada sobre ela. Mas o Sr. Ossowiecki não ficou nisso. Ele retirou-se com a Sra. X... por alguns momentos e contou a ela toda uma série de fatos completamente íntimos, relacionados à sua vida passada, produzindo-lhe um verdadeiro estupor. Quando a Sra. X... saiu dessa conversa, aterrada, ela me declarou que Ossowiecki lhe contara não apenas coisas que só ela sabia, mas pensamentos que tinham ficado apenas em volição. Toda essa parte da experiência não pode, infelizmente, ser divulgada devido à sua natureza totalmente privada.

Tudo o que precede mostra o considerável interesse das três experiências positivas que tiveram lugar no Instituto no dia 12 Junho de 1923. Referi detalhadamente as condições em que foram realizadas, bem como a forma de proceder e as sucessivas atitudes (que aparecem como bastante "estereotipadas" depois de serem assistidas várias experiências) do Sr. Ossowiecki, a fim de melhor perceber toda uma série de nuances e pequenos incidentes que nos permitem dar todo o seu valor aos fatos que estudamos.

Essa narração, necessariamente longa, também tende a outro objetivo: permitir às pessoas que não tiveram a oportunidade de assistir a essas experiências ou a sessões deste tipo, evocá-las com alguma precisão e compreender o seu carácter desconcertante.

Acrescentarei que, para redigir um relatório rigorosamente exato das sessões, descrevi, sem qualquer preocupação literária e sem me preocupar com a classificação, todos os acontecimentos tal como ocorreram, respeitando a sua cronologia irregular e a desconexão das frases pronunciadas.

Quando tais fenômenos prodigiosos são observados, somos naturalmente movidos pela necessidade de conhecer da melhor maneira possível tudo o que lhes diz respeito, para reduzir o desconhecido ao mínimo e abordar o mistério tanto quanto possível.

Não poderemos conhecer seu verdadeiro determinismo, que, com certeza, sempre fugirá diante de nós. Mas ao menos existe o desejo de procurar alguns dados sobre aquilo que não vemos; isto é, sobre o que acontece no cérebro do Sr. Ossowiecki e que ele possa analisar. Eu não pude perguntar a ele sobre isso no decorrer das experiências, porque ele era assaltado por parabéns e perguntas.

Por outro lado, o estado de cansaço em que se encontrava e o ambiente febril (impregnado, é preciso dizê-lo assim, de um mal- estar indefinível), não eram muito favoráveis a uma investigação psicológica. Mas o Sr. S. Ossowiecki, tendo tido a bondade de me conceder sua confiança como médico (o que é muito agradável vindo de um homem que pode analisar indiscretamente o seu psiquismo), tive a oportunidade mais tarde de interrogá-lo metodicamente, na tranquilidade de meu gabinete, sobre o que ele poderia saber por conta própria.

Publiquei os resultados dessas investigações no *Le Mercure de France*,[31] junto com algumas considerações pessoais sobre a psicofisiologia da clarividência em geral. É inútil agora voltar sobre esses fatos.

b) - EXPERIÊNCIAS DE 15 DE JUNHO DE 1823

Três dias após as experiências anteriores, teve lugar uma nova sessão, também no Instituto. Naquela noite, o Sr. Ossowiecki estava muito cansado. Por outro lado, ele consentira em vir à reunião, porém apenas com a condição de que nenhuma experiência fosse exigida dele. No entanto, aconteceu que, conhecendo um dos espectadores, o Sr. d'Anglars, desejou de bom grado tentar uma prova.

O Sr. d'Anglars, a seu pedido e fora de sua presença, escreveu uma linha em um cartão dos seus e colocou-o em um envelope. Rapidamente o Sr. S. Ossowiecki enunciou a frase escrita: "Onde estarei daqui a um ano?" Impulsionado por esse sucesso,

[31] Dr. Stephen CHAUVET: "Le Merveilleux humain", *Le Mercure de France*, 1º de outubro de 1923.

superexcitado e sem sentir mais fadiga, o Sr. S. Ossowiecki pediu então ao Sr. d'Anglars que escrevesse outra frase e fizesse um desenho em um pedaço de papel e colocasse este último em um envelope.

O Sr. d'Anglars, isolado numa das salas do Instituto, fez o que lhe foi pedido. Feito isso, o Sr. S. Ossowiecki entrou na sala seguido por algumas pessoas, entre as quais estavam a Sra. G..., o general Ferrié, o Sr. Du Bouro, o Dr. G. Geley, o Sr. H. Lazzaro, o Sr. E. Schneider e eu mesmo. Assim que o envelope foi entregue a ele, o Sr. Ossowiecki exclamou dirigindo-se ao Sr. d'Anglars:

"Estou vendo; mas é possível? Estou vendo a mesma frase de um momento atrás: Onde estarei daqui a um ano; sim, é isso, é possível?"

O Sr. d'Anglars no momento ficou chocado e estupefato; mas ele se recuperou imediatamente e disse: "Com efeito, essa é a frase que está aqui." Eis o que aconteceu: o Sr. d'Anglars havia executado em seu cartão o desenho que será discutido mais tarde (depois de ter pensado previamente em outro desenho). Então, muito preocupado com essa parte da experiência, ele havia, talvez um tanto subconscientemente, escrito novamente a mesma frase da primeira experiência. Isso, como se pode supor, aumentava as dificuldades para o Sr. S. Ossowiecki e valorizava ainda mais o feliz desfecho.

Terminado esse pequeno incidente, o Sr. S. Ossowiecki continuou seu trabalho. Depois de alguns segundos, disse: "Vejo um primeiro desenho que você quis fazer e do qual desistiu; são triângulos, triângulos... entrelaçados. O desenho que você fez depois é estranho. É a cabeça de um homem. Cabeça engraçada.

Também tem um chapéu; não, não é um chapéu, é como um boné; e não é realmente um boné. É parecido com um chapéu tirolês. É assim."

O Sr. S. Ossowiecki então pegou um lápis e desenhou, sem hesitar, primeiro a cabeça, depois o chapéu (representado na lâmina II, fig. 17).

O envelope foi aberto. Continha, em um cartão de visita, a frase citada e o desenho aqui representado (ilustração II, figs. 16 e 17).

Pode-se verificar:

1° que os dois desenhos são idênticos e sensivelmente do mesmo tamanho;
2° que o desenho a ser reproduzido era muito difícil, tanto mais quanto que sua execução deixava muito a desejar;
3° que o chapéu, conforme explicado pelo Sr. S. Ossowiecki, é um híbrido de chapéu tirolês e boné, cuja concepção e execução, pouco precisas, ofereciam grande dificuldade para o Sr. S. Ossowiecki;
4° por último, é de se notar que antes de executar este desenho, o Sr. d'Anglars havia pensado em desenhar alguns triângulos entrelaçados.

Depois dessa bela experiência, tornou a acontecer naquela noite o que já havia acontecido três dias antes com a Sra. X... e comigo. O Sr. S. Ossowiecki declarou ao Sr. d'Anglars que além daquilo ele também poderia revelar-lhe outras coisas e não quis mais se separar dele. A Sra. Ossowiecki, o Dr. G. Geley e várias pessoas pediram-lhe em vão que fizesse o favor de ter outra experiência com outra pessoa. Embora muito gentil, ele se fez de surdo.

Provavelmente nesse caso talvez ele sinta confusamente que está em uma espécie de comunicação psíquica, misteriosa, com o experimentador e está na segurança de conseguir novos sucessos; por isso, ele tende a continuar... como um escritor que se sente inspirado e não consegue se separar de suas folhas de papel. Seja como for, ele se isolou com o Sr. d'Anglars e por mais de meia hora contou-lhe uma série de fatos sobre o passado, o presente e o futuro. Quanto aos fatos preditos para o futuro, ainda não é chegado o tempo que permita comprovar sua exatidão.

Os do passado e os do presente, o Sr. d'Anglars não pôde revelá-los aos presentes por causa de sua natureza íntima, mas declarou que eram todos exatos e que isso era tanto mais surpreendente porque alguns “não poderiam ser conhecidos por ninguém mais, além dele próprio”.

Tais são, fielmente relatadas, as notáveis experiências de clarividência feitas pelo Sr. Ossowiecki nos dias 12 e 15 Junho de 1923 no Instituto Metapsíquico Internacional, e que eu mesmo pude comprovar.

Assinado: Dr. Stephen Chauvet.

VI. — As experiências de Stephan Ossowiecki no Congresso de Varsóvia. (Agosto-setembro de 1923)

A "Society for Psychical Research" tinha preparado, a fim de realizar uma experiência "crucial" com o Stephan Ossowiecki, um documento que confiou ao Sr. Dingwall, seu representante no Congresso de Varsóvia.

O Sr. Dingwall é, como se sabe, um prestidigitador famoso e um eminente metapsiquista e teve um papel importante na preparação do documento.

Para evitar, se possível, a leitura do pensamento, não quis ele participar da experiência, e entregou a folha fechada ao Dr. De Schrenck-Notzing, que se dirigiu, com o Sr. Sudre e comigo, em 30 de agosto de 1923, às vinte e três horas, para a casa do Sr. Ossowiecki.

A pedido do Sr. Ossowiecki, e enquanto tomávamos o chá, a experiência começou imediatamente.

O Dr. De Schrenck-Notzing trouxera, além do documento da S.P.R., outras duas cartas preparadas com antecedência que lhe haviam sido entregues por dois congressistas.

As duas últimas foram preparadas e seladas com lacre no Hotel de Europa naquela mesma tarde, depois do almoço.

O Sr. Ossowiecki pega as três cartas, palpa-as e escolhe a carta da S. P. R., fechada em envelope cinza. As outras duas tinham envelopes brancos. (Entender-se-á, a partir do que se segue, o interesse desses pequenos detalhes.)

O… concentra-se segurando o documento em suas mãos crispadas e começa a passear sem que o percamos de vista. Ele fala em

frases curtas, com longas pausas, e eu anoto suas palavras conforme ele as vai dizendo:

"Eu sinto o restaurante... o hotel de Europa... não foi você (Schrenck) quem o escreveu. É outro homem que eu poderia descrever... A carta que estou segurando (o documento da S.P.R.) tem vários envelopes…

"É uma carta e não é uma carta...

"Vejo uma coisa esverdeada, de papelão...

"São as outras cartas (as brancas), as que vêm do hotel da Europa... vejo um estrangeiro entre trinta e quatro e trinta e cinco anos. Fala pouco. É um tanto obeso. Você falou com ele...

"A carta que estou segurando foi preparada para mim... não consigo entender. Eu vejo vermelho... algo vermelho... cores...

"Não sei porque vejo uma pequena garrafa… vejo um gabinete decorado com madeira entalhada, grande, um tanto sombrio. É seu gabinete (para Schrenck)... (Segue uma descrição detalhada e exata do gabinete Schrenck-Notzing.)

"Há na carta um desenho feito por alguém que não é artista.

"Há alguma coisa vermelha com esta garrafa...

"Sem dúvida há um terceiro envelope vermelho.

"Há um quadro desenhado em um ângulo do papel.

"A garrafa está muito mal desenhada...

"Eu vejo! Eu vejo!

Naquele momento ele pega a caneta e faz o desenho da página seguinte. (Fig. 18.)

"Antes de 1923 há alguma coisa escrita.

"Há algo mais escrito no verso que eu não consigo ler.

"Vejo os dois homens que escreveram as cartas brancas. Um é o obeso mencionado antes. O outro é parecido com o secretário do Congresso (Sr. Vett).

O Dr. De Schrenck-Notzing então toma a palavra para dizer que é exato. Uma das cartas brancas é do Sr. Neumann, o eminente médico praticante de Baden-Baden; a outra é do Sr. Vett. Os dois habitam no Hotel de Europa.

O... continua:

“Antes do ano, há uma data ou uma cidade... é uma escrita mais de mulher do que de homem.”

O Dr. Schrenck pergunta: “Em que língua? ...”

O... responde: "em francês" e adiciona:

“A garrafa está ligeiramente inclinada. Não tem rolha. É feita com várias linhas finas.

“O pacote é formado assim:

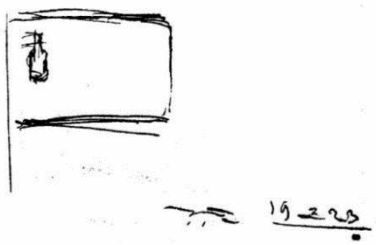
1º. um envelope cinza, no exterior;

2º. um envelope escuro, esverdeado;

3º. um envelope vermelho.

“Depois, um papel branco, dobrado em dois, com o desenho em seu interior.”

Decidimos, apesar de nossa impaciência, devolver o documento intacto e sem ser aberto ao Sr. Dingwall, o que o Dr. de Schrenck fez naquela mesma noite.



(Fig. 18.— Desenho do Sr. Ossowiecki.)

No dia seguinte, após sua comunicação sobre as experiências com Willy-Sch o Dr. De Schrenck anunciou que iria comunicar a experiência feita com Ossowiecki ao Congresso e realizar a verificação.

Então, li a ata anterior e copiei no quadro-negro o desenho feito pelo Sr. Ossowiecki.

O Sr. Dingwall mostrou o pacote intacto com seus selos.

Expôs as precauções tomadas para garantir que o pacote não tivesse sido aberto.

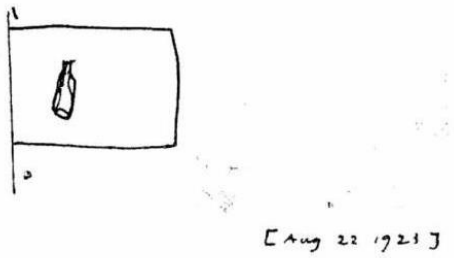
Ele disse que continha um pedaço de papel dobrado em dois,

guardado em um primeiro envelope; este primeiro envelope estava dentro de outro envelope, e este segundo envelope estava dentro do terceiro, cinza, externo e lacrado.

Além disso, a embalagem havia sido perfurada em quatro lugares com uma agulha muito fina, de modo que os orifícios não se encaixassem mais ou deixassem passar luz através, se os envelopes tivessem sido retirados.

O Sr. Dingwall acrescentou que essas precauções davam uma certeza absoluta e que ele afirmava que o pacote não tinha sido aberto.

Todos esperavam com impaciência. O salão da universidade estava repleto e silencioso. Ossowiecki, um pouco pálido e nervoso, estava emocionado.



(Fig. 19.— Desenho do Sr. Dingwall.)

Lenta e sossegadamente o Sr. Dingwall cortou, com cautela e ajudado por um canivete, o primeiro envelope. Tirou o segundo, negro esverdeado; após este segundo, e da mesma forma, ele tirou um terceiro envelope vermelho. Houve aplausos.

Em seguida, cortou o envelope vermelho e tirou um pedaço de papel dobrado em dois.

Mostrou o conteúdo e a cópia no quadro-negro, ao lado do desenho de Ossowiecki, a identidade era absoluta.

No verso do desenho estava a seguinte frase em francês, que o clarividente declarara não poder ler: “Os vinhedos do Reno, do Mosela e da Borgonha produzem um vinho excelente.”

A data estava incompleta no desenho de O... O original dizia: 22 Ag. 1923. Mas O... havia especificado que “antes de 1923 há algo que não consigo ler, uma data ou uma cidade”.

A sala inteira, em pé e olhando para Ossowiecki, explodiu em aplausos e tributou-lhe uma grande ovação. O Dr. De Schrenck-Notzing exclamou: “Obrigado, obrigado, em nome da ciência!”

Assim foi essa bela e decisiva experiência.

Ela completa nossas numerosas observações sobre a maravilhosa faculdade do Sr. Ossowiecki.

P. S. - Eis a ata do Sr. Dingwall sobre as precauções tomadas para a experiência:

O ENVELOPE FECHADO

Preparei o pacote lacrado na tarde de 22 de agosto de 1923. Ninguém viu essa operação e ninguém ficou sabendo o que eu havia escrito e desenhado no papel que continha.

O papel media 17,5 por 11 centímetros. Escrevi as seguintes palavras no topo da folha, antes de colocá-la no primeiro envelope: "Os vinhedos do Reno, do Mosela e da Borgonha produzem um vinho excelente."

Tracei na parte inferior da folha, um croqui bem primitivo com a intenção de dar a ideia de uma garrafa, sem traçar exatamente a imagem. Emoldurei-o com três linhas, a quarta formada pelo lado esquerdo do papel. Em seguida, escrevi no canto inferior direito: Aug. 22 de 1923. A folha foi então dobrada com a escrita voltada para fora e colocada em um envelope de papel vermelho opaco, medindo aproximadamente 11,5 por 9 cm. A folha foi colocada de tal modo, que a escrita ficava na parte inteira do envelope e o croqui na parte do fecho. Este envelope vermelho não estava fechado e, por sua vez, foi inserido pelo lado do fecho em um envelope preto opaco. Não havia jogo entre os dois envelopes. Este segundo envelope, sem fechar, foi então colocado pelo lado do fecho em um envelope de papel cinza, e, por último, este foi fechado e lacrado na parte inferior. Quatro furos foram feitos nos cantos do pacote, que foi guardado até a partida para Varsóvia. Lá, o documento ficou trancado à chave na minha mala, ou

era carregado por mim no bolso do meu paletó, preso entre as páginas do meu passaporte.

Assim, até o momento em que eu o entreguei ao barão de Schrenck-Notzing para a experiência.

VII. — Experiências do Sr. de Szmurlo.

O Sr. Prosper de Szmurlo, Presidente da Sociedade Psico-Física de Varsóvia, comunicou as seguintes atas de duas belas experiências feitas com o Sr. Ossowiecki (*Revue Métapsychique*, nov.-dez. 1923):

A Sociedade Psicofísica de Varsóvia queria realizar uma sessão psicométrica, em condições que excluíam quase completamente a possibilidade de telepatia. Sabe-se o quão provável é o papel da telepatia na maioria das sessões desse tipo, já que cada pessoa que dá ou envia qualquer documento destinado à experiência, naturalmente interessa-se pelo resultado e, conscientemente ou não, concentra seus pensamentos sobre o documento, o que pode facilitar a tarefa do vidente.

Para evitar esta eventualidade, o Comitê da Sociedade decidiu preparar vários objetos provenientes de uma única pessoa, dos quais apenas um seria submetido ao médium. Nesse caso, a ação da telepatia tornar-se-ia mais difícil, uma vez que a pessoa em questão não sabia qual documento passaria pela experiência. A ação mento-mental seria exercida, não sobre o documento escolhido, mas sobre aquele dos objetos em que, eventualmente, seu dono mais pensasse.

Para este efeito, dirigimo-nos a uma pessoa que não é membro da nossa Sociedade, o Sr. Marjan Wawrzeniecki, artista, ilustre pintor, que também lida com arqueologia e antropologia. Pedimos a ele tivesse a bondade de nos dar alguns objetos que pudessem servir para a experiência, e que não informasse ninguém sobre este assunto.

O Sr. Wawrzeniecki não conhece o Sr. Ossowiecki. Os membros da nossa Sociedade comprometeram-se mutuamente a manter o segredo do projeto de experiência, até sua execução.

O Sr. Wawrzeniecki devia colocar alguns objetos, separadamente, em caixas de iguais dimensões, após tê-los rodeado com algodão para evitar qualquer ruído que pudesse indicar a natureza do objeto. Em cada caixa, também devia haver um papel com um número. Em envelopes fechados, marcados com os números correspondentes, devia estar a descrição dos objetos. Para facilitar o trabalho do Sr. W... enviei-lhe pessoalmente quatro caixas quadradas, de dimensões iguais, 9 1/2 x 9 1/2 x 2 cm., e um maço de algodão.

Em 14 de fevereiro de 1923, o Sr. Wawrzeniecki devolveu-nos as quatro caixas lacradas com barbante amarrado em cruz (nós não conhecíamos em absoluto seu conteúdo) e quatro envelopes, igualmente fechados, marcados com os números 1, 2, 3 e 4. Guardei todos esses objetos sob chave.

Falamos com o engenheiro Sr. Ossowiecki em 28 de fevereiro, pedindo-lhe que nos concedesse uma sessão. No dia 10 de março recebemos resposta, na qual o Sr. O... informava que nos esperava no Hotel de Europa no dia 12 de março, às oito horas da noite.

Nada foi dito ao Sr. Wawrzeniecki sobre isso.No dia indicado, fui à casa do Sr. Ossowiecki em companhia do vice-presidente de nossa Sociedade, doutor em Medicina, general J. Trzemeski, chefe do departamento sanitário do Ministério da Guerra (falecido em 4 de julho). Estavam presentes o Sr. e a Sra. Ossowiecki, o Sr. Martin Nuska, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Letônia, acompanhado de sua esposa. O Sr. Ossowiecki pegou uma das caixas que eu havia escolhido aleatoriamente, em minha casa, embrulhada em várias folhas de papel, amarrada com barbante e lacrada com meu selo, e sentou-se no sofá ao meu lado. O Sr. Ossowiecki participava, de vez em quando, da conversa geral, várias vezes interrompida pelo telefone.

As palavras proferidas pelo Sr. Ossowiecki foram cuidadosamente anotadas por mim. Aqui eu as reproduzo:

“É uma caixa preta... que antes conteve uma dúzia de placas fotográficas...; uma dessas placas quebrou ...; elas foram retiradas da

caixa por uma mulher magra que adora música. A caixa estava em um local próximo à rua Chmielna, em Varsóvia; mas vem de fora, da Alemanha me parece. Na tampa há uma etiqueta que tem uma coisa de estilo egípcio. Vejo uma fábrica... um local... muitas jovens que trabalham ao redor dessas caixas. Há um montão delas...; agora não há placas na caixa; contém uma coisa que não tem nada a ver com elas...; um objeto cinza... de vidro, não, de argila...; eu vejo fogo...; não é um objeto, mas um fragmento, uma parte... ah, como ele é antigo! Tem centenas e centenas de anos...; é um fragmento de uma urna pré-histórica... quebrada... eu a vejo; eis a sua forma (o Sr. Ossowiecki descreve a forma por meio de movimentos das mãos). Foi encontrada cavando o chão...; sim... vejo areia, pessoas que cavam. Ah! Há algo mais na caixa também... uma coisa branca...; não entendo que relação pode haver entre este objeto e a farmácia...; vejo onde fica... aqui em Varsóvia, rua Marszalkowska...; uma senhora comprou esta coisa."

Então o Sr. Ossowiecki interrompeu-se, declarando que estava cansado.

A sessão, contando os intervalos e a conversa, durou cerca de cinquenta minutos. Antes de abrir a caixa, o Sr. Ossowiecki desenhou para nós com a caneta o contorno do objeto que ela devia conter. Tiramos então o barbante, o papel do embrulho e uma caixa preta apareceu à nossa vista, na qual meses antes eu havia recebido as diapositivas da casa Szalay, que fica na rua Chmielna, em Varsóvia. Elas me foram remetidas por uma das empregadas do armazém, uma senhora magra, que mais tarde descobri que gosta muito de música. A caixa continha uma dúzia de placas diapositivas de 8 1/3 x 8½. Não foi possível descobrir quem havia pegado as placas depois, ou se uma delas estava quebrada. As placas provinham da fábrica da Ernemann em Dresden, Alemanha. A etiqueta representa uma cabeça de mulher que lembra a cabeça de Ísis entre duas colunas de estilo egípcio. Na caixa encontramos um fragmento de uma urna rodeada de algodão e um papel com o número 2. Após abrir o envelope marcado com o mesmo número, lemos nele a seguinte descrição, assinada pelo Sr. Wawrzeniecki:

"Um fragmento de uma urna pré-histórica, encontrada pelo Sr. Wawrzeniecki em 1904, nas proximidades de Varsóvia."

O algodão em bruto que estava na caixa e que enviei ao Sr. Wawrzeniecki, foi comprado por minha esposa em uma farmácia localizada na rua Marszalkowska, em Varsóvia. Portanto, a descrição do Sr. Ossowiecki era perfeitamente exata e correspondia à realidade dos fatos.

Considero essa experiência como uma das mais interessantes e instrutivas deste gênero, pois nos permite observar todo o processo do fenômeno "psicométrico". O "psicômetra" começou descrevendo a parte externa da caixa e parecia gradualmente penetrar em seu interior até o próprio objeto. Nem o general Trzemeski e nem eu podíamos imaginar que o Sr. Ossowiecki nos contaria algo sobre a caixa; pensamos que ele procederia apenas à descrição do objeto encerrado nela. Esse, então, era um fato completamente inesperado, e qualquer sugestão consciente de nossa parte deve ser excluída.

Nossa sessão também desmentiu a opinião de muitas pessoas, de que o Sr. Ossowiecki só vê o que está escrito à mão e não pode dizer nada sobre coisas impressas (é verdade que até então a maior parte das experiências havia sido feita com cartas).

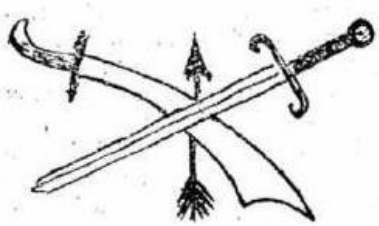
Pode-se dizer que as faculdades do Sr. Ossowiecki são universais. O desenho que ele fez de uma parte do vaso quebrado, antes de abrir a caixa, parece-se exatamente com o próprio objeto.

Deve-se acrescentar que o Sr. Wawrzeniecki ficou muito surpreso ao saber o resultado da experiência e que lamentou muito não termos escolhido outra caixa que contivesse um objeto que para ele era muito mais interessante.

Esta é outra prova contra a telepatia, porque tal interesse em outro objeto podia desorientar o médium.

Após um curto intervalo, o tempo justo para tomar uma xícara de chá, o Sr. Ossowiecki sugeriu-me fazer outra experiência com um desenho. Portanto, peguei um lápis, um pedaço de papel (o cartão de visita do senhor Nuksa), um envelope muito opaco e um livro que

serviria de escrivaninha e saí para o corredor, fechando atrás de mim a dupla porta da sala. Fiquei parado por um momento, meditando o desenho; depois afastei-me alguns passos para a direita, onde, no ângulo do corredor, vi um banco. Sentei nele, e colocando o livro no braço desse banco, fiz o seguinte desenho:

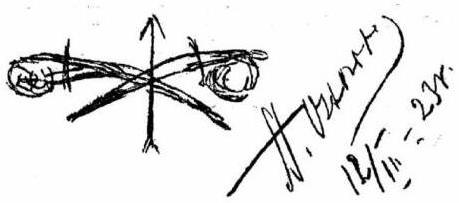


(Fig. 20.)

Depois de terminado, coloquei o documento no envelope, fechei-o e entreguei-o ao Sr. Ossowiecki. Ele o pegou, levou-o às costas e disse quase que instantaneamente:

"Mas você desenhou uma coisa muito complicada, uma coisa que corta; eu vejo; são dois sabres, duas espadas cruzadas. Existe alguma coisa no meio; você a desenhou no final. Ah! Já estou vendo; é uma flecha com a ponta para cima. Vou tentar desenhar isso, embora eu não saiba desenhar bem."

Dizendo isso, o Sr. Ossowiecki sentou-se à mesa, e fez o desenho aqui reproduzido, partindo do mesmo ponto e da mesma linha que eu, como ele mencionou.



(Fig. 21.— Desenho do Sr. Ossowiecki, com sua assinatura.)

Se a telepatia é possível neste caso, é, no entanto, muito difícil de se admitir em muitas outras experiências que foram feitas até agora. Tratava-se, com efeito, de três objetos, e não apenas de um, como de costume, e o Sr. Ossowiecki devia, além disso, adivinhar a posição mútua. Levando em consideração as faculdades de psicometria do Sr.

Ossowiecki, tantas vezes comprovadas, pode-se afirmar que, nesse caso, também estávamos na presença de um fenômeno de psicometria e não de telepatia.

O que foi ainda mais interessante para mim é que o Sr. Ossowiecki repetiu-me exatamente, com o maior detalhe, tudo o que eu tinha feito desde que saí da sala. Ele me disse que eu tinha ficado em pé por um momento; depois tinha virado para a direita e tinha sentado no banco; em qual direção eu virava o rosto e como colocava o livro sobre o banco, etc. Tudo isso como se ele estivesse lá comigo e tivesse visto o que aconteceu. Quanto ao resto, ele contou todos esses detalhes às pessoas presentes naquela sala antes de eu voltar. Então, isso é clarividência! Realmente parece que o Sr. Ossowiecki possui todos as faculdades supranormais!

As atas das duas experiências, assinadas por todos os presentes, conservam-se entre as atas da Sociedade Psico-Física de Varsóvia. Gostaria de terminar esta carta expressando minha mais profunda gratidão ao engenheiro Stephan Ossowiecki, cuja gentileza nos permitiu obter essas interessantes experiências. Se a bondade do Sr. Ossowiecki para com nossa Sociedade ainda não se esgotou, espero ainda realizar com ele uma experiência de minha invenção, que, creio eu, nunca foi praticada. Não deixaria eu de comunicar o resultado ao I. M. I.

Prosper de Szmurlo.
Presidente da Sociedade Psico-Física de Varsóvia.
Varsóvia, rua Marszalkowska, 53.

Capítulo II

A lucidez sobre objetivo humano. — investigação experimental

Experiências com a Sra. B...

Se os mediuns de efeitos físicos são raros na França e nos países latinos, em compensação os médiuns de ordem intelectual são bastante numerosos.

Os fenômenos de premonição, de transmissão do pensamento ou, melhor dizendo, de comunhão mento-mental, de clarividência no presente, no passado e mesmo no futuro, são observados com relativa frequência. Os sujeitos capazes de produzir esses fenômenos são encontrados em todos os ambientes. Entre os profissionais que fervilham nos grandes centros, há aqueles dotados de faculdades verídicas; e se entre eles há muitos charlatães e exploradores de credulidade, há aqueles também, felizmente, de perfeita consciência, sinceros e honestos. Qual é, nestes últimos, a parte de verdade e a parte de erro, de lucidez real ou de ilusão? Achamos interessante estudá-lo.

Infelizmente, este estudo não deixa de apresentar grandes dificuldades. Em primeiro lugar, os fatos da lucidez dão pouca facilidade à experimentação metódica. Sua instabilidade, a ausência de regras em suas manifestações, seu caráter inesperado, "catastrófico", não permitem senão acumular observações.

O plano que o Instituto havia traçado era dirigir-se aos principais videntes, considerados como sinceros, em Paris, e pedir sua leal

colaboração para uma investigação metódica.

Pedimos a esses videntes que dedicassem duas ou três horas por semana a essa colaboração. Na hora marcada, um investigador sempre diferente, desconhecido para eles, apareceria no incógnito mais rigoroso e anotaria tudo o que o vidente lhe dissesse. Seria fácil checar depois os sucessos e os fracassos, os erros e as verdades. Devemos que dizer que as gestões preliminares, a fim de organizar essa pesquisa, produziram em nós uma primeira decepção: os sujeitos solicitados, em geral, evadiam-se.

As desculpas eram sempre as mesmas: excesso de trabalho, falta de tempo, etc. De todos os pretextos, um, que nos foi dado com frequência, era plausível. Só a perspectiva de serem submetidos a pesquisa, de se encontrarem, por assim dizer, perante um juiz, bastava, disseram-nos vários deles, para os paralisar. Aceitaram, mas com a condição de não saberem, antes da sessão, que se tratava de um investigador, que apareceria de improviso como um cliente comum.

Essa condição, legítima em tese, na prática era inaceitável: os cientistas, alguns deles médicos, todos muito ocupados, não podiam perder tempo em solicitar consultas individuais ou em fazer antecâmaras.

Dentre todos os sujeitos, apenas dois consentiram em se colocar inteiramente à nossa disposição. Como precisamente esses dois videntes estavam entre os mais famosos de Paris, a Sra. B... e a Sra. F..., limitamos nossa pesquisa a essas duas.

Por razões independentes da nossa vontade, tivemos de adiar o trabalho com a Sra. F... para uma época posterior.

No entanto, a nossa investigação com a Sra. B... é suficiente para nos permitir conhecer as fases e os resultados. Como se verá mais adiante, são de natureza satisfatória e nos oferecem fatos claros, precisos, alguns dos quais merecem ser considerados clássicos.

Nossa investigação sobre a lucidez da Sra. B... consistiu em dois períodos bem delimitados. No primeiro recebemos testemunhos de um grande número de pessoas de espírito crítico e dignas de fé, que

também haviam tido ocasião de observar por si mesmas, antes do nosso estudo, as faculdades de clarividência da Sra. B...

Na segunda fase, organizamos nossa série de experiências sistemáticas.

A primeira fase não tem, obviamente, aos nossos olhos, e não poderia ter, senão um indicador e um valor relativo. Com efeito, sabe-se o quanto os depoimentos, mesmo que sejam de primeira mão, se não forem registrados imediatamente, podem ser distorcidos por alterações involuntárias de memória, ou pela tendência irresistível e inconsciente de exagerar quando se trata de fatos maravilhosos.

Portanto, não os levaremos em consideração, seja qual for o interesse das narrativas: agora é uma mãe que recebe, segundo ela diz, de seu filho morto na guerra, relatos exatos, ignorados dela mas reconhecidos mais tarde como verdadeiros, a respeito dos seus últimos dias e da sua morte. Em seguida, é outra mãe, cujo filho, também morto na guerra, vem agradecer por um presente (descrito em detalhes pela vidente) enviado na véspera da batalha em que foi morto. De outra feita, é um homem cujo filho havia morrido em circunstâncias misteriosas (crime ou suicídio), a quem a vidente dá os mais circunstanciados detalhes (absolutamente inesperados e reconhecidos como exatos) sobre as causas dessa morte.

Mais uma vez dizemos que tais fatos, que poderíamos multiplicar, não os mencionamos senão a título de exemplo e sem insistir neles.

Faremos uma única exceção no caso seguinte, porque é relatado por um médico eminente e apresenta um caráter preciso e rigoroso.

O Dr. Iscovesco teve a bondade de escrever, para nossa pesquisa, este caso pessoal:

Caso do Doutor Iscovesco

Eis o curto relato que você me pede: observe que tudo isso aconteceu alguns anos antes da guerra e que eu não escrevi, como deveria, uma anotação ao sair da casa da Sra. B... Naquele momento,

não dei qualquer importância ao que ela predisse para mim e eu não entendia nada daquilo. Até um ano depois não surgiu em minha memória a estranha previsão da Sra. B..., quando minha irmã sucumbiu em plena juventude e saúde, como resultado do sarampo.

Fui vê-la, instigado por alguns amigos que falaram muito bem dela para mim. Era absolutamente impossível que ela soubesse quem eu era. A ninguém eu comunicara minha intenção de ir falar com ela. Eis o que ela me disse, particularmente notável:

"Vejo ao seu lado uma pessoa jovem, muito chegada a você, que vai morrer, e vejo um grupo de pessoas que falam uma língua estrangeira e se preparam para recebê-la, para recebê-la no além.

Há, principalmente, uma velhinha, linda, com uma touca" (aqui ela me descreveu uma touca especial que minha avó, de origem russa (Crimeia), usava, e que pode ser vista em um retrato a óleo que no momento atual está em casa da minha mãe).

Várias vezes, a Sra. B..., que parecia escutar algo com muita atenção, me repetiu: "Estou desolada, ela fala uma língua estrangeira... não entendo o que ela diz..." Saí de lá muito cético... convencido de que tudo isso não merecia minha atenção... Um ano depois, minha irmã mais nova, casada há poucos meses, sucumbiu a um sarampo maligno e por causa de seu estado de gravidez.

Foi quando me lembrei e entendi a previsão da Sra. B... Minha avó conhecera a minha irmã, e ela era sua neta favorita.

P. S. - A uma pergunta nossa, o Dr. Iscovesco responde sem reservas, que a descrição dada pela Sra. B... da touca de sua avó era altamente característica. Essa touca, muito especial, não lembra touca alguma da França ou de qualquer outro país. O incidente da língua estrangeira, que a Sra. B... não entendeu, também é digno de ser notado.

O Dr. Iscovesco também afirma que sua jovem irmã estava, no momento da terrível previsão, em plena e perfeita saúde, e era impossível conceber temor algum a respeito disso.

Biografia da Sra. B...

A investigação desenvolvida pelo Instituto conta com a colaboração de vinte e quatro pessoas, na sua maioria homens de ciência ou doutores, todos eles com um espírito crítico muito aguçado. Destas vinte e quatro pessoas, duas não puderam ser fiéis à citação. Aos vinte e dois restantes juntaremos três outras pessoas que viram a Sra. B... isolada e espontaneamente, mas que nos deram sua narração, escrita imediatamente após a sessão, e em quem tínhamos a mais absoluta confiança.

Uma dessas pessoas é um médico eminente. Portanto, temos um total de vinte e cinco testemunhos.

Antes de dar os relatos dos nossos colaboradores, acreditamos ser útil expor, para o perfeito entendimento do que se segue, alguns detalhes sobre a mediunidade da Sra. B…

A Sra. B... é médium desde a primeira infância, até onde suas lembranças podem ser remontadas.

Sua mãe tinha faculdades semelhantes, mas veladas por distúrbios nervosos e talvez mentais.

A mediunidade da Sra. B... reveste e sempre revestiu espontaneamente um aspecto exclusivo e estritamente espiritoide. Quando era muito pequena ela enxergava “os espíritos”, falava com eles intimamente. Eles revelavam a ela pequenos segredos de suas coleguinhas, e as meninas a taxavam de bruxa.

Pense-se o que se quiser sobre esse aspecto espiritoide da mediunidade da Sra. B..., é preciso levar isso em conta tanto na experimentação quanto na narração dos fatos. Iremos nos adaptar a essa condição sem apreciação pessoal, deixando para o leitor ciente a iniciativa do julgamento. Daremos também os relatos como eles se apresentam, reservando para o final deste trabalho a exposição das reflexões que os fatos nos sugerem.

No verão de 1919, fui ver a Sra. B... para comunicar a ela os nossos projetos. Nós dois estávamos nos vendo pela primeira vez.

Depois de me dar a conhecer, e enquanto explicava o objetivo da

minha visita, fiquei surpreso ao ver no rosto da Sra. B... sinais de intensa emoção. Essa emoção era tamanha que ela mal conseguiu falar depois de mim: “Doutor”, disse ela, “perdoe-me; estou transtornada!” “Peço-lhe que se acalme, senhora – respondi. Garanto que venho a você cheio de simpatia.” “Eu sei, doutor, e eu agradeço isso. Mas você não consegue adivinhar os motivos do meu constrangimento. Veja-os: dez anos atrás, meu marido acabava de morrer, deixando-me na penúria e com filhos pequenos. Eu então dirigi-me aos espíritos suplicando que me ajudassem a ganhar minha vida e a das minhas crianças com minhas faculdades mediúnicas. Prometi, se me ajudassem, dedicar-me, passados dez anos, ao serviço da sua causa e à demonstração da verdade. O voto foi cumprido!

“Pois bem, doutor; há dez anos, dia por dia, que fiz o voto, e não o tinha confiado senão a amigas íntimas.

Quando vi você expondo-me o seu projeto, compreendi e disse para mim mesma: Aqui está o credor! Essa é a razão da emoção que suas palavras produziram em mim.”

A Sra. B... acrescentou:

“Estou pronta para cumprir minha promessa. Farei o que for preciso para satisfazê-lo; porém, fique bem entendido que não quero qualquer remuneração. Com esta condição aceito sua proposta. De qualquer forma, estou cansada agora e peço deixar comigo a escolha do momento.”

Naturalmente concordamos, e no início de outubro a Sra. B... nos avisou que ela estava pronta. Em seguida, organizamos nossa série de estudos.

Vimos que a mediunidade da Sra. B... tinha um aspecto espiritoide. Ela tem suas melhores visões pela manhã, quando está descansada; mais raramente à tarde. A “vidência” é evidente, principalmente em sua casa, em seu ambiente familiar. Não é constante e, às vezes, é totalmente inexistente.

A Sra. B... não se utiliza de nenhum procedimento, nenhum artifício. Ela nunca está em hipnose. Conversa tranquilamente sobre

coisas indiferentes com o cliente. De repente, interrompe-se, seu olhar fixa-se em um ponto, geralmente à sua frente e ao lado do cliente. Ela presta atenção apenas à sua visão, com a qual parece entrar em comunhão mental. A visão é sempre de um ou mais "espíritos" de parentes ou amigos do consulente, já falecidos. Às vezes representa um amigo vivo, mas então sua aparência é diferente, e a Sra. B... não erra.

A vidente descreve "os espíritos" em detalhes mais ou menos minuciosos. Em geral, ela os vê com os trajes que costumavam usar em vida. Ela entra em "conversa mental" com eles e repete, palavra por palavra, o que ela parece ouvir; nomes próprios são frequentemente dados; geralmente o primeiro nome, mais raramente o sobrenome.

Alguns detalhes justos, íntimos e secretos às vezes deixam o consulente estupefato. Esses detalhes podem até estar fora de sua memória consciente. Existem também detalhes que não podiam, de acordo com todas as aparências, ser conhecidos, consciente ou inconscientemente, e que são exatos depois que as indagações são feitas.

Essas revelações dizem respeito ao presente, ao passado e às vezes ao futuro, e a duração das sessões varia de um quarto de hora a meia hora. Quando a visão cessa, a Sra. B... está muito cansada e demora algum tempo para recuperar as forças.

Do ponto de vista psicopatológico, a Sra. B... não apresenta nada de particular. Não há sinal de histeria ou qualquer tara do sistema nervoso.

Sua psicologia é a dos médiuns superiores; é extremamente sensível, suscetível e irritável. Mas sua inteligência é muito viva (embora sua instrução seja elementar) e sua memória é excelente. Ela tem um grande coração, total sinceridade e um notável espírito dedutivo.

Em relação à nossa investigação, tínhamos considerado a possibilidade de uma ata taquigráfica, que teria prestado um ótimo serviço.

Tivemos que desistir por dois motivos: o primeiro é que no decorrer das sessões, muitas vezes, coisas íntimas são reveladas, e é importante deixar a cada um o cuidado de contar esses fatos ou guardar o segredo.

O segundo é que a presença de uma testemunha atrapalha visivelmente as faculdades do vidente. Ela tem o hábito inveterado de nunca receber mais de uma pessoa sozinha. Ela expôs francamente sua hesitação em mudar seu método, e pensamos que nisso efetivamente havia um obstáculo a evitar.

Refletindo nisso, julgamos preferível classificar nossos documentos em apenas duas categorias: sucessos e fracassos.

Sem dúvida, existem sucessos que não são muito grandes; assim como há casos classificados como falhas que não o são em tudo. Mas o leitor fará sua composição de lugar em termos da primeira categoria ao menos, pois é a única que publicaremos na íntegra. Seria, de fato, tedioso e sem interesse relatar os casos negativos. Iremos nos contentar em dar dois exemplos destes últimos.

Uma observação é necessária antes da leitura das nossas notas:

As próprias condições da investigação eram de natureza ao propósito de dificultar o desenvolvimento das faculdades da Sra. B... A ideia de ser submetida à investigação científica, o medo do fracasso, já seria suficiente para inibir um sujeito tão hipersensível como este médium. Por outro lado, os experimentadores estavam na defensiva, e sua desconfiança instintiva, percebida pela Sra. B..., não podia deixar de influenciá-la penosamente.

Os resultados positivos ficaram certamente diminuídos; mas, em troca, eles são mais seguros.

Portanto, seja-nos permitido dirigir à Sra. B. nosso fervoroso agradecimento. Sua colaboração conosco não poderia ser menos que dura, árida e temível. Ela sabia disso e, concedendo-a, deu provas não apenas de abnegação, mas de um entusiasmo inteligente pelos nossos estudos.

Resultados negativos

Dentre os vinte e cinco relatórios que se seguem, oito mostram resultados negativos ou semi negativos (pouco menos de um terço). A taxa de sucesso de 70% é em si bem notável.

A ata seguinte, que reproduzimos na íntegra a título de exemplo, é instrutiva, apesar de seu caráter negativo. Ela mostra o espírito crítico que dominou o estudo e também indica algumas causas de erro a serem evitadas.

Relatório do Sr. Le Roy Dupré

21 setembro 1919.

Recebido quando cheguei. Descrição inútil de lugares, uma vez que eles não desempenham qualquer papel. Digo à Sra. B... que sendo eu, devido às circunstâncias, o primeiro de meus colegas a obter dela uma sessão, expresso nossa gratidão pelo apoio altruísta e tão precioso que ela nos traz. Ela responde dando a segurança de sua boa vontade, acrescentando que não pode garantir a qualidade desta ou daquela sessão; que fará todo o possível para nos satisfazer.

Ela me faz sentar defronte a ela, do outro lado de uma mesa quadrada do tamanho de uma mesa de jogo, e fala para eu me aproximar o quanto possível. Pergunto a ela que método devo usar, qual o programa a seguir: "Devo fazer perguntas?" "Não; se a sessão for boa, tudo será feito por si mesmo." Sem que nada tenha provocado tal recomendação, mas talvez por ter iniciado um movimento dirigido ao meu bolso, ela me pede por favor que não escreva durante a sessão.

Se bem não reproduzo as palavras usadas pela Sra. B..., com certeza vou reproduzir o seu significado. Portanto, vou recolher os fragmentos do relato de suas visões, descontínuos porque houve interrupções e conversas intercaladas por ela.

Imediatamente ela me disse que eu possuo uma capacidade fluídica considerável; que isso o torna difícil para ela; que por causa

disso algumas aparições são formadas por mim e não por ela. Tenho uma missão a cumprir, a continuar (na ordem moral e intelectual); sou instigado a fazê-lo por cinco ou seis figuras que ela vê atrás de mim, à minha direita, figuras de homens idosos (brevemente esboçados, depois melhor descritos: um calvo, o outro barbudo, etc.), figuras que apareceram quando eu entrei na sala, e aí permanecerão, apesar de outras intervenções posteriormente surgidas; mas então atrás, em um segundo plano. Tendo a notícia desta missão me deixado insensível, acrescenta que devo me apressar. Estou cansado: “Não tenho alterações cardíacas?” “Não sei se existe uma lesão no coração. Devo ter o coração e os vasos gastos de um homem de idade; nada especial.” “Mas sem ter uma doença cardíaca, você não sofre disso?” “Não.” “Você não teve recentemente uma doença grave?” “Não.”

Outra aparição surge; segundo a Sra. B... alta, magra, jovem muito bonita, mãos lindas, morena, ou melhor, ela se retifica, cabelo castanho escuro, ligeiramente cacheado...

Descreve com a mão (a aparição) um M, MA... Ela deve ter morrido há dez ou onze anos. “Não perdi uma jovem mulher em minha família que respondesse a esses sinais e seu nome era Margarida?” “Não.” “Mas de uma família amiga, de condição social (eu acho que ela falou isso) um pouco inferior, que estava muito grata a mim pelos grandes favores feitos? Ela pronuncia o nome de Luiz; Isso serve como lembrança? Depois o de Jorge. Ela é muito "pálida", como os doentes do peito.”

Eu disse a ela que não encontrei nada em minhas lembranças que me permitisse situar a silhueta percebida em minha vida familiar, sentimental ou afetuosa.

Ela permanece, no entanto, apesar das interrupções da sessão, as pausas da Sra. B..., nossas conversas, o entreabrir da janela a pedido do médium, fato que costuma causar o desaparecimento dos espectros. E, finalmente, surge uma figura com o meu parecido exato, mas com vinte e cinco anos menos, eu aos vinte e cinco anos! Eu pergunto se é meu duplo. “Não.”

Esse fenômeno, por sinal muito raro, acontece, mas meu duplo seria da minha idade, não de outra. Não é, portanto, eu. “Vejo quem pode ser?” “Não.”

A sessão propriamente dita termina definitivamente após cerca de quarenta minutos; mas a Sra. B... me retém até as onze horas, contando anedotas um tanto confusas, nas quais há membros de sua família e o seu filho, também dotado de poderes, mas de ordem diferente. Ela me pede espontaneamente, sem qualquer sugestão minha, para voltar na manhã da terça-feira às nove horas.

Ela me garante que não vai tirar proveito disso para fazer indagações sobre mim (do qual em casos semelhantes foi acusada algumas vezes).

Garanto a ela não temer nada semelhante, o qual, por outro lado, daria um resultado incompleto, porque saber o meu nome, a minha profissão, etc., não bastaria para conhecer as características verdadeiramente interessantes da minha vida.

Apesar de ser pouco interessante, reproduzi esta sessão minuciosamente e em detalhes, porque não sei se pesquisas futuras poderiam tornar úteis certos pontos de comparação.

Não quero expor, porque isso seria abusar de vocês, o por quê de não ter conseguido encontrar uma “missão” em minha vida. Ela não existe. Mas adivinho bem que os místicos, os enfatuados, os subjetivos, podem sempre justapor, a uma situação, uma ação ou um fato de sua vida, um rótulo desse tipo. Persuadir ou tentar fazer com que um sobrinho não devore sua fortuna com uma aventureira e reserve um pouco para outros fins pode ser uma missão e, em uma ordem superior, poderia, seguindo o fio, encontrar vagas analogias.

Da mesma forma com relação à aparição de uma jovem ou mulher. Uma muito alta, muito magra, muito bonita, com mãos admiráveis, que não vive, muito pálida (hemorragia, anemia profunda por vários anos), esteve intimamente ligada à minha vida. Amigos de infância, muito afeto mútuo, a mãe da jovem que se tornou minha tia por um segundo casamento, etc. Portanto, bastantes pontos idênticos, mas...

Não há razão para reconhecimento tomando a frase em sua substância, e minha jovem amiga não a teria achado apropriada, penso eu, apesar, repito, nosso afeto recíproco.

Nem morena, nem castanha, nem olhos sombrios. Loira acinzentada, de uma tonalidade rara, muito clara, olhos muito azuis.

Alto status social, grande fortuna, família muito conhecida, emparentada com grandes nomes da aristocracia francesa.

Luiz e Jorge não parecem representar nada a respeito da mulher desaparecida.

Um espírito prevenido e desprovido de crítica teria encontrado a identidade? Em simples exame, nada é visto mais do que uma coincidência parcial, insignificante e facilmente explicável.

Não sei se a Sra. B... explicou seus poderes a vocês. Ela geralmente enxerga aparições à direita da pessoa que intervém, ora em busto, ora inteiras, que são ou devem ser mortos, ora vestidos com as últimas roupas usadas, aquelas que estão em fotografias, acessórios de sua roupagem fúnebre; mais raramente em um traje branco “de aparição”. As visões são claras, fazem movimentos, gestos, falam, mas o vidente não ouve as palavras materialmente, percebe-as do lado esquerdo – ela o indica com a mão – no encéfalo. Sugiro que seja “como se estivesse lendo”, mas isso não a satisfaz.

Possui revelações sobre o passado, o presente e o futuro.

No entanto, não explica muito claramente o modo de percepção dessas revelações.

A atitude é tranquila, consciente, com os olhos fixados apenas nos pontos onde ela diz que as aparições surgem e subsistem.

A segunda sessão da qual o Sr. Le Roy Dupré fala foi igualmente negativo. Nosso colaborador achou que não deveria aceitar um terceiro ensaio proposto pela Sra. B...

Os outros resultados negativos ou quase negativos foram registrados pelos seguintes pesquisadores:

Sr. Joseph Melon.

Dr. Neel.

Dr. Jean-Charles Roux.
Sr. J. R.
Dra. Maingot.
Sr. Crepieux-Jamin.
Sra. Mercet.

Ao todo, são oito fracassos mais ou menos completos.

Os resultados negativos foram, por outro lado, raramente negativos no total. O caso a seguir dá um exemplo preciso disso.

Relatório do Médico Jean-Charles Roux

Sra. B ..., 24 de setembro, às onze horas da manhã.

(Eu me apresento, sem dizer meu nome.)

Depois de alguns instantes, ela diz:

"Você está cansado. Vejo com dificuldade, mas espere."

Após cinco minutos: "Eu vejo uma forma feminina, brilhante, seu guia.

"Você já lidou com essas questões antes. Depois, você as abandonou, mas agora está empreendendo o estudo novamente, com ardor. (Exato.)

"Essa forma luminosa afugenta todas as outras imagens.

Eis aqui, porém, uma garota, sua irmã.

(Eu realmente tive uma irmã, que morreu sendo criança, antes de eu nascer.)

"Agora eu vejo um R luminoso acima da cabeça de você; é seu nome de família.

"Tem uma senhora idosa aqui chamando alguém; diz: "Maria Teresa". (Isso nada me diz.)

"Há um jovem aqui que toca você no ombro; seu nome começa com J." (Isso também não me diz nada.)

O Dr. Roux tem certeza de não ser conhecido da Sra. B... A inicial verdadeira do seu sobrenome, um R, provavelmente parece um fato de lucidez (a menos de ser resultado de consciência).

Outro dos nossos colaboradores, o Sr. J. R. ..., que deseja permanecer no anonimato, observa que a Sra. B... às vezes se utiliza inconscientemente do "fishing" quando sua clarividência é deficiente. “Lança, escreve ele, nomes aparentemente e, sem dúvida, ao acaso. Quando um dos nomes interessa especialmente o consulente, ele reage subconscientemente e a Sra. B... percebe essa reação. É nela talvez uma questão de criar no consulente imagens mentais claras, de dirigir seu pensamento, não sobre ideias abstratas, mas sobre pessoas físicas, tornando assim a transmissão muito mais fácil”.

O mesmo colaborador registra, por outro lado, “resplendores de lucidez” durante sua sessão.

Este hábito, involuntário sem dúvida, da Sra. B... de lançar nomes quando suas faculdades supranormais estão em falha, raramente é seguido por bons resultados. O consulente, por pouco espírito crítico que possa ter, fica bastante excitado com essas tentativas e mantém mais reserva.

Não insistamos sobre esses fracassos, mais ou menos completos, e passemos agora a um capítulo mais interessante: o dos sucessos.

Relatório do Sr. Etienne Coyne

Visita à Sra. B... 24 de setembro de 1919, às dez horas da manhã.

As explosões de certos depósitos de munição alteram a tranquilidade do bairro de modo intermitente.

A vidente declara, à minha chegada, que os choques nervosos que ela recebe não a deixam em liberdade para usar suas faculdades, e que a sessão não dará, com certeza, nenhum resultado.

Porém, após alguns segundos, ela diz que vê, acima de mim, o rosto de um jovem de cerca de 25 anos, chamado Juan, morto na guerra em consequência de um ferimento na cabeça.

Este Juan — diz ela — está em comunicação comigo através de um Pedro, um Jorge e uma idosa que ele muito ama e que se chama

Maria (?).

Dada minha observação de que não conheço ninguém em minha família com nenhum desses três nomes, a Sra. B... parece consultar-se e renova sua declaração de que não está em condição de ter visões naquela manhã; mas um momento depois ela desenha um H na mesa e, após longas tentativas, pronuncia o nome de Enrique (Henri).

Enrique parece estar ao lado de Juan, com quem mantém uma grande amizade; mas enquanto Juan aparece à vidente desfigurado pelo ferimento na cabeça, Enrique, muito mais branco e distante, parece intacto. (Veremos mais adiante a importância desta visão.)

Ambos, segundo ela, zelam fraternalmente por outra pessoa cujo nome escreve, primeiro a inicial S, depois o nome Susana! A Sra. B... descreve a fisionomia de Enrique e a de Juan; mas as indicações que ela dá são confusas, e essa confusão parece se reproduzir quando fala da mãe de um desses jovens, que, muito cansada e debilitada pela dor, em breve irá se juntar ao filho; não chego a distinguir se no pensamento da Sra. B... essa previsão é aplicável à mãe de Enrique ou à de Juan.

A vidente, depois de me pedir para abrir a janela e após repousar um pouco, diz que está pronta para continuar a sessão.

Renova as suas afirmações sobre a presença, entre os mortos que velam por Susana e por mim, de um certo Luiz ou José (?), de cerca de setenta e dois anos e não é parente nosso.

Ela declara que Susana deve esperar para se casar e que seu novo casamento deve ser de afeto e não de conveniência.

Ela também vê uma senhora idosa ao lado de Enrique, que afirma ser parente dele, mas sem especificar, e em nome da qual tinha uma comunicação para mim. É a minha mãe?

No decorrer da sessão, perguntei à Sra. B... se, em vez de se limitar a citar nomes, ela não poderia dizer o sobrenome das pessoas que declara ver.

No final, quando eu me levanto para me despedir, ela desenha na mesa um grande C; mas não pode fazer ou dizer mais.

Eu não tinha contado à Sra. B... meu nome ou o de meus pais.

Êxitos. — Um de meus sobrinhos, por aliança, morto na guerra em agosto de 1914, chamava-se Juan Capelle. Era marido da minha sobrinha Susana, cujo irmão Enrique, educado sob a minha tutela, foi morto em 1915. (O capelão que o recolheu no campo de batalha disse-me que parecia intacto e seu aspecto era de estar adormecido.)

A leitura dos nomes Enrique, Susana, Juan e nosso nome de família, devem ser notados como um fenômeno interessante. Adivinhação ou sugestão de nosso subconsciente?

Relatório da Sra. Gay

(5 de outubro)

Fui ontem de manhã, conforme combinado, à casa da Sra. B...

Aqui está a ata fiel de nossa conversa (abreviadamente):

Ela. — Eu vejo uma pessoa idosa. O nome dela é Maria Juana. Encurvada, baixinha, o olhar vivo. Uma das avós de você.

Eu. — Esse nome é desconhecido para mim.

Ela. — Ao seu lado, um homem idoso. O avô de você. Seu nome é José.

Eu. — Os dois nomes são absolutamente desconhecidos na minha família.

(A partir desse momento, ocorre um fenômeno interessante. Senti-me vítima de uma semiletargia, uma espécie de sonolência intelectual, como se algum tipo de máquina pneumática psíquica tivesse induzido o meu cérebro ao vazio.)

Ela. — Eu vejo seu pai (segue uma descrição exata de meu pai).

Ela. — Está preocupado com alguém cujo nome começa com A. Você tem algum A em torno de você?

A minha sonolência é tanta que respondo que não, sendo assim que o nome do meu marido é Alfredo, um dos meus irmãos é André e meu primo é Alberto. Essa amnésia foi frutífera, porque forçou a médium a detalhar. E esta é a parte mais extraordinária da entrevista.

Ela. — Ora! Você diz que não, mas como! se o nome do seu irmão é André. É com ele que seu pai se preocupa. André tem um filho muito fraco e delicado. Sua saúde preocupa muito seu pai.

(Rigorosamente exato. Eu não dissera uma palavra.)

(Estou tão interessada, tão captada, que a partir deste momento deixo de estar à defensiva. Ajudo um pouco a médium, como se verá, para obter mais.)

Ela. — Ao lado de seu pai há uma menina muito luminosa, morta muito jovem. É sua irmã. (Exato.)

Ela. — Também vejo um jovem, na casa dos trinta, ferido na cabeça. Seu nome começa com E.

Eu. — (Rapidamente.) Sim, meu irmão Edmundo, morto na guerra.

Ela. — Ele amava muito você e sua mãe. Ele sente falta da vida, que para ele era bela e interessante. Ele também lamenta não ter se preocupado mais com a Vida no Além durante sua existência. Ele protege muito uma garota de sua família. Ele a ama muito, ele a considera quase como sua própria filha.

Eu. — Minha pequena Lisa, talvez?

Ela. — Eu não sei. Ela tem de onze a doze anos, é alta, loira, bonita, muito inteligente. Você a ama muito. Espere um pouco. Seu nome começa com S.

Eu. — Você descreveu minha sobrinha Simona.

Ela. — Seu pai volta. Ele pensa muito em uma mulher cujo nome começa com H.

Eu. — É mamãe Hermância.

Ela. — Ela é muito velha, pelo menos setenta e cinco anos. Chorou muito, sofreu muito. Ela é baixinha, muito encurvada, com olhos negros brilhantes. (Muito exato.)

Em suma, apesar de alguns erros, notados principalmente no início da sessão, e do uso abusivo, naquele momento, do jogo de nomes, a sessão é verdadeiramente notável. As exatidões, ao meu entender, foram prodigiosas.

Relatório do Doutor Moutier

Sra. B... Sessão no domingo 18 de outubro de 1919.

Depois de algumas observações triviais, a Sra. B... de repente pergunta-me:

B. — Você não perdeu um amigo há quatro ou cinco anos?

M. — Não.

B. — Vamos ver. Ele é um rapaz mais novo do que você, alto, com um rosto franco e sorridente, o cabelo puxado para trás, escuro, com um pequeno bigode.

M. — Não vejo nada.

B. — Ele tem uma maneira de falar muito juvenil e entusiasta; ele amava muito você.

M. — Não sei quem pode ser.

B. —Vamos ver se isto pode ajudá-la: ele aponta para o coração com ambas as mãos!

M. — Oh! Não entendo absolutamente nada.

B. — Ele vai me dizer seu nome: é isso!, ele escreve “Pablo”.

Observação – Neste momento, de repente, lembrei-me de quem poderia ser. Com efeito, um amigo meu, justamente chamado Pablo, foi morto por uma bala no coração por volta de 24 de agosto de 1914; o orifício foi imperceptível.

Deve-se notar que a descrição de Paulo era perfeita, extraordinariamente justa, e que a natureza de sua morte “pelo coração” foi-me revelada antes que seu nome me lembrasse aquilo bruscamente.

O resto da sessão tem pouco valor como prova: uma descrição de minha sogra, morta há três anos, foi imprecisa; no entanto, seu nome foi dado exatamente; duas ou três outras visões não evocaram com seus nomes nenhuma lembrança em mim. Só o episódio "Pablo" foi certamente impressionante.

Relatório do Sr. Géo-Lange

A sessão dada na quarta-feira, 15 de outubro, pela Sra. B... foi inteiramente satisfatória.

Se bem houve erros, mesmo assim fui capaz de verificar verdades perfeitamente claras sobre o passado, comunicadas, assim disse a Sra. B..., por falecidos descritos como foram em vida, de uma forma, às vezes, admirável.

A vidente primeiro me disse que tinha muito poucas probabilidades de "ver".

“Com certeza você é médium”, disse-me ela, “e deve ter tido manifestações... Vejo ao seu lado um ‘amigo’ de extraordinária luminosidade, vestido com um traje muito antigo, que certamente se comunicou com você em outro tempo. Ele me diz que parou de visitá-lo e impede você de ter qualquer manifestação por enquanto. É um castigo por querer interrogar os ‘amigos’ sobre assuntos profanos e puramente pessoais e materiais. De resto, naquela época você estava perto da morte, como tem estado de novo recentemente. O ‘amigo’ me diz que se você é músico sem nunca ter estudado música, você deve isso a ele, porque diz: “Ele é meu discípulo e eu o farei tocar algumas peças antigas muito difíceis algum dia, que surpreenderão as pessoas que o conhecem. De resto, se hoje ele está entre os que estudam estas questões, é porque eu quis assim, porque isso irá servir à nossa causa”.

Durante esta conversa não fiz a menor reflexão, não aprovei e nem neguei. Na verdade, o que ela me disse era exato: nove anos atrás, estando muito doente, tive sessões de vigília noturnas muito curiosas; eu quis me servir disso para assuntos materiais, e em oito anos não tenho tido nenhuma outra manifestação.

A última que tive terminou com estas palavras:

"Você será punido, vítima da curiosidade." A segunda vez que estive perto da morte foi há seis meses, quando fiz uma cirurgia.

A Sra. B..., aos poucos, declarou estar enxergando mais claramente “os amigos” que me cercavam.

“Há uma senhora idosa aqui, com um toucado particular” (que ela

descreveu minuciosamente), acrescentando: “Por outro lado, você não a viu viva.” Reconheço, sem erro possível, minha avó paterna. Na minha infância, eu tinha um retrato antigo desta avó, que morreu quando eu tinha poucos meses de idade.

“Ela está avançando — a Sra. B me disse... — e apoiado em seu braço vejo um homem alto e forte; ele me disse seu nome; espere...”, e com certo esforço começou a traçar sinais com a mão, sobre a mesa que nos separava, soletrando: A-lej-andro.

Este nome era realmente o de meu pai, que morreu trinta e três anos atrás, e o retrato era fiel.

Ela então deu detalhes extremamente precisos sobre minha infância, minha adolescência, com observações feitas por meus parentes falecidos e com rigorosa exatidão. Ela acrescenta observações sobre minha vida privada, que me surpreenderam pela sua veracidade.

Também mencionou várias pessoas que viu ao meu lado e que não consegui identificar.

Juana, morta há trinta anos, doente do peito, muito bela e com alma de santa. Maria, minha parente, ainda viva, iria se juntar a ela muito em breve (?). Também havia um menino lindo, falecido há mais de vinte e cinco anos (?).

Outro "amigo" chamado Carlos me amava muito; ele é alto, pálido, com uma barba pontuda, magro. Estava pensando no meu amigo Carlos, morto há oito anos, e ela rapidamente me disse: “Não, não; não é um homem tão velho; ele morreu com trinta anos”, e acrescentou: “Ele murmura a palavra 'irmão'. “É o meu irmão?”, Perguntei. E sem hesitar ela exclamou: “Não! Deve ser irmão de alguém de suas relações e que está vivo” (?).

Eu não tenho irmão vivo nem morto, e não fui capaz de "localizar" ou "identificar" Juana, ou Maria, ou Carlos, ou o menino.

“Você certamente encontrará esses 'amigos' — a Sra. B... me disse — porque eu os vejo e ouço.”

No momento, acredito que não; mas o precedente parece provar

que se bem a Sra. B... lê o pensamento com bastante clareza, suas "visões" nem sempre provêm dessa leitura.

Ela afirmou que minha mediunidade ia ser acentuada muito em breve; eu deverei, ao que parece, "escrever", talvez "ver" e, principalmente, do ponto de vista musical, em breve eles irão me ditar (?).

Em suma, houve retratos, datas aproximadas, fatos justos sobre meu passado e minha vida privada que permitem admitir uma mediunidade sem trapaça, ao lado de previsões bastante insignificantes e desculpáveis em uma mulher que faz profissão de clarividente.

À pergunta que fizemos, o Sr. Geo-Lange afirmou categoricamente que nunca contara a ninguém sobre a extraordinária questão do "castigo" mediúnico que a Sra. B... viu, pela simples razão de que ele o julgava um pouco ridículo. A Sra. B... não conhecia esse fato e ninguém poderia ter revelado isso a ela.

Relatório de Jean Lefebvre

Eis o relatório que você me pediu sobre a minha visita à Sra. B... Apenas substituí os verdadeiros nomes que a Sra. B... me disse por nomes convencionais, e silenciei, infelizmente, mas para não me alongar demais, muitos pequenos detalhes bastante significativos.

Eu sou, direta e indiretamente, totalmente desconhecido para a Sra. B... Depois de alguns minutos, não vendo ninguém ao meu redor, desculpando-se por não ter conseguido nada hoje, repentinamente ela exclama:

“Há alguém aqui... uma jovem (faz a descrição)... cerca de trinta anos, falecida há menos de um ano, após uma cirurgia de fígado, em consequência do nascimento do seu quinto filho. Ela só tem um filho... Não é sua irmã?”, etc. ...

Ela não é minha irmã, mas minha cunhada, falecida há onze meses. O retrato físico e moral que a Sra. B... fez dela, os menores

detalhes que ela me deu sobre ela, são de rigorosa exatidão. Mas como eu dissesse à Sra. B... que não tenho irmãs, ela respondeu:

"Sim, é irmã espiritual, assim como do seu irmão Pedro, com quem ela quer casar... Ela adorava José, o seu marido, não é isso?... Quem se chama, então, Susana? Quando estava viva queria casar com o Pedro, teu irmão... Diz que não tem que casar com a Susana, nunca! Nunca! Por este ou aquele motivo", etc. ...

Os nomes dos dois irmãos, o desta Susana, as preocupações da minha cunhada quando era viva, os motivos agora invocados para impedir o casamento, são todos extraordinariamente precisos e exatos, e estava eu muito longe de pensar nessas coisas.

Depois de algumas predições detalhadas sobre mortes que devem ocorrer ao meu redor, a Sra. B...

Disse: "Aqui está uma velhinha que se apoia em sua cunhada (descrição minuciosa da velhinha... Faz constantemente o mesmo movimento com a mão (a Sra. B... imita o movimento) para fazer notar seu anel... Ela escreve 'Magdalena'... É sua avó? Ela faz sinais de que é", etc.

O retrato físico, com o toucado e as roupas, a descrição do anel, os gestos imitados pela Sra. B... para fazê-la adivinhar o nome "Magdalena", são a identificação inequívoca da minha avó, que, com efeito, costumava apoiar-se no braço de minha cunhada, já que ambas professavam-se grande afeto mútuo.

A Sra. B... me dá muitos outros detalhes que só alguém que viveu na privacidade da minha família poderia conhecer, detalhes nos quais eu não estava pensando de jeito nenhum.

A Sra. B..., mais tarde, enxerga ao meu redor, parentes há muito falecidos, que posso identificar unicamente a partir de informações posteriores.

Outros nomes dados pela Sra. B..., outras descrições fornecidas, são, em troca, impossíveis de serem comprovados.

Devo referir aqui uma experiência feita recentemente por um amigo meu, o Sr. M..., que tinha ido consultar a Sra. B...

O Sr. M... disse-me um dia: “Tenho aqui um pacote contendo três fotos de parentes que a Sra. B... pretendia ver ao meu lado. Quer enviar-lhe este pacote e perguntar se ela consegue reconhecer as fotografias que contém?”

Cumpri esta missão no mesmo dia. Eu não tinha conhecimento algum das fotos do pacote, que a Sra. B... abriu embaixo da mesa sem que eu pudesse ver nada.

Imediatamente, sem hesitar, mesmo brutalmente, a Sra. B... exclamou, entregando-as a mim: “Este é o seu avô! Este é o seu pai! A semelhança é admirável!”

A Sra. B... olhou longamente para o terceiro retrato, buscou em sua memória: parecia estar sofrendo; depois, transcorridos alguns minutos, disse:

“Escute! É impossível para mim reconhecer este senhor. Já se passaram quinze dias desde que seu amigo veio me consultar. Se você tivesse vindo no dia seguinte, eu teria sido capaz de reconhecê-lo. A culpa é sua.”

Quando contei ao meu amigo Sr. M..., naquela mesma tarde, o resultado da minha averiguação, ele me disse:

“É maravilhoso. Então ela imediatamente reconheceu meu pai e meu avô, e não poderia reconhecer o terceiro retrato, porque era de um senhor qualquer que eu havia colocado ali, como uma armadilha, entre os outros.”

Tendo pedido detalhes, nosso colaborador respondeu com a interessante carta seguinte:

Jean Lefebvre ao Doutor G. Geley

Paris, 11 julho 1920.

Caro doutor:

Aqui está o complemento que você me pede do meu relatório.

1º. Quanto à experiência dos três retratos, a Sra. B... não poderia ter reconhecido o avô pelo parecido com o Sr. M..., porque este avô era, na realidade, o avô de sua mulher. Para simplificar minha

exposição, eu tinha suprimido esse detalhe sem pensar na objeção do parecido. Por outro lado, a própria Sra. B... quando contei a ela sobre esta experiência alguns dias depois, me fez observar isso e censurou-me por minha falta de precisão.

Quanto ao pai do Sr. M..., ele usa barba, enquanto o Sr. M... não usa. Não há, por assim dizer, nenhum parecido entre os dois.

Note-se que o retrato do outro senhor representava um homem de cerca de sessenta anos, com barba, o que fazia os três retratos serem de homens com barba, mais ou menos da mesma idade.

2º. Devo salientar, a respeito de minha opinião sobre a Sra. B…, este fato, que não aparece em meu relatório: que a Sra. B... me disse sem hesitar o nome da minha avó, dos meus dois irmãos e daquela Susana, só conseguiu encontrar o meu nome depois de várias tentativas, e não conseguiu dizer-me o nome da minha cunhada (tão simples, no entanto), que foi, em suma, aos seus olhos a principal intérprete do Além. E essa impossibilidade persistiu, apesar de meus esforços de sugestão mental, que eu tentava como experiência.

Receba, caro doutor, a certeza de meus mais distintos sentimentos.

Jean Lefebvre.

Relatório do Sr. Lemerle

Sessão de segunda-feira, 6 de outubro de 1919.
- Notas literais feitas durante a sessão.

Observações. – Fui à casa da Sra. B..., com tempo bom e muito boas disposições físicas e morais, não tendo nenhuma ideia preconcebida sobre a natureza particular dos fenômenos que ela produz. Seu encontro foi muito simpático para mim. Nenhum aparelho cênico; conversa simples, colocando as mãos sobre uma mesa vazia, por meio da qual, segundo ela diz, o contato é estabelecido. Nos primeiros instantes ela manda guardar as folhas de papel, que não demora em me deixar utilizar.

Custa um pouco para ela estabelecer a relação, pois, segundo ela, desprendo muito fluido, perguntando-me se estou tranquilo, dizendo que vê muitos seres ao meu redor. No decorrer da sessão, ela olha para o vazio, à minha direita (a janela estava à minha esquerda). Quando percebe um nome, ela fala a inicial primeiro e, em seguida, escreve esse nome com grandes traços, na mesa, com um dedo.

Vou escrever as palavras da Sra. B... cara a cara e minhas observações.

SRA.B...
"J. Jeanne".

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Este nome não me lembra nada. Continua.

SRA.B...
A um jovem morto a poucos anos. Tendo uma morte trágica.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Me faz pensar no meu filho Enrique, morto em acidente de automóvel em outubro de 1910. Eu não estava pensando nele.

SRA. B...
"Ele grita: Santiago! Santiago!

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
É o nome do irmão dele, que guiava o carro naquela hora.
A vidente continua.

SRA.B...
"Morto em pleno vigor — não diz o nome — fala rápido, mas eu não ouço... vinte e quatro a vinte e cinco anos. Escreve JUAN, fala dele.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Não sei de quem se trata.

SRA. B...
Há muitos aqui, por você.
Ele está com muita pressa... tem grande desejo.
"Ocorrem batidas perto de você com frequência?

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Exato.

SRA. B...
"Você também é médium.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
?

SRA. B...
"Ele escreve Enrique... vamos, não me machuque, acalme-se, jovem.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Exato.

SRA. B...
"Juana ajudou-o a se manifestar.
"Há também outro espírito que morreu de uma ferida na cabeça.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Eu perdi um sobrinho assim em 1918.

SRA. B...
"Não, não; não quero encarnar, nós amamos muito você."
Ela continua; "Não sei se é homem ou mulher; sofreu por ter se atrasado em vir — Ele escreve Carlos? Não, não, não é CARLOS. Ele gostaria de avisar você sobre o que acontece em torno a você. Ele ajuda você.
"Maria… quem?
"Senhora idosa ao seu lado — não a vejo muito bem para poder descrevê-la. São quatro ou cinco — um menino que quer... ele se chama Pedro.
"Enrique diz uma palavra que não entendo. Ele é quem dá as batidas perto de você.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
(Não tenho ouvido batidas nos dias sucessivos.)

SRA. B...
"Ele não devia viver — é alguém do Além — não diz o que você é dele.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Eu também não disse nada.

SRA. B...
“Escreve um A... Alberto, que ainda está vivo.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Eu tenho um parente próximo com este nome.

SRA. B...
“JORGE (com violência) grita: “Eu gostaria de ver a anciã de cabelo branco.”

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Isso se aplica ao meu filho.

SRA. B...
“Você verá Enrique em uma fotografia no Instituto Metapsíquico; ele olha para você com doçura.
“E com lágrimas — fala de uma mulher. Você estava pensando nele enquanto vinha aqui?

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Não, e eu esperava outra coisa, ignorando o caráter espiritoide que a sessão iria tomar.

SRA. B...
“André? Doente?

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Tenho um cunhado com este nome.

SRA. B...
“Precisa cuidar da garganta e do peito.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Segundo o gesto da Sra. B...

SRA. B...
“Ele me cansa muito com sua pressa.
“Ele fala: 'ceder' (a Sra. B... pergunta: “É para ceder ou não?” Não há resposta).”

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Eu tenho neste momento uma greve que me preocupa.

SRA. B...
O médium, cansado, diz que não quer encarnação; sofre e põe a mão no peito; fala que Enrique deve ter o esterno afundado.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Ele morreu sem recuperar a consciência por vários dias; fratura da base do crânio, um maxilar e um braço.

SRA. B...
O médium acrescenta:
"Vá embora, sim; você me machuca."
E para mim: "Raramente vi isso; isso é por causa de você. Você é muito nervoso?

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Sim.

SRA. B...
"Tenha a bondade de abrir a janela.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Faço isso.

SRA. B...
"Eles foram embora.
"Enrique teve de ficar muito tempo unido à terra por causa de você.

A sessão durou uma meia hora e tive a impressão de que o médium estava influenciado, de modo para mim desconhecido, por toda espécie de lembranças da minha família e minhas, nas quais há muito tempo não tenho pensado conscientemente. Eu não esperava em modo algum uma sessão espírita, acreditando que a Sra. B... era um sujeito vidente no sentido de antecipar o futuro do consulente ou de seus parentes.

Com muito prazer voltarei a vê-la.

Lemerle.

Relatório do Sr. Lemerle

Segunda sessão. Segunda-feira, 18 de outubro de 1919.

Manhã fria e chuvosa. Cheguei vinte minutos atrasado, o qual me fazem notar. Parece que a Sra. B... está um pouco nervosa.

Durante a sessão, ela me fará saber que ontem esteve doente e não pôde aproveitar o bom tempo; assim, ela torna-se desagradável por momentos, mas isso não dura muito. A relação estabelece-se com mais facilidade do que da primeira vez.

SRA. B...

"Aqui está o mesmo ser — Enrique —, apresenta-se com menos violência; aponta para você, dizendo: "Papai, ainda estou aí, ao seu lado".

Ele exclama: "Eu o amo muito. Sinto muito não estar vivo. Ele diz que vai dar tudo certo, que é para você ter coragem, fé, esperança no futuro para todos aqueles que ele ama.

"Uma mulher que sofre das pernas? Nome duplo: M. Teresa, M. Luísa?

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Eu não tinha falado nada sobre este parentesco.

SRA. B...

"Aqui está outro ser, também jovem. Não consigo vê-los bem, nem ouvi-los, porque o Enrique pega a força toda; quer continuar se comunicando com você? Ele vai fazer isso por Magdalena (?).

"André...

"Este moço (Enrique) quer tirar uma preocupação que você parece ter?

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Não sei o que isso pode significar.

SRA. B...

"Não se preocupe com questão de interesses — ele zela por você — nada de ruim vai acontecer; no entanto, existe risco de incêndio; tenha o cuidado de fazer um seguro.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Acabei de decidir não renovar o do meu estabelecimento, que está prestes a expirar.

SRA. B...

“Diz muitas outras coisas que eu não percebo por causa da grande pressa que ele tem em se comunicar.

Diz: “Papai, Papai”. Faz um A grande; não é André — ele se apoia em uma mulher de cinquenta a cinquenta e dois anos. (É engraçado; com todos vocês, senhores do Instituto Metapsíquico, os seres todos tratam de dar provas de sua identidade. — É o que vocês querem?)

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Trocamos algumas palavras sobre este assunto, e eu digo que considero ser preocupação legítima do consulente saber de quem vem um aviso, a fim de melhor apreciar seu valor.

SRA. B...

“A mulher tenta se fazer entender; morreu há muito tempo; seu penteado é como era usado há trinta ou mais anos, em *bandeaux*, o corpete abotoado até o alto; diz "mãe", apontando para você; seu aspecto é radiante; deve parecer mais jovem do que a sua idade; com olhos brilhantes, mãos não muito longas, que cruza (ela era piedosa?); fala que já disse seu nome, L.; muito boa, agradece a você (o por quê, não sei).

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Tudo isso refere-se bem, em efeito, à minha mãe, em que eu não estava pensando agora.

SRA. B...

“Ao lado dela está uma pessoa ... Maria Luísa?...

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Que eu saiba, não.

SRA. B...

“Jovem, vinte e cinco a trinta anos... apaga-se — tudo se apaga —; sinto como uma angústia. Você tem alguém com problema de coração?

“Sua esposa deve ter algo no coração ou no peito…

“Quem é esta mulher? Não são os mesmos fluidos que os de sua família. (Tudo é logo apagado com você.)

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS

Nome de minha sogra, que não cheguei a conhecer.

SRA. B...
“Ela morreu lentamente; tem os cabelos castanho-escuros...
“Uma senhora idosa, morta, acaba de se erguer e gritar: "Enriqueta"...
“Ela não pode ficar aqui, porque está pronta para reencarnar.
“Uma criança pequena de três a quatro anos anda por aí.

MINHAS OBSERVAÇÕES PESSOAIS
Não perdi nenhum filho pequeno.

SRA. B...
“Um ancião aparece encurvado; não posso descrevê-lo (é do parentesco da sua esposa).

Neste momento houve uma crise de opressão, de sufocamento, com uma espécie de espasmo e soluços. Abro a janela, a pedido da Sra. B..., que me diz não ter sofrido isso há muito tempo; mas é para eu não me inquietar. Ela me pede apenas que eu permaneça para atuar com minha presença, ficando tranquilo. Após alguns minutos a crise vai apaziguando aos poucos; depois algo reaparece por causa de um movimento da Sra. B..., que se julgara livre dela antes de tempo.

Afinal a calma volta completamente, e a Sra. B... ainda me retém algum tempo sem retomar a sessão. Ela me conta sobre a coincidência observada pelo Dr. Geley, a respeito dos dez anos transcorridos desde a morte de seu marido, bem como de sua mediunidade, da qual ela me conta alguns exemplos que não vou referir agora. Eu quis limitar-me ao que é pessoal para mim, e acrescento que o aspecto geral dessas sessões me inspirou o mais vivo interesse, e a pessoa do médium uma real simpatia.

Lemerle.

Relatório do Conde de Gramont

Em 16 de janeiro de 1920, fui à casa da Sra. B..., onde fora marcada uma consulta para mim, sob o pseudônimo de Dr. X..., pelo Dr. Geley, que afirma não ter revelado nada do meu incógnito.

A Sra. B... fez-me a descrição das pessoas que ela pretendia ver ao meu redor, e que não correspondem em nada a amigos ou parentes vivos ou mortos, ou a memórias latentes em mim.

Enquanto a sessão prolongava-se infrutuosamente, fiz a ela a seguinte pergunta: “Tive a grande dor de perder o meu filho na guerra. Você o vê?”

Após alguns momentos de concentração, ela respondeu:

“Eles o mataram, de um ferimento na cabeça...

“Ele caiu de cima, de muito alto…

“Mas ele estava na aviação!... O avião dele caiu. Foi destruído. Eu vejo chamas ao redor de seu corpo, que deve ter sido consumido, queimado em parte.” [32]

Depois de uma pausa, ela acrescentou:

“Não posso ler bem o nome dele; existem como névoas, nuvens, que me impedem. Só vejo a primeira inicial, S, e depois o final do sobrenome ...mont...” Ela repetiu várias vezes: "S... ...mont."

O nome do meu filho era Sancho.

Depois ela fez uma descrição aproximada e bastante indefinida do meu filho, sem nada característico; mas dizendo que tinha bigode, o que acho inexato, porque meu filho usava o bigode inteiramente raspado de há vários anos.

Depois disse que ele estava usando uma espécie de capacete, e o cabelo coberto por um pano preto; isso corresponde, em efeito, ao traje de aviador que usou no combate onde encontrou a morte.

Arnaud de Gramont
Doutor em Ciências.
Vice-presidente do Instituto Metapsíquico.

Relatório de Pe. Cornillier

Tendo aceitado a proposta do Dr. Geley, para colaborar na

[32] Esses detalhes são exatos e eu os conhecia. É então, evidentemente uma leitura de pensamento.

pesquisa empreendida pelo Instituto Metapsíquico sobre a clarividência da Sra. B..., fui à casa dela no sábado, 22 de maio, às nove e meia da manhã. Eu não a conhecia, e existe a certeza quase absoluta de que ela não podia saber quem eu era.

Apresentado em seu consultório, sentei-me em frente a ela, colocadas as mãos sobre uma mesa que nos separava e, a seu pedido, para evitar toda concentração de meus pensamentos, falei de coisas indiferentes.

Depois de alguns momentos, eu a vi manifestar certa inquietude. Ela estava enxergando ao meu lado, segundo disse, uma quantidade enorme de "fluidos"... e esses fluidos detinham sua "clarividência". Será que eu era médium?...

Minha negativa não a fez mudar de opinião; mas apurando suas percepções, ela me anunciou que reconhecia outros fluidos misturados aos meus (fluidos de extraordinária natureza e força), e que, com toda a certeza, provinham de um médium, ser vivo e feminino. Com certeza eu tinha, afirmou ela, ao meu lado, e intimamente unida à minha vida, uma mulher médium... as radiações fluídicas eram completamente diferentes de todas aquelas que ela havia notado até então... e aquela mulher estava lá, presente, tentando condensar seus fluidos. Sua vinda era o que detinha qualquer possibilidade de clarividência. Tinha eu anunciado esta visita a essa mulher? Sabia ela que eu iria para a casa da Sra. B...?

Eu tive que responder afirmativamente, e a Sra. B... me disse que possivelmente ela não iria ter nenhuma visão de desencarnados. No entanto, à minha entrada eu tinha visto duas grandes luzes brancas, uma das quais apareceu fugazmente determinando-se na forma da cabeça de um ancião... Essas luzes brancas não podiam ser senão "Guias"; mas imediatamente as emanações da pessoa viva encheram a atmosfera e eram de uma força tal que se encontrava penosamente afetada.

A condensação não chegava a se completar... No entanto, a Sra. B... estava vendo que a mulher era jovem — vinte e cinco ou vinte e seis anos — "mais jovem do que seus fluidos!" Adivinhava um sorriso em

seu rosto...; mas as radiações a oprimiam; ela ia passar mal... Quer fazer o favor de abrir a janela?

Sentei-me de novo...; a Sra. B... parecia muito surpresa pelo fato de que o ar e a luz não produziam o efeito de desintegração... Pelo contrário, a forma concretava-se! Eu a ouvia pronunciar um nome: "Pablo, Pablo"... E agora ela entendia claramente que esta jovem e eu tínhamos uma missão de grande alcance a cumprir. Entre nós — afirmava ela — havia uma mão, um laço... que não vinha só desta vida... Isso remontava-se muito longe no passado! Mas ela nunca tinha notado uma separação assim do corpo em uma pessoa viva. E que desejo intenso de morrer esse ser tinha! Ah!, não podia viver assim..., morreria muito em breve!, etc ...[33]

A Sra. B... estava enxergando agora, à minha esquerda, outra forma indecisa — viva também —; ela era minha esposa, sem dúvida. Seus fluidos entremeavam-se com os nossos, e, evidentemente estava ligada à nossa "missão". Mas em que estado anormal de desdobramento nós três estávamos! E de repente, a Sra. B... anunciou:

“Vejo um nome por cima da cabeça da jovem... Escrevem-no com grandes letras: Reina... Aí (depois de eu dizer: “é exato!” continua com certa emoção: “Ah, ela está mostrando-me o seu retrato...”, e bruscamente, declara: “Você é não é desconhecido para mim. Você é o senhor Cornillier... Eu li seu livro recentemente. No entanto, o nome "Reina" não me deixava entendê-lo. Então, uma espécie de mão fluídica colocou diante de meus olhos o retrato que está no livro, e embaixo: Cornillier”.

Após esta declaração — evidentemente formal, da total sinceridade da Sra. B... (porque tendo lido o meu livro ela poderia facilmente ter feito revelações surpreendentes para mim) — meu papel como pesquisador estava finalizado... Eu permaneci, porém, ainda mais de meia hora conversando com a Sra. B... e posso afirmar que as apreciações que ela fez sobre minhas experiências, suas condições e seu objeto, denotam mais do que uma compreensão

---

[33] Essa previsão viu-se realizada alguns meses depois.

intuitiva. Houve uma penetração profunda em certos estados — consequentes às minhas investigações — que não tenho porque mencionar aqui, mas dos quais posso, não obstante, anotar a correspondência exata com minhas comprovações pessoais.

Em resumo, os fatos positivos estabelecidos durante minha visita à Sra. B..., são os seguintes:

Ao meu lado (sendo eu completamente desconhecido para ela) teve conhecimento da existência de uma mulher, médium de grande valor, com quem tenho experimentado por muito tempo; disse sua idade exata — vinte e cinco a vinte e seis anos — e seu nome: Reina.

Ela viu a existência de outro ser vivo, intimamente associado às nossas experiências, que falou ser minha esposa. Finalmente, descobriu meu próprio nome. (O nome "Pablo", pronunciado duas vezes, não se refere a nenhum ser de interesse para mim ou para Reina.)

Relatório da Marquesa de Montebello

Fui ver a Sra. B... em 2 de junho de 1920, pela manhã.

Eu tinha encomendado marcarem-me uma consulta anônima através do professor Carlos Richet, e aquela mulher com certeza não sabia quem eu era.

A Sra. B... fez-me sentar na frente dela, pedindo que eu não pensasse em ninguém; uma mesa nos separava, na qual ela me disse para colocar minhas mãos, sem luvas. Nenhum preparativo, nenhum acessório; não adormeceu e quase imediatamente falou:

“Um espírito está ao seu lado; ele ainda não acabou de se formar, mas é de um parente muito próximo de você. O nome dele começa com L.” Eu inclinei a cabeça, ela continuou: “É o Luiz.” “Com efeito, eu disse, era o nome do meu filho.”

Ela acrescentou: “Ele morreu de maneira súbita e violenta. Ele morreu durante a guerra?” Eu respondi que não. Depois, ela elevou as mãos o mais alto que pôde, a seguir baixou os braços bruscamente,

dizendo-me: “No entanto, ele faz sinais de que caiu deste modo em morte súbita, instantânea.” Neste ponto eu respondi: “É assim mesmo, meu filho morreu de um raio.”

Ela continuou: “Agora posso vê-lo claramente. Ele é parecido com você na parte alta do rosto; não na boca, e ele tem mais de você do que do pai.” Era verdade. “Ele ama muito você; você e a esposa são suas grandes afeições; ele está feliz pelo fato de você se entender melhor com ela do que quando ele estava vivo.” Aí a Sra. B... me falou coisas exatas, muito íntimas e que ninguém sabe. Ela continuou: “Ele deixou três filhos, dois meninos e uma menina pequenina.” (É exato.)

Depois perguntei à Sra. B... se seria possível ver uma avó que eu amava com muita ternura. Passados alguns instantes, disse-me: “Estou a vê-la, parece muito velha; mas seus olhos são vivos e cintilantes. Faz sinais de que escrevia muito.” Com efeito, minha avó passava parte do tempo coletando lembranças e cartas de família e de seus amigos, das quais deixou vários livros.

A Sra. B... também diz: “Ela gosta de ver você rodeada dos escritos dela e de todos os objetos que a cercavam. Ela amava você de paixão e está sempre com você; vejo ao longe uma forma borrosa de uma mulher jovem e delicada; morta há muito tempo; também está perto de você.”

Depois de refletir, reconheci que o retrato correspondia à silhueta de minha mãe quando eu era criança. Antes de terminar, a Sra. B... me disse: “Você tem uma amiga entre as pessoas do seu relacionamento que vai precisar ser amparada e consolada, porque ela vai ter um grande desgosto.”

Naquele momento, não havia pensado em nenhuma de minhas amigas. No dia seguinte, uma mulher que vejo com frequência, mas que geralmente não me fala sobre seus assuntos íntimos, confidenciou-me estar em grande tristeza e sofrendo cruelmente.

Devo dizer que esta extraordinária clarividência não tem como causa a telepatia. Seguindo as instruções, meu cérebro era uma página em branco e fiquei transtornada quando ela me falou sobre meu filho

e sua morte horrível. Por último, eu não estava pensando nos escritos de minha avó e o mesmo aconteceu com todos os assuntos tratados por ela. Esta entrevista durou apenas meia hora e a Sra. B... estava tão exausta que faltou pouco para ela passar mal.

Marquesa de Montebello.

Relatório do Doutor Marage

Sessão de 1 de junho de 1920. — Duração da sessão: uma hora.

FATOS EXATOS

1. “Você teve uma irmã, que faleceu por volta de 1875, chamada Maria.”

Exato, só que ela era uma cunhada.

2. “Vejo um senhor, aparência doentia, cerca de quarenta e cinco anos, moreno, cabelo comprido penteado para trás, grandes bigodes retorcidos; diz: “Alexandre pai”.

A descrição responde a um irmão, que morreu perto dos quarenta e cinco anos; o nome de nosso pai era Alejandro.

FATOS EM PARTE INEXATOS

1º. Descrição muito aproximada de um dos meus antigos professores e de uma pessoa situada ao seu lado que parecia se chamar Francisca.

Esse nome de Francisca, na verdade Francesca, de origem italiana, me faz supor que se tratasse do professor M...

2º. Descrição muito aproximada de outro de meus antigos professores.

3º. Eu me ocupo de dois jovens chamados Juan e Pablo.

Durante a guerra, ocupei-me de um refugiado do Norte, primo meu, chamado Juan, morto em 1917, em uma fábrica de eletricidade. Tenho um afilhado também chamado Juan e ocupo-me dele uma vez por ano para enviar-lhe um presente de Natal.

Pablo é desconhecido para mim.

FATOS INEXATOS

1º. (Um sábio chamado Nicolás está interessado no meu trabalho; ele morreu de câncer.

Nicolás, desconhecido.

2º. Eu irei descobrir um remédio para curar a tuberculose.

???

OBSERVAÇÕES

1ª. A Sra. B... opôs-se a que eu anotasse qualquer coisa por escrito.

2ª. Como ela não estava pronta, conversamos primeiro sobre coisas indiferentes por cerca de um quarto de hora; então ela me contou sobre Maria e Alejandro pai.

Longo intervalo de novo; como eu acreditava que a sessão estava terminada, com certeza falei de nossas ocupações e do gênero de pesquisas a que eu me dedico. Aí foi quando ela falou dos meus professores.

Em resumo, únicos fatos a reter:

1º. O nome e a data da morte da minha cunhada Maria.

2º. Descrição do meu irmão.

3º. Nome do meu pai.

Doutor Marage.

Relatório da Sra. R...

Sessão de 1° de junho de 1920.

O início da sessão foi bastante impreciso. A Sra. B... disse-me que tenho "fluidos extraordinários". Os fluidos a atrapalham porque "os espíritos todos se precipitam sobre mim", daí a confusão. Depois, aos poucos, as visões vão ficando mais precisas e tornam-se verdadeiramente notáveis.

A primeira é um homem cujo nome ela diz imediatamente: Enrique.

Este homem é alto e magro. Seus olhos são muito expressivos. Eu reconheço meu cunhado, que morreu anos atrás. Enrique dá detalhes extremamente precisos e espontâneos dos seguintes membros da minha família: seu filho mais velho, que ele diz chamar-se Pedro (exato); de seu segundo filho, cujo nome não diz, mas de quem anuncia o próximo casamento (exato e até agora secreto); de sua viúva, minha irmã. Ele me agradece por ter zelado muito por esta última (exato); recomenda a mim sua esposa e filhos.

Todos esses detalhes são realmente admiráveis e impressionam-me vivamente.

A vidente continua dizendo que Enrique traz alguém com ele e ela descreve outra visão:

Ele é um homem muito alto. Seus olhos são extremamente vivos. A barba, muito grisalha, divide-se em duas partes para baixo. Ele fala muito rápido, a tal ponto que a vidente mal percebe o que ele diz e pede para ele ir mais devagar.

Esses detalhes são absolutamente característicos do meu marido. Eu fico calada. A vidente acrescenta: “Ele tem um ferimento na cabeça. A testa está perfurada por uma bala; ele teve uma morte brutal na guerra.” Isso é correto, mas não sei de que ferimento ele morreu.

Peço que me diga se ele sofreu.

Resposta: “Ele não sofreu. Morreu instantaneamente. Lamenta-se de não ter podido escrever antes de partir (de morrer). Fala que cumpriu seu dever até o fim. E que sofreu por ter de arrastar tantos homens para a morte.” Este último detalhe é interessante porque aparece mencionado na citação da ordem do dia do meu marido, que com sua palavra impetuosa e por seu exemplo, arrastou seus homens para o assalto fatal.

Depois, a Sra. B... teve como um momento de êxtase, falando com grande eloquência (assim falava meu marido), dizendo-me coisas muito lindas e absolutamente de acordo com o caráter e pensamento do meu marido. Eram frases de ternura para mim e de incentivo e

recomendações para os meus dois filhos, "para nós três". Tudo isso era íntimo demais para que me seja permitido detalhar.

Direi apenas que as palavras repetidas pela Sra. B... eram justamente aquelas que meu marido teria dito. As próprias frases eram suas frases familiares, as usadas em suas cartas íntimas.

Uma frase que me comoveu especialmente era a mesma, textualmente, em uma de suas últimas cartas: “Eu tinha dado a ele — dizia — a felicidade absoluta.”

Terceira visão.- Após uma pausa, a Sra. B... descreve outro homem falecido recentemente. Ele se parece comigo, mas seu rosto é mais estreito. “Seu nome começa com S..., é o seu nome de família.” Bem, meu pai, que morreu recentemente, era de fato chamado S... A descrição física é exata.

A Sra. B... continua: “Ele quer que digam a você que é para não ter nenhuma preocupação por causa de dinheiro.” Bom, é fato que, depois da morte do meu pai, e principalmente do meu marido, tive grandes dificuldades financeiras, das quais ainda não estou livre.

Quarta visão. – A Sra. B... descreve, por último, e com fidelidade, a minha sogra, repetindo-me palavras familiares que ela havia me dito, agradecendo-me pela felicidade proporcionada a seu filho, etc. Detalhe incrível: A Sra. B... dá-me, da parte dela, o nome Gabi, pelo qual minha sogra sempre me chamava e que somente ela usava.

Eu falei apenas sobre os traços característicos das visões da Sra. B… mas ela me contou uma infinidade de coisas exatas, expostas, segundo ela, por seus interlocutores invisíveis, sobre minha mãe, meus filhos e seus caracteres e sobre minhas preocupações. Esses detalhes são de tal modo verdadeiros, tão de acordo com meus pensamentos, que poderíamos acreditar que ela os leu.

Relatório do Sr. De Brath

Resumo da sessão na casa da Sra. B... em 8 de junho de 1920.

Cheguei a Paris do exterior em 7 de junho de 1920, depois de uma

viagem ao exterior, e visitei aquela médium no dia 8.

Eu era totalmente desconhecido para ela e minha visita não foi preparada com antecedência.[34]

Quando eu ia entregar-lhe meu cartão, ela me impediu dizendo: “Senhor, prefiro não saber de nada por antecipado”.

Sentamo-nos e, após algumas frases indiferentes, ela disse-me: “Você tem à sua volta uma multidão de espíritos; entre eles, vejo um homem alto com barba; ele tem uma longa barba, parece clérigo, além de um bispo protestante; há também uma mulher, não muito jovem, de testa larga, rosto oval, queixo fino, olhos de um azul acinzentado, cabelos loiros (esses dados são exatos), resplandecente de luz, diz o nome de Isabel. Ela ama você e também ama sua esposa. Ela morreu há oito anos, de doença pulmonar "purulenta"; ela repete esta palavra. Ela quer lhe dar um aviso. Você deve seguir o conselho de sua esposa sobre questões de saúde; ela tem razão. Ela entende mais do que você pensa em questões psíquicas. Você fará bem em mostrar a ela tudo o que você escreve para o público e em consultá-la.”

Acrescentou detalhes particulares (exatos, mas secretos) relacionados à minha vida e disse com dificuldade várias vezes o nome de minha esposa: Priscila, com seu diminutivo usual Pris. Ainda falando de Isabel, continuou dizendo: “Também é preciso proteger Maria (só o nome), que quer entender as coisas psíquicas, mas está enganada; é preciso guiá-la.

“Ao seu lado está também um jovem chamado Santiago. Você conhece algum Santiago que usa uniforme?”

Eu disse: “Conheço vários; é um nome bastante comum.”

Resposta: “Este conhece você muito bem.”

Este Santiago era um oficial de artilharia muito amigo meu; foi morto na França em 1917.

“Há também um Harry...; diz que sua irmã também deve ser protegida; ela está cansada e sua saúde não está boa.”

---

[34] O senhor de Brath substituiu no último minuto um de nossos colaboradores inscrito para esta sessão e que não pôde comparecer.

Harry é irmão de uma amiga da família; a irmã dele habita em nossa casa. Ele morreu durante a guerra também.

Após algumas outras informações, a sessão termina.

Todos esses dados e nomes são exatos e oportunos.

Os nomes são todos comuns, é verdade, exceto o de minha esposa; mas são os de meus amigos íntimos. Eu conheci todas as pessoas, exceto o pastor, que poderia ser um certo padre G..., grande amigo da minha família; mas sua descrição não é completa o suficiente para ter certeza disso. ISABEL era muito amiga da minha família. Ele morreu de pleurisia purulenta, como a vidente falou.

Numa sessão de escrita automática, em Londres, uma comunicação que se dizia ser de ISABEL fazia-me a seguinte promessa: Isabel me acompanharia à França e faria tudo o que pudesse para se manifestar se eu tivesse alguma sessão mediúnica.

S. de Brath.

Relatório do Sr. Ch. Blech

Antes do relatório do nosso colaborador, que será seguido pelo de sua irmã, Srta. Aimée Blech, faremos uma observação:

Temos toda a certeza que é possível se ter, de que a Sra. B... não conhecia o Sr. Blech ou sua família, como do mesmo modo ela também era desconhecida para eles. Mas, naturalmente, esta afirmação, fruto de uma investigação rigorosa feita por nós, não teria o valor de prova absoluta dado o papel dos nossos colaboradores na Sociedade Teosófica e a notoriedade que disso resulta para eles. Publicamos, portanto, os relatos do Sr. e da Srta. Blech tal como são, chamando apenas a atenção para os pequenos incidentes das sessões, incidentes que são todos a favor da boa fé da Sra. B...

O primeiro desses incidentes, que nada poderia fazer prever, é o seguinte:

Dez dias antes da sessão do Sr. Blech, eu estava com vários amigos na casa da Sra. B... para experiências de outra ordem, das quais não

precisamos falar agora. Não se tratava da pesquisa empreendida. De repente a Sra. B... disse: “Aqui há um ser muito luminoso, vestido com um traje oriental, que me diz: “Blech... ou Black... vai vir”. Este propósito não foi anotado; mas a Sra. B... não podia suspeitar que o Sr. Blech estava, de fato, entre os Investigadores que ela iria receber. Eis agora o relatório do Sr. Blech:

7 de junho de 1920.

Cheguei às dez horas, e depois de esperar cerca de quinze minutos, fui recebido pela Sra. B..., que tendo-me ordenado que me sentasse à sua mesa, disse: “Você é o Sr. Black ou Blech; eu fui avisada há oito dias por um ser luminoso, vestido ao estilo oriental, da sua visita. Ele tornou a me confirmar isso esta manhã, e quando você bateu na porta, eu imediatamente disse para mim mesma: "É ele".

A Sra. B... me disse depois o que ela enxergava luminoso ao meu redor, etc.; mas isso é pouco importante; ela me citou alguns nomes ou algumas iniciais de pessoas; mas de pessoas que não são muito próximas de mim. Todo mundo conhece uma Cecília, um Juan, etc.

Depois de me perguntar o que eu era na vida civil e, sabendo que eu era secretário geral da Sociedade Teosófica mencionou, logo após, os nomes de duas pessoas, damas da S. T, das quais uma, Matilde, ia, disse ela, morrer muito em breve; e a outra, Emília, estava muito doente. Mas ontem fiquei sabendo que a Sra. B... tinha visto várias vezes a pessoa designada como Emília; consequentemente, há uma associação de ideias com a S. T. Ela citou depois o Dr. Deffaut, falecido há seis anos, membro da S. T.; e ela não sabia de sua morte.

Ela não viu ao meu redor as minhas irmãs ou meu falecido amigo Ostermann.

Conto a ela alguns episódios da minha vida; então fala que vê ao meu lado duas meninas falecidas em 1899, brilhantes de luz; depois, o meu amigo Ostermann, que ela descreve fielmente; velho, cabelos longos, barba grisalha, etc., que me incentiva com sua fala a perseverar na minha linha de conduta... Mas tudo isso não prova lá grande coisa.

Se, pelo contrário, ela realmente encontrou em suas visões o nome do seu visitante desconhecido, seria uma prova muito interessante. De todos modos, ela fez que me parecesse assim.

A Sra. B... acrescentou: “Você ainda tem cinco anos de trabalho continuo a ser dedicado à sua obra.” Eu respondo: “É possível, mas estou velho e bem

que eu gostaria de um substituto." A Sra. B...: "O oriental me diz: não se preocupe; ele estará pronto no dia em que for necessário. Seu nome será Juan. Há também uma Maria-Ana que vai desempenhar um papel."

Esses nomes são desconhecidos para mim entre as pessoas da Sociedade Teosófica. Eu os anoto como me são ditos.

Ch. Blech.

Relatamos agora um segundo incidente: após o Sr. Blech enviar seu relatório, muito surpreso por ter sido reconhecido daquela forma, teve algumas dúvidas e questionou se a Sra. B... não teria sido avisada de sua visita por indiscrição de amigos.

Fizemos-lhe notar que, nesse caso, teria sido mais vantajoso para a Sra. B... explorar essa indiscrição para documentar-se minuciosamente e fazer uma "clarividência" perfeita, do que revelar imediatamente que sabia quem era o visitante. O Sr. Blech concordou; no entanto, decidimos de comum acordo tentar outra experiência.

Justamente um de nossos colaboradores viu-se impedido de ir, e aproveitamos para mandar em seu lugar, no último minuto, a irmã mais nova do senhor Blech, em estrito incógnito. A Sra. Blech não se parece com seu irmão. Será visto no relatório dela, que a Sra. B... teve a mesma visão com o mesmo resultado, porém no final e não no início da sessão.

Relatório da Srta. Aimée Blech

Sessão de 15 de junho de 1920, às dez horas da manhã.

Sra. B. "Não vejo nada... Não posso ver nada...; talvez eu não veja nada. Isso acontece comigo às vezes. Além disso, sua força é superior à minha...; vai me impedir de ver. Você deve ser médium...; isso explicaria... Você tem visões?..."

"Há uma força atrás de você. Desprende-se de você... Vejo agora um ancião. Você está rodeada de luz... Não entendo o que me dizem. Não vejo nada mais.

"É certamente o seu guia, ou sua alma irmã. É muito alto, muito

belo, com uma túnica branca. Usa turbante. Quanta força sai dele! e também bondade, doçura. Meu amigo, fale!

"Diz que está unido a você há milhares de anos, em muitas encarnações; segue você, espera você. Ele me mostra algumas coisas...; é estranho...; não compreendo. Diz que você está assinalada. E eu vejo em você uma estrela na testa... O que isso significa? Também me mostra um caminho reto e luminoso que termina em um triângulo.[35]

Sim é isso; uma espécie de triângulo formado por três pontos. Mas ao lado dele há outro caminho que faz assim (ela traça algumas espirais com a mão); forma bifurcações. Você ficou para trás em suas vidas passadas. Vejo algumas quedas. Ele ultrapassou você, mas se juntará a você quando chegar a hora. Você sofreu muito nesta vida, física e moralmente. Oh, quanto sofrimento!... Até dramas. E seu corpo frequentemente protesta quando você age.

"Você perdeu amigos em seu caminho espiritual; outros têm se afastado...; você está "desamparada" sob muitos aspectos. No entanto, vejo que muitas almas estão unidas a você.

"A família terrestre não desempenhou um grande papel em sua vida. Você teria outra missão? Mas quanto você sofreu em qualquer caso! Era preciso, para chegar onde está...

" Vejo que você escreve um nome... Annie? Anna?... Annie?[36]

Quem é? Você conhece essa pessoa? Tem desempenhado um grande papel em sua vida. Ele a tem ajudado, vai ajudá-la ainda mais depois de sua morte. Porque o guia de você me disse que ela morrerá muito em breve, mas você a verá ainda antes... Muito em breve sua obra deverá ser continuada.

"Vejo você associada aum homem grisalho... Mas... é que vocês chefiam um movimento!...[37]

"Vocês evoluirão ainda nas vidas futuras. Conhecerão uma grande parte da verdade, não toda a verdade ainda. Eu vejo o hindu fazer o gesto de abrir a testa a você e extrair... Então você verá e saberá

---

[35] A estrela e o triângulo são representações simbólicas, muito conhecidas na teosofia.
[36] Annie Besant.
[37] Todos os detalhes sobre o passado são muito exatos.

outra coisa.

"Annie fará você mudar de roteiro. Vejo bifurcações; mas algumas fazem parte de seu destino; você não podia alterá-las. Eles o obrigaram a fazer coisas que seriam úteis para você.

Agora vejo uma jovem luminosa. Você perdeu alguém, uma amiga, vinte e cinco ou trinta anos atrás, que poderia ser esta jovem? Ela escreve o nome de Pedro. Você sabe quem é? Ele corre um perigo mais moral do que físico; também vejo que escrevem Juan… depois Isabel. Você lida com literatura. Você é autora, deve continuar. Eles não fazem você escrever senão o que irá ser útil. Você está inspirada muitas vezes.

"Onde é que eu vi este guia, este hindu? Eu o vi pouco tempo atrás, duas ou três vezes... Ah, agora eu sei! Não! a porta se fecha... procuro... não vejo quando foi que ele veio.

"Pronuncia palavras em um idioma que não conheço. Diria que atua sobre a minha boca para me fazer pronunciá-las. Não posso! Faça-me entender, meu amigo!... Quase não entendo o sentido das palavras. Que pena! Teria coisas tão interessantes para dizer!

"... Ah, toda essa luz que está em torno a você! E essa estrela, e esse triângulo que eu continuo vendo! Eu não entendo o que você quer dizer, meu amigo! Oh, bem que eu eu gostaria! Só entendo que você não é como todo mundo e que..."

Eu. — Você vê minha morte como sendo próxima?

Ela. — Não antes de sete ou oito anos. Foi adiada por causa de sua missão.

Eu. — Mas eu poderia continuar até o fim?

Ela. — Sim. Você vai sofrer, mas vai agir, mesmo assim. Viver é seu sacrifício. É mais abençoado ser liberado... Oh! a porta abre-se novamente. Vejo um nome escrito: Blech.

Eu. — Esse é o meu nome.

(Ela dá um grito de alegria.) — Ah, agora entendo! O oriental havia me anunciado a visita de um Sr. Blech!

Eu. — Ele é meu irmão.

(Ela está radiante e solta uma exclamação de alegria.) — Oh, como estou feliz! Era, portanto, seu irmão. É muito simpático. O guia havia anunciado a visita dele, mas não a de você. Porque?

Eu. — É que foi depois da visita do meu irmão quando o Dr. Geley me propôs que eu viesse vê-la para a investigação que eles estão fazendo.

Ela. — Então, ainda melhor.

A sessão termina com um bate-papo amigável.

A. Blech.

Após esta sessão, a segunda irmã do Sr. Blech, Sra. Zelma Blech, que não se parece com seu irmão nem com sua irmã, foi ver a Sra. B... sozinha, sem apresentação, mantendo absoluto sigilo, mesmo sem avisar seus parentes ou o Instituto sobre essa gestão. Ora, eis o que aconteceu:

Recém sentada, a Sra. B... exclamou: — "Como isto é curioso. Também vejo um triângulo em você. Você é teosofista? Vejo um oriental ao seu lado, mas não é o mesmo que vi em outras ocasiões. Ele escreve: "Srta. Blech: Você a conhece, sem dúvida..."

A Sra. Zelma Blech, perplexa, não escondeu mais sua identidade.

Relatório da Sra. Le Bert[38]

À minha entrada, a Sra. B... me faz sentar na frente dela e diz:

"Não pense em nada" e, um ou dois segundos depois, diz: "Gabriel é seu marido, não é? Falecido?"

R. — Sim.

Sra. B... — Eu o estou vendo, uma grande luz branca, é muito luminoso, ele estende as mãos para mim como se quisesse me mostrar alguma coisa; sim, ele me mostra seus anéis, um anel que ele tem em alta estima, que você deu a ele; aquele anel deseja fortemente que você o tenha; é o seu pensamento fixo; quer que você o use. Você

[38] Sra. B... sabia meu nome e minha visita tinha sido anunciado por meu pai, Dr. Ch. Richet.

sabe o que isso quer dizer?

Eu. — Sim; com efeito, antes de morrer, ele estava querendo mandá-los para mim.

Sra. B... — Como estou feliz por ter podido provar imediatamente que estava falando a verdade; eu temia que você duvidasse de mim e pedi "aos amigos" que lhe dessem uma prova imediatamente.

"Mas você está rodeada de mortos com os quais estava em constante comunhão e com os quais ainda vive completamente. Você não é totalmente infeliz vivendo tão perto deles. Vejo, acima de tudo, três grandes resplendores brancos, Gabriel e Al... e André. Como você está rodeada de A...! (de pessoas cujo nome começa com A).

"André amava muito teus filhos; ele os considerava quase tanto como os dele. Ele também te amava muito, mas todo o seu afeto era para os teus filhos.

"Al... você sabe quem ele é, não consigo ver seu nome completo."

Eu. — Sim, Alberto.

A Sra. B... — Como ele é luminoso, (oh, não há cabeça, é um mingau, não resta nada dele, está completamente esmagado; todo o seu corpo não representa ser maior do que isso (ela aponta a uma massa de 0,20 m de altura).

"Você sabia que ele morreu assim?"

Eu. — Sim, ele caiu de um aeroplano.

Sra. B ... — Mas antes que sua cabeça fosse arrancada ele já estava morto. Eis que ele retorna inteiro agora; ele te amava muito, ele tinha um carinho especial por você."

(Aqui a Sra. B... repete-me textualmente as palavras que Alberto me dissera em uma conversa confidencial que tivemos em 1917.)

Depois, acrescentou: "Al... quer que você zele por seus filhos como uma segunda mãe, principalmente CH...; você sabe quem é?

Eu. — Christiane, talvez?

Sra. B... — Provavelmente, porque eu só vejo Ch..., e não é Charles. Você tem que zelar por Christiane.

"Mas quantos A ao seu redor; Amelia, Antonieta, Ana.

“Você tem uma filha que é muito apta para a música; quanto ao seu menino, não tema nada, ele será quase um homem de gênio.

“Você serve como laço de união para toda a sua família. Eles gostam de te pedir conselhos e te procuram quando há um aborrecimento, uma dificuldade.

“Você quer me fazer perguntas?”

Eu. — Você pode me falar sobre Enrique?

Sra. B... — Enrique, não; não posso, não vejo.

Eu. — Onde meu marido foi ferido?

Sra. B... — Não vejo ferida, é incrível, porque sempre as vejo; não vejo sangue; ele deve ter sofrido uma hemorragia interna.

“Mais que luminosos são esses três seres que rodeiam você; nunca vi seres tais; deviam ser de uma lealdade e franqueza sem igual.

“Você tem outros seres ao seu redor, mas aqueles, em particular o Gabriel, ocupam tudo e mal posso vê-los.

“Margarida, uma mulher que me diz ter amado muito você e seu marido.

“Maurício. Mas este não está morto.”

Notas da Sra. Le Bert

Tudo o que a Sra. B... me disse era a própria verdade.

O anel que meu marido usava, e que eu lhe tinha dado, foi entregue por ele, após seu ferimento mortal, para ser enviado a mim depois do seu falecimento.

Meu cunhado André Le Bert amava muitíssimo os meus filhos. Após a morte de meu marido, ele me escreveu que “seus filhos são agora meus.” Sinto um afeto especial por Christiane, filha do meu irmão Alberto e, há muito tempo, meu irmão me recomendou seus filhos.

Margarida e Maurício são meus tios, muito queridos por meu marido e por mim. Estou cercado por pessoas cujos nomes começam com A.

Em todos os assuntos íntimos, a Sra. B... tem sido admirável em precisão e justeza. Apesar do pouco que sei sobre a morte de meu marido, acredito que ele teve um ferimento no estômago e que morreu de hemorragia interna.

Conclusões e ensinamentos[39]

O estudo experimental cujos resultados publicamos não está completo. Faltam duas atas: a do médico, inspetor geral, Sr. Calmette e a do doutor Z...

Quando o Dr. Calmette apareceu na casa da Sra. B…, ele descobriu que ela o conhecia. Por mais interessante que tenha sido a sessão, ela não poderia mais ser conclusiva, uma vez que a Sra. B... estava, é claro, ciente dos acontecimentos nefastos que a família de nosso eminente colaborador havia sofrido.A clarividência da Sra. B...

foi, no entanto, além das circunstâncias conhecidas, permitindo-lhe reconstituir detalhes íntimos da vida do Dr. Calmette; detalhes que era impossível que ela pudesse conhecer. Mas faltava-nos o interesse principal da sessão, que é dado pelo incógnito do visitante. De acordo com o Dr. Calmette, decidimos, portanto, não mencionar seu relato.

Outra ata que nos faltou; é a do doutor Z... No momento de entrar na imprensa não tinha chegado até nós. Mas a narração dela foi feita pelo próprio doutor Z... perante doze testemunhas, todos homens de ciência e metapsiquistas, e fazemos de cor o seu resumo até podermos publicá-la na íntegra.

O Dr. Z... teve a imensa dor de perder seu filho, morto na guerra. O jovem foi oficialmente declarado desaparecido; seu pai ignorava tudo relacionado ao seu fim e nem mesmo sabia com certeza se ele estava morto ou prisioneiro.

Na sessão com a Sra. B..., ela descreveu o jovem, que dizia ver ao lado do Dr. Z... Disse o nome dele e repetiu, falando que era da parte

---

[39] Trata-se é, claro, das impressões do momento.

dele, indicações completas sobre o local de sua sepultura, o nome da localidade e designando um dos cemitérios dos soldados, especificando a rua onde estava o túmulo e até o número deste túmulo.

Nenhum desses detalhes era conhecido, e mais tarde foi visto que eram exatos. O infeliz pai pôde, de fato, descobrir facilmente o túmulo de seu filho, sem outras indicações além das notas tomadas por ele na sessão com a Sra. B...

Devemos agora tentar expor, na medida do possível, as conclusões que resultam de nossa pesquisa.

Duas questões principais são apresentadas a nós:

1ª. A lucidez, é uma realidade?

2ª. Como interpretá-la?

1ª. A LUCIDEZ É UMA REALIDADE?

Reservaremos para a segunda questão qualquer discussão sobre o mecanismo que se supõe envolvido nas visões da Sra. B..., e iremos simplesmente nos perguntarmos o seguinte:

A Sra. B... tem dado provas de conhecimentos adquiridos sem o auxílio dos sentidos, fora dos procedimentos normais de aprender e saber?

O que principalmente chama a atenção em nossa pesquisa é o grande número de resultados positivos (em média dois em cada três) e a precisão de alguns detalhes.

Essa dupla consideração é suficiente para eliminar em bloque a hipótese das coincidências.

Se nos limitarmos às narrações de nossos colaboradores, encontramos detalhes íntimos e secretos, fornecidos pela vidente; descrições de caracteres psíquicos e individuais; caracteres físicos e roupas, nomes próprios, entre eles alguns inesperados e peculiaridades surpreendentes.

Tomemos, por exemplo, o relato do Sr. de Brath. Três nomes aparecem: Santiago, Isabel, Priscila. Se imaginarmos, levando a

desconfiança ao extremo, que os nomes de Santiago e Isabel são fruto de uma coincidência fortuita, é impossível dar a mesma explicação para o de Priscila, nome pouco usado na Inglaterra e absolutamente desconhecido na França.

A descrição de Isabel, a designação exata da doença da qual morreu, os detalhes íntimos dados ao investigador, não podem em modo algum ser obra do acaso.

As mesmas reflexões servem para o caso do Sr. Lemerle e para a maioria dos fatos referidos por nossos colaboradores. Após eliminar, tão amplamente quanto se quiser, os casos que deixam margem para dúvidas, resulta da pesquisa a seguinte conclusão, sem qualquer sombra de dúvida: as visões justas da Sra. B... não são fruto de felizes coincidências.

Seriam então produto de fraude?

Seja qual for a nossa certeza absoluta sobre a boa fé da Sra. B..., somos cientificamente obrigados a estudar esta hipótese em si mesma, fora de qualquer consideração ou julgamento de ordem subjetiva.

Devemos recordar brevemente as condições de nosso estudo. Em primeiro lugar, eu conhecia a lista de colaboradores, escolhidos em meios muito diferentes, e a eles me dirigi individualmente e sem que cada um soubesse outra data que não a da sua sessão. Poder-se-ia supor, é verdade, que essa lista pudesse ter chegado, por algum meio, uma distração de minha parte, a cumplicidade de um criado pago pela Sra. B..., etc., ao conhecimento da vidente.

Pois bem; até esta objeção estava prevista: tive o cuidado de mudar a ordem da lista várias vezes. Os seguintes investigadores foram para a casa da Sra. B... em um dia diferente daquele originalmente designado para eles. São: a Sra. Gay, o Sr. Lemerle, a Sra. Anne Blech, a Sra. R... Um de nossos colaboradores, o Sr. de Brath, não estava inscrito. Substituiu, no último minuto e no próprio dia da sua chegada a Paris, um investigador que não podia comparecer. Outros não constavam da lista, como a Sra. de Montebello, que foi enviada

diretamente à Sra. B... pelo professor Richet.

Em segundo lugar, de acordo com o programa, nossos colaboradores evitaram cuidadosamente pronunciar palavra ou fazer gesto algum que pudesse anular seu incógnito. Eles simplesmente se apresentaram no dia e hora marcados, e ativeram-se à retenção das palavras da Sra. B...

Lembrando que vários deles não moravam em Paris; que o Sr. de Brath é estrangeiro. Nessas condições, como A Sra. B… teria conseguido se documentar com antecedência sobre detalhes íntimos revelados nas sessões?

A hipótese de uma vasta polícia privada da Sra. B..., abrangendo Paris, França e Inglaterra, é tão absurda que não pode ser sustentada seriamente.

Mas isso não é tudo: vamos admitir por um momento essa tola suposição como verdadeira. Teríamos resolvido apenas metade da dificuldade.

Não teria sido suficiente para a Sra. B... estar documentada; teria sido necessário adivinhar, de cada vez, quem era o colaborador anônimo que comparecia, e não confundir suas informações. Terceira consideração, por último: muitos fatos revelados nas "vidências" da Sra. B... não poderiam ser conhecidos por meio de uma investigação policial, por minuciosa que fosse.

Por exemplo, a Sra. Le Bert ouve repetir as palavras ditas por seu irmão Alberto em uma conversa confidencial.

Da mesma forma, a Sra. R... ouve mencionar uma frase inteiramente íntima escrita por seu marido em uma de suas últimas cartas. O Sr. Geo-Lange ouve lembrar, com espanto, a estranha história de sua punição mediúnica que ele era o único no mundo em saber, e da qual não havia falado nem mesmo aos seus mais íntimos.

Vemos até que ponto toda fraude é impossível em nossa investigação. Esta impossibilidade dispensa-nos de insistir em considerações que não são menos importantes para nós, mas menos evidentes em si mesmas, tais como as provas de boa-fé da Sra. B..., que resultam de muitos incidentes nas sessões, apontados pelos nossos

colaboradores, e do nosso profundo conhecimento desta médium.

Podemos, portanto, garantir formalmente que a Sra. B... tem dado prova, no nosso trabalho de investigação, de conhecimentos não adquiridos por vias sensoriais e por procedimentos normais.

Admitida a lucidez, devemos agora nos perguntar qual é o seu mecanismo.

É uma simples leitura de pensamento?

Observemos primeiro que esta expressão: *leitura do pensamento* é imprópria. Quase nunca, nas experiências e observações desta ordem, é uma questão de leitura consciente do pensamento. Vários dos nossos colaboradores têm notado isso expressamente. Mas se em vez de leitura do pensamento dissermos: comunhão mento-mental, então a hipótese torna-se racional e deve ser tomada seriamente em consideração. Nesta hipótese, a lucidez da Sra. B... consistiria essencialmente em uma leitura, por sua parte, de clichês mentais, geralmente subconscientes, do consulente. Haveria, nesse caso, como uma interpenetração da subconsciência deste último pela da Sra. B... Esta comunhão mento-mental tomaria na vidente o aspecto espiritoide, por meio de uma espécie de objetivação reflexa de uma imagem conforme ao clichê mental percebido. Ela teria criado, inteiramente, "o espírito" comunicante por meio dos elementos tomados inconscientemente no Inconsciente do pesquisador.

A hipótese da lucidez por comunhão mento-mental apresenta a singularidade de ser tão difícil de eliminar quanto de provar sua certeza.

Parece racional; ela se oferece por si mesma imediatamente ao pensamento: porém, indo ao fundo das coisas, se a questão é examinada de um ponto de vista rigorosamente filosófico, não há razão forte para adotá-la sistematicamente.

O conde de Gramont, comprovando que a Sra. B... diz a ele o nome de seu filho e descreve sua morte, coisas que ele sabia, conclui que: “Trata-se evidentemente de uma leitura do pensamento.”

Nós não julgamos inteiramente como nosso eminente

colaborador. O que é evidente não é que seja uma leitura de pensamento; é, simplesmente, que a leitura de pensamento não pode ser descartada como explicação do caso.

Se considerarmos cada fato em si mesmo, quase sempre chegaremos à mesma conclusão: em nossas pesquisas, a comunhão mento-mental não pode ser descartada com toda certeza, exceto em um caso, o do Dr. Z...

Mas como justamente, do ponto de vista filosófico, basta que uma hipótese não possa ser aplicada a todos os casos para que ela perca, em última instância, seu caráter ilusório de representar uma interpretação exclusiva e quase providencial.

Refugiar-se nesta hipótese como em inesperado asilo, no limiar do mistério, aparece como profundamente irracional. A comunhão mento-mental não pode ser invocada em todos os casos; nada, então, nos permite afirmar que não estamos errados nos casos em que ela nos parece em funções. Por último, quando consideramos que a leitura do pensamento é tão inexplicável e revolucionária quanto a clarividência, entendemos como é ilógico invocá-la a cada passo.

Se nos recusarmos a considerar a leitura de pensamento como o fator primordial e essencial da lucidez, ficamos em presença de duas outras hipóteses: a da realidade objetiva das visões da Sra. B... e a da clarividência pura.

A hipótese espírita não deve ser afastada *a priori*.

Visto que homens sábios como Hodgson, como Hyslop, como Barret, como Olivier Lodge, acreditaram poder adotá-la em casos semelhantes à nossa pesquisa, depois de esgotadas as demais interpretações, deve ser considerada seriamente. A questão que se impõe é, portanto, a seguinte: A hipótese espírita deve ser considerada como explicação geral das visões da Sra. B...? Não pensamos assim e devemos dizer por quê.

Tomemos uma primeira ordem de fatos: A descrição dos caracteres físicos dos "Espíritos". É verdade que essa característica física (corpo, rosto e traje) só pode ser fruto de um trabalho ideoplástico, de uma reconstituição momentânea da representação

objetiva do ser como ele era quando vivia. Com efeito, é necessário deixar aos humoristas a opinião de que os "Espíritos" ficam, no Além, vestidos como estavam no dia da sua morte; de modo que "o mundo do Além deve se assemelhar a um imenso baile de trajes".[40]

As manifestações aparentes de que se trata não são, com toda evidência, repetiremos, senão o resultado de um processo ideoplástico indispensável para as identificações. Pode-se presumir que esse processo ideoplástico pertence a entidades distintas e autônomas, a "Espíritos"; mas pode também logicamente ser localizado no subconsciente da Sra. B…

A descrição exata dos caracteres físicos feita pela vidente, não poderia, por conseguinte, ser considerada como evidência suficiente a favor da hipótese espírita.

A visão dos caracteres psíquicos, a revelação de peculiaridades íntimas individuais, deixam-nos ainda mais perplexos.

É bem verdade que as entidades parecem mostrar autonomia revelando uma atividade extrínseca que não pode ser facilmente reduzida ao limite dos clichês mentais percebidos pela Sra. B... Mas aqui também a prova irrefutável desvanece-se.

A hipótese da clarividência pura sempre pode ser invocada para explicar tudo, até mesmo as revelações ignoradas do pesquisador, como no caso do Dr. Z...

Julgamos prudente, em qualquer caso, nos reservarmos uma opinião sobre esta matéria. Evidentemente, a questão da realidade ou não realidade dos “comunicadores” não pode nem mesmo ser proposta em nossa breve investigação.

A solução do formidável e grandioso problema da sobrevivência não poderia ser tentada em um trabalho metapsíquico parcial e fragmentário. Em qualquer caso, não pode ser concebido senão como o coroamento final do edifício metapsíquico.

---

40 Pierre Mille, *Excelsior* de 20 de outubro de 1920.

Capítulo III

Um caso notável de auto-premonição de morte[41]

O caso a seguir, de auto-premonição de morte é notável pela precisão de seus detalhes; detalhes que verifiquei eu mesmo, tendo sido, como médico, testemunha deste drama do princípio ao fim.

O Sr. Dencausse, de setenta e seis anos, morreu em 31 de Outubro de 1916.

Cerca de seis meses antes, embora gozasse de perfeita saúde, ele anunciou aos seus que sua morte viria antes do inverno.

A partir daquele momento ele não cessou, dia a dia, de afirmar sua convicção.

No início, a família prestou pouca atenção a essas "ideias negras", que pareciam não se basear em nada. Mas como o Sr. Dencausse comia mal e emagrecia visivelmente, eles se inquietaram e quiseram que ele fosse tratado. O Sr. Dencausse recusou energicamente, declarando que todos os cuidados eram inúteis. Acrescentou que não consentiria em consultar um médico, exceto quando percebesse que seus últimos dias estavam chegando, e isso unicamente por puro formulismo. Oito ou dez dias antes de sua morte, ele declarou que sabia a data exata do evento, que seria no Dia de Todos os Santos.

Logo depois, cumprindo a promessa feita, concordou em chamar o médico. Eu o vi pela primeira vez em 28 de outubro. A família já

[41] O relato deste caso foi publicado no *Annales des Sciences Psychiques* de agosto-setembro de 1916.

havia me informado previamente de sua obsessão.

Encontrei um ancião muito enfraquecido, mas ainda ativo, levando uma vida quase normal e não mostrando indício algum de morte próxima. Eu o examinei cuidadosamente. Não havia lesão orgânica em parte alguma; o coração estava funcionando perfeitamente; ele não tinha febre. O único sintoma mórbido que pude encontrar, sintoma que nada tinha de alarmante, consistia em alguns sinais de bronquite crônica leve, que o Sr. Dencausse sofria durante os invernos, de muitos anos atrás, sem guardar cama.

Tentei tranquilizar o ancião, mas minha sugestão fracassou completamente. O Sr. Dencausse enfrentava a sua morte, que julgava próxima, com perfeita serenidade. Ele simplesmente me disse estar feliz em me ver e que seguiria minhas prescrições; mas que tudo seria inútil e que mantinha absolutamente sua predição.

Não obstante isso, após meu exame, negativo do ponto de vista médico, acreditei poder tranquilizar a família até certo ponto, com a única ressalva de que, sem um cuidado sério na alimentação, o ancião, cujo estado de desnutrição era evidente, acabaria adoecendo gravemente.

No dia seguinte, 29 de outubro, o Sr. Dencausse completou sua predição com as seguintes precisões surpreendentes:

"Eu morrerei", disse ele, "no Dia de Todos os Santos, quando a meia-noite chegar. Não terei sofrimento ou agonia. Estarei falando até o último momento. À meia-noite, vai parecer que adormeço; mas não será sono, será a morte. Após a minha morte, uma de vocês (a família incluía sua esposa, sua filha e sua neta) vai dar gritos e ter um colapso nervoso. Isso dificultará minha desencarnação![42]

A segunda-feira, dia 30, passou sem incidentes.

Na manhã do Dia dos Santos, terça-feira, 31, de manhã, o Sr. Dencausse de repente percebeu uma dor no lado esquerdo. Ele se

---

42 As palavras separação ou desprendimento não expressariam suficientemente o sentido da palavra *dágagement*, do texto francês, e a palavra *desdobramento* não encaixa no caso de morte física. (N. do T.)

deitou, declarando que não iria mais se levantar. Eu o vi e examinei à tarde. Encontrei início de pneumonia na base esquerda, com febre de 40°, 3.

A situação mudava e a partir desse momento o cumprimento da premonição tornava-se provável; mas, em todo caso, não dentro do prazo estabelecido, pois a morte por pneumonia não ocorre nos primeiros dias.

Tudo aconteceu, no entanto, conforme havia sido anunciado pelo Sr. Dencausse.

Ele não sofreu nada; falou até o último momento, fazendo calmamente suas últimas recomendações. Por volta das onze e meia, perguntou à esposa: “Que horas são?” Ela, na esperança de enganá-lo, respondeu: “Duas da manhã”. O paciente respondeu: “Não. Não são ainda doze horas. Às doze horas da noite morrerei”.

Às doze ele virou-se para a parede e pareceu adormecer. Sua esposa aproximou-se inquieta. Mas o Sr. D..., levantando a mão, indicou com o dedo, sem falar, o relógio, que naquele momento batia meia-noite. Então, a mão caiu sobre a cama: o Sr. D... estava morto, sem um suspiro.

Apenas sua esposa e sua filha estavam no quarto. A filha desta última estava em uma sala imediata. Foram avisá-la com cautela. Mas esta jovem, de grande intelectualidade, muito instruída e geralmente muito dona de si, sofreu então uma violenta crise de desespero, soltou gritos agudos e continuou até o amanhecer em um penosíssimo estado nervoso.

A premonição do Sr. Dencausse foi assim realizada, ponto por ponto.

Para ser completo, devo dizer que o Sr. Dencausse atribuía sua premonição a uma revelação espírita. Foi sua irmã, morta antes dele, que lhe anunciara isso, segundo ele disse, várias vezes. O mais curioso, e isso parece indicar que a intuição mediúnica ou lúcida tem algo de hereditário, é que a filha do Sr. Dencausse, (que citamos neste relato, e que me dava notícia, dia a dia, antes do evento fatal das predições de seu pai), ela também possui poderes de clarividência extremamente

notáveis. É a Sra. Fraya, tão conhecida por todos os psiquistas.

A multiplicidade e precisão dos detalhes no caso atual excluem absolutamente a hipótese de uma coincidência.

Também excluem a influência da autossugestão. Esta, mesmo admitindo ser todopoderosa, não poderia, no entanto, produzir a pneumonia, nem acidente de qualquer espécie.

Casos de auto-premonição de morte não são muito raros nos anais do metapsiquismo. Sr. Flammarión referia muitos exemplos em um artigo publicado em 1911[43] e discutiu magistralmente a sua possível gênese. Desde então, outros casos foram publicados.

Creio-me no dever de recordar em algumas linhas os principais dentre esses casos, remetendo o leitor, para detalhes e referências, a obras especiais.[44] Algumas dessas premonições apresentam analogias chocantes com a do Sr. Dencausse.

O caso de Juan Vitalis é particularmente comparável a aquele.

CASO DE JUAN VITALIS
(Referido pelo Dr. De Sermyn.)

Juan Vitalis, trinta anos, saudável e vigoroso, sem qualquer tara orgânica, foi atacado por reumatismo articular agudo e atendido pelo Dr. De Sermyn.

A doença estava seguindo seu curso; a maioria das articulações estavam inchadas e muito doloridas. O doente estava com febre alta.

Certa manhã, na visita diária, ficou surpreso ao ver o enfermo curado, vestido, cheio de alegria e ânimo.

Ele disse ao médico (que estava atordoado) como seu pai, morto, aparecera para ele à noite, tocara-o em todo seu corpo "para tirar a dor e a febre", o qual conseguiu, e depois havia se despedido

---

43 *Annales des Sciences psychiques*, 1.º setembro 1911.

44 Consulte-se o Dr. De Sermyn: *Contribution á l'étude de certaines facultés cérébrales méconnues*. - Bozzano: *Des phenomènes premonitoires*. - E, principalmente, o *Tratado de Metapsíquica*, do Professor RICHET.

anunciando que ele morreria sem sofrimento, na noite desse mesmo dia, às nove horas.

Durante o dia, Juan Vitalis não apresentou alterações mórbidas. O exame clínico do médico foi totalmente negativo; em particular, não havia sintoma algum de reumatismo cerebral. A febre havia desaparecido totalmente.

Juan Vitalis, com grande apetite, pediu que lhe servissem um bife com batatas, que devorou, e passou o tempo colocando em ordem seus assuntos, sem ter a menor dúvida quanto ao cumprimento da predição e apesar dos esforços dos amigos e da família para fazê-lo pensar em outra coisa.

À noite, na companhia deles e do médico, ele continuou falando até que viu o relógio marcar um minuto para as nove. Então ele disse:

“Chegou a hora!” Beijou os seus, disse adeus a todos, deitou-se tranquilamente em seu leito, tornou a dizer: “Adeus, adeus!” e não se mexeu mais.

O médico então, acreditando ser uma brincadeira macabra, aproximou-se do "simulador". Mas Juan Vitalis estava morto, morto sem um estertor, sem um suspiro, como o médico nunca tinha visto antes ninguém morrer.

Eis agora outros casos não menos curiosos, mas um tanto diferentes:

CASO DO PEQUENO RAY
(Referência do Dr. Hodgson.)

O pequeno Ray era um menino de dois anos e sete meses, em perfeita saúde. Um dia ele disse que seu irmão mais novo, que havia morrido pouco tempo antes, estava chamando-o e "queria levá-lo com ele". A criança ouvia seus chamados frequentes à noite e até mesmo durante o dia. Um dia ele chamou sua mãe, dizendo que seu irmão estava sentado na cadeirinha que ele usava quando era vivo e que estava sorrindo para ele.

Quando a mãe vinha, o menino Ray disse: “Mamãe! Mais rápido!

Não está mais lá! Se você tivesse visto como ele sorriu para Ray, quando Ray passou ao lado dele! Ray vai ir embora com ele; mas não você tem que chorar, mamãe!”

O garoto morreu, em efeito, de uma doença repentina, dois meses depois de seu irmão.

CASO GIULA GRISI

A famosa cantora Giula Grisi teve na primavera do ano de 1800, a seguinte visão: sua filha Bella, falecida oito anos antes, apareceu para ela e anunciou que logo estariam juntas. Giula estava em perfeita saúde na época. Não duvidando do cumprimento da predição, comunicou-a aos amigos. Ela, em efeito, morreu em 5 de novembro de 1869, murmurando o nome de Bella e estendendo a mão para uma pessoa invisível.

CASO NORRIS

Uma senhora chamada Norris teve a visão de uma amiga falecida que anunciou que ela morreria no dia seguinte. Ele fez seus últimos preparativos e morreu na hora indicada.

CASO ARABEL BARRETT

O famoso poeta inglês Browning relata o caso a seguir:

Sua cunhada Miss Arabel Barrett teve na noite de 19 Julho de 1868, a visão de sua mãe morta, que declarou que ela iria morrer no término de cinco anos. Miss Barrett morreu no prazo de cinco anos menos um mês.

CASO ARMANDO CARREL

Poucos dias antes do duelo que lhe custou a vida, Armando Carrel viu sua mãe em sonhos, que anunciava sua morte próxima, e comunicou-o aos amigos (caso referido por Luis Blanc em sua história de dez anos).

CASO IRENE MUZA

Eis o relato deste caso notável, feito pela Srta. Dudlay, da Comédia Francesa:

“Ela era espírita convicta e uma médium rara. Escrevia em um estado particular, parecendo dormir e alheia a tudo. No final de uma sessão, em 30 de janeiro de 1908, perguntaram: "Você vê alguma coisa para o médium?" Ela escreveu: "Ele deixará os seus, mas não alcançará, em 1908, a realização de seus projetos." "E depois?" "Voltará para a França." "E depois?" "Não quero dizer nada mais!" Ela joga fora o lápis e lágrimas grossas escorrem de seus olhos. Eles devolvem o lápis a ela e repetem "E depois?" Ainda chorando, ela escreve: "É horrível demais, prefiro parar." Realizações: na primavera partia para a Argentina.

Não se realizaram seus projetos. Voltava a Paris em janeiro de 1909 e, em 22 de fevereiro, era vítima de um terrível acidente. Durante uma loção antisséptica, seus cabelos ficaram inflamados; em um instante era uma tocha viva e horas depois morreu em meio a sofrimentos atrozes, suportados heroicamente.

CASO DA SRA. X...
(Relatado pelo doutor Hodgson.)

A Sra. X..., no final de uma gravidez, nos primeiros dias de março de 1896, teve a seguinte visão: uma noite, seu pai, morto, apareceu a ela. Ele tinha um calendário na mão e apontou para a data de 22 de março.

A Sra. X... acreditava que a data indicada era a dela dar à luz e, muito feliz, contou para a família. Ora, o parto aconteceu no dia 12! A jovem teve que enfrentar as brincadeiras dos seus.

O pós-parto foi normal. De repente, em 21 de março foi atacada de uma amigdalite aguda, imediatamente complicada por meningite fulminante; entrou em coma e morreu no dia 22.

Eis aqui outros casos em que a premonição não revestiu o caráter espírita, mas manifestou-se em um lampejo de lucidez, seja durante o

sono ou na vigília.

CASO DA RELIGIOSA DE TINOS

Trata-se de uma freira, louca há oito anos atrás e recluída em um asilo para alienados. Uma manhã ela de repente parecia curada e falava razoavelmente, para profundo espanto do Dr. De Sermyn, sob os cuidados de quem ela estava.

Ela então disse a ele que iria morrer na noite seguinte. O médico a examinou e não encontrou febre ou sintomas de doenças orgânicas. No entanto, ela morreu durante a noite.

CASO DA ANCIÃ INVÁLIDA NO HOSPITAL SAINT-A ...

Era uma anciã inválida, atacada de pneumonia em sexto dia, e agonizando. O Dr. de Sermyn, muito convencido de que não mais podia ser ouvido, prognosticou em voz alta a morte iminente da paciente. Mas esta, com a voz entrecortada, murmurou que só morreria dois dias depois, às cinco horas. O que, de fato, aconteceu.

CASO GIOVANNI SEGANTINI
(Relatado pelo Sr. de Vesme.)

O grande pintor Giovanni Segantini morreu de peritonite superaguda, provavelmente de origem apendicular.

Aconteceu que três dias antes, em plena saúde, ele estava trabalhando em uma pintura que designava com o título de *A Morte*. O quadro representava uma vista do Engadin; ao fundo, uma cordilheira coberta de neve; em primeiro plano, um planalto igualmente nevado. Neste planalto, à direita, uma casinha alpina, da qual retiram um féretro acompanhado por várias pessoas. Um pouco mais longe, um trenó, atrelado a um cavalo, espera.

O pintor copiara a paisagem do natural; o féretro e o trenó eram imaginários. Giovanni Segantini terminou a obra em seu ateliê, em Majola, a três horas da casa que ele havia copiado.

Naquele dia (treze antes da morte) deitou por um momento em um sofá, descansando de seu trabalho. De repente, ele teve a visão de que ele próprio estava no féretro pintado, e que sua esposa estava chorando no grupo de pessoas que seguia o caixão. A visão foi acompanhada por uma certeza profunda e sem reservas, tudo o qual relatou à sua família. Sua saúde permaneceu perfeita por mais alguns dias; logo após, ele adoeceu de repente na própria casa que estava pintando, e lá ele morreu. A cena de seu enterro foi exatamente como ele a havia representado no quadro.

CASO LUKAWSKI

O Sr. Lukawski, alto funcionário da marinha russa, teve, no início do ano 1895, um sonho terrível: via-se a bordo, no mar. O navio era abordado por outro. Ambos os navios estavam afundando. Em meio ao pânico geral, ele próprio estava lutando com outro passageiro pela posse de uma boia de resgate; finalmente ele caía na água e se afogava.

Com efeito, ele morreu em junho de 1895, afogado no Mar Negro, a consequência de uma colisão do navio onde ele estava, com outro navio. Todos os detalhes da visão foram exatos.

Quando o Sr. Lukawski teve que embarcar, ele reconheceu o navio visto em sonhos e tinha a certeza do que o esperava.

CASO DE MESSINA
(Relatado pelo doutor Calderone.)

O Sr. Domênico Fleres, conselheiro da Audiência de Palermo, estava de férias em Banso com sua esposa, sua filha e sua netinha. As duas últimas, que moravam em Messina, voltaram a esta cidade no final das férias. Ao se despedir, a menina, beijando a avó, disse-lhe com insistência que "não a veria mais". Pouca importância foi dada às palavras da garota.

Na tarde de 27 de dezembro, a menina colocava o toucado noturno, ajudada por sua mãe. Quando a mãe estava calçando as meinhas nela, a menina disse: "Mãe, você está colocando as meias da

morte em mim!" Ela repetiu essas palavras, apesar dos protestos e tristeza de sua mãe, até que adormeceu.

Poucas horas depois, sobrevinha a terrível catástrofe que destruiu Messina. A menina pereceu esmagada sob os escombros da casa.

CASO DE EDIMBURGO
(De Vesme: "Histoire du Spiritisme".)

Um menino de oito anos cujos pais viviam em um castelo nos arredores de Edimburgo, brincava um dia tranquilamente, quando de repente o viram empalidecer e permanecer imóvel. Após alguns instantes, a criança disse as seguintes palavras: "Vejo um menino dormindo, deitado em uma caixa de veludo com uma colcha de seda branca; ao redor há grinaldas e flores. Por que meus pais estão chorando?... Esse menino sou eu!"

Depois o menino volta a si, continua brincando, esquecido do anterior e surpreendido ao ver a emoção dos pais. Uma semana depois, o garoto se afogou em um pequeno lago próximo ao qual brincava no parque.

A PREMONIÇÃO DE UMA MÃE

Este caso me lembra uma premonição, que testemunhei, e que vou relatar para terminar, embora não seja uma auto-premonição, mas de uma premonição de uma mãe a respeito de seu filho.[45]

Uma de minhas clientes, a Sra. R..., avisou-me uma manhã e disse estas palavras: «Doutor, peço-lhe desculpas por tê-lo incomodado. É para meu terceiro filho. Não tem nada. Só um pouco de gripe, 38,2 ° de temperatura. Você sabe que estou acostumada com as doenças comuns de meus filhos. Eu não teria, portanto, recorrido a você. Mas fiquei assustada por um sonho e avisei-o simplesmente para me tranquilizar. Há cinco dias, à noite, tive uma visão atroz: vi este

[45] Eu era então um médico estagiário em Annecy.

menino morto em sua caminha. Estava rodeado de velas acesas e enfeitado para o enterro. Assustada, corri para o quarto das crianças. Todos eles dormiam pacificamente.

"Nos dias seguintes, a saúde do menino continuava perfeita. Só esta manhã o encontrei abatido. Tomei sua temperatura, encontrei uma leve febre e, obcecada pelo meu sonho, mandei chamar você imediatamente."

Examinei o menino. Ele não apresentava qualquer sintoma de afecção visceral ou febre eruptiva. A auscultação também deu resultado negativo. Terminei com um exame de garganta e encontrei… uma forte angina de difteria. As amígdalas estavam cobertas por falsas membranas. Era evidentemente uma difteria evoluindo dissimuladamente, sem dor, sem sintomas alarmantes, mas mesmo assim muito grave. (Esta é, como se sabe, uma forma comum de difteria.)

Fiquei muito surpreso, pois naquela ocasião não havia epidemia. Era um caso isolado e a origem da doença ficou no mistério.

Eu imediatamente coloquei nele uma injeção massiva de soro antidiftérico.

À noite, a situação era grave. O menino estava muito pálido e completamente prostrado. A difteria havia invadido a laringe; havia tosse crupal e sibilâncias.

Repeti a injeção de soro e preparei o entubamento para caso de ameaça de asfixia.

Mas durante a noite os efeitos do soro começaram a ser notados. A partir do dia seguinte a melhora era visível e o menino começava a desprender as falsas membranas. Curou completamente.

A premonição, portanto, não foi cumprida. Mas, sem a premonição, a Sra. R... teria me avisado tarde demais.

Teria havido pelo menos um atraso de dez horas no aplicação do soro. Dada a natureza da doença, a morte seria muito provável. Graças à sua premonição, a Sra. R... sem dúvida salvou seu filho.

Esses são alguns dos fatos oferecidos à meditação dos psiquistas.

Vou abster-me de qualquer comentário pessoal por enquanto.

Nisto permaneço fiel à minha convicção de que não pode haver interpretação isolada deste ou daquele grupo de fenômenos metapsíquicos; que toda psicologia anormal e supranormal forma um bloco, capaz de ser explorado em detalhes, mas que, para ser realmente conhecido, precisa de uma visão geral alta e clara do conjunto.

Capítulo IV

As experiências do Dr. Osty sobre a lucidez com objetivo humano

O Dr. Osty é o metapsiquista que conhece melhor, teórica e praticamente, a lucidez com objetivo humano. Seu belo livro, recentemente publicado, *O Conhecimento Supranormal*,[46] marca verdadeiramente uma data na história da metapsíquica subjetiva.

Nada posso agora fazer, além de encaminhar o leitor a esse livro, contentando-me em expor aqui os principais ensinamentos deduzidos da experiência de Osty.

Não vou considerar, por enquanto, nada além dos ensinamentos de ordem prática, reservando-me para discutir os ensinamentos de ordem filosófica em meu próximo livro.

Ensinamentos de ordem prática

Os ensinamentos de ordem prática do livro de Osty são muito numerosos, e vou me contentar em resumir os mais importantes. Irei considerar sucessivamente:

1º. As condições habituais da faculdade lúcida.

2º. Os resultados obtidos.

3º. Papel desempenhado pela comunhão mento-mental.

4º. Os erros.

---

[46] Publicado por esta mesma editora.

l°. CONDIÇÕES HABITUAIS DA FACULDADE LÚCIDA

A faculdade lúcida está condicionada por contingências que é muito importante conhecer para tirar delas o melhor partido possível.

Essas contingências são relativas aos sujeitos e às modalidades experimentais.

a) Contingências relativas aos sujeitos

Em primeiro lugar, é preciso levar em consideração as especializações nos clarividentes.

De início, a faculdade lúcida parece não ter limites. Na realidade, a experiência mostra que não existe clarividente universal. Na mediunidade subjetiva, como na mediunidade objetiva, os sujeitos sempre chegam a se especializar mais ou menos estreitamente. Essa especialização, uma vez estabelecida, é quase imutável.

O Dr. Osty observa a grande importância prática desta verificação. "Seu desconhecimento", diz ele, "esteriliza a investigação e o estudo."

A especialização afeta não apenas o gênero da lucidez, mas também os meios bem conhecidos, espontâneos ou rotineiros, que parecem provocar o aparecimento da faculdade supranormal.

Os experimentadores perderiam tempo e trabalho se quisessem impor aos sujeitos uma forma de trabalhar diferente da costumeira. Eles devem, antes de tudo, se adaptar e adaptar seus métodos de exame aos médiuns.

Agindo assim, é possível, sempre, obter comprovação e resultados muito satisfatórios sem constranger os hábitos do sujeito e sem o risco de anular, pelo fato de seguir um comportamento diferente, suas faculdades tão delicadas.

É preciso saber também que a especialização dos sujeitos não afeta apenas os meios, mas também os resultados que eles alcançam.

"O estudo da faculdade do superconhecimento leva, depois, a verificar se os sujeitos que a possuem são tão diferentes em suas

capacidades individuais, que não é possível encontrar dois semelhantes. Dir-se-ia que, devido a disposições psicológicas diferentes em nuances, cada um retira da realidade um conhecimento fragmentário e variável em natureza e extensão.

"Na faculdade paranormal não existe essa hierarquia artificial de fenômenos, que eu criei para comodidade de exposição. Aquele que pode o mais, nem por isso pode forçosamente o menos. Uma pessoa é rabdomante e nada mais do que isso. Outra é uma notável tradutora da personalidade humana e para ela as vidas individuais não têm segredos, mas não percebe nada no real. A Sra. Przybylska[47], informada do futuro à maneira de um Deus, é acaso incapaz de ver o que se passa em um quarto próximo ao seu, ou de encontrar um pedaço de cobre escondido no chão, etc..."

Portanto, não há que se pedir, a nenhum sujeito, nada além do que costuma dar. Para experimentar com êxito, por último, é importante saber que existem grandes variações na faculdade lúcida de um mesmo sujeito, bem como saber as causas disso.

Como na mediunidade objetiva, o ambiente é muito importante aqui. Um sujeito, por melhor que seja, pode ficar paralisado pela hostilidade, mesmo latente, de um experimentador, ou por uma atitude visivelmente crítica demais, malévola ou irônica.

Da mesma forma, suas faculdades desaparecerão em caso de emoções fortes, de excesso de trabalho, de doença, de fadiga física ou mental, de contrariedade; às vezes até por causas insignificantes, porque há eclipses dos quais é possível se conhecer as razões.

Além disso, nota-se, sem se conhecer os motivos, uma grande variedade na potência da ação lúcida, segundo os observadores. Certas pessoas, diz Osty, são "traduzidas" por todos os sujeitos. Outras muito bem, moderadamente ou mal, dependendo dos sujeitos. Algumas, em suma, quase parecem "intraduzíveis" para qualquer sujeito.

---

[47] Ver mais à frente o caso da Sra. Przybylska.

b) Contingências relativas às modalidades experimentais.

O experimentador deve evitar documentar o sujeito, seja com suas perguntas, seja com palavras imprudentes ou simplesmente com sua atitude.

Em qualquer caso, ele não deve permanecer absolutamente passivo. A experiência mostra que uma espécie de colaboração muito discreta com o sujeito pode ajudar muito em suas faculdades lúcidas. Por exemplo, um erro grande do sujeito deve ser imediatamente advertido. Assim, fica impedido de enveredar por uma falsa via.[48]

Este método não é recomendável, é claro, exceto quando se trata de clarividência relativa a coisas conhecidas pelo observador. Do contrário, especialmente nas previsões do futuro, é muito importante não perturbar o sujeito com nenhuma reflexão e permitir que ele se expresse com total independência.

É condição capital, para obter um bom rendimento das faculdades lúcidas, estabelecer a relação entre o sujeito e a pessoa cuja vida vai ser "traduzida". O melhor meio de estabelecer essa relação é a presença direta dessa pessoa diante do vidente.

É preferível que não haja testemunhas, pelo simples motivo de que essa lucidez pode ficar confundida por uma das testemunhas em vez de ser reservada para o consulente.

Na ausência da pessoa a "traduzir", o contato deve ser estabelecido, seja por meio de alguém que conheça essa pessoa, seja por meio de uma carta, uma fotografia, qualquer objeto que lhe pertença ou que tenha estado em contato com a pessoa.

O papel que os objetos desempenham na clarividência merece um estudo aprofundado.

“A condição mais comumente favorável é aquela em que a produção do superconhecimento é obtida colocando-se nas mãos do sujeito um objeto possuído, ou melhor, habitualmente tocado pelo ser distante e que se tenta perceber.

---

[48] Bem entendido que quando se trata de uma experiência rigorosamente científica, não se deve dizer nada ao sujeito.

“Pode servir qualquer tipo de objeto. É uma questão de nuances de sensibilidade. Alguns sujeitos encontram o melhor excitante de sua faculdade no toque, seja na matéria orgânica da pessoa dada como objetivo (cabelo, unhas, dentes, sangue, um fragmento de exérese cirúrgica, etc.), seja no toque de uma peça de roupa interior, um pedaço de vestido, uma joia, etc.; objetos que, naturalmente, sofreram o contato prolongado e quase exclusivo de um ser. Outros sujeitos preferem um pedaço de papel escrito, desde que não tenha sofrido posteriormente muitos contatos de outras pessoas, etc.

“Mesmo para sujeitos que normalmente trabalham dessa forma, nem sempre é necessário que o objeto utilizado tenha esse caráter de intimidade e exclusividade. O suporte às vezes pode ser tão leve que tenho conseguido trabalhar com um sujeito em hipnose sobre pessoas distantes, colocando em sua mão, por exemplo, um livro da minha biblioteca e lido meses antes pela pessoa de referência, ou, mais ainda, fazendo-o tocar o braço de uma poltrona em que essa pessoa se sentou, etc.

“Acreditamos que a tenuidade do suporte aumenta ainda mais quando o objeto usado efetivamente nunca foi tocado pela pessoa cuja percepção ele facilita, mas apenas fazia parte do ambiente íntimo de sua vida.

E ainda acreditamos que sobe muito mais no sentido da incoerência do intermediário na experimentação com fotografias. Sendo a imagem o resultado final da influência dos reflexos luminosos de um ser humano sobre certos produtos químicos instáveis, ela é produzida, no entanto, como suficiente para se obter a relação. Mais ainda: foi apontada como produzida acidentalmente (e eu a reproduzi), a percepção metagnômica de uma pessoa distante, desconhecida do experimentador, colocando nas mãos do sujeito um papelão do qual uma imagem fotográfica havia sido previamente destacada.

“Levando ainda mais longe a prova do sentido especial dos sujeitos, obtive o aparecimento de sua faculdade metagnômica com o simples toque da fotografia de um sujeito pertencente a uma pessoa

distante.”

Como funcionam os objetos para que a clarividência apareça ? Sabe-se que os "psicometristas" emitiram a hipótese, aliás, perfeitamente inverossímil, de que o objeto conserva, como fotografados nele, os eventos do ambiente em que tinha figurado.

Segundo Osty, os fatos têm refutado essa hipótese. Cenas evocadas na vida de uma pessoa ocorreram muitas vezes longe do ambiente do objeto, em ocasiões quando o objeto não estava na posse daquela pessoa há muito tempo atrás.

De todas as suas pesquisas, Osty deduz o seguinte:

“O papel do objeto colocado nas mãos dos sujeitos não é o de fornecer diretamente a matéria misteriosa de seus relatórios. O objeto aparece como um meio, temporariamente necessário para alguns, não necessário para outros, de alcançar a verdadeira fonte de informação.”

Na verdade, o objeto não é mais do que um simples localizador do trabalho lúcido e não um registrador de eventos. Ocorre como se o vidente, ao entrar em contato com o objeto, estivesse na presença da pessoa objeto da experiência.

Esta lei porventura permite compreender (seja-me permitido fazê-lo observar, de passagem) algumas das experiências de Stephan Ossowiecki.

2.° OS RESULTADOS DA FACULDADE LÚCIDA

O resultado essencial da faculdade lúcida é a possibilidade de um sujeito perceber, fora das vias sensoriais e de todos os modos normais de conhecimento, fragmentos mais ou menos importantes e complexos do "desenvolvimento da vida" de uma pessoa qualquer , seja no passado, seja no presente, seja no futuro.

Esse conhecimento é sempre fragmentário. Geralmente, o sujeito segue um ou mais "fios" e os apura até o fim, sem se preocupar com outros fios próximos, às vezes mais importantes.

O que há de mais maravilhoso na lucidez é a antecipação do futuro. Sobre isso, não há dúvida possível, e diz Osty:

“Doze anos de experiências pessoais com um grande número de temas metagnômicos e com um número significativo de pessoas, deram-me a certeza absoluta de que existem seres humanos capazes de prever o futuro dos homens. (Quero dizer o futuro de homens em particular e não "o futuro" em geral, que ainda não comprovei por experiência pessoal.) Disto tenho tanto grau de certeza, quanto da existência do que chamamos de terra, sol, estrelas, minerais, vegetais e animais.

É um fato verificável pela experiência e contra o qual não prevalecerão por muito tempo os nossos preconceitos, agora, quando existem cientistas que têm a coragem e a curiosidade de perceber isso.”

3. O PAPEL DA COMUNHÃO MENTO-MENTAL

A experiência mais elementar mostra que a comunhão mento-mental (diapsiquia de Boirac) desempenha um papel extremamente importante nos sujeitos lúcidos.

A opinião contrária só poderia ser mantida por um equívoco. A diapsiquia foi negada às vezes porque o pensamento consciente voluntário quase nunca foi transmitido do observador para o sujeito. Mas analisando os resultados da ação lúcida, vê-se logo que a transmissão do pensamento consciente torna-se mais fácil quando é involuntária. Já o pensamento subconsciente é transmitido com extrema frequência e com facilidade.

“Utilizem-se de sujeitos sensíveis à modalidade subconsciente do pensamento — diz Osty — e a demonstração rigorosamente científica da diapsíquia não passará de uma brincadeira.”

Uma prova importante da transmissão da mentalidade subconsciente é dada pelo fato de que “para toda pessoa colocada na presença de um sujeito, o que ele sabe dessa pessoa de acordo com a realidade aumenta a precisão e a abundância da informação metagnômica”.

Eis outra prova: nas previsões para o futuro são indicados com

abundância e precisão os acontecimentos particulares a uma pessoa: pelo contrário, os acontecimentos de caráter geral só são percebidos na medida em que afetam essa pessoa.

O caso da previsão Sonrel sobre as guerras franco-alemãs é típico a esse respeito.

A experiência de Osty é categórica: dos sujeitos estudados por ele, de 1910 a 1914, nenhum deles previu a guerra. Mas muitos previram mortes violentas causadas pelo fato da guerra.

Pelo contrário, muitos mobilizados que voltaram ilesos e cuja situação geral de existência não havia sido modificada pela guerra, não haviam recebido, dos sujeitos que eles tiveram a oportunidade de consultar antes, nenhuma previsão relativa ao grande acontecimento. Para eles foi transmitido o conhecimento supranormal como se a guerra tivesse sido apenas um incidente geral sem importância particular.

Nada mais surpreendente e notável — conclui Osty — do que a frequência de presciência das fases de existência da personalidade humana, em oposição à extrema raridade de presciência dos eventos gerais.

De sua experiência sobre as modalidades da clarividência, que estudou por muitos anos, Osty é levado a formular a seguinte regra, que merece ser chamada de lei de Osty:

Quando um sujeito revela momentos na vida de uma pessoa que está em sua presença, é dessa pessoa que vem seu conhecimento paranormal.

Esta regra é igualmente verdadeira para o passado, o presente e o futuro.

Veremos, a propósito dos ensinamentos filosóficos, quais são as induções capitais que esta lei envolve.

4.º OS ERROS

Não haveria razão para nos determos em falar sobre os erros nos sujeitos lúcidos, erros naturalmente muito frequentes, se o seu estudo

não nos trouxesse ensinamentos preciosos.

Qualquer que seja o poder de suas faculdades, os sujeitos erram muitas vezes e erram toscamente. Esta afirmação não tem qualquer importância filosófica. Tanto em metapsíquica subjetiva quanto em metapsíquica objetiva, os casos negativos nada podem provar, mesmo no caso de se acumularem milhares deles contra um único caso positivo bem estabelecido.

O professor William James afirmava com humor esta verdade: "Para derrubar a lei de que todos os corvos são pretos, disse ele, não é preciso buscar o modo de provar que nenhum corvo é preto. É só provar que existe um corvo branco, apenas um; é o bastante."

As pessoas que raciocinam e disparatam sobre os eclipses, os erros e as mentiras da mediunidade, deveriam ter muito presente na imaginação a fórmula de W. James.

Para acreditar na verdade metapsíquica, não é preciso provar que nunca houve erros ou fraudes mediúnicas, nem que este ou aquele médium não se enganou ou empregou truques: basta observar um único fenômeno verdadeiro. Basta um só!

Quanto à lucidez, a frequência dos erros impõe, do ponto de vista prático, uma grande reserva. A lucidez pode dar informações muito importantes sobre o passado, o presente ou o futuro. Mas essas informações nunca devem ser aceitas senão como indicações e a benefício de inventário.

Osty consagrou um capítulo muito curioso e muito importante aos erros e suas causas.

Essas causas são múltiplas: eclipse das faculdades lúcidas; fabulação pura; fabulação sobre ponto de origem exato; erros de interpretação, seja pelo sujeito, seja pela pessoa em questão; erros de aproximação; erros de tempo (quase comuns); erros por omissão voluntária do sujeito (em caso de visão de morte, por exemplo); erros provocados por uma pergunta ou reflexão, uma sugestão voluntária ou involuntária, etc.

Mas a principal causa de erros vem da comunhão mento-mental.

Nossa mentalidade subconsciente não é um bloco homogêneo. Há

nele como planos sobrepostos. O plano profundo é o único que dá indicações exatas, pois ele é o único que reflete o ser real, verdadeiro e completo. Acima estão alguns planos superficiais, inconscientes e mesmo semiconscientes, que contêm as nossas tendências, os nossos apetites, o reflexo da nossa vida quotidiana, passional e material, as nossas esperanças, as nossas fobias, os nossos temores mais ou menos confessados, os nossos sonhos e as nossas quimeras. É aí que o sujeito vai coletar seus dados, e essa é fonte de erros perpétuos.

Contudo; não existe nenhum critério seguro para diferenciar o erro da verdade, porque não nos conhecemos a nós mesmos.

Coisa notável: a repetição de erros passando de um sujeito para outro é extremamente frequente. Uma afirmação que choca uma pessoa (para bem ou para mal) forma uma impressão em seu inconsciente superficial, que imediatamente atrai a visão lúcida de outro sujeito. Há então o reforço, por causa dessas repetições, do elemento gerador errôneo, e todos os sujeitos consultados irão dizer a mesma coisa.

Esses são os ensinamentos práticos que Osty tirou de sua vasta experiência.

Na segunda parte deste trabalho iremos estudar os ensinamentos filosóficos, ainda mais importantes.

Capítulo V

A lucidez sobre objetivo geral

I. — Caso do doutor Gallet.[49]

Caso de previsão de um acontecimento futuro. - Realização, ponto por ponto, deste evento — Detalhes precisos. — Testemunhos concordantes.

Devo o conhecimento deste caso ao meu excelente colega, o Dr. Gallet, de Annecy, atual senador de Haute-Savoie, que teve, em um lampejo de lucidez espontânea e inesperada, a notável premonição seguinte:

Em 27 de junho de 1894, por volta das nove da manhã, o Dr. Gallet, de Annecy, então estudante de Medicina em Lyon, trabalhava em seu quarto acompanhado por um colega de classe, atualmente doutor Varay, médico também em Annecy.

Gallet estava então muito ocupado e até preocupado em se preparar para um exame que se aproximava (primeiro exame de doutorado), e só pensava nesse exame.

A política em particular não lhe interessava em absoluto; dava uma olhada distraída nos jornais e só incidentalmente falara nos dias anteriores da eleição do Presidente da República, que deveria ocorrer nesse mesmo dia. (O Congresso Eleitoral iria se reunir às 12h.)

De repente, Gallet, absorto em seu trabalho, foi imperiosamente distraído dele por um pensamento obsessivo. Uma frase inesperada era imposta em sua imaginação com tal força que ele não pôde deixar de escrevê-la imediatamente em seu caderno de anotações. A frase foi

[49] Publicado no *Annales des Sciences psychiques*.

esta textualmente:

"Casimiro Perier é eleito Presidente da República por 451 votos!"

Isso acontecia, como eu disse, antes da reunião do Congresso. Observar-se-á que a frase, cuja nítida memória o Dr. Gallet conserva, oferece a curiosidade de indicar o presente e não o futuro. Gallet, estupefato, chamou a atenção de seu companheiro Varay e entregou-lhe o papel que acabara de escrever. Varay leu, deu de ombros e, como seu amigo insistisse com interesse, declarando que acreditava na realidade dessa premonição, pediu a ele quase de maus modos que o deixasse trabalhar em paz.

Depois do almoço, Gallet saiu para assistir uma aula na Faculdade. No caminho, ele encontrou dois outros estudantes: o Sr. Bouchet, atualmente médico em Cruseilles (Haute Savoie), e o Sr. Deborne, hoje farmacêutico em Thonon. Gallet anunciou a eles que Casimiro Perier seria eleito por 451 votos. Apesar das risadas e zombarias de seus companheiros, ele continuou a afirmar repetidamente sua convicção.

No final da aula os quatro amigos reuniram-se e foram se refrescar no terraço de um café próximo.

Naquele momento os vendedores de jornais vieram com os extraordinários que anunciavam o resultado da eleição presidencial. Gallet correu para comprar um número e deu-o aos amigos; eles ficaram mudos de estupor quando leram:

Casimiro Perier, eleito por 451 votos.

Este relato foi escrito a ditado do Dr. Gallet, cujas lembranças, repetimos, são extremamente claras e precisas.

Eis agora os depoimentos das testemunhas:

1º. "Testemunho do Dr. Varay, ex-estagiário dos hospitais de Lyon:

"Declaro ser absolutamente exato o relato feito pelo médico Gallet ao Dr. Geley em sua premonição sobre a eleição presidencial de Casimiro Perier por 451 votos.

Annecy, 15 de julho de 1910.
Doutor Varay."

2º. Testemunho do Sr. Deborne, farmacêutico em Thonon:

"Thonon, 25 de junho de 1910.

Sr. Dr. Geley.

Lembro-me perfeitamente do acontecimento do qual o Dr. Gallet foi herói em 27 de junho de 1894.

Na presença dos doutores Varay e Bouchet e de mim, ele anunciou 451 como o número de votos que conseguiria Casimiro Perier, candidato à Presidência da República.

O tempo transcorrido (dezesseis anos) não me permite especificar a hora ou o local onde ocorreu; mas a lembrança do fato permaneceu gravada em minha memória, e posso afirmar a veracidade do relato do Dr. Gallet, como você me indica.

Receba, Sr. Doutor, a expressão de minha maior consideração.

C. Deborne."

3º. Testemunho do Dr. Bouchet:

Cruseilles, 28 de junho de 1910.

Meu querido colega:

Você terá a bondade de me perdoar pela demora em responder à sua carta de 23 de junho. Naquela data eu ainda não havia retornado do período de treinamento militar que estava passando em Lyon. Lembro-me, de fato, que antes da eleição presidencial de Casimiro Perier, o Dr. Gallet, passeando comigo e um ou dois amigos pela Rua da República, em Lyon, nos disse: "Casimiro Perier será eleito por 451 votos".

Como não prestávamos muita atenção à tal ideia, o nosso amigo Gallet teve o prazer de repeti-la várias vezes, insistindo naquele número e afirmando-o como se tivesse certeza daquele resultado. Tão pouco quanto foi o crédito que demos a uma previsão fantástica, tanto maior foi nossa surpresa quando soubemos o resultado da eleição.

De minha parte, acredito em uma dessas surpresas do acaso, que muitas vezes realiza aquilo que se pensa. De qualquer forma, essa necessidade de afirmar e repetir até a saciedade uma coisa que pouco nos interessava naquela época, mostra bem que se tratava de um fato surpreendente e que merece chamar a atenção dos psiquistas.

O que eu gostaria de saber é se meu amigo, o Dr. Gallet teve outras visões do futuro e se os fatos provaram que ele estava certo. Eu quero perguntar o

seguinte: existem pessoas possuidoras de uma espécie de faculdade de adivinhação? Existem, permitam-me a palavra, profetas? Ou então esses fenômenos aparecem de modo irregular em qualquer indivíduo?

Eis uma questão interessante para se estudar, e acredite-me, caro colega, que a partir de hoje terei o maior prazer em colaborar com você e em acompanhar de perto esses fatos, para os quais muito agradeço a você ter chamado a minha atenção.

Receba, meu caro companheiro, a segurança da minha afetuosa simpatia.

Doutor Bouchet."

Como é visto, tanto do relato do Dr. Gallet, quanto dos depoimentos sem reservas das testemunhas, a premonição foi realizada ponto por ponto.

O fato é, portanto, verdadeiro.

Mas como interpretá-lo?

Não podemos invocar telepatia, porque logicamente não podemos supor uma relação telepática entre o "eu" de Gallet, estudante de medicina em Lyon, indiferente à política e aos políticos, inteiramente absorto na preparação para um exame, e o "eu" dos 850 senadores e deputados que ainda não tinham votado e entre os quais, sem dúvida, havia alguns ainda vacilantes.

Na minha opinião, só é possível escolher entre duas explicações: ou uma simples coincidência ou um caso de lucidez.

A hipótese da coincidência é altamente inverossímil.

Certamente, a premonição seria de pouco valor se Gallet tivesse apenas designado o nome do candidato que iria ser eleito; mas é muito difícil atribuir ao acaso a previsão exata do número de votos obtido por Casimiro Perier.

Por outro lado, é de se observar que a eleição de Casimiro Perier, que foi obtida por apenas uma maioria de 28 votos[50], era inesperada para quase todos e que o sucesso de M. Brisson ou M. Dupuy era dado

---

50 Eis o resultado oficial do escrutínio: Sufrágios emitidos = 845; Maioria absoluta = 423.

Obtiveram: Casimiro Perier = 451 votos, eleito; Brisson = 195; Dupuy = 97; General Février = 53 ; Arago = 27; Vários = 22.

por provável.

Além disso, torno a repetir, Gallet jamais pensou nessa eleição.

Ele não estava pensando nela em absoluto quando a premonição ocorreu, fora de qualquer reflexão consciente.

Por último, esta premonição prevaleceu imediatamente na imaginação de Gallet com um caráter de certeza absoluta. Não teve dúvidas durante a espera do resultado e foi o único que não se surpreendeu ao conhecê-lo.

São argumentos muito sérios a favor da hipótese de lucidez.

Por outro lado, Gallet teve outras muitas vezes premonições realizadas.

Um dia, por exemplo, suas faculdades de lucidez manifestaram-se de uma forma igualmente inesperada e perfeita. (Este caso não está apoiado, infelizmente, como o anterior, com depoimentos indiscutíveis.)

Estava ele nas corridas de Lyon, ainda estudante, quando teve seis vezes consecutivas, antes da largada dos cavalos, a "visão mental" de um número que a cada vez foi o do cavalo vencedor.

Ele anunciou isso com antecedência, todas as seis vezes, para um colega de classe estupefacto e entusiasmado.[51]

Gallet, no entanto, tentou em vão em outras ocasiões renovar suas premonições. Nunca conseguiu fazer que nascessem quando ele as evocou.

Já aconteceu com ele durante uma viagem ter de forma surpreendente a sensação do "já visto".

Na época em que ocorreu a premonição relativa a Casimiro Perier, ele costumava fazer com seus colegas de classe algumas experiências elementares de mediunidade física muito bem-sucedidas. Ele possui, em minha opinião, faculdades mediúnicas evidentes, embora não desenvolvidas.

Apresenta muito claro o sinal de Maxwell (manchas na íris).

De tudo o que foi exposto, acho que posso deduzir que o caso do

---

[51] O Dr. Gallet, infelizmente, não sabe o que foi feito desse seu colega de classe.

meu colega é um caso verdadeiro de lucidez, e de lucidez relativa a um acontecimento futuro.

Contudo; se bem são bastante frequentes, ao parecer, os casos de previsões do futuro verdadeiramente realizadas são, pelo contrário, raramente observados em condições que não deixem margem para dúvidas e mais raramente ainda apoiados por testemunhos concordantes.

É por isso que a premonição do Dr. Gallet, notável por sua clareza, simplicidade e precisão, e comprovada em excelentes condições, pareceu-me digna, por todos os conceitos, de ser registrada.

II. — Caso da Sra. Przybylska.

Caso de lucidez em futuro:
predições inteiramente feitas com detalhes precisos.

Algumas predições extraordinárias foram feitas durante a última guerra russo-polonesa por um médium auditivo, a Sra. Przybylska.

A Sra. Przybylska não é uma médium profissional; ela só dá sessões privadas em presença de alguns amigos. Ela "ouve" as mensagens que lhe são transmitidas e diz o seu conteúdo em voz alta, que as testemunhas escrevem enquanto ela fala. Todas as comunicações citadas a seguir foram lidas e assinadas pelos membros do Comitê Central da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia imediatamente após as sessões da Sra. Przybylska, muito antes dos eventos preditos acontecerem.

Por exemplo, a primeira mensagem, obtida em 10 de junho de 1920, foi lida na sessão do Comitê Central em 16 de junho de 1920, sob a presidência do Sr. P. Lebiedzinski, presidente.

Isso foi feito com todas as mensagens, cuja realidade é atestada por numerosas testemunhas competentes. Essas predições nunca são vagas ou erradas; pelo contrário, elas têm uma precisão extraordinária. Os detalhes, os nomes de cidades e pessoas, às vezes

as datas, são rigorosamente exatos. Os acontecimentos anunciados, faustos ou infaustos, eram quase sempre inesperados.

Como já disse ao falar de outros casos de lucidez no futuro, os eventos são indicados, mais frequentemente, em presente e não em futuro; parece como se o visionário estivesse testemunhando-os.

O primeiro dos documentos a seguir foi obtido em 10 de junho de 1920, em sessão privada realizada pela médium na presença das condessas Maria e Juana de Walewska. Foi lido para o Comitê Central da Sociedade de Estudos Psíquicos em 16 de junho de 1920, como já dissemos. Nessa época, os poloneses pareciam totalmente vitoriosos. Eles ocupavam uma parte importante da Rússia ocidental e tinham entrado em Kiev vitoriosamente.

Os bolcheviques batiam-se em retirada por toda parte. No dia 9 de junho foi forçada a linha do rio Socha, e no dia 10 foi anunciada oficialmente a grande vitória do Berezina.

A mensagem recebida causou um verdadeiro estupor ao mesmo tempo que um sentimento de absoluta incredulidade.

Colocaremos as sucessivas mensagens e os acontecimentos realizados face a face:

MENSAGEM DE 10 DE JUNHO DE 1920

“O Conselho de Ministros ainda não foi formado, porém, mais cedo ou mais tarde vocês conhecerão Witos.

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

O desastre predito e totalmente inesperado não demorou muito, infelizmente! em acontecer.

MENSAGEM DE 10 DE JUNHO DE 1920

“Quanta desgraça! Quanta calamidade! Quantos mortos no campo de batalha! Um desastre para as tropas de vocês.

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Em 28 de junho, começava a ofensiva geral dos bolcheviques na frente Norte.

MENSAGEM DE 10 DE JUNHO DE 1920

"Este mês grandes mudanças no Conselho de Ministros. Witos será o primeiro-ministro.

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Em 8 de julho, a linha do alto Berezina (a 550 quilômetros de Varsóvia) foi quebrada. Minsk foi tomada no dia 12 (a 480 quilômetros de Varsóvia).

Wilna foi tomada no dia 16 (a 400 quilômetros de Varsóvia). Lida, no dia 18 (a 350 quilômetros).

MENSAGEM DE 10 DE JUNHO DE 1920

"Um homem mais importante do que os ministros de vocês propõe-lhes amizade e ajuda. Mudanças de alto a baixo no mês de Agosto. "A chegada de um estrangeiro que celebra um concílio com Pildzuski tem uma grande influência.

"Os ataques sistemáticos irão terminar. Vocês verão os seus infortúnios mudarem em meados de agosto, mas até então desgraças por toda a parte".[52]

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Finalmente, nos dias 13 e 14 de agosto teve lugar o ataque de Varsóvia e no dia 15 a batalha começou a girar a favor dos poloneses.

No dia 18, a vitória do Vístula era completa e as hordas asiáticas estavam em plena derrota. Mas até 15 de agosto o exército Polonês só conheceu desgraças.

A chegada de um estrangeiro (o General Weygand) e seu acordo com Pildzuski tiveram, como diz a mensagem, grande importância para a salvação da Polônia.

É verdade que em meados de agosto (exatamente no dia 15) a vitória mudou de frente.

Quanto à política interna, o Sr. Witos, quase desconhecido até então, foi, de fato, nomeado primeiro-ministro em 24 de julho de

---

[52] Esta previsão foi comunicada a Paris, muito antes da realização dos eventos, a Jules Roche e ao médico Geley.

1920.

* * *

MENSAGEM DE 6 DE JULHO, LIDA AO COMITÊ CENTRAL EM 12 DE JULHO

"Grande infortúnio. Em breve vocês receberão ordem de abandonar a margem direita do Vístula."

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Os acontecimentos realizaram-se ponto por ponto.

MENSAGEM DE 6 DE JULHO

"Todo este mês, desastres.

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

A invasão da Polônia pelas hordas bolcheviques começou e prosseguiu sem descanso.

MENSAGEM DE 6 DE JULHO

"O poder de Lenine cresce.

"Uma leva de homens invade seu país. Vocês abandonam seus campos. Mas não tenham medo. Eu abençoo sua cidade. O infortúnio atinge apenas a margem direita do Vístula e tudo vai mudar para melhor."

Os assistentes então fazem a seguinte pergunta:

"Os bolcheviques entrarão em Varsóvia?"

Resposta: "Varsóvia não está na margem direita. Eles não entrarão em Varsóvia."

* * *

MENSAGEM DE 12 DE JULHO LIDO AO COMITÊ CENTRAL EM 21 DE JULHO

"Minsk, Kowel, Wilna, são tomadas. Perto de Kowel, muitas

pessoas ricas são fuziladas. Notícias horríveis vêm das províncias.

"Mas tudo vai mudar em um mês. A multidão de defensores de vocês aumenta. Quando julho acabar, sua força será maior do que a dos bolcheviques. Eles vão invadir suas terras. (Desgraça horrível! Mas as tropas de Lenine são dispersas em agosto.

"A grande mudança é no dia 15 de agosto.

"Uma alegria, um raio de esperança é a obra de seu maior amigo. O lema para vocês agora é: união de todos e contarem com suas próprias forças. Isso terá uma grande influência na Conferência de Paz."

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Minsk, Kowel, Wilna foram tomadas nas semanas seguintes. Exatamente em 15 de agosto, a sorte da guerra mudou e Varsóvia foi salva.

* * *

MENSAGEM DE 21 DE JULHO

"Um visitante de Paris produz uma mudança inesperada para vocês. Seu patriotismo, seu heroísmo o impressionam muito.

"Grandes mudanças no mês de agosto.

"Sua força é a vitória de Kowel e Kovno.

"Um desacordo entre os líderes bolcheviques e grande mudança inesperada.

"Vocês irão recuperar não apenas suas terras abandonadas, mas também tomarão seus canhões e uma multidão de prisioneiros. Uma grande vitória perto de Wilna e Lida. Wilna será ocupada por suas tropas ainda mais rápido do que foi abandonada."

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Todos esses eventos aconteceram. Após a vitória do Vístula, vieram as vitórias de Kowel e de Kovno, de Wilna e de Lida.

A derrota dos bolcheviques foi completa. Eles perderam a maior parte de sua artilharia e abandonaram mais de 100.000 prisioneiros.

* * *

Em 1 de agosto, a médium partiu para Zakopane, pequena estação de veraneio na serra. As comunicações foram enviadas para a Sociedade de Estudos Psíquicos, lidas e assinadas por seus membros.

As cinco mensagens a seguir foram recebidas pela médium em Zakopane, em presença do Dr. Sochacki, do Sr. Cienski e da Sra. Cienska, da Sra. Abgarowicz, do Conde Dzieduszycki e da Condessa Dzieduszycka.

* * *

MENSAGENS RECEBIDAS: 6 AGOSTO 1920, EM ZAKOPANE

"A Rússia está vitoriosa e as maiores forças estão junto a Minsk e Terespol. O exército polonês está em derrota em todos os lugares. "De repente, uma ajuda da França e uma grande alegria no dia 15 de agosto. Varsóvia não será tomada. O exército de vocês, que estava disperso, está se reunindo. Os soldados dos Soviets são dispersados e varridos. "Você sabe que Varsóvia está em desespero. Todos os arredores de Varsóvia estão ocupados pelos inimigos. Cada dia acrescenta notícias horríveis. Os bolcheviques são esperados em Varsóvia, mas o medo irá se transformar em alegria."

ACONTECIMENTOS REALIZADOS PONTO POR PONTO

Realização exata

* * *

13 DE AGOSTO DE 1920

(No momento mais angustiante, falava-se em Zakopane que Varsóvia já estava ocupada pelo inimigo.)

"Grandes mudanças. A França envia ajuda. Os bolcheviques foram expulsos da cidade de Przsnyss. Seu velho chefe pega em armas e leva vocês à vitória. É a segunda-feira depois de 15 de agosto. O inimigo

não tomará sua cidade. Vocês são fortes. Esperem a segunda-feira. Não desesperem. Mais sete dias e vocês terão grandes vitórias.

O seu amor pela pátria, o seu heroísmo e o milagre da Virgem Santa salvaram a cidade. Rezem a Nossa Senhora para lhes dar forças para esperar esses sete dias."

ACONTECIMENTOS REALIZADOS PONTO POR PONTO
Realização exata.

* * *

MENSAGEM DE 14 DE AGOSTO DE 1920
"Que alegria! As tropas inimigas estão dispersadas!"

ACONTECIMENTOS REALIZADOS
Este evento ainda não havia ocorrido, mas era iminente.

* * *

MENSAGEM DE 15 DE AGOSTO DE 1920
"Uma provocação e uma desgraça em Dzialdowo (Soldán).
Há uma enganação por parte dos prussianos e dos bolcheviques.

Varsóvia, radiante, com ânimo elevado e regenerada com a rapidez do raio. Tem uma força milagrosa. Como combate! O mundo inteiro olha para ela e se maravilha com sua vitória!

"Hoje é a grande mudança; uma ponte destruída em Modlin;* amanhã outro raio de esperança, e depois de amanhã... que alegria! Que esperança! Seu país está livre de inimigos mais cedo do que se poderia acreditar.

"Os bolcheviques tentam cercar Lemberg. Eles passam o rio Stripa, mas, repito, eles não vão tomar Lemberg. Os bolcheviques juraram que estariam em Lemberg na terça-feira de manhã, mas isso não é verdade; o exército de Budienni é dispersado perto dessa cidade."

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Impossível ser mais exato e preciso. Tudo, absolutamente tudo, é verdade; os detalhes e fases da batalha do Vístula.

A tentativa sobre Lemberg, a cumplicidade dos prussianos em Soldan ao deixar as hordas passarem derrotadas pela Prússia Oriental.

Observe-se a ordem inversa deste último episódio descrito em primeiro lugar.

* * *

MENSAGEM DE 19 DE AGOSTO DE 1921

"Dentro de um mês, grandes vitórias e um novo desastre para os bolcheviques. Derrota completa dos inimigos."

ACONTECIMENTOS REALIZADOS

Foi, de fato, a vitória de Rovno.

* * *

Vê-se, pela extrema precisão e verdade dos detalhes, que esta predição pode ser comparada à previsão de Sonrel sobre as guerras de 1870-71 e 1914-1918. Ela merece destaque em nossas provas clássicas de lucidez em futuro.[53]

[53] As notas sobre este notável documento foram coletadas pela Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos.

SEGUNDA PARTE

A ECTOPLASMIA

Introdução

Entre as obras expostas nos Congressos Metapsíquicos de Copenhague e Varsóvia, as memórias do chamado fenômeno de materialização, a externalização da substância ectoplasmática e sua organização em formas definidas, parecem ter impressionado particularmente os congressistas. A afirmação repetida de tantos investigadores de boa-fé, sua certeza absoluta, a analogia de suas observações, os detalhes de suas experiências constituem, com efeito, material científico que se impõe, de boa vontade ou por força, à atenção daqueles mais cautelosos contra nossos estudos.

Por outro lado, os adversários da metapsíquica não podem mais colocar como desculpa o seu horror às teorias místicas. Todas as memórias lidas nos Congressos, por mútuo acordo, deixaram de lado as interpretações prematuras. Elas nada mais fizeram do que apresentar fatos e as induções racionais que esses próprios fatos trazem por si mesmos.

Nessas memórias não se trata, de forma alguma, sobre fantasmas de mortos ou de vivos, de espíritos ou de gênios, do sobrenatural ou mesmo do supranormal. Todas falam muito simplesmente de um fenômeno biológico, de imenso interesse, certamente, mas menos incrível do que parece à primeira vista, porque agora a gênese e algumas de suas condições essenciais já são conhecidas.

Mais ainda: até mesmo na fisiologia normal e na biologia animal, são encontradas analogias ou pelo menos pontos de contato entre os

detalhes do processo ectoplasmático e certos fenômenos classificados nas ciências naturais.

A materialização hoje não é mais, portanto, aquela manifestação maravilhosa e quase milagrosa que foi descrita e comentada nas primeiras obras espíritas. É por isso que podemos, e em minha opinião devemos, substituir a palavra "materialização" pela palavra "ectoplasmia".

Consideremos o fenômeno friamente, analisemo-lo sem nos preocupar com as condições dos detalhes que ainda não conhecemos, das forças diretrizes que até agora não pudemos encontrar. Vamos nos contentar com aquilo de que temos certeza, e isso já é formidável. O que é ectoplasmia? Acima de tudo, é um desdobramento físico do médium. Durante o transe, uma parte do seu organismo é exteriorizada. Essa porção às vezes é mínima, outras vezes é considerável (metade do peso do corpo em certas experiências de Crawford). O ectoplasma é primeiramente apresentado à observação sob a aparência de uma substância amorfa, ora sólida, ora vaporosa.

Depois, em geral muito rapidamente, o ectoplasma amorfo organiza-se e, à sua custa, surgem novas formas que podem ter, quando o fenômeno é completo, todas as capacidades anatômicas e fisiológicas dos órgãos biologicamente vivos.

O ectoplasma tornou-se um Ser ou uma fração do Ser, mas que depende sempre estreitamente do corpo do médium, do qual é uma espécie de extensão, e no qual é reabsorvido ao final da experiência.

Tal é o fato da ectoplasmia, o fato simples, considerado em si mesmo, separado de certas complicações que deverão ser estudadas mais tarde; o fato em nudez, dissecado, por assim dizer, em sua estrutura anatomofisiológica.

Pois bem, este é um fato já estabelecido pelas afirmações concordantes, com provas, em seu apoio, de sábios de todos os países.

A fotografia das formas materializadas, a impressão dessas formas em argila, em mástique, em negro de fumaça; seu molde completo nos casos mais notáveis, comprovam a realidade objetiva da ectoplasmia.

A ectoplasmia é sempre a mesma em todos os países, seja quem for o observador ou o médium: Crookes, Dr. Gibier, Sir Oliver Lodge, Professor Richet, Ochorowicz, Professor Morselli, Dr. Imoda, Sra. Bisson, o Dr. de Schrenck-Notzing, Dr. Geley, Crawford, Mr. Lebibdzinski e outros deram uma descrição rigorosamente concordante dela.

Agora, custe o que custar, a psicofisiologia dita universitária (para não dizer oficial) terá que decidir levar em conta a ectoplasmia e acomodar-se a ela, mesmo que para isso tenha que fazer tábula rasa dos seus mais caros ensinamentos.

O fenômeno da ectoplasmia, exposto como acabei de fazer, parece relativamente singelo (abstração feita, é claro, de suas enormes consequências filosóficas).

Mas a metapsíquica não chegou a essa concepção já em sua primeira tentativa. Muitos trabalhos acumulados foram necessários para que se pudesse formar justa ideia da gênese do fenômeno.

Dentre esses trabalhos, aqueles que se referem especialmente à "Substância" aparecem como os mais importantes.

Dissemos que a Substância (palavra que aparece pela primeira vez, salvo erro, no livro da Sra. Bisson e no do Dr. De Schrenck-Notzing), apresenta-se sob dois aspectos principais: o aspecto vaporoso e o aspecto sólido.

Ambos os aspectos foram observados na maioria dos grandes médiuns, como Eglinton e a Sra. D'Espérance, pelas primeiras testemunhas do fenômeno da materialização.

O belíssimo livro do Sr. Delanne: *Les apparitions materialisées*, contém numerosíssimos exemplos.

As experiências com Eusapia Paladino permitiram aos professores Morselli e Richet esboçar a teoria da ectoplasmia.

O professor Morselli, em sua obra *Paleologia e Espiritismo*, publicada em 1907, fez uma descrição completa dos diversos processos ectoplasmáticos, com exposição de suas experiências pessoais.

Ele também formulou, e esse é seu principal título de glória na metapsíquica, a primeira teoria explicativa do fenômeno.

Discuto essa teoria em um livro que está em preparação.[54]

Basta dizer agora que é baseado na existência de forças biopsíquicas até então desconhecidas.

O professor Morselli supõe uma espécie de radioatividade humana suscetível de dar origem à substância dos ectoplasmas. A ideia diretiva do fenômeno teria, segundo ele, sua origem no psiquismo subconsciente do médium. É, em suma, a teoria que foi desenvolvida e discutida em todos os lugares recentemente.

Eis o que Sir Oliver Lodge[55] diz a respeito dos ectoplasmas:

"Nas minhas primeiras sessões com Eusapia, na casa do Professor Richet, em Carqueiranne, por vezes vi uma protuberância emergir do lado da médium, sem que o vestido opusesse a isso qualquer obstáculo. Essa protuberância parecia ser, naquela luz fraca, um corpo esbranquiçado, amorfo, de aparência sólida, e se a ponta dessa forma tocasse um dos espectadores, ele dizia-se tocado ou segurado por uma mão. Alguns contatos no braço ou pescoço de um ou outro dos presentes foram as manifestações mais frequentes obtidas por Eusapia; de tão frequentes, tornaram-se fúteis para nós. Essas protuberâncias eram mais perceptíveis do que visíveis, mesmo com luz suficiente. Às vezes eram vistas sem serem tocadas, sem dúvida porque não se alongavam o suficiente para fazer o contato. Um dia, sentado à parte do grupo, tenho observado em silêncio uma dessas protuberâncias durante um minuto, como ela se alongava e encolhia para se alongar novamente e chegar a tocar o Sr. Myers nas costas. Imediatamente ele exclamou que estava sendo tocado, embora não tenha sido avisado das tentativas feitas ou de minhas observações silenciosas.

"Eu também lembro perfeitamente que o Sr. Myers, de terno branco por causa do calor, recebeu uma vez uma forte batida nas

---

[54] *Genése et significatión des phenomènes métapsychiques*.

[55] *Light* de 14 de maio de 1921.

costas. Eu estava sentado atrás dele e podia vê-lo muito bem, mas não pude distinguir o agente que estava operando.

“As teclas de um piano também desceram sem contato visível.

“Essas curiosas protuberâncias, mais frequentemente sentidas do que vistas, intrigaram muito o professor Richet, como fisiologista que é, e foi ele quem provisoriamente as chamou de ectoplasma.

"Este nome não foi dado por ele à própria substância que os forma."

O curioso é que nessas observações não se havia estabelecido a relação sistemática e constante que existe entre o ectoplasma esboçado e a materialização realizada. Para estabelecer esta dependência, foram necessários estudos feitos com a médium Eva C., que exterioriza a substância amorfa, sob o seu aspecto sólido, com uma profusão excepcional.

Nesse sentido, a Sra. Bisson, que tem trabalhado continuamente com Eva por doze anos, legitimamente pôde reivindicar no Congresso de Copenhague a descoberta da "Substância".

Ela me fez a honra de invocar meu testemunho, dado espontaneamente, pela primeira vez, em minha palestra no Colégio da França, sobre "a fisiologia dita supranormal". Eis alguns fatos sobre o histórico das experiências da Sra. Bisson:

Em 1909 ela conheceu Eva e começou a trabalhar com ela.

Desde o início constatou-se que o sujeito durante as sessões frequentemente tinha a cabeça e o rosto cobertos por uma espécie de substância branca que a transfigurava. Essa foi a origem das investigações ulteriores.

“Em 1910 — disse a Sra. Bisson no Congresso de Copenhague — o professor De Schrenck-Notzing foi apresentado a mim. Em cada uma de suas viagens à França, ele esteve presente nas sessões e contribuiu para os trabalhos cujos resultados foram publicados com seu nome na Alemanha, ao mesmo tempo que eu os publicava na França com o meu.”

O qualificativo de substância foi escolhido uma noite em sessão.

“Procurava eu — diz a Sra. Bisson — para a obra que eu ia publicar, uma palavra mais adequada do que ‘matéria’. Um dos presentes na ocasião, o Dr. Juan Carlos Roux, enunciou a palavra “Substância”; e adaptando-se esta palavra melhor do que qualquer outra expressão, eu a conservei. Esta palavra ganhou terreno mais tarde.”

Fazendo justiça, a respeito da descoberta da substância, à admirável iniciadora que é a Sra. Bisson, nada pode ser tirado ao mérito do Dr. De Schrenck-Notzing. A colaboração da Sra. Bisson e do sábio de Munique tem sido enormemente frutífera. Não há razão para pesquisar em sua grande documentação qual parte corresponde a cada um. Há nisso glória bastante para ambos os dois.

De maio de 1916 a abril de 1918, eu mesmo tive a honra de trabalhar com a Sra. Bisson em sua casa por mais de um ano (de maio de 1916 a agosto de 1917) e depois por três meses (de 10 de dezembro de 1917 a 11 de março de 1918) no meu próprio laboratório.

Esta muito feliz colaboração permite-me afirmar por minha vez, sem reservas, a realidade das observações da Sra. Bisson e do Dr. De Schrenck-Notzing. Os resultados foram publicados na forma sintética que prefiro, na minha palestra sobre a chamada fisiologia supranormal, ao mesmo tempo que as induções biológicas e filosóficas que, em minha opinião, posso extrair com base nos fatos.

Acima eu disse que a substância revestia dois aspectos principais: aspecto sólido e aspecto gasoso.

A substância sólida é constituída por uma massa protoplasmática amorfa, geralmente branca, por exceção cinza, preta e até avermelhada tipo carne (última comunicação da Sra. Bisson ao Congresso de Copenhague). Sai do médium por toda a superfície do corpo, mas especialmente pelos orifícios naturais, pelo lado ou pelos dedos.

A substância gasosa apresenta-se sob a aparência de um vapor mais ou menos visível, às vezes vagamente fosforescente, que parece desprender-se sobretudo da cabeça do médium. Nesta névoa formam-

se pontos de condensação brilhantes, cuja luminosidade lembra a dos vaga-lumes.

Tanto se a substância for liberada no estado sólido, como se for no gasoso, sua organização é muito rápida. Ela então apresenta, sejam materializações esboçadas, sejam completas e perfeitas. Umas e outras são muito fotogênicas. Às vezes as formas são luminosas por si mesmas, ora totalmente, ora em pontos da massa.

Dissemos que a ectoplasmia é menos maravilhosa do que parece à primeira vista e que é possível encontrar analogias entre esse fenômeno aparentemente tão estranho e certos fenômenos bem conhecidos na biologia.

Uma primeira analogia, que expus e desenvolvi, é encontrada na histólise de certos insetos na crisálida, a desmaterialização parcial de seu organismo, a redução dos tecidos histolizados a um magma amorfo e a materialização consecutiva de um organismo novo. (Ver Physiologie dite supranormale, *Do Inconsciente ao Consciente* e *Revista Metapísquica*, nº. 2, décembre de 1920.)

Outra analogia notável é a observada entre certos fenômenos luminosos do processo ectoplasmático e a luz fria emitida por vários insetos e diversos micróbios. Em ambos os casos, observa-se a transformação da energia biológica em energia luminosa sem o desenvolvimento de calor.

A aparência das luminosidades, a fraca potência da luz, sua pouca radiação e a cor de sua luz são inteiramente semelhantes em ambos os casos.

Uma terceira analogia é a dos pseudópodes emitidos por certos protozoários.

A quarta analogia é a do processo ideoplástico da ectoplasmia com os diversos processos ideoplásticos verificados em todos os graus da escala animal.

Há uma quinta analogia entre a ectoplasmia e a geração normal, pois ambas fazem brotar do protoplasma simples, em um caso da substância emanada do médium, no outro da célula do óvulo, uma

forma tão diferenciada e complexa como seja um órgão ou um organismo. Por último, uma sexta analogia existe entre as materializações incompletas ou defeituosas e o conteúdo orgânico de tumores chamados cistos dermoides.

Estou apenas apontando essas analogias, reservando o seu desenvolvimento e discussão para minha próxima obra.[56]

[56] Este livro é dedicado à exposição de minhas experiências. A parte biológica e filosófica será tratada inteiramente em meu próximo livro: *Gênesis e significado dos fenômenos metapsíquicos*.

Capítulo I

Experiências com Eva C.

I.— Notas preliminares.

Serei voluntariamente breve na relação dessas experiências, porque já publiquei sobre elas um estudo sintético em minha palestra, no Colégio da França, sobre a fisiologia dita supranormal e em meu livro *Do Inconsciente ao Consciente.*

Vou contentar-me em recordar o essencial da descrição dos fenômenos e publicar na íntegra as atas, ainda inéditas, das principais sessões realizadas com Eva no meu laboratório, sessões em que as minhas fotografias foram obtidas.

Minha colaboração com a Sra. Bisson começou no início do outono de 1916 (em 26 de setembro).

Até o final de julho de 1917, assisti na casa da Sra. Bisson a um mínimo de duas sessões por semana.

Esses trabalhos, interrompidos no verão, foram retomados no outono de 1917.

De 10 de dezembro de 1917 a 11 de março de 1918, e sempre em colaboração com a Sra. Bisson, as sessões tiveram lugar exclusivamente em meu laboratório.

Remeto o leitor ao livro da Sra. Bisson e ao do Dr. De Schrenck-Notzing para tudo o que afeta a biografia de Eva e o histórico das experiências anteriores.

Peço também ser consultada, a título de comparação, a publicação da Society for Psychical Research, de Londres, sobre as

experiências feitas com Eva por esta Sociedade. Essas experiências foram realizadas exatamente nas mesmas condições que as do meu laboratório.[57] O leitor verá aí, pelo texto e pelas fotos, que os fenômenos, menos intensos quantitativamente em Londres, têm sido qualitativamente da mesma essência.

Comprovação e vigilância.— Ao longo de toda a série de sessões realizadas em minha presença na casa da Sra. Bisson ou no meu laboratório, a verificação e a vigilância têm sido as mesmas.

Vigilância da sala.— A sala, fechada a chave no intervalo entre as sessões, era cuidadosamente revistada todas as vezes antes e depois de ser utilizada. Não havia nesta sala nada mais além de algumas cadeiras de palhinha e uma cabine removível.

A cabine estava fechada por todos os lados, exceto por um dos lados, que estava coberto por duas cortinas que podiam ser fechadas.

O objetivo desta cabine, nas sessões de Eva, era permitir uma iluminação suficiente na sala, ao mesmo tempo em que se protegia da luz, na medida do possível, a médium que se encontrava em transe.

Esta cabine não impedia em modo algum a vigilância, pelos seguintes motivos:

1º. Eva, que estava sentada em uma cadeira de vime atrás das cortinas, teve as mãos fortemente seguradas durante toda a sessão pela Sra. Bisson e por mim. Muitas vezes segurei suas duas mãos.

2º. As cortinas estavam sempre mais ou menos abertas quando ocorria um fenômeno, de modo que sua visibilidade era perfeita. O resto do tempo elas permaneciam entreabertas. Frequentemente pude observar *de visu* a gênese das manifestações.

3º. A cabine era inspecionada com o máximo cuidado antes e depois das sessões e Eva entrava nela apenas com a roupa de trabalho.

Vigilância da médium - Eva despia-se completamente em uma sala imediata antes das sessões. Ali vestia um traje de tricô preto que era costurado com linha branca nas costas e nos punhos.

O cabelo e suas cavidades oral e faríngea eram examinados

---

[57] Ver *Revue Métapsychique*, março-abril de 1922.

cuidadosamente. O exame vaginal nem sempre era praticado; mas já fora feito duas ou três vezes.

Quando ela terminava de se arrumar, eu pegava Eva pelas mãos e, andando de costas, fazia que ela se sentasse na cadeira de palhinha.

Repito que suas mãos estavam sempre visíveis e eram seguradas fora das cortinas.

Iluminação. — Durante todo esse longo período Eva nunca deu nenhuma sessão que não fosse com uma luz muito boa. A sala era quase sempre iluminada por meio de luz branca refletida. Os experimentadores podiam ler letras grossas ou ver as horas em um relógio de bolso. Quando queriam tirar fotos, a iluminação era garantida por lâmpadas elétricas vermelhas com intensidade total entre 30 e 60 bugias.

II. — Relatório sintético redigido por mim.

Vou expor em primeiro lugar a memória sintética que fiz:

Os fenômenos acontecem (quando isso ocorre) após um tempo variável, às vezes muito curto, às vezes muito longo, uma hora ou mais. Eles sempre começam com sensações dolorosas do médium. Ele lança suspiros, gemidos intermitentes, que lembram inteiramente aqueles de uma mulher em trabalho de parto. Essas queixas chegam ao paroxismo no justo momento do começo aparente do fenômeno. Diminuem ou cessam quando ele já foi produzido por completo.

O aparecimento da substância é geralmente anunciado pela presença de manchas líquidas, brancas, luminosas, que vão do tamanho de uma ervilha até o de uma moeda de 5 pesetas, espalhadas aqui e ali sobre o fundo preto do traje da médium, principalmente no lado esquerdo.

Essa manifestação constitui um fenômeno premonitório que ocorre muito antes, uma hora, às vezes três quartos de hora antes dos outros fenômenos. Às vezes falta e às vezes também acontece que nenhuma outra manifestação se segue. A substância propriamente

dita desprende-se de todo o corpo do médium, mas especialmente dos orifícios naturais e das extremidades do corpo; por exemplo: o vértex, os mamilos, as pontas dos dedos.

O mais frequente e fácil de observar é a saída pela boca; a substância é então vista exteriorizando-se, como vindo da face interna das bochechas, do palato mole e das gengivas.

A substância apresenta-se sob aspectos variáveis: ora como uma pasta maleável — e esta é a mais característica — verdadeira massa protoplasmática; ora como cordões de diferentes espessuras, com varetas finas e rígidas; às vezes, como uma fita larga e estendida; outras, como uma membrana; às vezes parece um tecido com listras e relevos, e cuja aparência geral lembra muito o epíploon. Resumindo: a substância é essencialmente amorfa, ou melhor, essencialmente polimorfa.

A abundância da substância exteriorizada é altamente variável: às vezes ínfima, outras vezes abundante, com todas as transições possíveis. Em certos casos, recobre completamente o médium, como um manto.

A substância pode apresentar-se em três cores diferentes: branca, preta e cinza. A mais frequente é a branca, talvez por ser mais fácil de observar. Às vezes, há saída simultânea de substância de todas as três cores.

A visibilidade da substância também é altamente variável. Essa visibilidade pode ser acentuada ou então diminuir lentamente, nas diferentes ocasiões.

No contato, a substância produz impressões variáveis; impressões que geralmente estão relacionadas à forma acidental que assume. Parece macia e um tanto elástica quando esticada; dura, nodosa ou fibrosa quando forma cordões.

Às vezes dá a sensação de uma teia de aranha roçando a mão dos observadores. Os fios da substância são ao mesmo tempo rígidos e elásticos.

A substância é móvel. Em ocasiões evolui lentamente, sobe, desce, passeia sobre o médium, sobre os ombros, o peito, os joelhos, com um

movimento de rastejar semelhante, portanto, ao de um réptil; outras vezes, suas evoluções são bruscas e rápidas; aparece e desaparece então como um relâmpago.

Essa substância é extremamente sensível e sua sensibilidade confunde-se com a do médium hiperestesiado. Qualquer contato repercute dolorosamente sobre ele. Se o contato for brusco ou prolongado, por pouco que seja, o médium acusa uma dor que ele compara com aquela que causaria um choque em sua carne viva.

A substância é igualmente sensível aos raios luminosos. Uma luz, especialmente se for brusca e inesperada, provoca uma comoção dolorosa no sujeito. No entanto, nada é tão variável quanto o efeito da luz. Em certos casos, a substância tolera até mesmo a luz exterior em pleno dia. O relâmpago do magnésio provoca um sobressalto do médium, mas ele o suporta, e isso permite as fotografias instantâneas.

É difícil distinguir, nos efeitos da luz sobre a substância ou em suas repercussões no médium, o que é fenômeno doloroso ou puro reflexo. Seja dor, seja reflexo, dificulta as investigações. Por esse motivo, não foi possível obter até o momento a cinematografia desses fenômenos.[58]

A substância junta a essa sensibilidade uma espécie de instinto que lembra o instinto de autopreservação dos invertebrados. A substância parece ter a mesma desconfiança de um animal sem defesa ou cuja única defesa consiste em se reintegrar no organismo do médium de onde saiu. Ela tem medo de contatos e está sempre pronta para se encolher e se reabsorver no médium.

A substância tem uma tendência imediata e irresistível à organização. Não permanece por muito tempo no estado original. Muitas vezes acontece que a organização se faz tão rápido que não permite ver a substância primordial. Outras vezes, a substância amorfa é vista e, simultaneamente, algumas representações mais ou menos completas, englobadas em sua massa; por exemplo, um dedo pendurado entre cordões de substância. Também podem ser vistas

---

58 É preciso, no entanto, anotar uma feliz tentativa de Schrenck-Notzing.

cabeças e rostos envoltos em substância.

Passo agora à questão das representações.

Elas são as mais variadas. Às vezes, são formações inorgânicas indeterminadas, porém o mais frequente é aparecerem formações orgânicas de complexidade e perfeição variáveis.

É sabido que diferentes observadores, entre eles Crookes e Richet, descreveram materializações completas. Não eram fantasmas, no sentido estrito da palavra, mas seres que possuíam momentaneamente as particularidades vitais de seres vivos, cujo coração batia, o pulmão respirava e a aparência corporal era perfeita.

Eu, infelizmente, não observei tal fenômeno; em troca, tenho visto com bastante frequência representações completas de um órgão; por exemplo: de um rosto, uma mão ou um dedo.

Nos casos mais perfeitos, o órgão materializado tem toda a aparência e todas as propriedades biológicas de um órgão vivo. Eu vi dedos admiravelmente modelados, providos de unhas; eu vi mãos completas, com ossos e articulações; eu vi um crânio vivo, cujos ossos apalpei, sob uma espessa cabeleira. Eu vi rostos bem formados; rostos vivos, rostos humanos!

Em numerosos casos, essas representações foram feitas e desenvolvidas inteiramente às minhas vistas, do início ao fim do fenômeno. Tenho visto, por exemplo, repetidamente, a substância sair dos dedos unindo-os entre si; então o médium afastava suas mãos, a substância esticava-se, formava grossos cordões, espalhava-se e construía faixas semelhantes a faixas epiploicas. Por último, no meio dessas faixas apareciam, acentuando-se progressivamente, dedos, ou uma mão, ou um rosto perfeitamente organizados.

Em outros casos, fui testemunha de uma organização análoga, tendo a substância saído pela boca.

Eis um exemplo tirado do meu caderno de anotações:

“Um cordão de substância branca, com aproximadamente dois dedos de espessura, desce lentamente da boca até os joelhos de Eva; essa fita assume, diante de nossos olhos, as mais variadas formas: ora se estende na forma de um largo tecido membranoso, perfurado, com

vazios e inchaços; ora recolhe-se e se estreita, a seguir infla-se, depois estica-se novamente. Aqui e ali, em pontos da massa surgem extensões, espécie de pseudópodes; e esses pseudópodes às vezes tomam, por alguns segundos, a forma de dedos, de um esboço de mão e depois reintegram-se à massa. Finalmente o cordão retrai-se sobre si mesmo, pendura dos joelhos de Eva, então a sua ponta levanta-se, separa-se do médium e avança em minha direção. Eu vejo naquele ponto essa extremidade que engrossa e forma uma protuberância, logo após um botão terminal e este botão terminal estende-se e forma uma mão perfeitamente modelada. Eu toco esta mão; ela produz sensação normal; sinto os ossos, toco os dedos providos de unhas. Então a mão se contrai, diminui, desaparece, na ponta do cordão. Este ainda faz algumas evoluções, contrai-se e desaparece na boca do médium."

LÂMINA V.

Fig. 22.

Fig. 22 - Exteriorização ectoplasmática pelos dedos — forma epiploica — da substância.

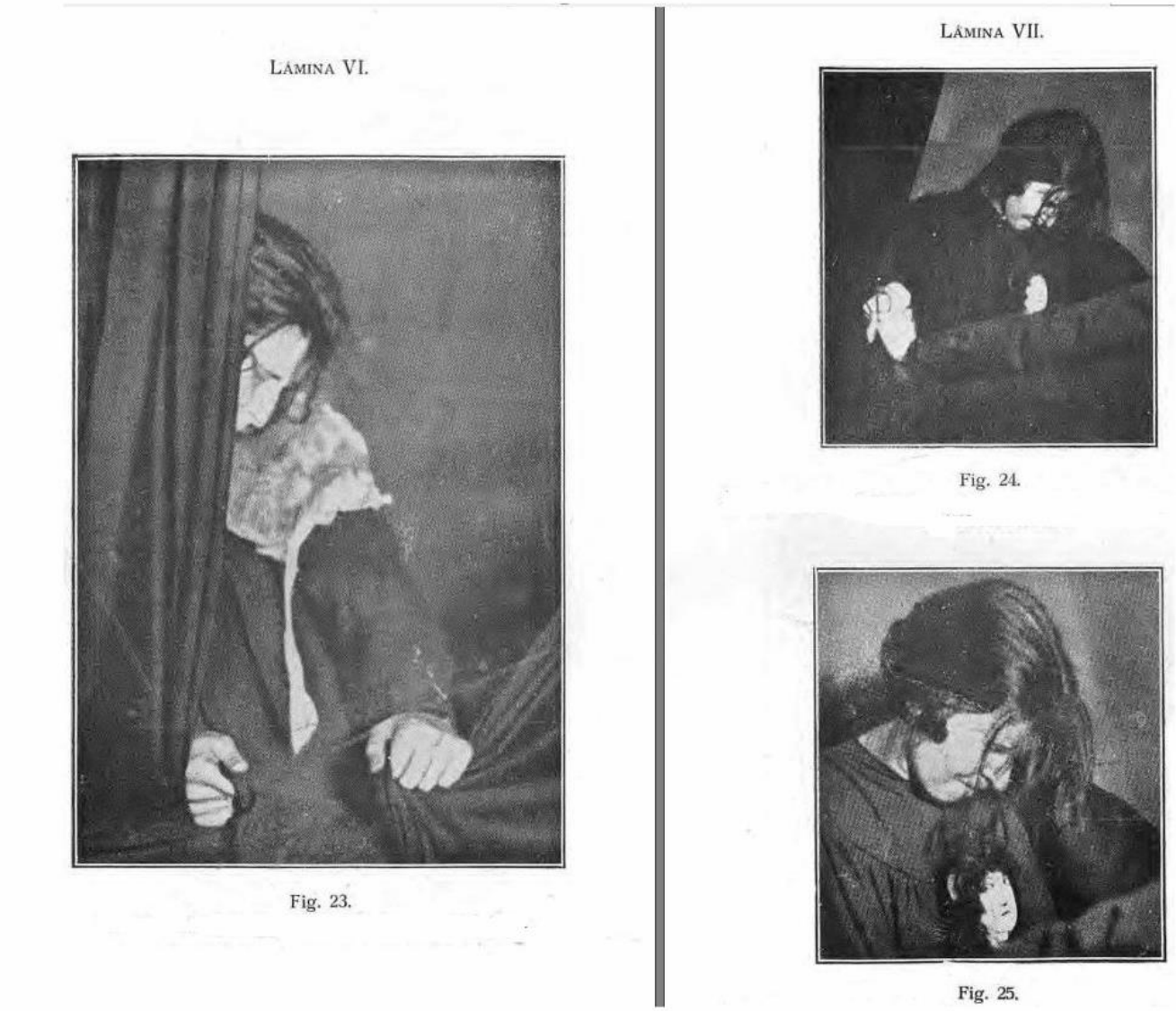


Fig. 23 - Gênese de um rosto em um conjunto de substância.

Fig. 24 - Cabeça de mulher completamente materializada porém de dimensões reduzidas a esquerda.

Fig. 25 - A mesma da fig. 24, fotografada com um aparelho colocado de lado a direita.

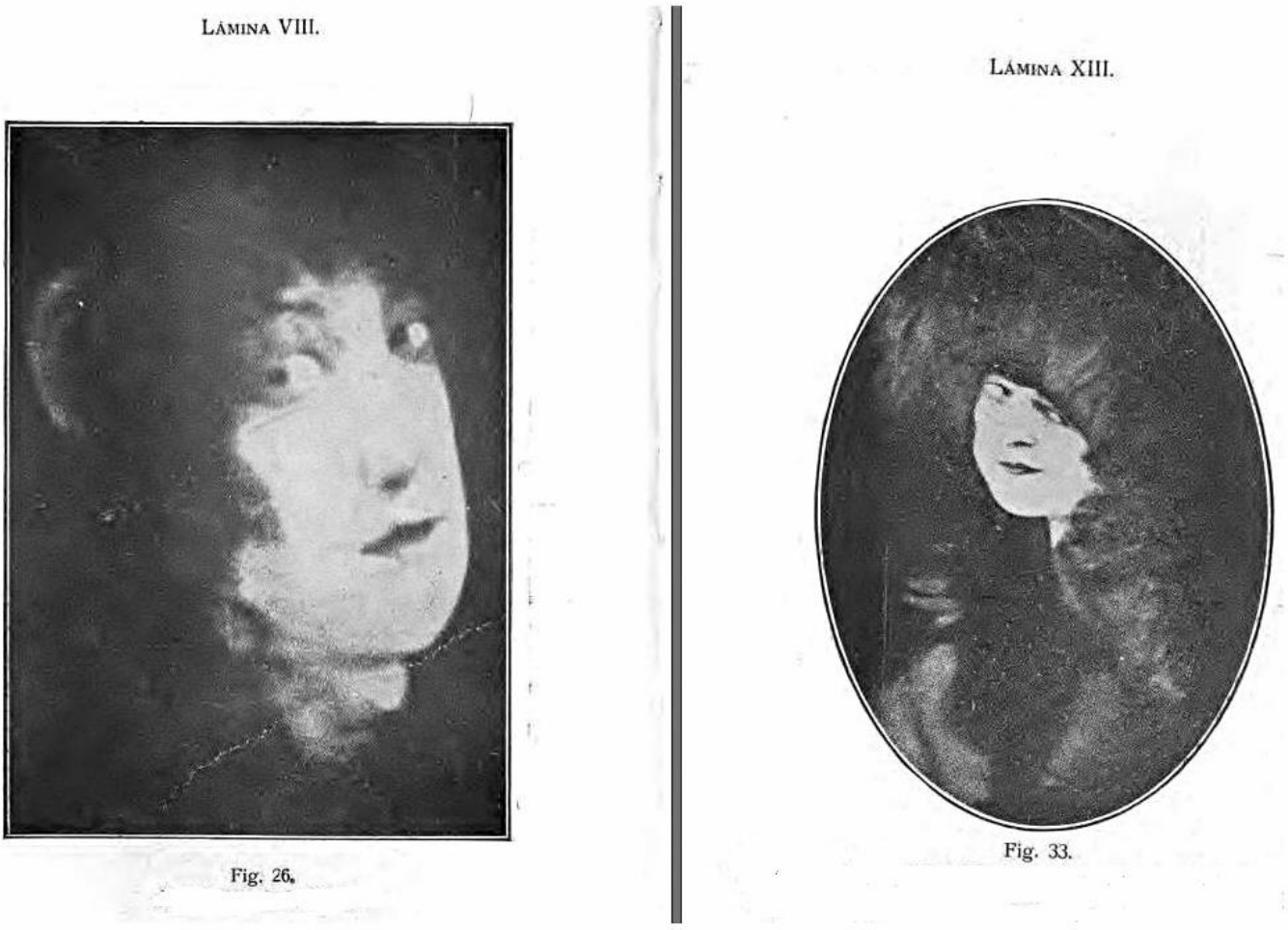


Fig. 26 - Ampliação da Fig. 25. a direita.

Fig. 33 - Cabeça de mulher materializada na mesma sessão da fig. 32 (ampliada). Observe-se a perfeita materialização dos lábios. Uma espessa cabeleira preta desce ao longo do colo.

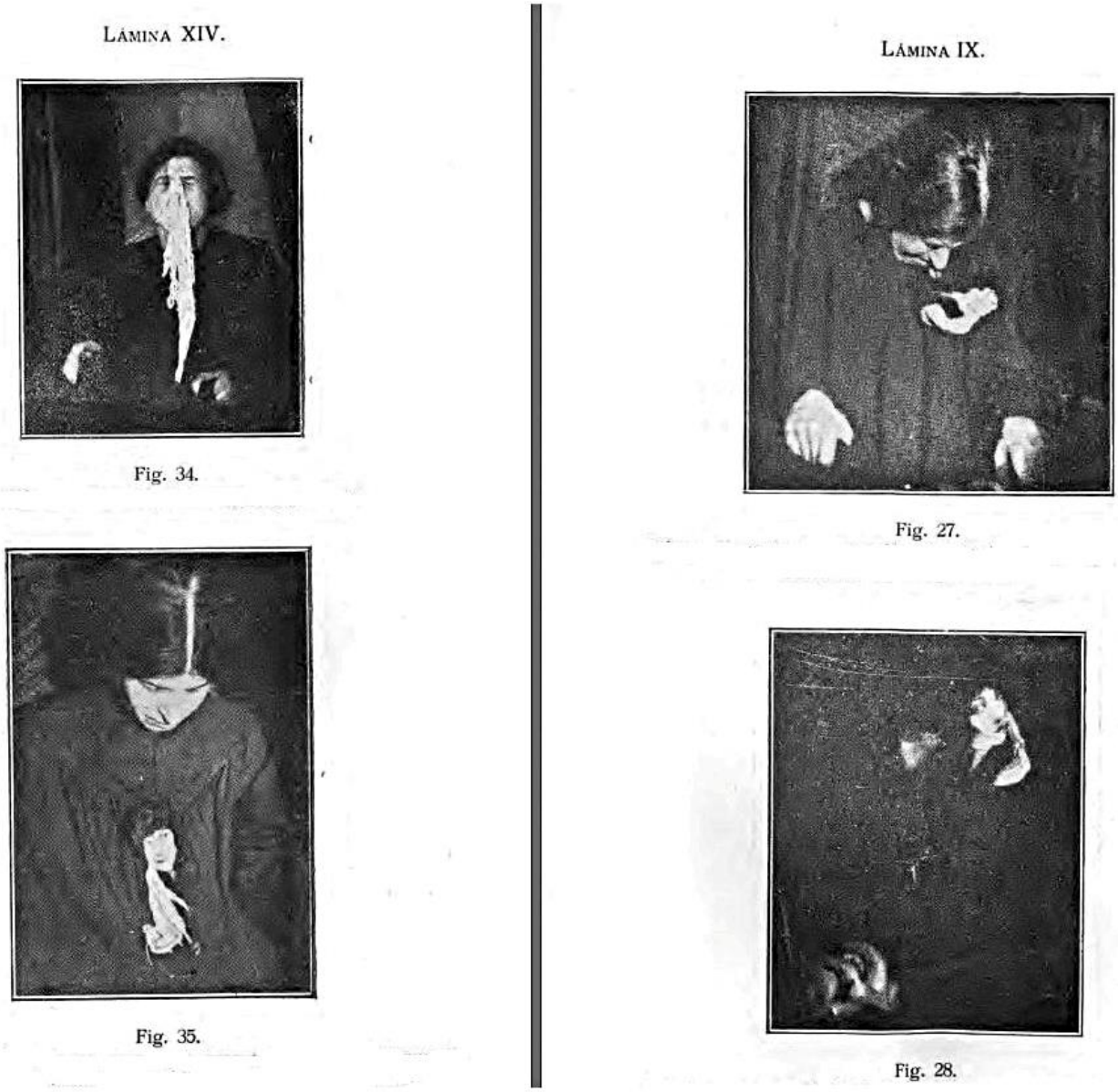


Fig. 34 - Ectoplasma saído pelos orifícios do rosto

Fig. 35 - Cabeça de mulher com uma espécie de corpo embrionário, formado por uma massa de substância que termina no canto da boca.

Fig. 27 - Cabeça de mulher em formação às custas de um cordão de substância saído da boca do médium.

Fig. 28 - A mesma, em um período de formação mais adiantado, pouco tempo depois.

Lâmina X.

Fig. 29.

Fig. 30.

Lâmina XI.

Fig. 31.

Fig. 29. A mesma, ampliada, da Fig. 28.

Fig. 30. Outra ampliação da mesma.

Fig. 31. Ampliação considerável da fig. 28
A espessa cabeleira que cobre a cabeça, da qual uma mecha passa por entre o colo e o rudimento da substância, é pouco visível. Em troca, os detalhes do rosto e do rudimento são bem definidos. Observar-se-á 1°, a beleza do olhar e a perfeita materialização dos olhos; 2°,a fina rede de linhas geométricas, que às vezes lembra uma teia de aranha, constituindo, muito provavelmente, a trama da formação ou reveladoras dos centros de força; 3°, as relações das formas com o rudimento; 4°, a própria organização do rudimento.

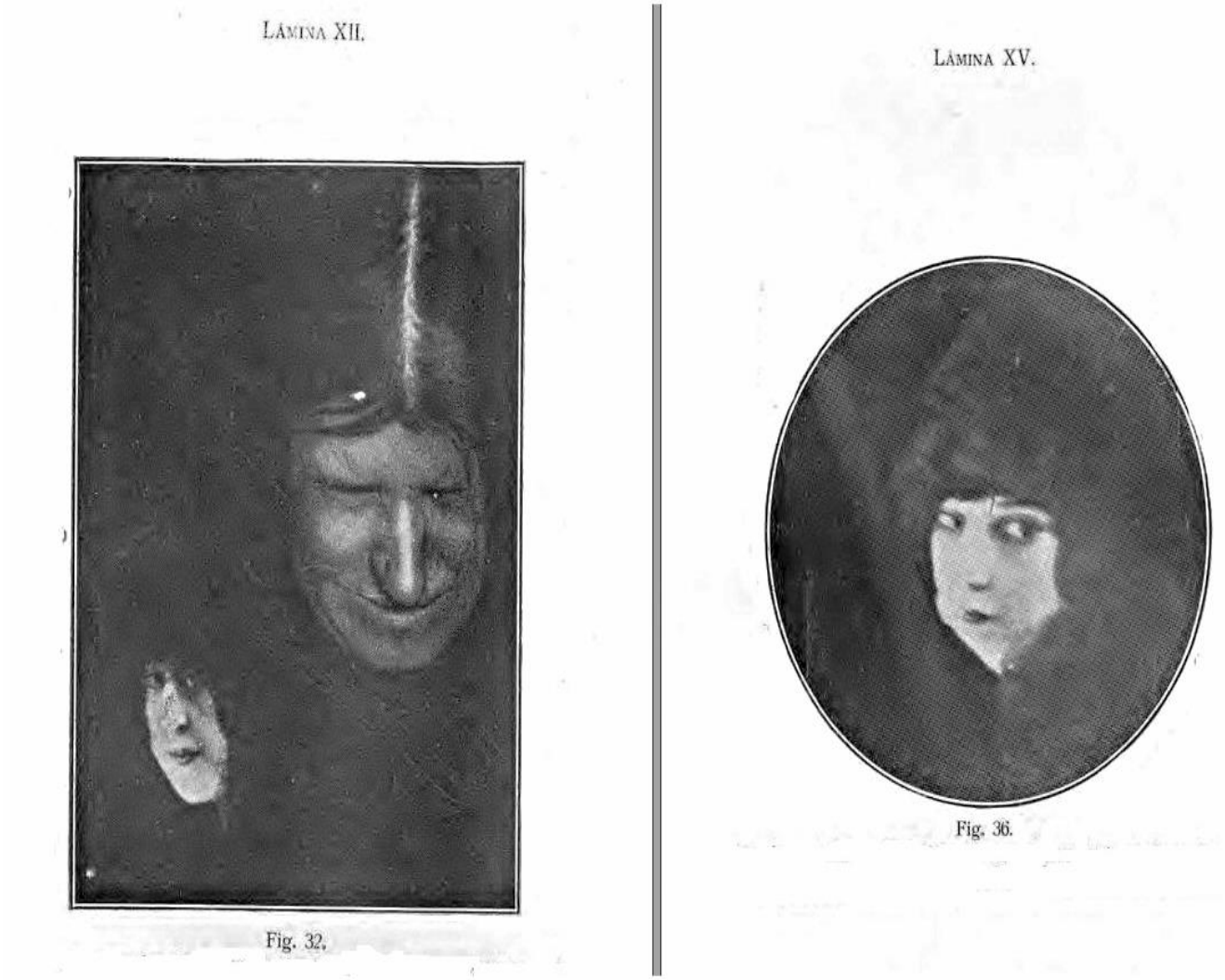


Fig. 32. Cabeça de mulher de dimensões reduzidas. A parte inferior do rosto está materializada melhor do que a superior.

Fig. 36. A mesma da Fig. 35. Fotografia tirada um instante depois. A figura estava por cima e à direita do médium, na abertura da cortina.

LÂMINA XVI.

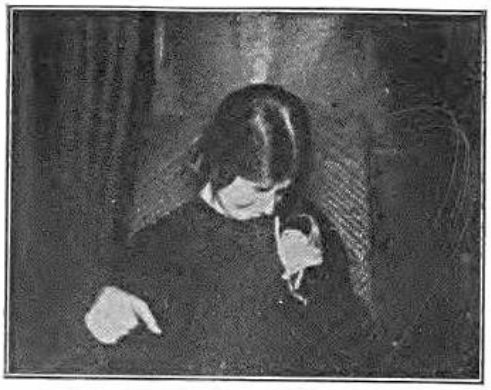


Fig. 37.

Fig. 38.

LÂMINA XVII.

Fig. 39.

Fig. 40.

Fig. 37. Cabeça de mulher evoluindo ao redor do médium

Fig. 38. A mesma, um instante depois.

Fig. 39. A mesma, em outra posição.

Fig. 40. A mesma, um pouco oculta pela cabeça de um dos experimentadores.

LÂMINA XVIII.

Fig. 41.

Fig. 42.

LÂMINA XIX.

Fig. 43.

Fig. 41. A mesma, em vias de desmaterialização. Reabsorção pela boca do médium

Fig. 42. A mesma cabeça, ampliada, em outra posição

Fig. 43. Ampliação da fig. 41.

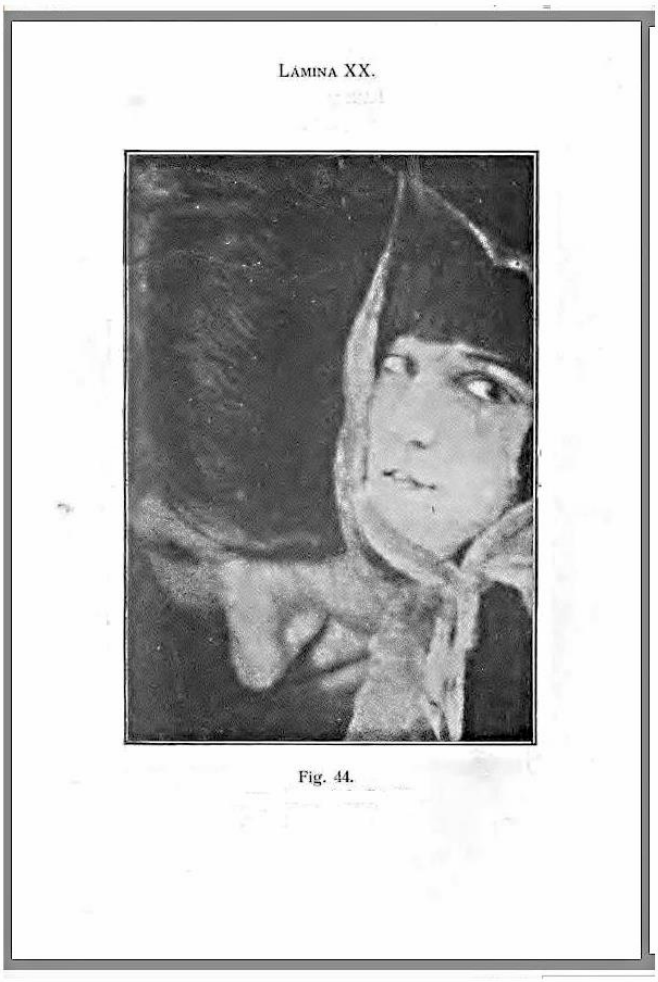


Fig. 44. - Ampliação da Fig. 38

Como a forma sólida, a forma vaporosa da substância pode ser observada; nesse caso, ela emerge da superfície do corpo do médium de forma invisível e impalpável, sem dúvida através do tecido e condensa-se na superfície do traje. Então vê-se uma nuvenzinha que se junta formando uma mancha branca sobre o traje preto, na altura do ombro, do peito ou dos joelhos. A mancha cresce, se espalha e então determina o contorno ou relevo de uma mão ou de um rosto.

Qualquer que seja o modo de formação, o fenômeno nem sempre permanece em contato com o médium. Com frequência ele é visto completamente isolado dele. O exemplo a seguir é característico:

"De repente, uma cabeça aparece a cerca de setenta e cinco centímetros da cabeça de Eva, acima dela e à direita. É a cabeça de um

homem, em tamanho natural, bem formada, com seu relevo comum. O vértex e a testa estão perfeitamente materializados. A testa é larga e espaçosa; o cabelo, curto e abundante, castanho escuro ou preto. Sob as sobrancelhas, os contornos são borrosos; bem visíveis ficam apenas a testa e o crânio.

Por um instante, a cabeça desaparece atrás da cortina, reaparece nas mesmas condições; mas o rosto, materializado de forma incompleta, está coberto por uma faixa de substância branca. Eu avanço com a mão através do cabelo espesso e tateio o crânio. Um instante depois, tudo desaparece.

Assim, as formações manifestam uma certa autonomia que se manifesta tanto fisiológica quanto anatomicamente.

Os órgãos materializados não são inertes, mas biologicamente vivos. Por exemplo, uma mão bem constituída tem as mesmas capacidades funcionais de uma mão normal. Muitas vezes fui tocado intencionalmente por uma mão ou agarrado por uns dedos.

Formações orgânicas bem constituídas com todas as aparências de vida são frequentemente substituídas por formações incompletas. Frequentemente o alto-relevo está faltando e as formas aparecem achatadas. Costuma acontecer que elas sejam parcialmente achatadas e parcialmente em alto-relevo. Em certos casos, vi aparecer uma mão ou um rosto achatados e, então, diante da minha vista, eles assumiram completa ou incompletamente as três dimensões. No caso de formações incompletas, às vezes são de menor tamanho do que o natural; em ocasiões, verdadeiras miniaturas.

O caráter incompleto das formações costuma se apresentar através de lacunas em vez de alterar as dimensões, tamanho, largura, espessura. As materializações são, nesses casos, de tamanho normal, mas apresentam lacunas em sua estrutura.

O Dr. De Schrenck-Notzing, que tirou fotografias estereoscópicas simultaneamente de frente, de lado e de trás, viu que, em geral, apenas as primeiras revelam uma materialização completa; a região dorsal permanece em estado de acúmulo de substância amorfa. Ele também observou algumas vezes, mesmo em regiões bem materializadas,

certos vazios, alguns deixados assim mesmo, outros disfarçados sob uma camada uniforme de substância.

A mesma observação foi feita por mim pessoalmente.

Não há dúvida de que os véus flutuantes, turbantes e ornamentos análogos, com os quais os "fantasmas" costumam se revestir, escondem defeitos ou lacunas em seu organismo neoformado. De resto, há todas as transições possíveis entre formações orgânicas completas e incompletas, e essas mudanças, como já disse várias vezes, quase sempre são feitas às vistas dos observadores.

Ao lado dessas formações, completas ou incompletas, devemos assinalar uma categoria estranha de formações. Mais do que órgãos, são imitações de órgãos, melhor ou pior conseguidas, ou mais ou menos grosseiras. Elas são verdadeiros simulacros; existem simulacros de dedos que não têm mais do que a forma geral deste órgão, mas sem calor, sem flexibilidade e sem articulações; simulações de rostos que parecem retratos, recortes ou máscaras; mechas de cabelo aderidas a formações indefinidas, etc.

Os simulacros de indubitável autenticidade metapsíquica (e isso é fundamental) têm intrigado e confundido muitos observadores. “Dir-se-ia — escreve o Sr. De Fontenay — que uma espécie de gênio maléfico zomba dos observadores.”

Na verdade, esses simulacros são facilmente explicados. Eles são o produto de uma força de rendimento metapsíquico medíocre, que ainda possui meios de execução inferiores e que faz o que pode. Raramente tem êxito total, precisamente porque sua atividade, orientada para fora de suas vias normais, não tem a segurança que uma educação biológica normal dá no ato fisiológico.

Por outro lado, para entender completamente o que acontece então, deve-se notar que a fisiologia normal às vezes apresenta simulacros. Ao lado de formações orgânicas normais, produções fetais perfeitas, existem abortos, monstruosidades, aberrações. Nada mais curioso, aliás, do que aquelas estranhas neoplasias, chamadas cistos dermoides, em que há cabelos, dentes, órgãos diversos, vísceras e até

formações fetais mais ou menos completas. Assim como a fisiologia normal, a fisiologia supranormal tem produtos conseguidos e produtos abortados, monstruosidades e produções dermoides. O paralelismo é completo.

Um fenômeno tão curioso ao menos quanto o aparecimento das formas materializadas é o seu desaparecimento. Às vezes esse desaparecimento é instantâneo ou quase instantâneo. Em menos de um segundo desaparece aquela formação cuja presença foi verificada com a visão e o tato.

Em outros casos, o desaparecimento é gradativo. Observa-se o retorno à substância original, depois a reabsorção da substância no corpo do médium, tal como havia saído, com as mesmas modalidades. Em outros casos, por último, o desaparecimento dá-se aos poucos, não voltando à substância, mas diminuindo progressivamente os caracteres sensíveis. A visibilidade da formação diminui lentamente, os contornos do ectoplasma empalidecem, apagam-se e tudo desaparece.

Enquanto dura a materialização, as formas produzidas estão em relação fisiológica com o médium. A relação fisiológica costuma ser visível sob o aspecto de um fino cordão de substância que une a forma ao médium e que pode ser comparado ao cordão umbilical que une o embrião à mãe. Mesmo que o cordão não seja visível, sempre existe uma íntima relação fisiológica. Qualquer impressão recebida pelo ectoplasma repercute no médium, e reciprocamente. A extrema sensibilidade reflexa da formação confunde-se com a do médium. Em uma palavra, tudo isso prova que o ectoplasma é o próprio médium parcialmente exteriorizado. Estou me referindo, é claro, apenas ao ponto de vista fisiológico, porque não estou considerando neste momento o lado puramente psicológico da questão.

Vejamos agora as atas das principais sessões realizadas no meu laboratório, acompanhadas das fotografias que foram tiradas nessas sessões.

III. — Atas por extenso de algumas das sessões realizadas em meu laboratório.

Sessão de 11 de janeiro de 1918, às dezessete.

Presentes: a Sra. Bisson, o Sr. de Vesme, o Sr. Le Cour, o Dr. Geley.

Vigilância e precauções habituais.

Eu vigio a mão esquerda, Sra. Bisson a direita. Luz vermelha intensa.

Nada é notado em particular, além de que Eva está com seu período já faz algumas horas.

Já adormecida, ela rapidamente cai em transe e quase imediatamente o fenômeno começa. Ele se desenrola completamente diante da minha vista.

As mãos de Eva são bem visíveis sobre seus joelhos. Entre os polegares direito e esquerdo, que estavam em contato, forma-se uma membrana que os une.

Não sei dizer se o ectoplasma saiu do polegar direito, do polegar esquerdo ou de ambos ao mesmo tempo.

Desde que o fenômeno começou, Eva lenta e regularmente separa suas mãos.

A membrana alonga-se e se estende como faria uma membrana de caucho que ligasse os dois polegares. Mas, ao contrário do que faria um tecido de caucho (e essa observação é muito importante), a membrana ectoplasmática aumenta, engrossa, ao mesmo tempo que se alonga.

Não há, que eu saiba, nenhum meio de simular fraudulentamente esse fenômeno.

Pouco depois, a membrana forma um cordão largo e grosso que, às minhas vistas, assume a forma clássica de uma tira de epíploon.

Naquele momento, e sem soltar a mão esquerda de Eva, provoco um relâmpago elétrico com o aparelho Courtier. (Havia dois aparelhos fotográficos prontos.) (Lâm. V, fig. 22.)

Depois do relâmpago e da sacudida dolorosa visível que ele produz no médium, o fenômeno continua.

No meio da massa ectoplasmática, vejo dois dedos aparecerem.

São dedos indicador e médio bem formados, providos de unhas anatomicamente perfeitas. São um tanto escuros, como se tivessem cianose. Eu os toco com precaução. Eles têm uma temperatura mais baixa do que o normal. Esses dedos estão vivos, eles executam movimentos de flexão e extensão.

Enquanto eu os observo, e sem razão aparente, vejo-os em um instante dissolverem-se e desaparecer.

As mãos de Eva ficam vazias, visíveis e limpas.

Duração total do fenômeno: um quarto de hora.

Após cerca de cinco minutos, os dedos reaparecem progressivamente no espaço existente entre as mãos de Eva; mas desta vez sem serem acompanhados de substância amorfa.

Pela segunda vez, eles desaparecem instantaneamente.

Então, e também no espaço que separa as duas mãos de Eva, vejo uma massa opaca do tamanho de uma noz. É uma forma indeterminada.

Eva exclama, gemendo: "É um rosto!" Mas eu não distingui nada bem determinado.

Por sua vez, essa ectoplasmia desaparece sem que as mãos de Eva se mexam.

Eva percebe que “as forças” a abandonam.

A sessão é levantada.

Duração total: uma hora e quinze minutos.

Sessão de 15 de janeiro de 1918, às vinte e trinta.

Vigilância e precaução habituais.

Presentes: a Sra. Bisson, o Sr. Le Cour, o Dr. Chalot, a Dra. X... e o Dr. Geley.

As cortinas estão entreabertas. Luz vermelha. Depois de quinze minutos, o médium emite gemidos característicos.

De repente, vejo uma mancha branca, cerca de 0,15m de comprimento por 0,10m de largura, sobre o ombro esquerdo de Eva. No início, essa mancha é quase imperceptível; então sua visibilidade aumenta, depois diminui, aumenta de novo, estende-se. Vejo formarem-se progressivamente, no meio da mancha, os traços de um rosto do tamanho de uma laranja; este rosto está rodeado por uma substância amorfa. Está achatado e deformado. É possível ver bem a testa, os olhos e o nariz; mas a metade inferior é apenas bosquejada e dificilmente difere da substância amorfa.

O fenômeno move-se; do ombro, vai situar-se sobre a cabeça de Eva, acima dela, um pouco à direita.

Eu tiro duas fotos. (O brilho fraco da luz elétrica não conseguiu impressioná-las.)

Após o primeiro relâmpago, o fenômeno começa a se extinguir, mas não em sentido inverso ao seu surgimento, ou seja, devido à diminuição da visibilidade, mas é reabsorvido pela boca; eu o vejo entrar nela lentamente, parecendo preencher a abertura entre os lábios. A parte inferior encolhe-se para penetrar na boca.

Nesse momento ocorre um fato muito interessante: uma porção do ectoplasma, do tamanho de uma moeda de peseta, desprende-se, cai sobre o vestido do médium e desaparece.

Sessão de 7 de fevereiro de 1918.

Já disse que as fotos tiradas na sessão de 15 de janeiro não serviram. Mas a sessão de 7 de fevereiro foi favorecida com fenômenos idênticos. Acho inútil dar a referência, portanto, e limitar-me-ei a publicar uma boa fotografia nela obtida. (Lâm. VI, Fig. 23.)

Sessão de 12 de fevereiro de 1918, às dezessete.

Presentes: a Sra. Bisson, a Sra. De Vesme, o Sr. Le Cour e o Dr. Geley.

Vigilância e precauções habituais.

Eva está muito animada. Anoto, como documentário, as seguintes

palavras que ela me disse ao chegar: “Há vinte e quatro horas venho notando a presença de uma mulher que quer se mostrar.”

Assim que adormece entra em transe: emite longos gemidos e gritos semelhantes aos de uma mulher no ato de dar à luz. Depois vai se acalmando, aos poucos, sem que nada apareça. Naquele momento eu penso que a sessão irá ser negativa.

De repente, a Sra. Bisson exclama: "Aí está... na cortina."

Com efeito, acima da cabeça da médium, entre as cortinas, vinda do lado direito, avista-se uma cabeça de mulher. Está à altura normal de uma mulher em pé; apenas a cabeça é visível, emergindo entre as cortinas. A materialização desta cabeça é perfeita. Ela tem um rosto vivo, de dimensões normais, com olhos expressivos e cor fresca. Este rosto é muito bonito e as pessoas ao seu redor o contemplam, comunicando suas reflexões de admiração em voz baixa.

Empolgado e surpreso, esqueço de apertar a pera de caucho destinada a produzir a explosão para a fotografia. Não penso nisso até o momento em que a aparição, sem dúvida perturbada pela luz, ou por nossa atenção focalizada nela, retira-se para trás das cortinas. Essa cena, tão clara, foi muito curta: alguns segundos.

A seguir, por um quarto de hora, a mesma cabeça aparece e desaparece, às vezes em tamanho natural, outras vezes de dimensões mais reduzidas, mas sempre muito claramente. Não consigo o momento certo para produzir a explosão.

Por fim, a cabeça, reduzida a dois terços do tamanho natural, vem situar-se diante do peito de Eva, de perfil, e eu pressiono a pera de caucho. A luz explode. (Lâm. VII, figs. 24 e 25.)

Após a explosão, vejo a cabeça sobre os joelhos de Eva por um momento. Não vi nada do busto; depois tudo desaparece instantaneamente.

É de se observar que nesta sessão não vi a substância ectoplásmica original, nem testemunhei a formação progressiva da cabeça fotografada. Esta cabeça apareceu de repente, totalmente materializada, entre as duas cortinas.

Destacam-se também as variações no tamanho da cabeça, ora de

tamanho natural, ora consideravelmente reduzido.

A vigilância antes, durante e depois da sessão, não deixou nada a desejar. Tenho certeza absoluta de que Eva não conseguiu trazer ou tirar a cabeça de uma boneca, ou qualquer outro tipo de simulacro.

Mesmo admitindo essa hipótese, as variações de tamanho não teriam explicação.

Sessão de 26 de fevereiro de 1918, às dezessete.

As mesmas pessoas comparecem.

Vigilância e precauções costumeiras.

Eva entra em transe rapidamente.

Um rosto materializa-se e evolui em torno da médium, desaparece e reaparece. Esse rosto tem um parecido evidente ao que fotografei em 12 de fevereiro.

Observo especialmente que a manifestação parece querer mostrar-me os diferentes modos de gênese ectoplasmática:

1º. O rosto aparece repentinamente na cortina, sem ectoplasmia amorfa. É de tamanho natural, mas sua permanência é efêmera e seu desaparecimento imediato; não tive tempo de fotografá-lo.

2º. O rosto é formado às custas de uma neblina que flutua no lateral da médium; em seguida, detém-se sucessivamente no peito, na cabeça e no ombro. A visibilidade ora aumenta ora diminui. Os traços estão mal definidos.

3º. Um cordão de substância sai da boca de Eva; tem cerca de dois dedos de largura. Este cordão desce sob o queixo da médium e um pouco à sua esquerda. Lá ele incha na ponta e, como um botão em crescimento, vejo aparecerem os traços, mal definidos, de um rosto.

Provoco a explosão para tirar uma foto. (Lâm. IX, figura 27.)

A luz instantânea não fez o fenômeno desaparecer, apesar de um doloroso sobressalto da médium.

A extremidade do cordão ectoplasmático que sustenta o rosto sobe à esquerda da cabeça de Eva, flutuando cerca de 0,25 m. da médium, um pouco acima da orelha.

Nesse local, as características desse rosto são rapidamente concluídas e determinadas. Então tiro outra fotografia. (Lâminas IX, X e XI, figs. 27, 28, 29, 30 e 31.)

Duas fotografias estereoscópicas, tiradas ao mesmo tempo que as anteriores, mostram que a forma materializada tem todas as três dimensões, exceto a parte inferior do rosto, que aparece achatada.

Sessão de 1° de março de 1918.

Os mesmos experimentadores e as mesmas condições.

Vigilância e precauções habituais.

Eva me disse ao chegar que: "Ela" quer se manifestar de uma maneira diferente das vezes anteriores e olhar de outra maneira.

A sessão é quase uma cópia da anterior.

A aparição mostra-se ora nas cortinas, ora organizada às custas de uma neblina, ou então parece brotar de um cordão ectoplasmático saindo da boca de Eva.

Quatro fotos são tiradas, duas delas inutilizadas pela insuficiência da explosão de luz elétrica.

Naquela que ficou menos ruim dentre estas duas últimas, pode-se distinguir o mesmo rosto que na fotografia número 8, porém voltado para o lado oposto: olha para a direita (em relação à médium) em vez de olhar para a esquerda.

(É possível que essa variedade do fenômeno seja fruto de uma sugestão das pessoas presentes, que queriam ver a aparição com outro perfil.)

As duas fotografias obtidas mostram um rosto de perfil em sentido inverso às fotografias das sessões anteriores. (Lâmina XII, fig. 32.)

Sessão de 5 de março de 1918, às dezessete.

Presentes: a Sra. Bisson, a Sra. De Vesme, o Sr. Julio Courtier, o Sr. Le Cour e o Dr. Geley.

Vigilância e precauções costumeiras.

Após um quarto de hora, Eva geme. A seguir ela diz: “Eles me pegam de outra maneira... é outra coisa!”

Anotarei que estas palavras causam em todos nós uma grande decepção, pois esperávamos ver novamente o belo rosto das outras sessões.

Nosso desejo, portanto, não produziu resultado; ao contrário do que pudemos notar na precedente sessão.

Os gemidos de Eva aumentam e logo observo uma substância ectoplásmica, de um branco deslumbrante, sair dos dedos da mão esquerda e juntar-se aos da mão direita.

Eva separa as mãos e o resto acontece como na sessão de 11 de janeiro.

A fita estende-se engrossando e alargando ao mesmo tempo e forma uma ampla faixa "epiploica".

A massa ectoplasmática sobe pelo peito de Eva até a boca, onde desaparece. Cinco minutos se passam.

Os gemidos de Eva reaparecem mais intensos do que antes. Imediatamente vemos uma massa de matéria branca saindo do nariz e dos olhos que desce, aumentando de espessura, até os joelhos.

Dá a impressão de um novelo de fitas.

A fotografia saiu muito bem. (Lâm. XIII, fig. 33.)

Após um curto intervalo, essa meada desaparece instantaneamente.

Então a substância reaparece entre as mãos de Eva; e uma mão muito pequena é formada no centro; mas a médium está esgotada de cansaço e o fenômeno cessa quase imediatamente. A reabsorção nos dedos é instantânea.

Sessão de 8 de março, às dezessete.

Presentes: o médico Inspetor Geral Sr. Calmette, a Sra. Bisson, a Sra. De Vesme, o Sr. Le Cour e o Dr. Geley.

Vigilância e precauções habituais.

Após longa espera (uma hora), começam os gemidos de Eva, que

logo se tornam mais pronunciados. Uma mancha branca aparece sobre o ombro esquerdo da médium. Esta mancha estende-se e se alarga; então, vemos aparecer no meio um pequeno rosto, que se assemelha ao das sessões anteriores.

Ao mesmo tempo, a maior parte da substância amorfa desaparece, só se vê uma pequena massa que vai fixar-se por meio de uma espécie de pedículo ao lado direito da boca do rosto materializado (Lâm. XIX, figs. 34 e 35.)

Assim constituído, o rosto evolui, move-se, desaparece e reaparece.

Pode ser visto, ora no peito de Eva, ora em sua cabeça, depois sob o queixo, depois nos joelhos, mais tarde entre suas mãos.

Ele desaparece, instantaneamente ou por reabsorção na boca.

Depois de uma pausa, vejo a cortina do lado direito da cabine tremer como movida no lado de dentro. Naquele momento Eva estava imóvel em sua cadeira, visível no espaço existente entre as cortinas entreabertas. Suas mãos estavam sobre os joelhos e eu segurava sua mão direita.

Vendo que os movimentos da cortina direita não podiam ser causados pela médium, explorei-a com minha mão esquerda.

Percebi claramente um corpo humano que fazia a cortina ondular. Era em tamanho natural. Toquei seu ombro; minha mão, descendo, percebeu o tórax e atingiu o nível da barriga. Naquele exato momento, uma mão, por trás da cortina, rejeitou a minha e, um instante depois, uma cabeça apareceu entre as cortinas. (Lâm. XV, figura 36.)

A Sra. Bisson afirmou que uma mão a havia tocado através da cortina no pescoço e no ombro.

Repito que durante a produção desses fenômenos Eva estava constantemente visível. Sua cabeça e busto estavam totalmente à vista, assim como suas mãos, imóveis sobre os joelhos e sujeitas.

Sessão de 11 de março de 1918, às dezessete.

Presentes: o Dr. Calmette, a Sra. Bisson, a Sra. De Vesme, o Sr. Le Cour e o Dr. Geley.

Vigilância e precauções habituais.

Ao longo de toda esta sessão as cortinas estiveram constantemente entreabertas e pude observar toda a gênese do fenômeno.

Após uma espera de três quartos de hora, o doloroso transe começa.

De repente, vejo uma leve neblina do tamanho de uma laranja flutuando à esquerda da médium. A neblina detém-se sobre o peito de Eva na parte alta do lado esquerdo. Primeiro é uma mancha vaporosa pouco marcada; então a mancha cresce lentamente estende-se e aumenta de espessura. Aumenta sua visibilidade, depois diminui, torna a aumentar.

Em seguida, a mancha move-se da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.

Por último, e sob observação direta, pode ser observado como os traços e o relevo de um pequeno rosto que são modelados. Imediatamente aparece a cabeça, já bem formada, envolvida como por um fino véu.

Esta cabeça lembra a das sessões anteriores.

Muda de lugar com frequência; é vista à direita, à esquerda, acima e abaixo da cabeça de Eva, em seus joelhos, entre suas mãos. Várias vezes desaparece instantaneamente e depois reaparece.

Finalmente é reabsorvida na boca do médium.

Então, de repente, Eva exclama: “Isto muda; é a força”.

Os espectadores então percebem certos golpes através da cortina. (As mãos e os joelhos estão bem visíveis e sujeitos.)

Nesta sessão tirei várias fotografias, todas conseguidas. (Lâms. XVI a XX, figs. 37 a 44.)

Capítulo II

Minhas experiências de materializações com o Sr. Franek Kluski

I.— Biografia. Generalidades.

O Sr. Franek Kluski, de Varsóvia, tem cinquenta anos; é homem de estatura média, um tanto magro, com temperamento neurartrítico. Sua saúde geral é boa. Não apresenta nenhuma tara orgânica. O exame do sistema nervoso não revela nada além de grande excitabilidade. Os reflexos são muito exagerados e há áreas de hiperestesia acentuada na nuca e na extremidade superior direita, principalmente no antebraço. O campo visual e as reações pupilares são normais.

A hipersensibilidade moral é ainda mais acentuada do que a física. Franek é extraordinariamente impressionável e emotivo. De resto, sua psicologia é a de todos os médiuns superiores, e não vamos nos deter agora nas bem conhecidas peculiaridades dos metapsiquistas.

É evidente que as características, qualidades, originalidades, defeitos ou taras, sejam orgânicas ou psíquicas, que se observam nos grandes artistas e nos grandes médiuns, são simplesmente o acompanhamento inevitável ou o preço de seu gênio ou de sua mediunidade. Essas particularidades não poderiam, de forma alguma, nos fazer compreender a natureza essencial ou o mecanismo do gênio ou da mediunidade.

Franek Kluski exerce uma profissão liberal e também é escritor e poeta. Ele é muito simpático e atraente, de grande inteligência, muito instruído e é poliglota. Com o mais completo desinteresse e por amor à ciência, consentiu em pôr seus dons maravilhosos a serviço, em primeiro lugar, dos seus mais eminentes compatriotas; depois, a serviço do Instituto Metapsíquico. Ele tem exercido regularmente sua mediunidade apenas cerca de dezoito meses atrás.

As faculdades de Franek Kluski são claramente hereditárias; seu pai tinha as mesmas faculdades, embora nunca tenha dado sessões. Fenômenos manifestavam-se espontaneamente ao seu redor, e Franek tem conservado, de sua infância, a memória exata de episódios característicos. Por exemplo, ele conta que um dia “o espírito de seu avô ergueu-se repentinamente diante de seu pai, que se havia embriagado, e deu-lhe uma forte repreensão. (O pai, perturbado pela embriaguez, respondeu desrespeitosamente, e recebeu do Espírito um tremendo bofetão, do qual, por muitos dias, permaneceram os sinais!”

O tio paterno de Franek, sacerdote católico, também era dotado de faculdades mediúnicas e frequentemente tinha visões telepáticas verídicas.

A infância de Franek passou assim embalada pelo maravilhoso relato de eventos que eram comuns na família. Essas histórias o impressionaram ainda mais porque sua saúde era muito frágil. Todos os seus irmãos, homens e mulheres, morreram prematuramente, e ele mesmo, nos primeiros anos, sofreu de sarampo, escarlatina, varíola e febre tifoide complicada por violenta pneumonia.

Ele era um menino de caráter sonhador e contemplativo. Não compartilhava os jogos de sua idade e buscava a solidão.

Desde aquela época estava sujeito a pressentimentos: ele tinha a visão exata de acontecimentos distantes e a percepção de "fantasmas" que para ele apresentavam a aparência de vivos. Por volta dos cinco ou seis anos, essas visões tornaram-se muito claras e frequentes. O garoto achava que era a coisa mais natural do mundo e nunca teve o

menor medo ou a menor emoção por isso. Ele falava familiarmente com seus "fantasmas", sempre benevolentes e acolhedores com ele.

Achamos que seria interessante para nossos leitores ter do próprio Franek a narração de suas primeiras impressões mediúnicas e compará-las com as de outros médiuns famosos, como a Sra. D'Espérance.

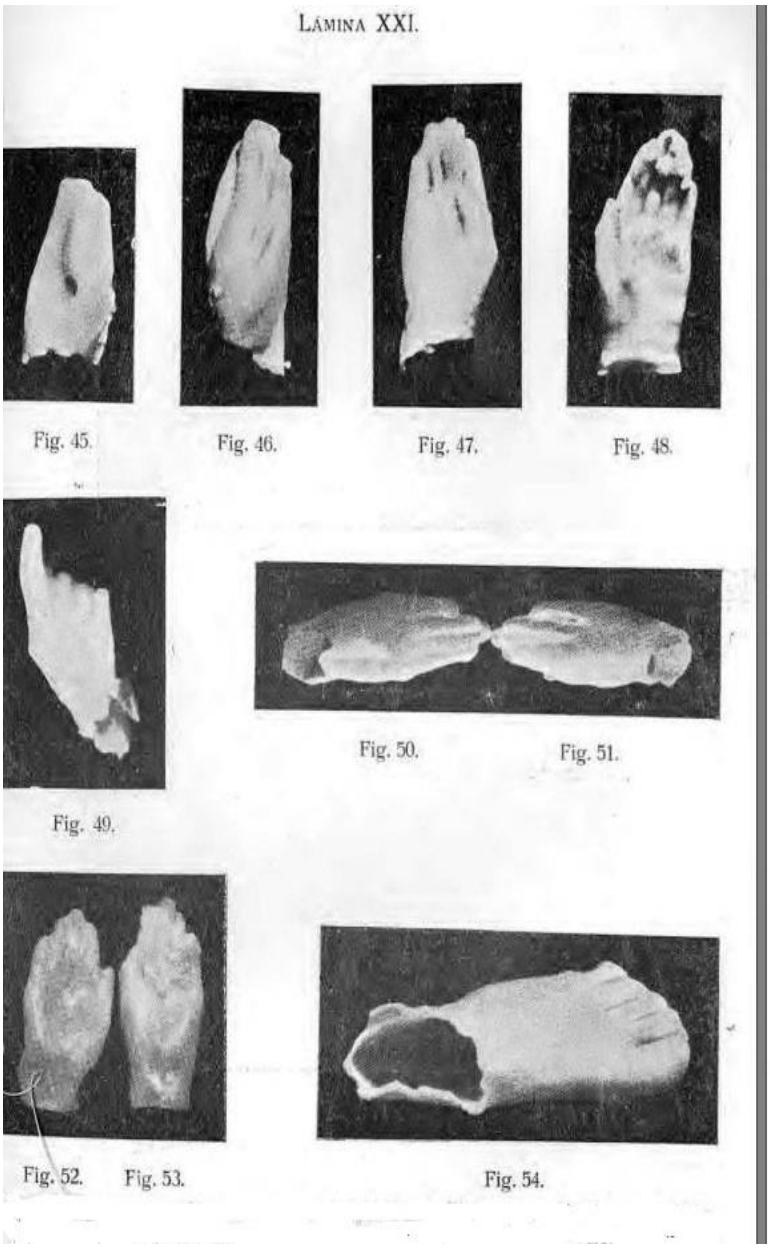
Infelizmente, essa narrativa é um pouco extensa. Publicamos na íntegra a seguinte passagem, que tanta originalidade e interesse possui, e do resto iremos fazer um simples resumo.

"Durante o dia — diz Franek, falando de si mesmo — o menino ficava em um canto, reclinado ou deitado, o olhar no vazio. À noite, quando as luzes se acendiam, ele se animava. Na sala onde seus pais estavam, ele pegava duas cadeiras, cobrindo-as com um grande xale e escondia-se sob aquela tenda improvisada com alguns livros, embora ainda não soubesse ler.

"Ele estava quietinho e quando seus pais perguntavam o que ele estava fazendo, ele invariavelmente respondia que iria ver a 'toupeira'. "Você ao menos sabe o que é uma toupeira? — perguntava sua mãe. — Como você quer ver uma toupeira na cidade?"

Seus amiguinhos invejavam-no por ter visto a toupeira, porque as crianças não duvidavam da veracidade das suas palavras.

"Certa vez, que seus pais tinham saído, ele brincava com as outras crianças e fez uma barraca maior do que a costumeira, com a ajuda de cadeiras cobertas por uma grande colcha, e convidou as crianças e a babá de sua irmãzinha mais nova para entrar naquela "tenda" para "ver a toupeira".



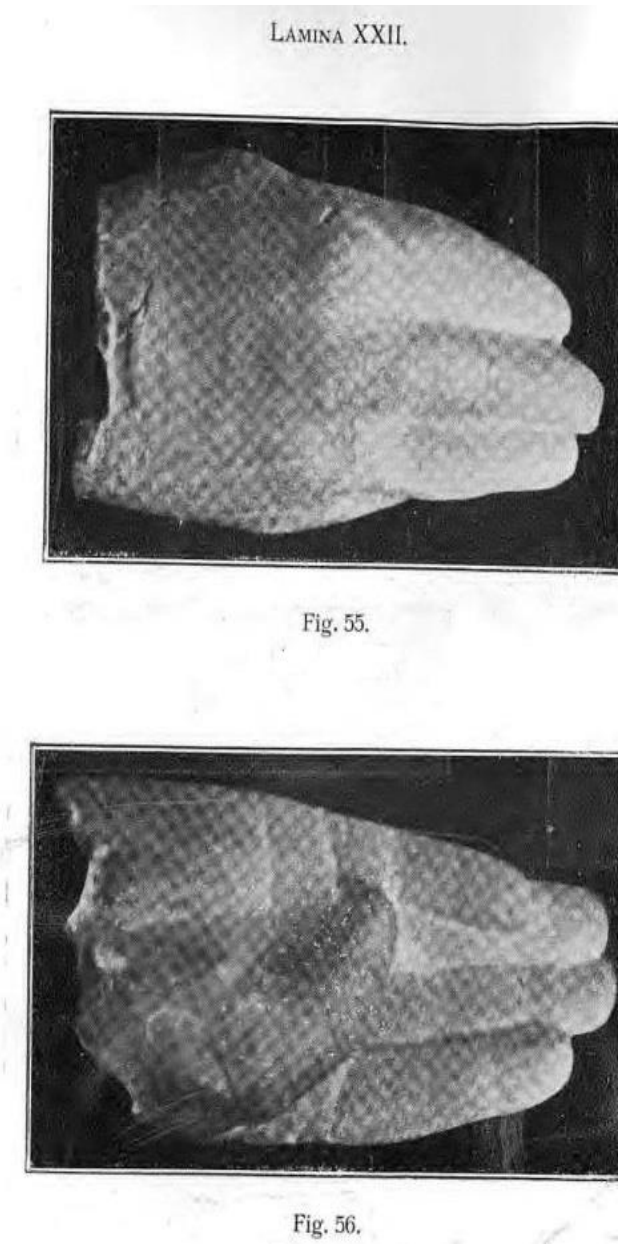


Fig. 52, 53, 54: A finura extrema dos moldes aparece nas figs. 50, 51, 52, 53. Os moldes 45, 46 ,47, 48 foram recheados com gesso antes de serem fotografados. Os moldes 50, 51, 52, 53, foram fotografadas as faces dorso e palma.

Fig. 55. Dorso. e Fig. 56. Palma.

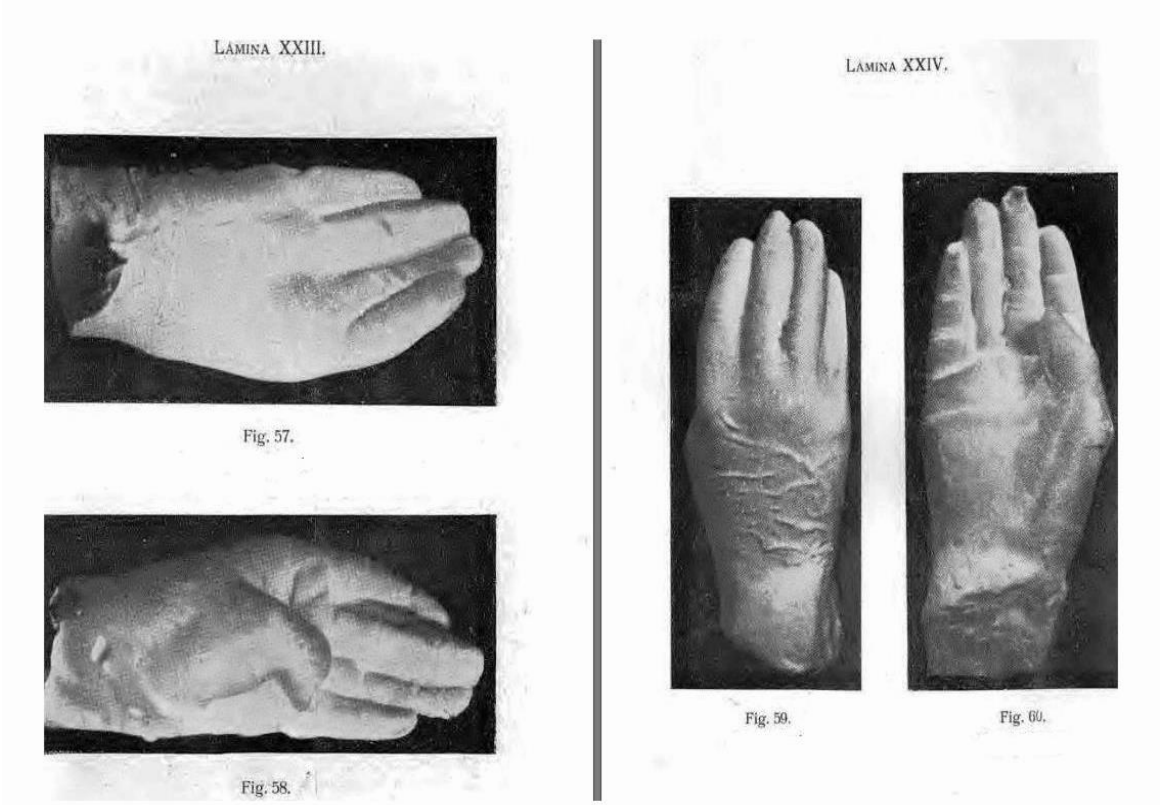


Fig. 57. Dorso. e Fig. 58. Palma e a Fig. 59. Dorso e Fig. 60. Palma.

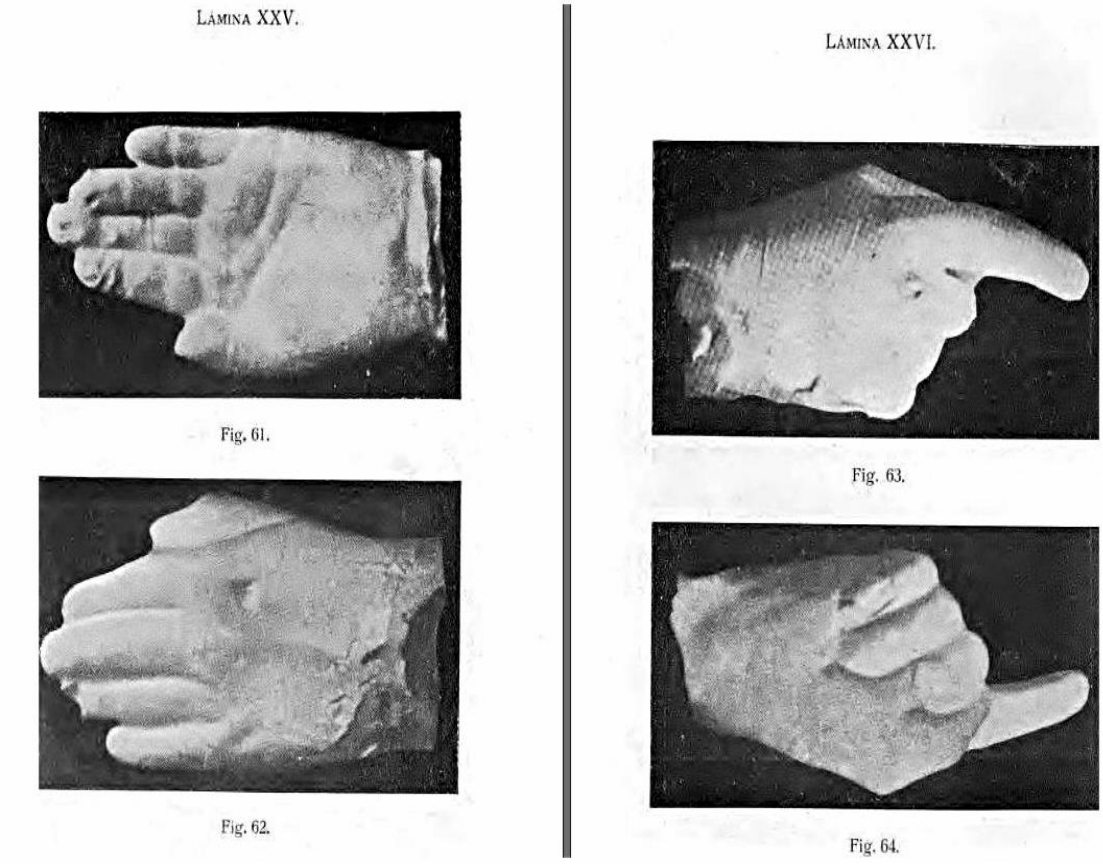


Fig. 61. Fig. 62 Fig. 63. Fig. 64

LÂMINA XXVII.

Fig. 65.

Fig. 66.

LÂMINA XXVIII.

Fig. 67.

Fig. 65. Dorso. Fig. 66. Palma e a Fig. 67. Dorso

Fig. 68.

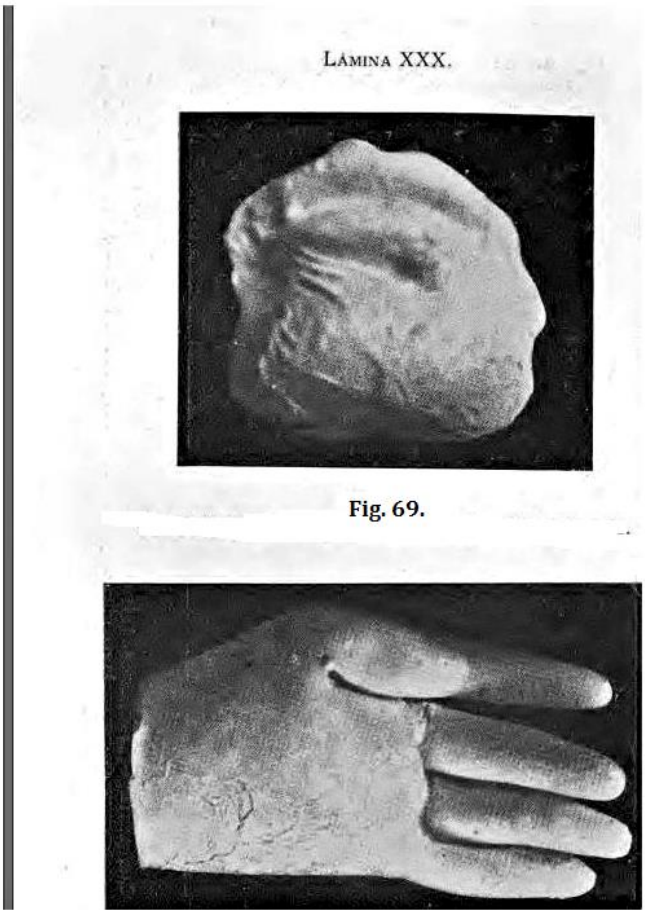


Fig. 69.

Fig. 70.

Fig. 68. Palma. (O defeito observado na borda externa é devido a uma depressão da parafina após a retirada do pé materializado.)

Fig. 69. Parte inferior do rosto, lábios, queixo coberto de barba.

Fig. 70. Simulacro produzido com uma mão de caucho. Na base, defeitos devidos à irrupção de água quente por entre a luva de parafina e a mão de caucho.

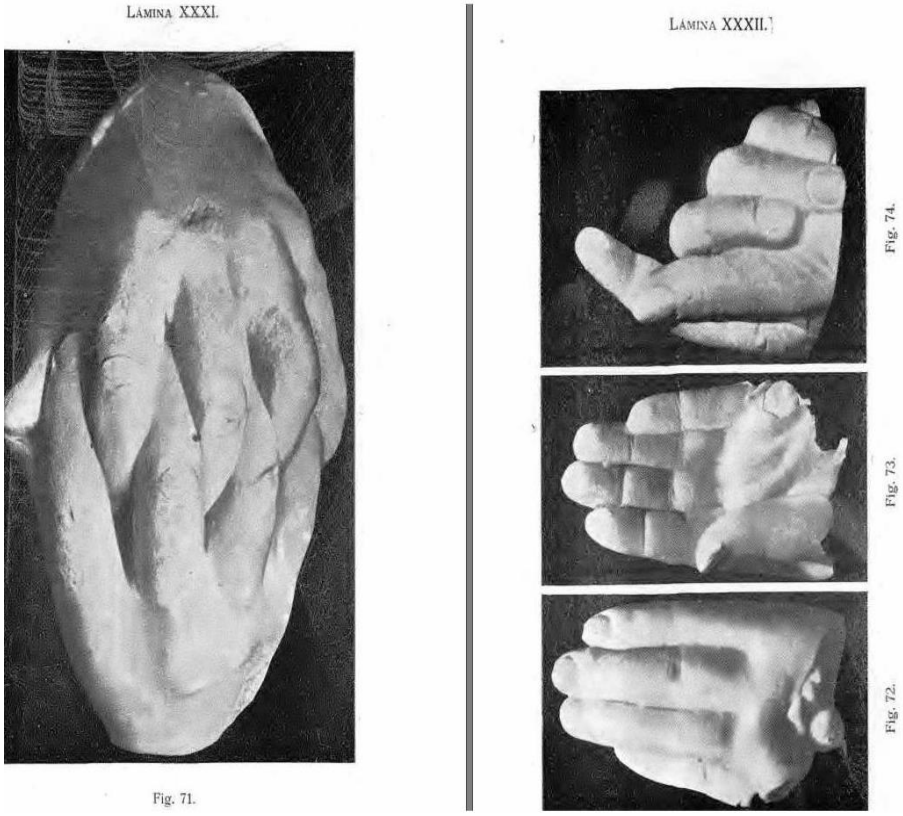


Fig. 71. Fig. 72 Fig. 73. Fig. 74

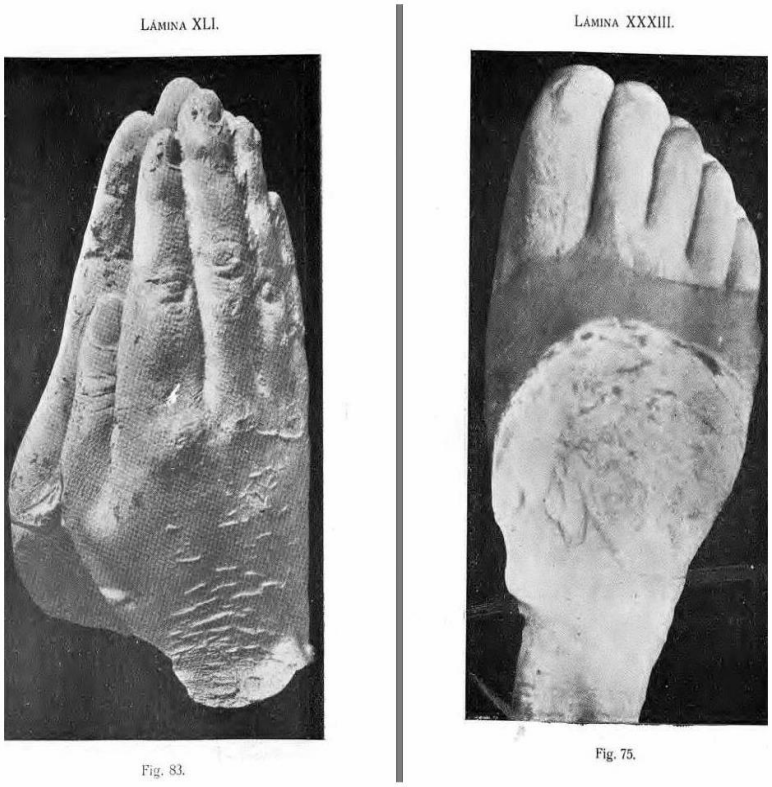


Fig. 83. Fig. 75 .

LÁMINA XXXVI.

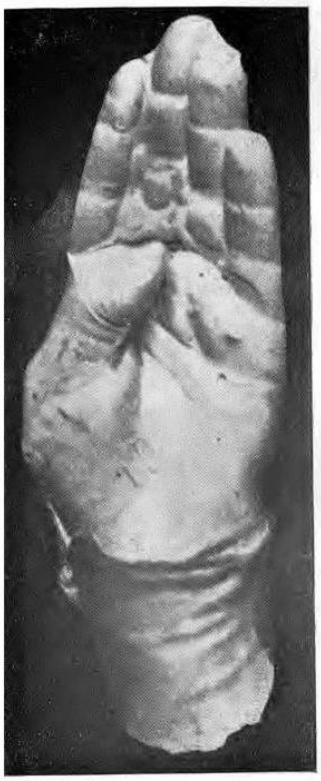


Fig. 78.

LÁMINA XXXVII.

Fig. 79.

Fig. 78. Fig. 79 .

LÁMINA XXXVIII.

Fig. 80

LÁMINA XXXIX.

Fig. 81.

Fig. 80. Fig. 81 .

LÂMINA XXXIV.

Fig. 76.

LÂMINA XXXV.

Fig. 77.

Fig. 76. Fig. 77 .

LÂMINA XL.

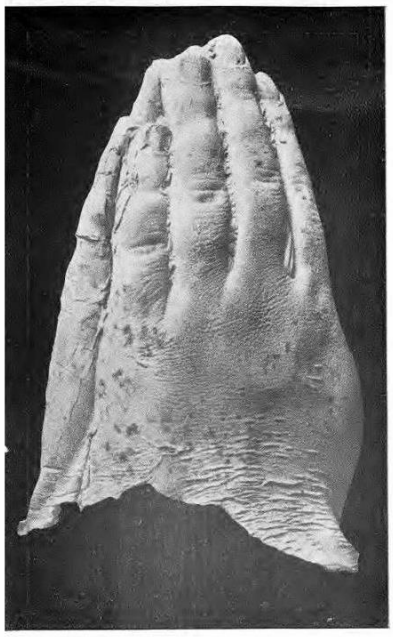


Fig. 82.

LÂMINA XLII.

Fig. 84.

Fig. 82. Fig. 84 .

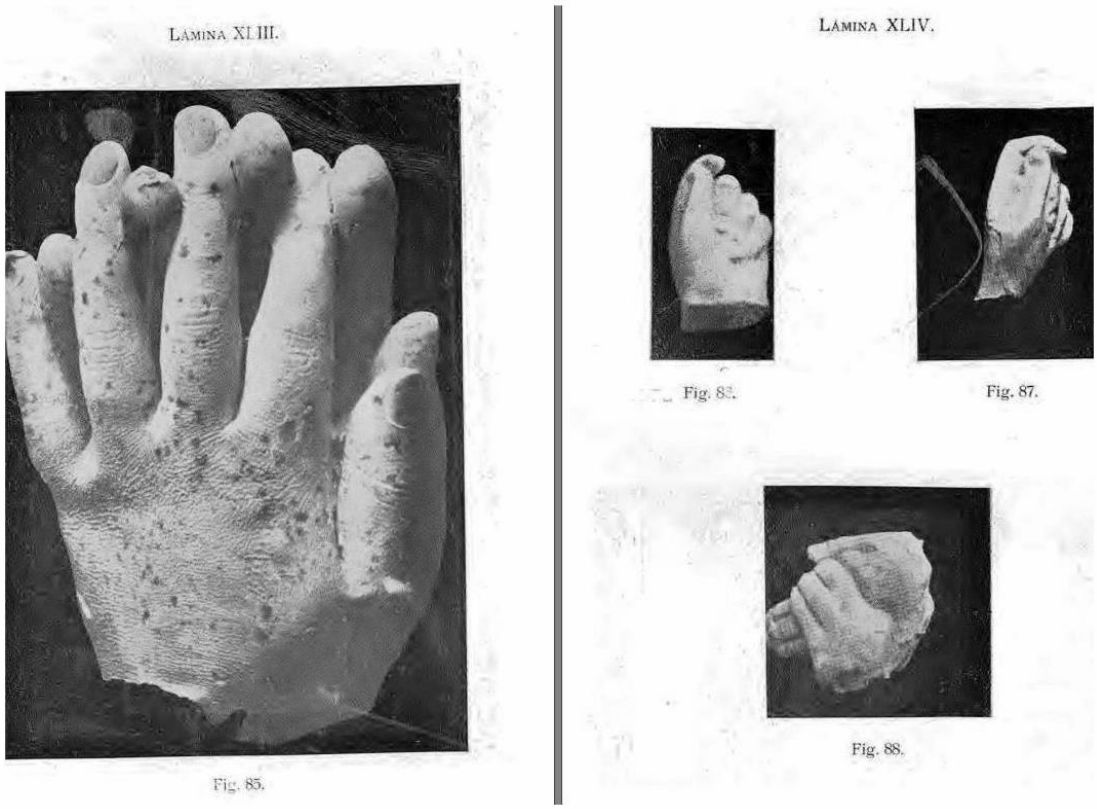


Fig. 85. Fig. 86. Fig. 87. Fig. 88.

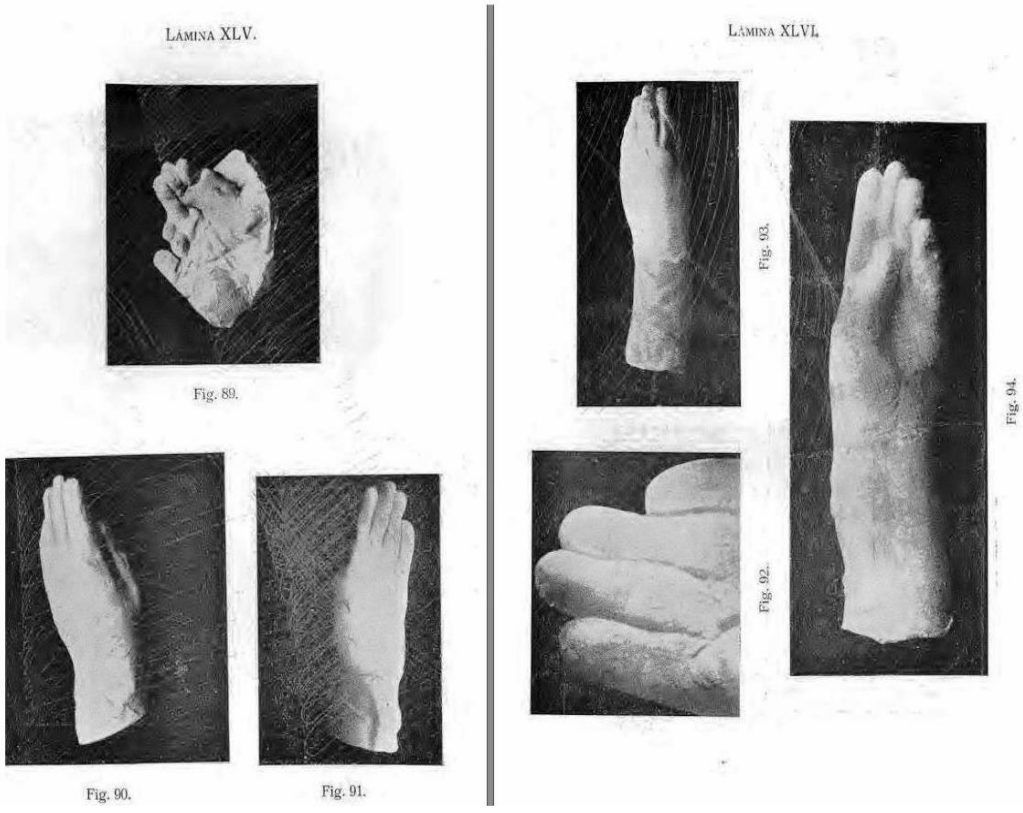


Fig. 89. Fig. 90. Fig. 91. Fig. 92 . Fig. 93. Fig. 94.

LAMINA XLVII.

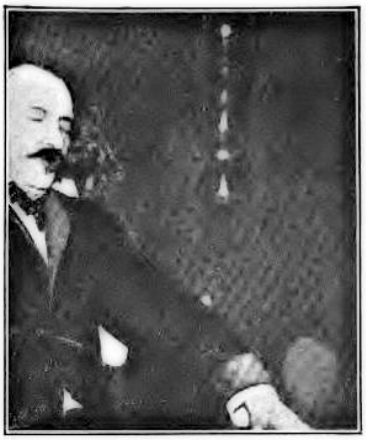


Fig. 95.

Fig. 96.

LAMINA XLVIII.

Fig. 97.

Fig. 95. Fig. 96. Fig. 97 .

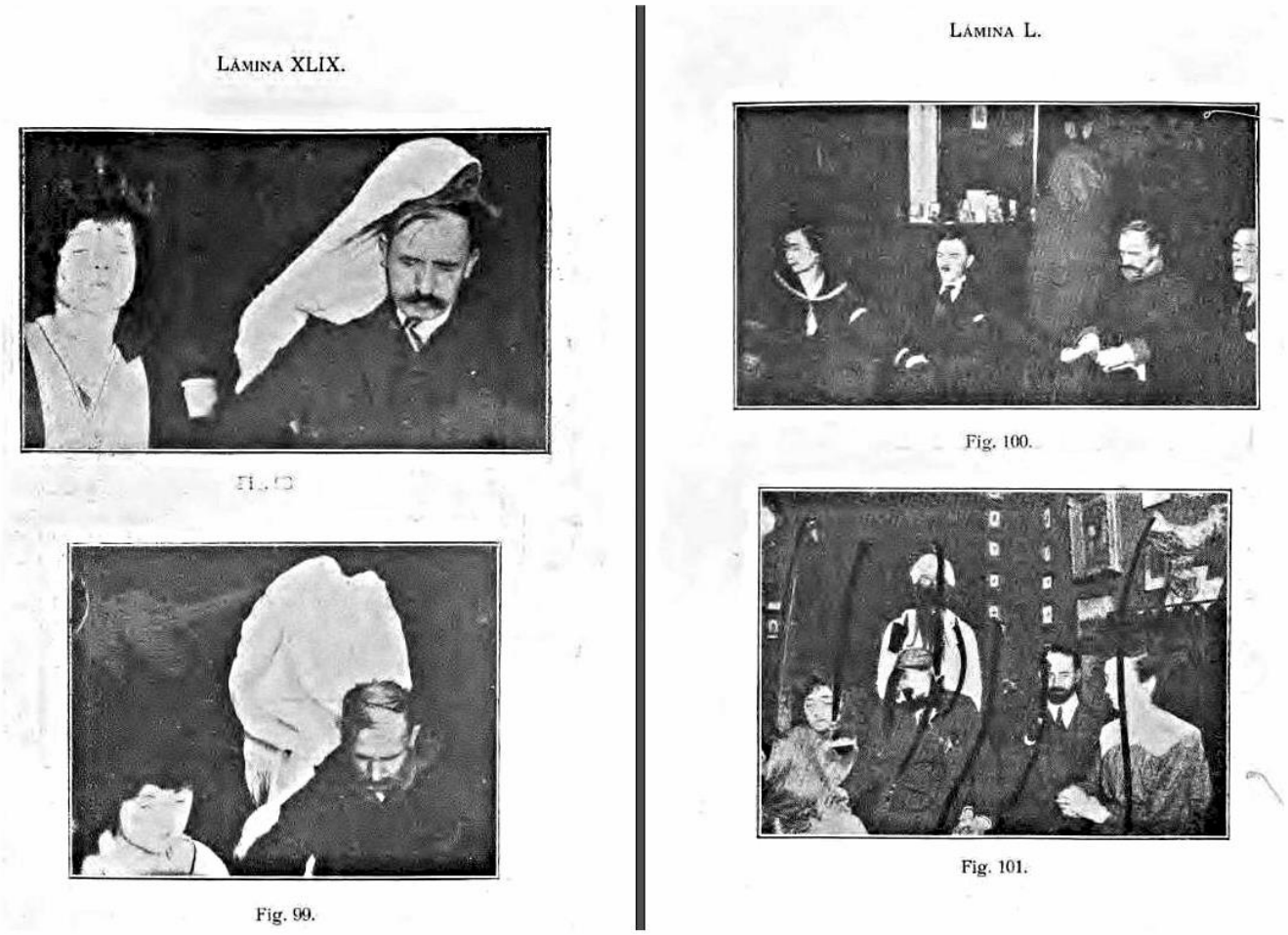


Fig. 98. Fig. 99 . Fig. 100 . Fig. 1011

Na rua estava caindo uma terrível geada. A sala em que se encontravam era aquecida por um grande aquecedor de cerâmica que naquele momento começou a estalar ruidosamente. A babá, acreditando que o aquecedor estava quente em excesso, quis abrir a portinhola, mas como os rangidos se acentuavam ela ficou com medo e não se mexeu. As crianças também não se mexeram por medo. Nosso garotinho levantou-se então, saiu de debaixo da barraca e foi até o aquecedor. Mas naquele mesmo momento a lâmpada que iluminava a

sala apagou-se repentinamente e saiu pela portinhola do aquecedor uma névoa azulada que envolveu o menino e flutuou pela sala. As outras crianças gritaram de espanto, mas nosso herói disse-lhes que não tivessem medo porque a toupeira justamente acabara de chegar. Ele os convidou a se juntarem sob a tenda para lhes contar a história da toupeira. Sua voz era outra então; aquela voz disse que o caminho que leva à toupeira é muito longo; é preciso atravessar longos corredores sombrios, aí tem que parar e esperar as trevas se dissiparem; então o caminho torna-se mais claro.

"Ele contava que as crianças mortas são enterradas porque assim podem chegar mais facilmente à toupeira.

"Recomenda às crianças novamente ficarem calmas e terem juízo para chegar até a toupeira sem enfurecê-la. As crianças consentiram e para ficarem mais quietas deram-se as mãos. Havia um relógio de parede na sala que marcava as horas quando uma corda presa ao mecanismo era puxada. Ninguém estava próximo a este relógio, e ainda assim ele foi ouvido marcando as horas sem parar. O garotinho disse ao seu público que isso sempre acontece quando se vai ter com a toupeira.

Ouviu-se o rumor de passos leves na sala; as outras crianças pensaram que o gato havia entrado, mas nosso protagonista disse a elas que era a toupeira que se aproximava.

"Apesar de a sala estar completamente às escuras, a tenda estava iluminada em seu interior a meia-luz e as crianças viram com grande espanto um irmãozinho e uma irmãzinha mortos; compreenderam que estavam entrando no reino da toupeira e expressaram mais espanto do que medo.

"Aos poucos as imagens das crianças mortas foram dissipando. Os garotos pediram ao menino que continuasse sua viagem até a toupeira. Ele disse que era impossível, mas apontou para uma fenda luminosa e pediu que olhassem através dela. As mais variadas imagens desfilaram diante de seus olhos. Eles viram uma fileira de salas e corredores iluminados como que por reflexos de pedras

preciosas. Aquelas salas estavam cheias de formas humanas diáfanas e luminosas que flutuavam no ar. As crianças olhavam esse espetáculo com admiração e todas se perguntavam: "É esta a primeira vez que estou aqui?"

“A babá estava em atitude estranha. Beijava o menino nas bochechas, nas mãos, apertava-o ao coração, como se quisesse fundir-se com ele.

“Mas as paisagens começaram a se dissipar; dir-se-ia que uma rajada de vento varrera as salas e as formas flutuantes e então tudo desapareceu.

“Ruídos foram ouvidos na casa. Um cachorro latiu. É que os pais estavam voltando do teatro.

“As crianças saíram de debaixo da tenda e correram para os pais:“ Mãe, fomos ver a toupeira”. Mas o efeito foi desastroso, porque a mãe ficou zangada ao encontrar os filhos ainda levantados; a babá foi repreendida e o herói desta sessão, depois de levar alguns pescoções, foi deitar.

Mas o pequeno não se importou muito; ele sabia que quando todos tivessem ido para a cama, ele poderia facilmente ir para a toupeira.

Ele nem precisaria entrar embaixo da tenda para isso: deixará seu corpo na cama e ele irá.

Ele sabe bem que é doloroso no início: tem a sensação de que está se afogando ou sufocando; mas finalmente arranca-se do leito, vê a si mesmo deitado sob os lençóis enquanto ele está em pé ao lado da cama, e então pode ir sem obstáculo para a toupeira. Ele vai passar pela fenda luminosa; não contará aquilo que vai ver; aliás, isso não pode ser contado; isso é para ser sentido, como os perfumes são percebidos, ou como ele sentia o hálito da mãe em seu rosto em sua última doença grave.

“Quando regressou da toupeira, sentiu-se muito cansado, não pela viagem que acabara de fazer, mas pela ideia de voltar. Ele sabia que aquele que permanecia na cama e em quem devia entrar não estava à sua medida e que sofreria muito para "preenchê-lo"; deveria

se deslocar para preencher os braços, pernas e cabeça.

"Ele sabia que uma vez retornado ao corpo que repousava em sua cama, suas idas à toupeira haviam terminado, e isso lhe causava grande aborrecimento e o fazia chorar em silêncio por muito tempo.

"Certa ocasião, quando voltava de sua expedição noturna, que era costumeira na época, ele parecia estar na fazenda e ver uma casa que não conhecia e, naquela casa, sua mãe doente de cama. Ao lado da cama de sua mãe, ele via uma aparição horrível que diziam ser uma pneumonia.

Mal voltou ao corpo, ele soltou gritos de partir o coração. Seus pais vieram, assustados.

Ele implorou para que expulsassem de lá o fantasma horrível. Seus pais viram que ele estava com febre alta e pensaram que ele estava muito doente. Mas aos poucos o menino se acalmou e adormeceu. Na manhã seguinte, ele acordou completamente bom.

"Bem, no verão toda a família foi para a fazenda e a mãe pegou uma grave pneumonia. Pensaram então que o menino pressentira esse acontecimento.

"Novamente, ao retornar de sua expedição noturna, ele viu uma extensão de água profunda e negra, para a qual um trabalhador chamado Martin Slawuta tentava empurrar seu pai. Assim que voltou ao corpo, começou a gritar, tomado por uma febre intensa, dizendo que Martin Slawuta quer afogar seu pai. Lutava no seu leito de tal modo que deu trabalho para segurá-lo; chamado o médico às pressas, ele constatou a existência de uma febre muito alta. No dia seguinte, a criança estava bem; mas, algumas semanas depois, Martin Slawuta apresentou uma queixa falsa, em resultado da qual faltou pouco para seu pai perder o emprego. Mais uma vez, eles perceberam que o menino tivera um pressentimento.

"Aos poucos as viagens até a toupeira foram se tornando cada vez mais e mais cansativas. Mas o autor não pode especificar quando terminaram. Ele também não sabe dizer quando ocorreu a primeira viagem."

Mais tarde, Franek sentia prazer em passear por cemitérios e bosques. Ele deitava na grama e "os fantasmas" vinham ao seu redor. Ele então via seus pais, seus amigos falecidos e muitas vezes também fantasmas de animais, cães, gatos e lobos que faziam roda em torno dele. Os amiguinhos que às vezes ele levava em sua companhia assistiam, segundo ele nos conta, ao mesmo espetáculo e acompanhavam-no com grande interesse. À noite, aparições idênticas se aglomeravam em torno de sua cama e sempre com o mesmo caráter amigável.

Aos doze anos, Franek, sem nenhum motivo sério, abandonou a casa paterna e, nos dias em que durou essa fuga injustificada, ele ganhou a vida como pôde.

As visões continuaram e aumentaram na época da puberdade. Aos dezesseis anos, Franek se apaixonou por uma jovem. Ela morreu e desde então ele a vê em todos os momentos importantes de sua vida. Mas essa visão é dolorosa porque a jovem sempre aparece em seu féretro, ou seja, no momento em que a alma do jovem se rasgou e deixou uma marca indelével nele. Franek afirma que sua namorada apareceu em algumas sessões materializada em seu caixão de morta!

Uma vez — segundo conta — ele foi capaz de vê-la novamente, não morta, mas como viva; era uma noite em que, dominado por um grande desgosto, pensava com grande intensidade na amiga, que já estava morta há quatro anos. De repente ela apareceu sorrindo, sentada na cama ao lado dele.

Ela o beijou na testa e nos lábios, falou longamente com ele e recitou versos como quando era viva. A seguir, desapareceu. Franek anotou suas palavras.

Dos 20 aos 40 anos, muito ocupado, casado e pai de família, Franek deu pouca atenção às suas visões.

No final do inverno de 1918 a 1919, uma noite com vários amigos eu estava participando de uma sessão com o médium Guzik. Quando ele se retirou, seus amigos tiveram a ideia de experimentar dar continuidade à sessão, para ver se eles obtinham alguns fenômenos sem médium. Para sua grande surpresa, visões luminosas

manifestaram-se em torno de Franek. Ao seu lado estava uma jovem que foi unanimemente declarada médium e a quem imploraram para se prestar a novas experiências. Mas ela recusou. Outra sessão com Guzik produziu os mesmos resultados da anterior; depois que ele se retirou, os fenômenos em torno de Franek evoluíram. Os presentes entenderam então que era ele quem atuava como médium. Franek não quis acreditar e brigou com seus amigos por causa disso. Só várias semanas depois ele concordou em tentar novas sessões, que deram resultado completo.

No verão e outono de 1920, Franek deixou de exercer sua mediunidade. Alistado como voluntário na guerra contra os bolcheviques, lutou nos postos avançados dos exércitos heroicos que dispersaram as hordas asiáticas que haviam alcançado as portas de Varsóvia.

Recentemente desmobilizado e muito cansado, Franek porém, não hesitou em responder ao desejo do Instituto e em impor dolorosos sacrifícios a si mesmo para podermos estudar sua mediunidade.

Devemos destacar também um acontecimento extraordinário em sua vida: aos 27 anos seu peito foi atravessado de parte a parte por um tiro de revólver em um desafio.

A cicatriz da entrada do projétil está no quarto espaço intercostal, a quatro dedos do esterno, próximo ao mamilo. Uma radioscopia recente indica que a bala tem descido ligeiramente para fora e agora está no nível da 10ª costela.

Franek conta com humor as peripécias daquele duelo e o espanto do cirurgião, que o acreditava morto, quando o viu voltar à vida alguns momentos depois. No entanto, a partir dessa data, ele tem estado sujeito as palpitações violentas que o atacam durante as sessões ou imediatamente depois.

Achamos interessante pedir a Franek para nos contar as impressões pessoais de sua mediunidade. Como a Sra. D'Esperance, com quem tem muitos pontos de semelhança, Franek se interessa

apaixonadamente pelos fenômenos e, como ela, é capaz de observá-los mantendo, nem sempre, mas com frequência, o conhecimento e a lucidez completa durante o desenvolvimento das materializações. O relato será publicado em nossa crônica da *Revue Metapsichique*.

Antes de terminar este prólogo, diremos algo sobre o método que nos sentimos obrigados a adotar para a apresentação dos resultados de nossas experiências.

O método atual, quase clássico, neste campo, é bem conhecido; consiste em publicar memórias in extenso, tão completas e fiéis quanto possível, de cada sessão. Os eventos são narrados na mesma ordem em que se apresentam. Cada ata é meticulosamente assinada, ao pé, por todos os presentes.

Este método tem a grande vantagem de não custar trabalho algum aos narradores, que nada precisam fazer senão copiar as atas. Mas isso tem dois grandes inconvenientes: em primeiro lugar, é enfadonho; nada tão monótono, tenhamos a coragem de dizê-lo, como as centenas de observações deste gênero e os livros que as contêm. O tédio, inseparável à leitura dessas memórias analíticas, quase supera seu interesse, ao menos para muitos leitores.

Outra desvantagem mais grave é que os fatos não são reunidos em ordem lógica, a qual nada tem a ver com ordem cronológica.

É claro que um determinado fato atinge toda a sua importância quando é comparado com fatos análogos, mesmo que não sejam simultâneos, muito mais do que quando ocorre entre fatos de natureza diferente. A impressão é concluída, definida ou corrigida com esta comparação indispensável.

É, portanto, totalmente errado acreditar que o método analítico e cronológico de apresentação seja mais sincero e mais rigoroso do que o método da síntese lógica. Na realidade, o primeiro não se presta ao rigor científico, exceto na aparência, aliás, presta-se mais à ilusão ou ao erro.

Deve-se notar, a este respeito, que o mais ilustre dos metapsiquistas, William Crookes, não rendeu tributo a esse preconceito e utilizou o método do agrupamento lógico dos fatos na

exposição de suas experiências. A leitura de seu livro (bem como a dos livros metapsíquicos compostos de acordo com esse método, como são os de Aksakof, Delanne, Sra. D'Esperance) é singularmente mais atraente, mais fecunda, mais instrutiva do que a leitura de obras de análise estrita das quais falamos antes.

De resto, isso não acontece apenas com a metapsíquica, pode ser aplicado a todas as ciências; mas nas outras ciências não é preciso sofrer, como nesta, o preconceito da descrição analítica e da cronologia. Na realidade, todo sábio tem o direito (e o dever) de expor os fatos do modo que julgar mais útil para sua compreensão.

Em qualquer caso, os dois métodos são defensáveis e o melhor, em nossa opinião, é combiná-los. Eis aqui, então, como concebemos nosso trabalho:

Em primeiro lugar, não utilizaremos o direito legítimo de todo pesquisador de fazer, nos resultados obtidos, uma seleção destinada ao público. Iremos dar a conhecer tudo aquilo que obtivemos.

Iniciaremos o método sintético, agrupando os casos da mesma índole, conforme requer a lógica; mas para satisfazer os adeptos da ordem cronológica e os fiéis da análise, teremos o cuidado de, ao mesmo tempo, situar os nossos documentos no tempo e dizer a qual data e sessão corresponde este ou aquele caso importante.

Além disso, e muito principalmente, inseriremos um amplo resumo dos relatórios analíticos; memórias que foram escritas imediatamente após cada sessão. Desta forma, nossos leitores terão análise e síntese ao mesmo tempo. Assim, poderão ter uma ideia muito exata das sessões e, ao mesmo tempo, adquirir uma visão de conjunto, clara e completa, dos resultados obtidos.

As experiências do Instituto Metapsíquico com o médium Franek Kluski foram feitas em estreita colaboração com o Professor Richet, o Sr. A. de Gramont e nós.

Preparávamos o trabalho de comum acordo, discutíamos os resultados obtidos e nos esforçávamos em tirar o melhor partido possível da mediunidade de Franek. Nesta difícil tarefa, recebemos a

preciosa ajuda do nosso amigo o conde Júlio Potocki. A sua experiência nos fenômenos da materialização, que tem estudado com diversos médiuns ao longo dos últimos vinte anos, prestou-nos grandes serviços, pelos quais lhe agradecemos muito efusivamente.

Agradecemos também ao Coronel Okolowicz, membro da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia. O Coronel Okolowicz estava então em comissão em Paris e teve a gentileza de colaborar conosco para o maior sucesso de nossos estudos.

A Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, onde temos a sorte de contar com amigos seguros, deu-nos toda sorte de facilidades.

Ficamos profundamente comovidos com a simpatia despertada por nossos esforços em Varsóvia. Os nossos amigos poloneses, assim como nós, compreenderam que a amizade secular entre a França e a Polônia deve produzir frutos, não só no campo político, mas também no campo ideal e científico.

Do mesmo modo pensava o grande patriota Sr. Franek Kluski quando veio até Paris, para oferecer os meios para estudar cientificamente sua maravilhosa mediunidade.

Como podemos manifestar a ele nossa gratidão? O serviço que tem prestado ao Instituto Metapsíquico e à ciência não pode ser expresso apenas com uma fórmula de agradecimento.

Já dissemos acima que usaríamos a ordem de apresentação lógica dos fatos na exposição de nossas experiências com Franek Kluski. Esta ordem é a seguinte:

Organização geral das sessões.

Substância primordial e fenômenos luminosos.

Materialização de membros humanos.

Materialização de rostos humanos.

Materialização de formas animais.

Movimento de objetos sem contato aparente e de batidas.

Fenômenos de ordem intelectual.

II. — Organização das sessões.

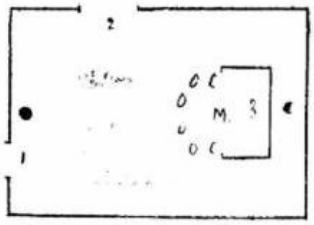
Tivemos no I. M. I. onze sessões bem-sucedidas e três sessões nulas ou insignificantes (ano de 1920).

(O estado de cansaço do médium e algumas doenças que teve, fizeram-nos perder muito tempo.)

Com exceção de uma sessão na casa de Júlio Roche, membro do Comitê, as restantes foram realizadas no laboratório do Instituto. Este laboratório, instalado de propósito para as experiências de materialização, é uma grande sala retangular de nove metros de comprimento por cinco de largura. Situa-se no andar térreo do Instituto e não possui janelas. A renovação do ar é feita por meio de um ventilador colocado no teto.

Duas portas, próximas uma da outra, conduzem: uma para um corredor, a outra para o pátio. Elas ficam na parte mais distante da cabine e permanecem fechadas à chave após a entrada do médium e dos experimentadores, ao longo de toda a sessão.

Não estamos mencionando por enquanto os dispositivos de gravação; iremos descrevê-los sucessivamente em momento oportuno.



(Fig. 44.)

A iluminação da sala, durante as sessões, é feita por meio de três fileiras de lâmpadas elétricas vermelhas e amarelas, fixadas no teto, com interruptores separados para cada uma delas.

Essa iluminação foi muito pouco usada nas sessões com Franek. Reconhecemos logo a vantagem de ter uma fonte de luz capaz de variar em intensidade, lenta e progressivamente, de acordo com as necessidades do momento, algo que as lâmpadas múltiplas não

permitem. Por isso organizamos o seguinte sistema, que nos tem dado bons resultados: Uma lâmpada vermelha de 50 bugias, suportada por um pé de base, muito estável mas fácil de deslocar e extensível em altura. A lâmpada pode ser orientada à vontade e está equipada com um refletor que direciona a luz na direção conveniente. Possui um reostato intercalado ao alcance de um dos vigilantes, que pode ajustar facilmente a intensidade entre 0 e 50 bugias.

Além da luz vermelha, temos utilizado grandes abajures com sulfeto de zinco. Esses abajures possuem uma alça que permite serem manuseados com facilidade. A luminosidade dos abajures oferece a característica preciosa e singular de ser suportada pelas formas materializadas muitíssimo melhor do que a luz vermelha. Além disso, sua fosforescência é muito semelhante à emitida por essas formas em si mesmas.

Sabe-se que Crawford já havia observado que os abajures de sulfeto de zinco são suscetíveis de prestarem grandes serviços e prejudicam só muito levemente a produção dos fenômenos.

No entanto, esses abajures têm um grande inconveniente, e é que eles iluminam apenas os objetos próximos a eles que, além disso, também fiquem localizados em sua radiação. Ou seja, são ótimos para favorecer a fraude. Portanto, eles só devem ser usados com a maior consciência. É essencial que a fraude seja impossibilitada através da vigilância do médium; da mesma forma, a total ausência de conluio e a experimentação em laboratório especial, ou pelo menos em uma sala bem fechada e segura.

Acima de tudo, os abajures são apenas acessórios para comodidade, mas não instrumentos essenciais.

Diremos previamente e com clareza que, além da iluminação intermitente dos abajures, temos utilizado nestas sessões apenas uma fraca iluminação de luz vermelha, e isso pelo motivo de o médium se encontrar num estado de cansaço que exigia as maiores precauções. Além disso, a própria natureza de nossas experiências, que levamos tanto mais longe quanto possível, não permitia outra coisa.

Com efeito, temos procurado obter moldes de mãos

materializadas. Essa operação é delicada, pois requer a materialização completa do órgão, materialização equivalente à criação momentânea de uma mão viva dotada de todos os seus atributos. Além disso, a materialização completa deve durar bastante tempo; em média, a operação de moldagem leva de um a dois minutos. Portanto, o fenômeno não pode ser obtido senão com muito pouca luz. A luz que usamos nas experiências de moldagem era justamente a suficiente para enxergar as silhuetas do médium e dos experimentadores. Mas, como veremos adiante, a vigilância e verificação não consistiam na visibilidade do fenômeno, podendo ser realizadas de outra forma e de maneira absoluta.

O médium estava sentado em uma cadeira comum em frente à cabine, cujas cortinas estavam atrás dele e abertas.

Em outras palavras, a cabine é supérflua para Franek.

A vigilância nessas condições ficava bastante simplificada.

Consistia essencialmente em que dois experimentadores seguravam as mãos de Franek, um à sua direita e outro à sua esquerda. O contato dos joelhos e pernas também era mantido, de forma que Franek não podia fazer nenhum movimento que não fosse percebido.

Por outro lado, durante a sessão ele mantinha uma imobilidade quase absoluta. O único movimento que ele fazia, às vezes, durante o transe, era descansar a testa na mesa à sua frente ou a cabeça no ombro de um dos vigilantes. As mãos não se mexiam jamais. Desnecessário dizer que sempre pensávamos na famosa substituição de mãos, mas nunca vimos que ele tentasse fazer isso.

Este truque de substituição de mãos é quase impossível de ser executado com experimentadores conhecedores do processo e bem alertas. Nada é mais fácil do que diferenciar pelo tato uma mão direita de uma mão esquerda e não soltar nem por um instante a mão que está sendo segurada.

Para liberar a mão, o prestidigitador deve fazer o seguinte:

1º. Soltá-la sem que o vigilante daquela mão o descubra.

2º. Fazer com que a outra mão seja segurada pelos dois vigilantes

sem eles saberem.

3º. Terminado o fenômeno, tornar a colocar a mão livre na do vigilante correspondente, também sem que ele perceba isso.

Bem, repito que nossa atenção estava muito alerta contra esse truque. Durante o transe do médium, aproximei suavemente minha mão, que segurava a do médium, à mão vigiada pelo professor Richet. Desse modo, pude sentir ao mesmo tempo as duas mãos do médium e a do Professor Richet. Durante esse tempo foram produzidos fenômenos luminosos, contatos e o molde de uma mão materializada.

Na sessão de 18 de novembro, que também foi magnífica, o Professor Richet e o Sr. A. de Gramont estiveram no comando da vigilância. A cada momento, eles diziam em voz alta: “Tenho certeza de estar segurando a mão esquerda”. “Tenho certeza de estar segurando a mão direita.” O Sr. A. de Gramont notou especialmente a absoluta imobilidade do médium. A silhueta deste, que ele podia ver bem, não se mexeu. Posso afirmar formalmente, de minha parte, que verifiquei com absoluta certeza a mão que eu segurava. O professor Richet e o Sr. de Gramont têm a mesma segurança.

Não desvestimos e nem revistamos o médium. Os leitores que leram nosso prefácio compreenderão que tal meio de inspeção não era correto com Franek. No entanto, várias vezes, inesperadamente, antes ou depois das sessões, fiz discretamente um exame severo enquanto auscultava ou apalpava Franek medicamente. Nunca encontrei nada suspeito. Ele, por outro lado, tinha o hábito, por comodidade, de esvaziar completamente os bolsos, e as roupas ajustavam-se ao corpo sem volume algum.

Acredito muito sinceramente, de minha parte, que uma vigilância mais minuciosa não teria trazido nenhum benefício. Isso será visto claramente na descrição de nossas experiências. Teria sido uma satisfação totalmente platônica despir o médium e vestir nele um traje especial para as sessões. Tal precaução seria quase inútil contra uma prestidigitação hábil e estudada. Pelo contrário, o prestidigitador mais sutil ficaria inutilizado se fosse colocado nas condições em que Franek estava em nossas sessões; ele se encontraria em uma sala sem

qualquer truque, cujo acesso era proibido a ele entre sessão e sessão, sem possível conluio e com ambas as mãos seguradas!

No que se referem as ligaduras, lacres, correntes ou qualquer outro preparativo análogo, sabe-se que não conferem segurança real. Nada é tão seguro, digamos isto mais uma vez, como uma inspeção bem feita das mãos.

Sempre fizemos "a corrente" durante as sessões, não deixando nenhum experimentador fora dela.

Em geral as sessões decorriam assim: tomávamos posições no lugar correspondente, fazíamos a corrente e os dois vigilantes conferiam com boa luz se um segurava de fato a mão direita e o outro a esquerda do médium. Então a luz vermelha era reduzida consideravelmente e esperávamos conversando. Os fenômenos começavam quase imediatamente quando a sessão era boa; prolongavam-se por meia hora; depois, o médium, cansado, pedia um pouco de descanso. Suspendíamos a sessão por um quarto de hora, durante a qual Franek bebia grandes xícaras de chá; depois, continuávamos. Em várias ocasiões, houve três intervalos de descanso na mesma sessão. As reações do médium eram do modo seguinte: ele não se queixava, não lançava gemidos nem suspiros, suas mãos permaneciam sensíveis e quentes. Apenas seu pulso e respiração aceleravam um pouco. Em poucas palavras: Franek não oferece quase nenhuma das manifestações sensoriais, motoras ou vasomotoras imediatas comprovadas na maioria dos médiuns e tão assinaladas, por exemplo, em Eva. Pelo contrário, a reação consecutiva às sessões é muito forte. Ele nunca é hipnotizado; imediatamente, por si mesmo, ele cai em um estado de semi-transe, durante o qual permanece ciente do que está acontecendo. Em raras ocasiões o transe é completo e então a inconsciência é absoluta.

Em um estado de semi-transe, Franek precisa manter uma passividade total; ele pode observar os fenômenos, mas o menor esforço de atenção ativa e o menor ato de vontade de sua parte faz com que eles cessem imediatamente. Ele prefere o semi-transe ao

transe total por causa do interesse pessoal que ele coloca nas sessões; mas certamente as manifestações no segundo estado são muito mais poderosas do que no primeiro.

Ele volta em si espontaneamente quando a iluminação é bruscamente aumentada; então fica cansadíssimo; sua prostração é tal que precisa deitar em um divã, totalmente esticado, como em iminência de uma síncope, sem fazer o menor movimento; ocorre um suor leve, às vezes alguns momentos de penosas palpitações. Uma sede ardente obriga-o a beber água em abundância; mais tarde ele vai se recuperando aos poucos.

Após as sessões, Franek mostra sinais de esgotamento nervoso e ao mesmo tempo de sobre-excitação. Como regra geral, segue-se a insônia; às vezes, vômitos repetidos de sangue impõem longas interrupções na prática de sua mediunidade.

Os experimentadores também observam, após as sessões, sintomas de fadiga e enervação, mas é difícil separar qual parte desta fadiga corresponde ao esgotamento da força vital e qual à atenção.

III. — Substância primordial e fenômenos luminosos.

Hoje a gênese das manifestações é bem conhecida. Sabe-se que os órgãos e tecidos materializados são formados à custa de uma substância primordial externada em grande parte pelo médium e em pequena parte pelos presentes.

A substância primordial apresenta-se sob dois aspectos principais: no primeiro, sólida ou líquida; no segundo, gasosa. Em nossas experiências com Eva, notamos que a substância sólida era predominante e quase exclusiva. Na maioria dos médiuns conhecidos, temos comprovado o oposto. A substância primordial desprende-se quase sempre sob a aparência de gás ou vapor, e a substância sólida é observada apenas por exceção. A mesma coisa acontece com Franek.

Eis como, geralmente, os fenômenos se desenvolvem: Primeiro é percebido um forte cheiro de ozônio. Esse cheiro, análogo ao das salas

de radioscopia, muito característico, é exalado no início dos fenômenos e antes de qualquer um deles, muitas vezes logo no início da sessão, às vezes antes de entrar no laboratório. Esse sintoma premonitório nunca faltou em nossas sessões. Esse cheiro aparecia bruscamente e desaparecia da mesma forma.

Surgiam à vista então (sendo a iluminação muito fraca) vapores ligeiramente fosforescentes, uma espécie de névoa que flutuava ao redor do médium, especialmente acima de sua cabeça. Essa névoa subia como fumaça muito fina; ao mesmo tempo surgiam luminosidades, espécie de focos de condensação, geralmente numerosas, tênues e efêmeras; mas às vezes eram maiores, mais duradouras e, nesse caso, davam a impressão de serem como que regiões luminosas de órgãos (invisíveis nos outros locais), especialmente pontas de dedos ou fragmentos de rostos.

Por último, quando a materialização atingia seu máximo, mãos ou rostos perfeitamente formados eram vistos.

Essas mãos e rostos eram luminosos por si mesmos, como veremos mais tarde; às vezes os tecidos materializados também eram. Sabe-se que o Sr. Le Cour comparou esta gênese das formas materializadas à custa de uma névoa fosforescente com a gênese dos mundos às custas das nebulosas. A comparação é engenhosa. As luminosidades mencionadas representam as primeiras fases da materialização; elas são os núcleos de condensação da "nebulosa humana" emanada do médium. Esses núcleos de condensação às vezes eles se extinguem quase imediatamente, outras vezes eles evoluem para a organização de formas humanas características; em nossas sessões com Franek, eles eram o fenômeno predominante. Eles nunca faltaram completamente, nem mesmo nas três sessões negativas que mencionamos. Pouco mais ou menos, sempre apareciam com seu mesmo aspecto, brilho e dimensão.

O aspecto era frequentemente como um rastro de vapor esbranquiçado e vagamente luminoso, de tamanho e formato variáveis como os da névoa. Aqui e ali, na trilha luminosa, constituíam-

se pontinhos brilhantes.

Em outros casos, eram massas de luz aparentemente isoladas. Muitas vezes assumiam a forma de discos e seu tamanho era o de uma moeda de dois e até cinco francos. Esses discos não eram homogêneos; eram formados por um vapor luminoso, como uma pequena nebulosa circular em que predominavam dois ou três pontos brilhantes.

O brilho dessas massas de luz era comparável em intensidade à fosforescência dos vermes de luz. Elas flutuavam em torno do médium; mas às vezes afastavam-se muito dele; já vi algumas que subiam ao teto da cabine, a 2,50 metros de altura, que ficava bastante iluminado.

Muitas vezes pude observar que essas luminosidades eram bosquejos de formação de órgãos. Eu vi, por exemplo, algumas pontas de dedos bem definidas; ao toque e à visão elas davam tal impressão. Observei especialmente na sessão de 21 de dezembro que “cada vez que os vigilantes eram tocados, eu claramente via uma luz se aproximando deles e justamente no momento do contato dessa luz é quando eles exclamavam: “Fui tocado.”

Na sessão de 12 de novembro, duas grandes massas luminosas como meias luas de pequena dimensão vão ao encontro mútuo; elas se juntam, formam uma massa única e depois extinguem-se.

Na sessão de 14 de novembro, produzem-se luminosidades que aumentam rapidamente de intensidade. São abundantes, principalmente junto do professor Richet, que não pode vê-las muito bem por causa das cortinas da cabine. Uma dessas luminosidades é muito interessante, é como uma nebulosa vagamente luminosa; parece-me que é um rosto em processo de materialização; tem essa forma e dimensões, está à altura de um homem, atrás do médium e à sua esquerda, à direita do professor que vigia a mão esquerda. Dura longo tempo, quase meio minuto. A visibilidade aumenta e diminui sucessivamente.

Na sessão de 27 de dezembro, as massas luminosas são iguais às descritas nas sessões anteriores: nebulosas, vapores fosforescentes, pontos luminosos muito brilhantes, grandes bolas luminosas, etc.

Descobrimos que os pontos luminosos costumavam ser pontas de dedos. Sempre que eles nos tocavam, percebíamos contato de dedos ou de mãos. Um ponto muito luminoso flutuou ao menos por vinte segundos sobre o alto da cabine, cujo teto iluminava; depois desceu lentamente, em zigue-zague, até tocar a cabeça do conde Potocki, que disse imediatamente: "Uma mão toca minha cabeça". Todos os nossos colaboradores tiveram as mesmas impressões que eu.

O Professor Richet, em sua ata da sessão de 15 de novembro, descreve: “pequenos pontos azulados, com cerca de três milímetros de diâmetro, vagando no ar, às vezes bem longe do médium, e, é claro, sem qualquer movimento deste.”

Camille Flammarion, em sua ata da sessão de 20 de novembro, à qual assistiu com a Sra. Flammarion, descreve as luminosidades da seguinte forma (carta da Sra. Flammarion): “Umas como que estrelas aparecem aqui e ali, oscilando acima do médium, à direita e à esquerda. Elas aparecem e deslizam lentamente e extinguem-se na semiobscuridade. Dir-se-ia que são fogos fátuos. Algumas difundem-se, estendem-se amplamente para depois formar placas nebulosas de dimensões várias.”

A impressão dos Sr. Flammarion está totalmente de acordo com a nossa; mas a interpretação incluída na última frase não coincide com a nossa; nós acreditamos que não é que as massas luminosas se estendam para formar nebulosas, mas que, pelo contrário, são núcleos de condensação nas nebulosas, mais ou menos visíveis, emitidas pelo médium.

O que em todo caso temos como grande certeza é, repetimos, que os fenômenos luminosos são o resultado da exteriorização da substância primordial na forma de vapores e constituem as primeiras etapas da materialização em Franek como na a maioria dos grandes médiuns.

Já dissemos que a substância primordial em Franek reveste aspecto sólido ou líquido apenas por exceção.

O aspecto líquido é, como em Eva, o de manchas brancas

luminosas, do tamanho de uma ervilha ao de uma moeda de cinco pesetas, espalhadas sobre as roupas do médium. Mas essas manchas são muito mais luminosas do que as produzidas por Eva (todos os fenômenos produzidos por Franek são, da mesma forma, mais fosforescentes do que os de Eva).

O aspecto sólido da substância é, como disse antes, excepcional. No entanto, devo observar o seguinte fato da sessão de 14 de novembro:

O Professor Richet vigiava a mão esquerda do médium. De repente, vi uma massa branca emergir do lado esquerdo do médium que assumiu, quase que instantaneamente, a forma de uma mão que avançou rapidamente até tocar o braço do professor. No mesmo momento, este último, que não tinha visto aquela mão, exclamou: "Fui tocado."

É verossímil que a mesma coisa tenha acontecido outras vezes e passado despercebida. Mas, em qualquer caso, nunca vi cordões de substância sólida saírem da boca ou dos dedos do médium.

Antes de encerrar este capítulo sobre a substância primordial, devemos considerar, como faremos sucessivamente a respeito de todos os fenômenos, a hipótese da possibilidade de fraude.

É preciso entender, de uma vez por todas, que quando discutimos a questão de uma fraude é para nos colocarmos no lugar de nossos leitores. Todos nós, que participamos das experiências de Franek, sabemos que ali não houve fraude; que nossa confiança no médium, em sua lealdade evidente, nunca foi decepcionada; que, por outro lado, nosso sistema de vigilância e verificação não permitia fraude algum; mas devemos agir de tal forma que nossos leitores cheguem, se possível, a compartilhar nossa certeza.

Devemos, portanto, nos perguntarmos, ao lidar com cada categoria de fenômenos: "Como um prestidigitador poderia imitar este fenômeno?"

A única maneira de imitar os fenômenos luminosos que observamos seria usar uma substância fosforescente.

Agora, se o leitor revisar cuidadosamente o relato anterior de

nossas experiências, verá imediatamente que a imitação de todos os fenômenos teria apresentado dificuldades práticas insuperáveis.

1º. As luminosidades eram proteiformes.

Não era apenas uma questão de pontos brilhantes, mas de nebulosidades, de luzes de dimensões variáveis. Essas luzes apresentavam a curiosa singularidade de aparecer, não só bruscamente, o que é compreensível, mas também de desaparecer com igual brusquidão, o qual é mais difícil de explicar sendo um truque feito com uma substância fosforescente. Elas eram vistas aumentando e diminuindo em visibilidade e brilho lenta e progressivamente, o que não é fácil de reproduzir.

2º. As luminosidades eram às vezes muito numerosas ao mesmo tempo; flutuavam à direita, à esquerda e acima do médium. Afastavam-se dele para muito longe do alcance de suas mãos porque o médium nunca se mexeu da cadeira em que estava sentado.

3º. Geralmente representavam dedos ou bosquejos de rostos.

4º. As luminosidades não eram como foguetes lançados ao ar, e que depois caem; elas sinalizavam uma intenção; manifestavam-se como órgãos vivos. Tenho percebido, como disse acima, que muitas vezes vi uma daquelas luzes aproximar-se de um de nossos colaboradores, que, imediatamente, ao contato com a luz, exclamava: “Fui tocado”.

Em suma, a simulação do fenômeno não teria sido possível exceto por mãos humanas com extremidades digitais impregnadas de substância fosforescente. Essas mãos teriam de lidar com imitações diversas, máscaras igualmente fosforescentes. Toda essa fantasmagoria supõe uma sala preparada ou um prestidigitador livre em seus movimentos. Isso era impossível em nosso laboratório e em nossas condições experimentais.

Suponhamos a liberação de uma mão pelo famoso procedimento da substituição, uma liberação que tivesse milagrosamente escapado à nossa atenção.

Podemos afirmar categoricamente que, mesmo neste caso, a

simulação dos fenômenos por nós observados não teria sido possível: a distância, a multiplicidade, as alternativas de aumentar ou diminuir a visibilidade, o formato do rosto, tudo isso não poderia ser imitado com o uso de uma única mão livre.

IV. — Materializações de membros humanos.

Pudemos verificar a materialização de membros humanos pela visão, pelo contato e pela moldagem desses membros.

1º. Verificação da materialização dos membros humanos através da visão. — A pouca luz que intencionalmente disponibilizamos durante nossas sessões permitiu-nos ver poucas manifestações disso. Já mencionamos os bosquejos de mãos luminosas e a formação de uma mão de substância sólida emanada do lado esquerdo do médium.

Em outros casos, vimos uma mão materializada agarrar um dos abajures luminosos e iluminar ao mesmo tempo um rosto (tudo isso fora do alcance do médium).

Outras vezes, víamos os abajures segurados, não pegados com a mão; os dedos dobrados formavam uma silhueta sobre a superfície luminosa.

Na sessão de 20 de novembro observei o seguinte fenômeno, ocorrido na segunda parte da sessão: eu segurava a mão esquerda e o conde Júlio Potocki, a direita (a vigilância era perfeita). Entre outros fenômenos importantes que serão descritos oportunamente, de repente vi uma mão longa e fina, no final um braço, que se formou às minhas vistas, atravessou lentamente o círculo, passou na frente da médium e foi tocar a Sra. Geley, que estava participando da sessão e se posicionava na minha frente.

A mão inteira, o antebraço e o braço eram visíveis. Era uma mão de homem muito bela; o pulso fino, o antebraço e o braço revestidos por uma gaze branca, com dobras longitudinais muito regulares. (O médium usava paletó preto.) Imediatamente após o contato percebido pela Sra. Geley, a mão desapareceu.

2º. Comprovação das materializações de membros humanos pelo contato - Se raramente vimos mãos materializadas, pelo contrário, por contato as temos percebido com muita frequência. Esses contatos de mãos têm constituído, depois das luminosidades, o fenômeno mais frequente em nossas experiências com Franek. Eles foram notados em todas as sessões realizadas.

Os contatos eram percebidos sobretudo pelos dois vigilantes; mas também, embora com menos frequência, foram percebidos pelos outros colaboradores. Quase sempre davam a impressão de mãos humanas. Eram mãos cálidas, com a temperatura normal das mãos vivas. Roçavam ou acariciavam especialmente as mãos, braços ou a cabeça dos experimentadores; eram sempre contatos leves e suaves, nunca brutais ou violentos.

Extraio as seguintes notas de minhas atas analíticas:

Sessão de 8 de novembro — (Eu estava segurando a mão direita da médium.) Notei toques, carícias de dedos em meu braço esquerdo e na cabeça.

Sessão de 11 de novembro. — Mesmos contatos, especialmente na cabeça. (Eu estava segurando a mão direita.)

Sessão de 12 de novembro. — Percebo, além dos contatos habituais, o roçar de um véu em meu rosto. (Eu estava segurando a mão direita.)

Sessão de 15 de novembro. — Com a vigilância perfeita descrita acima (as duas mãos do médium, a mão direita do professor Richet e minha mão esquerda estavam juntas), os dois vigilantes e seus colaterais perceberam os mais diversos contatos, geralmente de dedos e de mãos, além do roçar de um véu e contatos leves mal definidos. O professor Richet, em sua ata, observou o seguinte: "Quatro ou cinco vezes notei toques muito leves, como de uma criança pequena."

Sessão de 18 de novembro. — Os contatos são percebidos imediatamente pelo professor Richet e pelo Sr. A. de Gramont, vigilantes. Os outros experimentadores, embora distantes, percebem

os mesmos contatos.

Sessão de 20 de novembro. — (A vigilância era feita pelo Sr. Flammarion à direita, e à esquerda por mim.) Os contatos se multiplicaram sobre os dois vigilantes. O Sr. Flammarion cedeu o lugar à esposa, que percebeu as mesmas sensações.

Eis o que a Sra. Flammarion escreve sobre isso:

"Afirmo que durante todo o tempo que estive à direita do médium, nem um só momento foi separado o dedo mínimo da sua mão direita do da minha mão esquerda, agarrado fortemente ao dele como um gancho.

"Meu marido foi tocado por uma mão invisível, primeiro no braço esquerdo, depois no ombro, quando estava à direita da médium. Quase imediatamente, depois de me sentar em seu lugar, fui tocada por minha vez. Uma mão invisível correu pelo meu corpo, começando pelo lado esquerdo e passando muito rápido para o lado direito... Várias vezes tive a sensação de que uma forma se aproximava de mim; sentia como ela chegava e me tocava... Na segunda parte da sessão os toques pelo meu corpo recomeçaram. Percebi claramente que uma coisa invisível vinha em minha direção; uma mão passou pela minha cabeleira, mexeu nos enfeites, não os pegou, mas me despenteou completamente. Ao mesmo tempo, senti batidas de baixo para cima, sob minha cadeira. Tive a sensação de que havia alguém à minha esquerda; uma mão avançou arranhando a mesa, parecendo procurar algo... Insisto no fato de que antes de ser tocada eu sempre percebia que algo ou alguém se aproximava, de modo que não me surpreendia porque estava avisada de que iria notar um contato."

Na mesma sessão, o conde Potocki viu passar diante de seus olhos várias vezes uma mão, que depois apoderava-se da minha e a apertava amistosamente.

Na sessão de 23 de novembro de 1920, assim como na sessão do dia 15, consegui ter as duas mãos do médium sob minha mão esquerda e, ao mesmo tempo, a mão do outro vigilante. Reparei no seguinte: "Nessas condições fui tocado no braço esquerdo e na cabeça por uma mão bem formada, durante um bom espaço de tempo. Em

dado momento, uma mão agarrou meu braço e, com muita violência, puxou-o para trás, chegando a afastá-lo do contato do médium."

As mãos materializadas às vezes manifestam-se de maneira diferente da vista e do contato.

Na sessão de 20 de novembro, ao final, houve manifestações de ordem intelectual, das quais falaremos mais tarde.

Tivemos algumas comunicações muito claras por meio de batidas. Em uma dessas comunicações, fomos convidados a cantar. Em vista disso, cantamos A Marselhesa a meia voz. Quando a primeira estrofe terminou, houve sonoros aplausos dentro do gabinete, atrás do médium. Cada estrofe foi igualmente aplaudida. O mesmo fenômeno reproduziu-se na sessão de 27 de dezembro.

3°. Moldagem de membros humanos materializados. — Pudemos obter uma prova formal objetiva, com garantia absoluta, da materialização de membros humanos pelo processo de moldagem em parafina. O procedimento é conhecido. (Ver Aksakof: Animismo e Espiritismo e Delanne: Les apparitions matérialisées).

Nossas experiências diferem das de nossos antecessores pelo fato de termos obtido a certeza da autenticidade metapsíquica das moldagens e de sua produção durante nossas sessões. Para isso, utilizamos um procedimento inédito de monitoramento e verificação.

Sendo este capítulo de nossas experiências um dos mais importantes, a ele dedicaremos grande parte de nossa narração; mas primeiro devemos, como já fizemos com relação aos fenômenos luminosos, perguntarmo-nos se nossas impressões, por meio da visão e do tato de órgãos materializados, podem ser explicadas como o resultado de uma fraude.

Nas condições em que operávamos, em nosso próprio laboratório, protegidos de todos os truques premeditados e de todos os conluios, só uma fraude era possível, aquela que já consideramos, a substituição de mãos: uma das mãos do médium, habilmente liberada, teria produzido todos os fenômenos.

Já dissemos que a nossa vigilância, sob este aspecto, era de tal

natureza que nos satisfazia totalmente. Mas admitamos, não obstante, a hipótese da mão liberada.

Essa hipótese é insuficiente para explicar todos os fatos.

Sem dúvida, os contatos eram percebidos principalmente pelos vigilantes nas proximidades do médium. Mas às vezes eles também eram percebidos pelos adjacentes fora do alcance das mãos (e dos pés) do médium sentado.

Além disso, os contatos percebidos pelos vigilantes ocorriam simultaneamente em muitas ocasiões, de forma que uma única mão não poderia tê-los produzido. Por último, a mão livre para agir teria de passar na frente da médium para tocar o vigilante mais distante dela (ou seja, o da direita, se a mão esquerda é que estava livre, ou o da esquerda, se a mão que estava livre fosse a direita), e esse movimento não teria passado despercebido, apesar de a luz ser fraca. Quando vimos uma mão que atravessava o círculo na frente do médium, essa mão não se parecia em nada com a dele. O braço e o antebraço estavam vestidos com um tecido branco, de gaze, com longas pregas longitudinais, enquanto a médium vestia um paletó preto. Nesta ocasião era eu justamente quem estava vigiando a mão esquerda da médium e a materialização formou-se ao meu lado. Pois bem; eu tinha certeza absoluta de não ter soltado a mão que segurava.

Devemos, portanto, declarar que os fenômenos observados não poderiam ser atribuídos à liberação de uma mão do médium. Em tais condições experimentais, a materialização de mãos deve ser considerada uma coisa inteiramente autêntica.

V. — Moldagens dos membros materializados. Experiências feitas no I. M. I.

Dissemos que a maioria de nossas sessões com o Sr. Franek Kluski foi dedicada à obtenção de moldes de membros humanos materializados.

Esses membros, tal como os percebíamos pela vista e pelo

contato, eram tão perfeitos que decidimos tentar obter uma prova documental deles sob condições de vigilância e verificação indiscutíveis.

Outro motivo nos decidira a fazê-lo: em nossas experiências anteriores de materialização não havíamos conseguido obter essas provas documentais. Todas as nossas tentativas de obter impressões de mãos materializadas foram infrutuosas.

Portanto, era indicado repetir essas provas com Franek em diferentes condições. Recorremos ao antigo procedimento da parafina fundida, amplamente descrito por Aksakof (Animismo e Espiritismo).[59] Este procedimento é o único que conhecemos que permite obter moldes muito rápidos e ao mesmo tempo completos. É também o único que se adapta bem às condições tão especiais da materialização metapsíquica. Outros procedimentos são bem inferiores: o uso de substâncias plásticas, do negro de fumo, pode dar bons resultados, mas necessariamente parciais. O gesso não serve para isso, porque não se pode prever em que momento o fenômeno ocorrerá e porque o gesso "endurece" muito lentamente.

Lembraremos em que consistem os moldes de parafina: Um recipiente contém parafina derretida flutuando em água quente. É colocado próximo ao médium durante a sessão. Pede-se à "entidade" materializada para mergulhar uma mão, um pé ou uma parte de seu rosto, várias vezes, na parafina. Quase instantaneamente, um molde é formado exatamente aplicado ao referido membro. Este molde endurece rapidamente no ar ou em contato com água fria contida em outro recipiente próximo. Em seguida, a parte orgânica em funções desmaterializa-se e deixa uma luva em mãos dos experimentadores.

Posteriormente, é possível verter gesso na referida luva e retirar a parafina, mergulhando-a em água fervente. Fica então um modelo que reproduz todos os detalhes da parte materializada.

---

[59] Este método foi inventado em 1875, na América, por M. Denton, professor de Geologia. Mais tarde, foi usado em Londres pelos Sres. Reimers e Oxley. Desde então, nenhum outro médium (pelo menos que eu conheça) havia se revelado, até estes últimos tempos, como capaz de produzir tais moldes.

O arranjo usado por nós era de acordo com este método; mas não utilizamos a vasilha de água fria para o resfriamento dos moldes, a fim de simplificar e para segurança na vigilância.

Portanto, não tínhamos nada além de uma vasilha com água quente e parafina. Este recipiente era de 0,30m de diâmetro. Um quilo de parafina flutuava na superfície da água quente, formando uma camada de cerca de 10 centímetros de espessura. (Na verdade, a vasilha era muito pequena e a quantidade de parafina também, o que gerava dificuldades e defeitos que devem ser evitados no futuro, como veremos adiante.)

O recipiente era colocado em um aquecedor elétrico; mas o calor da parafina era tanto que precisávamos desligá-lo antes de iniciar as sessões. O resfriamento da parafina ocorria aos poucos; às vezes cedo demais. A partir de agora usaremos um aquecedor que dê uma temperatura moderada e constante.

Vasilha e aquecedor foram colocados sobre uma mesa em frente ao médium, a 60 centímetros dele. Como dissemos, os experimentadores formavam uma corrente ao redor da mesa, e dois deles pegavam, um da mão direita e o outro da esquerda de Franek. Uma fraca luz vermelha deixava ver a silhueta, sempre imóvel, do médium.

Obtivemos no I. M. I. nove moldes no total, dentre eles sete moldes de mãos, um de um pé e outro da parte inferior de um rosto (lábios e queixo). O último é de dimensão normal; os oito restantes são menores do que o natural e parecem reproduzir as mãos de uma criança entre cinco e sete anos.

As moldagens eram feitas a pedido, durante a sessão. Geralmente, a operação começava depois de um tempo bastante longo (vinte minutos, em média) e era muito rápida (um a dois minutos, às vezes menos). Essa rapidez não deixa de nos surpreender, porque a parafina, em temperatura ambiente, não solidifica tão depressa. Parece, segundo o médium, que as entidades que operam podem modificar à vontade a temperatura do membro materializado e esfriá-lo consideravelmente para acelerar a solidificação da parafina com a

qual entram em contato. Damos essa explicação tal como ela se produz, fazendo notar que as mãos do médium em transe frequentemente sofrem um esfriamento brusco e considerável.

A tênue luz que tínhamos não permitia observar inteiramente o fenômeno de visu; suas fases eram seguidas pelo barulho da mão no líquido. A operação era realizada em dois ou três tempos: a mão atuante era imersa no recipiente de parafina, saía, e com os dedos impregnados de parafina quente, vinha tocar as mãos dos vigilantes, mergulhando depois no recipiente. Após a operação, geralmente ficava depositada, junto à mão de um dos vigilantes, uma luva de parafina, ainda quente, mas já sólida. Obtivemos assim duas moldagens (lâmina XXI, figuras 45 e 46) na sessão de 8 de novembro de 1920 (1ª sessão); mais duas (figs. 47 e 48) na sessão de 11 de novembro (2ª sessão); uma apenas (fig. 49) na sessão do dia 15 (5ª sessão); duas (figs. 50 e 51) na sessão de 27 de dezembro (10.ª sessão); duas (figs. 52 e 53) na sessão de 31 de dezembro (11.ª e última sessão).

Iremos expor a seguir apenas nossas principais atas analíticas.

Sessão de 15 de novembro de 1920 (5ª sessão).

(Durante esta sessão, quando pude, aproximei minha mão esquerda, que segurava a mão direita do médium, até fazer contato com a mão esquerda deste, vigiada pela mão direita do Professor Richet; de modo que eu notava três mãos sob a minha ao mesmo tempo: as duas do médium e uma do Professor Richet.)

"Depois de cerca de um quarto de hora, ouve-se claramente um respingar no recipiente da parafina. O professor Richet sente dedos encharcados em parafina quente sobre sua mão direita. Um pouco de parafina cai em sua mão. As manifestações duram bastante tempo (cerca de dois minutos) e temos a impressão de que são produzidas duas moldagens. Nada disso. O médium parece cansado; aumento a força da luz vermelha e ele acorda. Há apenas uma moldagem: é a mão de uma criança, a mão direita, com o índice esticado e os outros dedos

retraídos (fig. 49). A mão está completa até o punho. Há muita parafina pelo chão e nas roupas do médium.

"O peso que falta no recipiente é de 85 gramas e o molde pesa 25 gramas."

Sessão de 27 de dezembro (10ª sessão).

A vigilância foi perfeita. O professor Richet segurava a mão direita e o conde Potocki segurava a esquerda. Várias vezes ambos afirmaram: "Tenho bem segurada a mão direita..." "Eu tenho bem segurada a mão esquerda..." Após quinze ou vinte minutos ouve-se o respingar da parafina. As mãos que operavam encaminham-se, cheias de parafina, para as mãos dos vigilantes. Antes da sessão, o professor Richet e eu adicionamos um corante azul à parafina, que em massa apresentava um tom azulado. Isso foi feito com o maior sigilo, de forma a poder afirmar que as peças moldadas eram de fato constituídas pela parafina do recipiente e não preparadas com antecedência, trazidas por Franek ou qualquer outra pessoa e colocadas sobre a mesa por prestidigitação, a despeito da vigilância.

A operação durou, como de costume, de um a dois minutos.

Foram encontrados dois moldes admiráveis de mãos direita e esquerda, da dimensão das mãos de uma criança de cinco a sete anos. Esses moldes eram de parafina azulada. A tonalidade era rigorosamente igual à da parafina no recipiente (Figuras 50 e 51).

O peso da vasilha era, antes da sessão, 3.920 quilos.

O peso da mesma era, depois de realizada, 3.800 idem.

Então faltavam 120 gramas.

Agora, os dois moldes pesavam 50 gramas.

O resto representa uma quantidade significativa de parafina encontrada:

1º. No chão, ao lado do médium (quase 15 gramas).

2º. No chão, muito longe do médium (a três metros e meio, em local onde ele não podia ter ido, junto ao equipamento fotográfico).

Não raspamos o solo para pesar esta última parafina, mas havia

muita, 25 gramas no mínimo, (o médium não se aproximou deste local em nenhum momento, nem antes nem durante a sessão.)

3º. Por último, havia parafina nas mãos do médium (que os observadores não tinham liberado nem por um momento) e em suas roupas.

Ver abaixo a descrição das moldagens (Figuras 50 e 51).

Se o leitor consultasse as obras de Crawford (*Revue Métapsychique*, março-abril de 1921), veria que nossas observações concordam inteiramente com as dele.

Em suas experiências de impressões em barro, após as sessões, assim como nós encontrávamos parafina, ele encontrava barro no chão, na mesa, sobre os experimentadores, sobre o médium amarrado à cadeira. Algumas partículas de barro eram encontradas até no interior dos sapatos do médium. Do mesmo modo nós vimos parafina até nas roupas interiores de Franek. A concordância de nossas pesquisas é, portanto, notável.

Sessão de 31 de dezembro (11ª sessão).

De acordo com o professor Richet, eu tinha decidido incorporar à parafina uma substância que é solúvel neste corpo e identificável por reação química.

Depois de numerosas tentativas e erros, escolhi a colesterina. Verti cinco gramas em parafina quente (cerca de 1.200 gramas). Apenas uma parte dos referidos cinco gramas era suscetível de se dissolver (era o suficiente para se obter mais tarde a reação desejada).

Fiz vários ensaios, retirando um pouco da parafina assim tratada, para reconhecer a presença da colesterina; vi que a reação era evidente. Esta reação é a reação clássica: consiste em dissolver um pouco de parafina em clorofórmio e, em seguida, adicionar ácido sulfúrico. Lenta e progressivamente, é produzida uma coloração vermelha, que, aos poucos, vai se transformando em pardo escuro.

A parafina comum, sem adição de colesterina, não dá coloração quando tratada dessa forma.

Tínhamos assim um meio seguro de saber se os moldes eram feitos durante a sessão com a nossa parafina. O testemunho de nossos sentidos seria confirmado com certeza matemática.

As manipulações foram feitas por mim imediatamente antes da sessão, em sigilo absoluto.

A sessão foi verificada em duas partes: a primeira só deu resultados insignificantes, apenas algumas luminosidades e contatos. O médium estava muito cansado; uma nevralgia dentária o fazia sofrer desde oito dias atrás e o impedia de dormir.

Após um intervalo de 20 minutos, o médium estava se sentindo melhor e retomamos a sessão. O recipiente de parafina estava colocado sobre uma mesa retangular, cerca de 0,60m do médium.

Vigilância perfeita, verificada em voz alta várias vezes. Baixei a intensidade da luz vermelha o máximo possível, para facilitar os fenômenos.

De repente, ouve-se o respingar da parafina e esperamos ansiosos. Cai parafina quente projetada nas roupas dos experimentadores imediatos ao médium: o professor Richet, o Dr. Geley e o conde Potocki.

Sentindo-se o médium cansado, aumento a intensidade da luz vermelha e vemos imediatamente sobre a mesa, entre o médium e o recipiente, duas moldagens. Uma é o pé de uma criança, admirável de pureza em seus contornos. Atinge a extremidade superior do tarso (fig. 54).

O outro é o molde da parte inferior do rosto de um adulto. Distinguem-se o lábio superior, o lábio inferior, a covinha subjacente e o queixo com pelos. Existe como que uma verruga no lábio inferior, à esquerda (fig. 69).

Examinamos cuidadosamente essas peças. Sua cor azulada é exatamente a mesma da nossa parafina, cujo tom azul eu havia acentuado antes da sessão.

Verificamos também um fato que por si só prova que o pé foi realmente moldado com nossa parafina.

A tintura azul, que eu tinha colocado em excesso e não estava

completamente dissolvida, formava no recipiente, sob a parafina, caroços disseminados aqui e ali. Agora: no molde do pé, ao nível do terceiro dedo, encontra-se a presença de um desses caroços, incorporado na parafina que se solidificou por cima. Tem a dimensão de uma cabeça de alfinete preta e grossa e é azul escuro. O caroço é idêntico àqueles que restam no recipiente. Foi, portanto, levado pelo ectoplasma envolto na parafina e incorporado no molde.

Essa prova imprevista e não buscada é convincente. Por último, imediatamente após a sessão, separo alguns pequenos fragmentos das bordas do molde do pé. Eu os coloco em um tubo de ensaio e os dissolvo em clorofórmio. Acrescento ácido sulfúrico: a tonalidade vermelha característica da presença da colesterina, aparece, aumenta e escurece aos poucos.

Faço um teste de comparação com parafina pura e dá negativo: o líquido fica branco; o tom ligeiramente amarelado do ácido sulfúrico (amarelo devido à oxidação da rolha que fecha a garrafa) não se altera em nada.

A prova, portanto, é absoluta: os moldes foram feitos com a nossa parafina e durante a sessão. Podemos afirmar isso categoricamente, apoiados, não só nas modalidades experimentais, nas precauções tomadas e no testemunho dos nossos sentidos, mas também na presença da coloração azul, idêntica nos moldes e no recipiente, na incorporação acidental de um caroço de cor azul no molde do pé e, por último, na reação que acusa a presença da colesterina. A pesagem é concordante, como pode ser visto:

Antes da sessão: peso do recipiente de parafina = 3.735 kg.

Após a sessão: faltam 75 gramas. Os moldes pesam 55 gramas.

Os 20 gramas que faltam correspondem à parafina encontrada em manchas abundantes nas roupas dos vigilantes, na manga esquerda do professor Richet, na manga esquerda do Dr. Geley e na perna esquerda do conde Potocki.

Ver as fotografias dos nossos moldes.

Todos, exceto o molde do rosto, representam as dimensões de

membros de crianças. O comprimento dos moldes de mãos é de 13 a 14 centímetros. A largura máxima, 7 centímetros.

São quatro mãos direitas, três mãos esquerdas e um pé esquerdo.

Todos esses moldes são diferentes na posição relativa dos dedos e também, embora de modo menos apreciável, no tamanho. Os detalhes serão melhor vistos na fotografia e na descrição dos moldes de gesso.

Todos os nossos moldes eram extremamente finos. As paredes, medidas com um compasso, não tinham mais de 1 milímetro de espessura em todas as regiões dorsal e lateral. Na região palmar tinham cerca de 2 a 3 milímetros de espessura, e havia caroços de parafina que provavam que esta se havia acumulado sob a mão devido à ação do peso. A parede dos moldes era ainda mais fina em alguns pontos, até o ponto de rachar espontaneamente durante a dessecação, produzindo finas brechas por onde fluía um pouco do gesso usado na fundição.

Chamamos a atenção de nossos leitores para a delgadeza das paredes; logo entenderão a importância desse detalhe.

Nossos moldes não são isentos de defeitos; apresentam na base, ao nível do punho (e no dorso da mão em um deles) (figura 4), regiões lisas e levemente encovadas onde os detalhes da pele ficam borrados. Esse defeito deve-se à invasão de água quente entre a mão operante e a camada de parafina na origem da luva.[60]

De fato, encontramos gotículas de água incorporadas à parafina em todas essas regiões defeituosas. Nós mesmos reproduzimos defeitos análogos fabricando luvas fictícias com uma mão de caucho, mergulhando-a em água sob a parafina.

Outro defeito que observamos em alguns locais é devido à sobreposição de várias camadas de parafina.

Esses defeitos acontecem pelas duas causas seguintes:

1º. O recipiente de parafina era muito pequeno e, portanto, a

[60] A infiltração de água quente é sempre traduzida por um duplo defeito: 1°, os detalhes da pele são apagados em toda a região umedecida pela água quente; 2º, essa região amolece e afunda, ficando uma covinha no gesso correspondente.

dificuldade para a mão que opera mergulhar por inteiro de primeira intenção na parafina. Ela precisava, por exemplo, mergulhar em dois terços, sair do banho e mergulhar novamente para impressionar a região não impressionada na primeira vez.

2º. O segundo defeito, o mais grave, porque poderia levar à suspeita de se ter usado alguma cola, deve-se à introdução de água quente entre a pele e a camada de parafina pelo orifício da luva.

Isso vem do fato de que a camada de parafina que flutua na água não é profunda o suficiente.

Este duplo erro técnico deve ser evitado no futuro, e principalmente por isso o apontamos em particular. É importante, em experiências desse tipo, usar um recipiente grande e uma grande quantidade de parafina (10 a 15 kg).

Conservamos apenas um de nossos moldes de parafina (n.º 51) para fins documentais. Os outros foram preenchidos com gesso e depois imersos em água quente para desembaraçar da parafina o novo molde obtido e poder observar com atenção os detalhes.

Publicamos a seguir as fotografias dos nossos moldes em gesso (faces dorsal e palmar). Estas fotografias são em tamanho natural e dispensaremos de fazer descrições de formas, dimensões e outras generalidades.

Iremos apontar, como detalhes importantes, os seguintes:

O molde figura 63: a posição dos últimos três dedos, retraídos, com o indicador reto, merece nossa atenção e depois veremos o porquê.

O molde figura 58: apresenta na face dorsal uma série de dobras longitudinais. Essas rugas da pele, devido à extensão forçada da mão sobre o punho, são notáveis sob diversos aspectos que examinaremos.

Na face palmar, notar-se-á a limpeza das linhas das mãos.

O molde figura 64: na face dorsal permite ver todos os sulcos da pele.

O mesmo acontece com o molde figura 54.

Infelizmente, os detalhes são menos precisos nas fotografias do

que nos moldes. Eles são suficientes para se ter a certeza de que estes últimos constituem uma representação perfeita da mão humana.

Temos levado nossas investigações mais a fundo; primeiro, verificamos que esses sulcos e linhas nada têm em comum com os das mãos do médium.

Na mão direita do médium, a linha que os quiromantes chamam da vida e a chamada linha da cabeça têm uma característica muito marcante: as duas linhas estão claramente separadas em sua base por um espaço de 2 a 3 milímetros. Nos moldes, as duas linhas se confundem em sua base. As unhas não são semelhantes às do médium e o comprimento relativo dos dedos é diferente.

Feita esta verificação, achamos interessante submeter alguns dos nossos moldes ao ilustre chefe do serviço judicial de identidade da Prefeitura de Polícia, Sr. Bayle, ao mesmo tempo que as impressões das mãos do médium e das minhas.

Esse exame antropométrico, aliás, não tinha como objeto essencial uma verificação, que era supérflua pelo fato de os moldes serem de membros de crianças e não haver crianças entre nós. Achamos simplesmente útil saber claramente se o suposto processo ideoplástico em ação tinha conseguido reproduzir as impressões digitais do médium ou as minhas.

O Sr. Bayle experimentou alguma dificuldade porque as impressões das extremidades digitais dos moldes são menos marcadas do que os sulcos cutâneos da palma da mão e, principalmente, da face dorsal.

Além disso, foi necessário eliminar todos aqueles de nossos moldes que tinham os dedos dobrados, enlaçados, etc.; ou seja, a maior parte. Apesar dessas dificuldades, o exame antropométrico foi conclusivo.

Não há relação alguma entre as impressões digitais do médium e as dos moldes.

Eis a nota do Sr. Bayle:

PREFEITURA DE POLÍCIA - SERVIÇO DE IDENTIDADE JUDICIAL

Laboratório de Química, de Química biológica e de Química física aplicada às investigações judiciais.

(Palácio De Justiça)

REPÚBLICA FRANCESA

Paris, 1º de abril de 1922.

Sr. Bayle, Chefe do Serviço de Identidade Judicial.

Para o Sr. Dr. Geley,

Avenida Niel, nº 8

"O Sr. fez-me entrega, para efeitos de comparação, de quatro moldes de gesso e, por outro lado, de duas impressões de mãos feitas em folhas de papel preparadas com negro de fumo e fixadas.

"Uma das fichas continha esta indicação: "Médium", e a outra, a indicação "Doutor Geley".

"Marcamos os quatro moldes com as letras A, B, C, D.

"Em geral, estes moldes não apresentam extremidades digitais com um padrão papilar claro o suficiente para permitir a identificação.

Eis aqui as conclusões a que chegamos:

"A mão que produziu a impressão marcada com a indicação "médium" certamente não é a mão de onde vem o molde A, nem é a mão de onde vem o molde C.

"Não podemos dizer nada sobre os moldes B e D, que são defeituosos demais.

"A mão que produziu a impressão designada "Dr. Geley" certamente não é a mão de onde veio o molde A, nem é a mão que produziu o molde C.

"Não podemos dizer nada sobre os moldes B e D.

"Por último, podemos dizer que o molde A não vem da mão que produziu o molde C, e que o molde B não vem da mão que produziu o molde D.

"Receba, senhor, a expressão de meus mais distintos sentimentos.

Bayle."

VI. — Novos moldes de membros materializados. Experiências de Varsóvia.

Os novos moldes que vamos apresentar foram obtidos pela mediunidade Sr. Franek Kluski, durante uma das nossas estadas em Varsóvia[61] (setembro de 1921).

Para evitar repetições em nossa exposição, pedimos ao leitor que consulte as experiências precedentes.

O modo de operar é o mesmo: a vigilância do médium consistiu essencialmente em segurar suas mãos. Uma diferença que devemos apontar imediatamente é que as sessões de Varsóvia aconteceram no aposento do médium e não em um laboratório científico.

Esta circunstância, lamentável em princípio, qualquer que seja a confiança inspirada pelo médium, não tem importância no caso atual, pois os resultados obtidos trazem em si mesmos a demonstração de sua origem metapsíquica, como veremos.

Os novos moldes apresentam as seguintes características:

1ª. Não têm nenhum dos defeitos indicados nas experiências anteriores.

Recorde-se que o principal desses defeitos era devido à infiltração e irrupção de água quente entre a luva de parafina e o membro materializado. Esse defeito foi evitado com o uso de um recipiente que contém uma fina camada de água e uma camada muito espessa de parafina flutuando sobre ela. Não havia, portanto, nos novos moldes, nada que pudesse ter a aparência ou dar a ilusão de terem sido grudados. Eles eram claramente, sem discussão possível, feitos de uma peça só.

2ª. Os moldes eram extremamente finos. A espessura de suas paredes, em todas suas partes, era inferior a um milímetro. A finura era tanta que, uma vez preenchidos os moldes com gesso, era possível ver os mais delicados detalhes anatômicos através da camada de parafina, comparável a uma folha de papel transparente.

---

[61] Colaboradores: Sres. Dubourg de Bozas, Stanislas de Jelski, Doutor Guirard, Coronel Okolowicz e Srta. Ludomira Grzeliak.

É verdade que o órgão materializado não mergulhou mais de uma vez, e muito rapidamente, no recipiente.

3ª. Os detalhes anatômicos são todos eles extremamente precisos. As linhas da mão, os sulcos da pele deixaram uma marca tão perfeita quanto a de órgãos vivos normais. Nós mesmos fizemos a moldagem de gesso. Essa operação foi feita no laboratório do Sr. Lebiedzinski e com a ajuda dele. Não foi nada fácil por causa da delgadeza das paredes. O simples fato de segurar os moldes com cautela ou fixá-los com areia para preenchê-los com gesso foi suficiente para deteriorá-los em vários lugares. Sua fragilidade era tal que não se sabia como lidar com eles.

Publicamos uma fotografia de cada um dos nossos moldes, descrevendo-os e destacando as características essenciais.

Os moldes são representados nas fotografias em tamanho real.

Lâm. XXXI - fig. 71.— MOLDAGEM DE DUAS MÃOS ENTRELAÇADAS

Reproduzimos apenas a região central das duas mãos do molde de parafina. A fina camada de parafina persiste no dorso de cada mão até o nascimento dos dedos.

Observe-se a posição dos dedos entrelaçados e apertados entre si. A separação dos dedos vivos normais nessas condições é impossível; a menor separação teria rasgado o frágil invólucro de parafina.

Outra observação não menos importante é a veracidade e precisão dos detalhes anatômicos; os desenhos da pele estão claramente marcados.

Após ter procedido à operação de vazamento do gesso nas luvas, tivemos o desagrado de verificar que as extremidades digitais, retraídas sobre a face palmar, haviam sido preenchidas com ar e não atingidas pelo gesso. O resultado disso foi um vazio nessas pontas. Portanto, nada tiramos do molde além da maior parte da face dorsal.

Lâmina XXXII - figs. 72, 73 e 74 - MOLDAGENS PARCIAIS DE MÃOS

As figuras 72 e 73 representam a face dorsal e palmar do mesmo modelo.

A figura 74 representa o molde de dedos obviamente diferentes dos anteriores. A forma das unhas e a do polegar não têm qualquer semelhança.

As figuras 72 e 73 saíram parcialmente do molde, enquanto a 74 saiu completamente.

Observar-se-á o seguinte:

A extrema finura da camada de parafina conservada na base do molde 73; é possível ver através, no polegar, os detalhes anatômicos, os sulcos da pele, o formato da unha, e na mão as linhas, as eminências e as linhas de separação dos dedos.

Uma película da camada de parafina havia se separado em direção à região interna sob o dedo mínimo e os sulcos da pele aparecem muito marcados.

Os detalhes anatômicos dos dedos estão completos nos números 69 e 70.

A fotografia, infelizmente, reproduz mal os detalhes delicados.

A posição retilínea em moldes parciais do gênero dos mencionados, possibilitaria talvez uma fraude através da moldagem e vazamento de uma mão viva.

Mas a extrema finura do envoltório de parafina é completamente contrária a essa hipótese. O leitor pode repetir a experiência feita por nós para tanto: é possível retirar a mão de uma luva de parafina se colocarem apenas os dedos; mas com a condição sine qua non de que a luva seja grossa o suficiente para ser resistente. Quando a luva é fina é impossível removê-la; à menor tentativa, a luva quebra e desmancha-se em pequenos fragmentos.

Lâmina XXXIII - fig. 75.— PARTE ANTERIOR DE UM PÉ

O molde compreende os dedos e a sola do pé na sua região média.

Uma fina camada de parafina permaneceu na base dos dedos.

Observar-se-á que as unhas dos últimos quatro dedos estão desgastadas e são rudimentares. Não há qualquer relação entre esses unhas e as do médium ou as dos experimentadores. (É inútil acrescentar que os pés do médium não estavam nus, mas calçados, e que o médium era segurado pelas duas mãos, mantendo imobilidade absoluta, e não poderia ter mergulhado um pé no recipiente de parafina colocado sobre a mesa.)

Lâmina XXXIV - fig. 76.— MÃO FECHADA

Esta mão foi moldada por inteiro.

As paredes da luva de parafina eram tão finas e tão frágeis que a superfície dorsal ficou parcialmente achatada sob a pressão dos dedos quando o gesso foi vazado.

Além da precisão e delicadeza dos detalhes anatômicos, observar-se-á a posição dos dedos. O polegar passa entre o dedo indicador dobrado sobre ele e o médio. Os três últimos dedos estão totalmente retraídos sobre a mão.

O conjunto é de tal maneira, que seria impossível removê-lo de um molde em uma só peça, qualquer que fosse esse molde. Mais uma razão para não conseguir sair de uma luva extremamente frágil.

Lâmina XXXV, fig. 77.- MÃO DE CRIANÇA COM DEDOS DOBRADOS E INDICADOR RETO

O que dissemos sobre a figura 77, a respeito da impossibilidade de se remover um molde de uma mão normal viva, aplica-se a fortiori à figura 77; observe-se a finura dessa mão e a exatidão dos detalhes anatômicos. A mão não era de tamanho natural, aproximava-se em dimensão à de uma criança de dez a doze anos de idade.

Compare-se esta figura com a figura 50 da primeira série.

O formato é quase igual, mas esta última mencionada aproximava-se em dimensão à mão de uma criança de sete a oito anos. Por outro lado, em ambos os casos trata-se visivelmente de mãos de adultos reduzidas.

Lâmina XXXVI, fig. 78.- MÃO DE CRIANÇA COM O POLEGAR CURVADO PARA DENTRO

Esta figura é do mesmo tamanho que a anterior e provavelmente representa a mão esquerda da mesma entidade. (Os dois moldes foram obtidos na mesma sessão.)

A posição curvada do polegar no interior da mão tornava impossível remover da luva um órgão normal como este. As linhas da mão são muito bem definidas. Uma fina camada de parafina permaneceu no punho.

Lâmina XXXVII, fig. 79 — MOLDE ESMAGADO

Esta figura representa um molde esmagado. Eis aqui em que condições ele foi obtido. Durante a sessão (a mesma em que obtivemos os números 7 e 8) este molde foi colocado no dorso da minha mão esquerda (que segurava a mão direita da médium).

Estava muito quente e ainda mole; não me mexi e, após a sessão, observei que o molde estava um pouco achatado.

É evidente que este molde foi intencionalmente colocado na minha mão antes da solidificação. Nisto há nova prova (se houvesse necessidade dela) de que os moldes foram realmente feitos durante as sessões.

Sob este aspecto, oferece um verdadeiro interesse. Como resultado do esmagamento, os detalhes anatômicos são, evidentemente, menos perfeitos do que os anteriores. No entanto, eles são visíveis.

A linha intermédia que corta a mão e a base do polegar é o resultado de um acidente acontecido com o gesso.

VII. — Nova série de moldes.

Uma série final de moldes foi obtida durante minha estada em Varsóvia em abril e maio de 1922 pela mediunidade do Sr. Franek

Kluski. As sessões foram verificadas na sala de sua casa, com as habituais precauções (inspeção da sala e do médium, a porta trancada por dentro; sujeição das mãos do médium). Meus principais colaboradores foram o Coronel Okolowicz, o Sr. Stephan Ossowiecki, o Sr. Stanislas de Jelski, a Sra. A. E..., a Sra. Ludomira Gerzliak. Eu próprio sempre segurei uma das mãos do médium e tenho a certeza da minha vigilância.

Obtive oito moldes. Entre esses oito moldes, há quatro que suscitam considerações especiais muito interessantes. Não vou falar sobre isso, portanto, neste artigo.[62]

Aqui está a fotografia (tamanho natural) dos outros quatro exemplares:

Lâmina XXXVIII, fig. 80. - MÃO DE MULHER

(A camada de parafina foi respeitada.) A moldagem começa na base das eminências tenar e hipotenar. Obviamente, está feito de uma só peça. Eu o vazei em gesso e o deixei como está. A camada de parafina tem a espessura de uma folha de papel muito fina.

A posição do polegar, curvado na palma da mão, teria impedido a saída de uma mão normal; de resto, a extrema fragilidade da camada de parafina teria bastado com toda certeza para impedi-lo. Todos os detalhes anatômicos podem ser vistos, através da parafina, sobre o gesso subjacente.

Lâmina XXXIX, fig. 81. - O MESMO MOLDE, FACE DORSAL

Observem-se os sulcos da pele que aparecem claramente, assim como os detalhes característicos, através da parafina.

Lâmina XL, fig. 82. - MOLDAGEM DE DUAS MÃOS JUNTAS

Lâm. XLI, fig. 83. - O MESMO MOLDE COLOCADO DE OUTRA FORMA

---

[62] Ver mais à frente o parágrafo consagrado às materializações defeituosas.

Trata-se das mãos direita e esquerda de uma mesma "entidade".

São mãos masculinas, de um adulto de certa idade, com sulcos e rugas acima do punho.

Lâmina XLII, fig. 85. — MÃOS SOBREPOSTAS

Este molde é menos perfeito que os anteriores. Os sulcos cutâneos estão pouco marcados. Esse defeito provavelmente é devido ao fato de que a parafina não estava quente o suficiente quando o molde foi feito.

Lâmina XLIII, fig. 85. — MOLDE DE DUAS MÃOS COM OS DEDOS CRUZADOS

É de se observar a nitidez dos detalhes anatômicos. O cruzamento dos dedos é muito apertado, de forma que a separação de mãos normais do molde de parafina seria impossível sem quebrá-lo.

Esses duplos moldes são de particular interesse do ponto de vista de monitoramento e verificação. Várias categorias de possíveis fraudes são eliminadas em bloco. Por exemplo, é claro que tais moldagens não podem ser atribuídas a fraude por parte do médium durante a sessão, uma vez que ambas as mãos estão vigiadas. A liberação de uma das mãos não teria sido suficiente.

É igualmente difícil atribuir fraude a qualquer um dos participantes. Em todas as nossas sessões, formamos a corrente de sorte que, aquele que tivesse estado em conluio, não teria sido capaz de soltar as mãos para trapacear; teria sido necessária para isso a cumplicidade de seus dois companheiros adjacentes.

Certamente, permanece a única hipótese de fraude concebível: a de preparar um molde duplo com antecedência.

Não usamos em Varsóvia o procedimento de vigilância absoluta que tínhamos usado no Instituto Metapsíquico. Mas fazemos observar como teria sido complicado e difícil esconder um objeto tão volumoso e tão frágil.

O sucesso total das experiências anteriores, nas quais foi utilizada

a vigilância absoluta, é para nós, nas experiências presentes, uma garantia de lealdade.

De resto, obtivemos esta nova prova inédita: Tivemos a grande satisfação de ver operar as mãos quando eram moldadas na parafina. (Ver Revue Métapsychique, maio-junho de 1922.) As ditas mãos eram iluminadas por pontos luminosos localizados nas pontas dos dedos. Passeavam devagar diante dos nossos olhos, e mergulhavam no recipiente de parafina, balbuciavam por um instante (uma fração de minuto), saíam igualmente luminosas e finalmente vinham depositar o molde, ainda quente, ao lado de uma das minhas mãos.

O conjunto da operação era muito rápido (no máximo dois minutos).

VIII. — As materializações defeituosas.

No período pré-científico da ectoplasmia circulavam apenas duas opiniões sobre o fenômeno: a dos espíritas e a dos antiespíritas.

Ambas as visões eram simplistas, igualmente inconsistentes e ingênuas.

Segundo a primeira, as materializações eram pura e simplesmente "materializações de espíritos". Os Espíritos retiram do médium uma porção de substância orgânica, para se manifestarem por alguns momentos, em carne e osso, como quando estavam vivos.

Segundo a outra opinião, as manifestações foram pura e simplesmente o resultado de uma fraude dos médiuns ou uma alucinação dos experimentadores.

Por longos anos, este dilema: materialização de espíritos ou ilusionismo prevaleceu e dominou em quase todos os lugares. Foi uma causa permanente e deplorável de confusão, mal-entendidos e erros, e atrasou e comprometeu por algum tempo o desenvolvimento da metapsíquica objetiva.

Quando Crookes deu a conhecer suas observações, hoje clássicas, causou quase tanto escândalo entre os espíritas, ao deixar de

proclamar decisivamente que Katie King era um espírito, quanto entre os adversários deles, ao ousar afirmar a autenticidade de fenômenos tão formidáveis.

O duplo escândalo repetiu-se após as experiências com Linda Gazzera, Stanislawa Tomczyk e Eusapia Paladino.

Certas materializações produzidas por esses médiuns às vezes assumiam, de fato, aparências desconcertantes, como faces planas, contornos e formas anatomicamente muito defeituosas.

Os próprios experimentadores Imoda, Ochorowicz e os numerosos observadores de Eusapia Paladino, tendo adquirido por sua observação e vigilância a certeza objetiva da autenticidade dos fatos, não conseguiam explicar as modalidades inesperadas. Depois sobrevieram os trabalhos do professor Richet, da Sra. Bisson e do Dr. Schrenck-Notzing com Eva C..., e o escândalo, a que me referi anteriormente, atingiu seu pleno desenvolvimento. Os detratores mais ardentes de Eva C... foram certos espíritas ou "psiquistas" que não entendiam nada diante da aparência primordial do fenômeno. Seu raciocínio, confessado ou não, era sempre o mesmo: "Não podem ser materializações de espíritos: portanto, é fraude!"

Na realidade, a mentalidade desses "psiquistas", que podemos qualificar de primitiva, não poderia conceber a existência da substância amorfa ou em vias de organização. Obviamente, era mais fácil proclamar a fraude do que tentar entender.

Por outro lado, como a concepção da ideoplastia ainda não estava vulgarizada, a hipótese da fraude parecia comprovada quando foi percebido que certas formas fotografadas por Imoda, por Schrenck-Notzing e pela Sra. Bisson, apresentavam traços de semelhança a personalidades conhecidas ou com personagens que aparecem em quadros ou desenhos.

Essa época já parece muito afastada de nós. A metapsíquica fez tábula rasa das velhas ideias recebidas ou preconcebidas. Observando os fatos ou deduzindo suas primeiras leis, sem permitir que a explicação transcendental ou mística intervenha, chegou a duas noções concretas: a de ectoplasmia e a de ideoplastia. A essas noções

devemos atermo-nos atualmente. Quando tivermos tirado o máximo partido possível dessas grandes e amplas hipóteses de estudos poderemos, e somente então, tentar ir mais alto e mais longe em nome dos fatos.

Sob nenhum pretexto devemos correr o risco de cair no erro que apontei antes; erro que é difícil evitar quando não se está familiarizado com nossos estudos.

Quantas vezes já tive de refutar argumentos como o seguinte!:

"O que significam estes fenômenos de movimento de objetos, de contatos ou de materializações esboçadas? Nada acontece de transcendental! São manifestações pueris!"

O que é pueril é esse raciocínio!

O que importa não é o ato metapsíquico realizado, mas a realidade, em si mesma, desse ato. O que há para ser considerado na telecinesia e na ectoplasmia é o prodigioso problema biológico e filosófico que expõem, e não as modalidades, quaisquer que sejam, de sua manifestação.

A mudança de lugar de um objeto não tem qualquer importância em si mesma; mas o fato de ser feita sem contato com os órgãos normais do médium, é pelo contrário, de uma importância sem igual.

O mesmo pode ser dito dos outros fenômenos metapsíquicos. Seu interesse prático é insignificante, ao menos no estado atual da ciência; seu interesse teórico é prodigioso.

Não devo terminar meu estudo das moldagens dos membros materializados sem apresentar, diante de documentos tão perfeitos quanto os precedentes, modelos de materializações defeituosas.

Dir-se-á acaso: que interesse podem oferecer as formações ectoplasmáticas mal conseguidas?

Esse interesse é duplo.

1º. Tais formações são altamente instrutivas, fornecem-nos informações precisas sobre a gênese e a organização das materializações mais perfeitas e complexas e nos permitem perceber o processo das primeiras.

2º. Ao contrário do que acredita a opinião vulgar, as materializações defeituosas, estudadas com método são, em muitos casos, inteiramente opostas à hipótese de fraude.

Estes dois pontos são os que irei considerar.

1º. As materializações defeituosas são altamente instrutivas.

Elas têm sido a base da teoria ectoplasmática. Elas deram a conhecer todos os graus, todas as fases do maravilhoso processo: a exteriorização da "substância", seja no estado de vapor, seja no estado líquido ou sólido; os ectoplasmas amorfos; os pseudópodes metapsíquicos, formações que permitem atuar à distância como membros suplementares e temporários; as “alavancas psíquicas” de Crawford; as materializações esboçadas, achatadas, fragmentárias ou lacunares; as variações no volume, o peso ou a forma, variações que ocorrem em poucos instantes às vistas dos experimentadores; os rudimentos que às vezes persistem nas formas acabadas como testemunhas da organização primitiva.

Em uma palavra, a maior parte dos nossos conhecimentos sobre a ectoplasmia não foram adquiridos por meio de materializações perfeitas e completas, mas por meio de materializações esboçadas ou defeituosas.

2º. O exame metódico das materializações defeituosas é, ao contrário da opinião vulgar, oposto à hipótese da fraude.

De fato, ao considerar a hipótese da fraude como a única explicação para fenômenos mediúnicos, é importante se ter em conta a psicologia e a mentalidade do médium que prepara e executa essa fraude.

Os médiuns, durante o período pré-científico da ectoplasmia, não podiam deixar de compartilhar a opinião geral acima exposta, porque, repito, na época não havia outra.

Na hipótese de sinceridade da parte dos médiuns, eles necessariamente precisavam acreditar na materialização dos espíritos. Na hipótese de uma impostura, eles precisavam logicamente se esforçar para reproduzir, na medida do possível, formas de espíritos materializados e não outra coisa. Sob tais condições, nenhum

médium poderia ter concebido, por si mesmo, a ectoplasmia propriamente dita.

A ideia de simular a exteriorização de uma substância amorfa jamais os teria assaltado. Eles nunca teriam produzido aquelas surpreendentes manifestações polimórficas de substância semelhante ao epíploo, de franjas no meio das quais um dedo balança ou um rosto ou mão é bosquejado. Tudo isso, para um médium que quisesse enganar, tendo em sua intenção simular uma manifestação de um Espírito, tinha que parecer absurdo. Não podia, repito, nem mesmo ter a menor ideia daquilo.

Seja bem entendido: não pretendo dizer que um médium de má-fé não poderia ter tentado simular as aparições com artifícios como gaze sobre um suporte qualquer, máscaras ou desenhos. Quero dizer simplesmente que certas materializações defeituosas não poderiam ser imaginadas por eles, e que certas imperfeições ou anomalias das formas materializadas provam não a trapaça, mas a boa fé.

Claro, esse raciocínio aplica-se apenas à fase pré-científica da ectoplasmia. Desde que a noção de ectoplasma tem sido vulgarizada, os sujeitos mediúnicos ou aqueles pretensos como tais puderam naturalmente ter a ideia de simular o fenômeno elementar. Porém, mais uma vez, essa ideia não poderia ser, para nenhum médium, uma ideia espontânea diante das descrições feitas pelos homens de ciência.

Para dar a entender bem o meu pensamento sobre as materializações defeituosas, citarei alguns exemplos escolhidos dentre os meus documentos pessoais, deixando para o leitor consultar as publicações de Imoda, Ochorowicz, Sra. Bisson, Dr. De Schrenck-Notzing. Irei recordar, em primeiro lugar, que com a médium Eva a maioria das produções ectoplasmáticas são claramente defeituosas. Além disso, a originalidade, abundância e variedade dos ectoplasmas amorfos obtidos com este médium são características. Tudo isso era inesperado.

Para um médium totalmente ignorante da questão científica, como Eva é, e impregnado de ensinamentos espíritas, as

manifestações ectoplásmicas eram inconcebíveis. Pode-se objetar que, na época em que foram observados (1918), os livros da Sra. Bisson e Schrenck-Notzing já haviam aparecido e, consequentemente, Eva estava a par da questão.

Isso é perfeitamente certo; mas desde o início de sua mediunidade, os mesmos fenômenos, idênticos, foram descritos e fotografados pelos citados experimentadores. A descoberta da substância amorfa primordial foi uma imensa surpresa para eles. O que eles buscavam obter eram materializações completas como aquelas de Crookes.

O aparecimento do ectoplasma, amorfo ou polimórfico, foi uma revelação para eles. Por outro lado, as numerosas fotografias de formas materializadas mostram frequentemente o caráter incompleto, lacunar, defeituoso do fenômeno: rostos mal esboçados, rudimentos do cordão ectoplasmático original que figura sobre esses rostos, etc.

Esses defeitos são incompatíveis com a hipótese de uma fraude a partir de um desenho preparado por Eva. De fato, admitindo essa hipótese, eles têm o caráter de um absurdo evidente. Como o médium, totalmente ignorante das ciências naturais, poderia ter a intenção de fingir, por exemplo, um rudimento?

Vou agora apresentar ao leitor algumas fotografias de peças vazadas defeituosas, obtidas pela mediunidade do Sr. Franek Kluski, e que se prestam a considerações análogas.

O molde figura 86, lâmina XLIV, é anatomicamente defeituoso. A mão está mal formada e o punho é largo demais. É um bosquejo. Porém, existem partes já quase perfeitas neste bosquejo.

Observe-se o mesmo molde de perfil. O polegar é um polegar humano. (fig. 87.)

A anatomia geral, a unha, as rugas da pele não deixam nada a desejar.

Certamente o molde desse polegar é o de um polegar vivo e não o de um simulacro.

Acho muito instrutiva e característica a reunião, no mesmo

documento, de partes anatomicamente acabadas e partes grosseiramente bosquejadas.

As figuras 88 e 89, lâminas XXXIV e XXXV, prestam-se a observações idênticas.

A face dorsal está apenas esboçada. Mas a face palmar, sem ser perfeita, já apresenta as principais características anatômicas das mãos vivas.

As mesmas considerações podem ser aplicadas às figuras 90 e 91. Esses grandes moldes são absolutamente defeituosos: o punho e a base da mão não têm forma e são grossos demais. Nem sequer são esboços artísticos; são tentativas fracassadas.

Mas mesmo nesses documentos tão defeituosos, existem, aqui e ali, regiões onde encontramos a anatomia viva determinada.

Quando, por exemplo, os dedos (face palmar) desse gesso são examinados (fotografia em tamanho real), serão encontrados os sulcos característicos da pele na segunda falange do índice e do médio. Lâm. XLVI, fig. 92.)

Por último, os moldes 93 e 94 também se prestam às mesmas considerações. São bosquejos grosseiros; mas neles é encontrado, em alguns lugares, o traço de tecidos vivos.

Se o leitor observar atentamente os documentos aqui apresentados, não há dúvida de que ele será da nossa opinião, que é a seguinte:

Os defeitos de certas materializações não provam de forma alguma a fraude, e sim o oposto.

Qual é, então, a causa desses defeitos? Nosso conhecimento adquirido em metapsíquica nos permite percebê-la imediatamente; uma vez que ectoplasmia é função:

a) de uma exteriorização dinâmica e material do médium;
b) da organização ideoplástica dos elementos exteriorizados; se compreender-se-á como devem ser raras as materializações perfeitas.

Constituir em poucos segundos um órgão ou organismo

biologicamente completo, criar vida, é um esforço metapsíquico enorme e que raramente pode chegar a um resultado perfeito. É por isso que a grande maioria das materializações apresenta um caráter incompleto, fragmentário, lacunar ou defeituoso.

As formações raramente são outra coisa além de bosquejos mais ou menos acabados, de mãos, rostos, organismos. Mas nesses bosquejos quase sempre há a marca do gênio criativo, a manifestação da vida. Nestes esboços, ergue-se diante de nós o véu, em sua esplêndida beleza, do enigma da vida universal, das relações da Ideia e da matéria.

Na ciência e na filosofia da Ectoplasmia residem o grande segredo e o grande mistério, a revelação do conhecimento supremo, fruto divino até agora vetado aos mortais.

IX. — A autenticidade metapsíquica dos moldes.

Como fizemos com as outras categorias de fenômenos, devemos impor uma discussão completa sobre a autenticidade metapsíquica de nossos moldes.

Iremos ver que esta autenticidade repousa, para além do nosso testemunho e do rigor da nossa fiscalização nas sessões, em provas objetivas irrefutáveis.

A primeira pergunta, que exigia uma resposta sem evasivas, era a seguinte: nossos moldes foram feitos com membros humanos ou com simulacros de membros humanos?

A resposta não poderia deixar margem para dúvida alguma. Eles têm todas as características dos membros humanos: forma perfeita, linhas da mão, unhas, sulcos na pele, marcas das saliências ósseas, tendões, às vezes veias do dorso da mão: não falta nada.

Mostramos nossos gessos a artistas, pintores, escultores, fundidores, a muitos de nossos colegas médicos. Todos foram unânimes: trata-se de moldes humanos e vazados diretos, segundo os especialistas.

Essa consideração muito precisa elimina completamente a hipótese de uma fraude com a ajuda de uma mão de borracha.

Temos nos empenhado em reproduzir luvas semelhantes às nossas com a ajuda de uma mão de caucho inflada, mergulhada em parafina e depois desinflada para removê-la.

Facilmente foi conseguido:

1º. Enchendo o simulacro de caucho com água fria (com ar não é possível, porque a mão boia na superfície da parafina).

2º. Tornando a luva espessa o suficiente para não se romper ao remover o molde. Mas o resultado obtido caracteriza sua origem (ver ilustração XXX, fig. 70). No gesso obtido não há nenhum detalhe da mão humana e o próprio aspecto da mão sofre uma deformação ridícula.

Essa deformação é inevitável pelo próprio fato de se usar borracha elástica ou qualquer substância semelhante. Mesmo supondo-se uma mão artificial artisticamente preparada de modo a reproduzir linhas da mão, sulcos da pele e unhas, não seria possível preencher este simulacro com água sem deformá-lo completamente.

Acreditamos poder afirmar a impossibilidade de imitar nossos documentos com objetos de borracha elástica.

Podem ser reproduzidos não com um molde elástico, mas com um molde duro?

Não. Pelo menos todos os nossos ensaios com essa intenção foram negativos. Não foi possível separar o molde original da ganga da parafina. Esta última sempre quebra ou fica irremediavelmente deformada. Em vão demos à luva de parafina uma espessura considerável para lhe dar mais resistência; espessura que não admite comparação possível com a dos nossos moldes. Em vão azeitamos cuidadosamente o objeto usado e separamos a região estreita (aquela que representa o punho) com uma fenda. Todos esses artifícios resultaram em pura perda. Mesmo admitindo que outros sejam mais habilidosos ou mais felizes do que nós, nem por isso estaríamos menos autorizados a afirmar que não é possível, usando um molde

duro, fazer luvas de parafina semelhantes às nossas em forma e finura.

São, então, inimitáveis as luvas obtidas por imersão na parafina de membros materializados e consequente retirada desses membros?

Como sabemos, a esta conclusão chegaram os primeiros experimentadores (ver Aksakof e Delanne). Para eles, os moldes de parafina traziam em si mesmos a demonstração de sua origem metapsíquica.

Temos chegado a aprofundar mais de perto nessa questão. Fizemos experiências múltiplas tendo ouvido a opinião de competentes artistas da moldagem, que tiveram a gentileza de estudar conosco qual seria o modo de imitar nossos documentos.

Com base em nossas averiguações, existem dois procedimentos de fraude. A primeira consiste em usar o molde oco de uma mão humana. Uma substância solúvel e fusível, por exemplo açúcar dissolvido (1) é vertida neste molde vazio. Após a solidificação, o membro solúvel é rapidamente empapado em parafina e, em seguida, o todo é colocado em uma tigela com água fria. O molde vai se dissolvendo aos poucos e a luva fica. O segundo procedimento é ainda mais simples: consiste em usar uma mão viva. Após impregná-la completamente em parafina quente pelo procedimento costumeiro, espera-se a solidificação completa, que demora bastante (quinze a vinte minutos ao ar livre e seis a oito minutos em água fria).[63]

Em seguida, com uma navalha ou canivete, uma das bordas da luva é cortada da raiz dos dedos até o pulso. Por meio de pequenos movimentos laterais a mão é destacada, aos poucos, da luva de parafina. Então, graças à sua elasticidade e à folga deixada pelo corte feito, a mão pode ser retirada. Basta juntar imediatamente as bordas do corte e umedecê-lo rapidamente em parafina líquida, para fazer desaparecer a incisão e obter uma luva inteiriça.

A junta é pouco visível se a operação for bem feita. Mas para realizar a operação acima mencionada, ao menos para consegui-la em uma só vez, uma condição é indispensável: é preciso dar à luva de

[63] Gelo muito frio também poderia ser usado (ver mais à frente).

parafina uma espessura pelo menos três ou quatro vezes maior que a das nossas.

Com esse procedimento não conseguimos obter luvas tão finas quanto as nossas, pois elas sempre se rompiam durante as tentativas de retirar a mão.

Vamos ignorar essa dificuldade, que não é uma impossibilidade, e supor que Franek tenha usado esse procedimento.

Ele não poderia ter feito isso, em nenhum caso, a não ser em sua casa, pois alguns dos nossos moldes correspondem em dimensão às mãos de uma criança entre cinco e sete anos, e nenhuma criança compareceu às sessões. As luvas obtidas de forma fraudulenta teriam sido, portanto, produzidas fora das sessões e sub-repticiamente fornecidas pelo médium.

É inútil alegar que um molde duro da mão de uma criança poderia ter sido usado durante a sessão. Já explicamos que não é possível extrair um corpo duro, em forma de mão, de uma ganga de parafina intimamente aderida e de um milímetro de espessura.

Para aqueles de nossos leitores que conservaram algumas dúvidas, vamos estudar cuidadosamente as condições de tal fraude, decompondo-as assim:

1°. O médium habilmente libera uma de suas mãos.
2°. Retira o molde duro do bolso (ou os dois moldes duros representando mãos de criança).
3°. Mergulha o simulacro na parafina.
4°. Corta uma das bordas da luva obtida, desde a raiz dos dedos até o punho.
5°. Destaca a luva com habilidade, retira-a do molde sem parti-la ou deformá-la.
6°. Junta as pontas do corte e empapa a luva na parafina.
7°. Ele coloca a luva, ou luvas, sobre a mesa, guarda o molde de volta no bolso e coloca a mão livre sob a mão do vigilante.

E isso não é tudo: essas múltiplas e complicadas operações devem ser feitas em menos de dois minutos, sem o auxílio da visão e com

apenas uma das mãos. Pois bem, nós não conseguimos fazer isso nas nossas tentativas à luz do dia, com as duas mãos e dispondo de todo o conforto e tempo.

Por outro lado, vários de nossos moldes em gesso denotam a impossibilidade de uma trapaça por meio de um molde rígido. O dobramento dos três dedos, por exemplo, com o indicador apontando reto, prova que a luva de parafina não foi obtida com o auxílio de um molde rígido, sendo a retirada do molde, neste caso, impossível com qualquer subterfúgio utilizado.

O médium usou então, durante as sessões, o procedimento do molde de substância solúvel e fusível? Isso não é admissível; não tínhamos, repetiremos, o recipiente de água fria que teria sido essencial para poder dissolver o simulacro, e o tempo necessário para tal operação é extremamente longo.

Portanto, será permitido declararmos formalmente a seguinte conclusão:

A única fraude possível e concebível, se fomos vítimas de uma enganação feita pelo médium, é a seguinte: Franek teria preparado as luvas de parafina com antecedência, levando-as consigo para as sessões e colocando-as sub-repticiamente na mesa através de uma escamoteação não percebida pelos nossos vigilantes.

A investigação nessas condições era concreta. Consistia em adquirir e afirmar a certeza de que os moldes foram feitos durante nossas sessões e com nossa parafina.

Foi então que utilizamos os meios de verificação descritos acima, que consistiam, ou em colorir secretamente nossa parafina, ou em incorporar a colesterina facilmente determinável em um fragmento do molde obtido, pela reação do ácido sulfúrico.

Esses dois recursos produziram resultados positivos. Eles nos permitem, portanto, mais uma vez, afirmar categoricamente o seguinte:

Os moldes 50, 51, 55 e 70 foram obtidos, com total segurança, em nossas sessões e com nossa parafina.

É claro que os moldes precedentes e seguintes, produzidos nas

mesmas condições experimentais, e idênticas, foram feitos, com toda certeza, durante as sessões e com a nossa parafina.

Mas isso não é tudo.

Um exame cuidadoso de nossos moldes em gesso revelará vários detalhes notáveis, porque complicam formidavelmente a hipótese da fraude.

Em primeiro lugar, eles são todos diferentes na posição dos dedos.

Além disso, eles não são do mesmo tamanho.

Por último, as mãos que têm a aparência de mãos de crianças são, na verdade, mãos de adultos em miniatura.

Examinem-se, nas mãos 66, 81, 82 e 84, os sulcos tão acentuados da pele; nas mãos 66, 74 e 80, as linhas das mãos tão profundas; em todas, a forma do polegar, das unhas; adquire-se a convicção de que são mãos de adulto. A mesma observação é oferecida pela mão n.º 74.

As dobras longitudinais da mão estendida sobre o punho não se formam na criança. Precisam de uma pele já enrugada e flácida. A semiflexão dos dedos torna esse detalhe ainda mais perceptível. As dobras da pele próximas à raiz dos dedos, em flexão, indicam que se trata de uma mão de adulto de certa idade.

As rugas das mãos são tão reveladoras da idade quanto seriam as rugas do rosto.

Todos os médicos a quem mostramos nossos moldes são unânimes nessa opinião.

Queríamos saber a opinião do Dr. Paul Richer, professor da Escola Nacional de Belas Artes, membro da Academia de Medicina e do Instituto da França. Sua opinião, tão autorizada, é a mesma. Para ele, embora não se possa ter a prova absoluta, essas mãos possuem os caracteres das mãos de adulto.

Eis a carta que o Professor Paul Richer teve a bondade de nos dirigir:

“Meu caro colega:

“Com muito prazer confirmo a opinião que lhe dei verbalmente e com

autorização para reproduzi-la; é, a saber: que os moldes de mãos que você me mostrou têm todas as aparências de moldes de mãos de adultos, reduzidos em um quarto da dimensão média, e não são, de maneira alguma, moldes de mão de criança.[64]

"Mas as aparências podem enganar porque conheço exemplos de crianças que têm em todo seu corpo pele de adulto e até de idoso. Só a radiografia permitiria afirmar, sem dúvida de qualquer gênero, quando se trata de mãos de adulto reduzidas em tamanho e não de mãos de criança.

Paul Richer"

Acerca do exposto, devemos fazer observar que as materializações de formas orgânicas de adultos em tamanho reduzido não são raras.

Franek contava-nos que tais reduções eram frequentes em suas sessões quando ele estava cansado ou com saúde debilitada; porém, as formas materializadas sempre tinham as dimensões normais quando ele estava bem.

Os rostos aparecidos e fotografados em nosso laboratório durante as experiências com Eva, eram mais frequentemente reduzidos a dois terços, ao mesmo tempo que tinham as características dos rostos de adultos.

Agora é fácil formarmos uma ideia da complicação que uma fraude teria apresentado com os moldes que obtivemos.

As operações que isso exigiria são as seguintes:

1°. O médium modela ou faz modelar artisticamente uma mão de adulto em diferentes posições;

2°. Às vezes ele encomenda estas mãos de adulto em um tamanho reduzido para que tenham as dimensões de mãos de crianças. Essa redução é possibilitada pelos procedimentos mecânicos da estatuária moderna; mas isso é trabalho de artista. Por outro

---

64 Este contraste já havia sido observado pelo Sr. Oxley em uma carta endereçada em fevereiro de 1876 ao Sr. Aksakof. "Coisa curiosa — escrevia ele — os sinais distintivos da idade e da velhice são sempre reconhecidos nestes moldes. Isso prova que os membros materializados, embora conservando sua forma juvenil, apresentam peculiaridades que acusam a idade do médium."

lado, poderíamos perguntar de onde vem a ideia ridícula de não usar a mão de uma criança e reduzir o tamanho da mão de um adulto;

3°. Com estes primeiros moldes, fabrica moldes ocos, também feitos de forma muito artística para não ser percebido onde foram colados.

4°. Nos moldes ocos derrama uma substância fusível e solúvel, porque, depois do anterior, muito provavelmente não há outro procedimento possível;

5°. Mergulha os moldes solúveis em parafina quente e a seguir dissolve-os em água fria para obter as luvas residuais;

6°. Estas luvas são extremamente frágeis devido à sua finura e, portanto, o suposto trapaceiro não pode pensar em carregá-las no bolso. Ele coloca, então, em uma caixa acolchoada o molde ou os dois moldes que ele precisa expor em cada sessão (é altamente provável que, em caso de fraude, o médium se visse irresistivelmente obrigado a fabricar moldes grossos, que são ao mesmo tempo mais manejáveis, mais fáceis de obter e menos frágeis);

7°. Esconde a dita caixa no bolso sem que ninguém perceba que ela está ali (outro problema muito difícil de resolver);

8°. Na sessão, ele habilmente deixa uma das mãos livre, pega a caixa, abre-a, tira os moldes, deposita-os sobre a mesa, guarda a caixa de novo no bolso, borbulha na parafina, espirra-a para todo lado, então novamente coloca sua mão livre sob a do experimentador que a estava vigiando e que, apalermado, não percebe nada de todo esse manejo.

Bem, suponhamos conseguida essa enorme farsa, tão complicada quanto inverossímil. O que aconteceria? A habilidade prodigiosa, a malícia inédita do trapaceiro não teriam servido para nada; teria sido descoberto pelo procedimento inesperado dos corantes ou da substância química secretamente dissolvida na parafina.

Existe uma conclusão a ser dada? Não; a conclusão, para qualquer

leitor de boa fé, impõe-se por si mesma e não precisamos insistir.

Portanto, é possível, pelo procedimento da parafina, registrar materializações de membros, e nós o conseguimos em condições de total segurança.

X. — A imitação fraudulenta dos moldes.

Temos indicado vários procedimentos de fraude.

Eis a descrição de um procedimento inédito que foi estudado e preparado por um artista da moldagem muito conhecido, o Sr. Pierre Lorenzi.

O Sr. Pierre Lorenzi teve a bondade de nos ofertar uma descrição do processo, que vamos resumir.

Para se obter um molde de mão em uma só peça, o procedimento é o seguinte:

Coloca-se no braço do sujeito cuja mão se deseja reproduzir por vazamento, uma ligadura suficientemente forte para interromper a circulação venosa respeitando a circulação arterial (como na sangria). Após um quarto de hora, a mão está inchada por causa do sangue e, portanto, seu volume é maior.

Se junta-se com uma substância gordurosa muito lubrificante (óleo, estearina e azeite de vaselina em partes iguais). A mão, assim preparada, é introduzida na massa de gesso.

Quando o gesso começa a endurecer, o sujeito deve agitar as pontas dos dedos e mover a mão muito levemente; ao mesmo tempo, a ligadura é retirada e o bloco de gesso que aprisiona a mão é levantado ao alto para desse modo ativar a retirada do sangue venoso.

A mão diminui de volume e com certo esforço pode sair deixando um molde oco em uma só peça inteiriça.

Depois, basta preencher esse primeiro molde com gesso para ter um positivo que reproduz a mão humana sem soldaduras.

Em qualquer caso, o esforço necessário para retirar a mão deve produzir no molde erosões, estrias e outros defeitos.

Além disso, este procedimento só é possível com a mão do sujeito totalmente estendida e os dedos juntos. Se um ou mais dedos estiverem separados, retraídos ou dobrados, a mão, é claro, não pode sair.

Por último, como o procedimento exige um esforço violento, o bloque onde a mão está deve ser grosso e resistente. O Sr. Lorenzi calculou que, se fosse usada parafina em vez de gesso, seria necessário um bloco de um quilo com paredes de pelo menos quatro centímetros de espessura.

Como se vê, este procedimento de imitação dos moldes metapsíquicos rejeita algumas das características essenciais de nossos documentos, como a extrema finura das paredes e a posição dos dedos dobrados.

No entanto, o trabalho do Sr. Lorenzi é muito interessante e merecia ser conhecido. Desejamos muito que nos sejam indicados outros meios possíveis de fraude.

Vê-se que a questão da imitação fraudulenta de moldes metapsíquicos preocupa visivelmente a opinião, de resto bem equivocada, como já enfatizamos. Temos certeza da autenticidade metapsíquica dos nossos moldes, não porque os julguemos inimitáveis, mas porque o conjunto de condições de nossas experiências não nos deixa dúvidas sobre sua origem.

Seja como for, dificilmente uma semana se passa sem sermos informados sobre várias tentativas de fabricar moldes em uma só peça; tentativas que, por outro lado, geralmente não resistem ao exame.

Acreditamos, no entanto, que devemos dar a conhecer mais dois procedimentos que nos foram indicados.

O primeiro deles é apenas um aperfeiçoamento daquele que descrevemos e que se baseia na utilização de substâncias fusíveis e solúveis.

Essas substâncias poderiam ser substituídas com vantagem por gelo superesfriado. Um molde oco (negativo) de uma mão viva, feito

artisticamente e retocado para apagar as juntas, é enchido com água e colocado dentro de um aparelho de refrigeração. A mão de gelo deve estar o mais fria possível (menos 10° pelo menos). Mergulha-se muito rapidamente em parafina líquida, que ao contato do gelo superesfriado, forma instantaneamente uma luva, antes que a fusão do gelo comece e, por conseguinte, sem apagar detalhes delicados (sulcos na pele).

A seguir, basta deixar a mão de gelo derreter, de preferência em uma tigela com água, para ter uma luva de parafina inteiriça e do tamanho que se quiser.

Eu não testei este método.

O que caracteriza todos os procedimentos de imitação descritos é sua complexidade.

Eis aqui, pelo contrário, um novo método que, se confirmado, seria muito mais simples:

Um engenheiro belga, o Sr. V. N..., parece ter descoberto um processo suscetível de dar à parafina uma elasticidade e resistência inesperadas.

Em uma conversa que tive com ele, ele me disse que seu procedimento permitia que ele moldasse uma mão humana e removesse essa mão da luva de parafina como de uma luva de borracha. Em qualquer caso, e apesar dos meus pedidos, recusou-se a dar-me indicações concretas sobre este método e não consentiu em fazer a demonstração prática perante mim.

A maior reserva é, portanto, imposta a esse respeito, e eu sou totalmente cético, porque o suposto procedimento exigiria que a parafina tivesse propriedades contraditórias.

Em qualquer caso, suponhamos demonstrada a eficácia desse procedimento e perguntemo-nos quais são suas consequências do ponto de vista metapsíquico. É preciso considerar o passado e o futuro.

Quanto ao passado, as consequências são nulas. O procedimento do Sr. V. N..., não tendo sido inventado até algumas semanas atrás, não se pode supor que o médium o tenha usado em nossas experiências.

Pode-se objetar, é verdade, que o médium foi capaz de encontrar, ele mesmo, o mesmo ou análogo procedimento.

Responderemos que, mesmo em tal caso, o médium não poderia ter utilizado este meio de fraude pelos seguintes motivos, todos irrefutáveis e decisivos:

1°. Ele teve sempre suas mãos seguradas. Pois bem, o procedimento do Sr. V. N. requer o uso livre das duas mãos e até a ajuda de outra pessoa.

2°. Várias vezes temos obtido em nossas sessões moldes de mãos de crianças. Agora, não havia criança alguma entre nós.

3°. Por último, os moldes não foram trazidos de fora, visto que a verificação por meio de tinturas e colesterina comprovou de forma irrefutável que as luvas eram confeccionadas durante as sessões e com a nossa parafina.

Existem ainda outras evidências, como a descoberta inesperada de que alguns de nossos moldes têm ao mesmo tempo os caracteres anatômicos de mãos de adulto e o tamanho de mãos de criança.

Consequentemente, nossa certeza da realidade metapsíquica de nossos moldes é, e permanece, absoluta.

No futuro é evidente que a descoberta do Sr. V. N. imporia mais do que nunca, se confirmada, uma vigilância e verificação irrepreensíveis durante as sessões. Será necessário, por exemplo, ter a certeza de que a parafina utilizada é a mesma dos experimentadores, e será indispensável segurar bem as mãos do médium. Com uma vigilância como a empregada por nós no I. M. I., nenhum procedimento de fraude pôde ser usado.

XI. — Exame pericial dos moldes.

Dissemos que nossos moldes traziam em si a prova de sua origem metapsíquica.

Nossas afirmações estão verificadas pelo Sr. Charles Gabrielli, um

dos primeiros artistas em moldagem de Paris, e por alguns de seus mais ilustres colegas. Sua opinião é concludente.

Este é o relatório documentado desses senhores:

"O abaixo assinado, Charles Gabrielli, especialista em fundição, na rua de Cheroy, número 6, atesta ter examinado alguns moldes de parafina, vazados em gesso, que foram entregues para esse fim pelo Dr. Geley, diretor do Instituto Metapsíquico Internacional.

"Após um rápido exame no laboratório do Dr. Geley, trouxemos essas peças para a nossa oficina para um estudo cuidadoso.

"Chamaram imediatamente nossa atenção as três observações a seguir:

"1ª. A operação de vazamento do gesso nos moldes de parafina revela falhas de técnica que comprovam objetivamente, além de qualquer outra consideração, a falta de competência do operador, bem como a sua boa fé. Por exemplo: no exemplar número 1, as pontas dos dedos ficaram cheias de ar, o que é claramente visto pela transparência. O gesso não conseguiu atingir as pontas dos dedos. Este defeito, que um moldeador experiente teria facilmente evitado, é a prova formal de que o gesso foi realmente derramado nos moldes e que a peça não é um molde que foi mergulhado em parafina líquida. De resto, o gesso não preencheu completamente os moldes de parafina. Na parte das luvas de parafina que transborda dos gessos existe a impressão dos detalhes anatômicos de que falaremos mais tarde.

"Portanto, não há dúvida possível sobre a forma como foram obtidos os exemplares submetidos ao nosso exame: são, de fato, moldes de parafina preenchidos com gesso.

"2ª. A segunda observação que fizemos é a extrema delgadeza da camada de parafina que constitui os moldes. Em nenhum lugar as paredes chegam a um milímetro. Elas são finas como uma folha de papel. Essa delgadeza é tal que todos os detalhes anatômicos, rugas da pele, sulcos, linhas e unhas podem ser vistos através da camada de parafina, no gesso subjacente.

"3ª. A terceira observação é a delicadeza e veracidade desses

detalhes anatômicos. Podemos sentir positivamente a vida sob estes moldes estranhos e desconcertantes. São, evidentemente, moldes produzidos por mãos vivas.

"Não só existem detalhes anatômicos, mas traços de contração muscular, que só podem ser explicados por movimentos voluntários. Há sinais de fricção na pele que não deixam dúvida alguma.

"Após este primeiro exame procedemos a desmanchar o molde por meio de um jato de vapor que nos permitiu retirar completamente a parafina, sem alterar o gesso subjacente. Vimos no gesso os detalhes percebidos através da parafina.

"Como resultado do nosso exame, minucioso e prolongado, somos obrigados a afirmar o seguinte:

"Moldes tão perfeitos, com tal riqueza de detalhes, com indícios de contrações musculares ativas e com as rugas da mão, não poderiam ser obtidos a não ser de uma mão viva.

"Trata-se de vazados diretos, originais e não de repetições.

"Posteriormente, investigamos se seria possível obter, pelos mais diversos procedimentos, moldes análogos aos que acabamos de examinar.

"Estudamos especialmente os dois procedimentos indicados pelo Dr. Geley:

"1º. O procedimento de retirar o molde por meio de um corte na luva de parafina e união das bordas, após retirar a mão utilizada para a operação, não foi, com toda a certeza, utilizado para fazer os moldes que estamos analisando.

"a) De fato, não encontramos marcas de solda, riscos ou qualquer das deformações que são inevitáveis com este procedimento. Não há soldagens nas luvas que o Dr. Geley nos entregou. Existem aqui e ali rasgaduras ou afundamentos das luvas devido à sua extrema fragilidade; mas não há nada que se pareça com uma cola ou que possa ser tomado como tal.

"b) A operação de remover uma mão viva da luva não poderia ter sido realizada com luvas tão finas. Elas teriam sido infalivelmente

quebradas à menor tentativa; isso pode ser verificado facilmente por todo o mundo.

"A saída de uma mão viva de moldes de parafina com espessura inferior a um milímetro é uma impossibilidade.

"c) Mesmo com moldes mais grossos, tirar deles uma mão viva para fazer alguns dos moldes que examinamos, ainda que fossem seccionados na base, teria sido impossível.

"2º. O outro procedimento indicado pelo Dr. Geley na *Revue* consiste na utilização de uma mão de substância fusível e solúvel (açúcar, gelatina ou qualquer outra).

"A referida mão seria imersa em um banho de parafina; então, dissolvida em um recipiente com água fria, permitiria a obtenção de um molde de parafina completo, sem juntas e com a delgadeza desejada. O procedimento é muito engenhoso; mas, em nossa opinião, não foi utilizado para fazer os moldes que nos foram entregues pelo motivo acima exposto.

Uma reprodução do molde não ofereceria os mesmos finos detalhes que um vazado direto. As finas impressões desaparecem inevitavelmente nas reproduções. Um artista especialista nunca confundirá um vazado direto com uma reprodução. Em nossa opinião, formal e sem reserva, os exemplares que estudamos são, repetimos, moldes de mãos vivas.

"Nós nos perguntamos se, em rigor, poderiam ter sido usadas mãos de cadáveres. E respondemos com uma negativa. Os traços de contração muscular provam que eram mãos vivas. De resto, teria sido impossível obter, de mãos de cadáveres, moldes como estes, qualquer que fosse o artifício utilizado.

"Temos feito inúmeras tentativas para produzir artificialmente, pelos mais diversos meios, luvas semelhantes às que nos foram submetidas a exame; essas tentativas falharam completamente.

"Afirmamos que é impossível para nós compreender como foram obtidos os moldes de parafina do Dr. Geley. Para nós é um mistério.

Assinado: C. Gabrielli (pai).
Gabrielli Victor (filho).

"Nós, abaixo assinados, declaramos ter examinado os documentos do Dr. Geley com o Sr. Charles Gabrielli, e nos associamos a todas as suas conclusões.

Raphael Gabrielli (filho).
Barettini (moldeador).
Avenue de Saint-Ouen, 10.
Guido Marchelli (artista moldeador)."

XII. — Resumo das provas da autenticidade dos moldes metapsíquicos.

Iremos nos contentar com recordar todas as evidências que pudemos apresentar da autenticidade dos moldes de membros materializados, tanto nas nossas experiências em Paris quanto nas de Varsóvia.

Temos demonstrado que, mesmo sem contar com a vigilância do médium, segurado em suas duas mãos, toda fraude era impossível. Em efeito:

1°. A hipótese de uma fraude por meio de um simulacro de borracha é inadmissível. Este procedimento não dá senão resultados grosseiros e ridículos, cuja origem é descoberta à primeira vista.

2°. Não é possível reproduzir luvas semelhantes às nossas por meio de vazado direto rígido. Os ensaios elementares o demonstram imediatamente.

3°. O procedimento de um vazado direto de substância fusível e solúvel, recoberta com uma camada de parafina durante a sessão e dissolvida em um recipiente com água fria, é incompatível com as condições em que operávamos. Não tínhamos vasilha com água fria.

4°. A hipótese do uso de uma mão viva (do médium ou de um dos presentes) é inadmissível. Esse truque não pôde ser usado por numerosas razões; as principais são as seguintes:

a) Exige moldes muito grossos e fortes, enquanto os nossos

são muito finos e frágeis.

b) A posição intencional dos dedos em alguns dos nossos moldes teria impossibilitado a retirada de uma mão viva, qualquer que fosse a espessura das paredes e o artifício empregado.

c) As dimensões destes moldes não têm semelhança, muitas vezes, com as mãos do médium ou das pessoas presentes. Obtivemos, tanto em Paris como em Varsóvia, moldes que, devido ao seu tamanho, parecem mãos de crianças, sendo assim que não havia criança alguma na sala.

d) O exame antropométrico das impressões digitais prova que os moldes não provêm da mão do médium.

5°. A hipótese de moldes fabricados fora da sessão e transportados pelo médium ou os acompanhantes é refutada pelo fato da verificação por meio de corantes e da substância química secretamente introduzida em nossa parafina.

6°. Por último, o relatório dos especialistas em moldagem é categórico e decisivo.

Foi-nos objetado que os fenômenos não podem ser reproduzidos à vontade. Isso não é exato: com um médium como Franek Kluski é possível se obterem os fenômenos quase com toda certeza. Durante as sessões, pode ser solicitado o molde de um órgão deste ou daquele tamanho, forma e posição. Além disso, a experiência pode ser renovada. Vários de nossos moldes evidentemente representam a mão da mesma entidade. É um erro pretender que o mesmo fenômeno não pode ser obtido duas vezes seguidas na metapsíquica.

O leitor de boa fé que leu o capítulo sobre os moldes de membros materializados descobrirá que nossas experiências não têm medo de enfrentar uma discussão séria.

XIII. — Materializações de rostos.

Passemos agora às materializações de rostos.

Em todas as sessões de sucesso, exceto na primeira, temos observado aparições de rostos humanos. Este fenômeno, assim como o fenômeno da moldagem de membros materializados, deixou-nos completamente satisfeitos. Nas condições de vigilância que descrevemos (feitas em nosso laboratório, fechado, sem qualquer conluio possível; o médium, imobilizado por sujeição de suas mãos; fraca iluminação de luz vermelha) temos por verdadeira a autenticidade da formação de ectoplasmas representando todos os traços característicos do rosto humano.

Eram rostos em tamanho real. Geralmente apareciam por trás do médium ou dos lados dele. Estavam situados acima da cabeça de Franek e dos experimentadores sentados. Pareciam ser os rostos visíveis de seres humanos em pé, cujos corpos eram invisíveis. Porém, várias vezes pudemos ver, também materializados, o busto e as extremidades superiores.

Como a visibilidade com luz vermelha era muito fraca, esses seres, para melhor se deixarem ver, frequentemente pegavam um dos abajures depositados sobre a mesa, na frente do médium, e o aproximavam até o contato com seu rosto; outras vezes, os rostos materializados, em vez de fazerem uso dos abajures, iluminavam-se com uma substância auto-luminosa, principalmente por uma espécie de tecido fosforescente. Esse fenômeno lembrava de maneira surpreendente a bela gravura clássica do pintor James Tissot. Por último, com muita frequência, os rostos eram luminosos por si mesmos.

Eram rostos vivos. Seu olhar, muito vivo, detinha-se, fixamente, nos experimentadores. Sua fisionomia, grave e tranquila, refletia a aparência de uma severa dignidade. Esses seres pareciam conscientes da importância de seu papel.

Eis algumas de nossas observações analíticas:

Terceira sessão (12 de novembro de 1920).

Esta sessão foi improvisada e teve um caráter íntimo e de

comprovação.

Franek viera para me fazer o relato de sua vida. Eram onze horas da noite e estava prestes a retirar-se quando de repente, movido por um daqueles impulsos tão frequentes nos médiuns, manifestou o desejo de fazer uma sessão.

Pedi então à Sra. Geley e à Sra. G..., que tinham acompanhado o médium, que me ajudassem. A vigilância foi perfeita durante toda a sessão. A Sra. Geley e eu seguramos as mãos de Franek. Leve iluminação de luz vermelha.

"Forma-se a corrente; todos estão de mãos dadas. Algumas luzes aparecem ao redor do médium como nas sessões anteriores, porém mais volumosas. Existem também como que jatos de luz.

"Percebo contatos de mãos em meus braços e na minha cabeça, um véu roça meu rosto.

"Os abajures fosforescentes colocados sobre a mesa levantam-se e elevam-se várias vezes no ar. Eles chegam quase ao contato com os rostos; aparecem por trás do médium e iluminam-se vivamente. A mais clara dessas visões é a seguinte: elevado o abajur por uma mão invisível, ele é transportado atrás do médium, cerca de 0,50 m. acima de sua cabeça, um pouco à sua direita, ao meu lado. Eu vejo uma cabeça humana completa. Está recoberta com um tecido, espécie de véu ou turbante. É muito expressiva. Tem um nariz curvo, não tem barba, mas sim um pequeno bigode. Após alguns segundos desaparece e o abajur é jogado com bastante violência sobre a mesa.

"A sessão é interrompida devido ao cansaço do médium. Retoma-se após vinte minutos nas mesmas condições.

"Forma-se um rosto e ilumina-se com um abajur, à direita e acima do médium. É o rosto de uma idosa, desdentada, com rugas; um lenço cobre sua testa, amarrado por baixo da face direita. Os traços são bem determinados. Desaparece rapidamente, mas materializa-se de novo pouco depois, um pouco mais para trás na pequena câmara. Desta vez, ele é visto de perfil olhando para a direita. Permanece bastante tempo: cerca de dez segundos. Suspende-se a sessão por segunda vez...

Ao recomeçar, aparecem luzes volumosas, jatos de luz, contatos...;

um daqueles jatos de luz que parece uma musselina fosforescente aproxima-se de nós. Vê-se uma espécie de tecido branco com pontos mais luminosos. Este tecido luminoso aproxima-se de um rosto e o ilumina, ainda que muito pouco, para que se possam determinar as feições...”

Quarta sessão (14 de novembro de 1920).

“...De repente, um dos abajures ilumina um rosto perfeitamente formado. É a cabeça de um jovem, de grandes olhos negros e fino bigode. A entidade inclina-se. O abajur cai imediatamente...”

Sessão de 20 de novembro de 1920.

“Os abajures elevam-se, muito alto e por muito tempo. Chegam ao contato com rostos que iluminam bem. Esses rostos estão admiravelmente formados; reconheço o rosto do jovem já mencionado; sua cabeça tem o cabelo coberto por um véu; o bigode fino, o nariz curvo, os olhos negros e muito vivos.

“Logo após, a cabeça da idosa, desdentada, muito enrugada. Ela usa um véu na cabeça com um nó duplo na testa. Por último, uma cabeça, da qual só posso ver o occipício sob um véu... Ouve-se pronunciar a palavra ‘Thomasch’ (pronúncia polonesa de Tomas) e a mesma palavra é repetida, com voz fraca, à direita e atrás do médium, ao lado do conde Júlio Potocki. Imediatamente ele percebe-se violenta e afetuosamente tocado. Ouvem-se ‘tapinhas’ dados com a mão espalmada em suas costas e ombros. (O conde segurava a mão direita do médium e eu a mão esquerda.)

“Em seguida, é soletrado por meio de batidas o nome ‘Olesia’, nome da falecida irmã do conde.

“Em último lugar, percebe-se repentinamente, ao lado da cabeça do conde, uma forma luminosa, iluminada por si mesma.”

Toda a cena anterior é impressionante. Eis o relato completo feito pelo próprio conde. Nós o publicamos tal como ele o envia, deixando, é claro, ao nosso colaborador, toda a responsabilidade pelos detalhes

pessoais.

Sessão de 20 de novembro de 1920.

Terceira parte: O médium está sentado à mesa, fora da pequena câmara. O Dr. Geley segura a mão esquerda do médium. Potocki segura a mão direita. Os assistentes formam a corrente. O médium entra rapidamente em transe, o que é percebido por sua respiração característica. Surgimento de luminosidades fosforescentes acima e ao lado do médium. Percebo contatos e noto que há alguém entre Franek e eu. À minha esquerda, as cortinas da pequena câmara começam a balançar e a inchar, como empurradas pelo vento. Percebo que alguém se envolve num véu, inclina-se para mim e pronuncia ao meu ouvido, muito claramente, a palavra "Thomasch" (Tomas, em polonês). Em seguida, soletra aquela palavra tiptologicamente. Eu pergunto: "É Tomas Potocki?" (um primo por quem eu sentia muito afeto, falecido oito anos antes).

Recebo batidas bastante fortes e repetidas no ombro, para confirmar a resposta à minha pergunta.[65]

Agradeço a ele por ter vindo e pergunto se posso ser-lhe útil. Silêncio. Pergunto se ele vê "no astral" minha irmã, morta três anos antes. Resposta: “Sim”. E no mesmo momento sinto uma mão de mulher pousar docemente na minha testa, fazendo o sinal da cruz rodeado por um círculo, como a minha irmã sempre fazia, quando vivia, ao se despedir de mim. Eu conhecia bem sua mão, levemente iluminada pela borda do abajur luminoso, colocado sobre a mesa à minha frente. Ela passa sua mão várias vezes diante dos meus olhos e tenho mais e mais a impressão de reconhecê-la.

Ela aperta minha mão, acaricia meu rosto. Não tenho a menor dúvida; é certamente a sua mão, cujo contato eu reconhecia. Logo em seguida, uma bola luminosa forma-se diante do meu rosto. Esta bola afasta-se, depois aproxima-se bem perto do meu rosto e percebo, com

---

[65] Meu primo era entusiasta e exuberante. Eram batidas que soavam fortemente no meu ombro e que todos os presentes ouviam.

grande espanto e alegria, os traços perfeitamente identificáveis de minha irmã, que sorri para mim como sorria em vida. Ela me parece muito mais jovem, assim como era há vinte e cinco anos. (Ela morreu aos 54 anos.) A parte alta da cabeça está rodeada de véus tênues como nuvens. A aparição do rosto dura apenas alguns segundos. Tenho tempo para exclamar: "É ela!"

Depois tudo desaparece. Sua mão ainda traça o sinal da cruz várias vezes na minha testa; um sonoro beijo, alguns tapinhas no rosto e toda a manifestação cessa.

J. Potocki.

Na sessão de 21 de dezembro (realizada, por exceção, na casa do Sr. Jules Roche), "vi formarem-se sucessivamente quatro rostos bem visíveis. O mais definido era aquele bem conhecido da idosa, com um lenço cinza na cabeça. Ela está tranquila e grave. As feições são muito marcadas".

Durante nossa estada em Viena, observamos rostos análogos, às vezes luminosos por si mesmos. A mais notável dessas manifestações foi a seguinte: Por duas vezes durante as sessões, um ser aparece de repente atrás ou ao lado do médium. As feições eram regulares e finas, os olhos muito vivos. Usando um quepe de oficial polonês. Também era vagamente visível, sob a cabeça, o busto com uniforme. Durante essa visão singular, tinham sido tomadas as precauções habituais contra a fraude. A porta do quarto estava fechada à chave. Eu segurava com força uma das mãos do médium, que permaneceu completamente imóvel durante todo aquele tempo. Todos os presentes formavam a corrente. Por último, não havia armário ou objeto algum naquela sala que pudesse servir de esconderijo para um cúmplice.

A semelhança desse fenômeno com aqueles que obtivemos em nosso laboratório também é uma prova importante de sua autenticidade.

Agora, de acordo com nosso costume, devemos discutir a questão da realidade dessas materializações de rostos.

A primeira objeção que vem, de maneira natural, ao pensamento dos céticos é a de uma alucinação coletiva dos experimentadores (digo coletiva, porque todos tiveram as mesmas impressões). Esta objeção não é admissível. As evidências obtidas e descritas acima, provam absolutamente a objetividade dos fenômenos.

A hipótese de uma fraude, pelo contrário, deve ser seriamente discutida.

Para simular materializações de rostos, existem apenas três procedimentos que podem ser usados pelo médium:

a) Engano por meio de um cúmplice.
b) Ilusão produzida nos presentes pelo próprio rosto do médium, mais ou menos desfigurado.
c) Uso de máscaras manejadas com uma das mãos.

A primeira hipótese fica totalmente eliminada pelas condições experimentais que estabelecíamos: um camarada em conluio com o médium não poderia entrar em nosso laboratório.

A ilusão produzida nos presentes pela face do médium não é admissível. Sua vigilância não lhe permitia levantar-se ou inclinar-se muito para a direita ou para a esquerda. Aliás, repetimos que ele manteve constantemente a imobilidade absoluta.

Sua cabeça repousou no meu ombro várias vezes e eu sentia seu contato enquanto olhava os rostos materializados acima de sua cabeça ou mais longe.

Resta falar sobre o uso de máscaras.

Porém, tal truque precisa de todo um aparato que o médium, agarrado pelas duas mãos, não teria sido capaz de manejar. Supondo a liberação de uma única mão, isso teria sido insuficiente. Quase sempre duas mãos teriam sido necessárias: uma, para segurar a máscara; a outra, para levantar e aproximar o abajur à referida máscara.

Podemos, portanto, afirmar categoricamente: os rostos materializados não eram simulacros. Eram rostos vivos e inteligentes. Não era possível nos enganarmos.

É sumamente lamentável que a enfermidade do médium tenha ocorrido no momento em que, já terminadas as nossas moldagens, íamos, de acordo com o nosso programa, começar a fotografar as aparições. Esperamos ter mais sorte no futuro. Quanto ao resto, publicaremos entretanto as fotografias obtidas com Kluski pela Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia.

XIV. — Movimento de objetos sem contato e batidas.

Se tivéssemos desejado estudar os movimentos sem contato de objetos e as batidas, essa classe de fenômenos teria sido obtida com a maior facilidade.

Pelo contrário, temos evitado isso no possível, considerando-o de ordem inferior às materializações e desejando reservar para estas todo o poder do médium.

No entanto, espontaneamente e várias vezes, tem havido, malgrado nosso, batidas e movimentos sem contato.

Eram batidas dadas às vezes longe do médium, ou deslocamento ruidoso de objetos, sempre fora do alcance de Franek; em ocasiões no lado oposto da sala.

Na sessão de 15 de novembro, após a obtenção da moldagem de parafina de uma mão, observamos uma violenta manifestação de movimento sem contato em condições de perfeita vigilância (nesta sessão foi quando eu aproximei minha mão, que segurava uma das mãos do médium, à outra mão, vigiada pelo Professor Richet; de modo que a mão do Professor Richet, a minha e as duas mãos de Franek estavam em contato umas com as outras).

De repente, vemos o recipiente de parafina e o aquecedor que o sustentava (pesando em conjunto 8,350kg) erguidos no ar.

Esses objetos são transportados delicadamente acima de nossas cabeças e colocados sem ruído no chão, atrás e à direita do médium. Um momento depois, deixam-se ouvir batidas numerosas, precisas, muito impressionantes. Ouvem-se na pequena câmara auxiliar, depois

na própria sala, sobre uma mesinha afastada do médium (1,50m), e separada dele por uma grande mesa retangular, sobre a qual tínhamos colocado a parafina. Essas batidas são rudes, violentas. Soletramos. É uma comunicação em polonês cuja tradução é: “Acordem o médium!” Como essa ordem é ignorada, as batidas redobram com violência. Alguns anéis, um de ébano, outro de marfim, que estão sobre a mesa, saem projetados com muitíssima violência contra o chão, onde o anel de ébano parte-se em dois pedaços.

“Depois as batidas repetem-se com insistência: ‘Acordem o médium, acordem-no!’ Tal é a violência que obedecemos com relutância. Acendemos bruscamente a luz vermelha e o médium acorda.

“No dia seguinte soubemos que a hora para esta demonstração era a mesma que o médium havia comprometido para um encontro com um amigo chegado de Varsóvia. As exigências: "Acordem-no" parecem ter sido destinadas a impedir que ele faltasse ao compromisso. Trata-se, sem dúvida, uma espécie de reflexo psíquico subconsciente.”

Na sessão de 21 de dezembro, os fenômenos dos movimentos sem contato foram muito acentuados. Houve duas levitações completas da mesa; uma poltrona que ficava a dois metros da mesa e a três do médium, aproximou-se lentamente até o contato com os experimentadores.

“Uma pesada mesa de quatro pernas foi levantada e colocada sobre a mesa de experiências.”

Na sessão de 27 de dezembro, fiz esta anotação:

A cadeira do médium foi empurrada para trás várias vezes. A lâmpada vermelha com seu suporte (10kg) eleva-se de repente. O professor Richet exclama: "Você está vigiando bem a mão esquerda?" (a mais próxima da lâmpada). O conde Potocki responde: "Perfeitamente." A lâmpada, completamente levitada, pousa então suavemente no pavimento."

XV. — Materializações de formas animais.

As materializações de formas animais não são incomuns com Franek. Nas atas das sessões da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia, que depois publicamos, veremos citados especialmente uma grande ave de rapina aparecida em várias sessões e fotografada; depois, um ser estranho, uma espécie de intermédio entre o macaco e o homem. Ele é descrito como tendo a estatura de um homem, rosto simiesco, mas uma testa reta e desenvolvida; o rosto e o corpo cobertos de pelos, braços muito longos, mãos fortes e longas, etc. Ele parece estar sempre comovido, pega nas mãos dos presentes e lambe-as como um cachorro faria.

Esse ser, que chamávamos de Pitecantropo, manifestou-se várias vezes durante nossas sessões. Um de nós, na sessão de 20 de novembro de 1920, sentiu que a grande cabeça peluda apoiava-se pesadamente em seu ombro direito, contra sua face. Essa cabeça tinha cabelos grossos e ásperos. Desprendia-se dele um odor acre. Um dos presentes tendo avançado sua mão, o Pitecantropo pegou-a e lambeu-a longamente por três vezes. Sua língua era longa e macia.

Outras vezes notamos, sob as pernas, contatos que lembravam a esfregação de um cachorro.

XVI. — Manifestações de ordem intelectual.

É verdadeiramente difícil escrever um parágrafo especial sobre as manifestações de ordem intelectual durante nossas sessões com Franek.

Essas manifestações geralmente confundiam-se com fenômenos físicos. Estes últimos nunca tiveram nada de incoerente ou anárquico. Eles sempre iam dirigidos inteligentemente com um objeto, bem definido. Os contatos das mãos, as luminosidades, as aparições de rostos denotavam uma ideia diretriz evidente, consciente e de aparência autônoma.

Os moldes precisam de uma verdadeira colaboração entre as

entidades operantes, sejam elas quais forem, e nós. Eles tratavam de nos satisfazer da melhor maneira possível. Por exemplo, a nosso pedido, obtivemos o molde de um pé. A pedido meu, obtive mais tarde, em Varsóvia, dois modelos que compreendiam a mão e o antebraço até ao cotovelo, moldes sem os defeitos anteriormente assinalados.

As 'entidades' não me pareceram de ordem intelectualmente superior. Como Crawford acha, eles me parecem ter a mentalidade e a ganância dos operários e nada mais.

Fiz uma observação curiosa: todos os nossos moldes eram obra de certas "entidades". Agora, as outras "entidades" pareciam estar tão interessadas quanto nós no resultado obtido. Eu vi um desses seres em Varsóvia pegar o abajur fosforescente, direcionar sua luz sobre as luvas e olhá-las longamente com curiosidade apaixonada!

O psiquismo dos "colaboradores invisíveis", como Crawford diz, em si mesmo mereceria um longo artigo.

As poucas sessões que tivemos não nos permitiram encetar este estudo. Nada podemos dar além de uma impressão muito geral, baseada, aliás, não apenas em nossas sessões com Franek, mas, acima de tudo, no que vimos com outros médiuns.

Uma certa parte do psiquismo do médium encontra-se no psiquismo das "entidades". Parecem compartilhar seus desejos, seus medos, seus preconceitos ou suas fobias. Também existe nele algo do psiquismo dos principais experimentadores. É verdade que o desenvolvimento geral das sessões e as principais modalidades fenomenais são parcialmente condicionados pela mentalidade dominante do organizador das experiências.

Crawford, professor de mecânica, obtinha fenômenos mecânicos. O Dr. De Schrenck-Notzing, especializado no estudo dos fenômenos da substância amorfa, obtinha em abundância "substância" e ectoplasmas semi-organizados, semi-amorfos. Nós mesmos, que buscamos sistematicamente os fenômenos mais complexos, obtivemos, sobretudo, fotografias de rostos de grande beleza e mãos cuja organização anatômica nada deixava a desejar.

Mas se o psiquismo do médium e dos experimentadores

representa um papel inegável, ele não é exclusivo, nem mesmo primordial.

Segundo todas as aparências, a iniciativa dos fenômenos não provém de um nem dos outros. Certas modalidades experimentais também revelam igualmente uma vontade exterior.

Sem dúvida, essa vontade, estranha em aparência, pode ter em realidade sua fonte no subconsciente. Mas esta é apenas uma hipótese realmente difícil e complicada.

Seria muito cômodo declarar peremptoriamente: "Tudo provém do médium: matéria, força e inteligência diretriz!" Mas nem sempre isso está de acordo com os fatos.

Em qualquer caso, é prudente suspender todo julgamento prematuro sobre esta questão tão importante e simplesmente dizer o seguinte:

Tudo acontece nas grandes sessões mediúnicas como se:

1°. O surgimento dos fenômenos, a iniciativa, a ideia norteadora primária proviesse de entidades autônomas e independentes.

2°. Esse psiquismo, diretor primordial, combinar-se-á de forma inextricável e não analisável, com elementos mentais, conscientes e subconscientes, retirados do médium e dos experimentadores.

Já apontamos no decorrer de nosso estudo as manifestações mais originais de ordem intelectual (fora da colaboração para os moldes). Lembremos simplesmente os aplausos de mãos invisíveis; a elevação do recipiente de parafina por cima das cabeças dos experimentadores; as respostas inteligentes por meio de batidas; as manifestações espiritoides.

Repetidas vezes, um ou outro experimentador ouvia junto aos ouvidos, fora do alcance da boca do médium, algumas palavras ditas em voz que não permitia sua compreensão.[66]

Fizemos algumas tentativas de obter mensagens por meio da escrita automática; porque Kluski também é um admirável médium

---

[66] Exceção feita aos dois nomes mencionados acima.

de escrita. Renunciamos a isso quando vimos que essas manifestações eram obtidas à custa dos fenômenos de materialização. Estes ficavam atenuados ou desapareciam quando o médium não devotava a eles todas as suas forças.

A mais curiosa dessas tentativas de automatismo foi feita pelo conde Potocki, em 22 de novembro de 1920. Eis a narração, da mão do nosso colaborador:

"Franek Kluski veio ver-me na segunda-feira, 22 de novembro, por volta das três da tarde. Conversamos sobre política, a guerra, os acontecimentos na Polônia em agosto de 1920; mais tarde, da mediunidade, das sessões, da escrita direta, etc. De repente, Franek pediu-me lápis e papel para tentar fazer a escrita automática. Logo que ele sentou com uma folha de papel à sua frente, caiu em um leve transe e começou a escrever com uma velocidade surpreendente, bem conhecida de quem já assistiu a essas sessões. A forma da letra mudava rapidamente como se estivesse ocorrendo um diálogo, transmitido pelo médium, entre duas pessoas com pressa de se manifestar.

Cito literalmente as frases, escritas alternadamente em diferente formato de letra e muito diferentes umas das outras:

"De minha parte, nada sei."

"E, no entanto, Júlio está realmente aqui."

"Como ele envelheceu!"

"Júlio, de onde e como você vem aqui?"

"Esta é a sua casa?"

"Quem é esse homem?" (o médium).

"Júlio, é você de verdade?"

"Pode tudo isso ser real?"

"Júlio, é verdade que te vejo aqui?"

"Será que você já está entre nós ou ainda continua lá? (na terra?)."

"De qualquer jeito, isto é incrível; é a segunda vez que vejo você aqui!"

"Meu caro Júlio, estou tão maravilhada! O que quer dizer tudo isto?"

"Toda e qualquer dúvida deve desaparecer; é você, mesmo, não há dúvida possível!"

"A que vem tudo isto?"

"Para todos nós toda ajuda só pode vir de..."

"Sim, sim, Júlio; você o desejou, e o desejo é a força do momento."

"Ainda não consigo escrever, sinto-me como desvanecido."

"Júlio, não posso admitir este fenômeno; acho tudo isso fantástico, incrível."

"Dogmas não são a essência das coisas."

"Júlio, o que quer dizer tudo isto?"

"Esta não é a sua casa!" (Minha casa em Varsóvia.)

"O que significa aquela fresta brilhante na cortina opaca que nos separa?"

"Pegue a mão que segura o lápis!"

"Júlio, eu estou sentindo você, isso é verdadeiramente incrível!..."

"Júlio, será que você ainda pode duvidar?"

"Agora não te recriminarei mais!"

"Perdoe-me a cena violenta na casa do Maurício. Já disputamos tantas vezes sobre o que é a própria realidade, a mais real! Júlio, me perdoe! Você quer ver Thomas? Ele estava ao seu lado. Ele ainda não pode escrever, mas eu posso substituí-lo. Júlio, você quer pedir a ele um detalhe, uma prova?"

(Eu peço esta prova.)

Thomas. — "Lembra-se da nossa conversa no Palácio Azul sobre o teatro? Você estava muito certo; não era um teatro o que precisávamos naquela época!"

(Isto refere-se ao ano de 1910. Naquela época, meu primo, o conde Thomas Potocki, dirigia um comitê para a construção de um grande teatro modelo em Varsóvia, trabalho que o ocupava muito. Na época ele assistia a sessões mediúnicas de materializações. Pois bem, uma noite Thomas Potocki me contou sobre seu teatro no Palácio Azul (hotel do conde Zamoyski). A esta conversa refere-se a citação acima, e esta conversa íntima só poderia ser conhecida por mim.) (Nota do

conde Potocki.)

Há algo verdadeiramente impressionante nesta espécie de diálogo, registrado por conduto do médium como se fosse um fonógrafo. Acontece como se esse diálogo realmente acontecesse entre várias entidades invisíveis que às vezes expressam sua surpresa mútua ao verem seu parente novamente, e às vezes se dirigem a ele com hesitação.

Há nesta manifestação um selo de verdade, um realismo espiritoide inegável.

Se isso é resultado de uma comédia do subconsciente, deve-se confessar que é profundamente desconcertante!

Como se vê, a mediunidade de Franek Kluski é tão variada quanto poderosa. Seriam necessários longos anos de estudo, prosseguidos sem descanso, para obter dela o máximo possível. Infelizmente, a situação profissional e familiar de nosso amigo não lhe permite consagrar-se à sua mediunidade.

Esperemos ao menos que tenha a bondade, quando para ele for possível, de nos dedicar alguns meses que seriam estritamente indispensáveis.

Entretanto, agradecemos mais uma vez e de todo o coração pelo grande serviço que tem prestado à ciência metapsíquica. O interesse que as atas de nossas experiências tem despertado em todos os lugares é a primeira recompensa por sua abnegação.

XVII. — As experiências da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos com Franek Kluski.

Durante os anos de 1919 e 1920, a Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos desenvolveu uma série de experiências notáveis com Franek Kluski; teve a atenção para comigo de me autorizar a publicar suas atas in extenso, com as fotografias das formas materializadas.

Não tendo tido qualquer intervenção direta ou indireta nestas

sessões, devo, é claro, apresentar estas atas e fotografias apenas a título documental. Eu simplesmente desejo dar aos meus leitores uma ideia justa das diversas modalidades da mediunidade tão poderosa de Franek Kluski.

Agradeço cordialmente à Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos, a Franek Kluski e ao coronel Okolowicz, que presidia as sessões e redigiu as atas das sessões. Agradeço também ao meu amigo conde J. Potocki, que teve a gentileza de cuidar da tradução.

As experiências dos anos 1919 e 1920 foram feitas especialmente com o objetivo de fotografar as formas materializadas.

Este objetivo foi apenas parcialmente alcançado. No entanto, foi possível obter alguns documentos interessantes e as sessões, quase todas, foram marcadas por fenômenos importantes.

Todas as sessões foram verificadas em condições idênticas.

A sala de experiências era o escritório de Kluski; é uma sala grande, localizada no canto de seu apartamento, no quinto andar. Esta sala tem cerca de sete metros de comprimento por cinco de largura. Há uma única porta de entrada e uma janela.

A mobília é: uma mesa sobre a qual há uma máquina de escrever e uma lâmpada elétrica vermelha; pequenos móveis com papéis e correspondência do Sr. Kluski; uma estante para livros, algumas cadeiras, tamboretes e um sofá.

Não havia panos, musselina ou tecido branco de qualquer tipo ali. Antes de cada sessão, a sala era cuidadosamente revistada; a janela era fechada com suas venezianas e cortinas opacas e a porta com um trinco pelo lado de dentro.

Os experimentadores agrupavam-se em um semicírculo no fundo da sala e na frente da janela. O médium sentava-se em uma cadeira comum, no meio do círculo, agarrado pelas duas mãos. A Figura 92 indica a disposição geral do círculo.

A sala era iluminada por uma lâmpada elétrica vermelha, colocada sobre a mesa ao lado da janela, voltada para o círculo dos experimentadores e que permitia uma visão satisfatória das formas

materializadas.

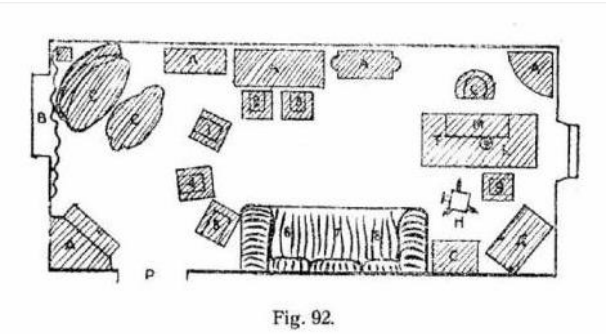


Fig. 92.

Fig. 92 - 1. médium. - 2, 3/4, 5, 6, 7 e 8, experimentadores.— T. Mesa.— M. Máquina de escrever.— L. Lâmpada elétrica vermelha. - H. Aparelho fotográfico. - G. Fotógrafo. - A. Móveis pequenos. - B. Biblioteca. - P. Porta.— C. Cadeiras colocadas à direita da janela.

Ao lado desta mesa estava um aparelho fotográfico, já enfocado, e um pouco atrás desse aparelho, um dos experimentadores estava preparado para produzir a explosão de magnésio no momento certo.

Essas sessões eram realizadas à noite; eram muito prolongadas, interrompidas por longos períodos de descanso. Às vezes, como veremos, durava a noite toda.[67]

Naquelas longas sessões manifestaram-se muitas formas materializadas, humanas ou animais.[68] Muito poucas foram fotografadas.

A razão para isso é a seguinte: A explosão de magnésio não ocorre antes de obter o consentimento das entidades materializadas. Pois bem (e uma observação bastante curiosa), muitas dessas entidades pareciam temer a explosão de magnésio e não estavam dispostas a fazê-lo.

O revelado das placas era feito imediatamente, após a sessão, na

---

[67] Este detalhe é de relativa importância do ponto de vista da autenticidade dos fatos. Quem seria o fraudador que, sem ser motivado por um interesse material, simplesmente para "pregar uma peça", passaria noites inteiras em sessões insípidas?

[68] Por mais estranhas que sejam as materializações de formas animais, sua realidade não oferece dúvidas. Pudemos constatá-lo em experiências recentes, feitas no Instituto Metapsíquico.

mesma sala.

Era usado um aparelho comum de 13x18. As operações fotográficas eram realizadas pelo tenente Dluzynski e pelo coronel Okolowicz.

Observação importante: o médium geralmente conservava a consciência do que estava acontecendo; ele observava os fenômenos, mas devia manter uma passividade mental absoluta, sob pena de, por assim dizer, aspirar as formas e fazê-las entrar novamente nele. As atas, lavradas imediatamente após as sessões, são assinadas por todos os presentes.

ATA DA SESSÃO DE 30 DE AGOSTO DE 1919

Presentes: o médium Franek Kluski; vigilantes: Sra. L. Sokolow, Sr. S. German, coronel Okolowicz, Sra. Z. German, Sra. Hertner, Sra. Okolowicz; fotógrafo, Tenente Dluzynski.

Primeira parte da sessão.

A sessão começa às 22h45. Uma agulha magnética mostra um movimento de 10 graus.[69]

Pretendemos obter fotografias de materializações. Como nada se manifesta, suspendemos a sessão às onze e meia da noite.

Segunda parte da sessão.

Retomamos às doze e quinze minutos. Pretendemos obter fotografias de materializações. Após alguns minutos de espera, os assistentes percebem pontos luminosos ao redor do médium e, ao mesmo tempo, ouvem sons de rangidos e passos na sala ao lado. O médium pede que, quando a entidade materializada estiver pronta para ser fotografada, dê quatro batidas bem diferenciadas.

Simultaneamente, várias aparições são observadas. A primeira,

---

[69] Ver, para aquilo que se refere à ação de Kluski na bússola, a edição de setembro-outubro de 1922 da *Revue Métapsychique*.

que se deixou ver de forma mais clara, foi uma que já era conhecida dos presentes, tendo aparecido em sessões anteriores.

Era um ser do tamanho de um homem adulto, muito peludo, longa cabeleira e barba emaranhada, revestido de uma espécie de pele. Sua aparência lembrava uma besta ou um homem primitivo. Ele não falava, mas emitia sons roucos com os lábios, estalava a língua, rangia os dentes e tentava em vão se fazer entender. Quando chamado, ele se aproximava, deixando acariciar sua pele aveludada; tocava as mãos dos assistentes e as arranhava com algo mais parecido com garras do que com unhas. Obedecia à voz do médium e não fazia mal aos assistentes, a quem tocava suavemente. Isso já era um progresso, pois nas sessões anteriores este ser manifestava grande violência e brutalidade. Ele tinha uma inclinação franca e tenaz para lamber as mãos e os rostos do público, que tentava evitar essas carícias tão desagradáveis. Ele obedecia a cada ordem dada pelo médium, não apenas quando a ordem era expressa verbalmente, mas também quando era expressa apenas através do pensamento.

Vimos então a materialização de um homem que dizia chamar-se Carlos e que, aproximando-se do coronel Okolowicz, cumprimentou-o dando-lhe três tapas nas mãos. Pediu corresponder tiptologicamente e disse que havia morrido há treze anos, mas não quis se deixar fotografar, alegando que o médium não permitia. Como o médium retrucasse bruscamente que ele estava mentindo, ouviram-se umas fortes bofetadas e o médium sentiu uma mão bem formada golpeá-lo na cabeça, nas mãos e nas costas. Perguntou a Carlos quem era o ser tão peludo que acabava de se manifestar e ele respondeu que não sabia.

A seguir, uma após outra, houve duas aparições de mulheres, com rostos bem formados e um esboço do peito. Na primeira foi reconhecida "Rheri", uma índia de Calcutá, que já havíamos visto em sessões anteriores, e com quem conversávamos em inglês.

Em seguida, ouviram-se quatro pancadas, e preparamos o magnésio para tirar uma foto. Naquele momento, e sem que ninguém a tocasse, a lamparina de luz vermelha, colocada sobre a mesa,

apagou-se. Imediatamente o tenente Dluzynski tirou a fotografia e a lamparina tornou a se acender sozinha (lâmina XLVII, fig. 95).

Após a explosão, ouviram-se rangidos e barulho de móveis sendo removidos.

Uma pequena mesa e uma coluna de madeira que sustentava um candelabro foram transportadas por sobre a cabeça do médium e do coronel Okolowicz até o centro dos assistentes. Simultaneamente, o sofá foi empurrado contra a cadeira em que o coronel Okolowicz estava sentado.

Terceira parte da sessão.

A sessão foi retomada às quatro da madrugada.

Desejamos fotografar novas aparições materializadas.

O médium propõe cantarmos para concentrar os pensamentos dos assistentes, e pede que quando a materialização estiver pronta para a fotografia, dê quatro pancadas. Cantamos a meia voz o hino da Sra. Konopnicka, e a seguir três canções das legiões polonesas. Enquanto cantávamos, vários resplendores e pontos luminosos foram vistos. Às quatro e quinze minutos, as quatro pancadas foram ouvidas, e o tenente Dluzynski tirou a foto instantaneamente (lâmina XLVII, fig. 96).

O médium estava muito cansado e pediu para suspendermos a sessão. Assim fizemos. (Seguem as assinaturas dos participantes.)

ATA DA SESSÃO DE 3 DE SETEMBRO DE 1919

Presentes: o médium Franek Kluski; vigilantes: Okolowicz, Józefowicz, Sra. Grzelak, Sr. Broniewski, Sra. Kluska e Sr. Nencki e Ratold; fotógrafo, Sr. Dluzynski.

Primeira parte da sessão.

A sessão começa às dez e quinze minutos. A agulha magnética marca um desvio de 35 a 40 graus.

O médium e as pessoas sentadas à sua volta formam a corrente de mãos dadas.

Pretendemos obter fotografias de materializações. Um minuto depois de desligar todas as luzes (exceto a vermelha), os participantes observam resplendores que, ao se condensarem, formam um rosto onde se viam dentes luminosos e fosforescentes. Simultaneamente, o médium e as pessoas sentadas à sua volta sentem a presença da besta - homem primitivo, da mesma forma que nas sessões anteriores. Essa materialização deu uma volta ao redor do grupo de participantes, lambendo suas mãos e rostos, tocando-os com sua mão ou pata peluda, ou roçando-os com sua cabeça hirsuta. Todos esses gestos foram lentos e sem nenhuma brusquidão. Esta 'entidade' apenas demonstrava uma certa animosidade em relação à cadelinha da Sra. Kluska (Frúsia) que estava no colo da Srta. Grzelak. A materialização puxou as orelhas e os pelos da cadelinha, que começou a ficar zangada e latir. Por último, muito assustada, ela saltou dos joelhos da Srta. Grzelak, foi refugiar-se no sofá entre as pessoas que nele estavam e não se mexeu mais. O médium pediu às aparições que dessem quatro pancadas quando quisessem deixar-se fotografar. Ouviram-se sem demora, e o tenente Dluzynski tirou a foto.

Pouco antes do resplendor do magnésio, a lâmpada vermelha desligou-se sozinha e depois do brilho tornou a se acender sem que ninguém a tocasse. Durante o resplendor, os assistentes viram, por cima do médium, uma forma branca, com silhueta humana, mas bastante confusa, como pode ser observado na lâmina XLVIII, fig. 97.

Observação— Durante toda a sessão, a cadelinha, enrolada no sofá, permaneceu imóvel, mas toda ela tremia.

Segunda parte da sessão.

Recomeçou às onze e quarenta minutos da noite.

A agulha magnética oscila a 15°.

Desde o início houve várias aparições, entre outras, a do homem primitivo, que ficou o tempo todo sentado no chão, no tapete, entre os

assistentes. Permanecia relativamente quieto; mas não permitia que projetassem sobre ele os abajures luminosos e até chegou, rosnando, a arrancar o abajur das mãos da Sra. Kluska. Breve aparição da índia Rheri. De repente, vários objetos que estavam no saguão foram arremessados contra o sofá, entre outros, uma baioneta com seu cinto de couro, uma jarra de militar, e o Sr. Broniewski viu como seu chapéu era colocado nele violentamente. Observou-se também a mesma aparição da fotografia, algo assim como uma cabeça luminosa envolta em um sudário. Esta aparição estava a aproximadamente dois metros do médium. Passos e rangidos também foram ouvidos, mas como o sinal para a fotografia não se deixava ouvir, encerramos a sessão às 12h30. A cadelinha não assistia à sessão. (Seguem as assinaturas dos participantes.)

ATA DA SESSÃO DE 7 DE DEZEMBRO DE 1919

Presentes: Franek Kluski, médium; vigilantes: Sra. Jankowska, coronel Okolowicz, Sr. Kryniewicz, Dr. Jankowski e Sr. Roland; fotógrafo, Sr. Dluzynski.

Primeira parte da sessão.

A sessão começa às onze horas da noite. Os presentes não formam a corrente.

Após três minutos de espera, percebem-se umas luminosidades e a cadelinha da Sra. Kluska, que estava nos joelhos da Sra. Jankowska, mostra-se muito inquieta, salta ao chão e refugia-se em um canto da sala. Logo em seguida, o homem primitivo apareceu, mas não quis se deixar fotografar.

Simultaneamente, vê-se o rosto de uma jovem muito iluminada e bem materializada.

Às 11h20, uma ave muito grande (como a águia ou abutre da sessão n.º 1), bem materializada e iluminada, é vista acima da cabeça da Sra. Jankowska. Também se ouvem rangidos e barulho de passos.

Às onze e quarenta, ouve-se como diferentes objetos na sala são

movidos violentamente e projetados no ar.

Às onze e cinquenta uma aparição produz por tiptologia (muito clara e fortemente) as palavras "Hirkil" e "Sina Katí"; depois vemos muitas luzes. Negativa total a se deixar fotografar.

Segunda parte da sessão.

A sessão recomeça às doze e vinte e cinco (à noite).

Atrás do médium, sobre uma mesinha, são colocados alguns címbalos e a máquina de escrever e uma cítara ao lado do aquecedor.

O Sr. Roland canta em voz baixa, os címbalos acompanhando a música são ouvidos, e a cítara bater no chão com violência várias vezes; às doze e quarenta e cinco ouvem-se as quatro batidas, senha para fotografar, ocorre a explosão do magnésio e a sessão é encerrada.[70]

Nota. – Na segunda parte da sessão, a cachorrinha não estava a sala de experiências.

(Seguem assinaturas.)

ATA DA SESSÃO DE 14 DE SETEMBRO DE 1919

Presentes: o Sr. Franek Kluski, médium; vigilantes: Srta. Grzelak, Sres. K. Broniewski, Kaminski, Rembski, Dr. Sokolowski. Sres. Zitomirski, Ehrenkerg; fotógrafo, coronel Okolowicz.

A sessão começa às dez e meia da noite.

Os espectadores agrupam-se em torno de uma mesa e formam a corrente. As mãos do médium são seguradas pela Sra. Grzelak à esquerda e o Sr. Broniewski à direita.

Existe o propósito de obter moldes na parafina, que está em um recipiente de metal no centro da mesa.

Depois de desligar a luz, os presentes veem muitas luzes e nebulosas fosforescentes ao redor do médium. Ouvem-se ruídos e

[70] A fotografia está faltando no texto polonês que me foi enviado.

várias pessoas são tocadas por mãos bem formadas. Dr. Sokolowski pede que sejam moldadas em parafina. Especifica mais: moldes de mãos com dedos cruzados e molde de um pé. Logo ouvem-se ruídos na vasilha da parafina e logo depois, às onze horas, a sessão é encerrada.

Três moldes foram obtidos: duas mãos bastante grandes, uma delas com os dedos dobrados, e o molde de um pé de criança.

Segunda parte da sessão.

A sessão começa às onze e meia da noite. O coronel Okolowicz é o responsável pela fotografia. Seguram as mãos do médium os experimentadores que estão a cada lado dele.

Existe o propósito de fotografar as aparições materializadas.

Quando ficamos na escuridão, luzes e formas luminosas são vistas ao redor do médium. Ouve-se o rosnado característico e o ranger de dentes que denuncia o aparecimento do homem primitivo. Este ser caminha entre os circunstantes, esfrega-se com eles, lambe as mãos do senhor Broniewski. Um abajur luminoso que a Sra. Grzelak tinha nos joelhos é brutalmente arrancado, lançado ao ar e flutua perto do teto por dois minutos, com a superfície luminosa voltada para baixo, de modo que o fenômeno era bem visível e fácil de observar por qualquer pessoa. Aí esse mesmo abajur caiu sobre os joelhos da Srta. Grzelak como se quisesse retomar seu lugar... Ouviram-se as quatro pancadas, senha para a fotografia, e o coronel Okolowicz produziu a explosão de magnésio. Como as luzes continuavam, perguntamos se poderia ser obtida uma outra fotografia. Sendo a resposta negativa, a sessão foi encerrada às 12h30 e a fotografia foi imediatamente revelada. (Lâmina XLIX, fig. 98.)

(Seguem as assinaturas.)

ATA DA SESSÃO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1919

Pretendemos obter moldes de parafina e fotografar as aparições. A sessão começa às onze horas da noite. Todos os

presentes estão agrupados em volta de uma mesa, em um canto. O recipiente de parafina está no meio da sala. Os assistentes formam a corrente.

Primeira parte da sessão.

Presentes: Sr. Franek Kluski, médium; vigilantes: Srta. Grzelak, Príncipe Lubomirski, Sr. Broniewski, coronel Okolowicz e Srta. Kluska.

Quando ficamos no escuro (a lâmpada vermelha ficou acesa como de costume sobre a mesa), luzes foram vistas e foram ouvidos movimentos na parafina. O Sr. Broniewski e o Príncipe Lubomirski, que estavam sentados em frente à lâmpada vermelha, viram muito bem as silhuetas das mãos formadas por cima do recipiente. As luminosidades concentraram-se em torno do médium, 1,80m acima dele; a seguir, formaram um triângulo luminoso cujos lados eram formados por estrelinhas luminosas. O fundo do triângulo estava cheio de pontos luminosos de várias magnitudes. O fenômeno durou alguns segundos. Ouviram-se respingos na parafina e o barulho dos moldes, quando caíram na mesa. No mesmo instante, a máquina de escrever que estava em cima da mesa, à plena luz da lâmpada vermelha, começou a escrever sozinha e os presentes notaram que ela estava escrevendo muito depressa; as teclas da máquina moviam-se muito rápidas, como se fossem movidas por um datilógrafo habilidoso. No entanto, não havia ninguém ao lado da máquina de escrever! As pessoas que seguravam as mãos do médium notaram que elas se crisparam enquanto a escrita acontecia.

A reunião foi encerrada às onze e meia da noite. A luz branca foi acesa e três moldes de mãos foram encontrados.

A máquina havia escrito durante o referido momento da sessão as seguintes palavras: “Eu sou o sorriso do equilíbrio; meu poema de amor e vida preenche os séculos.”

Segunda parte da sessão.

A sessão recomeçou às doze. Fazemos a corrente. Trata-se de

obtermos fotos das aparições. Quando ficamos na escuridão, vemos poderosos efeitos luminosos, nebulosas fosforescentes, luminosidades intensas, bem como uma grande bola luminosa flutuando no ar não muito longe do médium. Ouvem-se passos e o rumor de um tecido que arrasta pelo chão, sussurros e vozes bem fracas que partem de todos os cantos da sala; mas as palavras permanecem ininteligíveis. Também o homem primitivo fez sua aparição, esfregando-se com os assistentes da sessão.

Depois das quatro pancadas habituais, a fotografia foi tirada e a sessão ficou encerrada à uma da manhã; a placa foi imediatamente revelada. (Lâm. XLIX, fig. 99.)

Terceira parte da sessão.

A sessão recomeça outra vez às duas da manhã; mas como o médium estava muito cansado e as manifestações eram cada vez mais e mais fracas, a sessão foi interrompida após meia hora.

ATA DA SESSÃO DE 25 DE DEZEMBRO DE 1919

Presentes: Sr. Franek Kluski, médium; vigilantes: Sra. Sokolawa, Sr. Sokol e Sr. Kryniewicz; fotógrafo, coronel Okolowicz.

Tratamos de fotografar as aparições materializadas simultaneamente com dois aparelhos fotográficos. A sessão começa às onze e meia da noite: o médium, muito bem disposto, está acordado e fala com os circunstantes. Quando ficamos no escuro (exceto pela lâmpada vermelha sobre a escrivaninha), grandes e pequenas luminosidades são observadas e, vinte minutos depois, soam as quatro pancadas combinadas e ocorre a explosão de magnésio. (Lâm. L, fig. 100.)

A sessão foi definitivamente encerrada e fomos revelar os clichês.

(Seguem assinaturas.)

ATA DA SESSÃO DE 15 DE JUNHO DE 1920

Presentes: Sr. Franek Kluski, médium; vigilantes do médium: Sr. Iskowski, Sr. Niemojewski, Sra. Iskowska e Sra. Wanda Kluska; fotógrafo, coronel Okolowicz.

O médium está bem disposto, fala com os presentes e pede que a entidade materializada se deixe fotografar com o rosto descoberto, e não velado, como nas vezes anteriores.

Após o sinal das quatro pancadas, a fotografia é tirada com um aparelho 9/12.

Após a revelação do clichê, ele foi depositado em um recipiente cheio de água e guardado em um dos armários da sala. No dia seguinte, o clichê foi encontrado misteriosamente cruzado por listras perpendiculares. (Lâm. L, fig. 101.)

Algumas outras fotografias foram obtidas em sessões ulteriores. Elas serão objeto de uma publicação especial.

A Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos.

LAMINA LI.

Fig. 102.
Juan Guzik.

LAMINA LII.

Fig. 103.

Capítulo III

Experiências com Jean Guzik

I. — O manifesto dos trinta e quatro.

Considero-me no dever de publicar, antes de minhas experiências com Jean Guzik, o ditame assinado por trinta e quatro notabilidades francesas e estrangeiras.[71]

Este ditame é a conclusão de uma série de experiências de demonstração feitas em 1922-1923, gestionadas por mim, no Instituto Metapsíquico Internacional.

Mais de oitenta personalidades da elite parisiense assistiram a essas sessões de demonstração e, com exceção de três ou quatro, que tiveram o azar de comparecer às sessões negativas, que foram muito poucas, os outros declararam-se convencidos.

Eis aqui o ditame sintético, extremamente prudente e moderado, mas muito afirmativo, assinado pelos nossos principais colaboradores. Este relatório não menciona mais do que os fatos observados com plena certeza por todos os experimentadores. Outros fenômenos muito mais complexos foram observados com frequência e serão motivo de publicações ulteriores. Agradecemos calorosamente a Juan Guzik pela sua abnegação e pela complacência com que se submeteu a todos os métodos de inspeção e verificação solicitados.

“Depois de ter participado de uma série de experiências

---

[71] São, na realidade, trinta e cinco. Mas um primeiro erro tipográfico popularizou este documento sob o título de: Manifesto dos trinta e quatro.

metapsíquicas realizadas com o médium Jean Guzik, ora no Instituto Metapsíquico Internacional, ora em casa de algum de nós, acreditamos estar no dever de resumir nossa impressão.

1º. Vigilância do médium – O médium despia-se na presença de pelo menos dois de nós, antes de entrar na sala de sessões, e vestia um pijama sem bolsos. Durante as sessões, ele ficava agarrado pelas duas mãos com o dedo mínimo de cada mão segurado pelo dedo mínimo da mão correspondente de cada um dos encarregados da vigilância. Além disso, uma fita muito curta (do comprimento estritamente certo) duplamente selada (com uma bala de chumbo esmagada por uma pinça com as iniciais do I. M. I.) ligava os punhos direito e esquerdo do médium aos punhos esquerdo e direito dos vigilantes. Esta ligadura era inviolável (era necessário, por força, cortar a fita para liberar as mãos do médium) e impossibilitava o uso das mãos mesmo no caso de que não estivessem amarradas. Os vigilantes garantiam o contato próximo e permanente de seu corpo, especialmente pé e perna, com o corpo, pernas e pés do médium.

Todos nós verificamos que durante as sessões o médium permanecia em um estado absolutamente passivo. Quando um grande fenômeno acontecia, seus pés e mãos tremiam, mas nunca iniciavam nenhum movimento, nem mesmo pequeno. Excepcionalmente, acontecia-lhe, de vez em quando, retirar para trás, o mais afastado possível dele, a mão de um ou de outro dos guardas para que pudesse verificar determinados fenômenos descritos mais adiante.

2º. Vigilância dos experimentadores – Todos os experimentadores ficavam de mãos dadas e estavam unidos, punho com punho, por meio de correntinhas, presas com cadeados, tão curtas quanto possível.

3º. Vigilância da sala. – As portas das salas onde decorriam as sessões eram fechadas por dentro e seladas com fitas adesivas e assinadas por um de nós.

A grade de contenção da chaminé também foi fixada ao chão e lacrada. Alguns experimentadores até selavam as janelas. Não havia mobília ou armário nesses quartos suscetível de ocultar algum parceiro. A hipótese de armadilhas, guarda-roupas ocultos na parede,

parcelas de parede giratórias, etc., não pode ser aduzida pelos seguintes motivos:

a) Um ditame muito completo do Sr. Legros, arquiteto credenciado, domiciliado na Avenida Daumesnil, nº 26 duplicado, que visitou detalhadamente as instalações do I. M. I., declara formalmente que as paredes, o piso e o teto são inteiramente normais.

b) Várias vezes, antes da sessão, o chão foi coberto com serragem, de modo que a armação de uma fraude teria inevitavelmente sido descoberta. Vale ressaltar que nessas condições não observamos pegadas humanas.

c) Algumas sessões positivas foram realizadas na casa particular de quatro de nós (o Professor Richet, o professor Cunéo, o doutor Bord e o doutor Bour). Em tais condições, apesar da escuridão, a vigilância material era absoluta, e a vigilância de Guzik, de extrema simplicidade, era inteiramente satisfatória.

4º. Fenômenos. – Observamos certo número de fenômenos, inexplicáveis no estado atual dos nossos conhecimentos científicos.

Entre esses fenômenos estão aqueles que não ocorreram em todas as sessões positivas, como impressões em argila de modelagem e manifestações luminosas. Estas últimas foram acompanhadas por sensações de tocamento e de sons articulados concomitantes.

Como esses fatos não puderam ser observados por todos os experimentadores, vamos silenciá-los, apesar de sua importância, e iremos nos limitar apenas a afirmar a realidade de duas categorias de fenômenos:

1ª. Deslocamentos, distantes às vezes, de objetos diversos, sem qualquer contacto com o médium e, por outro lado, fora do seu alcance (até 1,50 m).

Para nos protegermos de toda ilusão de observação e de todo erro de memória, o lugar que esses objetos ocupavam foi cuidadosamente marcado, e muitas vezes eles eram colados ao chão

ou à mesa que os sustentava, por meio de papel adesivo.

2ª. Contatos e toques muito frequentes e diversos, como sensações, percebidas nos braços, nas costas e na cabeça dos vigilantes.

Às vezes, ao final das sessões, o médium, ainda em transe, guiava a mão de um ou de outro de seus vigilantes para trás e para cima, o mais longe possível dele. Nessas condições, a face dorsal da mão ou do braço do vigilante notou contatos materiais por várias vezes.

No momento não podemos especificar mais.

Simplesmente afirmamos nossa convicção de que os fenômenos obtidos com Juan Guzik não podem ser explicados por ilusões ou alucinações individuais ou coletivas, ou por truques de qualquer tipo.

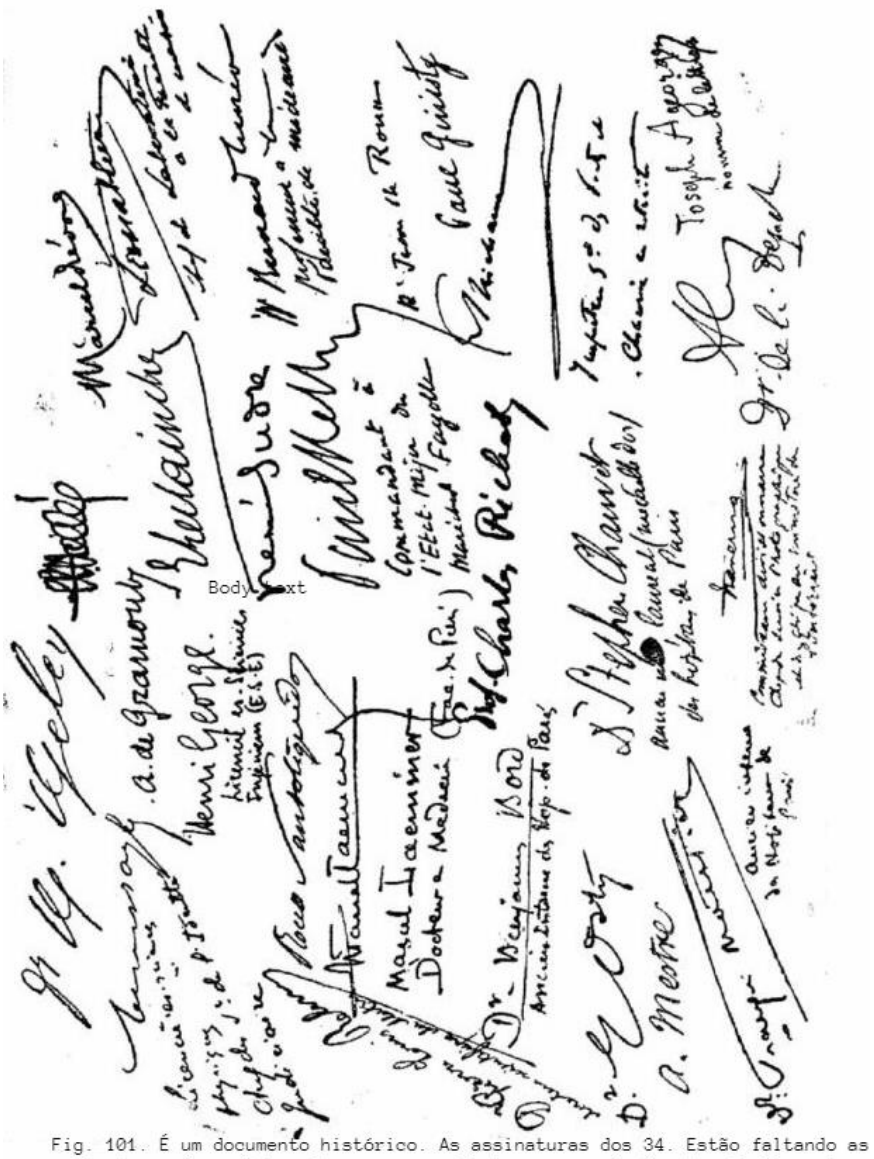


Fig. 101. É um documento histórico. As assinaturas dos 34. Estão faltando as assinaturas dos colaboradores que manifestaram sua adesão através de cartas.

Sres. Joseph Ageorges, escritor; Bayle, Bacharel em Ciências, chefe do serviço de Identidade Judicial da Prefeitura de Polícia; Dr. Benjamin Bord, ex-estagiário dos Hospitais de Paris; doutor Bour, diretor da Casa de Saúde da Malmaison; doutor Bourbon; Dr. Stephen Chauvet, ex-estagiário laureado (medalha de ouro) dos Hospitais de Paris; Dr. Cunéo, professor da Faculdade de Medicina, cirurgião dos Hospitais; Capitão Despres, ex-aluno da Escola Politécnica; Camille Flammarion, fundador e primeiro presidente da Sociedade Astronômica da França, diretor do Observatório de Juvisy; Dr. Fontoynont, ex-estagiário dos Hospitais de Paris, diretor da Escola de Medicina de Madagascar; Pascal Forthuny, escritor; Dr. Gustavo Geley, ex-estagiário dos Hospitais de Lyon, laureado (primeiro prêmio em tese) da Faculdade de Medicina; conde A. de Gramont, Doutor em Ciências, membro do Instituto da França; Paul Ginisty, escritor e editor do Petit Parisién; Georges, Bacharel em Ciências, Engenheiro (E. S. E.) Jacques Haverna, Chefe do Serviço de Fotografia e Criptografia do Ministério do Interior; Dr. Hericourt; Huc, diretor de La Dépêche de Toulouse; Dr. Humbert, Chefe da Seção de Higiene e da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha; Comandante Keller, do Estado-Maior do Marechal Fayolle; Dr. Laemmez; Dr. Lassabliere, chefe do Laboratório da Faculdade de Medicina; Professor Leclainche, membro do Instituto da França, inspetor geral, chefe dos serviços de saúde no Ministério da Agricultura; Sir Oliver Lodge, membro da Royal Society da Inglaterra; Mestre, professor da Faculdade de Direito; Michaux, inspetor geral de Estradas e Pontes, ex-Conselheiro de Estado e diretor das Estradas de Ferro; Dr. Moutier, um ex-interno dos Hospitais de Paris; doutor Osty; Marcel Prévost, membro da Academia Francesa; Professor Ch. Richet, membro da Academia de Medicina e do Instituto da França; Dr. Rehm, escritor; Dr. Jean Charles Roux, ex-estagiário dos Hospitais de Paris; Renè Sudre, escritor; Professor Santolíquido, representante da Liga das Cruzes Vermelhas na Sociedade das Nações; Professor Vallée, diretor do Laboratório Nacional de Investigações em Saúde Pública.

II. — Síntese das experiências com Jean Guzik.

Antes eu disse que as sessões realizadas no Instituto Metapsíquico com o médium Jean Guzik foram simplesmente sessões de demonstração.

Essas sessões, em número de 30 em 1922 e de 50 em 1923, permitiram-nos convencer numerosas personalidades da elite parisiense e 30 sábios ou escritores ilustres, a maioria profundamente céticos.

A cifra de 30 novas convicções pode parecer modesta. Na realidade, representa um trabalho considerável. A importância de uma opinião coletiva como a que publicamos não se mede pelo número de signatários, mas sim pela sua qualidade e pela precisão do seu enunciado.

Essa afirmação só pode ser explicada pela certeza adquirida durante as sessões. Todos os experimentadores tinham um agudo espírito crítico, mas métodos de julgamento diferentes devido à sua formação profissional e especialidade; havia entre eles professores de Medicina e Direito; membros da Academia de Ciências e da Academia Francesa; médicos, escritores, engenheiros, especialistas em polícia.

Eles só tinham a preocupação da verdade; nenhum interesse pessoal estava em jogo, nenhuma crença ou opinião filosófica: o grupo incluía católicos, materialistas, espíritas, idealistas e indiferentes. Poder-se-ia dizer que todos foram enganados? Basta ler o texto do ditame, a descrição das precauções tomadas contra uma fraude do médium e mesmo contra uma fraude eventual de qualquer um dos colaboradores, para que não haja dúvidas sobre isso.

Este documento marcará, portanto, uma data capital na história da metapsíquica.

No entanto, fomos surpreendidos com duas objeções que é importante discutir imediatamente. A primeira está relacionada à escuridão.

O médium Guzik tem, de fato, necessidade de escuridão.

Teria sido possível, com certeza, habituá-lo a experimentar com

luz vermelha, mas teria sido necessário sacrificar a isso várias semanas, que era quase todo o tempo que tínhamos. É importante, portanto, nos estendermos acerca do valor da objeção que foi feita às sessões no escuro.

Notemos em primeiro lugar que a maioria dos médiuns trabalha com luz.

As sessões de Eva C... sempre foram verificadas não só com luz vermelha, mas com luz branca. As sessões do Eusápia Paladino eram feitas com luz vermelha; as de Willy S... (demonstrações do Dr. De Schrenck-Notzing), também.

No Instituto Metapsíquico, as experiências com Franek Kluski foram feitas com luz vermelha.

Nossos contraditores, que não levaram em conta a iluminação habitual de nossas sessões metapsíquicas, não estão muito corretos em nos censurar pela obscuridade das sessões com Guzik.

Na verdade, a luz não deve nos dispensar da vigilância mais meticulosa, uma vez que os prestidigitadores operam a plena luz.

Ela facilita, até certo ponto, a vigilância, mas não a substitui.

Por outro lado, a luz não é estritamente indispensável quando a vigilância é perfeita, como foi em nossa última série de experiências. Em todo caso, todos os nossos colaboradores se declararam satisfeitos. Todos estão totalmente convencidos; sendo assim que — nunca o repetirei demais — a maioria deles veio com um ceticismo absoluto, e alguns não escondiam sua desconfiança.

Esta primeira objeção leva à seguinte:

Aquela de que a prestidigitação é toda poderosa.

O público, mesmo as pessoas cultas, têm uma ilusão singular sobre isso. Sem dúvida, os prestidigitadores dão o aspecto de que fazem maravilhas, mas sua capacidade possui limites muito restringidos.

Três condições são necessárias para uma boa prestidigitação:

1ª. Liberdade de movimentos do prestidigitador.

2ª. Uso de material ou dispositivos preparados com truque.

3ª. Pessoas em conluio.

Pois bem, o que acontece em nossas sessões? O médium se despem completamente e veste uma roupa nossa, previamente revisada. Durante as sessões é segurado pelas mãos, com os punhos fixados, com uma fita selada, ao punho de cada vigilante. Suas pernas e pés estão imobilizados. Não dispõe de nenhum instrumento, de nenhum meio de fraude.

Ele não pôde preparar a sala, na qual entra apenas para fazer as sessões. Por outro lado, temos mudado sistematicamente de local, com frequência, e fenômenos muito bons têm sido obtidos nas residências particulares de quatro de nossos colaboradores. Um conluio era inadmissível, porque as portas e janelas estavam lacradas.

Poder-se-ia supor o conluio com um ou vários dos experimentadores? Sem falar da questão moral, era materialmente impossível, uma vez que todos os participantes estavam de mãos dadas, vigiando-se reciprocamente, e estavam unidos punho com punho por meio de correntinhas fechadas com cadeados.

Mas então alguém diria: Por que os prestidigitadores não são convidados?

Na verdade, essa formalidade foi cumprida muitas vezes. Robert Houdini, rei dos prestidigitadores, após ter participado de várias sessões há muito tempo, saiu delas maravilhado e certificou a autenticidade dos fenômenos: "Minha arte de prestidigitação", disse ele, "é incapaz de reproduzi-los."

Dois famosos prestidigitadores ingleses, os Sres. Dingwall e Price, compareceram às sessões de Schrenck-Notzing e declararam que o truque era inadmissível.

No Instituto Metapsíquico, faltou-nos o tempo para convidar prestidigitadores conscienciosos e competentes. Faremos isso mais adiante, não porque o consideremos útil, dadas as nossas condições de vigilância, mas apenas para que não se diga que deixamos passar uma objeção sem refutá-la.

Uma última palavra, para terminar estas reflexões preliminares:

A melhor prova da perfeição da vigilância realizada pelos

metapsiquistas nas presentes sessões nos é fornecida pela extrema hesitação de seus adversários sistemáticos.

Estes percebem perfeitamente, após as atas das sessões do Instituto Geral Psicológico, as do Dr. De Schrenck-Notzing e as do Instituto Metapsíquico Internacional, que nem Eusapia, nem Willy Sch..., nem Franek Kluski, nem Guzik, puderam trapacear. Tanto eles o entendem, que desistiram de acusar os médiuns. Mas em vez de reconhecer lealmente seu erro, ou pelo menos confessar uma dúvida, eles se aferram desesperadamente a um supremo e infeliz recurso: o de acusar os próprios experimentadores de fraude! Não nos ocupamos dessas acusações, que mostram pelo seu absurdo a inanidade das críticas feitas às nossas experiências.

Como eu disse antes, Juan Guzik concedeu 80 sessões no Instituto Metapsíquico. Anteriormente, tive a oportunidade, em diferentes ocasiões, de estudar este médium em Varsóvia (50 sessões). As sessões de Varsóvia foram realizadas na casa de amigos ou no local da Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos. Tive vários colaboradores: membros desta Sociedade, oficiais da missão francesa e algumas personalidades notáveis. A vigilância consistia principalmente em segurar as mãos do médium e imobilizar suas pernas.

Sem ser tão perfeita como no Instituto Metapsíquico, dava-nos uma real segurança. Todos os presentes ficavam de mãos dadas, vigiando-se reciprocamente. Os fenômenos obtidos, seja em Varsóvia ou no Instituto Metapsíquico, *sempre foram especificamente os mesmos*. Às vezes apresentavam diferenças em grau, em intensidade, mas não em natureza. Para o demonstrar bem, contentar-me-ei em publicar, literalmente, as atas de uma das boas sessões de Varsóvia e de outra das boas sessões do Instituto Metapsíquico.

Sessão de 14 de setembro de 1921, às 21h00, em Varsóvia,
na casa do Príncipe Lubomirski.

(Atas segundo as minhas anotações pessoais imediatamente após a sessão e segundo as anotações do Sr. Gravier, presidente da

Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos.)

A sala que nos foi disponibilizada pelo Príncipe Stephan Lubomirski é uma sala de seis metros de comprimento por quatro de largura, no piso térreo.

Em uma extremidade da sala há uma janela dupla, hermeticamente fechada.

Ao lado, à direita e à esquerda, existem duas portas duplas, fechadas com chave e trinco.

Não há armário algum no quarto.

Na extremidade oposta à janela, no fundo da sala, havia uma jaula onde poderiam ser trancados, o médium ou os objetos que deveriam ser movidos por telecinesia. Esta jaula tinha apenas uma porta lateral. Dentro havia uma pesada cadeira estofada com crina e forrada de couro.

A mesa de experimentos está posicionada a mais ou menos 1,50m da jaula. Os experimentadores são colocados na seguinte ordem:

O médium Juan Guzik, de costas para a jaula.

Vigia à esquerda, Dr. Geley.

Vigia à direita. Sr. De Jelski.

Entre Geley e Jelski: Sres. Ossowiecki, Lebiedzinski, Príncipe Lubomirski e Gravier. Todos os presentes estão de mãos dadas.

Cada um dos dois vigilantes segura a mão do médium que está mais próxima e imobiliza suas pernas. Escuridão.

Guzik não faz um só movimento. Seu estado físico e moral é excelente, e ele adormece imediatamente (cinco minutos).

Muito em breve, os experimentadores têm a impressão de uma presença estranha por trás do médium. Barulhos de passos são ouvidos ao redor do círculo.

De repente, aparecem luzes. Elas são numerosas e divergentes.

Vejo até quatro ao mesmo tempo, muito distantes uma da outra. Um par de luzes, do tamanho de vaga-lumes, aproximam-se de Jelski. Muito rapidamente, vemos formar-se um rosto ao lado dele, iluminado pelo par de luzes. Ouve-se murmurar em polonês: "Zymunt (Segismundo)."

O fenômeno desaparece, mas as luzes persistem. Elas vêm para o meu lado. Então, vejo um rosto humano admiravelmente bem formado. É o rosto de uma mulher, de olhos vivos; um véu envolve a cabeça e cobre o crânio e o queixo. Essa aparição dura de quatro a cinco segundos; logo após sinto que alguém me beija na face e na testa. Ouço palavras em polonês que não entendo. *"A Entidade" passa atrás de mim e, repetidamente, apoia-se fortemente em meus ombros, com as duas mãos ao mesmo tempo.*

Sinto-me muito satisfeito, porque o fenômeno, tal como eu o observei, não poderia ser produzido de forma fraudulenta pelo médium. Teria exigido a presença de um cúmplice para fazer o papel de "fantasma", e sobre este ponto estou perfeitamente tranquilo.

Eu expresso meu contentamento em voz alta; então “a Entidade” volta-se para Jelski; fala longamente em polonês; parece que diz: *“Eu sou Segismundo. Está tudo bem. Contem comigo. Vou pegar uma cadeira, colocá-la sobre a mesa e me sentar em cima!”*

Um momento depois, ouve-se um grande movimento na jaula situada atrás do médium. A porta abre-se com estrépito. Aí tenho a impressão de que uma cadeira passa por cima da minha cabeça e vai pousar suavemente na mesa, dentro do círculo. Imediatamente vê-se uma coluna esbranquiçada, vagamente luminosa, colocada sobre a cadeira. Na parte alta desta coluna, distinguem-se as duas luzes emparelhadas na mesma altura onde poderia estar a cabeça de um homem sentado na cadeira.

O médium acorda. Acendemos a luz; a cadeira está em cima da mesa; é a mesma cadeira que estava dentro da jaula.

A ação telecinética foi das mais notáveis: a cadeira, muito pesada, distava cerca de dois metros do médium. A porta da jaula era lateral esquerda; por conseguinte, para o meu lado. Portanto, o fenômeno foi complicadíssimo: apertura da porta da jaula, saída da cadeira, transporte dela por cima de nós, sem nos tocar na cabeça ou nas mãos, e colocação sobre a mesa, em plena escuridão. É absolutamente impossível que esta ação telecinética seja o resultado de uma ação

fraudulenta do médium. Aliás, ele não fez o menor movimento e sua mão esquerda não se separou da minha.

Eis aqui, para comparação, a ata de uma das sessões do Instituto Metapsíquico:

Sessão de 26 de maio de 1923, às vinte e trinta,
no grande salão do I. M. I.

Experimentadores: professor Santolíquido, vigilante do lado esquerdo; Sr. Haverna, vigilante da direita; Dr. Stephen Chauvet, Sr. Huc, Sra. V..., Dr. Geley.

(No que se refere às precauções tomadas, ver o ditame coletivo.)

Houve dois intervalos na sessão, para descanso.

(O médium está muito mal de saúde. Uma bronquite severa o deixou muito fraco; ele teve vários ataques de febre; está muito anêmico. Além disso, seu estado moral não é bom. Ele está entediado e tem saudades de seu país.)

1ª parte. – Guzik demora cerca de vinte minutos para adormecer. O transe finalmente começa. Alguns estremecimentos percorrem suas mãos e pernas, que estão firmemente presas.

De repente, o Sr. Haverna percebe múltiplos contatos no braço esquerdo e nas costas, depois no lado esquerdo.

Ele percebe algo volumoso tentando entrar no bolso do seu paletó. Compara essa sensação com a que seria produzida pelo focinho de um cachorro.

Mais tarde, todos os presentes ouvem um ruído de passos fortes com perfeita clareza, lentos, apoiados, ao redor do círculo.

Uma mesa retangular, localizada a um metro do médium, atrás dele, presa ao chão com papel adesivo, muda de lugar. Ouve-se o barulho que ela produz ao ser arrastada longa e lentamente no soalho. Mais longe ouve-se o estrépito de uma cadeira derrubada. Esse barulho acorda o médium.

Acendemos a luz e verificamos o seguinte:

A mesa que se deslocou foi arrastada até encostar na parede, à

direita do médium e à sua frente, *a 2,50 metros do seu ponto de partida*.

A cadeira tombada estava à esquerda da mesa; foi arrastada com a mesa e está entre ela e a parede.

Após meia hora de descanso, a sessão é retomada nas mesmas condições.

Dali a mais ou menos dez minutos, duas lindas luzes aparecem. Elas dirigem-se primeiro para o Professor Santolíquido, depois para o Sr. Haverna. Quando estão próximas a eles ouvem-se algumas palavras que não são compreendidas e os vigilantes localizam o sussurro no mesmo nível das luzes.

A seguir, as luzes voltam para o lado do Sr. Santolíquido, que de repente vê um rosto feminino iluminado por elas.

Ouve-se a mesa sendo arrastada no soalho novamente, à esquerda de Guzik (no intervalo da sessão a mesa havia sido colocada de novo atrás do médium, a um metro dele). O médium acorda. Acende-se a luz e verifica-se que a mesa deslocada está a dois metros do seu ponto de partida; ela descreveu um trajeto de um quarto de círculo, passando entre as cadeiras e poltronas sem tocá-las.

Da comparação entre a sessão de Varsóvia e a sessão de Paris, resulta a evidente comprovação que *os fenômenos são sempre da mesma essência.*

Estamos, portanto, no direito de formular conclusões sobre o conjunto de nossas observações sobre a mediunidade de J. Guzik. Não posso pensar em publicar as atas *in extenso* de todas as sessões; isso seria ao mesmo tempo inútil e cansativo.

A mediunidade de Guzik apresenta a particularidade de ser muito pouco variada. Seu rendimento é muito regular (e nisso é infinitamente preciosa), mas raramente é sinalizada com fenômenos inesperados.

Apresentarei, portanto, um estudo sintético, intercalando nele fragmentos de atas analíticas que, a meu ver, são de particular interesse.

Irei fazer a exposição na seguinte ordem:

1º. Os fenômenos luminosos, as manifestações visíveis e o fenômeno de voz direta (manifestações todas geralmente relacionadas com Guzik).

2º. Os movimentos de objetos sem contato.

3º. Os tocamentos, impressões e escrita direta.

III. — Fenômenos luminosos, materializações visíveis. Voz direta.

Os fenômenos luminosos produzidos por J. Guzik não têm a intensidade ou a variedade daqueles que verificamos com Kluski; mas são notavelmente regulares quando o médium está bem de saúde.

Suas manifestações podem ser graduadas da seguinte forma:

Má saúde, fadiga, exaustão, estado moral defeituoso — simples fenômenos de tocamentos e contato.

Saúde média – materializações invisíveis, pequenos movimentos.

Boa condição física e moral – luzes, materializações visíveis, voz direta, grandes deslocamentos.

Eis aqui o esquema habitual das manifestações luminosas:

As luzes geralmente são formadas ao lado do médium; na maioria das vezes por trás dele.

Parece que o foco de condensação ou emanação ectoplasmática está quase sempre a uma curta distância atrás dele ou às vezes em seus lados. As luzes aparecem bruscamente (pontos luminosos da espessura e luminosidade dos vaga-lumes) e desaparecem da mesma forma.

Eles geralmente estão emparelhados. À distância, os dois pontos luminosos parecem formar um só; mas de perto vemos que eles estão perfeitamente separados.

Essas luzes mudam de lugar rapidamente, elas vêm, vão, oscilam, sobem e descem.

Elas se aproximam de qualquer um dos presentes, perto da sua cabeça, e então este experimentador e os imediatos, e às vezes todos

os experimentadores, veem um rosto mais ou menos bem formado. As duas luzes então parecem ser dois pontos brilhantes colocados, um sobre o lábio superior e outro sobre o lábio inferior.

Em outros casos, as luzes alargam-se, por assim dizer, aproximando-se de um dos presentes, e vê-se uma nebulosidade do tamanho aproximado de um rosto humano. Os experimentadores mais imediatos veem um rosto luminoso.

Quando a manifestação é fraca, as luzes afastam-se gradualmente do médium. Quando é forte, elas se afastam muito dele, dão uma volta ao redor do círculo, etc. As luzes exalam um leve odor de ozônio.

Na maioria das vezes uma manifestação de voz direta vai ligada ao fenômeno luminoso: vê-se a Entidade abrir a boca, marcada pelos pontos luminosos dos dois lábios, e ouvem-se palavras penosamente pronunciadas.

A voz é muito diferente da normal e muito especial. Parece ligada a um certo movimento vibratório do ar nos lábios e produzida por aspiração, mais do que por expiração. Não possui o caráter da voz laríngea.

Muitas vezes acontece que não é clara o suficiente para compreendê-la; mas em certos casos compreende-se perfeitamente.

As luzes iluminam apenas rostos. Muitas vezes aparecem na ponta dos dedos, que são claramente visíveis por este motivo.

Já disse que as luzes aparecem e desaparecem bruscamente. No entanto, existem exceções. Acontece que os lábios luminosos, após beijarem a testa ou o rosto de um dos circunstantes, depositam no ponto de contato uma como que secreção, luminosa por si mesma, que permanece luminosa por vários segundos.

Aqui, a título de exemplo, alguns trechos das atas:

(Peço ao leitor que desculpe a extensão dessas observações; elas são necessárias para fins documentais.)

Sessão em 13 de setembro de 1921, às 17h, em Varsóvia, no Consulado da Dinamarca, um antigo hotel com quartos muito amplos.

Eu vigio a mão direita e a perna do mesmo lado do médium. Um oficial polonês, cujo nome não anotei, vigia mão e perna esquerdas.

Outros presentes: Sres. Du Bourg de Bozaz, Ossowiecki, Príncipe Lubomirski e De Jelski. O médium demora para adormecer (um quarto de hora).

De repente, vejo à sua esquerda uma coluna vagamente luminosa à altura de um homem. O extremo superior tem forma de bola do tamanho de uma cabeça humana. Desaparece rapidamente. Um momento depois, vejo várias luzes emparelhadas atrás do médium. Duas dessas luzes se aproximam do meu rosto. Então, vejo claramente um rosto humano. É de um homem jovem de nariz curvada. O crânio e a parte inferior desaparecem sob nebulosidades ou véus.

A aparição desvanece-se após dois ou três segundos.

Sessão de 15 de setembro de 1921, às 18 horas,
na casa do Príncipe Lubomirski.

Vigilantes: Dr. Geley e De Jelski.

Outros experimentadores: Sres. Gravier, Príncipe Lubomirski e Ossowiecki.

Muito rapidamente fenômenos luminosos. Alguns pontos fosforescentes movimentam-se pela sala com grande rapidez.

O Sr. Ossowiecki, como vidente, anuncia uma coluna de luz na altura de um homem, atrás do médium, um pouco à sua esquerda. Primeiro é vista apenas por ele; porém rapidamente torna-se cada vez mais precisa e todos a percebem. Desta coluna destacam-se de repente dois pontos de luz que chegam muito perto do rosto do Sr. Ossowiecki. Todos nós vemos uma cabeça que pára diante dele, que, surpreso, recua vivamente. A cabeça da Entidade afasta-se um pouco, depois repete a mesma manobra. Pausa...

Um ponto brilhante aproxima-se lentamente de um abajur de sulfeto de zinco colocado sobre a mesa diante de nós, com o lado luminoso voltado para a mesa. O abajur eleva-se muito alto, bruscamente; então vemos como ele desce lentamente e vai

depositar-se muito suavemente nas mãos do Príncipe Lubomirski …

Ao final da sessão, aparece uma espécie de coroa luminosa com raios de cima para baixo, produzindo listras verticais. Esta coluna eleva-se lenta e regularmente até o teto e desaparece bruscamente. O fenômeno durou cerca de trinta segundos.

Sessão de 29 de setembro de 1921, às dezessete horas,
na casa do Príncipe Lubomirski.

De 15 a 29 de setembro, as sessões diárias têm sido medíocres, sem que seja possível encontrarmos a causa disso. Os fenômenos luminosos, em particular, têm sido muito fracos. No dia 29 de setembro a sessão está bem melhor.

Eu vigio mão e perna esquerdas.

O Sr. De Jelski vigia mão e perna direitas.

À minha direita, a Condessa T..., depois o irmão dela, um jovem de vinte anos; em seguida, o médico major Camus.

Colocamos sobre a mesa um abajur de sulfeto de zinco com o lado luminoso voltado para o tampo da mesa.

Desde o início vejo como se interpõe, entre a fresta luminosa existente entre o abajur e a mesa, uma massa opaca da qual destacam-se dois dedos. Esses dedos pegam um lápis que está sobre a mesa, em cima de uma folha de papel. Um momento depois, vejo o lápis que se ergue e começa a escrever. A condessa T... tem exatamente as mesmas impressões.

Depois, uma mão me acaricia, me dá tapinhas no ombro.

Vemos a seguir belas e numerosas luzes e bosquejos de rostos luminosos.

Esses rostos aproximam-se do meu ouvido e ouço sussurrar algumas palavras que não entendo. Forma-se uma mão luminosa que se aproxima de mim e toca minha testa. Percebo muitos dedos com temperatura normal. A mão passa em torno do círculo e toca todos os assistentes.

Sessão do dia 29 de setembro, às 21h, na casa do comandante de M... (da missão militar francesa).

O comandante vigia a mão esquerda e eu a mão direita.

Entre outros fenômenos, ocorrem os seguintes: materialização mais complexa do que o normal. Uma coluna esbranquiçada forma-se atrás do médium e aproxima-se de um dos presentes, o general polonês L... O rosto é claramente visível com dois pontos luminosos nos lábios. A cabeça está na altura de um homem de pé.

De repente, uma voz abafada, como sempre, parece produzir-se ao nível dos lábios da Entidade. Fala em alemão. Trava-se uma longa conversa entre a aparição e o general, conversa, por outro lado, trivial. O fenômeno dura bastante tempo: nove minutos no mínimo.

Sessão de 19 de abril de 1922, às 17h, na casa da Sra. Wodzinska.

Assistem: Professor Richet, vigilante da esquerda; Sra. Wodzinska, vigilante da direita; Geley, Sres. Ossowiecki e Gravier.

A luz é apagada, mas pelas frestas da porta filtra-se suficiente luz para que as silhuetas dos experimentadores sejam visíveis.

Aparecimento rápido de luminosidades emparelhadas. Elas vêm e vão, sobem e descem até tocarem os assistentes. Quando se aproximam de um ou de outro, as luzes iluminam repentinamente rostos mais ou menos bem formados. Eu distingo, em particular, um rosto imberbe de um homem ou uma mulher jovem.

Todas as aparições têm a cabeça envolta em um tecido leve. Quando esse tecido toca o rosto de qualquer um dos presentes, produz neles a impressão de uma musselina finíssima e tênue. Os rostos são iluminados ou pelos dois pontos luminosos habituais nos lábios, ou por alguns pontos luminosos localizados na ponta de dois dedos voltados para eles.

Graças à claridade que passa pelas frestas da porta, vejo distintamente uma mão escura que vai tocar no Sr. Gravier e depois em mim…

Sessão de 21 de abril, às dezessete horas, nas mesmas condições.

Vigilantes: Professor Richet e Dr. Geley.

Quando o médium entra em transe, luzes prateadas aparecem, iluminando rostos incompletos e enevoados. O professor Richet sente duas mãos que se apoiam simultaneamente em seus ombros.

Uma entidade bem formada contorna o círculo e toca a testa dos presentes, deixando no local tocado uma mancha luminosa que persiste por longo tempo (vários minutos) com alternativas de luminosidade mais forte e mais fraca.

Sessão de 30 de abril, às 17h00,
na Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos.

Vigilantes: Professor Richet e Dr. Geley.

Assistem: Sres. Gravier, Ossowiecki, Sra. Ossowiecka e Sr. De Jelski.

"...Após alguns contatos aparecem umas luzes; eu vejo três simultaneamente, em planos diferentes; duas flutuam por cima do grupo dos presentes; essas duas luzes vão ao encontro uma da outra e se unem. Ouve-se então claramente um barulho de beijos, logo a seguir uma conversa trivial em polonês..."

Estou chegando agora para as sessões do Instituto Metapsíquico Internacional. Como iremos ver, apesar da mais completa vigilância, as manifestações são iguais. Citarei apenas as mais notáveis.

Sessão de 3 de dezembro de 1922, às 21h00, na sala do professor Richet.

Sessão notável dividida em dois tempos.

Depois de jantar na casa do professor Richet, nos instalamos para a sessão.

Vigilante da esquerda, Professor Richet.

Vigilante da direita, Professor Leclainche.

Colocação: médium, Professor Richet, Sr. de Gramont, Dr. Geley,

Sra. Geley, Sra. Richet, Sr. De Jelski, Professor Leclainche, médium.

Escuridão. Muito longa espera, cerca de meia hora, sem nenhum fenômeno. O médium dorme profundamente; ouve-se a sua respiração tranquila e plácida. Houve um momento em que ele sofreu alguns estremecimentos, mas voltou a adormecer (nestas condições os vigilantes precisam mover as mãos do médium suave e rapidamente para tirá-lo do sono profundo, sem acordá-lo, é claro). É uma manobra delicada. O professor Leclainche, após várias tentativas, finalmente consegue-o, e imediatamente os fenômenos começam. O médium sofre o tremor de todo seu corpo e geme. A seguir, uma luz do tamanho de um vaga-lume atravessa rapidamente o grupo desde o Sr. De Gramont ao Sr. Leclainche. Depois, outras luzes aparecem ao redor do médium e acima dele.

O professor Richet e o professor Leclainche acusam contatos. Uma neblina em forma de disco, com a largura de duas mãos, atravessa pelo grupo e desaparece ao lado do médium.

De repente, duas luzes muito brilhantes são vistas ao lado do Professor Leclainche. Imediatamente, este sente-se violentamente golpeado no rosto e nas costas.

O médium também recebe golpes muito fortes e acorda.

A sessão é interrompida.

O médium fuma, bebe chá e um pequeno cálice de conhaque.

A sessão recomeça após um quarto de hora.

Nesta segunda parte, a Sra. Le Bert, filha do Professor Richet, participa da sessão e vigia a mão direita do médium. A Sra. Geley vigia a mão esquerda.

Colocação: Sra. Le Bert, Dr. Geley, De Jelski, Sra. Richet, Professor Leclainche, Professor Richet, Sr. De Gramont, Sra. Geley.

Os fenômenos são imediatos.

A Sra. Le Bert percebe, atrás de sua cadeira, a presença de um ser que dá batidas no encosto.

Algumas luminosidades são vistas acima da Sra. Le Bert e ao redor do médium; são pequenas e numerosas. Elas movem-se lentamente, aproximam-se e afastam-se dos circunstantes e, às vezes,

sobem muito alto.

A Sra. Le Bert sente-se beijada várias vezes. Dois braços apoiam-se em seus ombros.

Duas vezes, o Dr. Geley sente um beijo na testa, dado por uns lábios mornos.

Ouve-se uma voz confusa ao ouvido da Sra. Le Bert.

A Sra. Le Bert não entendeu o significado das palavras pronunciadas.

Repetidamente, ao lado da Sra. Le Bert, vê-se o bosquejo de um rosto luminoso.

Em seguida, duas luzes emparelhadas sobem (cerca de 1,50m) por cima do médium.

Ouve-se claramente *'au revoir'* e as luzes afastam-se. Soam três golpes violentos dados nas costas do médium, que acorda.

Sessão de 5 de dezembro, às dezesseis, no grande salão do I. M. I.

A sessão compreende três partes:

1ª parte. - Vigilante da direita, Sr. E. S...

Vigilante da esquerda, Professor Richet.

Assistem, ocupando a seguinte ordem:

Médium, Professor Richet, Eugênio Caucal, Deputado Provincial de Saône-et-Loire; Sres. Cornillier, De Jelski. Forthuny, Geley, Sra. S..., Sr. S... As mãos de todos (médiuns e assistentes) estão amarradas com um fio de lã atado a cada punho, de forma que qualquer movimento superior a 20 centímetros é impossível, tanto para o médium quanto para cada um dos presentes.

As lâmpadas elétricas são apagadas. Percebe-se então que as cortinas opacas da janela à esquerda da sala foram mal fechadas e deixam passar, de cima até embaixo, um raio de luz bastante viva.

Depois de um tempo, o Sr. S... acusa contatos em seu braço esquerdo. O médium geme e se agita um pouco; sua cadeira mexe-se ligeiramente para a direita como se quisesse defender o médium da fresta de luz. Uma poltrona pesada que está atrás do Sr. S... chega

primeiro até o contato com este, depois é empurrada de volta para a janela que deixa entrar a luz.

O médium acorda.

Verifica-se então que a referida poltrona girou de frente para trás, com os braços empurrando a cortina, com a evidente, mas irrealizada intenção de obstruir a luz.

2ª parte. - Iguais condições de fechamento de portas, vigilância do médium e vigilância recíproca.

Guzik bebeu chá e um pequeno cálice de conhaque.

Vigilante da direita, Sra. S...

Vigilante da esquerda, Sr. Caucal.

Colocação: Sra. S..., Sr. S..., Dr. Geley, Sres. Forthuny, De Jelski, Cornillier, Caucal.

O professor Richet está sentado fora do círculo, em um canapé. Quase imediatamente depois de apagarmos a luz, a Sra. S... acusa contatos em seu braço esquerdo. Umas luzes muito vivas, do tamanho de uma ervilha, atravessam o círculo e descrevem circuitos variados. Várias vezes percebem-se luminosidades menos vivas, porém grandes, em oval ou em disco, das dimensões aproximadas de um rosto normal. Essas luminosidades são nítidas, porém efêmeras.

Às vezes, essas luzes elevam-se muito; parecem atingir o teto. Aproximam-se dos presentes, especialmente da Sra. S..., do Sr. S..., do Sr. Caucal e do Sr. Cornillier. No momento preciso do contato das luzes com esses experimentadores, eles dizem: "Fui tocado" ou "Fui beijado".

A Sra. S... sente por três vezes dois braços que a abraçam, apoiando as mãos em seus ombros. Depois ela sente-se beijada na testa. Esses contatos são muito suaves. Nunca há brusquidão.

O Sr. S... experimenta sensações semelhantes. O mesmo acontece com o Sr. Caucal.

As sensações dos dois vigilantes são às vezes simultâneas.

Sessão de 11 de dezembro de 1922.

Vigilantes: Sr. René Sudre, Sra. De C.

Assistem: Dr. Geley, Sra. S.., Sra. C.

Alguns pares de luzes passam diante de todos os presentes, que ao contato desses pares de luzes sentem-se beijados por lábios mornos. Apenas com o Dr. Geley isso não acontece.

A Sra. S... recebe o beijo na face esquerda, a mais distante do médium. Percebe-se, à luminosidade do fenômeno, o rosto da Sra. S... e ao lado a silhueta do rosto sobrenatural que a beija.

Sessão de 12 de dezembro de 1922.

Vigilantes: Dr. Fontoynont e Sr. Jean Meyer.

Assistem: Sr. e Sra. S..., Sr. Cornillier, Sra. M..., Dr. Geley, Sr. De Jelski.

Após dez minutos, os fenômenos começam. Contatos nos vigilantes, lindas luzes, umas pequenas e muito brilhantes, outras difusas em uma espécie de nebulosidade do tamanho de um rosto humano.

Essas luzes descrevem círculos variados e, às vezes, elevam-se muito. Sempre que entram em contato com um experimentador, ele diz: "Fui tocado" ou "Fui beijado". Por um momento, o médium aparece rodeado por uma nuvem vagamente fosforescente.

O Sr. Juan Meyer sente-se beijado longa e frequentemente.

Dr. Fontoynont, igualmente. Declara um contato de lábios muito preciso.

Sessão de 15 de dezembro.

Vigilantes: Marcel Prévost e Sra. S...

Assistem: Sra. P..., Dr. Fontoynont. Sra. S..., Sr. Cornillier e Sra. X...

Considero-me no dever de expor aqui o ditame pessoal do Dr. Fontoynont. Iremos ver que suas impressões coincidem com as minhas.

“O abaixo assinado, Dr. Fontoynont, diretor da Escola de Medicina de Tananarive, membro correspondente da Academia de Medicina, atesta ter assistido na casa do Dr. Geley, no Instituto Internacional de Metapsíquica, na terça-feira 12 e na sexta-feira 15 de dezembro de 1922, a algumas sessões metapsíquicas e declara ter comprovado os seguintes fatos que me parecem dignos de serem relatados:

I.— Sessão de terça-feira, 12 de dezembro de 1922, às quatro e meia.

Eu atuava como vigilante e segurava a mão esquerda do médium, enganchando meu dedo mínimo da mão direita no da mão esquerda do médium. Não deixei nem por um momento de manter esse contato. Da mesma forma, meu dedo mínimo esquerdo estava segurando o dedo mínimo direito da minha colateral, a Sra. M...

Minha perna e meu pé direito, pressionando o pé e a perna esquerdos do médium, não perderam esse contato por um único momento.

Houve três pequenas sessões separadas por intervalos de cerca de dez minutos.

Primeira sessão. — Vi luminosidades fosforescentes formarem-se dos lados e atrás do médium e tive a impressão de que alguma coisa indefinível estava se formando ao meu lado.

Então, senti contatos por diferentes vezes, nas costas e nas partes laterais do tórax, por mãos bastante resistentes que me pressionavam e davam tapinhas. Outras vezes, eles me batiam com mais força, mas sem chegar a me causar dor.

Na altura da omoplata direita, uma mão bateu em mim três vezes seguidas, como acontece quando entre muitas pessoas queremos chamar a atenção de alguém que está à nossa frente.

Esse contato de mãos era suave, brando e feito por uma superfície que variava do tamanho da palma da mão ao de um prato. Várias vezes minha cadeira foi movida, e numa delas tive a impressão, junto à perna e coxa direita, do contato com um animal do tamanho de um cachorro.

O médium dormia mal.

Segunda sessão. — Senti novas pressões; depois surgiram luminosidades flutuantes, ora se formando à direita e à esquerda do médium, ora imóveis e depois circulando pela sala a alguma distância. Quando essas luminosidades passavam por mim, eu notava no rosto ou nas mãos, às vezes em ambas, sucessivamente, o contato como de um lenço ou de uma faixa de seda que passava rapidamente.

Desta vez, também, o médium dormia mal.

Ele teve, como em outras ocasiões, alguns sobressaltos e gemia no momento da produção dos fenômenos que mencionei. Esses sobressaltos eram precedidos por uma espécie de tremor que, acompanhado pela produção de vapores leves um tanto luminosos formando um halo, e com uma espécie de fosforescência do rosto do médium, me permitia antever o aparecimento consecutivo de fenômenos anormais.

Terceira sessão. — O médium adormeceu logo e profundamente, muito melhor do que antes. Os tremores e sobressaltos, principalmente na mão e no tórax, apareceram mais profundamente.

Percebi novos tocamentos suaves e empurrões bastante fortes. Depois, vi várias luminosidades passarem como da vez anterior. Uma delas, voltando-se para mim, tocou-me na testa. Senti no mesmo momento um esfregamento nas mãos, como de um pano; depois, no ponto da minha testa, onde a luz me tocou, fui beijado da forma mais inconfundível. Beijo frio cuja sensação desapareceu rapidamente.

Isso durou apenas alguns segundos. Quando a luz desapareceu, desvanecendo-se a bastante altura entre o médium e a pessoa à minha frente, no outro lado da mesa, ouvi pronunciar com voz rouca duas palavras confusas.

Pouco depois, senti no meu rosto como que a fricção de um pano de lã, ou antes, uma cabeleira ou barba comprida.

Um pouco mais tarde senti na altura da face esquerda, por duas vezes, uns lábios que me beijavam na face, no mesmo lugar, beijos bem diferentes do primeiro. Beijos cálidos, apoiados, prolongados; tanto, que sua impressão permaneceu em mim por muito tempo, pelo menos

dez minutos.

A sessão foi encerrada. Ainda permanecia em minha face a impressão daqueles beijos.

II.— Sessão da sexta-feira, 15 de dezembro de 1922, às quatro e meia.

Houve duas sessões separadas por um breve intervalo de dez minutos.

Durante essas duas sessões, ocupei o mesmo lugar à esquerda do médium, separado dele por Marcel Prévost, que servia como vigilante.

Primeira sessão.— Só vi, em momentos diferentes, algumas luzes que circulavam pela sala. Uma delas passou entre minha cabeça e a de Marcel Prévost. Não senti nada.

Segunda sessão.— Vi várias luzes circularem. Na mesa à minha frente estava um pedaço de papelão envernizado com uma substância maleável capaz de receber impressões. Aquele papelão foi elevado, depois caiu sobre a minha cabeça, me acertando com força, para dali cair sobre a mesa, quase no lugar onde estava antes, mas virado do outro lado. Ouvi barulho de beijos. Da mesma forma, o ruído feito pelo movimento de uma mesa pesada, e, de fato, pude verificar após a sessão que uma mesinha velador muito pesada, com tampo de mármore, havia mudado de lugar.

Nesta mesinha velador havia dois lápis e algumas folhas de papel de cartas com o timbre do Instituto Metapsíquico. Um desses lápis foi atirado ao ar e caiu na ponta da mesa onde nós estávamos, sobre a Sra. X... O lápis, portanto, foi arrancado da mesa onde estava, para ser jogado por cima da cabeça do médium, através de outra mesa, sobre o experimentador mais distante.

Quando o médium acordou, pude verificar que, em uma das folhas de papel, haviam sido traçados a lápis preto certos sinais que parecem exatamente letras da escrita francesa comum; mas era impossível ler e entender qualquer coisa.

Comprovei que faltava um dos dois lápis e que não era outro senão aquele que tinha caído sobre a Sra. X...

Paris, em 16 de dezembro de 1922.

Doutor Fontoynont.”

Sessão de 17 de dezembro de 1922, às dezessete horas, no Instituto Metapsíquico.

Vigilantes: Marcel Prévost, marquesa de B.

Assistem: Sra. de Marcel Prévost, Sr. De Jelski, Dr. Geley, Sra. X.

Ordem de colocação: Guzik, Marcel Prévost, Sr. De Jelski, Sra. P..., Sra. X..., Dr. Geley, Marquesa de B...

Depois de cinco minutos, os fenômenos começam. Contatos com a Sra. de B..., depois com Marcel Prévost.

Sua cadeira é fortemente puxada para trás e três violentos golpes são desferidos em suas costas, cujo ruído é ouvido por todos. Lindas luzes aparecem à direita e à esquerda do médium. Descrevem seus círculos habituais e chegam ao contacto com Marcel Prévost e a Sra. de B... Os dois sentem-se beijados. Ouve-se o barulho de beijos…

Sessão do dia 17 de dezembro, às 21h.

Vigilantes: Dr. Osty, Sr. Ageorges.

Assistem: Dr. Geley, Sr. De Jelski.

Algumas belas luzes são formadas atrás do médium e aparentemente longe dele, de 1m a 1,50m de distância). Os vigilantes sentem contatos e beijos. Depois, uma linda nebulosa fosforescente, do tamanho de um rosto humano, aproxima-se do Sr. Ageorges e do Dr. Osty, bem perto de suas cabeças. Eles veem claramente um rosto luminoso bem formado.

Eis aqui, a este respeito, a ata do Dr. Osty:

“... Algumas luzes fosforescentes acendem-se ao lado da cabeça do médium e avançam para os presentes. Sinto um beijo na testa, dado por uma boca úmida, como se fosse uma boca humana, e vejo dois lábios luminosos lentamente se afastando de mim, que se movem, proferindo algumas palavras em uma língua estrangeira.

“A massa luminosa aumenta de superfície depois; ela parecia ter

de 10 a 15 centímetros de altura; vai até o Sr. Ageorges. Este anuncia imediatamente que tem diante dos olhos três quartos do rosto luminoso de um homem , do qual vê os olhos, o nariz, o bigode, os lábios... Um ou dois minutos depois, umas luminosidades indefinidas dirigem-se ao meu rosto. Sinto um beijo na testa e no rosto umas carícias como que de mãos humanas. Outros contatos numerosos e vivos sucedem-se precipitadamente em meu rosto, cabeça e ombros...”

Nas cinquenta sessões da primavera, em que participaram sucessivamente os signatários do ditame, os fenômenos luminosos foram mais marcantes do que nas sessões agora citadas.

O médium estava em um estado de saúde deplorável e suas faculdades sofriam os efeitos disso. Nas sessões em que as luzes foram vistas, elas eram inteiramente idênticas às já descritas.

Vou me contentar em citar extratos das atas de dois dos experimentadores, os Sres. Paul Ginisty e o Dr. Bourbon.

Sessão no dia 2 de maio, às 21h30, no Instituto Metapsíquico.

Vigilante da esquerda, Professor Vallée.

Vigilante da direita, Paul Ginisty.

Extrato da ata de Paul Ginisty:

“...depois percebe-se uma luz. É, ao parecer, um pequeno globo de forma oval.

“De repente, tenho a sensação de um rosto viscoso se aproximando do meu como se fosse me beijar, o que causa em mim certa repugnância. Depois, junto ao meu ouvido, murmuram-se algumas palavras de forma entrecortada, como que apoiando os lábios. Não entendo o significado delas, mas certamente são palavras. Durante esse curto período de tempo, uma luz flutua à minha esquerda, acima da minha cabeça. A voz extingue-se repentinamente e a impressão de que alguém está presente desaparece. Os fenômenos cessam.”

Sessão no dia 2 de maio, às 21h30, no Instituto Metapsíquico.

Assistem: Professor Cunéo, Dr. Chauvet, Dr. Osty, Dr. Bourbon e Dr. Geley. O Dr. Bourbon vigia mão e perna direitas.

Extrato do ditame do Dr. Bourbon:

"...Sinto uma ligeira fricção na sobrancelha esquerda e vejo uma luz viva não muito longe dos meus olhos. Olhei para ela, sem virar a cabeça, tão atentamente como pude. Tinha a cor ligeiramente azulada do arco elétrico... Era muito viva, sem ser incômoda, apesar da proximidade (quatro a cinco centímetros). Nenhum ruído acompanhou esta manifestação, mas percebi nitidamente o cheiro de ozônio... Ela se apagou depois de brilhar por dois ou três segundos. Além disso, antes de vê-la, ouço os pesquisadores à minha frente anunciarem que estão vendo uma luz. Depois ela se apresentou a mim, primeiro atrás e acima da minha cabeça.

"O ozônio, além da oxidação lenta do fósforo e de circunstâncias químicas particulares, inúteis de se lembrar aqui, só é produzido em manifestações de energia elétrica..."

Como vemos, todos os depoimentos coincidem. Os outros experimentadores declararam as mesmas impressões.

IV. — Telecinesia e sensação de tocamentos e contatos.

Essas duas ordens de fenômenos são geralmente conexos.

Telecinesia.- Os fenômenos da telecinesia são a coisa mais frequente com Guzik. Quase sempre são completamente satisfatórios.

De fato, o médium não poderia, pelo menos a maioria deles, produzi-los de forma fraudulenta.

Em primeiro lugar, jamais tiveram por objeto a própria mesa de experiências. Esta mesa em torno da qual os experimentadores se sentam e formam a corrente não tem outro propósito senão permitir repousarem os antebraços e evitarem o cansaço excessivo. Os movimentos telecinéticos são sempre executados à distância do médium e sem qualquer contato da sua pessoa; frequentemente são

muito complicados: objetos muito pesados, cadeiras, poltronas, mesas, são deslocados em várias direções, arremessados longe dos presentes, colocados sobre a mesa de experiências passando por cima da cabeça dos experimentadores. Às vezes descrevem trajetórias complicadas, sempre com notável segurança, apesar da escuridão. Para reproduzir os deslocamentos desta ordem por meios normais existem apenas dois procedimentos possíveis:

a) Utilização de um cúmplice invisível que circulasse pela sala.
b) O funcionamento de um sistema de cordas com alavancas, polias de reflexão, etc. Recordando a descrição dada no ditame dos 34 sobre as condições de vigilância e comprovação, verifica-se imediatamente que nem um nem outro dos referidos procedimentos de fraude era possível nas nossas sessões.

Tocamentos.- Três tipos de sensações de tocamento ou contato podem ser distinguidos nas sessões com Guzik.

1º. Os tocamentos dão a impressão de serem produzidos por mãos e por uma cabeça humana.

Os beijos, com sensação de dois lábios mornos, são muito frequentes. Nesses casos, a visão e o tato concordam, porque os rostos geralmente são luminosos, como expliquei antes. Os tocamentos das mãos também são realmente muito autênticos. Um dos fenômenos mais notáveis consiste na sensação simultânea de duas mãos. Frequentemente, qualquer um dos experimentadores vigilantes sente seus ombros segurados por duas mãos. Ele então tem a certeza matemática de que não pode proceder de uma fraude do médium, do qual ele mesmo está segurando uma das mãos naquele momento.

2º. Quando a força de Guzik é menor, os contatos e tocamentos parecem ser produzidos por membros cotós.

Esta é uma impressão verdadeira, mas menos interessante do que a dos membros bem formados.

3º. Por último, muito frequentemente, os toques não dão a impressão de formas humanas materializadas, mas de formas de animais.

Esta é uma das peculiaridades mais notáveis da mediunidade de Guzik.

Ocorre então como se um animal de tamanho muito variável fosse o autor desses contatos. Percebe-se o efeito de ser acariciado, esfregado, movido, lambido ou arranhado. A maioria dessas formas animais lembra o cachorro: às vezes, lembram outros animais, esquilos, gatos, etc.

Nota curiosa: é excepcional que essas manifestações animais sejam acompanhadas por fenômenos luminosos. Eles não podem, portanto, ser apreciados mais do que pelo toque.

Tais fenômenos merecem um estudo sério. Em primeiro lugar, seria necessário acostumar Guzik a tolerar uma ligeira iluminação.

Seria necessário também fotografar essas formas de animais.

Até que esse duplo desiderato seja realizado, devemos evidentemente ser muito prudentes em nossas apreciações. Simplesmente diremos que as manifestações, no modo como são conhecidas por nós, apenas pelo sentido do tato, dão a impressão de formas animais vivas. Digo vivas pelo seguinte: de fato, essas impressões não são como as que resultariam do contato com um animal empalhado ou com uma pele, por exemplo; eles sempre sugerem a presença de um animal vivo.

Antes de conhecer as atas que seguem, pedimos ao leitor que pegue novamente o ditame dos 34, e o leia com atenção.

As precauções para garantir a vigilância e a comprovação sempre foram as mesmas nesta série de experiências.

Conclui-se dessas precauções que deve ser considerada inadmissível qualquer hipótese de fraude com base nas seguintes condições:

a) Libertação de uma ou ambas as mãos do médium.
b) Uso de quaisquer instrumentos ou objetos por ele trazidos, preparação da sala, uso de fios, anéis, etc.
c) Ação de um cúmplice.

Resta a hipótese de fraude do médium usando os pés.

É verdade que não achamos útil amarrar suas pernas; mas houve as seguintes razões para isso:

a) Os paus da cadeira do médium, as cadeiras dos vigilantes e as pernas destes formavam uma barreira intransponível por trás das pernas de Guzik.
b) Os vigilantes nunca perderam o contato com as pernas do médium; elas estavam tão fortemente apertadas entre as deles que Guzik, depois de algumas sessões, apresentava equimoses cutâneas ao nível dos côndilos internos do fêmur.
c) O médium mantinha uma imobilidade absoluta *e existe a segurança de que não executou nenhum dos movimentos complexos que seriam essenciais para projetar uma de suas pernas para trás.*
d) Mesmo admitindo que, por um impossível, Guzik tivesse deixado livre uma de suas pernas, jamais ele teria produzido por este meio outra coisa senão fenômenos muito elementares, como, por exemplo, contatos nas pernas ou braços de seus vigilantes ou movimentos de objetos colocados muito perto dele.

Por conseguinte, mesmo com essa hipótese, a grande maioria dos fenômenos continuaria sendo inexplicável.

Consideramos apenas útil citar a seguir *as sessões realizadas sob a vigilância absoluta descrita no ditame dos 34*.

Nesta série de sessões, os fenômenos foram relativamente menos importantes do que nas sessões de inverno, por causa do frágil estado de saúde de Guzik (atacado de bronquite com febre e anemia profunda). Nem por isso eles têm sido menos probatórios.

Para não incorrer no reproche que nos foi feito de não publicarmos os nossos documentos na íntegra e de nos contentarmos com uma seleção, *publicaremos as nossas atas como elas são*. Pedimos apenas ao leitor que desculpe a chatice desta publicação. Não depende de nós evitá-lo.

Sessão de 9 de abril de 1923, às dezesseis e trinta,
no laboratório do I. M. I.

Experimentadores: Professor Richet, Raymond P..., Sr. Sudre, Sra. P..., Sra. G..., Dr. Geley e Sr. De Jelski.

O professor Richet vigia a mão esquerda.

O Sr. P... vigia a mão direita.

As precauções são tomadas integramente.

A luz é desligada quando os experimentadores estão amarrados pelos pulsos por meio de pequenos cadeados, e os pulsos do médium estão presos, por cordões selados muito curtos, aos pulsos dos dois vigilantes.

As portas estão trancadas e lacradas.

O médium foi totalmente despido e vestido com um pijama, sem bolsos, de nossa propriedade.

Guzik está muito cansado de uma viagem de cinco dias; ele tosse e está com muita febre.

A sessão é dividida em duas partes.

1ª parte. – Longa espera, durante a qual os experimentadores falam em voz baixa. Nenhum fenômeno importante. Transe incompleto do médium, que dorme agitado por alguns tremores. O Sr. Raymond P... anuncia alguns contatos. Esses contatos são produzidos como por um corpo rombudo, ou recheado com crina, ou como pela pata de um animal. Verificam-se no braço esquerdo, no ombro e na cabeça.

A sessão é interrompida por um acesso de tosse que acorda o médium.

2ª parte, às 18 horas. – Fenômenos tão fracos como na primeira parte, mas os contatos acontecem sobre o Professor Richet.

Eis as suas anotações: “Após quarenta minutos de completa escuridão, nada. Então eu sinto um leve contato, um toque no meu lado esquerdo. Pouco depois, como se Guzik tivesse adivinhado que eu presumia que ele era capaz de produzir aquele contato com sua cabeça, ele trouxe meu braço para trás e o elevou até o contato com a jaula de metal atrás de mim.[72]

---

[72] É uma jaula preparada para, eventualmente, encerrar o médium nela. Não a usamos nas

Então eu sinto, entre a jaula e meu cotovelo, um leve roçar com uma coisa macia. É impossível ser sua cabeça ou qualquer parte de seu corpo."

Pouco depois, o médium acorda.

Sessão de 10 de abril de 1923, às 16h30, no laboratório do I. M. I.

Experimentadores: Sr. Cornillier, Sra. C..., Sra. P..., Sr. Raymond P..., Dr. Geley.

Vigilante da direita, Sr. Cornillier.

Vigilante da esquerda, Sr. Raymond P...

Inspeção habitual do médium, da sala e dos experimentadores.

1ª parte. – Após longa espera, mantida pelos presentes com uma conversa em voz baixa, o Sr. Cornillier sente-se tocado e apalpado por todo o corpo.

Ele tem a impressão nítida de uma mão acariciando sua cabeça e peito, que depois vai insinuar-se no bolso interno do seu paletó e tira seu lenço, guardado nesse bolso (esquerdo).

O médium é despertado por um ataque de tosse. Acendemos a luz e encontramos o lenço do Sr. Cornillier sobre os joelhos dele.

Este lenço aparece com quatro nós muito apertados em todos os quatro ângulos.

A vigilância das mãos foi perfeita. Os cordões selados estão intactos.

2ª parte. – Nula.

Sessão de 11 de abril de 1923, às vinte e trinta,
no laboratório do I. M. I.

Experimentadores: Professor Leclainche, do Instituto da França; Professor Cunéo, cirurgião dos hospitais; Sra. G..., Sr. Xavier Leclainche, Dr. Geley e Sr. De Jelski.

Inspeção habitual da sala, do médium e dos presentes.

---

sessões com Guzik.

O professor Leclainche vigia a mão direita; a mão esquerda é vigiada pelo professor Cunéo.

1ª parte. – Escuridão. Conversas. Longa espera (cerca de meia hora).

O Professor Cunéo sente-se tocado. Anuncia contatos muito nítidos no braço direito, na perna e nas costas. Esses contatos dão a impressão de serem feitos por um membro cotó.

2ª parte. – O professor Cunéo não assiste.

Vigilante da esquerda, Professor Leclainche.

Vigilante da direita, Sr. Xavier Leclainche.

As manifestações são mais rápidas do que na primeira parte (após oito ou dez minutos) e mais fortes.

O professor Leclainche recebe um tapa (soco?) na face esquerda (ou seja, a face mais afastada do médium).

O tapa é violento e doloroso. A mão do médium (imobilizada) não podia tê-lo produzido e nem o pé (a vigilância das pernas era perfeita e o professor Leclainche constantemente percebeu o joelho e o pé do médium).

Em seguida, percebe-se algo assim como a materialização de uma forma animal (do tamanho de um cachorro médio).

Todos os presentes percebem o cheiro característico, muito forte (cheiro de cachorro molhado), que sempre acompanha as manifestações desta ordem.

Este cheiro aparece no início da manifestação e desaparece instantaneamente com ela.

Ouve-se uma respiração ofegante, como costuma ser a respiração dos cães. A forma passa roçando o Sr. Leclainche por entre suas pernas, depois por baixo da cadeira e, finalmente, às costas.

Neste momento o médium acorda.

Sessão de 12 de abril de 1923, às vinte e trinta,
no laboratório do I. M. I.

Inspeção costumeira da sala, do médium e dos experimentadores.

Assistem: Dr. Osty, Sra. O..., Dr. H..., Dr. Geley, Sra. G..., Sr. Cornillier e Sr. De Jelski.

1ª parte. – Vigilante da esquerda, Dr. Osty.

Vigilante da direita, Dr. H...

Longa espera. Conversa trivial.

Logo após, contatos com o doutor H... Ele se sente tocado no peito, na cabeça, na perna esquerda. Ele declara que sua vigilância do médium é perfeita: a perna esquerda do médium está ao lado da sua.

2ª parte. – O Doutor H... está ausente.

Vigilante da esquerda, Dr. Osty.

Vigilante da direita, Sra. O...

Após uma breve espera, manifestação de uma forma animal, com seu cheiro característico.

Os dois vigilantes têm a impressão muito exata da presença de um cachorrinho que pula para sua cadeira, depois para os joelhos, esfrega-se neles e os acaricia, parece estar brincando com sua cadeira, etc.

Sessão de 12 de abril de 1923, às 16h30, no laboratório do I. M. I.

Inspeção habitual do médium, da sala e dos experimentadores.

Assistem: Professor Richet, Sr. Garçon, Sr. Sudre, Sra. S..., Dr. Geley e Sr. De Jelski.

1ª parte. – Vigilante da direita, Professor Richet.

Vigilante da esquerda, Sr. Garçon.

Longa espera, três quartos de hora. Conversa trivial. Recitação de versos pelo Professor Richet.

Não há nenhum outro fenômeno além de alguns contatos com o Professor Richet.

2ª parte. – Vigilante da esquerda, Sr. Garçon.

Vigilante da direita, Sra. S...

Após meia hora de espera, manifestação de uma forma canina, com o cheiro habitual. Esta forma passa esfregando a Sra. S... embaixo da cadeira; depois brinca com a carteirinha de mão que ela tem sobre

os joelhos.

Ela nota que alguém pega e leva a referida carteirinha. Após a sessão, ela é encontrada no chão a 1,50m atrás da Sra. S... e à sua direita. (A Sra. S... estava, portanto, entre o médium e a carteirinha de mão.)

Sessão de 14 de abril de 1923, às 21 horas,
no grande salão do Instituto.

Decepcionados com os escassos resultados obtidos nas sessões anteriores, decidimos abandonar o laboratório, que impressionava desfavoravelmente o médium. O laboratório produzia nele, segundo disse, a impressão de uma sala de cirurgia!

A sessão de 14 de abril e as seguintes (exceto aquelas que ocorreram fora do Instituto) foram realizadas, algumas delas, no grande salão do I. M. I., e, na sala particular do Dr. Geley, as outras.

A fiscalização da sala foi sempre perfeita, conforme afirmado no ditame dos 34. Experimentadores: Professor Leclainche, Professor Cunéo, Dr. Rehm, Dr. Osty, Dr. Geley, Dr. Bord e Sr. De Jelski.

O Professor Cunéo coloca selos nas portas e assina-os com o seu nome.

Vigilante da esquerda, Professor Cunéo.

Vigilante da direita, Dr. Rehm.

A despeito da mudança de local, a sessão é medíocre; assinalada apenas por contatos muito nítidos e repetidos sobre o Professor Cunéo. Esses contatos tiveram lugar sobre o tórax, à direita e nas costas.

A vigilância das pernas foi perfeita, talvez até demais: o médium disse que sentiu incômodo durante o transe, pela pressão exercida sobre seus joelhos.

Após uma suspensão de um quarto de hora, a sessão é retomada nas mesmas condições. Nenhum fenômeno ocorre.

Sessão de 15 de abril de 1923, às 16h30, na sala particular do Dr. Geley.

Experimentadores, Professor Leclainche, Sr. Xavier Leclainche, conde Potocki, Dr. Geley, Sra. G..., Sra. D...

Vigilante da esquerda, Sr. Xavier Leclainche.

Vigilante da direita, Sra. D...

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

O professor Leclainche coloca e assina os lacres na sala.

1ª parte. – Espera de um quarto de hora. Conversa trivial em voz baixa. Depois, transe do médium, sinalizado por alguns tremores de suas mãos.

Os dois vigilantes anunciam contatos e tapas. Depois, eles têm a impressão de uma forma animal que esfrega e acaricia suas pernas, flancos e costas.

2ª parte. – Transe rápido do médium. Manifestações semelhantes às precedentes. Depois, fenômenos telecinéticos importantes:

Sobre uma mesa localizada atrás do Sr. Xavier Leclainche, a 1,50m do médium, havia uma bandeja de cobre marroquina.

Esta bandeja é pegada, lançada ao chão com os objetos que continha (cinzeiro, caixa de fósforos).

Percebem-se ruídos de passos, muito claros, ao redor do círculo.

Novamente a bandeja de cobre é apanhada do chão, elevada, provavelmente muito alto; a seguir, solta, cai com um estrépito tal, que o médium acorda bruscamente.

A luz é acendida: os lacres nas portas, as ligaduras nos pulsos do médium, as correntes com cadeado nos experimentadores, tudo está intacto.

Vemos a bandeja de cobre no chão, atrás do Sr. Xavier Leclainche (colocado, portanto, entre o médium e a bandeja), e ao lado da bandeja está o lenço da Sra. D..., que ela tinha sobre os joelhos no início da segunda parte. O lenço tem um nó em três de suas pontas.

Sessão de 16 de abril de 1923, às vinte e trinta,
no grande salão do Instituto.

Experimentadores: Professor Richet, Sra. Le Bert, Sr. Sudre, Dr. Geley e Sr. De Jelski.

Vigilante da esquerda, Professor Richet.

Vigilante da direita, Sra. Le Bert, filha do último citado.

Inspeção habitual do médium, dos presentes e da sala.

1ª parte. – Após uma breve espera, durante a qual o professor Richet recita versos em voz baixa, o médium estremece e cai em transe.

Os vigilantes percebem contatos nos braços, pernas e costas.

Soam alguns tapas recebidos por eles. Um é recebido pelo professor em pleno rosto, na face, e outro pela Sra. Le Bert no peito.

Ouve-se barulho de passos.

O médium é despertado por um ataque de tosse.

2ª parte. – Mesmas condições.

Contatos prolongados nos vigilantes; ruído de passos. Umas cadeiras deslocam-se ruidosamente. Alguns lápis que estão sobre uma mesa, um metro atrás do médium, levantam-se e movem-se. Ouve-se o rumor de um lápis que escreve.

De repente, uma pesada cadeira é transportada sobre a mesa de experiências, por cima das nossas cabeças, sem tocar em ninguém, e fica deitada sobre a mesa. É uma cadeira de assento acolchoado que pesa 5 quilos. Marcamos exatamente o lugar onde estava: era a 1,50m do médium, atrás da Sra. Le Bert.

Comprovamos que um papel branco colocado em uma mesa que fica atrás do médium, com os lápis, contém sinais ilegíveis de escrita.

Notas do Professor Richet. Ata muito sumária da sessão da segunda-feira, 16 de abril, às vinte horas.

A sessão da segunda-feira, dia 16 de abril de 1923, foi muito bela e muito simples.

Não anoto nada além de um fato *brilhante*.

À mesa, Guzik (eu à sua esquerda, minha filha Adela Le Bert à sua

direita) com as mãos amarradas com uma fita lacrada com um selo, impossível de ser desamarrada. Eu havia verificado que o lacre era forte e que a fita não podia ser removida, tanto na mão direita quanto na mão esquerda de G... *Ele não faz nenhum movimento, nenhum*. Meu joelho ao lado do dele. Da mesma forma com Adela. As outras pessoas presentes estão amarradas com correntinhas fechadas com cadeado.

Ouvimos então certos barulhos atrás de G... É como se alguém tocasse a mesa por trás de nós.

Então, de repente, uma cadeira é transportada sobre a mesa (cadeira bem pesada, grossa); minha filha sentiu como passava entre ela e Guzik. Quanto pesa esta cadeira? (5 kg).

Havia alguns traços de lápis nos papéis atrás de nós. Antes da sessão, tínhamos verificado que não havia nenhum vestígio de escrita.

Sessão de 17 de abril de 1923, às 16h30 no salão do Dr. Geley.

Assistem: Sr. Raymond P..., Conde de C..., Dr. Geley, Sra. G... e Sr. De Jelski.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

As portas são lacradas pelo Sr. De C...

Vigilante da direita, Sr. De C...

Vigilante da esquerda, Sr. P...

1ª parte. – Depois de uma breve espera, algumas manifestações das quais o Sr. De C... é objeto. Sente-se apalpado, esfregado, batido no lado esquerdo e nas costas. Declara ter inteiramente a impressão de que um animal está ao seu lado.

Essas manifestações são intermitentes, param, voltam. Ao mesmo tempo em que aparecem, percebe-se um cheiro desagradável de cachorro molhado, cheiro que instantaneamente desaparece quando as manifestações cessam.

Percebe-se barulho de passos, muito nitidamente, atrás dos dois vigilantes.

2ª parte. – Os mesmos fenômenos são reproduzidos; mas desta vez são acentuados, principalmente no que diz respeito ao Sr. P... Ele

declara ter a impressão da presença de um animal muito grande ao seu lado. Percebe um contato, prolongado, em seu ombro direito. Recebe alguns tapas nas costas e na cabeça.

Ouve-se barulho de passos.

Sessão de 18 de abril de 1923, às vinte e trinta,
no grande salão do I. M. I.

Assistem: Dr. Rehm, Dr. Bord, ex-estagiário dos hospitais de Paris; Dr. Osty, Dr. Geley, Conde Potocki, Sra. D... e Sra. G...

Vigilante da direita, Dr. Bord.

Vigilante da esquerda, Dr. Rehm.

Inspeção costumeira do médium, dos presentes e da sala. Portas lacradas pelo Dr. Rehm.

Demonstrações idênticas ocorrem durante ambas as partes da sessão.

Os dois vigilantes, especialmente o Dr. Rehm, percebem contatos e tocamentos diversos, tapas nos ombros e nas costas. O Dr. Rehm tem a sensação de um "animal" que está ao seu lado e cheira a cachorro.

Sua cadeira é violentamente puxada para trás juntamente com ele. Desloca-se cerca de 0,75m (o Dr. Rehm é um homem forte e muito pesado, e este deslocamento requer uma força considerável.)

Algumas cadeiras e poltronas são movidas ruidosamente atrás do círculo.

Uma mesa muito pesada, com tampo de mármore, localizada um metro atrás do médium, afasta-se 0,60m.

Os dois vigilantes percebem, antes dos fenômenos começarem, um barulho como de fervura nas laterais e atrás do médium. Eles percebem claramente que o médium é o centro emissor das forças em jogo.

Sessão de 19 de abril de 1923, às 16h30 no salão do Dr. Geley.

Assistem: Sir Oliver Lodge, Lady Lodge, Sr. Cornillier, Sra. C..., Sr. Forthuny, Dr. Geley, Sra. G... e Sr. De Jelski.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores, da sala. Portas lacradas por Sir Oliver.

O Sr. Forthuny está unido ao piano, longe do círculo (1,50m), por um cordão lacrado. Ele toca levemente durante toda a sessão.

1ª parte. – Vigilantes: Sir Oliver e Lady Lodge.

Contatos em Sir Oliver. Ouvem-se passos pesados por trás do médium. Diversos objetos deslocam-se com ruído, fora do alcance do médium (1,50m por trás dele).

2ª parte. – Contatos em Lady Lodge.

De repente, surge uma luz dupla: são dois pontos brilhantes, como dois vaga-lumes muito próximos um do outro. O fenômeno começa à esquerda do médium. As luzes oscilam de Lady Lodge a Sir Oliver.

Uma exclamação excessivamente viva de Sir Oliver acorda o médium e faz o fenômeno cessar. O médium cai de novo em transe e as luzes reaparecem; aproximam-se do ouvido de Lady Lodge, que então ouve palavras nitidamente pronunciadas, mas não entende. O médium acorda por um ataque de tosse.

Notas de Sir Oliver Lodge.

1ª parte.- Barulhos e arranhões junto à cadeira (do médium) e alguns móveis. Uma caixa de ferramentas perto da lareira foi derrubada.[73]

Sou empurrado como que por um cachorro. Tenho a sensação de que um animal, bem grande, está tentando enfiar o focinho no bolso da calça.

Depois uma pausa; o médium sai por dez minutos.

2ª parte. – Nesta segunda parte uma pequena luz aparece à direita, acima de minha cabeça, e toca minha sobrancelha; depois houve como uma tentativa de voz direta.

Lady Lodge também foi tocada nas costas e viu uma pequena luz

[73] São os alicates de selagem, a caixa cheia de fusíveis perfurados, tesouras e fitas, tudo isso destinado à vigilância do médium.

brilhante se aproximando dela; luz dupla, acompanhada por voz. As duas luzes (dizem eles) iluminavam dois lábios. O som reproduziu-se, mas também não foi compreendido agora.

Ata de Lady Lodge.

Estávamos sentados ao redor de uma mesa redonda, com os pulsos unidos por correntinhas com cadeado.

Oliver e eu estávamos nas laterais do médium, ligados a ele por correntinhas e com nossos dedos ligados aos dele *durante toda a sessão*.

O médium só fala polonês; por isso, em geral, seu amigo o acompanha. O Sr. De Jelski estava sentado na extremidade oposta da mesa, amarrado como os outros e com os dedos ligados aos de seus colaterais. Nas fechaduras das portas foram colados papeis, assinando neles. Estávamos no escuro, mas o Sr. De Jelski tinha uma lâmpada vermelha que podia ser acesa para ver se todas as mãos estavam em seus lugares.

Dali a um momento ouvimos arranhões, como se um cachorrinho estivesse fazendo isso a alguma distância atrás do médium. Uma caixa de ferramentas foi derrubada. Algo tocou minhas costas de leve: uma pata poderia ter dado essa sensação. Oliver notou o focinho de cachorro que várias vezes tentou buscar no bolso de sua calça. Mais tarde, vi duas pequenas luzes, que não iluminavam nada, flutuar em minha direção através da mesa e desaparecer atrás do médium. Depois voltaram e tocaram a minha cabeça com uma "suavidade pesada", muito estranha em coisas tão miúdas. Lamentei estar de chapéu, porque gostaria de sentir mais o contato. Então eu disse: "Querida luzinha." Ela me respondeu com voz de homem, muito apagada. Como não entendi nada, disse: "Repita". Pela segunda vez respondeu, mas não consegui entender nada, e desapareceu.

As duas pequenas luzes deslocavam-se, falando, unindo-se e separando-se como dois lábios; mas não vi lábios formados, apenas os dois pontos de luz, e ouvi a voz.

Isso foi tudo por aquele dia.

Sessão de 20 de abril de 1923, às 16h30, na sala do Dr. Geley.

Assistem: Sir Oliver Lodge, Lady Lodge, Professor Richet, Sra. Le Bert, Dr. Lassabliére, Sr. Sudre, Dr. Geley.

Vigilantes: Sir Oliver e Lady Lodge.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Portas lacradas por Sir Oliver.

Iguais fenômenos nas duas partes da sessão: contatos repetidos e variados nos dois vigilantes. O chapéu de Lady Lodge, situado sobre o sofá, a 1,50m do médium, é transportado duas vezes para a mesa de experiências.

No final da sessão, o médium guia a mão de Lady Lodge na frente da sua o mais longe possível. A mão dela esbarra em um ser do tamanho de um homem, muito peludo e imóvel.

Notas de Sir Oliver Lodge.

1ª parte. – Sou tocado nas costas por um punho. A seguir, alguma coisa passa pela minha cabeça, desliza pelo meu rosto e cai em minhas mãos. É o chapéu de Lady Lodge, que estava no sofá atrás dela e à sua direita. As mãos do médium foram seguradas todo esse tempo pelos dedos mindinhos.

Lady Lodge sente-se tocada por um animal; o médium leva para trás a mão dela, que percebe, ao toque do dorso da mão, algo como o peito peludo de um cachorro de grande tamanho que andasse sobre duas patas, ou de um homem de pequena estatura. Richet pensou que poderia ser um homem primitivo. Ouvimos, por outro lado, o som de passos que eram mais de um homem do que de um cachorro. As senhoras pensaram que poderia ser um macaco grande ou um orangotango. Lady Lodge foi a única que o percebeu dessa vez. A sensação de tocar aquele pelame, que parecia cobrir um peito forte, era muito especial. O fenômeno presentava-se à altura da cabeça de Lady Lodge, sentada.

Não houve luzes, apesar de nosso desejo de obtê-las.

Uma pausa como antes, e a sessão é retomada nas mesmas condições.

2ª parte. – Toques na orelha e pescoço, cabelos despenteados, mas apenas em Lady Lodge. Em seguida, ela descreverá o que percebeu.

O chapéu, colocado de novo no sofá durante o intervalo, de repente volta à mesa.

O episódio do selvagem, cachorro ou macaco peludo, foi o mais curioso de todos. Obviamente já havia ocorrido em outras ocasiões, pois as senhoras falavam daquele ser que lhes dera a sensação de um grande macaco.

O médium não fala durante a sessão; parece dormir; e se os presentes falam uns com os outros, devem fazê-lo com calma; não podem proferir qualquer exclamação, sob pena de acordarem o médium.

Tudo o que se falar, deve ser em voz baixa.

A voz direta fez-se ouvir desta vez; mas ninguém entendeu o que estava dizendo.

Oliver Lodge.

Ata de Lady Lodge.

Estávamos sentados e unidos pelos pulsos como na primeira sessão; mas desta vez tirei o chapéu e coloquei-o no sofá à minha direita, longe o suficiente, de modo que eu não podia alcançá-lo, muito menos o médium, e à minha esquerda.

Primeiro, senti uma coisa assim como um membro cotó, que acariciava minhas costas. Esse toco, ou mão ou pata foi para os meu cabelos e se enredou na rede que os sujeitava. Senti depois que algo passava por sobre a minha cabeça: era o meu chapéu, lançado até onde Oliver estava.

Em seguida, uma pausa. Acenderam a luz. A sessão foi retomada mais tarde nas mesmas condições.

Senti-me fortemente tocada nas costas pelo toco ou mão de que falei antes (porém, não notei sensação de dedos).

Desta vez, meus cabelos ficaram bem desordenados e fui tocada na nuca.

De repente, o médium levou meu braço para trás; eu continuava unida ao seu pulso com uma corrente e meus dedos enlaçados aos dele. Ele me fez tocar com a mão um corpo que estava atrás de mim e alcançava meu ombro. Era muito resistente, coberto de pelo forte espesso como o peito de um cachorro. Coisa surpreendente sentir este ser atrás de você! Meu chapéu que, à vista de todos, coloquei sobre uma das almofadas do sofá, fora do nosso alcance, foi lançado então por cima da minha cabeça e veio cair na frente de Oliver.

O que mais me chocou nesta sessão foi tocar o ser que estava em pé atrás da minha cadeira, coberto por aquela pelagem forte e espessa.

Devo ter passado minha mão sobre a superfície de um pé, aproximadamente.

Este ser parecia cheio de benevolência.

Sessão de 21 de abril de 1923, às vinte e trinta,
na sala de jantar do Dr. Bord.

Assistem: Dr. Bord, Dr. Rehm, Professor Leclainche, Sra. D..., Dr. Geley e Sr. De Jelski.

(Tocam piano na sala ao lado durante a sessão.)

Vigilância costumeira. Porta única, lacrada pelo Dr. Rehm.

Vigilante da direita, Dr. Bord.

Do Dr. Rehm ao Dr. Bord: Professor Leclainche, Sr. De Jelski, Dr. Geley e Sra. D...

1ª parte. – Espera muito longa, cerca de meia hora. Depois, respiração ruidosa e entrecortada do médium, com leves sobressaltos; imediatamente os fenômenos começam.

Barulho de passos atrás do médium e atrás dos vigilantes, abafados pelo tapete, mas claramente percebidos por todos.

Contatos muito precisos e fortes sobre o Dr. Rehm no braço, no

ombro esquerdo e nas costas.

Há tração de sua cadeira, mas não o suficientemente forte para ser deslocada.

O médium tosse e acorda após vinte minutos.

2ª parte. - Após vinte minutos de repouso, a sessão é retomada nas mesmas condições.

Fenômenos quase semelhantes são reproduzidos.

Depois, o Dr. Rehm percebe que sua cadeira está sendo puxada com força. Ele se levanta ligeiramente e aquela cadeira é empurrada contra o médium. Ao mesmo tempo, sente algumas batidas amigáveis nas costas e uma pressão indicativa que o leva até o médium e a sentar-se novamente na cadeira deslocada. Nessa nova posição, ele fica inteiramente colado ao médium, braço com braço e perna com perna, de modo fácil para perceber todos os movimentos de qualquer parte do corpo do médium.

Em tais condições, o Dr. Rehm sentiu vários toques novamente. Depois o médium acorda.

Sessão no dia 22 de abril, às 16h30, na sala do Dr. Geley.

Assistem: Professor Leclainche, Sr. Huc, diretor do Dépêche de Toulouse; Sr. Xavier Leclainche, Sra. C..., Sr. Legros, arquiteto; Sra. H..., Sra. G..., conde Potocki e Dr. Geley. Inspeção habitual. Portas lacradas pelo professor Leclainche.

Vigilante da direita, Sr. Huc.

Vigilante da esquerda, Sr. Xavier Leclainche.

1ª parte. – Depois de um quarto de hora de espera, contatos no Sr. Huc, em seu braço esquerdo, no lado, na barriga, nas costas.

Esses contatos são múltiplos e muito fortes.

Barulho de passos por trás do médium e do Sr. Huc. Movimento ruidoso de objetos.

De repente, percebe-se que um objeto, que nos parece uma cadeira ou poltrona, é transportado para a mesa de experiências. Essa peça passou por cima de nossas cabeças e foi colocada muito

suavemente sobre a mesa, sem tocar as mãos dos experimentadores. Era uma cadeira pesando cerca de quatro quilos; nós a encontramos derrubada sobre mesa, com o encosto para cima. Antes da sessão, ela estava localizada cerca de um metro atrás do Sr. Huc.

A vigilância foi excelente. O Sr. Huc e o Sr. Xavier Leclainche não largaram a mão do médium (além disso, os cordõezinhos lacrados estão intactos). As pernas dos vigilantes tocavam-se com as do médium. Por consequência, o fato da telecinesia é verdadeiro.

2ª parte. – Mesmas condições.

Contatos no Sr. Huc. Sua cadeira é puxada para trás com muita força e arrastada com ele (deslocada cerca de 0,75m); depois é devolvida ao seu lugar. O piano (aberto), cujo teclado está a 1,50m do médium, soa. Ouvimos tocar nas notas mais agudas (aquelas mais próximas do médium).

Este fenômeno, sob nossas condições de vigilância e verificação, é inimitável fraudulentamente.

Batidas na caixa do piano. Depois, apesar de uma longa espera, nada mais ocorre.

Sessão de 23 de abril de 1923, às onze horas da manhã, no salão do Dr. Geley.

Assistem: Sir Oliver Lodge, Lady Lodge, Professor Richet, Sra. O... e Sr. De Jelski.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Tudo o que aconteceu limitou-se a contatos e batidas muito fortes em Sir Oliver e no Professor Richet, vigilantes.

Sessão noturna no grande salão do Instituto.

Assistem: Sra. Le Bert, Sra. G... Dr. Lassabliére, Dr. Brian, Sr. Sudre, Sr. De Jelski, Sr. Llaguet, diretor do Serviço de Higiene de Bordéus; Sra. L... e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

1ª parte. – Vigilantes: Dr. Brian e Dr. Lassabliére.

Sessão nula.

2ª parte. – Vigilantes: Sra. Le Bert e Dr. Lassabliére.

Batidas e contatos nos vigilantes. Tapas bem fortes no rosto. Batidas rítmicas à distância.

Sessão no dia 24 de abril, às quinze horas,
no grande salão do Instituto

Assistem: Sir Oliver Lodge, Conde A. De Gramont, Sra. De C..., Sr. Ollivier, Conde Du Bourg de Bozas e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

1ª parte. – Vigilante da direita, Sra. De C...

Vigilante da esquerda, Sir Oliver.

Contatos repetidos e intensos na Sra. De C... Ruído de passos. A mesa, localizada atrás do médium (um metro), uma mesa muito pesada, é movida várias vezes.

A manifestação "canina" ocorre. A forma de um cão (do tamanho de um fox terrier) passa entre as pernas da Sra. De C... e do experimentador imediato, Sr. De Gramont. Ambos sentem esses contatos. O "cachorro" pula nos joelhos da Sra. De C..., que percebe sua pele, depois nos ombros. Carícias habituais dos cachorros.

2ª parte. – O Conde Du Bourg foi embora. Vigilante da direita, Sir Oliver.

Vigia à esquerda, Sra. De C...

Quase imediatamente há manifestações fortes: barulho de passos, impressionantes de certeza, deslocamento de móveis. O papel e os lápis, colocados na mesa atrás do médium, são jogados no chão.

Sir Oliver percebe contatos múltiplos. A Sra. De C... também.

Dois membros, como se fossem mãos sem dedos, apoiam-se simultaneamente em seus ombros. Seu chapéu é deslocado várias vezes, em sua cabeça.

Ouvem-se sussurros ininteligíveis, depois uma voz fala ao ouvido de Sir Oliver. Todos percebem, no meio de uma frase que não se entende, estas palavras francesas: *"votre nom"*. O fenômeno é então

reproduzido ao ouvido da Sra. De C... As palavras pronunciadas não são compreendidas.

O médium tosse e acorda. Ele leva a mão da Sra. C… bem para trás e para cima. Ela percebe um ser do tamanho de um homem em pé. Sua mão toca um crânio peludo. Igual manifestação em relação a Sir Oliver Lodge.

Depois de acender a luz, vemos sinais incoerentes feitos a lápis no papel branco que estava sobre a mesa atrás do médium e que foi jogado no chão.

Notas de Sir Oliver Lodge.

O Sr. De Jelski não assistiu desta vez. A sessão foi realizada no grande salão do primeiro andar, não na salinha do segundo. Podia ser deixado no escuro, mas não tão completamente quanto no segundo.

As portas estavam trancadas com cadeado, lacradas, e os assistentes unidos com correntinhas com cadeado, como de costume.

Durante a primeira parte da sessão, foi principalmente a Sra. De C... quem percebeu contatos. Na segunda parte, ela trocou de lugar comigo e o Sr. Du Bourg De Bozas foi embora.

A Sra. De C..., durante esta primeira parte da sessão, sentiu algo que lhe deu a impressão da presença de um cachorro. Também a de um pequeno animal que brincava na frente dela. Ela também disse que seus vestidos estavam sendo empurrados por baixo, como se algo estivesse tentando alcançar o Sr. De Gramont, que, creio eu, sentiu o contato. Eu ouvi o cachorro (?) que se agitava ao redor da cadeira Sra. De C...

O fato mais interessante foi o movimento da mesa atrás dos presentes. Ela estava a cerca de uma jarda de Guzik e deslizou-se várias vezes sobre o pavimento polido. Pareceu deslocar-se um pé no total, mas tive a impressão de que parcialmente foi devolvida ao seu lugar depois de ser deslocada. Achamos que estava tentando se levantar; no entanto, não tínhamos provas de que as pernas chegassem a se afastar do chão. Eu não esperava esse fenômeno, e não

tomara o cuidado de marcar a localização da peça. Fiz isso para a segunda parte da sessão, marcando a posição das pernas da mesa em uma folha de papel. Três dessas folhas estavam sobre a mesa com três lápis (tudo isso foi jogado no chão). A mesa não se mexeu desta vez; mas o papel, sim. Ouvimos esfregar nele e encontramos alguns sinais, em uma das páginas, após a sessão, logo abaixo do meu esboço; sinais que certamente não estavam ali, porque eu os teria visto; eu desenhei em uma página perfeitamente em branco.

O médium não fez um único movimento com as mãos durante esta primeira parte.

Na segunda parte da sessão (tendo todos nós trocado de lugar) fui tocado várias vezes; no papel sobre a mesa atrás de nós ouviu-se o barulho um atrito e ele trocou de lugar. O móvel não se mexeu; algo que estava atrás de mim não parava de tocar meu braço. Eu disse: "É Fango?" O ser pareceu satisfeito e me tocou duas vezes. Perguntei se isso significava que sim e fui tocado mais duas vezes.

Eu perguntei se ele conhecia Raymond e se este estava lá:

"Sim" — responderam. "É Raymond quem me toca?" — respondeu que não, tocando-me uma vez.

Depois falou baixinho ao meu ouvido e, sensação curiosa, eu acreditava ter percebido uma respiração. A princípio pensei que fosse a respiração do polonês, mas as mesmas palavras foram repetidas várias vezes e os presentes acreditaram ter ouvido "*votre nom*". Eu não pronunciei o meu nome, ocupado como estava, em ouvir e a observar. Guzik então pegou minha mão, que ainda estava ligada à sua, puxando-a para trás, entre nós dois, tratando de me fazer apalpar a aparição. Esta pareceu recuar só de tocá-la com meu braço. Isso aconteceu várias vezes. Finalmente Guzik me fez levantar a mão e senti dois dedos pressionarem um dos meus (mas isso poderia ser feito pelo médium) e por um momento toquei uma cabeça cabeluda com as costas da minha mão. Era redonda e dura como a de um homem de cabelo curto.

A Sra. De C... disse que o ser foi imediatamente tocá-la com força

nos ombros, depois nas costas, e que sua mão foi agarrada pelo médium e levada para trás, como havia feito comigo. Ela notou com a palma da sua mão uma cabeça dura e redonda de cabelo curto. «Aproximou-se muito do meu rosto e falou; senti um bafejo cálido; ele também desarrumou meu chapéu»- disse a Sra. De C...

No final, Guzik, em vez de partir imediatamente como costumava fazer, ficou e nos mostrou como havia levantado minha mão para me fazer tocar a cabeça do ser. Ele também percebeu que havia sinais no papel. Parecia significativamente mais satisfeito com o resultado desta sessão do que com o das outras. Em geral, ele parece triste; desta vez ele se animou e quase foi sociável.

A voz, que todos puderam ouvir, era muito curiosa; chegou muito perto do meu ouvido. A Sra. De C... disse que a mesma voz veio falar bem perto do ouvido dela, mas não sei se ela conseguiu entender as palavras pronunciadas. (Eu só entendi «*votre nom*» repetido três vezes com acento interrogador - disse a Sra. De C...)

Havia ruídos na sala como se alguém estivesse mexendo-se em um canto a cerca de três jardas de distância. Sentia-se inegavelmente a presença de alguém.

Estávamos todos ligados por correntinhas; lá, decerto, não havia mais ninguém. As portas estavam lacradas e era dia, de forma que, se alguma porta se abrisse, a luz entraria em torrentes.

Esta sessão foi a mais interessante de todas as que presenciei. Parece que em outras sessões algumas notas soaram no piano. Tentamos obter o mesmo resultado na minha presença, mas sem sucesso.

Uma sensação estranha é ouvir como algo se move fora do círculo que formamos; ouvir ruídos atrás de nós, móveis que se deslocam!

Certa vez, o barulho parecia vir do canto mais afastado da sala, atrás de uma mesa que estava às costas de Geley. Quando a luz foi acesa, nada foi visto. Os movimentos eram objetivos e o objeto movido ficava no lugar para onde tinha sido levado quando deslocado. Que ninguém estivesse lá quando a luz foi acesa não prova nada: quando estávamos lá, no escuro, na mesmo sala, havia um ser.

É bom lembrar disso quando vemos crianças que têm medo do escuro.

Sessão de 25 de abril de 1923, às oito e meia da noite, na casa do Professor Cunéo.

Assistem: Professor Cunéo, Professor Leclainche, Sra. V. D..., Dr. Osty, Srta. G..., Sr. De Jelski e Dr. Geley.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da esquerda, Professor Cunéo.

Vigilante da direita, Srta. G...

1ª parte. – Contatos muito violentos no Professor Cunéo. Tapas nas costas, muito fortes.

Manifestação "canina": uma forma de cão acaricia as pernas do Professor Cunéo e as da Sra. V..., colocada à esquerda deste.

A forma passa entre as pernas da Sra. V..., por baixo de sua saia, e lambe seus joelhos.

2ª parte. – O Dr. Rehm está presente. Nula.

Sessão de 27 de abril de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto.

Assistem: Sra. Le Bert, Professor Richet, Dr. Lassabliére, Dr. Humbert, Sr. Sudre, Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

1ª parte. – Vigilante da direita, Dr. Lassabliére.

Vigilante da esquerda, Dr. Humbert.

Longa espera. Contatos no Dr. Humbert, muito nítidos e numerosos. Ruído de passos. Movimento de móveis.

2ª parte. – Vigilante da direita, Professor Richet.

Vigilante da esquerda, Dr. Lassabliére.

O médium, em transe desde o início, é bruscamente despertado por um acesso de tosse de um dos presentes. Segue-se uma vã espera de mais de meia hora. Vê-se que o médium está inerte. Dr. Humbert fala com ele em russo. Responde que não consegue dormir. Proponho dar-lhe passes e ele aceita. Solto-me das correntinhas, acendo a luz,

aproximo-me dele, dou passes longitudinais, com a mão esquerda na frente da cabeça dele e, com a direita, atrás.

Ele adormece muito rapidamente e apresenta os tremores e sobressaltos característicos. Imediatamente apago a luz e volto ao meu lugar, fazendo a corrente com meus colaterais, (Dr. Humbert e Sr. Sudre), mas sem ter tempo de me amarrar.

No mesmo instante, os fenômenos intensos. Contatos violentos no Dr. Lassabliére; manifestação canina: um "cachorro" esfrega as pernas nele, pula sobre seus joelhos, passa por trás de suas costas, entre ele e o encosto da cadeira, toca seus ombros; alguns móveis deslocam-se ruidosamente; ouvem-se passos pesados.

Mas uma tosse do médium o acorda.

Ele mesmo pede uma terceira prova após cinco minutos de descanso.

3ª parte. – O Sr. Sudre vai embora.

Vigilante da direita, Dr. Lassabliére.

Vigilante da esquerda, Dr. Humbert.

Rapidamente contatos repetidos no Dr. Humbert e manifestação canina. Um lençol de linho colocado em cima de uma poltrona, a 1,50m do médium, com a intenção de favorecer certas manifestações, vem até o médium, sobre sua cabeça, e depois é depositado na mesa. O médium acorda.

Sessão de 28 de abril de 1923, às nove horas da noite,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Dr. Chauvet, Professor Cunéo, Sra. V. D..., Sr. M..., Sr. De Jelski e Dr. Geley.

Vigilância habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. Chauvet. Vigilante da esquerda, Professor Cunéo.

1ª parte. – Bem cedo (só dez minutos), transe do médium. Contatos violentos com o Dr. Chauvet, que reclama levemente.

Ruído de passos.

De improviso, luz atrás do médium. Esta luz chega frequentemente ao contato com a cabeça do Dr. Chauvet, e depois com a do Professor Cunéo. Ouve-se um cochicho, no momento do contato, no ouvido do Dr. Chauvet.

Outra luz aparece ao lado da mão do Dr. Chauvet; desaparece e reaparece.

2ª parte. – O Sr. De Jelski foi embora. Vigilante da direita, Professor Cunéo.

Vigilante da esquerda, Sr. M...

O médium cai logo em transe. Algumas batidas soam no Professor Cunéo, depois no Sr. M...

Barulho de passos extremamente claros, atrás do médium e bem distante dele.

Móveis mudam de lugar com estrépito.

Uma cadeira que o Dr. Chauvet unira ao chão (por meio de uma fita de papel adesivo) cai ruidosamente no chão. Estava a 1,50 m do médium. Bate no chão acompanhando o ritmo de um piano que está sendo tocado na sala ao lado.

Eu interrogo em francês:

“Responda com uma batida para o não e duas para o sim. Você entende francês? Sim. Você é amigo de algum de nós? Não. Amigo do médium? Sim. Você pode trazer a cadeira e colocá-la em cima da nossa mesa? Sim." Ouve-se a seguir como a cadeira está sendo arrastada e temos a impressão de que vão trazê-la. De fato é assim; mas atinge a cabeça do médium, que dá um grito e acorda. A cadeira é jogada no chão. Vamos encontrá-la, após a sessão, a 1,30m do círculo.

O médium adormece novamente e aqueles fenômenos tão violentos e intensos continuam. Um abajur luminoso colocado sobre a mesa atrás do médium é lançado a dois metros de distância. Ouve-se escrever sobre a mesa mencionada. Contatos repetidos no Sr. M..., que agradece. Ruído de passos. Depois o médium acorda. Comprovamos que os lacres da porta estão intactos. O protetor da lareira também fora lacrado (intacto).

Todos os presentes declaram-se convencidos. Sinais feitos a lápis são encontrados nos papéis em branco colocados na mesa atrás do médium. Com algumas linhas ilegíveis traçadas neles.

Sessão do dia 29 de abril de 1923, às 16h30,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Professor Leclainche, Professor Vallée, Sr. Huc, Conde Potocki, Sra. L..., Sra. H..., Sra. G... e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

1ª parte. – Vigilante da direita, Sr. Huc.

Vigilante da esquerda, Sr. Vallée.

Após um quarto de hora de espera, contatos numerosos e bem nítidos no Sr. Huc, em seu braço, ombro e costas. Ruído de passos, móveis mudam de lugar com estrépito. A pesada mesa com tampo de mármore atrás do médium muda de lugar ruidosamente. O Sr. Vallée, por sua vez, percebe dois contatos fortes no ombro e no queixo.

2ª parte. – Vigilante da direita, Professor Vallée.

Vigilante da esquerda, Sr. Huc.

Tive a infeliz ideia de instalar uma lâmpada vermelha com reostato regulador. O reostato estava na mesa à minha frente. O cabo condutor passava por trás do Professor Vallée e estava ligado na tomada atrás do médium. Desde o início, esse cabo é puxado com extrema violência. O reostato é deslocado ruidosamente e exige muito trabalho para segurá-lo.

Várias vezes, notam-se os mesmos esforços violentos para arrancar os fios.

Eu enrolo o cabo condutor em volta dos meus dedos. Duas vezes percebo uma tentativa de tração, como um ensaio de força para ver se o fio está preso. Verificada minha resistência, a força não insiste.

Mas nenhum outro fenômeno ocorre, apesar de uma longa espera.

É evidente que, apesar da explicação dada ao médium, a presença da lâmpada e do reostato exerceu uma ação inibitória.

Sessão de 30 de abril de 1923, às nove horas da noite, no grande salão do Instituto.

Assistem: Sr. Lucien Michaux, Inspetor Geral de Estradas e Pontes; Dr. J. Ch. Roux, Dr. Lassabliére, Dr. Humbert, Professor Richet, Sra. Le Bert, Dr. Geley e Sr. De Jelski.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sr. Michaux.

Vigilante da esquerda, Dr. Humbert.

1ª parte. – Contatos no Dr. Humbert. Ruído de passos.

A pesada mesa que está atrás do médium desloca-se com barulho.

2ª parte. – Vigilante da direita, Dr. Roux.

Vigilante da esquerda, Sr. Michaux.

Contatos violentos e repetidos no Sr. Michaux; dirigido seu braço direito para trás o máximo possível pelo médium, ele retorna à mesa, empurrado violentamente por um "membro ectoplasmático" que o agarra pelo antebraço.

Uma pesada poltrona, atrás do Sr. Michaux é mudada de lugar.

Contatos no doutor Roux, que recebe um golpe (soco?) no olho esquerdo, bastante violento.

Sessão de 1º de maio de 1923, às 16h30, no grande salão do Instituto.

Assistem: Duque de B…, Sr. B..., Sra. P..., Sr. Raymond P..., Sra. De C..., Conde de la R..., Conde Georges de C... e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da esquerda, Duque De B...

Vigilante da direita, Sr. B…

1ª parte. – Contatos no Sr. B..., repetidos e discretos. Ele é tocado no braço e nas costas.

A mesa de mármore atrás do médium desloca-se ruidosamente.

Uma cadeira (quatro quilos) localizada a 1,50m do médium, é levantada, cai e dá batidas com as pernas.

Respostas tiptológicas por meio desta cadeira (perguntas em francês).

Peço que levem a cadeira para a mesa de experiências.

Alguns esforços ocorrem e, finalmente, sente-se a impressão de que levantam a cadeira. Ela fica em cima da mesa, tombada. Uma de suas pernas atinge na testa o Duque de B..., que dá um grito e acorda o médium.

2ª parte. – Muito breve, contatos no duque de B..., barulho de passos, movimento barulhento de móveis. Manifestação "canina"; um "cachorro" malcheiroso toca com seu focinho nos dois vigilantes.

Pausa de cinco minutos. De repente, uma luz com a mesma aparência de um vaga-lume, aparece atrás do médium. A luz desloca-se lenta e graciosamente no ar. Vai de um vigilante para o outro, aproxima-se de seus rostos. Eles notam sucessivamente o beijo de dois lábios. Beijos ruidosos, ouvidos por todos os presentes. O fenômeno é reproduzido mais duas vezes; os vigilantes também escutam, junto aos ouvidos, sussurros de palavras ininteligíveis. Mais tarde, novo movimento de móveis. O duque de B... recebe um tapa em seu lado esquerdo (o mais afastado do médium). Uma cadeira, fixada por nós ao pavimento com papel colado, é arrancada e empurrada com força para trás da Sra. P... (a dois metros do médium, mais ou menos). O papel e os lápis, colocados na mesa atrás do médium, são jogados no chão. O médium acorda às seis da tarde.

Sessão de 2 de maio de 1923, às oito e meia da noite,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Dr. Chauvet, Professor Cunéo, Sra. V. D..., Dr. Osty, Srta. G..., Dr. Bourbon e Sr. Edouard H...

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sr. H...

Vigilante da esquerda, Srta. G...

1ª parte. – Contatos repetidos no Sr. H... Tapas em seu braço e nas costas. O lenço do Sr. H... é retirado do bolso; dão nele dois nós e o jogam atrás de Guzik.

2ª parte. – Vigilante da direita, Dr. Bourbon.

Vigilante da esquerda, Srta. G...

Contatos no Dr. Bourbon.

Uma luz aparece atrás do médium e se aproxima do Dr. Bourbon, que a enxerga bem. Diante das exclamações dos presentes, ela desaparece.

Ruído de passos numerosos.

Sessão do dia 3 de maio de 1923, às 16h30,
no grande salão do Instituto.

Inspeção e preparação habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Assistem: Capitão Després, ex-aluno da Escola Politécnica; Maurice Privat, escritor; Sr. Sudre, Sra. S... e Dr. Geley.

Vigilantes: Sres. Després e Privat.

1ª parte. – Contatos no Sr. Privat. Ele tem a impressão de que um cachorro está brincando com ele, põe as patas nos seus joelhos, enfia o focinho nos bolsos e de um deles tira um jornal.

A certa altura, o Sr. Privat anuncia contatos múltiplos simultâneos. Enquanto os fenômenos descritos persistem, ele tem a impressão da presença de outro animal menor, que pula em sua cadeira e o empurra nas costas. O capitão Després anuncia depois sensações de múltiplos contatos. Também tem a sensação de carícias de um cachorro.

2ª parte. – Soam batidas à distância, na mesa, que fica a 1,30m atrás do médium. Essas batidas dão respostas coerentes com as perguntas feitas pelos presentes. O Sr. Privat percebe contatos. Algo que dá a impressão de um cachorro pula sobre seus joelhos e lambe seu rosto.

O Sr. Privat faz o possível para evitar essas carícias; depois as manifestações cessam.

Após alguns minutos de calmaria, vê-se de repente uma luz se formando atrás do Sr. Privat, entre ele e o médium. Essa luz se aproxima do rosto de Privat, que afirma ver "um olho bem formado,

fosforescente". A luz desaparece; em seguida, outra luz se aproxima do Sr. Privat. Este declara ver um rosto humano. Ouve dizer: "Boa tarde".

A luz vai em direção ao Sr. Després, que também vê os traços de um rosto, sente-se tocado e beijado e ouve algumas palavras em polonês.

Às 18h15 o médium acorda.

Sessão do dia 4 de maio de 1923, às 16h30,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Professor Richet, Professor Vallée, Sra. Le Bert, Doutor Héricourt, Doutor Lassabliére, Doutor Humbert e Doutor Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Professor Vallée.

Vigilante da esquerda, Dr. Héricourt, em ambas as duas partes da sessão.

Contatos no Dr. Héricourt, múltiplos e variados. Especialmente notáveis são os contatos suaves, como uma carícia, no ombro esquerdo, o mais afastado do médium.

Uma cadeira, colocada atrás do Dr. Héricourt, é movida ruidosamente e arrastada para a sua esquerda.

Sessão de 5 de maio de 1923, às oito e meia da noite,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Dr. Chauvet, Sr. Paul Ginisty, Dr. Bourbon, Sr. Melusson, Sr. Ageorges, Dr. Rehm e Dr. Geley.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala; além disso, depositamos serragem, em camada uniforme, em todo o assoalho.

Vigilante da esquerda, Sr. Ginisty.

Vigilante da direita, Dr. Rehm.

Em todas as três partes, contatos no Sr. Ginisty, repetidos e nítidos, nas costas, no braço e no ombro esquerdo. Buscam dentro do

seu bolso.

Barulho de lápis em cima da mesa grande atrás do médium.

Após a sessão, traços de serragem são encontrados nos locais onde o Sr. Ginisty percebeu contatos, principalmente nas costas.[74]

Algumas pegadas no chão como que de patas de um cachorro de tamanho médio.

No papel branco que está na mesa grande, há um grande S maiúsculo traçado a lápis.

Sessão do dia 6 de maio de 1923, às 16h30,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Dr. Bour, Dr. Osty, Sr. Thiebault, Sra. G..., Sr. Xavier Leclainche, Dr. Geley e Sra. D…

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. Bour.

Vigilante da esquerda, Sr. Thiebault.

1ª parte. – Numerosos contatos no Sr. Thiebault, ruído e deslocamento do abajur que está sobre a mesa, atrás do médium (1,50m).

2ª parte. – Contatos com o Dr. Bour (braço, costas); seu braço, levado longe do médium, para trás, é tocado várias vezes.

Sessão de 7 de maio de 1923, às nove horas da noite,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Professor Richet, Sra. Le Bert, Sr. e Sra. M..., Dr. J.-Ch. Roux, Dr. Geley e Sr. De Jelski.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilantes: Sr. e Sra. M...

1ª parte. – Contatos na Sra. M...

2ª parte. – Vigilantes: Sra. M... e Dr. Roux. Nada, apesar de uma hora de espera e dos passes dados por mim.

---

[74] Não havia serragem onde os pés do médium estavam.

Sessão de 8 de maio de 1923, às 16h30, no salão grande do Instituto.

Assistem: Duquesa Du T..., Sres. De C..., Srta. Thomassin e Dr. Geley.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilantes: Sres. De C...

1ª parte. – Desde o início, manifestações telecinéticas violentas.

Contatos múltiplos no Sr. De C..., o mais jovem, e mais raros em seu irmão.

Alguns móveis deslocam-se ruidosamente, fora do alcance do médium.

A cadeira do Sr. De C... (o mais jovem) é arrancada dele bruscamente e ele tem de ficar em pé. Um instante depois, é de novo aproximada dele; quando vai se sentar, é novamente retirada e lançada com violência, tombada, a um metro atrás dele. O médium acorda.

Verificou-se que o leque da Duquesa, colocado sobre seus joelhos e acidentalmente caído no chão, fora do alcance do médium, foi transportado a mais de 2 metros para o outro lado da pesada mesa, localizada atrás do médium.

Da mesma forma, suas luvas estão sobre a mesa mencionada.

2ª parte. – Espera de dez minutos; em seguida, contatos leves e suaves em Sres. De C... Ruído de passos.

De repente, uma luz surge atrás de Guzik e avança lentamente para o Sr. De C... (o mais jovem); depois para seu irmão; desaparece e retorna um instante depois, fazendo curvas no ar, muito acima da cabeça do médium. Aproxima-se dos dois irmãos sucessivamente até o contato com seus rostos. Eles distinguem bem que a luz é dupla, uma superior, outra inferior; depois, eles ouvem bem perto (todos os presentes ouvem) uma voz que murmura um frase que não é compreendida, da qual percebe-se uma palavra: morto.

Três vezes o fenômeno é reproduzido, muito preciso. A cada palavra os Sres. De C... veem as duas luzes se moverem e se separarem (lábio superior e inferior).

Sessão de 9 de maio de 1923, às oito e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Professor Vallée, Sr. Paul Ginisty, Dr. Chauvet, Sra. C..., Dr. Geley e Sr. De Jelski.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da esquerda, Professor Vallée.

Vigilante da direita, Sr. Ginisty.

1ª parte. – Numerosos contatos no Sr. Ginisty (braço, costas, ombro, nuca). Ele sente o que parece um animal pouco pesado trepando em suas costas. Outra força puxa seu paletó.

Também contatos no Sr. Vallée, cuja cadeira é violentamente jogada para trás.

Ouve-se o som de passos e, em seguida, uma fricção no papel da mesa situada atrás do médium. Uma massa de argila de modelar que está em cima da mesa é jogada no chão.

O médium acorda; mas os fenômenos ainda continuam por cinco minutos, repetindo os contatos no Professor Vallée e no Sr. Ginisty. O braço do professor Vallée, levado bem para trás e no alto, é tocado nítida e frequentemente em sua face posterior. Uma cadeira selada ao chão foi transportada a 0,50m.

2ª parte. – Nenhum fenômeno telecinético. Alguns contatos com o Sr. Ginisty. De repente, uma luz que aparece atrás do médium, vem junto ao rosto do Sr. Ginisty. Ouve-se um murmúrio confuso. Barulho de beijos. Igual fenômeno no professor Vallée, que anuncia um contato no momento em que a luz toca sua face. O lenço do Sr. Ginisty é retirado do bolso interno de seu paletó e jogado em cima da mesa atrás do médium, com um nó dado em cada ponta.

Após a sessão, examinamos a massa de modelar jogada no chão. São visíveis duas marcas semelhantes. Comprimento, 3 centímetros; largura, 1 centímetro. Essas marcas são estrias longitudinais muito juntas e irregulares. Não se parece com nada; mas é muito nítido. Durante a sessão, ouviu-se um rangido de arranhões.

Sessão do dia 10 de maio de 1923, às quatro e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Marcel Prévost, Sra. De C..., Sr. Sudre, Sra. G..., Dr. Geley e Sra. M. P.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sra. De C...

Vigilante da esquerda, Marcel Prévost.

1ª parte. – Contatos múltiplos na Sra. De C..., manifestação "canina". Barulho de passos.

Puxam violentamente a cadeira de Marcel Prévost. A pesada mesa atrás do médium é deslocada várias vezes.

Após a sessão, verificamos que ela girou meia volta sobre as pernas da direita ficando em uma direção perpendicular à sua posição original.

2ª parte. – Iguais contatos na Sra. De C... Por duas vezes, surgimento de uma luz que vai tocar o rosto da Sra. De C... Ela ouve algumas palavras ininteligíveis. Todos os presentes viram essas luzes, exceto o Sr. Prévost, oculto pela cabeça do médium.

Sessão de 11 de maio de 1923, às quatro e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Sra. Le Bert, Sra. Richet, Dr. Bour, Dr. Lassabliére, Comandante Keller, Sr. Coyne e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. Bour.

Vigilante da esquerda, Comandante Keller.

1ª e 2ª parte. – Contatos múltiplos com o Dr. Bour e o Comandante Keller. Seu braço, primeiro levado longe do médium, é depois tocado e rejeitado.

A cadeira do Dr. Bour recebe um puxão violento. Uma cadeira colocada a 1,30m do médium é arrastada até o Comandante Keller.

Ruído de passos numerosos; batidas longe do médium, atrás dele.

Sessão de 12 de maio de 1923, às oito e meia da noite,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Sr. Bayle, Sra. Lodge, Sr. Henri George, Sra. G..., Professor Leclainche e Dr. Geley.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sr. George.

Vigilante da esquerda, Sr. Bayle.

1ª parte. – Contatos múltiplos no Sr. Bayle. Manifestação "canina" com seu cheiro.

Buscam em seus bolsos. Ouve-se o movimento de uma caixa de fósforo. Ruído de passos.

Contatos idênticos no Sr. George.

2ª parte. – Iguais fenômenos, muito acentuados no Sr. George. A cadeira deste recebe tração violenta para trás, tendo ele de ficar em pé. Depois, a cadeira volta para ele de novo e outra vez é lançada para trás, jogada no chão e fica a mais de dois metros de seu lugar.

A argila de modelar, sobre a mesa atrás do médium, aparece crivada de arranhões.

Sessão de 13 de maio de 1923, às quatro e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Marcel Prévost, Sra. M..., Sr. Sudre, Professor Mestre, Sr. Privat, Sr. Xavier Leclainche, Dr. Geley e Sra. S...

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da esquerda, Sr. Prévost.

Vigilante da direita, Professor Mestre.

1ª parte. – Contato no Sr. Prévost; tapas violentos no professor Mestre; ruído de passos, movimentos ruidosos da cadeira localizada a 1,50m do médium. Esta cadeira vem até o contato com o Sr. Prévost. Uma cestinha que estava atrás da cadeira mencionada é arremessada a três metros de distância.

2ª parte. – Vigilante da esquerda, Sr. Prévost.

Vigilante da direita, Sr. Xavier Leclainche.

Iguais fenômenos. A cestinha vem cair na mesa. Contatos repetidos e múltiplos no Sr. Prévost, que fica despenteado. Mexem em seus óculos.

Sessão de 14 de maio de 1923, às oito e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Professor Richet, Sra. Le Bert, Sra. Richet, Dr. J. Ch. Roux, Dr. Moutier, Dr. Lassabliére, Dr. Geley, Sra. M... e Sra. R...

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sra. Richet.

Vigilante da esquerda, Dr. Moutier.

1ª parte. – Contatos múltiplos no Dr. Moutier. Ele sente o que parece um animal saltar sobre ele e percebe o barulho das unhas. A cadeira localizada a 1,50m do médium é empurrada contra o Dr. Moutier. Uma cestinha de vime, que estava em cima da cadeira, é lançada a dois metros.

Barulho de passos numerosos e bastante afastados. Batidas que respondem de forma inteligente, às vezes longe de nós, às vezes na cadeira do Dr. Moutier.

Após a sessão, percebem-se marcas de unhas no forro do paletó do Dr. Moutier; o tecido está arranhado, em um espaço de 8 a 10 centímetros, por duas linhas irregulares e paralelas.

Observam-se marcas de unhas na argila de modelar que está na mesa situada atrás do médium.

2ª parte. – O Dr. Moutier troca de lugar com a Sra. Richet. Sessão nula, exceto por alguns contatos leves no Dr. Moutier.

Sessão de 15 de maio de 1923, às quatro e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Duquesa de T..., Conde de C...., Sres. De C..., Dr. Bour, Professor Mestre, Sr. Mestre filho, e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. Bour.

Vigilante da esquerda, Conde de C...

1ª parte. – Nula (tive uma discussão cansativa com Guzik antes da sessão, sobre a data de sua partida).

2ª parte. – Contatos repetidos na cadeira do Conde De C..., depois nas costas, ombro e braço. Seu braço direito, levado por Guzik para trás, é tocado várias vezes na sua parte posterior, longe e totalmente fora do alcance do médium. Ruído de passos, pequenos movimentos da mesa que está atrás do médium.

Após a sessão, encontramos impressões digitais no papel sobre a mesa atrás do médium.

Sessão do dia 16 de maio de 1923, às oito e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Conde A. De Gramont, Professor Vallée, Doutor Ranneaux, Sra. R..., Marquesa de B... e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilantes: Sres. Ranneaux e Vallée.

1ª parte. – Nula. O médium reclama que o Sr. Ranneaux apertou dolorosamente seu dedo mínimo. Hoje ele recebeu a notícia de que sua filha mais velha está doente.

2ª parte. – Vigilante da direita, Sra. De B...

Vigilante da esquerda, Sr. Vallée.

Duas luzes muito fracas atrás do médium; quase imediatamente, desvanecem-se.

Alguns contatos na Sra. De B...

Sessão no dia 17 de maio de 1923, às quatro e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Sra. M..., Sr. Michaux, Sra. G..., Sr. Xavier Leclainche, Sr. Jean L... e Dr. Geley.

Preparação habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sr. Jean L...

Vigilante da esquerda, Sra. M...

1ª parte. – Quase nula. Alguns contatos nas costas e no braço direito da Sra. M... muito precisos, porém discretos.

2ª parte – O Sr. Michaux vai para a sala imediata e toca piano durante toda a sessão.

Após dez minutos de espera, transe do médium. Uma luz aparece atrás e à esquerda do médium. Mal perceptível, depois ela cresce e se ilumina progressivamente; diminui, a intervalos, em visibilidade e depois recupera seu brilho.

Dura bastante tempo (de um a dois minutos), oscila em torno do rosto da Sra. M... como o voo de uma borboleta. A Sra. M... ouve algumas palavras, que não entende, ao contato da luz com seu rosto. Duas vezes o fenômeno ocorre de forma idêntica.

Ruído de objetos em movimento atrás do médium. Barulho de lápis escrevendo e de fricções no papel.

A cestinha colocada em uma cadeira, a 1,50m de distância do médium, é lançada para o outro extremo da sala (distância de 4,50m) por cima de nossas cabeças. Nova luz, agora junto do Sr. L..., quem sente o contato (de lábios?) quando a luz toca seu rosto.

Depois, contato de uma mão em seu braço e nas costas.

Mais tarde, violenta fricção no papel.

A argila de modelar é lançada ao chão e arrastada para baixo da cadeira do Sr. L..., onde é encontrada depois, quebrada e deformada, com marcas de unhas e impressões digitais.

Um papel branco situado na mesa atrás de Guzik tem traços de lápis, sem forma.

Sessão do dia 18 de maio de 1923, às nove da noite,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Sr. Painlevé, Professor Richet, Professor Leclainche, Sra. Le Bert, Marquesa De B..., Dr. Geley e Sr. De Jelski.

Preparação habitual do médium, dos experimentadores, da sala.

Vigilante da direita, Sra. De B...

Vigilante da esquerda, Sr. Painlevé.

1ª parte. – Alguns contatos na Sra. De B... e nada mais.

2ª parte. – Vigilante da esquerda, Sr. Painlevé.

Vigilante da direita, Professor Leclainche.

Um contato apenas, no Sr. Painlevé (costas) e alguns contatos no Professor Leclainche. Uma luz aparece atrás do médium e vem até o rosto do Professor Leclainche, que ouve palavras incompreensíveis.

Outra luz está atrás do médium e desaparece.

3ª parte. – Mesmos vigilantes.

Uma luz atrás do médium. Uma caixa de música, no chão, atrás do médium (a um metro de sua cadeira), é manejada: ela toca, para bruscamente; toca de novo, para e assim por três vezes seguidas (que ela toque e pare de tocar é ativado por meio de uma alavanca) e depois ouve-se mover a caixa violentamente. A manivela é arrancada e jogada no chão. Após a sessão a caixa é encontrada virada e afastada a 1,50m do médium, fora do seu alcance.

Sessão do dia 19 de maio de 1923, às oito e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Sr. Faralicq, Dr. Bour, Professor Cunéo, Madame V. D..., Sra. G..., Professor Leclainche, Marquesa de B..., Conde A. de Gramont e Dr. Geley.

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Professor Cunéo.

Vigilante da esquerda, Sr. Faralicq.

1ª parte. – Um contato nítido no Sr. Faralicq. Algumas batidas. Batidas na cadeira do Sr. Faralicq e na do médium. Um pau lateral da cadeira deste é arrancado e jogado no chão. Nada mais.

Mais duas partes, nulas. A última com a presença apenas dos Sres. Leclainche, Dr. Geley, Dr. Bour e Sra. G...

Sessão do dia 20 de maio de 1923, às quatro e meia,
no salão grande do Instituto.

Presentes: Dr. Bour, Sra. L..., Sra. B... Sr. Xavier Leclainche, Sra. G...

e Dr. Geley.

Preparação habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. Bour.

Vigilante da esquerda, Sra. B...

O Dr. Bour fez o médium mudar de lugar.

1ª parte. – Contatos na Sra. B..., de leve. Ruído de passos.

A mesa de madeira, localizada atrás do médium a 1,20m, é lançada violentamente ao chão a mais de dois metros à direita do médium, atrás do Dr. Bour.

Este movimento telecinético é verdadeiro; porque o médium não podia alcançar as pernas da mesa com seus pés.

Se ele tivesse podido fazer tal coisa, no máximo a teria puxado ou empurrado, mas não poderia tê-la arremessado derrubando-a.

Esta mesa é muito estável (quatro pernas) e não pode ser derrubada sem um esforço sobre o tampo ou, mais dificilmente, com uma mão empurrando o topo de uma das pernas.

O estrépito produzido acordou o médium.

2ª parte. – Contatos múltiplos da Sra. B..., que está inquieta.

Ruído de passos com impressionante nitidez.

O médium acorda (por um acesso de tosse), mas a força ainda está presente. Numerosas e precipitadas batidas na Sra. B…, em seu braço, levado para trás e tornado a levar para a frente por uma mão apoiada em seu braço. O médium faz a mão do Dr. Bour passar à sua frente para fazê-lo sentir os contatos.

O Dr. Bour fica emocionado. De repente, ele percebe como que uma mordida em seu dedo. Contudo, a cabeça do médium ainda estava apoiada em seu braço. Durante a sessão, duas vezes a Sra. B... ouviu um cochicho longe do médium, cuja respiração ela percebia.

Mas ela não pôde entender o que diziam. Ela e o Dr. Bour ouviam a respiração do médium e simultaneamente uma outra respiração.

Sessão do dia 21 de maio de 1923, às oito e meia,
no grande salão do Instituto.

Assistem: General F..., Professor Richet, Sra. de Charles Richet Filho., Dr. Geley e Sra. G...

Supervisão e preparação habituais do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sra. Richet.

Vigilante da Esquerda, General F...

1ª parte. – Contatos no General, no braço esquerdo, no ombro, nas costas e no lado direito (o mais afastado do médium).

Tração da cadeira do médium, várias vezes. Ruído muito nítido de passos, deslocamento de objetos. Uma cestinha, colocada a 1,50m, é lançada sobre a nossa mesa.

2ª parte. – Contatos repetidos no General. Batidas com a perna de uma cadeira localizada a 1,50m do médium. Ouvem-se as batidas com um ritmo intencional. Eu pergunto: "Você quer responder?" "Sim." "Você entende francês?" "Sim." "Você pode nos dar luzes?" "Não."

Em seguida, novos contatos no General. Seu braço, puxado muito para trás, é tocado. Ele percebe um contato no braço direito, na parte posterior. A cadeira, colocada a 1,50m, é deslocada e virada deixando o encosto em direção a nós.

A cestinha de vime é derrubada e jogada de cabeça para baixo na cadeira.

Em um papel branco colocado sobre a mesa, atrás do médium, encontramos linhas escritas, muito pouco apoiadas e ilegíveis.

Sessão do dia 22 de maio, às duas e meia,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Sr. Arthur Meyer, Sr. Rouché, Sr. Jean Meyer, Conde A. de Gramont, Duquesa de D..., Condessa de G..., Sra. M... e Dr. Geley.

Preparação costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sr. Arthur Meyer.

Vigilante da esquerda, Sr. Rouché.

1ª parte. – Contatos no Sr. Rouché, repetidos, nas costas, no

ombro e no braço direito.

Ruído de passos.

Contatos no Sr. Arthur Meyer.

2ª parte. – Contatos repetidos no Sr. Arthur Meyer. Uma luz aparece e se aproxima do Sr. Rouché. Outra luz vai em direção ao Sr. Arthur Meyer, que percebe junto ao seu ouvido palavras ininteligíveis. Uma terceira luz muito bela mostra-se entre o médium e o Sr. Arthur Meyer; mas desaparece quase imediatamente.

A tosse de um dos presentes acorda o médium.

Sessão do dia 23 de maio de 1923, às oito e meia,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Professor Vallée, Sr. Bayle, Sr. George, Dr. Laemmer, Sra. G... e Dr. Geley.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. Laemmer.

Vigilante esquerda, Sr. Bayle.

1ª parte. – Contatos repetidos no Dr. Laemmer. No momento em que o médium acorda, ele sente seu braço puxado para trás sendo tocado e espancado com força.

Contatos múltiplos. Uma mão o toca no ombro e a outra simultaneamente na cintura.

2ª parte. – Vigilante da direita, Professor Vallée.

Vigilante da esquerda, Sr. Bayle.

Contatos no Sr. Bayle, múltiplos e variados nas costas, e ele sente o braço puxado para trás e depois deixado apoiado na mesa.

Batidas que respondem de forma inteligente. A mesa, atrás do médium, desloca-se com ruído (aproxima-se do médium). Queríamos impressões no vidro (vidro que existe sobre aquela mesa); mas isso não acontece.

Sessão do dia 24 de maio de 1923, às quatro e meia,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Dr. Bour, Sr. Xavier Leclainche, Sra. O..., Sra. B... e Dr. Geley.

Inspeção costumeira do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. Bour.

Vigilante da esquerda, Sra. B...

1ª parte. – Contatos múltiplos na Sra. B ... A mesa, localizada um metro atrás do médium, é empurrada para a direita da sala, atrás da Sra. B...

2ª parte. – Iguais contatos. A cadeira da Sra. B... muda violentamente de lugar. Ao mesmo tempo em que acorda, o médium leva as mãos de seus vigilantes, com os braços estendidos, o mais longe possível dele; em seguida, eles recebem tapinhas e contatos no braço e antebraço.

Após a sessão, o Dr. Bour senta-se no lugar do médium para ver o que ele poderia fazer com seus pés. Comprova que a cadeira do médium, as dos guardas e as pernas destes formam uma barreira intransponível e constituem um obstáculo absoluto para uma fraude com os pés. Além disso, suas pernas e as da Sra. B... estiveram em contato permanente com as do médium.

Durante a primeira parte, a Sra. B... por três vezes diferentes ouviu algumas palavras junto ao seu ouvido. Pois bem, ao mesmo tempo o médium estava com sua cabeça próxima à do Dr. Bour, que sentia a respiração dele em sua face.

A Sra. B... entendeu apenas as seguintes palavras, faladas em russo: "Eu não posso". Ela pedira em russo que uma cadeira fosse colocada sobre a mesa à nossa frente.

Sessão de 25 de maio de 1923, às nove da noite,
na residência do Dr. Bour.

Assistem: Dr. Bour e Sra. Bour; Sr. X..., amigo destes; Dr. Geley e Sra. O...

Inspeção habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sr. X...

Vigilante da esquerda, Sra. Bour.

1ª parte. – Contatos no Sr. X...

Contatos muito fortes e múltiplos na Sra. Bour (braço e costas).

2ª parte. – Vigilantes: doutor Bour e Sra. Bour.

Contatos múltiplos na Sra. Bour.

Um acesso de tosse acorda o médium. Naquele momento o braço da Sra. Bour, estendido, muito afastado do médium, é pressionado e apalpado.

O Dr. Bour passa a mão, que segura a do médium, à frente deste, até chegar perto de sua mulher. Percebe seus dedos sendo segurados por outros dedos mornos bem formados.

A Sra. Bour percebe uma cabeça com sua cabeleira (longe da cabeça bem comprovada do médium). Algumas notas soam no piano, aberto, que está atrás do médium.

3ª parte. – Os mesmos fenômenos. A tampa de um bule caída no chão, a 1,50m do médium, é levantada várias vezes e deixada cair de novo. Finalmente, passa por cima de nossas cabeças e fica no meio da mesa.

A Sra. Bour sente duas mãos agarrando sua cintura.

Fenômeno muito nítido que se reproduz mais duas vezes.

Batem no piano; ouvem-se algumas. Ruídos na lareira (2,50m do médium).

Acesso de tosse e acordar. Todos esses fenômenos reproduzem-se imediatamente após o despertar, o médium falando em russo com a Sra. Bour e sendo consciente disso.

Sessão de 26 de maio de 1923, às oito e meia,
no salão grande do Instituto.

Assistem: Professor Santolíquido, Professor Cunéo, Dr. Chauvet, Sr. Haverna, Sr. Huc, Sra. V. D... e Dr. Geley.

Preparação habitual do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Sr. Haverna.

Vigilante da esquerda, Professor Santolíquido.

1ª parte. – Contatos no Sr. Haverna, repetidos, no braço e nas costas. Algo assim como o focinho de um cachorro tenta entrar no seu bolso, sem sucesso.

Ruído de passos fortes, de nitidez extraordinária, lentos, sustentados, em torno de nosso círculo, às vezes bem longe.

A mesa, presa ao chão por tiras de papel adesivo, colocada um metro atrás do médium, é arrastada longa e lentamente pelo assoalho; ouve-se ao longe o estrépito de uma cadeira derrubada.

O médium acorda. Verifica-se que a mesa deslocada está encostada na parede, à direita do médium, a 2,50m do seu ponto de partida.

Uma cadeira caída, que estava à esquerda da mesa, estava agora entre a mesa e a parede.

2ª parte. – Contatos no Professor Santolíquido.

Lindas luzes, três vezes: primeiro, em direção ao Professor Santolíquido; depois, em direção ao professor Sr. Haverna. Ouvem-se algumas palavras incompreensíveis junto aos dois vigilantes, no exato momento em que as luzes estão perto de seu rosto.

O professor Santolíquido vê um rosto feminino iluminado por duas luzes.

Uma luz chega perto do Dr. Geley, que está em frente do médium. A mesa atrás do médium é arrastada para a esquerda. Ela está agora a dois metros do ponto de partida. Passou por entre poltronas e cadeiras que foram deslocadas, descrevendo um arco de círculo.

Sessão de 27 de maio de 1923, às quatro e meia,
no grande salão do Instituto.

Assistem: Sr. Ageorges, Dr. L..., Sra. M..., Sra. L..., Dr. Geley e Sr. L... filho.

Preparação e supervisão habituais do médium, dos experimentadores e da sala.

Vigilante da direita, Dr. L...

Vigilante da esquerda, Sr. Ageorges.

1ª parte. – Contatos no doutor L...

Uma cadeira colocada um metro atrás do médium é arrastada até dois metros dele.

2ª parte. – Contatos no doutor L...

Um lápis colocado sobre a mesa, atrás do médium, distante 1,30m, vem às mãos do doutor L…

O abajur luminoso que está sobre a mesa mencionada é lançada ao solo a 2,50m do médium.

P. S.— Acabamos de obter de J. Guzik uma nova e curta série de sessões, marcadas por uma inovação interessante. Um abajur de sulfeto de zinco, de 0,60 por 0,50m, estava suspenso horizontalmente um metro acima da mesa de experimentos.

Sobre o tampo da mesa, na sua periferia, foi colocada em círculo uma fita fosforescente, de dois dedos de largura, destinada a ser coberta pelas mãos dos experimentadores. Sob as mãos do médium foi colocado igualmente um abajur fosforescente de 0,25 por 0,25m.

Essa iluminação era suficiente para ver muito bem as mãos do médium e dos experimentadores e para distinguir as silhuetas de todos. Isso nos permitiu perceber as formações ectoplasmáticas ao redor do médium.

Nossas experiências com este médium distam muito de se darem por terminadas.

(Ver mais à frente minha resposta a um ditame negativo recente.)

Capítulo IV

Os fenômenos luminosos do médium Erto

As publicações dos doutores. Mackenzie e Sanguineti (*Revue Métapsychique*) chamaram a atenção dos metapsiquistas para os fenômenos luminosos verdadeiramente extraordinários obtidos com o médium Erto.

O Instituto Metapsíquico Internacional conseguiu, após as publicações mencionadas, que o referido médium viesse a Paris para uma série de sessões. Ele deveria estar conosco por três meses e nos dar vinte e cinco sessões. Ele permaneceu apenas um mês e deu oito sessões. Não tivemos, portanto, tempo de fazer um estudo aprofundado de suas faculdades e tivemos de nos contentar com algumas observações.[75]

Falarei agora apenas do fenômeno principal que Erto produz, que é a produção de luzes de um caráter muito especial.

Os fenômenos luminosos obtidos com Erto diferem notavelmente da maioria daqueles obtidos com outros médiuns, como Kluski, Guzik, Willy Sch. (para falar apenas de médiuns contemporâneos).

Em todos estes últimos, as luminosidades parecem estar sempre associadas à materialização de órgãos ou constituir uma das fases do processo de ectoplasmia. As luzes marcam, tanto na sua produção como nas suas evoluções, uma ideia diretriz, sempre relacionada com a de materialização.

---

[75] Ver (no Capítulo X) minhas novas observações e conclusões.

Com Erto nada semelhante acontece: é um fenômeno puramente físico, uma espécie de descarga luminosa.

Portanto, parece ser uma exceção. Deve-se notar, entretanto, que outro médium muito conhecido, a Sra. Silbert, produz tanto materializações quanto descargas luminosas análogas às de Erto.

Talvez a qualquer dia este último também produzirá manifestações ectoplásmicas típicas.

Descreverei em primeiro lugar o fenômeno, tal como ele aconteceu diante de mim nas sessões de Paris.

Depois falarei sobre o procedimento de vigilância e comprovação que utilizamos.

Várias categorias de manifestações de luz podem ser obtidas com Erto.

1º. Relâmpagos simples. – Eles são inteiramente comparáveis, levando-se em consideração a proporção, ao que é comumente chamado de "relâmpagos de calor".

São relâmpagos que geralmente saem da parte inferior.

Eles iluminam o chão e às vezes as paredes da sala. Sua duração é muito curta (uma fração de segundo).

2º. Raios luminosos. – São raios de luz branca, muito longos, podem atingir até oito metros de comprimento. Às vezes, eles são visíveis em todo seu trajeto. Na maioria das vezes, quase imperceptível; em seu curso, iluminam vivamente as paredes ou o teto da sala. Parecem dirigidos à vontade pelo médium.

3º. Bolas luminosas. – São esferas que variam do tamanho de uma noz ao de uma laranja. Sua cor é branca, avermelhada ou azulada. Eles sempre aparecem a uma curta distância do médium.

4º. Relâmpagos em zigue-zague. – Saem dos braços ou da cabeça. São realmente deslumbradores. Eles têm a claridade de lâmpadas de meio watt. A duração é muito curta.

5º. Relâmpagos da mesma natureza, mas sem ponto de partida aparente. – Esses relâmpagos parecem ocorrer a 0,50m do médium, aproximadamente. São como a periferia resplandecente de um cone escuro cujo vértice fosse o médium.

6º. Por último, fenômenos luminosos em forma de foguete. – São como pontos muito brilhantes projetados pelo médium e que se extinguem ao cair.

Os diversos fenômenos referidos apresentam três características notáveis:

1ª. A sua intensidade luminosa. – A sala toda, ou pelo menos o lado onde o médium está, ilumina-se. A silhueta escura do médium é nitidamente visível.

2ª. Seu caráter polimorfo. – As diversas categorias alternam-se ou sucedem-se sem qualquer ordem.

3ª. São luzes frias. – Não são acompanhadas de combustão. Elas não emitem calor algum. São quase inativas. O aparelho fotográfico só é impressionado ao se projetar a descarga luminosa diretamente contra o objetivo.

A vigilância e inspeção do médium são de natureza inteiramente satisfatória; antes de cada sessão, Erto despe-se completamente. Suas cavidades são examinadas: boca, orelhas, reto, até a uretra.

Ele pode ser trancado em uma jaula metálica minuciosamente explorada de antemão. Não tem meio algum de fabricar artificialmente essa luz.

Por outro lado, o caráter polimorfo das demonstrações torna improvável o uso de qualquer tipo de truque. Parece impossível, dado o estado atual dos nossos conhecimentos físicos, reproduzir por meio de fraude o conjunto dos fenômenos obtidos.

Só é preciso fazer uma ressalva: Erto exige escuridão absoluta e está acostumado a que ninguém segure suas mãos. Em vão tentei obter fenômenos com luz vermelha ou segurando suas mãos. Fracassei. Mas devo dizer que a Sra. Silbert produziu em minha presença manifestações muito semelhantes às de Erto em uma sessão realizada à luz da lua (lua cheia). Eu estava segurando uma de suas mãos e a outra estava constantemente visível sobre a mesa. Enquanto isso, ela não fez nenhum movimento.

P. S. – As reservas que formulei nas linhas acima eram

justificadas, infelizmente. Acabei de aprender que:

1º. Os chamados fenômenos de Erto podem, em sua maior parte, ser imitados por meio do ferrocério.

2º. Provavelmente, e apesar de seus protestos, o médium utilizou esse truque. Os testes continuam.

Capítulo V

As luzes metapsíquicas

Nos capítulos anteriores, tivemos de descrever frequentemente os fenômenos luminosos observados no curso da ectoplasmia.

Mas a biofotogênese metapsíquica é de tanto interesse e importância que acredito ser meu dever dedicar a ela um estudo especial.

Para os ignorantes que constituem a grande massa da humanidade, e mesmo para certos sábios, os fenômenos luminosos descritos pelas testemunhas das sessões de ectoplasmia são os mais suspeitos em razão de sua própria natureza.

“Como poderíamos acreditar no que eles nos contam? — dizem os céticos. Falam de aparições fosforescentes, de luzes que se movem e oscilam em torno do médium, de dedos e rostos luminosos. Que ingenuidade! Nada mais fácil do que simular tais fenômenos! Para isso, basta um pouco de substância fosforescente nos dedos ou no rosto do médium; nos dedos ou rosto de um cúmplice; nas máscaras habilmente manejadas por um ou outro. A fraude fica ainda mais evidente — acrescentam —, quando os ingênuos experimentadores descrevem manchas fosforescentes nas roupas do médium ou no chão e sentem o odor de ozônio característico da combustão do fósforo. Acreditar em ectoplasmas já é uma coisa forte; mas acreditar em ectoplasmas luminosos e secreções luminosas dos ectoplasmas é positivamente absurdo!”

Quem assim fala parece ignorar que a produção de luz pelos organismos vivos é um dos fenômenos biológicos mais frequentes. O

espetáculo que nos é oferecido nas sessões de ectoplasmia é-nos apresentado pela natureza a cada passo e em condições estritamente comparáveis. Organismos luminosos e secreções orgânicas são coisa trivial na biologia comparada.

Os trabalhos do nosso eminente colaborador, Professor Raphael Dubois, têm feito destacar que o processo de produção de luz pelos seres vivos é observado em todos os graus da escala animal. A bioluminescência, produzida em maravilhosa abundância por plantas, micróbios, protozoários, moluscos, crustáceos e peixes das grandes profundidades, ilumina literalmente aquelas regiões totalmente privadas da luz do sol.

"Quanto mais rico em animais é o fundo do mar, menor a escuridão; a iluminação dessas trevas é feita pela multidão de estrelas animadas que cintilam na água tenebrosa. Seria um espetáculo maravilhoso para o observador que pudesse contemplar aquela abóbada salpicada de miríades de pontos brilhantes, percorrida por seres de maior volume semelhantes a globos de iluminação, de múltiplas cores, onde as guirlandas opalescentes dos sifonóforos misturam-se com os globos da água-viva violeta, com as tochas vermelhas e azuis dos pirossomas, com as safiras e esmeraldas dos cefalópodes. E se pudéssemos caminhar ao longo do fundo do oceano, cruzaríamos matagais de arbustos luminosos de flores animadas exsudando gotículas de fogo coloridas, onde rastejam astérias verdes, peixes cintilantes de reflexos metálicos com tons de cobre ou aço e couraças enfeitadas com rubis e topázios. No solo, os micróbios fotogênicos enxameiam em número imenso, transformando o lodo das grandes profundidades em um tapete luminoso." [76]

Mesmo em terra, os micróbios fotógenos compreendem numerosas espécies. Alguns vegetais, diversos insetos bem conhecidos, são luminosos. Os próprios vertebrados, inclusive o homem, são suscetíveis de criar luz, em condições excepcionais, é verdade, porém normais, no entanto.

---

[76] *Revue Métapsychique*, maio-junho de 1922.

O professor Raphael Dubois compilou uma série de casos clássicos:[77]

"A biofotogênese normal ou fisiológica parece desaparecer na escala dos seres vivos depois dos fungos nos vegetais e dos peixes nos animais. É verdade que se tem falado de flores acidentalmente luminosas, de musgos fosforescentes, etc., mas faltam provas. Da mesma forma, falou-se da luminosidade da urina do gambá americano, da doninha e da civeta, dos ovos de lagarto e do jeco. Tudo isso precisaria ser comprovado. Sabe-se hoje que a luz que emana dos olhos dos animais, em particular dos mamíferos crepusculares ou noturnos, é o resultado da reflexão e difração de radiações vindas do exterior através de uma membrana que cobre o fundo do olho, cessando o fenômeno na escuridão absoluta. Também é preciso deixar de lado a luz e as faíscas obtidas esfregando a pele dos gatos ou passando um pente no cabelo: são fenômenos elétricos que nada têm a ver com a biofotogênese propriamente dita.

Em troca, a imprensa médica, especialmente a inglesa, publica numerosas observações de luminosidade acidental no homem e em animais que apresentam um caráter anormal patológico.

"Em 1825, Quoy e Gaimard relataram a existência de uma tartaruga com uma ferida fosforescente no dorso. Era manifestamente uma infecção por fotobactérias, como pude verificar experimentalmente em 1887. Por outro lado, uma rã foi tornada fosforescente ao ser injetada nos sacos linfáticos com culturas de micróbios luminosos; o fenômeno não durou muito e o animal sobreviveu. Esta fosforescência foi observada em crustáceos que habitam as praias do Oceano e adquiriu-se a certeza de que se devia a infecções acidentais injetando fotobactérias sob a carapaça desses animais. Camarões, cochonilhas e outros bichinhos tornaram-se desse modo experimentalmente luminosos, mas não demoraram muito para morrer. A enfermidade da luz também foi comprovada em moscas, mosquitos e cínipes, que, portanto, morrem rapidamente. Esses

[77] Joubin: *Le fond de la mer*.

insetos provavelmente contraíram essa doença mortal ao entrar em contato com peixes ou carne de açougues, que muitas vezes tornam as fotobactérias fosforescentes. A luminosidade às vezes observada em queijos, ovos, leite e até mesmo em certos legumes, foi atribuída à mesma causa. Esses alimentos contaminados não parecem nada perigosos: a fosforescência parece uma indicação de relativa frescura, porque ela cessa quando começa a putrefação.

"E o organismo humano, mesmo em vida, não parece ao abrigo dessa contaminação.

"Em uma mulher atacada de câncer de mama, tratada em um hospital na Inglaterra, foi verificada a existência de uma viva luminosidade da úlcera, forte o suficiente para ser distinguida a vinte passos, e que, à distância de algumas polegadas, permitia ler à noite as horas em um relógio de bolso. O pus que escorria da úlcera também era muito luminoso. Em indivíduos biliosos, nervosos, ruivos e geralmente alcoólatras, úlceras fosforescentes foram vistas nas extremidades. O tecido adiposo parecia mais particularmente brilhante e notou-se que o brilho era mais vivo quando havia hipertermia para cessar com a defervescência e o colapso.

"Conta-se que após ingerir uma certa quantidade de camarão mal conservado, um indivíduo fez deposição de excrementos luminosos.

"Certos casos de luminosidade de cadáveres humanos podem, pelo seu aspecto, ser atribuídos às fotobactérias; têm sido observados principalmente ao redor da cabeça."

Patruban afirma ter visto cérebros luminosos, e Mascagny afirmou ter feito preparações de vasos linfáticos à luz de alguns cadáveres!

Não parecem ser explicados com tanta facilidade outros casos de luminosidade, como a do leite de mulher e a da urina humana logo após a emissão. Há mesmo um autor que afirma que a luminosidade da urina pode ser provocada à vontade, submetendo o sujeito a um grande cansaço; seria interessante observar sob este aspecto os esportistas da corrida a pé, de bicicleta, etc.

"Existem na ciência vários casos de suores luminosos. Um

indivíduo, grande comedor de gordura, acometido de psoríase palmar, tendo estendido a camisa no encosto de uma cadeira ao se deitar, ficou muito surpreso, após desligar a luz, ao ver a silhueta de seu busto e seus braços desenhados por uma luminosidade fosforescente. Este fato foi repetido várias vezes quando o sujeito havia comido muita gordura. Há muito sabemos que a oxidação da gordura, aquecida a certa temperatura, produz luminescência; talvez seja um fenômeno análogo.

Em outra observação, um indivíduo saudável, que havia comido grande quantidade de peixes à noite, viu ao acordar muito cedo pela manhã, antes do amanhecer, que suas coxas estavam cobertas por um número infinito de pontos brilhantes; pressionando com o dedo de um ponto a outro produzia-se uma linha luminosa; o fenômeno durou poucos instantes.

"Luminosidades passageiras comunicadas às mãos, foram vistas na pele dos quadris e coxas de uma criança atacada por uma afecção intestinal.

"Eu próprio testemunhei o caso, confirmado por várias testemunhas, da empregada de uma cervejaria que também apresentava suores fosforescentes sem que o seu estado de saúde se manifestasse em nada modificado. Depois de algumas semanas, o fenômeno desapareceu completamente.

"Essas secreções cutâneas às vezes exalam odor fosforado; no entanto, isso foi percebido por apenas um único observador.

"Algumas luminosidades vacilantes também foram observadas ao redor do rosto e cabeça de duas meninas que haviam atingido o último grau de debilitação de tuberculose. Vallad, citado por Peroncito, parece ter observado placas e um halo luminoso ao redor das cabeças de alguns moribundos.

"O autor da observação das meninas tuberculosas falou de um cheiro muito particular do hálito 'que fazia supor um início de decomposição'.

"Não é impossível que certos casos de luminosidade acidental,

anormal, possam ser atribuídos, não a vapores de fósforo, mas a emanações daqueles curiosos compostos químicos do grupo dos éteres thiônicos, tão bem estudados por Delepine, cujos vapores tornam-se espontaneamente luminescentes ao contato do ar; o odor característico desses éteres nos faria inclinar voluntariamente para essa hipótese.

"O campo da biofotogênese patológica fica amplamente aberto à observação e à experimentação, e muito resta ainda a ser feito nesse campo, bem como no da bioluminescência metapsíquica, provavelmente; mas aqui termina a pouca ciência que possuo."

O princípio da desintegração biológica em pessoas moribundas às vezes é acompanhado por fenômenos luminosos que lembram notavelmente a ectoplasmia!

Em suma, nunca iremos repetir o suficiente, a produção de luz pelos tecidos orgânicos é um fenômeno dos mais frequentes, mais conhecidos e melhor estudados da biologia.

Sabemos também, pelos belos trabalhos do professor Raphael Dubois, que essa produção de luz é derivada de uma secreção, que pode ser extraída dos órgãos.

Assim, não é surpreendente que um fenômeno tão geral como a biofotogênese seja observado como uma das fases naturais das modalidades costumeiras do processo ectoplásmico.

O que é, de fato, ectoplasmia, do ponto de vista da filosofia biológica? É a reprodução prodigiosamente acelerada da gênese de órgãos e organismos. A evolução metapsíquica das formas vivas contém, portanto, os mesmos ensinamentos que evolução embrionária normal. Esta reproduz, muito rapidamente, as fases sucessivas da evolução das espécies, obra de inúmeros séculos. A primeira também nos oferece, com uma velocidade maravilhosa e sublime, o espetáculo da criação em poucos segundos; seres vivos cuja formação normal necessita de longos anos.

A ectoplasmia, quando for analisada em todos os seus detalhes, sem dúvida irá nos dar também a chave do prodigioso mistério da vida.

Já desde agora ela nos mostra como a energia luminosa está na origem de todas as manifestações vitais.

As luzes orgânicas normais e as luzes ectoplásmicas são rigorosamente comparáveis.

Possuem a *mesma aparência*: são fosforescências geralmente azuladas e esverdeadas, com poder iluminador restrito.

Elas têm a *mesma origem biológica*.

Possuem as *mesmas propriedades*; trata-se de luz fria, que não emite radiações caloríficas ou químicas. Ambas são quase inactínicas. Além disso, eis aqui uma nova e muito notável analogia: as luzes vivas e as luzes mediúnicas possuem um considerável poder de penetração através de corpos opacos. As obras de Ochorowicz e as de Raphael Dubois são, sob este aspecto, estritamente comparáveis. Esses dois sábios foram capazes de impressionar de maneira idêntica chapas fotográficas através de papelão, madeira e até metal.

Por último, as luzes mediúnicas e e as luzes vivas parecem derivar, ambas as duas, de *uma secreção especial*, e é altamente provável que a análise da secreção luminosa ectoplásmica revele, como a da secreção luminosa normal, os dois elementos constituintes: a luciferina e a luciferase, descobertas pelo professor Raphael Dubois.

De resto, nos anais da metapsíquica existem casos de transição entre luzes orgânicas e luzes ectoplásmicas.

O caso a seguir, publicado por *Light*, de 25 de março de 1922, que narra produções luminosas em uma agonizante ou ao seu redor, lembra completamente o que veremos descrito mais adiante nas sessões mediúnicas.

“A Srta. Dorothy Monk, que nos envia esta notável descrição, não foi, como se verá, a única testemunha dos estranhos incidentes relatados. Ela e seus pais, os quais conheci, concordam em descrever da mesma forma as manifestações luminosas e coloridas que acompanharam o falecimento da Sra. Monk. O caso é tanto mais interessante porque confirma muitos outros relatos de fenômenos que acompanham o processo da morte...” (Nota do *Light*.)

"Minha mãe deixou-nos em 2 de Janeiro de uma forma tão estranha que me pergunto se você poderia nos explicar o que vimos. Ela morreu de um colapso, após uma longa doença, agravada no final por uma gripe intestinal. O médico deu-lhe morfina na manhã do sábado para acalmá-la; dormiu placidamente até a noite, depois acordou aos poucos, mas já sem recuperar a consciência plena.

"Vimos luzes azuis brilhantes durante o dia, às vezes ao lado dela, às vezes na sala. Só as víamos por um ou dois segundos e apenas um ou dois de nós de cada vez. Eu estava observando muito atentamente; vi quatro vezes uma dessas luzes ao lado de minha mãe, que, então, mexeu-se e tentou falar por três vezes, mas não teve forças para isso. Na hora do crepúsculo, três de minhas irmãs e eu de repente vimos acima dela um pálido vapor azul malva; a enferma estava então deitada e perfeitamente imóvel. Vimos esse vapor ir passando aos poucos a violeta escuro, e tão denso que quase nos encobria por inteiro as feições de minha mãe e se espalhava como uma névoa pelas dobras dos lençóis. Minha mãe mexeu fracamente os braços uma ou duas vezes: essa névoa colorida os acompanhava. Tudo isso parecia-nos maravilhoso e chamamos minhas irmãs para saber se elas podiam ver o que nós estávamos vendo. Elas viram a mesma coisa...

Gradualmente vimos manchas de luz amarela brilhante aparecerem no travesseiro; uma delas, à esquerda da cabeça, era particularmente brilhante, *depois escurecia para recuperar seu brilho*.[78]

A antiga amiga de minha mãe estava no quarto naquela hora; mas não viu a névoa cor violeta em torno da moribunda nem as luzes azuis; ela falou que estávamos cansados de tanto velar e sobre-excitados. Chamamos sua atenção para a mancha brilhante no travesseiro; ela viu-a muito bem; mas falou que era o reflexo do aquecedor ou do gás. Colocamos biombos na frente de uma e outra luz; nossa amiga deu voltas pelo quarto, moveu quadros, inclinou o espelho, sem que isso modificasse em nada o fenômeno. Chegou, por último, a estender as

[78] Sublinhado por mim. Analogia notável com luzes ectoplásmicas.

mãos por cima desta luz sem conseguir velá-la; então sentou-se sem dizer uma palavra...

"Uma de minhas irmãs também viu naquele momento uma grande luz azul em forma de globo apoiada na cabeça de nossa mãe; mas foi a única em vê-la. Ela nos disse que o interior daquele globo parecia-lhe estar em movimento; pouco a pouco foi passando a violeta escuro e se desvaneceu.

"Os lábios da minha mãe entreabriram-se naquela tarde por volta das sete, e daquele momento em diante vimos um espesso vapor branco formar-se sobre a sua cabeça e espalhar-se sobre a cabeceira da cama; saía do vértex; era como uma nuvem de vapor branco, às vezes tão densa que mal enxergávamos as grades da cama; mas seu aspecto variava continuamente, embora o movimento que a animava fosse quase imperceptível.[79] Minhas cinco irmãs e eu estávamos presentes com meu irmão e um cunhado; todos eles a viram perfeitamente. As luzes azuis continuavam a ser vistas na sala e relâmpagos amarelos mostravam-se de tempos em tempos. Enquanto isso, o maxilar inferior de minha mãe pendia um pouco. As coisas continuaram assim sem grandes mudanças por algumas horas, exceto por uma aura de raios amarelo-claro produzida ao redor da cabeça. Eram sete; seu comprimento variava de 30 a 50 centímetros. Por volta da meia-noite, tudo havia desaparecido; mas o falecimento não ocorreu até a manhã do dia 2 de janeiro, às sete e dezessete... Extinguiu-se tão docemente, que sua respiração, que nos últimos momentos tornara-se um pouco mais forte, acabou sem qualquer esforço.

"Cumprimos os últimos deveres para com ela e cobrimos seu corpo com um lençol. O vapor violeta que tínhamos visto antes estava suspenso acima dela. Então saímos da câmara.

Dorothy Monk."

---

[79] Ver mais à frente a descrição do mesmo fenômeno devido à mediunidade de Franek Kluski.

Que haja nesta história uma parte de ilusão ou sugestão coletiva, é possível, senão provável. Mas não seria razoável atribuir tudo sistematicamente a uma alucinação.

Vamos agora apresentar alguns exemplos de fenômenos luminosos ectoplásmicos.

Para dizer a verdade, temos apenas uma dificuldade: é a de escolha.

Não há, por assim dizer, sessão importante de materialização que não seja acompanhada pela produção de luzes.

Começaremos expondo o resultado de nossa experiência pessoal. Sem dúvida alguma, essa experiência ainda é limitada; mas permitiu-nos comprovações muito exatas que irão servir para nos orientar neste estudo.

A mediunidade de Eva tem fornecido pouco digno de consideração no que diz respeito aos fenômenos luminosos. Tenho visto com frequência manchas ou ectoplasmas um tanto fosforescentes em seu blusão preto. Esta fosforescência estava sujeita a alternativas de aumento e diminuição progressivos, graças aos quais o fenômeno variava constantemente em visibilidade.

Nunca vi verdadeiras luzes com este médium.

Pelo contrário, com três outros médiuns, a Sra. S..., de Roma, e os Sres. Franek Kluski e J. Guzik, de Varsóvia, consegui obter a bioluminescência ectoplásmica, em toda a sua intensidade, variedade e beleza.

Não vou insistir na descrição dos fenômenos luminosos obtidos com Kluski no Instituto Metapsíquico; vou simplesmente descrever minhas experiências posteriores em Varsóvia com o mesmo médium; experiências que confirmaram nossa primeira impressão.

Eis aqui as notas nossas, que se referem a fenômenos luminosos:

Sessão de 22 de abril de 1921, às 21h30, na casa de F. Kluski.

Vigilantes: Professor Richet e Dr. Geley.

Assistem: Geo Lange e Stanislas De Jelski.

"A vigilância das mãos do médium foi perfeita. Este manteve uma imobilidade absoluta.

"A porta foi trancada a chave por dentro. O médium foi despido completamente e vestiu um pijama sem bolsos, que tínhamos revistado de antemão com muito cuidado.

"... As visões luminosas são fracas no início, quase não se enxergam. Não sinto o cheiro costumeiro de ozônio.

"De repente, entre o médium e Geley, um metro atrás deles e a uma altura de 1,50 a 2m, apareceu uma grande nebulosa fosforescente. Existem três partes luminosas: uma parte média superior, do tamanho de um rosto, e duas partes laterais. Tenho a impressão de uma cabeça e duas mãos em formação. O todo aumenta e diminui sucessivamente em visualidade, desloca-se ligeiramente, desce, desaparece e reaparece. O fenômeno é formado por uma névoa fosforescente no meio da qual acendem-se pontos muito brilhantes. Dura bastante tempo (cerca de dois minutos) e reproduz-se duas vezes..."

Sessão de 7 de maio de 1921, às 19h (igual vigilância e inspeção).

"Os fenômenos luminosos produzem-se com intensidade ao longo de toda a sessão. Eles não ofereceram nenhuma peculiaridade nova."

Sessão de 24 de setembro de 1821, às 24h.

Assistem: Dr. Geley, Sr. Du Bourg de Bozas, Coronel Okolowicz e Srta. Ludomira Grzeliak.

Eu segurava a mão direita do médium. Anotei o seguinte:

"Quase imediatamente fenômenos luminosos que duram até o final da sessão. As luzes são numerosas, vão, vêm, sobem muito alto, afastam-se de nós, regressam, descrevem circuitos variados. São fortes, de dimensões várias, desde a de uma faísca até a de um rosto humano.

"São constituídas por núcleos centrais muito luminosos,

rodeados por um nevoeiro menos luminoso.

"A intensidade do fenômeno é mais forte do que em nossas sessões do inverno passado no Instituto..."

Sessão de 29 de setembro de 1921, à meia-noite.

"... Fenômenos luminosos menos intensos do que na última sessão. Algumas luzes muito vivas que se movem rapidamente. Repetidas vezes formam-se umas nuvens luminosas atrás do médium. Percebo, muito forte, o cheiro de ozono…

Sessão de 30 de setembro, às 23h30 (mesma vigilância e inspeção)

"... Desde o início luzes, como de costume. Três luzes aparecem muito altas. Elas aproximam-se muito de mim; então vejo uma mão luminosa que toca minha testa e sinto o contato de cinco dedos. Então aparece, vagamente luminoso, o rosto de um jovem de quinze a dezessete anos. Esta aparição é muito efêmera."

Sessão de 24 de abril de 1922, às dez horas da noite.

Kluski não tinha feito nenhuma sessão há seis meses. Por isso, os fenômenos foram pouco intensos. Vigilância e inspeção absolutamente perfeitas.

"O professor Richet segura a mão direita do médium. Geley segura a mão esquerda. Entre Richet e Geley, há apenas um experimentador: o Sr. De Jelski; os três experimentadores formam a corrente, de modo que a vigilância recíproca não deixa nada a desejar. Antes da sessão, a sala é minuciosamente inspecionada. Geley trancou a porta à chave. Desejando o médium nos oferecer uma vigilância e comprovação absoluta, ele se despe completamente, apesar de nossos protestos e do frio. Escuridão.

"Fenômenos: contatos pouco importantes em Richet e Geley; deslocamento ruidoso de objetos atrás de Richet e do médium.

A cada fenômeno telecinético, o médium sobressalta-se e geme;

sua mão aperta convulsivamente as de seus vigilantes.

"O principal fenômeno consiste em belas luzes atrás e acima do médium.

"Percebe-se o cheiro característico do ozônio. Uma névoa em coluna, vagamente fosforescente, eleva-se acima da cabeça de Kluski. Em seguida, alguns pontos brilhantes acendem-se e apagam-se.

"Uma vasta cauda luminosa, como uma nebulosa em forma de cometa longo, de 0,50m aproximadamente, forma-se atrás de Kluski, a um metro de distância e a um metro também de altura acima de sua cabeça. *Esta nebulosa é composta por uma infinidade de minúsculos grãos brilhantes, entre os quais se destacam alguns pontos notavelmente luminosos.* Oscila vivamente da direita para a esquerda e vice-versa, sobe e desce. Dura bastante (um minuto), desaparece e reaparece várias vezes. Depois da sessão percebo que, apesar do frio, o médium, que está despido há uma hora, está com muito calor. Ele sua em alguns lugares (axilas e costas). Está cansado."

Sessão na sexta-feira, 5 de maio, às 12h30 da noite.

"Eu vigio a mão esquerda.

"Assistem: Sr. Ossowiecki, Sra. A. E..., Coronel Okolowicz, Dr. Guirard e Srta. Ludomira Grzeliak.

"Transe muito rápido (alguns minutos); luzes muito variadas e numerosas mostram-se em torno dos presentes; às vezes muito altas. São múltiplas, polimórficas, de volume variável, desde o tamanho de uma ervilha até o de uma noz. Às vezes, são pontos muito luminosos; outras são nebulosidades fosforescentes com focos de condensação; outras, por último, são rosários de luzes, de quatro a seis pontos luminosos formando girândola. Enxergamos repetidas vezes uma névoa luminosa sobre a cabeça do médium. Parece subir como uma fumaça. Essas luzes às vezes tocam em mim e, então, sinto o contato de mãos ou de dedos.

"De repente, vemos dois pontos luminosos flutuando acima do recipiente de parafina, 1,50 a 2m de altura. Quando a atenção de todos

está fixada neles, lentamente descem até o recipiente. Ouve-se o respingo da parafina. As luzes aparecem de novo, flutuam por um momento acima do recipiente; mergulham de novo e respingam outra vez; saem, sempre visíveis, através da camada de parafina e, finalmente, *vêm depositar* um molde quente em minhas mãos. A mesma cena é repetida três vezes.

"(Pois bem, após a sessão, encontramos três moldes de mãos cruzadas, que foram descritos anteriormente.)

"Um momento depois, magnífico fenômeno luminoso: uma mão passeia lentamente diante dos presentes. Tem na palma, por semiflexão do polegar e dos outros dedos, um corpo luminoso, como um cristal luminoso. A mão aparece toda iluminada e transparente. Vê-se a cor da carne. É admirável. Três vezes o fenômeno é reproduzido. Depois, a mão luminosa aproxima-se de um rosto, o qual ilumina. É um belo rosto masculino. Mas eu não consegui ver os detalhes com precisão... Durante toda a cena anterior, o médium em transe, com as duas mãos sendo seguradas, não fez um único movimento.

"A sessão termina às duas da manhã."

O leitor já conhece os fenômenos luminosos do médium Jean Guzik. Não irei me ocupar deles agora.

Enquanto estava em comissão militar na Itália durante a guerra, e graças à gentileza do Sr. Marzorati, tive a oportunidade de assistir a três sessões da Sra. S... em Roma. Não tenho o direito de publicar nada sobre essas sessões. Direi simplesmente que os fenômenos eram completamente iguais aos de Kluski e Guzik. Na casa do senhor Marzorati, como no Instituto Metapsíquico, a vigilância era absoluta e ele não teria permitido nenhuma trapaça.

Digamos claramente, a este respeito, que se a fraude, por imitação dos fenômenos luminosos, é possível e fácil, impõe como condição *sine qua non* (quando o médium está estritamente vigiado) a presença de um cúmplice.

Mas essa hipótese é inadmissível em nossas experiências. Não poderia haver cúmplice na casa do Sr. Kluski, ou na casa do Príncipe Lubomirski, ou na Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos, ou na

casa do Sr. Marzorati, ou no Instituto Metapsíquico. Quanto às sessões do Instituto, já descrevi os cuidados tomados para não ter necessidade de falar sobre o assunto novamente.

Posso, portanto, afirmar que os fenômenos luminosos constituem um dos elementos primordiais das sessões de ectoplasmia.

Secreção luminosa

Tenho observado em diferentes vezes a secreção luminosa.

A primeira vez foi em uma das sessões da Sra. S... Uma coluna vagamente fosforescente apareceu por um momento ao meu lado. Dela saiu uma mão luminosa de forma perfeita e tamanho natural. Os cinco dedos, principalmente, estavam iluminados. Esta mão tocou meu antebraço amigavelmente repetidas vezes. No momento desse leve choque, uma gota de líquido luminoso caiu em minha manga e ali brilhou por quinze ou vinte segundos após o desaparecimento da mão.

A manifestação mencionada era inesperada para mim e não deixou de me desconcertar um pouco (na época, eu era ignorante dos trabalhos do professor Raphael Dubois sobre as secreções luminosas). Não podia eu duvidar da autenticidade metapsíquica do fenômeno, mas não o entendia.

No entanto, nada mais simples e natural.

Observei uma manifestação totalmente idêntica com o Sr. Kluski: Em uma das primeiras sessões realizadas no Instituto, quando as duas mãos do médium estavam seguradas com muito cuidado, vimos nas calças do médium uma grande mancha luminosa que durou cerca de trinta segundos; depois desapareceu. Essa mancha muito intensa ainda persistia um instante depois, quando, terminada a sessão, a luz elétrica foi acesa. Também desta vez, apesar da minha confiança em Kluski e da certeza que o nosso procedimento de vigilância me deu, fiquei espantado. Por último, observei também a secreção luminosa com Guzik, uma vez que minha testa ficou marcada com uma mancha fosforescente por alguns momentos, após o contato com uma "entidade" materializada e luminosa.

O mesmo fenômeno foi reproduzido em experiências recentes feitas com o mesmo médium (ver o que foi relatado acima).

Agora vamos passar em revista as principais observações clássicas das sessões de materialização. Veremos que, em todos os lugares e sempre, as coisas acontecem da mesma maneira.

O Sr. Delanne, em seu belo livro: *As aparições materializadas*, faz um resumo dos fatos do modo seguinte:

"Seria necessário fazer um estudo especial completo sobre as manifestações luminosas que acontecem durante as sessões às escuras. Ora aparecem em forma de estrelas, de relâmpagos, de manchas mais ou menos brilhantes de cor azul esverdeada, ora aparecem no espaço; ora são uma espécie de névoas amorfas e luminosas, ora flutuam em torno do médium ou de outros assistentes, afetando também formas ovoides ou anulares, ou apresentando o aspecto de simples manchas.

"Em outras circunstâncias, é a própria aparição que tem um brilho particular que a torna visível; parece que ela emite a luz por todas as partes do seu ser e que das vestes emana uma espécie de fosforescência bastante viva, mas que não ilumina os objetos ao redor.

"Por último, são conhecidos casos em que a luz irradia, seja das mãos de uma aparição, servindo para iluminar, seja de um corpo sólido, duro, que pode afetar as mais variadas formas. Em geral, essas luminárias possuem uma cor e um brilho especiais que é bem difícil definir exatamente; seu aspecto assemelha-se à luminosidade observada em tubos de vácuo, mas sem que essa analogia seja muito forte."

Entre as observações, extremamente numerosas, da biofotogênese metapsíquica, iremos nos contentar com citar aquelas que foram relatadas por alguns sábios.

Eis, em primeiro lugar, o resumo sintético de Crookes:

"Essas manifestações, sendo um pouco fracas em intensidade, geralmente exigem que a sala não seja iluminada. Nem preciso lembrar a meus leitores que em tais condições tenho tomado todas as precauções apropriadas para evitar que elas me fossem feitas com

óleo fosforado ou outros meios. Mais ainda: muitas dessas luzes eram de tal natureza que *não fui capaz de chegar a imitá-las* por meios artificiais.

"Sob as mais rigorosas condições de vigilância, eu vi um corpo sólido, luminoso por si mesmo, com o volume e a forma aproximados de um ovo de peru flutuar silenciosamente atravessando a sala, elevar-se mais alto do que qualquer um dos presentes poderia ter feito, mesmo ficando na ponta dos pés e, em seguida, descer suavemente sobre o pavimento. Este objeto ficou visível por mais de dez minutos e, antes de desaparecer, atingiu a mesa três vezes com um ruído semelhante ao de um corpo duro e sólido. Durante todo esse tempo, o médium esteve deitado em uma *chaise longue* e parecia completamente insensível…

"Tenho visto pontos de luz brotando de um lado e do outro e repousar na cabeça de diferentes pessoas; tive respostas a perguntas que fiz, através de faíscas de luz brilhante, que ocorreram diante do meu rosto e no número de vezes pedido por mim. Já vi faíscas de luz subirem da mesa até o teto e depois caírem de volta na mesa com um ruído muito perceptível. Já obtive uma comunicação alfabética por meio de relâmpagos que eram produzidos no ar à minha frente, e no meio dos quais eu passava minha mão; já vi uma nuvem luminosa passear por sobre uma pintura. *Também sob as condições da mais rigorosa vigilância* aconteceu-me mais de uma vez que um corpo sólido, fosforescente, cristalino, foi colocado em minha mão por uma mão que não pertencia a nenhuma das pessoas presentes. Em plena luz, vi uma nuvem luminosa pairar sobre um heliotrópio localizado em uma mesa ao nosso lado, quebrar um galho e dá-lo a uma senhora; e em algumas circunstâncias eu vi uma nuvem semelhante condensar-se diante de nossos olhos, tomando a forma de uma mão e transportar pequenos objetos…

"Já vi mais de uma vez um objeto que a princípio desloca-se, depois uma nuvem luminosa que parecia formar-se ao seu redor e, por fim, a nuvem condensava-se, tomava forma e se transformava em uma

mão perfeitamente feita. Essa mão nem sempre é uma simples forma; às vezes parece animada e muito graciosa; os dedos movem-se e a carne parece tão humana quanto a de todas as pessoas ali presentes. No punho ou no braço torna-se vaporosa e perde-se em uma nuvem luminosa.

"Ao toque, essas mãos parecem, às vezes frias como gelo e mortas; outras vezes, elas *pareceram-me quentes e vivas e apertaram as minhas* com o apertão de um velho amigo." Em outro lugar, Crookes relata:

"Uma mão luminosa desceu do teto da sala e, depois de pairar ao meu lado por alguns segundos, tirou o lápis da minha mão, escreveu rapidamente em uma folha de papel, largou o lápis e imediatamente subiu acima de nossas cabeças e perdeu-se na escuridão."

Myers, em seu estudo sobre a mediunidade de Stainton Moses, cita muito numerosas observações de fenômenos luminosos:[80]

"Durante uma imponente manifestação de «Imperator», guia do médium, todos os presentes (eram três) enxergavam de vez em quando um vapor luminoso que ia e vinha em volta das pilastras da mesa. Em outros casos, eram pequenos globos luminosos que brilhavam com resplendor contínuo e circulavam pela sala. Essas luzes não irradiavam, ou seja, não iluminavam o espaço circundante.

"Encontramos na descrição da sessão de 11 de agosto esse mesmo detalhe característico de que as luzes estão circundadas por véus.

"Mentor", um dos guias, fez o Dr. Speer notar uma veste luminosa e por duas vezes apresentou ante seu rosto uma luz grande e brilhante do volume de um globo de lâmpada.

"Em outra circunstância é um vapor luminoso que envolve um anel que está no meio da mesa. Tendo a Sra. Speer aproximado sua mão, ela a retirou toda luminosa."

Os experimentadores de Eusápia observaram fenômenos semelhantes, embora menos intensos (o médium estava

---

80 Resumo do Sr. Delanne em *As aparições materializadas*.

especialmente treinado para telecinesia). Eis aqui o resumo do Sr. Delanne:

"Aparições de pontos fosforescentes de muito curta duração (uma fração de segundo) e de luzes, principalmente discos que frequentemente se desdobram, também de muito curta duração.

"Em Roma.[81] Pequenos globos fosforescentes que esvoaçam sobre a cabeça dos experimentadores, os quais, todos eles, estavam vendo o fenômeno no mesmo instante e da mesma maneira.

"Em Varsóvia.[82] As luzes assumiram as mais variadas formas: faíscas douradas, jatos de luz de dois a três centímetros. O general Starzinsky observou um disco pouco luminoso, do tamanho de um olho humano; esta luz tinha a forma de uma espiral achatada.

"Em Carqueiranne.[83] O Professor Lodge viu, com os outros participantes, luzes como vaga-lumes cruzando a sala.

"Em Paris. Durante as sessões da Sociedade Francesa de Estudos dos Fenômenos Psíquicos, testemunhei várias vezes a produção daquelas estrelas azuladas luminosas que se assemelhavam a pontos luminosos que caem em jatos após o lançamento de um foguete. Essas luzes nasciam nas proximidades do médium.

"Em Monfort-l'Amaury.[84] O Sr. de Fontenay observa na segunda sessão, no gabinete, uma luz em linha vertical, branca, que acendeu e apagou várias vezes. No decurso da terceira sessão foi na sala, no teto, que se produziu uma luz de forma retangular, ou melhor, de elipse alongada, como seria a secção reta de um feixe de luz que partisse do gabinete."

Terminaremos assinalando, a título de documentário, a muito curiosa observação do pintor James Tissot e a sua magnífica gravura, do natural, de uma dupla materialização obtida pela mediunidade de Eglinton[85]. (Lâmina LII, fig. 103.)

---

81 De Rochas: *L'extériorisation de la motricité*, pág. 133.
82 *Idem*, obra citada, páginas 155-159.
83 *Idem*, id., pág. 174.
84 Q. de Fontenay: *Les Séances de Monfort-l'Amaury*, páginas 80 e 111.
85 Reproduzimos essa história com tanto mais prazer porque já descrevemos fenômenos

"...Vejo então ali, ao meu lado, uma forma humana, iluminada por um foco luminoso que sai do seu peito, luz muito azulada. A cabeça, coberta com um tecido, parece-me muito pequena, apenas como uma maçã. Depois cresce. Eu vejo um rosto de mulher completamente formado, inclinando-se em minha direção, olhando para mim. É Katie, sim, com certeza é ela. Eu vejo seu queixo. Parece-me menor do que eu costumava pintá-lo. Reencontro o modelo de seu sorriso angelical, cheio de doçura. Sim! É, na verdade, Katie! Seu colo, tão pequeno, vê-se por entre o tecido que cai sobre o peito. Depois, nada…

"Os meus companheiros ao lado, vendo a materialização do rosto, exclamavam:

"— Oh! What a sweet face! How pretty! ! Oh, que doce rosto! Que linda ela é!

"Eis aqui Katie, que reaparece, desta vez mais visível. É realmente uma pessoa de aparência viva o que tenho diante de mim. O rosto é azulado, como se iluminado pela lua. Sim, de fato, é minha Katie! Mas ela desaparece antes que eu pudesse ver a iluminação das mãos.

"Após alguns instantes ela volta, e então eu observo tudo muito bem. As duas mãos juntas parecem segurar um cristal luminoso, iluminado como pela eletricidade acumulada na região do estômago. A figura desaparece. Será que isso acabou? Então, uma luz mostra-se à minha direita; agora é a forma de um homem, moreno, corado, lábios vermelhos, barba negra, com uma musselina branca envolvendo a cabeça como um turbante e caída sobre o corpo. Em sua mão ele segura um corpo luminoso que a ilumina. Ele passa à minha esquerda, atrás de mim, depois atravessa a sala à nossa frente, mostra-se às pessoas à direita e desaparece no assoalho. Eles acreditam que é Ernesto, aquele que dirige, ou melhor, o guia do médium.

"Alguns momentos se passam esperando e a conversa languidesce.

"— Duas luzes ao seu lado, Sr. Tissot, duas formas ... Oh, que lindo!...

---

análogos devidos à mediunidade de Franek Kluski.

"Eu olho para a direita, uno as mãos dos meus companheiros da direita e da esquerda na minha mão esquerda para não interromper a corrente, ficando assim com a possibilidade de me voltar para trás com mais conforto. Vejo então um grupo admirável, iluminado por esta mesma luz azulada que mencionei antes, só que mais branca, como se tivessem arranhado a lua e colocado os pedacinhos nas mãos desses seres que surgiam. É a forma do mesmo homem com certo aspecto de índio, que conduz uma jovem que é Katie.

"Eu exclamo em voz baixa:

"— Como isso é lindo! É muito mais belo do que eu imaginava! É realmente Katie!

"Observo tudo, as dobras dos tecidos, a disposição das mãos. Uma das mãos do homem aproxima-se de Katie, como que para iluminá-la melhor; a outra a envolve em suas roupagens. Parece conduzi-la como a uma filha ou irmã."

"Em todas as observações anteriores, as luzes estão mais ou menos diretamente ligadas com órgãos materializados, ou pelo menos com materializações esboçadas.

Trata-se, em tais casos, de um puro fenômeno de biologia metapsíquica.

Em alguns médiuns, a manifestação biológica assume, mais raramente, uma aparência de fenômeno físico.

É o caso do médium Erto.

Por último, a manifestação pode ser mista, afetar o aspecto de uma descarga elétrica, ficando, é claro, relacionada ao processo de materialização.

A Sra. Silbert, de Graz emite relâmpagos como Erto; relâmpagos que saem dos dedos ou do tronco. Esses relâmpagos permitem, às vezes, ver as formas ectoplásmicas, que também podem emitir resplendores análogos aos do médium.

Eis a muito interessante observação do Dr. De Schrenck-Notzing.[86]

---

[86] Baron Albert Von Schrenck-Notzing - *Phenomena of Materialisation*.

“Em 15 de dezembro de 1921, vemos um fantasma completo aparecer na porta da alcova; projeta resplendores que o iluminam. Isso renova-se umas dez vezes. A desmaterialização também foi possível ser observada com essa luz. O fantasma foi apequenando, diminuindo, derreteu. Aner viu em determinado momento, através do fantasma, alguns objetos que estavam atrás dele, à luz daqueles resplendores. Em outra aparição do fantasma, os relâmpagos vinham alternadamente da Sra. S... (saíam de sua axila) e do fantasma. Os resplendores eram vivos, como que azulados e duravam de dois a cinco segundos. Eles continuaram mesmo depois que o fantasma se desvaneceu. No final, enxergava-se apenas uma pequena imagem disforme no chão, ao lado da Sra. S..., da qual alguns relâmpagos ainda saíam.”

Provavelmente haverá uma oportunidade de testar outras modalidades da fotogênese metapsíquica.

O que é importante retermos deste estudo é que esse fenômeno é um dos mais frequentes, um dos mais notáveis e um dos mais instrutivos das sessões de ectoplasmia.

A biofotogênese metapsíquica não é apenas uma manifestação do mais alto interesse; traz consigo ensinamentos importantes tanto do ponto de vista geral da "luz viva" quanto do ponto de vista especial da ectoplasmia.

Por enquanto, iremos nos contentar situando-nos nesse último ponto de vista.

Podemos completar nosso conceito sobre o processo ectoplásmico.

De tudo o que sabemos hoje resultam as seguintes conclusões:

A condição primordial da ectoplasmia reside na descentralização anatomo-biológica do corpo do médium e na exteriorização dos elementos descentralizados no estado amorfo (sólido, líquido ou gasoso).

Essa descentralização é acompanhada pela liberação de uma proporção considerável de energia vital. A energia vital assim liberada pode ser transformada em energia mecânica; daí a telecinesia e as

batidas.

Pode ser transformado em energia luminosa; daí a produção de luz viva inteiramente análoga à luz viva normal. Umas vezes a energia da luz parece se condensar neste ou naquele organismo materializado ou em vias de materialização; outras vezes, depende de uma secreção fosforescente, suscetível de se aglomerar e formar verdadeiras lâmpadas vivas; em outras, por último, ela se manifesta na forma de descargas ou relâmpagos.

A mesma energia vital que se manifesta pela telecinesia e bioluminescência pode chegar a organizar ectoplasmas amorfos. Então, ela cria positivamente seres ou fragmentos de seres vivos efêmeros. As materializações perfeitas constituem a fase terminal e superior da ectoplasmia.

Essas fases essenciais da ectoplasmia precisam ser submetidas agora a uma análise minuciosa e detalhada.

Talvez sejamos censurados por não termos, antes de mais nada, recorrido a tal análise.

Responderemos simplesmente que o estudo analítico indispensável será singularmente facilitado pelo nosso conhecimento sintético do maravilhoso processo; entretanto, e sem este último, teria plausivelmente nos levado a inúmeras provações, ilusões fracassadas ou erros desastrosos.

P. S. – Tivemos ocasião de falar frequentemente em nossas atas das variações alternativas no brilho das luminosidades metapsíquicas. O fenômeno também é observado nas luzes vivas normais. Eis um exemplo notável citado por Raphael Dubois:

“Foram retirados das profundezas do Golfo da Gasconha, entre outros, exemplares pertencentes à família das Gorgônias que devem ter formado verdadeiras florestas luminosas no fundo do mar, porque estes políporos podem atingir até dois metros de altura. Içados sobre a ponte do *Talismã*, que os tinha pescado, eles produziam jogos de luz cujo resplendor era atenuado, depois reavivado, passando do violeta ao púrpura, do púrpura ao vermelho, ao laranja, ao azul e a diferentes

tons de verde; às vezes até o vermelho - branco, e esta não é uma das peculiaridades menos curiosas da luz fria fisiológica. A claridade era tão viva que era possível ler a uma distância de seis metros." *(La Vie et la Lumière.)*

Capítulo VI

Analogia das experiências do Instituto Geral Psicológico com as do Instituto Metapsíquico Internacional

As experiências do Instituto Geral Psicológico com Eusápia Paladino constituem uma das mais preciosas contribuições aos nossos estudos.

Sua longa duração (três anos: 1905, 1906, 1907); a minúcia e perfeição da vigilância humana e experimental; o alto valor dos sábios que as realizaram (Sres. D'Arsonval, Gilbert, Ballet, Bergson, De Gramont, Sr. e Sra. Curie, Richet), confere a essas experiências um caráter verdadeiramente decisivo.

Contudo; os resultados obtidos no Instituto Geral Psicológico concordam notavelmente com os do I. M. I. Sem dúvida existem diferenças e ainda muito importantes; mas são diferenças de detalhes e não essenciais.

Daremos a conhecer aos nossos leitores algumas das principais atas taquigráficas das sessões realizadas no Instituto Geral Psicológico, tal como constam do Relatório Oficial,[87] e as compararemos sucessivamente com os nossos próprios documentos.

As conclusões que se seguem desta comparação impõem-se por si mesmas e, portanto, não adicionaremos nenhum comentário a este trabalho.

---

[87] Redigido por Jules Courtier e publicado sob o título *Documents sur Eusapia Paladino*.

BATIDAS

As batidas têm sido frequentes nas sessões do Instituto Geral Psicológico.

Eis aqui, a título de exemplo, alguns trechos das atas:

O mais frequente é que os golpes ocorram depois que Eusápia fez simulação deles.

(1905-IV-6).[88] – O Sr. D'Arsonval vigia a mão esquerda e os joelhos de Eusápia; o Sr. Ballet vigia a mão direita.

Eusápia da batidas no ar; respondem batidas na mesa.

O Sr. Ballet dá três batidas na mesa; ouve-se repetir as três batidas. O Sr. D'Arsonval rasca na mesa duas vezes; respondem rascando na mesa. O Sr. Ballet arranha a mesa; um ruído semelhante é ouvido pouco depois.

(1915-X-4). – Eusápia bate com a mão esquerda no ombro do Sr. Curie, e batidas correspondentes são ouvidas na mesa. (Vigilantes: do lado esquerdo, Sr. Yourievitch; do lado direito Sr. Curie.)

(1905-X-8). – Eusápia rasca na mão do Sr. Curie; e ouve-se rascar na mesa. (Os mesmos vigilantes.)

(1907-II-8). – Eusápia diz que quer bater com a cabeça na mesa; e inclina sua cabeça para a mesa três vezes e três fortes batidas são ouvidas na mesa. (Vigilantes: à esquerda, Sra. Curie; à direita, Sr. Debierne.)

(1906-V-5). – Várias vezes ouvem-se batidas na mesa a pedido dos vigilantes, todas as vezes que eles pedem. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Curie; à direita, Sr. Richet.)

(1907-V-3). – Eusápia, a distância da mesa, faz um gesto de bater e ouvem-se batidas na mesa que está na cabine. Simula dois golpes, depois quatro, e eles são ouvidos repetidos o mesmo número de vezes atrás da cortina. (Vigilantes: à esquerda, Sra. Curie; à direita, Sr. Perrin.)

(1905-V-4). – Eusápia dá um soco no tampo da mesa e pede ao Sr.

---

[88] Os algarismos romanos que seguem à designação do ano indicam o número da sessão; as cifras arábicas a seguir, marcam a página do registro taquigráfico.

Charpentier que coloque a mão ali. O Sr. Charpentier sente sob sua mão como um soco dado no tampo. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Charpentier; à direita, Sr. Bergson.)

(1905-IV-12). – Eusápia dá leves tapas nas costas do Sr. Ballet, e o mesmo número de batidas repetem-se sob a mão do Sr. D'Arsonval, colocada na mesa pedestal, um metro à esquerda do sujeito. (Vigilantes: à esquerda, Sr. D'Arsonval; à direita, Sr. Gilbert Ballet.)

Se o leitor agora consultar os relatos de experiências do I. M. I., perceberá imediatamente, ao lado de inúmeras analogias, uma diferença notável: em seu segundo estado durante as sessões, Eusápia parecia ter uma direção bem nítida na produção das batidas que à sua vontade ou sob seu comando eram produzidas.

Pelo contrário, com o Sr. Franek Kluski nunca houve batidas em nossas sessões, a não ser em casos de transe completo do médium, com absoluta imobilidade e inconsciência.

Além disso, com Eusápia as batidas eram geralmente produzidas nas proximidades da médium. No caso de Kluski, às vezes são ouvidas muito longe dele (até vários metros de distância).

Em Eusápia, aos batidas eram, principalmente, uma manifestação mecânica. Em Kluski, elas constituem uma manifestação de ordem intelectual. Elas são o principal meio de comunicação com as "entidades" produtoras dos fenômenos.

TELECINESIA

Os movimentos sem contato têm sido, com muita diferença, o fenômeno mais frequente nas sessões de Eusápia. Aqui estão alguns exemplos retirados da memória oficial:

(1906-III-3). 3 de abril, às cinco e trinta e quatro. – As madeiras das duas janelas da sala de experiências estão abertas. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Yourievitch; à direita, Sr. D'Arsonval.)

Eusápia pergunta se o Sr. Bergson (que está fora da corrente) está vendo seus joelhos.

Sr. Bergson: — Muito bem.

A mesa eleva bruscamente todas as quatro pernas.

Sr. Yourievitch. — Tenho certeza de que não soltei a mão dela.

Sr. D'Arsonval. — Eu, a mesma coisa.

(1905-IX-4). – Eusápia tem uma mão levantada e a outra segurada pelo Sr. D'Arsonval, colocada sobre a mesa. O Sr. Youriévitch vigia os joelhos. A mesa eleva-se primeiro das pernas 1 e 2 e, em seguida, das quatro pernas. (Vigilantes: à esquerda, Sr. D'Arsonval; à direita, Sr. Yourievitch.)

(1905-IV-3). – Eusápia fecha os punhos e os leva para a mesa; põe de novo as mãos na mesa, depois as levanta. A mesa é elevada nas quatro pernas. O aparelho de registro indicou a elevação da mesa. Os Sres. D'Arsonval e Yourievitch (que vigiam à esquerda e à direita) declaram que os pés e joelhos de Eusápia não se moveram.

(I905-IX-13). – A mesa é elevada das quatro pernas e dá cinco batidas, elevando-se inteiramente cinco vezes.

Às dez e meia. – A mesa eleva-se das quatro pernas, uma das mãos de Eusápia sendo segurada pelo Sr. D'Arsonval e a outra sobre a cabeça do Sr. Yourievitch.

(1905-X-4-5), às nove e cinquenta e oito. – A mesa eleva-se totalmente cerca de trinta centímetros do chão e permanece no ar por sete segundos. Eusápia tinha apenas uma mão sobre mesa; a vela colocada embaixo desta permitia a vigilância dos joelhos, que não se moveram.

Às dez horas. – A mesa eleva-se de suas quatro pernas para cerca de 25 centímetros e fica suspensa no ar por quatro segundos, tocando a mesa apenas o Sr. Curie e ele mesmo segurando a mão de Eusápia. Ela gemeu e parece ter feito um grande esforço. A vigilância era excelente graças à vela colocada por baixo da mesa.

Às dez e um minuto. – A mesa é elevada das quatro pernas e fica suspensa por dois segundos.

A vela embaixo da mesa apaga.

Às dez e dois. – Eusápia está com as mãos a uma distância de 25 a 30 centímetros da mesa e esta eleva-se de todas as quatro pernas sem qualquer contato aparente. O Sr. Curie estava com uma mão nos

joelhos de Eusápia.

(1906-IV-3). – A mesa eleva-se, primeiro de duas, depois das quatro pernas; uma das mãos de Eusápia está em cima da mesa e a outra em uma mão do Sr. Curie. Os pés de Eusápia estão colados às pernas da cadeira em que está sentada. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Curie; à direita, Sr. Feilding.)

(1905-IV-9). – Eusápia pede que o peso maior seja colocado em cima da mesa. Colocam o peso de 10 quilos.

A mesa, carregada com esse peso, eleva-se das quatro pernas. Os senhores Ballet e D'Arsonval vigiavam perfeitamente (além das mãos) os pés e joelhos de Eusápia. Não houve contato com as pernas da mesa.

Eusápia diz que está calma, que não se sente mais nervosa.

A mesa eleva-se pela segunda vez das quatro pernas com a mão do Sr. Ballet em cima e permanece no ar por bastantes segundos.

O Sr. D'Arsonval vigiou a mão esquerda, os joelhos e os pés.

(1906-II-8). – Eusápia pede para ninguém tocar na mesa. O Sr. Curie segura a mão esquerda dela e Sr. Courtier a mão direita; o Sr. Yourievitch segura os pés de Eusápia sob a mesa.

A mesa eleva-se das quatro pernas em tais condições de vigilância.

(1905-VII-22). – Eusápia pede para todo mundo se levantar e que o conde Dr. Gramont venha segurar suas pernas.

Eusápia está em pé sobre a balança de Marey. O Sr. De Gramont segura as duas pernas. Todos os assistentes, Sres. D'Arsonval, Courtier, L. Favre, Vaugeois e Yourievitch, em pé, formam a corrente. O Sr. D'Arsonval vigiava a mão esquerda e o Sr. Yourievitch a mão direita de Eusápia.

A mesa eleva-se tão alto que as pernas 1 e 2 quase saem dos estojos que as contêm a modo de bainhas (ver foto VII).

Às dez e cinquenta e três. – Mesma vigilância das mãos e pernas. A mesa eleva-se outra vez. Eles dizem: "Mais acima, para fora dos estojos!" A mesa sobe muito e cai fora deles (ver gráfico 20).

Alguns objetos leves foram colocados na cabine numerosas

vezes; pires de porcelana, caixinhas de madeira recobertas com negro de fumo, uma cítara, um violino, etc. Esses objetos foram tocados, transportados sobre a mesa ou jogados no chão (1905-IV-18, 1906-1 V-12).

(1905-VI-18). – Eusápia faz gestos com as mãos e soa a cítara dentro da cabine. Eusápia arranha a mão do Sr. D'Arsonval e a cítara soa novamente como sendo pontilhada por uma mão. (Vigilantes: à esquerda, Sr. D'Arsonval; à direita, Sra. Brincard).

(1905-VII-17, 18). – Fios de lã foram colocados atrás da cortina da cabine em malhas próximas o suficiente para evitar que o braço pudesse passar por entre elas. No meio da sessão, ouviu-se barulho de rompimento daqueles fios e, alguns momentos depois, um bola feita com eles caiu dentro do círculo. (Vigilantes: à esquerda, Sr. D'Arsonval; à direita, Sr. Yourievitch.)

De outra feita, uma cantoneira pregada em um canto, dentro da cabine, foi arrancada de seus suportes (1905-XII-20, 22) (Vigilantes: à esquerda, a Marquesa De Ganay; à direita, Sr. Langevin.)

Objetos muito mais pesados foram deslocados, elevados e transportados; por exemplo, um banquinho de um metro de altura, carregado com um balde cheio de argila (1905-X-24). O referido banquinho estava na cabine. Ele foi visto entrando e saindo várias vezes pela abertura da cortina. Foi expresso o desejo de que o balde de argila fosse transportado para a mesa. Eusápia pediu para concentrarem as vontades para que isso acontecesse, e de fato aconteceu. O banquinho foi então levantado até o ombro do Sr. Curie.

O recipiente de argila pesava 7 quilos e exigia grande esforço para ser erguido e segurado com uma só mão; o balde media 30 centímetros de comprimento por 24 de largura. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Komyakoff; à direita, Sr. Curie.)

Já falamos de uma mesinha pedestal, normalmente feita de madeira branca, localizada a um metro de Eusápia, à sua esquerda.

Esta mesa pedestal foi deslocada muitas vezes e elevada completamente em diferentes circunstâncias.

Para registrar no chão os movimentos desse pequeno móvel, o Sr.

Yourievitch, repetindo o arranjo usado em Nápoles, mandou amarrar uma corda no ponto de junção das três pernas, enrolada à distância em torno de uma roldana (foto XVI). Um peso de 100 gramas foi amarrado à ponta da dita corda que garantia o contato com a polia; este peso subia quando a mesinha se afastava e descia quando a mesa se aproximava da polia mencionada, sendo que a polia deslocava-se em ambas as direções sob o efeito do movimento da mesa de pedestal. Essa polia estava conectada a outra por meio de uma corda de transmissão, e sobre essa corda foi fixada um estilete, apoiado no papel fumê de um cilindro de Marey.

Quando a mesinha estava em movimento, o estilete inscrevia no cilindro traços correspondentes aos movimentos de aproximação ou afastamento da mesinha.

Possuímos numerosos gráficos desses movimentos. Na figura 23 podemos ver que a mesa pedestal avançou duas vezes, depois retrocedeu duas vezes, depois avançou para retroceder novamente. É claro que essas linhas não indicam como os movimentos sucessivos do móvel foram realizados; mas elas testemunham que tais movimentos realmente existiram; que não temos sido, como algumas pessoas afirmam, joguetes de uma ilusão, e nos permitem medir os deslocamentos.

Voltemos agora para o taquigrafado nas sessões.

(1905-IV-5). – “Eusápia fecha os punhos com as mãos para o alto, não na corrente, e faz gestos de chamado e repulsa; a mesa pedestal avança e retrocede em sincronia.” (Vigilantes: à esquerda, Sr. D’Arsonval; à direita, Sr. Yourievitch.)

(1905-IV-14). – Eusápia, segurando a mão esquerda do Sr. Ballet com a sua direita, avança-a sobre a mesa de experiências em direção à mesa pedestal, que se eleva. O Sr. Ballet retira sua mão; a mesa pedestal aproxima-se. O Sr. D'Arsonval segurava a mão esquerda de Eusápia.

Eusápia diz: "Vá embora!" A mesa pedestal afasta-se.

O Sr. D'Arsonval. – Isso foi feito sem nenhum contato aparente.

Eusápia segura a mão do Sr. Ballet e o faz indicar o gesto de rejeitar a mesinha pedestal; a mesa é empurrada para trás até atingir a parede.

(1906-IV-10). – "A mesa pedestal (colocada à esquerda de Eusápia, a cerca de 50 centímetros de sua cadeira) eleva-se completamente, enquanto os pés de Eusápia estão amarrados às pernas de sua cadeira por laços e seus punhos amarrados aos punhos dos vigilantes." Chegando em sua subida à altura dos ombros do Sr. Curie, a mesinha vira com as pernas para cima e é depositada com o tampo contra o tampo da mesa. O movimento não foi rápido, mas sim como que dirigido com atenção. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Curie; à direita, Sr. Yourievitch.)

"O que é incrível", diz o Sr. Curie, "é a precisão com que a mesinha anda sem tocar em ninguém; descreveu uma bela curva quando veio se colocar sobre a mesa, mas não tocou absolutamente em mim."

(1905-IV-12). – A mesinha pedestal eleva-se sob a mão do Sr. D'Arsonval, que exerce pressão ao contrário.

O Sr. D'Arsonval. – Minha pressão correspondia a um peso de dois a três quilos.

A mesinha é transportada até ser colocada em cima da mesa. Tentam rejeitá-la, sem conseguir. De repente, ela se eleva a uma altura de 50 centímetros e coloca-se sobre um ombro do Sr. D'Arsonval; a seguir ela volta de novo para cima da mesa. Os Sres. Ballet e D'Arsonval esforçam-se em empurrá-la e sentem grande resistência.

O Sr. D'Arsonval. – É absolutamente como a resistência do campo magnético.

Vemos como o fenômeno é preciso e indiscutível. Em sua bela memória oficial, o Sr. Courtier enfatiza que existem dois fenômenos de telecinesia que devem ser estabelecidos acima de qualquer discussão:

1. *A elevação completa da mesa* com as pernas enfiadas dentro de estojos inamovíveis, fixos ao chão, enquanto a vigilância das mãos e joelhos da médium era perfeita;

2. *O retrocesso da mesinha para longe da médium.*

"OS PEDESTAIS. – Analisemos agora as condições de deslocamento do pedestal colocado à esquerda de Eusápia, a cerca de um metro de sua cadeira.

"Este pedestal avança ou retrocede às vezes de acordo com os gestos de Eusápia. Ao se aproximar, poderíamos imaginar que, apesar das mais severas precauções para evitar fraudes, ela usa um fio qualquer, fino o suficiente para permanecer invisível, e que atrai o móvel por este meio. O esforço para deslocar uma peça de mobília tão leve, fazendo-a deslizar sobre um tapete, não chega a ser de um quilo (os senhores Courtier e Yourievitch mediram isso em Nápoles). Mas como explicar o *afastamento* da mesinha? Suponhamos, não obstante, que um dos vigilantes assuma o posto de Eusápia e atue por meios comuns. Ocorre-nos apenas um procedimento: que seria segurar uma varinha rígida qualquer na mão e afastar o objeto com a ajuda dessa varinha; mas esta, por mais fina que fosse, não poderia, como no caso de um fio, escapar à visão de observadores atentos ao fenômeno. Não é necessário falar, é claro, de um afastamento obtido pelo manejo de um fio em uma polia ou de alguma aspereza da parede, mecanismo que exigiria certa instalação. O aparelho de registro era, como se poderia supor, absolutamente passivo, e, por outro lado, qualquer hipótese de alucinação coletiva deve ser descartada, pois os movimentos da peça marcavam automaticamente seu traço no cilindro de Marey.

"Notemos, por último, que não se trata aqui de fenômenos de atração ou repulsão análogos aos dos ímãs, sempre bruscos e invariáveis na direção. O pedestal (1906-IV) é transportado de forma relativamente *lenta*; suas trajetórias são curvilíneas complicadas. Evita os obstáculos para chegar ao fim do seu caminho.

"Lembremos que em 6 de abril de 1906, Eusápia concordou em ter seus pés amarrados às pernas da cadeira por meio de cordões. Durante a sessão, ela manteve seus punhos amarrados aos de seus vigilantes da esquerda e da direita, Sres. Curie e Feilding.

"O Sr. Courrier, sentado cerca de um metro atrás do Sr. Curie, viu

claramente a mesinha de pedestal, que estava a cerca de 50 centímetros da cadeira de Eusápia, elevar-se do chão, e não percebeu nenhuma mão que a segurasse. Essa mesinha subiu até à altura dos ombros do Sr. Curie, girou no ar e veio colocar-se, com as pernas para cima, sobre mesa de experiências, na frente de Eusápia.

"Já citamos, retiradas da ata taquigráfica, as seguintes palavras do Sr. Curie: "O que é incrível é a precisão com que o pedestal passa sem tocar em ninguém. Descreveu uma bela curva e não tocou absolutamente em mim."

"Nem o senhor Curie, nem o senhor Feilding, nem o senhor Yourievitch, nem o senhor Courtier, diante dos quais o fato aconteceu com luz suficiente para analisar as suas fases, viram ou verificaram naquele momento qualquer movimento suspeito do sujeito, que permaneceu, como já foi dito, com ligaduras nos pés e nos punhos.

"A mesinha de três pernas transportada naquela noite tinha um tampo circular de 40 centímetros de diâmetro, media 55 centímetros de altura e pesava 1.250 quilos."

Em nossas sessões com Kluski, evitamos ao máximo os fenômenos de telecinesia, preferindo a ectoplasmia completa.

Portanto, tivemos poucos fenômenos de movimentos sem contatos.

Aqueles que verificamos eram em todos os aspectos semelhantes aos de Eusápia, exceto que eram executados independentemente da vontade do médium, em transe e inerte.

CONTATOS

A mesma notável analogia no tocante aos contatos. Basta-nos citar algumas atas do Instituto Geral Psicológico.

Pessoas localizadas nas proximidades da cabine frequentemente notam tocamentos nos braços, ombros e cabeça, exercidos como que por mãos invisíveis que às vezes julgam ser grandes e outras pequenas.

(1905-IV-11). Sr. D'Arsonval. — "Senti uma pressão na minha

têmpora. Foi um contato suave, mas muito preciso." (Vigilantes: à esquerda, Sr. D'Arsonval; à direita, Sr. Yourievitch.)

(1905-VI-11). Sr. Krebs. — "Senti uma pressão no braço esquerdo, como se fosse com uma bola de algodão". (Vigilantes: à esquerda, Sr. D'Arsonval; à direita, Sr. Krebs.)

(1907-IX-9). Sra. Curie. — Fui tocada, com total certeza. Um dedo tocou em minhas costas. Tenho certeza da vigilância deste lado. A mão do lado do Sr. Yourievitch não podia ter alcançado minhas costas.

Sr. Yourievitch. — Por outro lado, estou igualmente certo da vigilância deste lado.

Sra. Curie. — A mão da médium não tentou se livrar da minha; apoia-se fortemente na minha mão.

Sra. Curie.— Agora agarraram meu ombro com força e o puxaram por longo tempo. Nesse momento a vigilância era ainda melhor, pois ela segurava minha mão com força. Eu sentia um contato prolongado, apoiar-se cada vez mais.

Sr. Yourievitch. — Nesse momento ela estava apertando minha mão com os dedos.

Os contatos às vezes são enérgicos, até dolorosos.

(1905-IX-12). — O Sr. Yourievitch pôs a mão na cabeça de Eusápia: "Fui agarrado, disse, e picado como que por umas unhas e fui machucado." (Vigilantes: à esquerda, Sr. D'Arsonval; à direita, Sr. Yourievitch.)

No mais, essas mãos fogem sem parar.

(1907-VII-12). Sr. Branly. — Tentei pegá-la, mas não consegui. Avançava e retrocedia. Era algo redondo sob a cortina.

A cortina avança duas vezes em direção ao Sr. Branly.

Sr. Branly. — Aí está a mão; voltou... lá está ela de novo.

Outras vezes as mãos puxam os cabelos e as orelhas dos vigilantes, desmancham os nós das gravatas (1905-I-15), retiram a cadeira em que estão sentados.

(1905-I-13). Sr. Yourievitch. — Algo assim como uma mão puxou minha cadeira duas ou três vezes. Eu continuei sentado; quis resistir.

Finalmente, puxaram com muita energia e eu caí.

Aliás, machuquei-me ao cair. (Vigilantes, à esquerda, Sr. Yourievitch; à direita, Sr. Courtier.)

As mãos às vezes trabalham até o topo da juntura central das cortinas.

(1907-VII-11). — Eusápia pede para alguém subir na mesa.

O Sr. Yourievitch ajoelha-se em cima mesa, em frente à cortina.

Sr. Yourievitch. — Coloco uma mão ao lado da cortina.

Eusápia levanta a mão e estende o braço para mostrar que ela não pode tocar na mão do Sr. Yourievitch.

Sr. Yourievitch.— Uma coisa agarrou a cortina, ao lado da minha mão, muito no alto.

Os vigilantes às vezes percebem contatos duplos ou sentem-se tocados, um e outro simultaneamente.

(1905-XII-10). — Os Sres. Curie e Langevin são tocados simultaneamente.

Eusápia afirma que dois fenômenos irão ocorrer.

Sr. Langevin. — Meu braço e quadril foram agarrados ao mesmo tempo.

Às 10h18. — O Sr. Langevin sente sua mão e braço sendo apertados ao mesmo tempo. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Curie; à direita, Sr. Langevin.)

FENÔMENOS LUMINOSOS

Os fenômenos luminosos foram da mesma natureza nas sessões de Eusápia e nas de Kluski; mas os de Kluski são incomparavelmente mais notáveis.

Não houve "nebulosas" humanas ou "fantasmas luminosos" no Instituto Geral Psicológico. Mas essa diferença entre os fenômenos dos dois médiuns não é uma diferença fundamental nem essencial. É de ordem quantitativa: Kluski está educado para os fenômenos complexos da ectoplasmia, enquanto Eusápia está especialmente educada para os da telecinesia.

Citemos alguns exemplos das sessões do Instituto Geral Psicológico.

(1905-VI-18, 19). – Sr. D'Arsonval.— Há luzes constantemente na testa de Eusápia, especialmente no lado direito. Essas luminosidades formam-se, apagam-se, iluminam-se outra vez.

Sra. De Gramont.— Há luzes azuladas no ar.

Sr. D'Arsonval. — O fenômeno da fosforescência é muito nítido; ele se manifesta sobre o fundo preto da cortina. Posso vê-lo perfeitamente.

Sra. De Gramont. — Vejo luzes azuis que vêm de Eusápia para a mesa.

Eusápia está deitada em uma *chaise longue* na cabine. Com o seu consentimento, ela foi ligada dos ombros aos pés com fitas de tecido amarradas a argolas presas ao chão sob a referida *chaise longue;* além disso, também prenderam com alfinetes suas mangas no mesmo tecido do mobiliário, do lado direito e esquerdo (ver foto XVII).

(1906-VIII-12). — A pedido de Eusápia, o Sr. Courtier sentou-se ao lado da *chaise longue* no interior da cabine. “Vejo, diz ele, algumas luzes vagas que sobem, até onde posso julgar, da parte média do corpo de Eusápia e se dirigem para a abertura da cortina.”

Nesse momento os presentes dizem ver uma luminosidade, uma espécie de mão, na juntura das cortinas.

(1906-IX-17). — O Sr. Courtier está sentado na cabine, ao lado da *chaise longue* na qual Eusápia está, como na sessão anterior, completamente ligada. Eusápia diz ao Sr. Courtier, falando de si mesma em terceira pessoa, que é para ele olhar os fluidos que emanam do corpo da médium, certos gases luminosos, e anunciá-los quando surgirem. “Percebo, diz o Sr. Courtier, luminosidades, a princípio muito tênues, nebulosas, como fosforescentes ou brancas, vagando pela cabine, por cima do corpo de Eusápia. Quando ficam mais claras, elas avançam em direção à juntura das cortinas e parecem se condensar, elevando-se verticalmente.”

Os experimentadores fora da cabine podem enxergá-las por sua

vez na referida abertura.

(1907-XIII-14, 16). — Novos pontos luminosos aparecem acima da cabeça de Eusápia. Depois ela esfrega as mãos do Sr. Debierne, brota ali uma faísca. Eusápia fala para a Sra. Curie esfregar as mãos uma com a outra, e quatro pontos de luz se avistam sucessivamente na frente delas. Eusápia traz a mão da Sra. Curie à sua própria cabeça, uma faísca brota de lá. Toca os cabelos da Sra. Curie e um ponto luminoso parece sair deles.

(1906-XI). — O Sr. Jarry Desloges, que observou alguns pontos luminosos muito próximos, dá a seguinte descrição: O ponto brilhante ilumina uns como que anéis nebulosos à sua esquerda; mas essas luminosidades parecem deter-se bruscamente na parte inferior da mesma linha, como se o ponto fosse colocado sobre um suporte opaco.

MATERIALIZAÇÕES

A principal diferença entre as sessões de Eusápia e as de Franek Kluski reside na mediocridade das materializações, completas no primeiro médium, especialmente em face dos formidáveis fenômenos de Franek Kluski.

No entanto, veremos nas citações que se seguem que as manifestações de Eusápia aparecem nitidamente como um bosquejo daquelas de Kluski.

Os fenômenos luminosos que ocorrem nas proximidades de Eusápia costumam ter formas mais ou menos precisas.

(1905-VI-11). — Uma mão aparece acima da cabeça de Eusápia, nas junturas das cortinas.

Sr. Courtier.— Os dedos se aproximaram, depois levantaram-se e eu vi a palma de uma mão.

Sr. D'Arsonval. — Eu vi uma mão fechada que se abriu. (Vigilantes, à esquerda: Sr. D'Arsonval; à direita, Sr. Krebs.)

(1905-XI-24). — O Sr. Yourievitch vê uma mão que coloca quatro dedos na cabeça de Eusápia. O Sr. De Gramont também a viu. A Sra. Gramont viu uma, ao parecer, mão branca pousando na cabeça de

Eusápia. O Sr. Yourievitch sente uma mão agarrar sua cabeça. O Sr. de Gramont viu a mão sair da cortina e pousar na cabeça do Sr. Yourievitch. (Vigilantes: à esquerda, Sr. Curie; à direita, Sr. Yourievitch.)

(1907-VI-14). — Eusápia diz que quer fazer duas mãos ao mesmo tempo, uma que bata e a outra que seja visível.

A Sra. Curie e os Sres. Courtier e Debierne enxergam uma forma de mão, não muito precisa, mas luminosa; o Sr. Yourievitch sente que é tocado duas vezes.

Sr. Perrin. — Não posso dizer que isso era uma mão.

Sr. Debierne. — Uma mão de verdade, não, mas o bosquejo de uma mão.

(Vigilantes: à esquerda, Sr. Yourievitch; à direita, Sr. Debierne.)

Outras vezes, percebem-se como que braços escuros, como silhuetas de sombras chinesas.

(1905-X-12). — Vê-se um como que braço preto bem próximo ao cotovelo do Sr. Komyakoff; os Sres. Curie e o Sr. Yourievitch viram isso claramente.

Vê-se novamente algo como um braço preto que, do lado esquerdo da cortina, aproximou-se várias vezes e tocou fortemente o Sr. Komyakoff no ombro. Foi visto pelos Sres. Curie, Bergson, De Gramont, Komyakoff e Yourievitch.

(Vigilantes: à esquerda, Sr. Komyakoff; à direita, Sr. Curie.)

(1906-VIII-13).— Nesta sessão, Eusápia, amarrada a uma *chaise longue,* como dissemos anteriormente, estava sozinha dentro da cabine. A corrente estava formada fora da cabine, em torno da mesa. Os presentes viram aparecer por um momento, na juntura das cortinas, algo como uma cabeça escura e um busto de homem cobertos com um pano branco.

A VIGILÂNCIA DO MÉDIUM

A vigilância do médium era essencialmente a mesma no Instituto Geral Psicológico e no I. M. I. Consistia, acima de tudo, em segurar suas

duas mãos.

Mas essa operação era muito mais fácil de realizar de modo seguro com Kluski do que com Eusápia.

De fato, enquanto Eusápia estava em perpétua agitação, Kluski, mergulhado em verdadeira letargia, não fazia movimento algum; nessas condições, a vigilância de suas mãos e de todo o seu corpo era extremamente simples e deixava completa satisfação. *Nunca, em caso algum, Kluski poderia ter feito o menor movimento não percebido.*

No Instituto Geral Psicológico, a verificação instrumental era muito utilizada, o que tem sido um grande auxílio para a vigilância pessoal.

No I. M. I. utilizamos um procedimento inédito para verificar as fundições: o dos corantes e substâncias químicas, secretamente misturadas à parafina.

Acima de tudo, tentamos obter fenômenos de impossível trucagem nas condições experimentais em que operamos, e isso foi conseguido plenamente.

Como se vê, a comparação entre os documentos do Instituto Geral Psicológico e os do I. M. I. é muito instrutiva.

Chamamos a atenção de nossos adversários de boa fé para essa analogia.

Capítulo VII

Experiências de demonstração do doutor de Schrenck-Notzing

O Dr. De Schrenck-Notzing acaba de consagrar vários meses à demonstração, para a Hite, da realidade da ectoplasmia.

O sucesso foi completo.

Uma centena de sábios, todos profundamente céticos, vários deles abertamente hostis, declararam-se convencidos depois de trabalhar, sob a direção do Dr. De Schrenck-Notzing, com seu médium Willy.

Não houve exceção.

Eis a lista dos mais conhecidos:

Doutor Zimmer, Professor de Zoologia da Universidade de Munique (18 sessões).

Doutor Gruber, Professor de Zoologia no Polytechnicum (18 sessões).

Doutor Hans Driesch, Professor de Filosofia na Universidade de Leipzig (uma sessão).

Doutor Becher, Professor de Psicologia da Universidade de Munique (três sessões).

Doutor Desterreich, Professor de Filosofia na Universidade de Tubinga (três sessões).

Doutor Von Kalker, Professor de Jurisprudência da Universidade de Munique (duas sessões).

Doutor Gustavo Freytag, Professor de Medicina da Universidade de Munique (três sessões).

Doutor Salzer, Professor de Medicina da Universidade de Munique (duas sessões).

Doutor Gustavo Wolff, Professor de Psiquiatria da Universidade de Basileia, Diretor da Casa para Alienados de Friedmatt (uma sessão).

Doutor Von Aster, Professor de Filosofia na Universidade de Hessen (uma sessão).

Doutor Graetz, Professor de Física da Universidade de Munique (três sessões).

Doutor Pauli, Professor de Psicologia da Universidade de Munique (uma sessão).

Doutor Alruz, Professor de Psicologia da Universidade de Upsala (uma sessão).

Doutor Vanino, Professor de Química da Universidade de Munique (uma sessão).

Doutor Wiedersheim, conselheiro particular, ex-professor de Anatomia da Universidade de Friburgo (uma sessão).

Doutor Huber, catedrático não titular de Psicologia da Universidade de Munique (uma sessão).

Doutor Schmidt-Noehr, ex-Professor de Filosofia da Universidade de Heidelberg (uma sessão).

Doutor Hartogs, Professor de Matemática da Universidade de Munique (uma sessão).

Doutor Heilner, Professor de Medicina da Universidade de Munique (uma sessão).

Doutor Pauli, Professor de Física da Universidade de Jena (uma sessão).

Doutor Geiger, Professor de Filosofia na Universidade de Munique (uma sessão).

Doutor Wildstaetter, conselheiro particular, Professor de Química na Universidade de Munique (uma sessão).

Doutor Lindemann, conselheiro particular, professor de Matemática na Universidade de Munique (uma sessão).

Os outros médicos que participaram das sessões são:

Doutor Osborne, neurologista. Munique (12 sessões).

Doutor Marcinowski, médico, diretor do Sanatório Heilbrunn (Baviera) (cinco sessões).

Doutor Troemmer, médico-chefe da seção de Doenças Nervosas no Estabelecimento de Saint-Georges. Hamburgo (uma sessão).

Doutor Tischner, oculista em Munique (três sessões).

Doutor Müller, Ministro da Higiene, especialista em Radioscopia. Munique (duas sessões).

Barão Doutor Von Gebsattel, especialista em doenças nervosas em Munique (quatro sessões).

Doutor Kindborg, neurologista em Breslau (uma sessão).

Doutor Krapf, médico-chefe da Casa para Alienados de Gabersee (uma sessão).

Doutora Lebrecht, neurologista em Munique, (25 sessões).

Kuttner, estudante de medicina em Munique (uma sessão).

Doutor Wittenberg, neurologista em Munique (três sessões).

Doutor Recknagel, médico particular em Munique (duas sessões).

Doutor Durig, médico particular em Munique (uma sessão).

Doutor Von Hattingberg, neurologista em Munique (uma sessão).

Doutor Nobbe, oculista, anteriormente em Munique (uma sessão).

Doutor Patin, ginecologista em Munique (uma sessão).

Doutor Bohm, veterinário em Nuremberg (uma sessão).

Contam-se entre as outras testemunhas os seguintes sábios e personalidades:

Doutor Von Scanzoni, advogado em Munique (duas sessões).

Doutor Gertel, Conselheiro da Corte Regional Superior em Munique (duas sessões).

Doutor Erich Bohn, advogado em Breslau (três sessões).

Doutor Willi Seidel, escritor em Munique (uma sessão).

Sr. Gustavo Meyrinck, escritor em Starnberg (uma sessão).

Sr. R. Lambert, Conselheiro de Estudos em Stuttgart (três sessões.

Sr. Karl Krall, Psicologia Animal, Elberfeld (duas sessões).

Sr. Rudolf Schott, professor particular em Munique (duas

sessões).

Sr. Sichler, Bibliotecário Nacional em Berna (duas sessões).

Professor Doutor Bastian Schmid, Psicologia Animal, Munique (uma sessão).

Alfred Schuler, professor particular, Munique (25 sessões).

Doutor Ludwig Klages, ex-professor da Filadélfia em Munique (uma sessão).

General Peter, escritor (Parapsicologia) em Munique (25 sessões).

Doutor Offner, diretor de ginásio em Günzbourg do Danúbio (uma sessão).

Hutchinson, escritor, anteriormente em Munique (uma sessão).

Pearse, ocultista e escritor inglês (três sessões).

Por último, a Comissão da Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas, composta pelos Sres. Dingwall e Price (três sessões).

O professor Sr. Karl Grüber, um colaborador do Dr. De Schrenck-Notzing, teve a bondade de me enviar o seguinte resumo sintético sobre essas belas e decisivas experiências:

A objetividade e a própria natureza da telecinesia e da materialização são, na atualidade, asperamente contestadas na Alemanha por causa das experiências realizadas há mais de um ano por Schrenck-Notzing e seus colaboradores com o médium Willy Sch.

O que constitui a importância dessas experiências e as distingue das anteriores pode ser resumido em duas conclusões:

1ª. A vigilância e verificação foram tão perfeitas e a preparação do médium por Schrenck-Notzing foi feita com tal inteligência do necessário, que foi possível realizar experiências decisivas e inatacáveis.

2ª. Um grande número de acadêmicos alemães e estrangeiros colaboraram com o Dr. De Schrenck-Notzing e forneceram seus testemunhos. Como este último disse na segunda edição do seu *Fènoménes de Matèrialisation,* que acaba de ser publicado, 94 pessoas participaram das sessões desde 3 de dezembro de 1921 a 1 de julho de 1922. Entre elas, 23 professores do ensino superior, 18 médicos e

19 personalidades diversas que pesquisam sobre Parapsicologia cientificamente. Tomamos os seguintes nomes:

(Aqui, os citados acima.)

Pessoalmente tomei parte em 25 sessões e pude me convencer de que telecinesia e materialização são fatos. Compartilhei essa opinião com as outras testemunhas científicas; todos aqueles que assistiram concordaram por unanimidade em rejeitar absolutamente qualquer hipótese de fraude por parte do médium ou de qualquer um dos presentes. Este parecer foi emitido após grande circunspecção.

Embora nada tenha sido possível elucidar quanto à natureza própria das manifestações, é de suma importância a eliminação completa da fraude. De fato, essa hipótese da fraude desempenha o papel principal em qualquer crítica aos fenômenos de materialização. Deve-se acrescentar que o médium foi examinado sob as mais rigorosas condições de vigilância e observação no Instituto de Psicologia de Munique, sob a direção do Professor Becher, por quinze sessões, a maioria das quais foram positivas. As conclusões ainda não foram publicadas porque as experiências precisam continuar. As atas daqueles que participaram das experiências Schrenck-Notzing ainda estão em poder dele e foram publicadas em resumo na obra citada.

Por que tantos observadores científicos decidem declarar, quase nos mesmos termos, que a fraude é descartada? É porque as condições de vigilância são tão severas que dificilmente podem ser melhoradas. Hoje, as manifestações telecinéticas regulares são verificadas tomando as seguintes precauções:

A sala de sessões é cuidadosamente inspecionada antes das experiências; os experimentadores examinam o médium no momento de vestir o traje de trabalho (traje de malha); são costuradas a este vestido pulseiras e fitas luminosas, cujo efeito é aumentado pela adição de alfinetes de cabeça luminosa, de modo que o menor movimento do médium possa ser visto pelas testemunhas na maior escuridão. Willy está sentado do lado de fora da cabine; dois dos presentes seguram seus pulsos. Um terceiro senta-se na frente do

médium, pega suas mãos e segura suas pernas entre os joelhos. Cada um desses vigilantes pode observar Willy livremente, assim como seus outros colegas. O médium e os presentes ficam separados dos objetos destinados a serem movidos telecineticamente por um biombo de gaze em forma de jaula.

Mesmo supondo que o médium conseguisse libertar um braço ou uma perna, o que, aliás, é impossível com a vigilância exercida, isso seria imediatamente advertido graças ao uso das fitas luminosas; a parede de gaze o impediria de operar uma telecinesia fingida. A vigilância, exercida mais estritamente de sessão em sessão, até agora não evitou que o fenômeno ocorresse. Em muitos casos, não exerceu influência inibitória. Em outros, o impedimento momentâneo sempre pôde ser superado. A escuridão quase nunca é total; a iluminação para as experiências de telecinesia é geralmente fornecida por um lustre com várias luzes vermelhas, com cuja luz se distingue claramente a silhueta dos presentes.

As últimas observações têm permitido comprovar que do quadril direito do médium um corpo rígido parece emergir. A cerca de 75 centímetros do solo, ele atravessa a parede de gaze, separando algumas malhas do tecido, e vai deslocar os objetos a 80 centímetros ou um metro de distância do médium. Parece que o médium tem que fazer um certo esforço para conseguir passar esse membro fluido através da parede de gaze. Mas aqui também parece que o exercício faz chegar a superar o obstáculo.

Até o momento não foi possível se obter nenhuma materialização empregando a parede de gaze para circunscrever o raio de ação do médium. No entanto, as materializações, que foram observadas com extraordinária frequência, ocorriam a um metro ou 1,20 metros do médium em condições que excluem qualquer erro.

Eu fui, na maioria das sessões que frequentei, um dos vigilantes, e por meio de uma lamparina vermelha pude observar com grande frequência o aparecimento de uma pequena mão, mais ou menos formada. Eu vi, e muitas outras testemunhas comigo, a sombra dos dedos de uma mão projetada sobre um disco luminoso. Também pude

ver claramente uma pequena mão opaca pegar delicadamente um lenço colocado na base da lamparina, agitá-lo de um lado para o outro e deixá-lo outra vez no seu lugar. E tudo isso enquanto minhas mãos, junto com as de um colega, seguravam os antebraços do médium, iluminados por fitas luminosas, enquanto minhas pernas seguravam as dele como em uma armadilha.

A abundância de fenômenos ocorridos de uma sessão a outra com as mesmas condições de vigilância permite-nos fazer a seguinte observação, de importância capital: as manifestações telecinéticas — talvez invariavelmente — precedem à materialização. Pudemos constatar, pelo emprego de braçaletes luminosos que, ao mesmo tempo em que uma mesinha se elevava era possível perceber um membro cotó escuro, como de um braço, que se colocava sob o tampo da mesa, levantava-o, colocava-o de novo no chão e mostrava-se novamente sob o tampo. A apreensão de objetos movidos telecineticamente - sinos, abajures luminosos, etc. - por um braço opaco foi observada por testemunhas diversas muitas e muitas vezes.

Além dessas comprovações tão importantes para ajudar na solução do problema, a série de experiências feitas por Schrenck-Notzing tem o mérito principal, a meu ver, de ter possibilitado a um grande número de cientistas a observação pessoal da telecinesia e das materializações em condições que desafiam qualquer crítica. Embora alguns deles, dado o pouco tempo dedicado a essas investigações, não ousam ainda admitir em conjunto esta conclusão de um físico de Munique, profundamente cético até agora: *A telecinesia está demonstrada;* a *convicção unanimemente expressa de que a fraude está fora de questão* é de capital importância. Alguns sábios que até agora pertenciam ao grupo dos céticos mais empedernidos tiveram que ceder às evidências. Os colaboradores cujas observações continuaram ao longo de uma série de experiências puderam ficar incondicionalmente convencidos da objetividade da telecinesia e da materialização.

Dr. Karl Gruber,
Professor de Zoologia da Escola Politécnica de Munique

Capítulo VIII

O fracasso das experiências da Sorbonne (1922)

É sabido que as experiências da Sorbonne, que tanto barulho fizeram, fracassaram.

Quinze sessões foram realizadas, das quais treze foram negativas.

Eis aqui a ata tomada do ditame oficial das duas sessões que produziram alguns resultados:

"*3 de abril.* – Presentes: Professores Dumas e Pieron.

"Às 16h10, curto período impaciente. Calma. Repete-se por volta das 17h. A certa altura, a Sra. Bisson declara que o fenômeno está chegando; a lâmpada vermelha está acesa. Um vigia (Professor Dumas) enfia a cabeça por entre as cortinas.

O médium mastiga; tem a boca cheia; em determinado momento saem de sua boca cerca de dois ou três centímetros de uma substância acinzentada e, com as cortinas abertas, ele a apoia, baixando a cabeça e levantando a mão do vigia da esquerda (Professor Dumas) sobre o punho deste. Uma lâmpada de bolso foi acesa pelo Professor Pieron e aproximada da substância pendurada nos lábios; o médium imediatamente vira sua cabeça e reabsorve a substância. Espera-se vê-la reaparecer; mas alguns minutos depois, o médium abre a boca para mostrar que não há nada ali e insere um dedo do Professor Dumas até o fundo de sua garganta.

"*29 de maio* — Presentes: Professor Pieron e Dr. Laugier.

"Às 17h o médium está em transe e por uma hora e meia ele se agita com a respiração precipitada, ofegante, estertores, etc. Eva

declara que "isso vem", "que está aqui" e pergunta várias vezes "se é visto" e "se é sentido próximo ao seu ombro esquerdo"; depois pede para fechar as cortinas. Por sugestão da Sra. Bisson, desabotoa e abaixa o traje de malha até o peito ficar descoberto; não há nada ali. É a primeira vez, observa a Sra. Bisson, que quando o médium declara que isso vem por um determinado lugar, nada é produzido. Em certo instante Eva deposita saliva em seu braço esquerdo e a reabsorve imediatamente. Às 19h10 ela não sente mais nada; a Sra. Bisson e o Professor Pieron a acompanham para ela se despir. Já vestida sua camisa, ela diz que está cansada; senta-se e declara que o fenômeno retorna. Levada de novo para a sala de experiências, ela novamente manifesta a respiração ansiosa com estertores e gritos; logo depois, ela aproxima a cabeça na cortina e a Sra. Bisson, por trás da cortina, a segura. Então ela é vista mastigando, mantendo a boca próxima ao braço esquerdo, e por alguns instantes uma substância mole sai de entre seus lábios, que sobressai apenas alguns milímetros; então ela a recolhe, sai novamente e a reabsorve. Pede então que “chamem”. Porém, nada mais se manifesta.”

Até agora, nunca a mediunidade de Eva foi tão fraca.

Não há, portanto, nenhuma surpresa na seguinte conclusão emitida pelos sábios experimentadores:

“Em conclusão, seja-nos permitido render plenamente homenagem à boa fé e ao ardor científico da Sra. Bisson. De qualquer jeito, e contra suas esperanças:

“No tocante à existência de um ectoplasma, que seria inexplicável com os dados atuais da fisiologia, nossas experiências levaram a resultados que não temos como não considerar completamente negativos.

Adendo.

“A Sra. Bisson, a quem comunicamos este ditame, teve a bondade de declarar-nos que não tinha objeção alguma a nos apresentar. Ela compreende que, segundo as nossas observações, não podíamos dar

conclusões diferentes. Mas lamenta ter-nos apresentado sua médium em ocasião em que ela não dispunha de suas faculdades, e também lamenta que as experiências não fossem prolongadas o suficiente para serem frutíferas."

Assinado:[89]

Louis Lapicque, George Dumas, Henri Pieron, Henri Laugier.

Se as experiências da Sorbonne foram negativas ou quase negativas, ainda assim suscitam algumas observações interessantes.

Em primeiro lugar, devemos render homenagem aos sábios que, mesmo convencidos de que ectoplasmia não existe, não hesitaram em sacrificar tempo e trabalho a um estudo ingrato e difícil.

Eles observaram e explicaram lealmente o que viram.

Tendo suas experiências quase totalmente falhado, eles não podiam emitir um parecer de outra forma. Dito isso, ser-nos-á permitido apreciar os resultados dessa tentativa infeliz e os fatos que nos são citados no ditame oficial:

1º. Lembraremos mais uma vez *que um resultado negativo nunca prova nada e que em nenhum caso pode se opor a resultados positivos*.

Os ectoplasmas de Eva foram vistos, apalpados e fotografados por numerosos observadores e por numerosos sábios.

As quinze experiências negativas da Sorbonne não podem destruir as centenas de experiências positivas feitas anteriormente.

2º. Outra observação, não menos importante, impõe-se: *A vigilância e fiscalização utilizadas na Sorbonne são exatamente as mesmas realizadas pelos observadores anteriores:* Sessões em um laboratório científico, exame completo, despir e vestir a roupa de malha em Eva, segurar as mãos, iluminação, arranjos diversos; tudo idêntico, ponto por ponto, nas sessões da Sorbonne e nas sessões anteriores.

A vigilância dos médiuns, conforme os metapsiquistas

[89] É indispensável fazer observar que o Sr. Lapicque esteve presente em apenas uma sessão, negativa; Sr. Dumas, em oito sessões, e Sr. Pieron, em 13.

dispuseram, na verdade não deixa nada a desejar. Deixa, completa e seguramente, ao abrigo da fraude.

Muito se tem falado sobre os pequenos truques de Eusápia; mas o que geralmente é deixado de acrescentar é que foram descobertos e revelados pelos mesmos metapsiquistas que nunca se deixaram enganar por eles.

Os sábios professores da Sorbonne não encontraram nada para acrescentar ou modificar.

Temos, portanto, o direito de afirmar o valor absoluto dos fenômenos positivos, comprovados e registrados até agora. Na verdade, não pode ser razoavelmente alegado que o mesmo método é defeituoso quando aplicado por Crookes, Richet, D'Arsonval, Morselli e tantos outros, enquanto é excelente nas mãos dos Sres. Dumas, Pieron e Laugier.

3º. Como explicar o fracasso na Sorbonne? É provável que se deva a um conjunto de causas diversas.

A principal parece-me residir *no ambiente, na ausência de qualquer tipo de simpatia entre o médium e os experimentadores.*

Sei que essa afirmação parecerá absurda para os Drs. Dumas, Lapicque e Pieron; mas nem por isso é menos verdadeira.

Isso não significa de forma alguma "que é preciso crer para ver"; significa que o estado de espírito dos experimentadores desempenha um papel importante na gênese dos fenômenos.

Este estado de espírito repercute no médium e, em muitos casos, pode realmente aniquilar suas faculdades. A auto-observação do Sr. Ossowiecki, mencionada acima, confirma esta opinião. E, no entanto, no caso dele, trata-se de mediunidade subjetiva, menos delicada do que a ectoplasmia.

Fazer o quê?, dirão os Drs. Dumas, Laugier e Pieron. Nós acreditamos que a ectoplasmia é impossível. Não concedemos nenhuma fé aos trabalhos dos metapsiquistas. Esta convicção não poderíamos descartá-la senão por meio de experiências bem-sucedidas, realizadas por nós. Poderia resultar de um sucesso

brilhante; em nenhum caso precedê-lo.

Tudo bem, responderemos. Mas teria sido fácil criar um ambiente mais favorável.

Em primeiro lugar, seria necessário estar informado sobre os trabalhos anteriores. Os erros de técnica e o fracasso final talvez pudessem ter sido evitados.

O sucesso ou o fracasso nesta matéria às vezes depende, mesmo que o médium não esteja em seus dias bons, de diversas contingências, que é essencial conhecer bem.

O que se pensaria de um sábio, químico, físico, naturalista e até médico, que pela primeira vez quisesse fazer bacteriologia sem estudos prévios, sem se familiarizar com os princípios elementares da bacteriologia?

Pois bem, um "ectoplasmista" não se improvisa, como não se improvisa um bacteriologista!

O fracasso em questão nada tem de surpreendente. Por outro lado, não conhecendo nada, não tendo querido saber nada sobre os trabalhos anteriores, deviam inevitavelmente os observadores ser levados mais uma vez a elaborar uma hipótese vinte vezes demonstrado que é falsa: *a da regurgitação*!

Este erro é explicável. Foi cometido e descartado sucessivamente pela maioria dos experimentadores de Eva. Isso se deve ao fato de que, na maioria das vezes, neste médium, os ectoplasmas são liberados pela boca. Sendo que, por outro lado, os esforços necessários para o "parto supranormal" que é a ectoplasmia, provocam reflexos análogos aos do parto normal, às vezes incluindo vômitos, os observadores novatos nunca deixam de pensar em regurgitação.

Devemos, portanto, incansavelmente, relembrar as provas irrefutáveis da falsidade dessa hipótese.

Essas provas são obtidas:

a) Pelo exame do médium.

b) Pelo exame dos fenômenos.

Iremos nos contentar com expor tais evidências, deixando ao leitor a consulta dos trabalhos bem conhecidos consagrados a Eva.

1º. *Provas pelo exame do médium.*

a) Provas obtidas pelo uso de substância colorante e por vomitivos:

Fez-se o médium ingerir, imediatamente antes das sessões, geleia de mirtilo. Os ectoplasmas que saíam da boca eram de uma brancura brilhante. Vomitivos foram administrados ao médium logo após terminar algumas sessões boas. O que foi vomitado não tinha nada de suspeito.

b) Prova fornecida por radiografia:

O exame através de raios-X, realizado pelos médicos especialistas Beauprez e Vallet, mostrou que o estômago e o esôfago de Eva eram normais, e seu funcionamento era igualmente normal. (Comunicação da Sra. Bisson ao Congresso de Copenhague.)

Pois bem; o tubo digestivo e seu funcionamento, nos sujeitos regurgitantes, apresentam anomalias características. (Ver o estudo do Dr. Farez em *La Médecine Internationale* de setembro de 1921.)

2º. *Provas fornecidas pelo exame dos fatos.*

a) Existem ectoplasmas volumosos e complexos, de três dimensões. É impossível emitir a suposição de que tais materializações pudessem ficar ocultas no estômago e depois regurgitá-las.

b) As materializações frequentemente mudam de volume e de forma ante observação direta. São, portanto, condicionadas por uma ideia diretriz e um dinamismo especial.

Quando um observador viu um ectoplasma amorfo tomar a forma de um rosto ou de uma mão ante suas vistas, ele não pode mais invocar a regurgitação!

c) As materializações estão com frequência biologicamente vivas. Elas têm todos os caracteres de órgãos vivos efêmeros.

d) Os ectoplasmas sólidos podem sair de todas as extremidades do corpo, dos orifícios naturais, e não apenas da boca.

e) Os ectoplasmas podem ser vaporosos (ver nossas experiências com Kluski). Em Eva, esse processo é comprovado de vez em

quando: vê-se uma nuvenzinha fosforescente flutuando ao seu lado, que se condensa ante a observação direta e assume o aspecto de um rosto ou de uma mão.

f) Os ectoplasmas estão sujeitos a variações de visibilidade totalmente características e inimitáveis por meio de fraude.

g) Por último, os ectoplasmas nem sempre são reabsorvidos pela boca no final da experiência. Em certos casos, eles desaparecem instantaneamente.

Como se pode ver, as provas são superabundantes. *Cada uma delas é decisiva e irrefutável.*

Portanto, não se preocupem os nossos amigos por causa de algumas experiências negativas. As falhas parciais são absolutamente irrelevantes em comparação com a abundância e variedade das observações positivas.

Quanto à dificuldade que os metapsiquistas encontram em que lhes sejam admitidos fatos inegáveis, isso não pode surpreender nem comover. O sistema de Copérnico, a descoberta da circulação do sangue e, próximo a nós, a teoria microbiana e a antissepsia, encontraram, mesmo nos meios científicos e mais ainda, aliás, nestes meios, detratores sistemáticos e encarniçados.

Como isso poderia não acontecer com a ectoplasmia? Os doutores Dumas, Lapicque e Pieron afirmam em seu ditame que a realidade do fenômeno “seria inexplicável com os dados atuais da fisiologia”.

Não é duvidoso, e é precisamente por isso que a ectoplasmia tropeçará por muito tempo com uma resistência desesperada.

Saibamos esperar com paciência serena o inelutável triunfo da verdade.

II. — Novas experiências na Sorbonne e novo ditame.

Meu livro já estava no prelo quando apareceu um ditame assinado pelos Sres. Langevin, Rabaud, Langier, Marcelin e Meyerson, em uma série de dez sessões com J. Guzik.

O ditame destaca, de forma notável, as faltas de lógica que podem ser cometidas pelos sábios que sem preparação abordam os estudos metapsíquicos.

O trabalho do Sr. Langevin e seus colegas, publicado com grande ruído, não em uma revista científica, mas na grande imprensa, denota uma total ignorância, ingenuamente exposta, das condições elementares da experimentação mediúnica e contém contradições dificilmente verossímeis.

Não vou discutir este documento ponto por ponto. Vou me contentar com fazer algumas observações indispensáveis.

1º. *O ditame acusa Guzik de fraude.*

Essa acusação baseia-se simplesmente em uma hipótese: a da liberação de uma perna do médium.

Contudo; o fato não foi provado. *Guzik jamais foi pego em flagrante crime de fraude*.

A ninguém é permitido, por mais sábio que seja, formular sem provas uma acusação infamante contra um homem, mesmo que esse homem seja um médium.

Iremos ver que esta acusação, baseada em simples presunções, é mais do que frágil.

2º. *O ditame emite a hipótese da produção de todos os fenômenos por uma perna livre do médium* e não emite nenhuma outra hipótese.

Pois bem; entre os fatos obtidos na Sorbonne, há aqueles que são inexplicáveis por ação de uma perna do médium fraudulentamente liberada.

Para ter a convicção disso, basta ler as atas das sessões. Aqui estão alguns trechos:

Terceira sessão, em 9 de novembro. – "...Acendemos a luz imediatamente ao grande tapa recebido pelo senhor Langevin. Verificamos que uma cadeira que estava à direita do médium e um pouco atrás dele deslocara-se 1,60 m. ao longo da mesa e atrás da

cadeira do Sr. Langevin...”

É impossível para o médium, sentado, ter deslocado com a perna uma cadeira para *1,60m atrás da cadeira do seu vigilante*. Ou então, se o fez, é porque não estava vigiado e podia se levantar e se mover como bem entendesse!

O mesmo fenômeno, um pouco menos acentuado (deslocamento de 1,30m atrás da cadeira do vigilante), na primeira sessão. A mesma observação feita acima.

Na sexta sessão: “O cesto, distante 1,10m da cadeira do médium, deslocou-se para a esquerda em 0,75m”. Um objeto colocado a 1,10m da cadeira do médium não podia ser movido pela perna do médium, sentado, e muito menos afastado 0,75m. Existe nisso pelo menos uma grande dificuldade material. A fraude, se fraude houvesse, teria exigido um recuo pronunciado da cadeira do médium e um deslocamento do corpo, tão amplo *que não poderia ter passado despercebido*. Esse teria sido o flagrante crime incontestável.[90]

Na segunda parte da mesma sessão, a cesta é arremessada sobre a mesa.

Infelizmente, os experimentadores não anotaram um fato capital: a que distância do médium a cesta estava desta vez?

Faltando esta informação, nada se pode afirmar senão que foi cometida uma omissão imperdoável!

Seja como for, há uma contradição entre certos fatos citados nas atas e as conclusões dos experimentadores.

Essa contradição é grave e vicia totalmente o ditame.

Isso não é tudo: as atas são extremamente pouco afirmativas em termos das impressões dos vigilantes. Citarei o seguinte como exemplo:

Primeira sessão (positiva).

“O Sr. Langevin *tem a impressão*[91] de ter mantido o contato com a perna e com a mão direita do médium”.

---

90 É preciso fazermos notar que o médium é de pouca estatura.

91 Destacado por mim.

Segunda sessão (positiva).

"O Sr. Meyerson *não tem a impressão*[92] de ter perdido o contato com a perna do médium, mas não pode afirmá-lo e, sobretudo, estando sentado; ele não pode afirmar que teve a vigilância da perna esquerda do médium e não da direita!"

Esta última frase, acima de tudo, é verdadeiramente inconcebível. Como! O vigilante, antes mesmo de iniciar a sessão, não sabe se está vigiando a perna esquerda ou a direita? Não tem certeza disso? Mas que testemunho! Em suma, tenham eles a impressão ou não de que mantiveram ou perderam o contato, os vigilantes não têm certeza de nada!

Não habituados à experimentação metapsíquica, confessam francamente sua incerteza e têm razão.

Porém, que contraste entre essas dúvidas e relutâncias e as afirmações contundentes da conclusão:

"Os abaixo assinados declaram que sua convicção é completa e sem reservas!"

Aqui estão estas conclusões na integridade:

"Tendo verificado que os fenômenos de contato, deslocamentos e projeções de objetos sempre ocorrem ao alcance dos membros do médium;

"Tendo observado várias vezes ao longo das seis primeiras sessões experimentais tentativas inequívocas do médium para liberar uma de suas pernas;

"Tendo verificado que todos os fenômenos observados podem ser reproduzidos sem dificuldade, seja com o cotovelo para certos contatos produzidos na região do ombro dos guardas adjacentes, seja com uma perna para deslocamentos, projeção de objetos, etc.;

"Tendo verificado que todos os fenômenos desaparecem tão logo os membros do médium não possam atuar devido à vigilância automática que, por outro lado, não impõe nenhum desconforto ao sujeito;

---

[92] Destacado por mim.

“Os abaixo assinados declaram que sua convicção é completa e sem reservas; os fenômenos que lhes foram apresentados não põem em jogo nenhum mecanismo misterioso.

“O médium os produz:

“Usando o cotovelo para certos contatos aplicados à região do ombro.

“Liberando uma de suas pernas da vigilância; então executa deslocamentos, contatos, projeção de objetos através daquela perna livre.

P. Langevin. E. Rabaud. H. Langier. A. Marcelin. I. Meyerson.”

Não insistamos...

Na publicação do Professor Langevin e seus colegas não há, de fato, nada mais do que um argumento impressionante; bem entendido, só para quem não conhece a instabilidade da fenomenologia metapsíquica.

Os fenômenos cessaram após a inauguração de uma vigilância por cordões luminosos fixados nas pernas da médium.

Houve, de fato, após essa inovação, quatro sessões negativas.

Mas isso não prova nada. Eu mesmo tive até sete sessões consecutivas totalmente nulas com Guzik. Seu mau estado de saúde foi a causa disso.

Vejamos se o ditame faz alusão ao seu estado de saúde: justamente a ata informa que *as sessões tiveram que ser interrompidas entre 27 de novembro e 3 de dezembro por causa de um flegmão dentário do médium*.

Esse abscesso dentário, portanto, ocorreu no meio da série negativa. É possível, senão provável, que a falta de resultados fosse devida principalmente ao estado doentio de Guzik e às suas dores faciais.

Resumindo: *nenhuma evidência de fraude, fatos em contradição com a hipótese de fraude. Eis aqui o que resulta dos processos verbais*.

Nessas condições, o mínimo que se pode dizer sobre as conclusões do professor Langevin e seus colegas é que elas *não têm*

valor demonstrativo e não estão justificadas.

Há motivos para ficarmos surpresos com a publicação de tal ditame.

No pensamento dos promotores das sessões da Sorbonne, as sessões de Guzik eram apenas o início de uma longa série de experiências. Médiuns muito diversos teriam que ser examinados; um estudo consciencioso e imparcial dos fatos metapsíquicos deveria ter sido levado a termo.

Essas experiências teriam sido realizadas com a calma, discrição e serenidade indispensáveis a qualquer experiência séria. Teria sido mantido o segredo até a conclusão.

Este projeto era racional e frutífero. *Todos os metapsiquistas o teriam apoiado e garantido a assistência de seus médiuns*. Sabemos pelos promotores que isso tinha sido aceito pelo "júri".

Devo acrescentar que a mais elementar prudência impunha este método, após as publicações dos recentes testemunhos de tantos ilustres sábios na França e na Alemanha.

Este método científico foi substituído pelos Sres. Langevin, Rabaud, Langier, Marcelin e Meyerson por outro método: a publicação precipitada e com grande ruído de resultados fragmentários e conclusões fruto de preconceitos, fracas e contraditórias.

Talvez muito em breve eles compreendam o fraco serviço que fizeram à causa da verdade.

Capítulo IX

Pseudomaterializações e pseudomédiuns

A ciência metapsíquica aparece para todo espírito alerta como a mais difícil e mais complicada de todas as ciências.

Do ponto de vista prático, existe a necessidade de inúmeras tentativas: método de trabalho, instrumentos, hipóteses, tudo é novo em seu domínio.

Do ponto de vista teórico, invade a Filosofia e tem pontos de contacto com a Física, a Química, a Biologia, a Fisiologia, a Medicina e a História Natural...

No entanto, a Metapsíquica, que é a mais difícil das ciências, é também a mais vulgarizada no mau sentido da palavra. Todo mundo acredita que pode "experimentar" e extrair deduções de suas "experiências". Há um perigo muito sério nisso para o futuro dos nossos estudos, e gostaríamos de alertar os pesquisadores sinceros contra práticas enganosas e entusiasmos irreflexivos.

Seja bem compreendido o nosso pensamento: não pensamos de forma alguma proibir as sessões mediúnicas particulares. A pesquisa metapsíquica não poderia ser monopolizada pelos laboratórios dos homens de ciência. É legítimo, é útil, é desejável que todos os investigadores de boa fé e de boa vontade estejam em condições de perceber, por si próprios, a realidade dos fenômenos.

Aqueles que tiverem a boa sorte — muito rara, infelizmente! — de encontrar médiuns verdadeiramente dotados e sinceros, têm o estrito direito de aproveitar para se instruírem.

Pelo contrário, o que é perigoso de todos os pontos de vista é a vulgarização sistemática dos fenômenos metapsíquicos por iniciadores incompetentes.

Neste momento, na região de Paris, grassa uma "epidemia" de pseudomaterializações que nos impõe o dever de apontar expressamente o perigo.

Colocamos assim nossos amigos do estudo em guarda e, ao mesmo tempo, privamos nossos adversários da vantagem fácil de descobrir paródias ridículas.

A epidemia atual começou em Paris há alguns anos, após uma estada aqui do médium Craddok. Não podemos apreciar as faculdades deste médium, que não conhecemos e que não aceitou as propostas para experiências que o nosso Instituto lhe fez.

Vamos simplesmente verificar se a sua maneira de organizar as sessões tem sido a causa de todo o mal.

Localizada em um salão da margem esquerda, onde ficou estacionada durante a guerra, a epidemia se espalhou rapidamente faz alguns meses e novos surtos têm nos sido apontados diariamente. Populações vizinhas são atacadas por sua vez e ninguém pode prever até onde a praga se espalhará!

A descrição clínica dela é muito simples; os sintomas são sempre idênticos, seja qual for o meio em que se encontram. Consistem essencialmente na imitação (imitação grosseira e infiel) *por um sujeito hipnotizado, ou assim pretenso, do fenômeno da materialização.* A cena é sempre a mesma: um círculo mais ou menos numeroso de pessoas reunidas em uma câmara onde reina escuridão absoluta; em primeiro lugar e no centro, o hipnotizador -organizador. Num canto da sala, numa poltrona, sempre a certa distância dos presentes, um sujeito hipnotizado absolutamente livre de movimentos e sem qualquer vigilância. Esse sujeito geralmente fica atrás das cortinas de uma cabine (bem supérflua, já que tudo acontece na escuridão total).

Em ambos os lados do sujeito, alguns buquês de flores; sobre uma mesa de pedestal, papel branco e lápis; a seus pés, dois abajures

fosforescentes, cujo face luminosa está voltada para o chão. Uma caixa de música arrulha os assistentes ao ato, enquanto um perfume sutil se espalha pela sala.

O hipnotizador adormece o sujeito e abandona-o em seu lugar. Aguarda-se com paciência. Quando o transe é profundo o suficiente (e quando a fosforescência dos abajures é suficientemente atenuada), os fenômenos começam.

Os abajures levantam-se; a face luminosa volta-se para os presentes. Descrevem no ar circuitos variados. Afastam-se mais ou menos um do outro (para bem mostrar que são vários os "espíritos" que operam). Algumas flores caem sobre os espectadores. O papel branco da mesa pedestal enche-se de escrita. Por último, às vezes os abajures se aproximam; iluminam muito vagamente algo impreciso, que parece coberto por um véu ou musselina; com um pouco de boa vontade, às vezes uma face humana pode ser distinguida. Quando o nível geral de confiança ingênua da assembleia permite, o "fantasma" se aproxima do público e revela uma "materialização" perfeita e completa; perfeita e completa demais...

Este é o cenário geral das sessões, que se repete, salvo incidentes excepcionais, com a monotonia mais desconcertante.

Como pode ser possível essa comédia lamentável? Por duas razões: a incompetência dos organizadores e a ausência de espírito crítico da assembleia.

A incompetência dos organizadores dessas sessões geralmente ultrapassa todos os limites. Eis a linguagem que um deles me falou um dia:

“Médiuns de materialização, eu encontro tantos quanto eu quiser. Eu utilizo qualquer pessoa, homem ou mulher, qualquer que seja sua condição social e idade, *desde que seja hipnotizável*. Para desenvolver meu médium, coloco-o no próprio quadro das sessões, com flores, perfumes e música; faço-o adormecer, descrevo-lhe o trabalho dos espíritos; o espírito levanta o abajur; o espírito passeia com o abajur; o espírito dá flores aos presentes; o espírito escreve, etc.

“Esta educação facilita muito a possessão, pelo espírito, do corpo

do médium! Depois de três sessões de aprendizagem sempre consigo materializações. Nunca tenho um fracasso!

Para quem já experimentou seriamente neste domínio e saiba o quanto é raro e difícil obter materialização, tal discurso é significativo. Eu escutava com estupor. Sem dúvida, meu interlocutor estava convencido. A atitude com que recebeu algumas observações mostrou-me que era absolutamente incurável. Eu não insisti; ele era evidentemente incapaz de compreender que o que estava fazendo era simplesmente educar seu sujeito para imitar em estado de hipnose os fenômenos descritos por ele e para desempenhar o papel de espírito materializado!

A falta de espírito crítico do público naturalmente favorece o engano. A cena seguinte, que testemunhei, mostra até onde pode chegar essa falta de espírito crítico, aliás, desculpável e às vezes comovente. Uma senhora que havia perdido o filho, morto na guerra, ao ver o abajur se aproximando dela, exclama: "É você, Emílio?" O abajur imediatamente inclina-se para cima e para baixo, o que significa sim, na linguagem dos abajures!

A senhora chora e o público fica emocionado. O magnetizador toma a palavra: "Se é você, Emílio, ofereça flores para sua mãe, beija-a e faça-se visível!" E o abajur inclina-se tocando várias vezes a cabeça da anciã, a seguir, algumas flores são lançadas a ela. Por último, um pouco depois, os dois abajures são vistos erguendo-se do solo, iluminando uma coluna branca indefinida entre eles.

A pobre mãe rompe a soluçar. Mas quando eu perguntei a ela, após a sessão, se ela havia reconhecido seu filho, respondeu ingenuamente: “Oh! Não senhor; não estava suficientemente materializado!”

Qual é, nessas paródias, o estado psíquico dos sujeitos? Pareceu-me que varia consoante o caso. Às vezes, são simples farsantes que exploram, seja isoladamente ou com cúmplice, um fácil e bom filão; outras vezes são sujeitos realmente hipnotizados, que representam "de fato", pode-se dizer, e às vezes com a bem conhecida habilidade

dos sonâmbulos, o papel do fantasma.

Em todos esses casos, a farsa é certa. Não existe aí nada de parecido com as verdadeiras materializações. Mesmo se acontecesse de alguns fenômenos autênticos ocorrerem, careceriam de valor sob tais condições. A ausência de toda vigilância não permitiria de forma alguma serem levados a sério.

Não é preciso especificar como é fácil simular todas as manifestações assim produzidas por um sujeito livre de movimentos: a separação anormal dos abajures pode ser obtida com aqueles leves tubos telescópicos de alumínio que fazem parte do material de todos os prestidigitadores; o fantasma bosquejado nada mais é do que uma simulação grosseira, quando não é o mesmo sujeito fantasiado.

“De resto, a fraude foi desmascarada várias vezes. Alguns participantes, menos ingênuos do que seus pares, tatearam até a cadeira do médium durante as evoluções do espírito. Sempre acontecia que a cadeira estava vazia!

Um de nossos amigos quis perceber de maneira certa as modalidades do fato. Conseguiu, a preço de ouro, levar para casa um dos ditos médiuns, proveniente daqueles pseudocírculos, para uma série de experiências. Uma porta oculta permitia a um amigo o acesso seguro à cabine durante a sessão. Foi fácil verificar que a cadeira da médium sempre esteve vazia durante as evoluções dos fantasmas pela sala.

Mas suas roupas, artisticamente dispostas sobre a poltrona, permitiam ao "espírito" projetar, por vezes, a fraca luz dos abajures sobre a poltrona citada, onde os presentes acreditavam poder distinguir o próprio médium. O rosto, nem é preciso dizer, estava sempre invisível e as mãos eram representadas por mãos de borracha. Um bolsinho escondido sob as roupas continha todos os acessórios necessários para o disfarce.

Em outros casos, o sujeito me pareceu sincero, e é bem possível que ele realmente tenha representado a comédia em estado de hipnose e sob a sugestão desconsiderada de seu magnetizador.

(É preciso indicar expressamente que um sujeito hipnotizado

pode simular todos os fenômenos metapsíquicos ante experimentadores inexperientes. A materialização requer um quadro especial; mas as "encarnações", a escrita automática, os desdobramentos de personalidade, as manifestações espiritoides de diversas ordens, são muito frequentemente imitados por pretensos médiuns, que nada mais são do que sujeitos hipnóticos.)

Quanto à materialização, nunca repetiria o suficiente que ela é, ao mesmo tempo, o fenômeno mais importante do metapsiquismo, o mais seguramente comprovado, *o mais raro e o mais difícil de obter*.

Os médiuns capazes de produzi-la são excepcionais; eles não existem, por assim dizer, na França, Espanha ou Alemanha. São encontrados alguns na Itália; mais numerosos no Norte da Europa, especialmente na Polônia e na Rússia. Eu pessoalmente pude estudar o fenômeno com cuidado, e em nome da experiência adquirida, posso dizer concretamente aos nossos amigos o seguinte:

As materializações nada têm a ver com a simulação produzida nas sessões descritas acima. Nada há nessas sessões além de uma imitação muito grosseira do fenômeno, imitação que denota, por parte dos sujeitos, tanto ignorância quanto imprudência.

O cenário das pseudossessões de materialização é inteiramente defeituoso. Jamais um experimentador sério teria operado em semelhantes condições.

É falso que a escuridão total seja absolutamente indispensável. Manifestações muito bonitas podem ser obtidas com luz atenuada, especialmente com a luz vermelha.

Os abajures podem ser utilizados, pois sua fosforescência parece não dificultar as formas materializadas. Mas os abajures devem ser grandes o suficiente para iluminar bem a cena. Eles só devem ser usados quando todas as precauções contra a fraude foram tomadas. Em condições contrárias, os abajures, com sua fraquíssima iluminação, nada mais são do que um admirável meio de enganação.

É totalmente falso que a vigilância dificulte a produção do fenômeno. Os procedimentos de registro, principalmente pesagens,

impressões, fotografias, devem sempre ser utilizados e apoiar o testemunho de nossos sentidos.

Em qualquer caso, é indispensável que o médium fique seriamente vigiado, *e o meio mais simples e seguro é simplesmente segurar suas mãos.*

Qualquer sessão em que o médium fique sem vigilância é sessão suspeita e, em qualquer circunstância que fosse, não tem valor científico algum. Pior ainda: é perigoso sob todos os pontos de vista e um exemplo deplorável. Alguns homens de ciência, pesquisadores de boa fé, afastaram-se para sempre dos nossos estudos por ter assistido a uma daquelas sessões de pseudomaterialização.

Qualquer experimentador que consentisse em realizar experiências mediúnicas sem vigilância suficiente, colocar-se-ia entre os ingênuos que se deixam enganar e tornar-se-ia cúmplice dos sujeitos que o enganam.

Conclusão

De conformidade com a decisão que tomei ao reunir os documentos para este livro, abstive-me de qualquer tentativa de explicar os fatos, bem como de qualquer teoria.

Quer isto dizer que tais fenômenos formidáveis ainda não têm interpretação científica possível, ou consequências metafísicas?

Nada mais longe do meu pensamento.

Os leitores de *Do Inconsciente ao Consciente* sabem que, pelo contrário, a metapsíquica, em minha opinião, traz consigo consequências absolutamente revolucionárias para a biologia e a psicologia.

Mas a discussão filosófica é complexa e importante demais para ser abordada como final de um livro. Vou reservá-la inteiramente para minha próxima obra, em preparação.

A única conclusão que tirarei, por enquanto, da árida exposição dos fenômenos, é a certeza de sua autenticidade.

Contra essa certeza nada podem fazer as negações baseadas em ideias preconcebidas sobre esta ou aquela opinião filosófica sobre as coisas.

Aos adversários da metapsíquica, aplica-se maravilhosamente a resposta que Pasteur dirigiu aos adversários de suas descobertas:

"Não há religião, nem filosofia, nem ateísmo, nem materialismo, nem espiritualismo aqui. É questão de fatos."

A E C
Autores Espíritas Clássicos

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br